

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man is on top, leaning over the woman, with his eyes closed and lips slightly parted. The woman is lying down, looking up at him with her eyes closed and a soft smile. The lighting is warm and intimate, highlighting their faces.

série lutadores

Mocante

FOI ELA QUE
LEVOU ELE A LONA

GISLAINE SOUZA



Mocqueto

FOI ELA QUE
LEVOU ELE A LONA

NOCAUTE

SÉRIE LUTADORES

1ª Edição

Copyright© 2022 Gislaine Souza

Revisão: Laís Cavalcante

Está é uma obra de ficção. Nomes, personagens, cenários, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Qualquer outra obra semelhante, após essa, será considerada plágio: como previsto na lei.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios-tangível ou intangível- sem o consentimento escrito do autor.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº.9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

nota da autora
AVISO DE GATILHO

*Livro não recomendado
para menores de 18 anos
e pessoas sensíveis ao tema*

**CONTÉM CENAS DE VIOLÊNCIA
CONTRA MULHERES E HOMENS
LINGUAGEM DE BAIXO CALÃO
FEMINICÍDIO/MORTE
CENAS ERÓTICAS
TRAÍÇÃO**

**NÃO LEIA ESTE LIVRO SE NÃO
TIVER LIDO OS TRÊS PRIMEIROS DA
SÉRIE, OU PELO MENOS, FÊNIX /
LIVRO 1.**

SINOPSE

Jensen Brown, um homem que sempre gostou de se satisfazer com o perigo, principalmente ao se relacionar com mulheres casadas, e ele jamais imaginou que em uma dessas suas aventuras perigosas, ele se apaixonaria por Margareth Lewis, esposa e mãe de uma família bem-vista diante da sociedade. O sentimento 'amor' agiu de forma arrebatadora, fazendo com que ele não conseguisse se separar, mesmo sabendo que o marido dela era um grande problema. Jensen estava disposto a ajudá-la a sair do fracassado casamento e da família moldada pelo medo. Contudo, ele jamais imaginou qual seria o desfecho desse romance.

Anos se passaram do fatídico acontecimento, e é impossível saber se Jensen conseguiu superar o caso que teve com a Lewis, pois, ele não demonstra nada relacionado a essa mulher e muito menos, contou para alguém como foi esse romance. Enquanto supera tudo o que lhe aconteceu, uma ruiva surge em sua vida e o que era para ser apenas um romance de uma noite, se torna algo a mais e os sentimentos o atingem em cheio, fazendo com que o Jensen vá à lona quando é nocauteado pelo amor que Miranda desperta.

**NÃO LEIA ESTE LIVRO SE NÃO TIVER LIDO OS
TRÊS PRIMEIROS DA SÉRIE, OU PELO MENOS,
FÊNIX / LIVRO 1.**

[NOCAUTE](#)

[SINOPSE](#)

[de: JENSEN](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATROZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

EPÍLOGO

BÔNUS

A maioria de nós, sempre terá dois grandes amores na vida:
aquele que deu certo, e aquele que nós queríamos que tivesse dado
certo.

Quando descobrimos que estamos dormindo com o inimigo...

E pior, que ainda o amamos...

Pode ser tarde demais para sair do inferno.

de: JENSEN

Carta à Margareth...

Da mesma forma que avassalador quando a tempestade que passa levando consigo os telhados, as árvores e as esperanças, veio a notícia de que você se foi. Acompanhada dela, a dificuldade em entender que eu tinha ti perdido e como eu iria seguir a minha vida sem você.



**JENSEN
BROWN**

PRÓLOGO

*Leve-me à igreja
Louvarei como um cão
No santuário de suas mentiras
Vou lhe contar meus pecados
Para você afiar sua faca
Ofereça-me aquela morte imortal
Take Me To Church – Hozier*

Março, 2009

— Você acha certo esse tipo de atitude, Jensen?

Reviro os meus olhos e continuo a ignorar os resmungos do meu pai. Ele odeia que eu vá até o *Fight*, e com certeza irá enfartar ao saber que eu tenho praticado, ou melhor, saber que eu tenho lutado regularmente, assim como o meu irmão, Leon. Porém, o meu pai é mais tranquilo em relação ao meu irmão, pois ele é mais centrado do que eu, em suas decisões, além de ter um relacionamento estável com a Lola há anos, enquanto eu me aventuro por aí. E inclusive, com uma amiga da minha mãe. Pensar assim, até me dá um pouco de desgosto em fazer isso, mas ao lembrar da Margareth... eu sinto muitas coisas, e todas prazerosas.

Nós nos conhecemos há alguns anos, ela é muito próxima a minha mãe e frequenta a nossa casa desde sempre, só que, há algumas semanas, ou meses, eu não sei ao certo, nós nos aproximamos em segredo e estamos nos relacionando. Margareth vive em um casamento de aparências, é infeliz e se sente esquecida. E eu vi uma bela mulher sendo negligenciada pelo fracassado marido e me aproximei, pois me senti atraído por ela. Conheço o James, ele se tornou sócio do *Fight* e sempre está por lá acompanhado dos seus filhos – Eduard e Emily – e também por sua amante. Uma mulher jovem, que deve ter a mesma idade ou quase a mesma idade dos seus filhos.

Ouçó o meu pai resmungar mais uma vez e eu o encaro. Estamos todos sentados na mesa de jantar, apreciando a comida da

nossa cozinheira, Rosi. Continuo sem responder o meu pai, olho para a minha mãe e ela abaixa o olhar, ao deixar claro que não irá se envolver neste assunto. Eu não acho certo a minha mãe ser submissa dessa forma diante do meu pai, ele não tem poder sobre ela.

— O que você quer que eu te fale? Você não tem o direito de se opor ao que eu faço ou deixo de fazer.

— Eu coloquei o meu escritório em suas mãos e nas do seu irmão, então eu tenho sim o direito de me opor a tudo.

— Quando desrespeita a empresa. — Declaro. — E em falar nela, você já assinou os papéis referentes a contratação do Oliver?

— Eu não o vejo sendo promissor...

— Você não quer assinar, tudo bem. Quando a empresa estiver totalmente no meu comando e no do Leon, nós assinamos. E isso irá ocorrer em alguns dias.

O meu pai não fala mais nada, eu peço licença e me retiro da mesa. Hoje eu não irei para o *Fight*, irei me encontrar com a Margareth, iremos passar a noite juntos, pelo menos foi isso o que combinamos no nosso último encontro. Por ela ser casada e mãe de família, os nossos encontros são rápidos e raros de acontecer. A última vez que nós nos encontramos foi há quase cinco dias, e eu acho isso um saco.

— Jensen... — Ouço a minha mãe me chamar.

Eu paro próximo a porta de saída, olho para trás e a vejo se aproximando de mim.

— Eu tenho um compromisso agora.

— Essa hora da noite? — Ela questiona ao olhar para o relógio em seu pulso e em seguida me encara. — Você está indo para o *Fight*?

— Você também pergunta isso para o Leon?

— Ele está com a Lola.

— Tem certeza?

A minha mãe não fala absolutamente nada, e então eu apenas saio de casa. Os meus pais sabem que o Leon frequenta o *Fight*, mas simplesmente não se importam com a ida dele até lá, mas comigo é diferente e eu sei exatamente o porquê. Eu sou o filho

mais velho, sou o filho que está herdando os negócios da família e consequentemente, estou puxando o meu irmão para dividir a responsabilidade, mas os meus pais não veem assim. O meu pai acredita que eu tenha que viver vinte e quatro horas em prol da agência, como ele fez desde o início, mas ele precisa entender que as coisas não são como ele quer.

Por vezes, as pessoas de fora olham para a nossa relação e já especulam que nós não nos damos bem, mas isso é mentira. Nós nos damos bem, na maior parte do tempo, só que temos muitos atritos quando o assunto é trabalho. Como eu assumi a agência há pouco tempo e vi que o Oliver está precisando de um emprego, decidi contratá-lo. O meu pai vê como uma péssima decisão, e eu irei provar que ele está errado, ou melhor, o Oliver irá provar isso e eu vou gostar de assistir.

Entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e saio devagar da propriedade. Acelero assim que passo pelo portão e faço o meu trajeto de sempre. Margareth sempre me espera no posto de gasolina que é próximo daqui, e já teve vezes de eu ficar lá por mais de uma hora e ela simplesmente não aparecer, além de não entrar em contato. Eu gosto dela, sinto uma enorme atração, e já me dispus em ajudá-la a sair daquele casamento, mas ela prefere continuar a viver de aparências. E além de tudo isso, o James já deveria ter se separado da Margareth, pois pelo que eu já notei, ele não a valoriza há anos, porque ter amantes são coisas recorrentes em sua vida.

Chego ao posto de gasolina, paro diante da bomba e abasteço o meu carro, apenas para disfarçar a minha real vinda até aqui. Olho ao redor e não vejo nem um sinal da Margareth. Eu espero que ela não me deixe aqui esperando novamente, pois eu a avisei o que eu faria se ela fizesse isso. Eu iria até a sua casa e eu tenho coragem de ir até lá. E eu só falei isso porque sei exatamente onde o seu marido está nesse exato momento, consequentemente, os filhos estão no mesmo lugar que ele, no *Fight*. Termino de abastecer o meu carro, me sento no banco do motorista e saio devagar da frente da bomba.

Continuo olhando ao redor à procura da Margareth e ainda não a vejo. Estou ficando muito irritado com esse tipo de atitude. Eu sei o quão louca por mim ela está, e que não perde uma oportunidade de estar comigo. E por estar sendo bastante ausente nos últimos dias, eu sei que tem algo a ver com a sua família ou com o idiota do seu marido. Paro o meu carro perto da máquina de calibrar os pneus e aguardo pacientemente. Vejo pelo retrovisor uma mulher se aproximando, eu desço e vou em sua direção. Eu sei que é ela, mesmo sem ter visto o rosto ainda. A calça de cor preta está justa em suas longas pernas, a camisa branca de seda está com os primeiros botões abertos, deixando exposto o seu belo colo.

— Eu pensei que iria ficar aqui te esperando igual um idiota, como da última vez.

Ela para diante de mim e revira os olhos. Em seguida estica a mão na direção do meu rosto, acaricia a minha bochecha e aproxima as nossas bocas.

— Eu não posso estar sempre a sua mercê.

Eu não falo nada diante dessa sua frase, eu apenas seguro em sua cintura e selo os nossos lábios. Ela passa os seus braços em volta do meu pescoço e cola o seu corpo no meu. Eu sempre fui atraído por mulheres mais velhas, e isso não foi diferente quando eu a conheci. Margareth é uma bela mulher; linda, gentil, simpática, sensual e me traz aquela sensação de perigo, por ser casada. Separo as nossas bocas, ao sentir falta de ar e respiro fundo. O seu corpo continua colado no meu e eu apoio o peso dos nossos corpos contra o meu carro.

— Vamos sair daqui...

— Hoje eu não posso. — Ela declara ao me interromper. — Emily está em casa e quer conversar comigo.

— Por que não conversou antes de me encontrar?

— Eu não estava em casa e eu não tenho que ficar te dando explicações, Jensen. — Ela resmunga e se afasta de mim. — Me leve para casa, por favor.

— Não.

Ela me encara antes de abrir a porta do meu carro e tomba a cabeça para o lado.

— Não?

— Não. — Reafirmo.

— Jensen, eu preciso ir.

Eu me aproximo devagar, e prendo o seu corpo contra o meu carro.

— Você irá voltar para aquela casa, para aquele casamento falido e irá voltar ser a esposa perfeita?

— Eu só estou lá por causa dos meus filhos.

— E por você?

— Por mim, eu já teria enfiado uma faca no meio da cara do idiota do meu marido, mas eu não posso fazer isso.

— Eu já te disse várias vezes e vou repetir, você deveria fugir desse casamento.

— Eu não vou deixar os meus filhos para trás.

— Eles já são adultos. — Resmungo.

— Têm a mesma idade que você, praticamente, mas eles precisam da minha proteção. James é um pai carrasco.

Decido não prolongar esse assunto, pois como das outras vezes, não dará em nada. Dou a volta no carro, me sento no banco do motorista e saímos do posto. James... James. Esse nome fica rondando a minha mente enquanto eu levo a Margareth para casa. Eu não consigo entender como este homem pode ser na vida dessa família, mas ela já me disse diversas vezes que tem que proteger os filhos e é de uma forma melancólica que ela fala sobre esse assunto.

E para ela estar permitindo que eu a leve até a sua casa, é porque o corno não está lá mesmo, além de ter a certeza de que ninguém irá reconhecer o meu carro, e muito menos, irá me ver. Eu não gosto de ser taxado como o amante, pois não existe um casamento de verdade na vida da Margareth, existe apenas um casamento de aparências. Nem um deles querem lidar com a burocracia da separação, não querem brigar na justiça por causa dos bens. Olho rapidamente para a mulher ao meu lado, estico a minha mão em sua direção e seguro em seu pescoço. Aproveito o semáforo ainda está vermelho, puxo a sua cabeça em minha direção e lhe dou um beijo suave.

— Fazia dias que nós não nos encontrávamos...

— Estava com saudade de mim? — Ela questiona com deboche.

Eu a largo e acelero o meu carro quando o semáforo fica verde. Margareth tem a noção do quanto mexe comigo, e eu nunca me senti assim. Contudo, na maior parte do tempo, eu finjo que isso não acontece, mas eu só consigo enxergar realmente o que eu sinto, quando estou com ela. Paro o meu carro diante da mansão Lewis e volto a olhar para a mulher ao meu lado. Às vezes ela me parece ser uma desconhecida, de tão fria e distante que fica. Por outras vezes, parece que não existe mais nada no mundo, além de nós dois, é um mix de sentimentos quando estamos juntos e vamos do céu ao inferno em segundos quando estamos em cima da cama.

— Até qualquer dia, não é mesmo?

— Eu entro em contato, você sabe disso.

Ela acaricia o meu rosto e as pontas de suas longas unhas raspam na minha pele. Em seguida dá um beijo no canto da minha boca e sai do meu carro. Observo o segurança abrir o portão para ela e enfim sigo o meu caminho. Já que eu não terei a noite como eu estava desejando, eu irei para o *Fight*. Sei que os rapazes estão por lá e a noite será agitada.

[...]

Enquanto estava vindo para cá, eu enviei uma mensagem para o Oliver questionando onde eles estavam e ele me informou que estavam no apartamento do Dom, que fica na esquina do *Fight*. E por mais que eu quisesse distrair a minha mente, eu irei até o apartamento do meu amigo e ficarei por lá mesmo, já que não terei companhia para assistir algumas lutas. Estaciono o meu carro em frente ao péssimo prédio onde o Dominic mora, desço e aciono o alarme. Empurro a velha porta, passo pela portaria vazia e subo até o seu andar pelas escadas.

Eu odeio esse prédio, odeio que os meus amigos morem aqui, mas eu sei que em breve eles irão sair daqui, pois o Turner está juntando dinheiro para dar uma condição melhor para a irmã. Abro a

porta do apartamento e dou de cara com Penélope. Ela me cumprimenta e passa por mim, ao sair. Eu estranho, pois ela não deveria sair essa hora da noite, ainda mais sozinha. Cumprimento o Oliver e o Dominic, pego uma garrafa de cerveja e me sento no sofá.

— Aonde você estava? Demorou para dar o ar da graça. — Dominic ironiza.

— Aonde a Penélope foi?

Deixo visível que eu não quero responder a sua pergunta.

— Ela foi buscar o lanche que comprou.

— Achei que ela iria sair para algum lugar.

— Ela acabou de chegar, isso sim. — Oliver resmunga.

— Da onde?

Eu não tenho irmã, então trato a Penélope como a minha irmã, por mais que ela tenha o Dominic, que é protetor a cada passo que ela dá.

— Saiu com as amigas. — Dominic informa.

— Foi aonde?

Dominic me encara, após ouvir o meu questionamento e ri suavemente de forma irônica.

— Eu sou o responsável por ela.

— Eu sei, mas a tenho como uma irmã.

A porta do apartamento se abre, Penélope entra segurando algumas sacolas e as deixa sobre a mesa da cozinha. Em seguida nos olha e bate as mãos na cintura.

— Eu não vou servir vocês. — Penélope anuncia.

— Eu estou sem fome.

— Eu estou morrendo e você deveria me servir, Penélope. Eu concordei com a sua sugestão. — Oliver resmunga.

— Vá pegar, a minha irmã não irá servir ninguém. — Dominic declara.

Oliver revira os olhos, se levanta do sofá e vai para a cozinha. O meu amigo continua sentado ao meu lado e bebe mais um gole de sua cerveja. Eu olho ao redor e repudio ainda mais por estarmos todos aqui. Os meus amigos não deveriam morar aqui, mas o Dom

já comentou que ele ainda precisa participar de mais algumas lutas, assim conseguirá o dinheiro necessário para saírem daqui.

— Eu ia direto para o *Fight*, mas vocês avisaram que estavam aqui... — O encaro. — E por que não estavam lá?

— Hoje não ia ter lutas, o Anthony cancelou tudo.

— Sabe o porquê?

— Ele disse que tinha uma reunião com o novo sócio.

— Você acha que vai dar certo? Eu não consegui acreditar que é uma boa ideia.

— Eu acho que sim, aliás, espero que sim. — Ele dá de ombros. — Há algum tempo eu venho pensando que o melhor a fazer era legalizar o local, pois todos nós podemos nos ferrar se descobrirem toda a ilegalidade que acontece lá dentro.

— E por falar nisso, o meu pai descobriu que eu estou frequentando lá e... — Maneio a cabeça os lados. —, está um saco.

— Leon também frequenta.

— Pois é, mas o problema sempre cai no meu colo.

— Quem caiu no seu colo? — Oliver questiona ao voltar para a sala de estar. — Você saiu com a Rachel?

Franzo o meu cenho tentando lembrar de quem ele está falando e noto a Penélope revirar os olhos.

— A amiga da Penélope, né? — Questiono o fazendo assentir. — Não.

— Ela fica perguntando de você para mim. — Penélope resmunga.

— Mande-a ir brincar de boneca.

Dominic ri.

— Eu não vou dar recado nenhum, você que deveria falar, pois deu esperanças a ela.

— Eu não vou falar nada e estou saindo com outra pessoa, então tenho mais o que fazer.

Percebo que a curiosidade pairando sobre todos e reconheço que deveria me manter ainda mais calado, do que eu já sou. Bebo mais um gole da minha cerveja e fico encarando a janela quebrada. Pensar na Margareth, me faz lembrar do susto que eu tomei ao ver os filhos e marido dela chegando no *Fight* há alguns dias. Eu fiquei

me interrogando sobre a aparição deles e quando soube... fiquei um pouco intrigado, pois, na minha mente era impossível acreditar que um homem daquele estaria ali, num lugar de lutas clandestinas. E quando eu encontrei a Margareth, questionei sobre a atitude do seu marido.

Eu queria saber se o babaca do James sabia sobre mim e se estava ali para tentar algo, mas ao acreditar nela, nem uma das minhas suposições eram possíveis. E com o passar dos dias notei que ela estava certa, pelo menos até o momento. Eu vi que James tem o *Fight* como um refúgio, pois lá ele pode ir com diferentes mulheres e que ninguém o questiona. Os filhos aparecem por lá raramente, o Eduard demonstra interesse em adentrar no ringue, mas não tem nenhuma preparação. E na minha percepção, Emily está indo lá atrás de problema. Eu já notei que ela anda atenta ao meu amigo, mesmo que eles ainda não tenham sido apresentados.

Ouçõ a Penélope choramingar e eu a encaro. Ela se despede de nós, ao avisar que está indo dormir, pois amanhã cedo tem aula. Eu coloco a minha garrafa vazia sobre a mesa de centro, pego uma cheia e a abro antes de beber um longo gole. Oliver está largado no sofá lateral enquanto encara o teto da sala de estar, e eu me lembro da minha conversa com o meu pai. O meu amigo irá trabalhar comigo e eu darei todas as oportunidades possíveis para ele crescer.

— Eu preciso ganhar a luta de amanhã. — Ouçõ o Dominic falar.

— Irá preparar algo para a Penélope?

O aniversário dela será daqui dois dias e não podemos deixar passar a data em branco.

— Eu já conversei com a Lola e ela avisou as amigas da Pen.
— Ele comenta.

— O que você precisa? Eu posso ajudar.

— Eu já tenho tudo organizado, e só preciso ganhar a luta de amanhã.

Eu queria insistir, mas conheço o meu amigo, sei que não quer ajuda em nada.

— Você já conheceu o novo sócio? — Oliver questiona.

— Eu o conheço.

— Não. — Dominic responde.

Ambos me encaram, esperando que eu fale mais.

— James Lewis é marido de uma amiga da minha mãe, e eles moram perto da nossa casa.

— Ouvi dizer que os filhos irão lutar lá. — Oliver comenta.

— Eduard não tem preparo para isso, por enquanto não.

— E o outro filho? — Dom questiona.

— Outra, é uma garota.

— Então ela nem colocará os pés no *Fight*.

— Ela vai até lá raramente, vocês nunca notaram.

— Eu nem vi a cara do novo socio ainda. — Oliver resmunga.

— Anthony disse que irá apresentá-lo em breve.

Eu não desejo ter o *prazer* de cumprimentá-lo.

— Espero que a grana dobre de valor. — Oliver deseja.

Coloco a minha garrafa de cerveja no chão, ao lado do sofá e cruzo os meus braços em frente ao corpo.

— Na semana que vem você já irá começar a trabalhar na agência.

— Muito obrigado, Jensen. Eu estava precisando muito de uma renda fixa. — Ele comenta.

— O valor por enquanto é baixo...

— Mas irá me ajudar muito. — Ele declara ao me interromper.

— Já eu, preciso ganhar mais algumas lutas para garantir um novo apartamento. — Dominic resmunga.

— Já procurou algum?

— Ainda não, mas irei em breve.

Sinto o meu celular vibrar em meu bolso, eu o pego apressadamente e mordo o meu lábio inferior ao conter um sorriso, pois o número da Margareth está brilhando no visor. É estranho ela estar me ligando, mas se isto está acontecendo é por algo que eu já sei muito bem o que é.

— Oi.

Os rapazes me olham com curiosidade e eu finjo indiferença.

— Os planos mudaram e nós podemos nos encontrar.

— Agora?

— Sim, mas eu tenho que estar de volta no início da madrugada.

Confiro a hora no meu pulso e reviro os olhos. Os ponteiros estão prestes a bater onze horas e trinta minutos da noite.

— Não vale a pena.

— Não? — Ela ri após me questionar. — Então, eu sinto muito, pois não sei quando acontecerá a próxima oportunidade.

Me levanto do sofá, caminho na direção da porta e saio do apartamento.

— Eu tenho certeza de que acontecerá em breve.

— Você é muito convencido. — Ela sussurra. — Nós nos encontramos no posto de gasolina.

— Maggie... — Sussurro o seu apelido. — eu estou longe de Beverly Hills e se eu sair daqui agora mesmo, ainda sim vou demorar mais de uma hora para chegar até aí.

— Tudo bem. — Ela resmunga.

— Dê um jeito para nós nos encontramos ainda essa semana.

Em seguida nós nos despedimos, eu guardo o celular no bolso da minha calça e volto para dentro do apartamento. Oliver e Dominic continuam no mesmo lugar, e praticamente trituram a comida que está na frente de cada um. Eu me sento novamente no sofá, pego a minha garrafa de cerveja e bebo tudo num gole só.

— Aconteceu algum problema? — Dom me questiona.

— Não.

— É mulher, não é? — Oliver debocha.

— Ela queria que eu a encontrasse agora, mas eu neguei.

Percebo que o Dominic está me observando atentamente e sei exatamente o motivo disso. Ele me conhece melhor do que qualquer outra pessoa, conseqüentemente está intrigado com essas minhas respostas superficiais sobre a tal mulher que eu estou me relacionando. Decido começar a falar sobre as possíveis mudanças que estão por vir no *Fight*, e os rapazes se distraem ao começarem a dar suas opiniões. Apesar de conhecer o Lewis, eu nunca conversei com ele, muito menos estive no mesmo ambiente que nos deixa tão próximos. E agora, ele tendo parte do comando do local

onde eu luto, é algo muito incomodo, ainda mais por eu estar tendo um caso com a esposa de aparências dele.

Estar com a Margareth me faz esquecer de tudo, de todo o caos e das pessoas, principalmente sobre ela ser uma mulher de família. O que aconteceu entre nós surgiu de algo muito simples, foi de repente e quando eu notei o que realmente estava acontecendo, eu já estava sentindo algo forte por ela. Uma atração muito forte a qual eu jamais imaginei que fosse sentir. Eu gosto muito de mulher, e por ser assim, as pessoas taxam como mulherengo e eu assumo que sou mesmo, pois nada me dá mais prazer que estar com uma bela mulher.

E Margareth é uma mulher maravilhosa e é a qual se encaixa nos meus requisitos; mais velha, experiente, linda, madura, tem belas curvas, um sorriso que me desarma em segundos e me conquistou no minuto que nós nos aproximamos. Porém, existe algo negativo, ela tem uma lábia muito boa, fazendo com que eu não consiga negar os seus pedidos. São raras as vezes que eu lhe falo um 'não'. Eu tenho plena consciência de o que eu faço é completamente errado, mas tenho algo comigo que se existe sentimento não é adultério...

— Assinado, diabo.

Arregalo os meus olhos ao ouvir a frase do Dominic e tenho a impressão de que pensei alto demais.

— O que? — Questiono.

— Está no mundo da lua? — Oliver me questiona.

— Estou cansado apenas isso. — Murmuro e encaro o Dominic. — Qual era o assunto?

— Oliver estava falando bobagens, apenas isso. — Ele comenta. — O que está acontecendo com você?

— Eu já te disse, estou cansado.

— Eu também e já vou embora. — Oliver anuncia.

Ele se despede de nós, eu lhe ofereço uma carona e ele aceita. Eu bato o meu punho contra o de Dominic e concordo ao ouvir o seu pedido para que eu venha para cá antes da sua luta. Saímos do apartamento e eu olho mais uma vez para o meu amigo, antes de me afastar por completo. Ele está querendo conversar

comigo, mas está me dando um tempo, para que eu decida o procurá-lo primeiro para conversar. Logo entramos no meu carro, eu coloco o cinto de segurança e dirijo rumo ao apartamento do Oliver. Ele comenta sobre os seus planos ao começar a trabalhar na agência e eu fico contente ao ver que estou conseguindo ajudar um grande amigo. Desde o início dessa semana que já está se encerrando, eu o coloquei como o meu assistente, estou o fazendo se familiarizar com os acontecimentos da agência. Eu sou de família rica, mas nem por isso eu uso ou coloco o dinheiro a frente das minhas interações sociais, pois prefiro ter amigos verdadeiros ao meu lado a que nadar numa piscina cheia de dólares.

Uma hora depois, eu já estou devidamente chegando em casa. Aciono o portão de casa ao apertar o controle remoto, diminuo a velocidade do meu carro e em segundos o estaciono na garagem. Eu moro numa casa que é cercada de verde – diversas árvores frutíferas e não-frutíferas –, e nós nos mudamos para cá há poucos anos. A minha mãe é botânica e estava a cada dia mais irritada ao ter que morar num apartamento, então procurou uma corretora e informou sobre o tipo da casa dos seus sonhos. E essa casa tinha sido colocada à venda há poucos dias quando a procura da minha mãe se iniciou. Assim que a corretora mostrou as fotos, a minha mãe ordenou ao meu pai que queria esta casa e aqui estamos. A casa é dividida em duas partes. A ala principal é num andar único, e é constituída por quatro suítes, sala de estar e de jantar, uma ampla cozinha e uma biblioteca.

Em todos os cômodos – menos a cozinha – é possível ter o acesso a área externa, na qual existe a primeira área gourmet composta por dois sofás de cor clara e duas poltronas, e logo atrás tem um vasto gramado verde com um caminho de pedras que liga a outras duas áreas gourmet. A primeira é localizada na lateral da piscina, onde tem uma churrasqueira numa ponta, poltronas no lado oposto e um vasto deque com seis espreguiçadeiras almofadadas. A outra área está localizada embaixo de duas árvores, e ali tem mais dois sofás. Na lateral da piscina tem uma escada que leva para o andar de baixo da propriedade. Lá tem uma sala de massagens, academia, sala de cinema e uma cozinha menor. E todos os

cômodos também têm acesso a área externa que nos leva a um pequeno lago.

Essa enorme propriedade é a distração diária da minha mãe, ela passa diversas horas do dia cuidando e admirando cada pedacinho verde que nos cerca. E eu a vejo, assim que passo pela lateral da casa, indo rumo a área externa. A minha mãe está parada há alguns metros da piscina, admirando o horizonte. Eu me aproximo dela, consequentemente chamando a sua atenção e ela sorri suavemente. Um longo robe na cor vinho cobre o seu corpo e o vento frio faz as mechas do seu cabelo balançarem.

— Tinha um lindo pássaro aqui.

— Então esse era o motivo para estar aqui, tardiamente.

— O seu pai já está dormindo, então eu aproveitei para vir até aqui. — Ela declara e se inclina na minha direção. — Cheiro de cerveja! Aonde você estava?

— No apartamento do Dominic.

— E como ele está? E a Penélope? — Ela questiona. — Eu sou apaixonada naquela menina.

— Ambos estão bem.

Começamos a caminhar rumo a nossa casa, entramos na sala de estar e eu fecho as portas. Eu dou um beijo no topo da cabeça da minha mãe, a desejo boa noite e vou rumo ao meu quarto, mas decido parar no quarto ao lado e bato na porta.

— Leon ainda não chegou. — Ouço a minha mãe informar.

— É claro, ninguém pega no pé dele.

— Jensen...

Ela tenta falar, mas eu a interrompo.

— Tudo bem, eu sei do porquê de vocês me perturbarem a cada ato que eu faço.

Ela se aproxima de mim e acaricia o meu ombro.

— Eu sei que o seu pai é um chato, mas é pelo bem de todos nós.

Apenas aceno suavemente e decido lhe informar sobre o meu dia de amanhã.

— Amanhã à noite eu terei um compromisso, com certeza o Leon irá comigo e vamos voltar tarde.

— *Fight?*

— Dom irá lutar. — Informo ao andar na direção do meu quarto. — Eu vou sair antes do meu pai chegar.

— Tudo bem, eu irei receber uma amiga aqui em casa e então ele nem irá se importar com a ausência de vocês.

— Quem virá até aqui?

— Lewis... Margareth Lewis.

Aperto a minha mão ao redor da maçaneta da porta ao ouvir o nome, olho pela última vez para a minha mãe e me despeço antes de entrar no meu quarto. Deixo o meu tênis ao lado da porta, jogo o meu celular sobre a cama e vou para o banheiro. Retiro a minha roupa, entro debaixo do chuveiro e a água morna cai sobre o meu corpo. Eu sei que a minha mãe é muito amiga da Margareth, mas desde quando começamos a nos relacionar ela não tinha vindo aqui e por *ajuda dos céus*, ela virá no momento em que eu não vou estar. Entretanto, infelizmente eu estarei no mesmo ambiente que seu marido. O nosso primeiro beijo aconteceu aqui nessa casa, há mais de um ano e foi durante a festa de aniversário da minha mãe. Rio suavemente ao lembrar daquele dia, pois eu jamais imaginei que estaria me relacionando com ela, após levar um tapa.

Maggie estava um pouco alterada por causa da bebida, mas estava consciente e andava pela casa em busca do banheiro. Ela sabia onde era, pois sempre frequentou aqui, porém, naquele dia ela não conseguia se lembrar e colocou a culpa na bebida quando invadiu o meu quarto. Ou melhor, ela bateu o rosto no meu ombro, pois eu estava saindo do cômodo. Ela riu e descansou a cabeça contra o meu peito. Nós conversamos brevemente, eu a lembrei aonde era o banheiro e ela se foi. Horas mais tarde, nós nos encontramos de novo e o beijo rolou. Aconteceu de uma forma inesperada e eu nem consigo me lembrar do evento antecedente ao beijo. Apenas me lembro, que nós nos beijamos, através da iniciativa dela e em seguida levei um tapa em meu rosto.

Dessa vez, quando nós nos reencontramos, eu comentei sobre a sua atitude e ela riu, pois, segundo ela, se sentiu envergonhada no minuto seguinte. Ela comentou que se assustou, ou teve medo — eu não me lembro ao certo —, e a sua primeira reação foi me bater.

E eu a fiz pagar por ter me dado aquele tapa, pois eu lhe dei uns bons tapas e ela gostou... gostou muito. Termino o meu banho, seco o meu corpo e visto apenas uma samba-canção. Me deito na minha cama, cubro o meu corpo e pego o meu celular. Navego até a galeria e fico *babando* nas fotos da Margareth. Em poucas semanas ela está conseguindo mexer profundamente comigo, como nenhuma outra mulher conseguiu fazer ao se relacionar comigo por meses a fio.

[...]

Passo o pente em meu cabelo, colocando os fios desorganizados em seus devidos lugares, prendo o relógio em meu pulso e saio do quarto ao estar devidamente pronto. Atravesso o corredor dos quartos em silêncio, pois não quero chamar a atenção do meu pai e saio pela lateral da casa. Aceno para o segurança que fica no portão, entro no meu carro e dirijo rumo a saída. Assim que o portão se abre, eu reconheço o carro que está próximo ao meu. Eu manobro o meu carro, e paro ao lado da *visita*. O vidro do motorista é abaixado, e vejo o Dylan e de relance vejo Margareth sentada no banco traseiro.

— Brown. — Allen me cumprimenta.

— Essa hora por aqui, Dylan?! — Ironizo.

O relógio em meu pulso já está marcando quase onze horas da noite e eu estou atrasado para o meu compromisso, pois tenho que ir para o apartamento do Dominic primeiro, e só depois iremos para o *Fight*.

— Eu vim trazer a senhora Lewis.

— Deveria liberar mais cedo os seus funcionários.

Observo o vidro da janela traseira descer lentamente e um sorriso debochado surge em minha boca, quando eu *a vejo*.

— Quer me ensinar como eu devo tratar os meus funcionários? — Ela questiona.

— Jamais.

Ela revira os olhos, mas ostenta um pequeno sorriso. Eu faço um breve aceno e acelero meu carro. Preciso chegar o mais breve

possível até Watts e quero estar de volta em casa o mais breve também, e é visível o porquê dessa vontade repentina. Se hoje ela tiver o mesmo costume das outras vezes que fez esse tipo de programa com a minha mãe, irá sair tarde da noite da minha casa e possivelmente, eu me disponibilizarei para levá-la até a sua casa. Maggie não irá se opor, e será bom para nós.

Estaciono o meu carro diante do prédio aonde Dominic mora e entro no prédio. O caminho foi percorrido o mais rápido que eu pude, e estamos em cima da hora para irmos para o *Fight*, mas isso é bom, pois assim escapo de qualquer possível questionamento do meu amigo. Bato o meu punho contra a porta, em segundos se abre e eu dou um beijo no topo da cabeça da Penélope. Adentro no apartamento e noto que o Oliver já está aqui. Eu o cumprimento e me sento no braço do sofá surrado.

— Eu vou avisar ao Dom que vocês chegaram.

— Já estamos em cima da hora para ir.

Ela acena concordando.

— Dom, os seus amigos estão aqui. — Penélope, simplesmente, grita.

Em poucos segundos, o Dominic já aparece no meu campo de visão, ele nos cumprimenta e para ao lado da sua irmã. Ela está sentada no chão, pintando as unhas dos pés e eu percebo que o Oliver não retira o olhar dela nem por um segundo.

— Já está tarde para você ainda estar acordada, Penélope. — Dominic a repreende.

— Estou terminando de pintar as minhas unhas, Dom. — Ela resmunga.

— Você podia ter feito isso mais cedo ou amanhã.

— Amanhã é meu aniversário e eu vou sair com uma nova amiga.

— Nova amiga? — Questiono intrigado.

— Sim, ela se chama Emily.

Eu não conheço essa nova amiga, mas suponho que possa ser uma novata que começou a estudar com ela recentemente. Oliver recebe um tapa do Dom, por estar olhando para a Penélope. Ele se despede da irmã e nós saímos do apartamento. Eu desgosto

desse lugar, é estranhamente silencioso e vazio. Percebo o Dominic apreensivo ao meu lado, eu dou um toque no seu braço e recebo a sua atenção.

— A grana de hoje é muito boa.

Anthony, dono do *Fight* aumentou o valor das apostas, pois o Dom se tornou o melhor lutador daquele lugar, então não iria perder a oportunidade de faturar um pouco mais do que o de costume.

— Muito boa e eu não posso perder de jeito nenhum.

— Não irá perder, o cara com quem vai lutar é um *merda*. — Oliver debocha.

— Não importa quem seja, vou lutar até o último segundo. — Dominic declara.

— E voltar inteiro. — Reforço o pedido da sua irmã.

Penélope tem apenas o Dominic, e vice e versa, e por isso desde quando nós nos tornamos amigos, tivemos o conhecimento de que, se algo acontecesse com o Dom, devemos cuidar da Penélope. Eu já faço isso desde quando a conhecia e ela, meio que odeia algumas das minhas atitudes. Eu sempre a tento proteger e fazer de tudo por ela, mas a Pen já é quase uma mulher adulta e que ser independente, mas o mundo é cruel e eu não consigo abrir mão dos meus cuidados a ela.

Chegamos ao *Fight*, cumprimentamos os seguranças que ficam na porta e adentramos o ambiente. Eu descobri esse local por acaso e apesar de ter tido a oportunidade de começar a lutar aqui, eu odeio a situação desse estabelecimento. Tem o cheiro muito ruim, é mal equipado e tem péssima estrutura. Os espectadores ficam sentados nas arquibancadas ao redor do ringue, e o chão de cimento tem resquícios de sangue seco. Há alguns metros de altura tem as cabines aonde os investidores e convidados importante se instalam para assistir as lutas, nós – eu e os rapazes – temos uma cabine somente para nós, pois somos os cinco melhores lutadores deste lugar.

Na lateral do ringue, tem um pequeno corredor que dá acesso a quatro salas – escritório do Anthony, enfermaria, sala de treinos e a de descanso –, e são os melhores lugares, estando lá, parece que estamos em um estabelecimento digno. Anthony aparece ao nosso

lado e começa a conversar com o Dominic. Nós entramos na sala de descanso, Oliver vai direto para a mesa de comida e eu vou para o frigobar. Eu preciso beber, para esquecer um pouco da mulher que está na minha casa. Eu me sento no sofá e bebo um longo gole da minha cerveja. A minha cabeça está querendo focar na Maggie, mas luto contra mim mesmo, tentando deixar *ela* o mais longe possível da minha noite.

— Não irá comer? — Oliver me questiona.

Nego com um aceno de cabeça.

— Eu só quero beber.

Ele franze o cenho diante da minha resposta. A porta se abre, Anthony entra e eu fico indiferente ao ver que Eduard Lewis está o acompanhando. Porém, eu tenho que agir normalmente, fingir que não o conheço e estou disposto a entender sobre essa nova mudança que irá acontecer aqui no *Fight*.

— Rapazes, esse daqui é Eduard Lewis. O pai dele, James Lewis, é um grande investidor e o mandou vir assistir a luta de vocês. — Anthony informa.

— É um prazer conhecer vocês, eu já ouvi falar muito bem de todos. — Eduard nos cumprimenta com um aperto de mão e coloca as mãos no bolso de sua calça-jeans. — Qual de vocês é o Turner, mais conhecido como Fênix?

— Sou eu. — Dominic se apresenta.

— Então é você que irá lutar hoje? — Lewis questiona.

— É o que parece. — O meu amigo ironiza.

— Pode ficar à vontade senhor Lewis. Daqui a pouco venho chamá-los. — Anthony avisa, antes de se retirar.

Eduard senta-se no sofá oposto e olha ao redor. Percebo que a sua feição é semelhante ao de seu pai, mas tem alguns traços que lembram a mãe. E ele deve estar aqui a mando do Lewis, que quer saber realmente se vale a pena investir aqui.

— Você veio assistir e ver como está sendo investido seu dinheiro, senhor Lewis?

É visível o deboche no meu tom de voz, por mais que eu tenha tentado ser o mais suave possível.

— Só Eduard, por favor. — Lewis pede. — Eu vim por isso e, porque também gosto de lutas.

— Gosta? — Oliver pergunta intrigado. — Não parece.

— Eu estou praticando há três anos mais ou menos, e recentemente descobri o *Fight*. — Eduard comenta.

Nós ficamos em silêncio e o Dominic começa a se preparar. Eduard mantém a sua atenção no meu amigo, o analisando e observando cada um dos seus movimentos. E eu não consigo desviar o meu olhar do Lewis, estou claramente o encarando e sei que é uma atitude ruim. Porém, eu queria conseguir entender o porquê de os Lewis terem interesse neste lugar.

— Dom, está quase na hora. — Oliver anuncia.

— Está pronto? — Recebo apenas um aceno positivo diante do meu questionamento e não é convincente. — Está pronto, Dominic?

— Sempre.

Sorrio diabolicamente, pois sei que o seu adversário irá sofrer em poucos minutos. Em seguida, eu volto a minha atenção para o Lewis e não consigo controlar a minha boca.

— Me fala mais sobre os investimentos do seu pai aqui nesse lugar, o *Fight*.

— O meu pai pretende aumentar esse lugar, ele quer reformar e legalizar as lutas. — Eduard explica.

— Legalizando o dinheiro diminuiria. — Oliver comenta.

— Muito pelo contrário, as apostas aumentariam assim como o dinheiro que vocês irão receber. — Eduard informa.

Aumentar? Parece um pouco improvável, já que este lugar é clandestino e os investidores querem todo o dinheiro para si mesmos.

— Aumentaria para ambos os lados? — Dominic o questiona.

— O meu pai irá virar dono do *Fight* e o valor da aposta mínima para cada lutador seria de dez mil dólares. Metade do dinheiro da aposta iria para o lutador vencedor. — Eduard informa.

O assunto se encerra novamente, Oliver ajuda o Dominic a colocar as ataduras em suas mãos e em seguida ele dá alguns socos no saco de pancada. Desvio o meu olhar do Lewis quando

ouço a porta se abrir e sinto um nó se formar em minha garganta ao ver a filha da Maggie. Ela não deveria estar aqui. Eduard vai até a irmã e eu noto que o Dom a olha com curiosidade.

— Eu pedi para você me esperar onde eu te deixei. — Eduard murmura.

— Eu sei, mas quis vir conhecer os maiores de perto. — Ela declara ao se afastar dele e para no centro da sala. — Olá, garotos, eu sou Emily Lewis.

— Prazer, senhorita Lewis. — Oliver se aproxima e beija o dorso da mão dela.

Ela é praticamente a cópia da mãe, e isso me deixa desconfortável. Emily não dá atenção ao Oliver, pois o seu olhar está fixo no Dominic. Observo o meu amigo se aproximar dela, beija o dorso da mão dela e fica a olhando. Não! Esse interesse mútuo não pode acontecer. Ela é de família rica, é a filha querida e com certeza irá trazer um caos para a vida do meu amigo. Eu me levanto do sofá, ando na direção deles e o afasto suavemente, ao colocar a mão em seu ombro.

— Já está na hora, você tem que ir para o ringue.

Dominic acena e todos nós saímos da sala. Ele vai rumo ao ringue e nós subimos a escada indo rumo aos camarotes. Anthony está parado no meio do corredor e ao seu lado está o James Lewis. Tento mudar a direção dos meus passos, ao decidir que é melhor que eu fique na arquibancada, mas ouço o Anthony me chamar. Oliver arqueia uma sobrancelha e continuamos a andar.

— Eu quero que vocês conheçam o James Lewis, o novo sócio.

— Eu sou o Oliver Baker. — O meu amigo aperta a mão do Lewis.

Ele apenas acena e me encara.

— Você não é filho do Brown? — James me questiona.

Os seus filhos me olham com atenção e eu apenas aceno.

— Eu sou o Jensen.

— Então vocês já se conhecem? — Anthony questiona.

— A minha esposa é amiga da mãe do Brown. — Ele informa.

Eu peço licença e entro no camarote. O meu irmão está aqui junto com o Noah, e eu os cumprimento.

— Já conheceram os Lewis? — Oliver questiona.

— Não. — Noah responde.

— Então eu estava certo, o novo sócio é o marido da amiga da nossa mãe? — Leon me questiona.

— O próprio. — Resmungo.

Eu me sento próximo a grande janela de vidro, cruzo os meus braços em frente ao corpo e tento manter a minha atenção na luta que está prestes a começar. Os rapazes também se sentam e enfim Anthony sobe no ringue, para iniciar a luta. A minha mente está a mil, pois eu estive cara a cara com a família da Margareth e em breve eu irei encontrá-la. *Putá que pariu!* Isso é para deixar qualquer um surtado. Aliás, qualquer um que está tendo a mesma atitude que eu. Porém, eu sei que quando a encontrar, irei esquecer de tudo o que me afetou neste dia.

[...]

— Amanhã à noite, já que nenhum de nós irá lutar.

— Lola me avisou. — Leon resmunga.

Nós estamos andando rumo a entrada de casa e eu o lembrei sobre a pequena festa de aniversário que o Dominic irá realizar para a irmã amanhã. O meu amigo venceu a luta e foi muito merecido cada dinheiro que ele recebeu, pois simplesmente acabou com o seu adversário em pouco tempo. Olho na direção da porta de casa, a vejo se abrir e Maggie sai acompanhada da minha mãe. O celular está em sua mão, mas elas ainda conversam animadamente.

— Enquanto o marido estava no *Fight* com a amante... — Leon resmunga ao meu lado.

Nós nos aproximamos e ela age naturalmente, como se não existisse nada entre nós. E isso é muito bom, pois ninguém jamais poderá saber do que acontece, por mais que eu não tenha a mínima ideia de quanto tempo isso entre nós irá durar.

— Até que fim chegaram. — A nossa mãe resmunga.

— Chegamos cedo, dona Sarah. — Leon ironiza e acena para a Maggie. — Senhora Lewis.

— Olá. — Ela sorri.

— Já que chegaram, algum de vocês podem levar a Margareth para casa? — A nossa mãe questiona.

— Não é preciso, eu irei ligar para a mansão... — Ela informa.

— Eu posso. — Anúncio. — Esqueci de abastecer o meu carro e é praticamente caminho.

— É perigoso ir ao posto nesse horário. — A minha mãe declara.

— Obrigada, Jensen, mas não é preciso, o meu segurança já está vindo me buscar.

Respiro fundo ao controlar a minha vontade de revirar os olhos.

— Então eu te acompanho até o portão.

Maggie concorda, se despede da minha mãe com um abraço e acena para o meu irmão. Caminhamos lado a lado e eu dispenso o segurança que está no portão. Paro do lado de fora, no lugar estratégico para que a câmera de segurança não nos filmes e encaro a Margareth. Eu queria contar a ela sobre o que eu vi no *Fight*, — me refiro ao seu marido estar acompanhado de outra mulher—, mas não sinto que devo me intrometer neste assunto. Eu acaricio a sua bochecha e aproximo as nossas bocas, mas ela me empurra suavemente antes que eu possa beijá-la.

— Você deve estar ficando louco. — Ela resmunga.

— Por quê? — Questiono confuso.

— Você queria me levar para casa.

— Eu não vi nada demais, Maggie.

— Não! Maggie, não! — Ela me repreende. — E agora, queria me beijar, bem aqui. Seja mais discreto.

— O seu marido não gosta de ser discreto, muito pelo contrário, ele gosta de deixar exposto as escolhas que faz. — Resmungo.

— O que você disse?

Passo a mão em minha testa, enfio os meus dedos entre os fios do meu cabelo e olho ao nosso redor. Ninguém e nenhum carro

está por aqui, estamos sozinhos. Olho no fundo dos seus olhos, e decido contar, mesmo que ela possa ficar irritada ou qualquer outra coisa do tipo.

— Os seus filhos e o seu marido estavam no *Fight*, e ele estava com outra mulher.

Margareth balança a cabeça suavemente e desvia o olhar do meu.

— Ele a levou para lá?

— Você já sabia que ele tem uma amante?

Ela volta a me olhar e não esboça nenhuma expressão.

— Eu sempre soube de todas.

— E mesmo assim continua com ele?

— Eu estou naquele casamento e naquela casa por causa dos meus filhos.

— Você pode se separar e ir morar em qualquer outro lugar com os seus filhos.

Ela maneia a cabeça para os lados.

— Eu não posso.

Franzo o meu cenho e dou um passo em sua direção.

— Por quê? Você o ama?

O carro para do outro lado da rua, ela dá uma risada fria e se afasta de mim, ao ir embora. Allen acena na minha direção, eu aceno de volta e fecho o portão ao entrar. Eu não consigo entender por que ela continua naquele casamento fracassado, vive numa casa onde não é amada e valorizada. Eu me lembro que ela comentou que James é um pai carrasco e com certeza deve ser um marido igual ou pior. Eu preciso descobrir mais dessa família, pois eu estou disposto a ajudar Maggie. Ando rapidamente para dentro de casa, vou para o meu quarto e fecho a porta. Me sento na ponta da minha cama, pego o celular em meu bolso e digito uma mensagem para *ela*.

‘Eu posso te ajudar a sair dessa vida!

Você não merece passar por determinadas coisas.

E aquele chifrudo não te merece’

Pensar naquela família, me faz lembrar da cena que presenciei no *Fight*. Dominic e Emily trocaram olhares, e eu não gostei nada daquilo a cada segundo que se passava. Eu vou fazer o possível para não deixar o meu amigo se aproximar daquela garota. Ele tem uma carreira promissora, irá crescer no *Fight* e se tornar um enorme lutador, mas isso só vai acontecer se ele caminhar com as próprias pernas. Ele não deve e nem pode se envolver com a filha do novo sócio, do lugar – *Fight* – que o criou como lutador. O celular vibra em minhas mãos e vejo que a Margareth já respondeu a minha mensagem.

*‘Depois nós conversamos, eu já
estou em casa. Não me ligue, e
nem me mande mensagens.’*

Eu simplesmente odeio essa situação, pois agora ela irá *sumir* e quando for entrar em contato novamente comigo, irá agir como se tivesse passado apenas algumas horas do nosso afastamento. Maggie tem que saber que eu estou disposto a ajudá-la e fazer com que ela tenha uma vida melhor. Eu gosto muito dela e prezo pelo seu bem-estar.

[...]

Termino de ajudar o Dominic a arrumar a mesa, pego a minha garrafa de cerveja e fico parado próximo ao interruptor. O meu amigo comprou um bolo de aniversário para a irmã dele e um presente, que eu ainda não sei o que é. Todos já estão aqui esperando pela aniversariante do dia e a Lola nos avisou que elas estão chegando. Penélope saiu com as amigas e esse foi o momento exato para nós conseguirmos arrumar tudo para realizar a surpresa. Ouço vozes femininas no corredor, apago a luz e em segundo a porta é aberta. Penélope acende a luz e leva a mão a boca quando percebe o que está acontecendo.

Sinto o meu peito se aquecer ao notar a sua felicidade, mesmo que a surpresa que o irmão lhe preparou seja algo simples. Penélope corre na direção de Dominic e o abraça. O meu sorriso morre quando eu noto que a Lewis está aqui. Eu não consigo entender como a Emily veio parar aqui. De repente me lembro do comentário da Pen sobre uma nova amiga e entendo o que está acontecendo. Coincidência infernal! Observo atentamente a Penélope levar o irmão até a Emily, e sou interrompido quando a Lola vem me cumprimentar. Ela dá um tapa no meu ombro e se joga nos braços do meu irmão. Lauren me abraça e eu dou um beijo no topo da sua cabeça.

Quando eu consigo voltar meu olhar para o que está acontecendo ao redor, Dominic já está encostado na pilastra que divide a sala e a cozinha, Emily está parada perto da mesa do bolo e a Penélope está abrindo o seu presente. Arregalo os meus olhos ao ver o embrulho ser aberto, e balanço a cabeça para os lados ao reprovar a atitude do meu amigo. Ele gastou um alto valor no presente, apenas para realizar o desejo da irmã. Após eles se abraçarem mais uma vez, nós cantamos parabéns e Dominic troca olhares com a Emily. Penélope serve uma fatia de bolo e uma garrafa de cerveja para cada um, Dominic se senta na janela e eu vou em sua direção.

— Eu não sabia que elas se conheciam.

— Eu também não. — Ele declara.

— Isso não é bom, Dom. — Alerto-o. — Classes diferentes.

Claro que não é somente isso, eu tenho receio do que pode acontecer com o meu amigo. E no fundo, eu nem sei realmente do porquê de não querer eles próximos, só sinto que não é algo bom.

— Somos de classes diferentes também e somos melhores amigos.

— Elas são mulheres, a Emily deve ser mais velha do que a sua irmã e tem tudo que quer. A sua irmã, não. Você dá seu sangue para conseguir dar uma boa vida para ela.

— Jensen...

Ele tenta argumentar, mas eu o interrompo.

— Como você comprou aquele presente caro para a sua irmã?

— Eu não paguei algumas contas, mas foi por um bom motivo.
— Murmuro.

— Você acredita que a Lewis precisa fazer isso para comprar a mesma coisa?

— Lógico que não.

É visível a sua irritação, mas eu preciso deixar alguns pontos claros. Decido me afastar, para que não aconteça uma discussão entre nós. Eu vou para a cozinha, aonde todos estão e observo a Emily ir na direção de Dominic. Se eles quiserem transar, tudo bem, o problema é que eu tenho a certeza de que sentimentos irão surgir. Aproveito que a Penélope está ao meu lado e decido lhe questionar.

— Onde você conheceu a Lewis?

— No colégio.

Franzo o meu cenho com a sua informação.

— Ela não tem mais idade para estar no ensino médio.

— Ela foi até lá com a mãe dela...

— Maggie? — Questiono num sussurro.

— O que você disse?

— Nada.

— O que vocês acham de dormirem aqui hoje? — Penélope questiona as amigas.

— Dominic não vai deixar e você vai lá para casa. — Leon informa a namorada.

— Se ele deixar, eu irei ficar aqui. — Lola declara.

O meu irmão revira os olhos e recebe um suave beijo da namorada. Eu poderia ter uma namorada para apresentar aos meus amigos, a estar comigo aonde quer que eu fosse, porém, eu fui enfeitiçado pela mãe da moça que está caída de amores pelo meu amigo. Margareth não entrou em contato desde a noite anterior, e eu odeio esse sumiço, por mais que eu saiba o motivo dele acontecer. Quando nós nos encontrarmos, eu conversarei sobre a sua filha, ela irá precisar intervir, pois ela também vai entender que eles não podem se envolver

Dominic entra na cozinha, coloca a louça suja dentro da pia e Emily se aproxima dele, novamente. Ela lhe questiona onde é o banheiro e eles saem do cômodo. Oliver já foi embora, sei lá o

porquê. O meu amigo volta sozinho para a sala de estar e todos nós ouvimos a Penélope lhe pedir para que as garotas fiquem. Rio ao ver meu irmão tentar persuadir a decisão do nosso amigo e fica frustrado ao saber que a namorada não irá contribuir com os planos pessoais que eles tinham.

— Eu já vou embora. — Leon me avisa.

— Eu vou ficar mais um pouco aqui.

Noah se despede de mim e vai embora com o meu irmão. Eu vou para a sala de estar e me sento no sofá oposto ao de Dominic.

— Você irá se arrepender de estar deixando essa garota se aproximar.

O meu aviso saiu num tom baixo, pois desejo que apenas Dom ouça.

— Para de loucura, Jensen. — Ele resmunga.

— Não é loucura e você vai ver que eu estou certo.

— Eu só estou tentando deixar minha irmã feliz, cara. Ela quer a nova amiga por perto, fazendo coisas de garotas.

Abro a minha boca para argumentar e desisto. Talvez seja loucura minha, talvez não seja, mas logo saberemos quem está certo nessa história. Barulho no corredor chama a nossa atenção e eu peço mentalmente que não seja a Lewis. Penélope aparece na sala de estar e nos olha com curiosidade.

— Dom, você vai para o *Fight*? — Ela questiona.

— Não, por quê?

— Você... irá ficar aqui em casa, então?

— Onde mais eu ficaria? — Ele a questiona, lhe fazendo bufar.

— Chato! Era só uma pergunta.

Penélope volta para o seu quarto e eu sorrio suavemente. Ela está se tornando adulta e em breve irá para a faculdade. Eu tenho orgulho dos meus amigos, pois tinham tudo para seguir num caminho ruim, como os pais, mas por esforço próprio, são diferentes dos seus progenitores.

— Anthony quer marcar uma nova luta para mim na semana que vem. — Dom comenta.

— Contra quem?

— Segundo ele, iria procurar um adversário à altura.

Reviro os meus olhos diante da ironia e bebo mais um gole da minha cerveja. Ninguém está à altura do Dominic, ele é um lutador fora do normal. Está demonstrando que será extremamente promissor daqui a alguns meses. Relaxo o meu corpo no sofá e franzo o meu cenho ao ouvir a bagunça que está no quarto da Penélope. Eu massageio a minha têmpora e a minha mente vaga até a Maggie. Ela deve estar na mansão, fingindo ser uma boa esposa e estando na companhia daquele imbecil.

E enquanto isso, a filhinha Lewis está aqui, neste apartamento e com certeza também está nos pensamentos do meu amigo. Olho para Dominic e o observo. Ele está bebendo lentamente a sua cerveja, enquanto encara a janela. Bocejo, demonstrando o cansaço do meu dia e sinto o desejo de fumar. Margareth tem um vício obscuro da sua família – além do nosso romance –, ela fuma e nessas semanas que estamos juntos, ela tem me estimulado, indiretamente, a fumar também. Eu procuro nos bolsos da minha calça algum cigarro e não encontro nenhum aqui comigo, mas tenho a certeza de que no meu carro tem.

— Já irei embora. — Anúncio.

Dominic me encara com o cenho franzido.

— Por quê?

— Estou cansado.

— Supus que iria encontrar a tal mulher.

— Não, hoje não. — Murmuro e olho mais uma vez na direção do quarto. — Todas vão passar a noite aqui?

— De novo esse assunto sobre a nova amiga da Pen? — Ele me questiona.

Eu levanto as minhas mãos em sinal de rendição. Tudo bem, eu não irei mais falar da Lewis, irei apenas desejar que ela se afaste o mais breve possível. Temo por ela estar por perto, me faz imaginar que a qualquer momento ela virá até aqui, diante de mim, e falará que sabe do meu romance com a sua mãe. Puta que pariu! Isso é absurdo, mas não é improvável. Margareth e a filha são extremamente próximas, conversam abertamente sobre tudo e, talvez, eu não sei ao certo, mas suponho que em algum momento ela possa se empolgar e acabar contando. Às vezes, me parece que

estou mais entregue nesse relacionamento, porém, me lembro que ela não é uma mulher livre e talvez seja por isso a sua frieza em alguns momentos.

[...]

Já faz três dias que eu não me encontro com a Maggie, ela simplesmente sumiu e isso me preocupa, pois a última vez que nós conversamos foi quando ela esteve na minha casa. Entendo que o seu marido é um grande empecilho, mas eu vi aquele babaca durante todos esses dias que eu fui até o *Fight*. E a amante sempre estava ao seu lado, assim como os seus filhos, ou melhor, apenas o filho, pois a Emily não sai do apartamento do Dominic. Eles estão muito próximos, e eu não sei se é apenas uma amizade, pois os meus dias na agência estão corridos e nós só nos vemos nas lutas, e nem conseguimos conversar. E eu sei que ele não irá me falar nada, pois percebeu a minha aversão desde o início diante dessa aproximação.

Eu sei muito bem qual o meu lugar de fala diante de tudo, o Dominic é o meu amigo há muitos anos e eu tenho a liberdade de falar o que eu penso diante de alguns assuntos ou atitudes. Porém, eu sei o limite do que devo falar, e notei que o assunto ‘Lewis’ não é bem-vindo nas conversas que eu tenho com o meu amigo. Batuco os meus dedos contra a mesa, encaro o relógio em meu pulso e decido ir embora. Já se passam das quatro horas da tarde e ainda estamos no meio da semana, que está sendo exaustiva. Pego os meus pertences, saio da minha sala e dou de cara com o meu irmão, parado no corredor.

— Já está indo embora? — Ele me questiona.

— É o que parece.

Ele revira os olhos diante da minha resposta.

— Eu quero comprar um relógio novo e pensei em ir até ao shopping. — Ele comenta. — Me acompanha? Eu pensei que podemos ir beber depois.

— Tudo bem, eu vou.

Aceno para a Ky, a nossa recepcionista/secretária e saímos da agência. Eu entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e sigo o carro do meu irmão. Espero que o shopping esteja calmo, pois eu odeio lugares com aglomerações. *Fight* é um lugar aglomerado, mas eu sempre fico no camarote, então é uma situação diferente. Como o shopping é próximo, logo conseguimos nos livrar de qualquer possível trânsito e em menos de meia hora já estou estacionando o meu carro. Me espreguiço ao estar fora do meu automóvel, aciono o alarme e ando ao lado do meu irmão. Conversamos sobre a agência durante o nosso trajeto até a joalheria, e eu agradeço mentalmente por estar tudo tranquilo.

— Eu deveria levar um presentinho para a Lola. — Ouço o meu irmão comentar.

Eu percebo que ele está olhando fixamente para a vitrine oposta aos relógios e dou de ombros.

— É aniversário dela ou alguma data importante?

— Não.

— Então, não deve levar nada. — Opino.

O meu irmão me encara, desacreditado diante do que acabou de ouvir.

— Por isso que está solteiro. — Ele debocha. — Você não deve presentear só em momentos comemorativos.

Reviro os olhos diante da sua *informação*, ele ri e eu me afasto ao sair da loja. Ando calmamente pelo corredor, observando as lojas a minha volta e penso no que o meu irmão disse. Eu queria dar uma joia para a Margareth, mas não quero ouvir questionamentos do meu irmão sobre a compra, já por outro lado, eu não sei se ela aceitaria um presente deste tipo, pois, ela teria que dar explicações. Entretanto, eu irei pensar se irei comprar independente de tudo. Ouço o meu nome ser chamado, olho para trás e vejo o meu irmão andando na minha direção. Percebo que em sua mão tem duas sacolas pequenas e a vontade de comprar uma joia para a Maggie me consome. Chegamos na praça de alimentação, compramos o nosso chopp e nos sentamos numa mesa vaga.

— Oliver irá lutar hoje? — Questiono.

— Final dessa semana, eu acho.

— Então hoje eu não vou para o *Fight*.

— Em falar nisso, me faz lembrar de te contar sobre uma coisa que eu percebi. — Ele faz uma pausa para beber um gole. — Anthony está muito interessado no Dominic.

— Em fazer ele crescer?

— Exato.

— Isso é bom, pois o Dom tem a visão de crescer e eu imagino que ele será um bom lutador, aliás, ele já é.

— Eu só quero praticar, não quero me tornar profissional.

— Eu também não. — Bebo um pequeno gole e lembro dos nossos pais. — E só eu ouço, por estarmos frequentando ao *Fight*.

Leon coça o seu queixo e dá de ombros.

— Eu sei que o nosso pai fala muita merda para você.

— Sabe? — Ironizo.

Ele ri, em seguida franze o cenho ao olhar para atrás de mim.

— Lewis está sentado há duas meses de distância.

— Com a amante?

É preciso ter muita cara de pau para fazer isso.

— Ele está com a esposa.

Sem pensar duas vezes, eu olho para trás por cima do meu ombro e encaro o *casal*. Margareth está sentada ao lado do marido, e um homem está sentado na frente do Lewis. Como se fosse uma atração magnética, ela olha em minha direção e fica sem reação ao me ver. Eu arqueio uma sobrancelha, a questionando silenciosamente, e ela desvia o olhar. Há dias não nos víamos e agora, ela está aqui, posando de boa esposa, algo que ela não é. Quando a Margareth está comigo, não existe uma mulher recatada, mas sim uma perversa, cheia de experiência e desejo. E eu supro os seus desejos quando estamos juntos. Eu dou o que ela tanto quer e o que precisa. Ouço o meu irmão me chamar, eu volto a minha atenção para ele e suspiro.

— Casal falso. — Resmungo.

Leon franze o cenho diante da minha fala.

— Ele não tem um pinga de vergonha na cara de desfilas com a amante lá no *Fight*, e agora está aqui, com a esposa.

— Ele não merece a mulher que tem ao lado.

— Eu sinto pena dela, pois nem se quer, pode imaginar como realmente é a pessoa que dorme na mesma cama que ela.

Ele também não imagina como realmente é a mulher que dorme ao seu lado. Bebo todo o meu chope de uma vez só. Eu estou sentindo falta *dela*, queria poder me levantar dessa cadeira, andar em sua direção e a levar embora comigo. Contudo, eu não posso, infelizmente. Portanto, estar no mesmo ambiente que o *casal*, está me fazendo extremamente mal. Sinto à vontade de fumar começar a corroer o meu interior, e eu só posso fazer isso dentro do meu carro ou num lugar aberto, contudo, longe dos olhares de conhecidos.

— Vamos embora. — Peço ao meu irmão.

— Finja simpatia. — Ele pede, me deixando confuso.

Antes que eu possa lhe questionar, sinto uma mão tocar no meu ombro e eu fecho os olhos.

— Brown.

A voz do Lewis me faz abrir os olhos e eu o encaro. Maggie está ao seu lado, eles estão de mão dadas e isso faz o meu estômago se revirar. Eu a encaro e ela finge indiferença.

— Senhores Lewis. — Leon os cumprimenta.

E por ajuda dos céus, eles apenas passaram para nos cumprimentar. Eu os observo irem embora e abomino essa imagem da minha mente. O meu caso com a Margareth é errado, eu tenho plena consciência disso, porém, ela é *minha*! Eu sei como a valorizar, cuidar e gostar realmente de cada mínimo detalhe do que ela é e como ela é. Peço novamente ao meu irmão para que nós possamos ir embora, ele concorda e nós andamos rumo a saída do shopping. Percebo que o *casal* está parado próximo a saída, provavelmente aguardando o carro e Maggie olha na minha direção. Ela balança sutilmente o celular, e eu entendo que ela irá entrar em contato comigo.

Aceno e apresso os meus passos. Logo entro no meu carro, acendo o meu cigarro e me sinto aliviado. A minha mente não para um segundo, por eu ficar remoendo a situação. Margareth ficou dias sumidas, não entrou em contato nem ao enviar uma mensagem com um simples “oi”, e agora, nós nos reencontramos inesperadamente

no shopping. Até aí tudo bem, em termos, entretanto, o que mais me irritou foi vê-la com o seu marido. Aquele babaca não merece nem um fio de cabelo daquela bela mulher. Eu assumo, eu estou muito mais apaixonado por ela, do que eu imaginava e falava. E quando nós nos encontramos, ela irá me pagar por este sumiço.

Saio com o meu carro do estacionamento, mantenho o cigarro preso em meus lábios e acelero rumo a minha casa. Leon já sumiu do meu alcance de visão, pois saiu do shopping alguns minutos antes de mim. Batuco os dedos contra o volante do meu carro, e começo a ficar ansioso. Margareth irá entrar em contato assim que possível e eu espero que seja logo, e que seja para nós nos encontrarmos. E quando isso acontecer, eu tenho que lembrar de conversarmos sobre a sua filha. Olho pelo retrovisor, noto que o carro dos Lewis se aproxima em alta velocidade e passa pelo meu, rapidamente.

No momento que a mão do James tocou em meu ombro, eu tive uma péssima sensação, algo muito ruim acompanhado do nojo. O meu desprezo por aquele homem aumenta a cada momento que eu me sinto mais envolvido com a Maggie. Ela tem que sair daquele casamento falido, independente de status e comentários da sociedade. O seu bem-estar, principalmente, o mental, deve vir em primeiro lugar e eu estarei ao seu lado a todo momento. Apenas se ela desejar e precisar.

Após alguns minutos, eu já estou estacionando o carro na garagem, e limpo qualquer vestígio de cigarro que estava em minha roupa. Desço, aciono o alarme e ando rumo a entrada da casa. Espero que o meu pai não esteja em casa, pois caso esteja, irá reclamar que chegamos cedo. Encontro a minha mãe na sala de estar, a cumprimento de longe, porque o cheiro do cigarro é presente em mim e vou direto para o meu quarto, pois não quero passar pela sessão de questionamento.

Me encosto na porta, após fechá-la e esfrego o meu rosto entre as minhas mãos. Os meus sentimentos estão confusos neste momento, eu só consigo distinguir que estou extremamente afetado com o que presenciei. Algo que eu jamais imaginei que poderia acontecer, pois eu tenho plena consciência dos seus deveres em

seu casamento, como por exemplo, fingir ser uma boa esposa. Entretanto, eu sei que isso só acontece diante das pessoas, pois dentro de casa eles nem se quer fingem ser um casal.

Afasto essas bobagens da minha mente, deixo os meus pertences sobre a cama e vou para o banheiro. Retiro a roupa do meu corpo, entro debaixo do chuveiro e deixo a água cair sobre mim. Talvez eu devesse sair com outra pessoa, para que essa minha paixonite pela Margareth passe. É, é isso mesmo que eu devo fazer. Irei me arrumar e vou ligar para os rapazes. Nós devemos sair, devemos encontrar mulheres para nos divertir e assim todas aquelas que não devem ser nossas, sumirão da nossa mente. E eu estou me referindo a Emily que nem se quer deveria estar próxima aos Turner.

Saio do banheiro, após terminar o meu banho. Eu vou até o closet, visto uma roupa casual e paro diante do espelho. A imagem refletida é a de um homem que sabe conquistar uma mulher, que sempre saiu durante as noites e voltava apenas ao amanhecer, pois sempre teve boas noites de farra, e é isso o que eu quero hoje. Me perfumo, coloco o relógio em meu pulso e tento me animar. Eu volto para o meu quarto, pego o celular e franzo o meu cenho. *Ela* não entrou em contato como disse que iria fazer. Eu saio do meu quarto, atravesso o corredor e paro bruscamente ao ver a minha mãe parada entre a sala de estar e a de jantar. O seu olhar recai sobre mim e eu sorrio suavemente.

— Não me diga que está saindo... — Ela murmura.

— Eu não falo, se não quiser.

Ela revira os olhos diante do meu deboche.

— Deveria jantar conosco, a Lola está aqui e o seu pai está chegando.

— Um motivo a mais para que eu vá mesmo.

— Semana que vem a agência já estará em suas mãos e o seu pai ficará mais tranquilo com você.

É algo que eu duvido muito, porém resolvo não rebater. Ele é um bom pai, mas se tornou um pai muito invasivo, por conta de preocupação em estar fazendo essa transição de diretoria. Eu serei

o dono da agência a partir da semana que vem, tudo estará debaixo do meu comando e terei que ter mais responsabilidade.

— Eu sei, mãe.

Ela sorri e passa as mãos em meus ombros, enquanto me olha com muita atenção.

— Você está indo aonde?

— Encontrar uma pessoa.

— Namorada?

Maneio a minha cabeça e ela arqueia uma sobrancelha. A primeira coisa que vem em minha mente é a imagem da Margareth Lewis.

— É apenas uma mulher.

— Que você possivelmente a trará aqui, para que eu possa conhecê-la?

— Eu não sei, mãe.

Dou um beijo em sua cabeça, me despedindo e me afasto dela.

— Jensen... — Ouço a minha mãe me chamar e eu a olho. —, se essa mulher não é digna a ser apresentada aos seus pais, ela não é digna para estar em sua vida.

Eu não falo absolutamente nada, e continuo a andar. Logo entro no meu carro, coloco o meu cinto de segurança e saio da propriedade. Eu ainda não sei aonde eu irei, e nem quem eu vou chamar para ir comigo, mas de uma coisa eu sei, eu preciso retirar a Maggie da minha mente. Seja por poucas horas, mas eu preciso, pois essa mulher está acabando com o meu juízo e com o meu equilíbrio mental. Aproveito o semáforo fechado e ligo para o Dominic. Espero que ele esteja querendo a mesma coisa que eu, retirar uma determinada mulher da mente. Bato os meus dedos contra o volante, tentando controlar a minha ansiedade e acelero o meu carro, quando o semáforo fica verde.

— Jensen. — Enfim o Dominic atende.

— Ei, eu vou passar para nós irmos em algum lugar, beber e distrair a mente.

— Hoje eu não posso. — Ele declara.

— Dominic...

Tento reclamar, mas ele me interrompe.

— Penélope está com algumas atividades escolares e precisa da minha ajuda.

— Logo hoje? — Resmungo.

— Eu não pude ajudá-la nesses dias que se passaram.

— Tudo bem. — Murmuro.

— Convida o Oliver.

— Ele está se preparando para a luta.

Além disso, está tentando ficar a par de tudo relacionado a agência e eu sei que ele não irá querer me acompanhar. Me despeço do Dominic e penso nas minhas possibilidades. O único que me resta um pingo de esperanças é o Noah, ele sempre está disposto a sair. Procuro o seu número na agenda eletrônica e realizo a ligação quando eu o encontro. Diferente do Dom, o Noah atende à ligação rapidamente e concorda em me encontrar no bar que costumamos a ir. Jogo o meu celular no banco do carona e acelero o meu carro. Eu estou disposto a me divertir nesta noite.

Poucos minutos depois, eu estaciono em frente ao meu destino, desço do meu carro e entro no estabelecimento. A moça da recepção me cumprimenta ao me reconhecer, eu informo que o Noah está chegando e subo para o terraço. Eu preciso ficar num ambiente aberto, assim eu poderei fumar sem me importar com nada e muito menos com questionamentos, pois o Noah não tem esse costume. É muito difícil ele fazer qualquer pergunta que possa ser invasiva. Me sento na mesa que fica na ponta do terraço, a vista daqui é ótima. O ambiente é composto por sofás de madeiras com estofados brancos, as mesas são rústicas e intimas, pois, possuem apenas duas banquetas. Ao redor do terraço é cheio de plantas e flores e o chão é de tiras de madeira.

O garçom vem em minha direção, eu peço duas cervejas e uma pequena porção de tacos. Enquanto aguardo o meu amigo chegar e o meu pedido ser entregue, eu olho ao redor, analisando o terreno. O lugar está suavemente movimentado, e bonitas mulheres já estão por aqui. A garçonete coloca as cervejas sobre a minha mesa, eu a agradeço e bebo um pequeno gole. Enfim, o Noah se senta na minha frente e me cumprimenta.

— Como estão as coisas? — Ele me questiona.

— Tudo tranquilo. — Respondo. — Ainda bem que estava disponível, pois não estava a fim de vir para cá sozinho.

— E os rapazes, não estavam desocupados, já que hoje nenhum de nós fomos para o *Fight*?

— Dominic estava ajudando a irmã a fazer os deveres escolares, Oliver está ocupado com algumas coisas da agência ou se preparando para a luta, eu não sei ao certo e o Leon iria jantar com os nossos pais, ah, e a Lola iria para lá.

Noah apenas balança a cabeça suavemente enquanto bebe a sua cerveja. Ele é ex-namorado da Lola, e isso aconteceu há alguns anos e foi por pouco tempo. Depois do término, a aproximação entre ela e o meu irmão foi algo bastante natural e o Noah incentivou eles a namorarem. E cá estamos hoje, Leon namorando a Lola há algum tempo, anos, eu não sei o tempo exato e o Noah continua sendo amigos de ambos. Nunca houve nenhum tipo de desconforto, confusão ou afastamento entre todos eles.

Percebo que acabou de chegar duas mulheres belíssimas, e elas se sentam na mesa atrás da nossa. A moça do cabelo curto de cor escura, está de costas para nós, mas a sua cadeira está colada na cadeira do Noah. Já a sua companheira, tem um longo cabelo de cor escura e ela está sentada de frente para mim, mas eu a vejo raramente, pois a sua amiga e o meu amigo atrapalham um pouco a minha visão. Aproveito que o garçom passa ao meu lado, eu o chamo e peço para que ele leve dois drinques para a mesa de trás. Alguém tem que dar o passo da iniciativa e hoje eu estou disposto a fazer isso, e muito mais.

— São gatas. — Noah comenta ao olhar para as nossas vizinhas.

— Está a fim de se divertir?

Noah acena suavemente ao esbanjar um enorme sorriso.

— Espero que elas também estejam.

— Teremos que esperar para ver.

Eu pego um taco e dou uma mordida, enquanto observo o garçom entregar os drinques. Noto que ele informa que enviou e se afasta em seguida.

— Estava em casa pensando numa coisa; Anthony deveria distribuir melhor as lutas.

— Eu notei que você lutou poucas vezes nesse mês que se passou.

— Eu tive apenas três lutas. — Ele resmunga.

— Dominic teve sete.

— É visível que ele irá crescer muito.

— Apenas você e ele tem a mesma visão em crescer, e vão conseguir, pois o Anthony tem muito potencial na manga para fazer que isso aconteça.

— Para isso acontecer, ele tem que me dar mais oportunidades.

— Converse com ele.

— Eu irei fazer isso.

Uma sombra surge sobre a nossa mesa, eu olho para o meu lado direito e sorrio suavemente.

— Olá, rapazes. — A moça de cabelo curto nos cumprimenta.

A moça de cabelo longo para bem ao meu lado e levanta o seu copo, fazendo um gesto de brinde.

— Olá!

— Obrigada pelos drinques. — Ela agradece.

— Querem sentar conosco? — Noah questiona.

Elas afirmam, nós juntamos as nossas mesas e enfim elas se apresentam. A de cabelo curto se chama Jennifer, ela se senta ao lado do Noah e a do cabelo longo se chama Lolita, se senta ao meu lado. Eu chamo o garçom, as meninas pedem o consumo do seu desejo, eu peço mais cerveja e o meu amigo me acompanha. Nós começamos a conversar, nos conhecendo mais. Noah estica o seu braço atrás da cadeira da moça ao seu lado e pisca para mim. Hoje à noite será favorável para todos nós, pelo menos é isso o que eu espero.

— O que vocês fazem da vida?

— Nós somos modelos. — Lolita me responde ao me olhar com muita atenção. — E vocês?

— Eu sou dono de uma agência de voos fretados.

— Eu estou tentando a carreira de lutador. — Noah responde.
— Jensen também luta.

— Lutadores... interessante. — Jennifer comenta.

Continuamos a conversar e ao passar do tempo, eu fico interessado na Lolita e ela em mim. Noah está se entendendo muito bem com a Jennifer. Eu já perdi as contas de quantas cervejas eu já bebi, as meninas também já beberam muitos drinques e taças de vinhos. Sinto os dedos da Lolita acariciarem a minha perna, em seguida ela pede licença e chama a amiga para que a acompanhe até ao banheiro. O meu celular vibra em meu bolso e eu o pego. O ícone do aplicativo de mensagem está visível na barra de notificações e eu tenho receio de ver, pois eu sei quem a enviou e ao abri-la, os meus planos irão por água abaixo. Bato freneticamente o meu pé no chão e sem pensar muito, eu abro-a.

‘Nós precisamos conversar.

Me encontre no lugar de sempre.’

Poucas palavras que têm grande efeito sobre mim, entretanto, hoje não acontecerá debaixo das suas ordens.

‘Se quiser me encontrar, venha até aqui’

Envio a localização junto com a mensagem e deixo o meu celular sobre a mesa. Eu sugeri que ela venha até aqui, para lhe dar uma mensagem clara que eu não estou a sua mercê, ainda sou livre, jovem e solteiro. Lolita demonstrou grande interesse em mim, porém, não deixou claro se esse interesse irá sair desse bar ou se ficará apenas aqui mesmo. Ao contrário da sua amiga, que já deixou muito claro as suas intenções ao Noah, e logo eles irão sair daqui.

— Algum problema? — Ele me questiona.

— Não exatamente.

Apenas a Margareth está vindo até aqui e eu quero ver qual será a sua reação ao me ver com outra mulher. É improvável que aconteça um grande problema, pois ela não irá querer chamar

atenção de qualquer pessoa aqui. Ou melhor, é praticamente improvável que ela venha. Margareth não irá querer se expor desse modo.

— Você não me parece muito a fim de sair daqui com a Lolita.
— Noah comenta.

— A minha real intenção era exatamente essa, encontrar alguém para me distrair.

— Porém?

Passo os meus dedos entre os fios do meu cabelo e suspiro.

— Eu tenho alguém, e é uma relação complicada e secreta.

Eu sei que posso estar fazendo merda em estar falando isto, mas eu preciso fazer um pequeno desabafo.

— E o que você pretende?

— Noah, eu realmente não sei, pois, eu gosto bastante dessa mulher, porém, nós deveríamos ficar longe um do outro.

— Eu não posso te ajudar, ao dar um conselho, pois essas informações são insuficientes e só você realmente sabe o que deve ser feito.

Eu poderia falar tudo? Com certeza, contudo, é um assunto complicado para ser falado no meio de um bar e assim, de uma vez, sendo que eu não vou poder responder qualquer dúvida que possa surgir. As meninas voltam para a mesa, e Lolita fica ainda mais próxima de mim, pois deixa a lateral do seu corpo encostado ao meu e direciona olhares para mim, enquanto conversa com o outro casal. Ela é linda, roubou a minha atenção assim que chegou aqui e seria uma boa noite, se eu tivesse ignorado a mensagem.

O local está começando a ficar movimentado e praticamente todas as mesas estão ocupadas. A música ambiente é uma batida eletrônica, que deixa todos animados. Eu bebo o restante da minha cerveja e levanto a minha mão para chamar o garçom. O meu olhar viaja pelo ambiente e eu fico surpreso ao ver que *ela* foi audaciosa para vir até aqui. Está sozinha e linda. Ela olha ao redor a minha procura, eu abaixo a mão e repenso na minha atitude. Talvez não tenha sido correto em instigá-la a vir até aqui, mas agora é tarde demais. Maggie já está aqui e está a minha procura, por mais sutil que seja. Eu peço licença, me levanto e ando na direção *dela*.

— O que você está fazendo aqui? — Questiono ao ficar cara a cara com ela.

— Você me mandou a localização e eu vim, na intenção de te levar daqui.

Um riso falso escapa da minha boca e ela me encara confusa.

— Você acha que é assim? — Questiono. — O mundo não gira ao seu redor.

Ela suspira.

— Por favor, nós precisamos conversar.

O seu tom é extremamente convincente e eu fico em silêncio, tentando decidir se devo ir com ela ou não. Margareth avisa que irá me esperar no carro, eu apenas aceno e ando devagar, voltando para a mesa. Eu senti que o assunto é sério e que o melhor a fazer é ir com ela.

— Eu preciso ir embora.

— Era a sua mãe? — Lolita questiona com deboche.

Eu apenas ignoro e olho para o Noah.

— Eu vou deixar o consumo pago.

Aceno suavemente e me afasto. Enquanto ando na direção da saída, tento desviar das pessoas e sinto o meu braço ser puxado. Olho para trás e vejo que é o Noah.

— Lewis? — Ele me questiona.

— É. — Suspiro. — Finja que não viu nada, e depois conversamos.

— Está tudo bem?

— Está.

Bato o meu punho contra o dele, continuo a andar e vou até o caixa. Como eu já sou cliente da casa há muito tempo, eu peço para que todo o consumo da mesa aonde eu estava seja enviado para mim e saio do estabelecimento. Margareth está encostada no meu carro, o seu cabelo está cobrindo o seu rosto e ela está olhando para o chão. Eu aciono o alarme do meu carro e entramos. Eu não preciso perguntar para aonde devemos ir, pois sei que deve ser para o lugar de sempre, aonde temos privacidade e segurança. Eu sinto vontade de esticar a minha mão em sua direção, mas me contenho.

— Você estava com alguma mulher? — Margareth questiona de repente.

— Estava conversando, apenas.

— Ainda bem que eu cheguei, não é mesmo?

É visível a sua ironia, pois além do tom de voz, ela ri em seguida.

— Como foi o passeio romântico no shopping?

O seu riso morre no mesmo segundo.

— Eu não imaginava que iria te encontrar lá.

— Foi uma droga, não é? Você se sentiu ameaçada com a minha presença?

— Chega de ironia e deboche.

— É uma ordem para si mesma? — Questiono a fazendo ficar confusa. — Você é cheia disso.

Margareth revira os olhos e fica em silêncio. Chegamos ao motel, eu entrego os nossos documentos e a nossa entrada é liberada. Estaciono o meu carro na nossa cabine, descemos do automóvel e em segundos já estamos na suíte. Eu fico parado no meio do quarto, sem saber o que fazer, apenas querendo ouvi-la. A observo andar pelo quarto, para diante do frigobar e ela pega uma garrafa de água. Em seguida retira o salto alto dos pés, o deixa largado no meio do quarto e se senta na ponta da cama.

— Você vai ficar aí? — Ela me questiona.

— O que aconteceu? — Questiono. — Você simplesmente sumiu.

— Você sabe que eu não posso sempre estar contigo, nem entrando em contato.

— Sempre é assim, você simplesmente some e aparece quando lhe convém. — Resmungo. — O que você quer conversar?

— James.

— O seu marido. — Resmungo.

Ela revira os olhos e acena suavemente.

— Nesses dias que se passaram, eu pensei muito sobre tudo, principalmente sobre a minha família e sobre o James. — Ela abaixa o olhar. — Ele faz coisas que eu não concordo, e nessas semanas

que se passaram, eu decidi que não quero me envolver ainda mais no caos que ele comanda...

— Comanda? — Questiono ao interrompê-la.

— Sim.

Ela está falando superficialmente e isso não me agrada.

— O que ele faz?

Maggie respira funda e me encara.

— É chefe da máfia há muitos anos, por isso temos a vida que temos e ele usa o ramo empresarial, investimentos e aplicações como disfarce.

Eu fico sem reação alguma, pois jamais imaginei esse tipo de coisa.

— Como assim? — Balbucio.

— Ele colocou os nossos filhos no meio dessa ilegalidade e eles sofrem quando não querem obedecer a ordem do pai.

Eu levo as mãos a cabeça, esfrego o meu couro cabeludo e fico a encarando, sem reação alguma.

— E-eu não tenho o que falar.

— Quando eu falo que James é um pai carrasco, não é o suficiente para expressar o que os meus filhos passam dentro daquela casa.

— Você e eles devem sair de lá.

— Eu decidi que tenho que me afastar e dar o direito de escolha para o Eduard e Emily.

— Eles irão escolher ir com você, não é?

— Eu não sei, pois eles têm medo do pai. — Ela esfrega a têmpora. — De início, eu devo apenas sair da casa.

— E para aonde você vai?

— Nós temos um apartamento em conjunto aqui na cidade, mas eu tenho um apartamento em Nova Iorque e em falar nele, eu quero fazer algo e preciso de você.

— Em relação a que?

— Por enquanto, o James não irá me dar a separação...

— Ele não pode negar.

— Ele só vai me dar, quando ele quiser e quando isso acontecer, eu tenho que ter uma segurança em relação a este

apartamento, e ele não pode estar no meu nome.

Franzo o meu cenho e tento entender o que se passa em sua mente. Durante toda a conversa, ela mantém os seus olhos fixos em mim e eu permaneço afastado o máximo possível.

— Você está querendo passar ele para mim?

— Sim! — Ela afirma. — James tem o conhecimento desse apartamento, mas não sabe que está no meu nome e nem se quer poder sonhar com isso.

— Tudo bem? — Soa mais como uma pergunta, do que afirmação.

— Está tudo bem mesmo?

Enfio as mãos no bolso da minha calça e aceno.

— Eu disse que eu iria te ajudar, se eu pudesse.

— Obrigada!

É visível o alívio em seu tom de voz e expressão. Tenho a impressão de que a minha cabeça está girando, pois bebi demais antes de vir para cá e fui atropelado por um caminhão de informações. Relembro de tudo o que aconteceu nesses últimos dias, a imagem da Maggie andando no shopping com o maldito do seu marido passam como um filme diante dos meus olhos e em seguida, a imagem da Emily com o meu amigo. Eu sempre estive certo ao ver que os dois não podiam se aproximar.

— Você precisa afastar a sua filha do meu amigo. — Ordeno.

— O que?

— A sua filha... a Emily está próxima do Dominic, o meu amigo. — Murmuro. — Eu sempre soube que isso era errado.

— Ela é uma pessoa maravilhosa, não ouse falar mal dela.

Me surpreendo ao ver a Margareth se colocando em pé e anda na minha direção, enquanto carrega um olhar ameaçados. Eu não falei mal da Emily, só expus que a possível relação é completamente errada, pois no fundo, eu imaginava que em qualquer momento poderia acontecer algum problema. E agora está ainda mais explícito, a família Lewis tem o corpo mergulhado na máfia. James Lewis é um homem podre mafioso. Eduard deve ser o capanga. E a Emily, deve ser a aprendiz de mafioso, uma mini mafiosa.

— Eu não falei mal dela...

Tento me explicar, mas é impossível.

— Emily está apaixonada pelo Dominic, teme o que o pai pode achar disso, mas eu a incentivei, falei que ela deveria investir nesse romance.

— Não! — Grito. — Ela não vai fazer bem para o meu amigo.

— Pare com isso agora, Jensen.

— O seu marido é a porra de um mafioso, Eduard é o capanga, Emily a aprendiz...

— E eu sou o que? — Ela questiona ao me interromper. — Já que você está rotulando todo mundo.

Comprimo um lábio contra o outro, e dou um passo para trás, me afastando.

— Não venha colocar palavras na minha boca.

— Eu não estou colocando, estou pedindo para você mesmo dizer.

— Eu não tenho o que dizer.

— A minha filha é uma boa moça.

— Imagino que seja, mas...

— É melhor encerrar esse assunto.

Maggie jamais irá aceitar que eu fale qualquer mínima coisa sobre a sua filha, então o melhor é me calar para que uma briga desnecessária seja desencadeada. Eu me afasto, me sento na cama e retiro o meu tênis. Caio de costas sobre o colchão, coloco o meu braço esquerdo sobre os meus olhos e tento relaxar. Eu estou cansado, me sinto extremamente pressionado diante de toda essa relação. Sinto dedos caminharem sobre as minhas pernas, em seguida passam pela lateral da minha virilha e sobem para o meu abdômen. Ela se senta sobre as minhas pernas e massageia o meu tronco.

Eu retiro o meu braço de cima dos meus olhos e encaro a Margareth. Eu sei o quanto eu consigo mexer com ela, sei que ela gosta de mim, porém, eu não sei o quanto ela goste de mim. Se é suficiente para que assuma qualquer relacionamento comigo num futuro próximo. Eu sei que não será bem-visto por muitas pessoas, e um belo e grande foda-se será o suficiente para elas, pois eu gosto a cada dia mais da Margareth e ela consegue mexer muito comigo,

apesar do seu jeito as vezes frio, sarcástico e até mesmo em fazer pouco caso de alguns momentos.

— Ei, tudo irá ficar bem. — Ela declara.

— Eu não gosto de saber que você está no mesmo ambiente que aquele homem.

— Eu sei me proteger, também protejo os meus filhos.

— Eu só vou conseguir ficar mais tranquilo quando você estiver longe dele.

— Isso acontecerá em breve.

Seguro em sua cintura, me sento na cama e aproximo os nossos rostos. Olho para a sua boca, a observo se abrir suavemente, ansiando pelo meu beijo e eu sorrio suavemente. Nós já conversamos, já expomos algumas coisas necessárias e agora devemos aproveitar o nosso tempo, que são poucos e raros.

[...]

O apartamento já está em meu nome, e a Margareth garantiu que não há nenhum vestígio em relação a nossa burocracia. A advogada particular dela cuidou de tudo detalhadamente e sumiu com todo e qualquer vestígios que tenha alguma ligação a mim. E eu fui avisado por uma simples mensagem. Tudo bem, eu sei que é dessa forma que acontece – ela some e depois aparece como se nada estivesse acontecido. Ontem nós nos divertimos algumas horinhas, no meio da madrugada eu a deixei em casa e me senti um merda, por estar deixando ela no pior lugar que qualquer um poderia estar.

Em seguida eu fui para casa, tomei um banho e dormi. Quando eu acordei, decidi que não iria trabalhar, já que seria o último dia do meu pai na agência e me lembrei que eu tinha que resolver um problema. Ontem, o Noah me viu com a Maggie e eu preciso explicar para ele. Não é que eu deva, mas é necessário, para que não fique parecendo que é algo errado. Aliás, é, pois eu sou o amante, porém, ela não é casada corporalmente com aquele maldito.

E agora, eu estou num restaurante, esperando o Noah chegar. Eu o convidei para vir até aqui e espero que ele esteja chegando, pois estou aqui há mais de quinze minutos. Bebo um pequeno gole da minha água e olho para a mesa ao lado. Um casal está tendo um almoço descontraído, eles conversam e riem. Noto que ambos usam alianças de compromisso e me imagino estar assim com a Maggie daqui a algum tempo. Talvez demore? Muito! Talvez não aconteça? Muito mais provável. Desvio o meu olhar, ao encarar a entrada do estabelecimento e enfim vejo o Noah. Os nossos encontros sempre são assim, eu tenho que ficar aguardando, independente da hora e de aonde seja.

— Me desculpe o atraso, eu estava no *Fight* treinando.

— Tudo bem.

Faço um aceno para o garçom, ele se aproxima e anota os nossos pedidos. Em seguida se afasta e eu coço a minha cabeça ao ver que eu não devo fugir do assunto.

— Eu tenho uma ideia do que você me convidou para vir até aqui. — Ele comenta.

— É sobre ontem.

— Cara, você não me deve nenhuma satisfação, o que você faz o problema é seu.

— Eu sei muito bem disso, mas... — Suspiro e apoio os meus braços sobre a mesa. —, ficou uma situação estranha, pois era a Lewis.

— Ficou claro que você está tendo um caso com ela.

Aceno suavemente.

— Isso já vem acontecendo há algum tempo.

— O que eu devo dizer? Boa sorte ou elogiar?

Rio do seu deboche, pois eu sei que não tem maldade.

— É em pleno sigilo o que acontece, mas ela não tem um casamento de verdade com o Lewis.

— Isso é visível, pois ele faz questão de desfilar com a amante por aonde quer que vá.

— Já nós agimos em segredo. — Resmungo.

O garçom serve os nossos pedidos, eu agradeço e começo a comer. Fecho os meus olhos e massageio a minha têmpora ao

sentir a minha cabeça latejar.

— Depois que você saiu do bar, a Lolita me questionou quem era a mulher. — Noah comenta.

— Você ouviu o que ela me perguntou? Se a Maggie era a minha mãe.

Noah ri suavemente. Apesar de ela ser mais velha que eu, ter quase a idade da minha mãe, ela não aparenta ter a idade que tem, mas sim, ser muito jovem.

— Ela demonstrou estar a fim de sair com você.

— Não quero nem se quer passar perto dela. — Declaro. — Você ficou lá ou saiu com a Jennifer?

— Ficamos por lá mesmo, pois não ia rolar nada.

— Não?

Fico surpreso, pois imaginei que logo eles iriam sair dali.

— Iriamos, se você tivesse tido outra atitude.

Entendo muito bem o que ele quis dizer e dou de ombros. Foi melhor ter saído dali, para ir conversar com a Margareth. Esclarecemos coisas importantes e eu comecei a sentir que ela irá dar um passo importante na sua vida. Eu espero que o James concorde com ela que a melhor decisão é eles se afastarem e em breve iniciarem o processo do divórcio. E ontem, eu tinha a esperança de algo acontecer, mas foi totalmente inverso.

Eu queria que ela tivesse concordado comigo sobre a Emily se afastar do Dominic, porém, eu soube que o romance pode acontecer para valer, porque a Lewis está *apaixonadinha* pelo meu amigo. Eu preciso ir até lá, ver com os meus próprios olhos o que está acontecendo, além de tentar saber algo através da boca do Turner. Entretanto, após o almoço eu irei para a casa organizar algumas coisas referentes a agência e só a noite eu irei visitar o meu amigo. Espero que a Emily não esteja lá, pois eu nem se quer consigo olhar na cara dela, sem pensar na sua mãe. E eu confesso, eu tenho medo dela descobrir sobre o meu romance com a Maggie.

Termino o meu almoço com o Noah, eu pago a conta e nós nos despedimos. Entro no meu carro, e vou rumo a minha casa. Hoje, o dia começou tranquilo, eu consegui fazer tudo o que estava planejado para a parte da manhã – malhei bastante e depois relaxei

a minha mente, ou pelo menos tentei relaxar, já que a Margareth não sai dos meus pensamentos nem por um segundo. Agradeço aos céus pelo trânsito estar tranquilo, então o meu caminho percorrido em poucos minutos e logo estou chegando na minha casa. Paro o meu carro próximo à entrada, desço do automóvel e caminho calmamente até a porta.

Ouçó a voz da minha mãe, que está conversando animadamente com alguém e eu imagino que seja com o meu pai, pois ele comentou que a sua ida até a agência seria rápida. Ando até a sala de estar e paro bruscamente.

— Jensen. — A minha mãe me anuncia.

Contudo, o meu olhar está sobre a sua visita. Ouço alguém coçar a garganta e eu volto ao meu eixo.

— Boa tarde.

— Boa tarde. — Margareth sorri.

Se essa mulher não está nos meus pensamentos, ou ela está na mesma cama que eu ou está em minha casa. E agora, ela está aqui, sentada no sofá da minha sala de estar e como sempre, está linda. Em seu corpo tem um vestido azul de comprimento médio, justo as curvas do seu corpo, o seu longo cabelo está ondulado e em seu rosto tem uma suave maquiagem. Eu a observo se levantar do sofá, caminha em minha direção e estica a mão em minha direção. Eu a seguro e beijo o seu dorso.

— Senhora Lewis.

— Deseja almoçar, meu amor? — Ouço a minha mãe questionar.

— Não, mãe. — Respondo, ainda mantendo o meu olhar fixo na Maggie. — Eu já almocei.

— Com a possível namorada?

Eu a encaro e nego ao balançar a cabeça. Percebo a Margareth cruzar os braços em frente ao corpo e arqueia uma sobrancelha ao me encarar.

— Eu almocei com o Noah.

— Jensen me deixou animada na noite anterior, disse que em breve irá trazer a namorada aqui. — A minha mãe comenta com a sua amiga.

— Ah é?

— Eu não disse isso, mãe. — Resmungo.

— Disse o que, então? — Maggie me questiona.

— Que eu não sei se irei trazê-la aqui.

— E eu informei que se essa mulher não é digna de ser apresentada aos pais, não é digna de estar na vida dele.

Vejo a Margareth abaixar o olhar e em seguida se afasta, ao voltar a se sentar no sofá. Peço licença e sigo o meu caminho, até o meu quarto. Eu não sabia que *ela* viria aqui, a minha mãe nem se quer comentou. Eu quase não soube reagir, quando a vi, porém, tive que equilibrar o meu estado emocional e racional. Deixo os meus pertences sobre a mesa de cabeceira, pego o meu macbook e me sento na minha cama. Eu preciso trabalhar, mas a minha mente está fixada em outro lugar desta casa. Eu preciso saber como foi a conversa dela com o James, preciso saber qual dia ela irá sair da mansão e como as coisas irão proceder de agora em diante.

Saio do quarto, ando pelo corredor, contando os meus passos e procuro pela Margareth. Eu sei que será difícil para nós conversarmos aqui, porém, eu tenho que tentar. Adentro na sala de estar chamando a atenção delas, eu me sento na poltrona, que está próxima a lareira e olho fixamente para a Maggie. Ela finge não se importar com a minha presença, cruza as pernas e continua a conversar com a minha mãe. Noto que nas mãos de cada uma, tem uma taça de vinho tinto e eu sinto a minha cabeça doer novamente. Ontem eu exagerei na bebida, principalmente no tempo que nós estivemos juntos. A conversa se encerra e a minha mãe me encara.

— Eu achei que ia descansar, pois chegou tarde.

— Eu decidi vir fazer companhia para vocês.

Massageio a minha têmpora com as duas mãos ao ouvir a campainha tocar.

— Você está com dor de cabeça?

— Ressaca. — Margareth sugere.

Eu apenas concordo com um aceno de cabeça.

— Com licença. — Rosi, a nossa governanta pede.

— Rosi, eu ia mesmo falar com você. — A minha mãe declara.

— Jensen está de ressaca, e ia pedir para você preparar um chá

para ele.

— Daqui a pouco eu irei trazer para você. — Rosi me informa e em seguida volta a olhar para a minha mãe. — O jardineiro chegou e quer saber como a senhora quer o serviço.

— Me dê um minutinho, Margareth.

— Tudo bem. — Maggie a tranquiliza.

— Eu irei voltar logo. — Ela promete.

Observo a minha mãe sair apressada da sala de estar, junto com a nossa governanta e eu fico a sós com a sua amiga. Ela bebe um pequeno gole do seu vinho e enfim me olhar.

— Você nem sabe disfarçar os seus olhares. — A ouço resmungar.

— Quais olhares?

— O do tipo; a gente transou adoidado ontem.

Rio suavemente.

— E é de extrema verdade.

Ela umedece o lábio inferior com a ponta da língua e relaxa o corpo contra o sofá.

— Disfarce ou eu terei que responder as possíveis perguntas da sua mãe, que é a minha amiga.

— Talvez não seja uma má ideia.

— É uma péssima ideia.

— Você conversou com o... — Penso em diversos adjetivos para poder me referir a ele. —, você sabe sobre quem eu estou me referindo.

— James. — Ela murmura.

— O próprio demônio encarnado.

Margareth me encara em silêncio por longos segundos e acaba acenando suavemente.

— Conversamos.

— E decidiram se separar? — Questiono.

— Eu pedi, e agora estou esperando a resposta dele.

— Ele que deveria ser o primeiro a pedir isso, pois vive esbanjando a amante.

Ao contrário de nós, que fazemos o possível para deixar o nosso romance escondido.

— Eu sei muito bem disso, Jensen.

A conversa se encerra quando a Rosi se aproxima, ela me entrega uma xícara de chá e eu agradeço antes que ela suma do meu campo de visão. Eu me levanto da aonde estou sentado, coloco a xícara sobre a mesa de centro e me aproximo *dela*. Percebo a sua respiração ficar ofegante, assim que paro atrás do sofá, próximo ao seu corpo e eu me inclino em sua direção. Afasto o seu cabelo da sua nuca, aproximo a minha boca da sua pele e ela se remexe inquieta.

— Eu te quero longe daquele maldito e que seja logo inteiramente minha.

— A sua mãe vai nos flagrar.

— Que flagre! — Declaro.

No fundo, eu não quero isso, pois eu não vou saber lidar com a sua descoberta. Distribuo beijos na nuca da Maggie, ela geme manhosa e isso me estimula. Seguro firme em seu cabelo, puxo a sua cabeça para trás e selo as nossas bocas. As nossas línguas se encontram e eu simplesmente esqueço de tudo que nos cerca. Eu relaxo a minha mão em volta do seu cabelo e ela consegue se afastar de mim.

— Você está ficando louco!

— Por você, a cada dia mais.

E então eu me afasto e ela gargalha da minha fala. Essa mulher é o meu ponto fraco, ela é o pior veneno que existe, ou seria, o melhor? Eu não sei como devo rotular, porém, ela é um veneno em meu interior. Eu experimentei um pouquinho, e esse pouquinho, tomou conta de cada milímetro do meu ser. Eu me encosto na porta que dá acesso a área externa e tento respirar o ar puro. Puta que pariu! Margareth consegue mexer profundamente comigo, as vezes eu perco a noção da coisas, e ajo de uma forma que não seja apropriada. Como por exemplo, agora a pouco, eu a beijei, mesmo tendo a consciência que a minha mãe ou qualquer outra pessoa poderia aparecer a qualquer momento. A ouço me chamar, mas eu a ignoro.

— Jensen. — Ela me chama mais uma vez.

Sinto o calor do seu corpo próximo ao meu, porém eu continuo a ignorando. Essa mulher não deveria ter um poder tão grande sobre mim, contudo, ela tem noção do que ela causa em mim e sabe muito bem o quanto eu desgosto desse acontecimento. Ela se encosta na porta, e fica de costas para a área externa. Observo a minha mãe terminar de subir a escada, passa pelo deque da piscina e anda distraidamente em nossa direção. Margareth não percebe a aproximação da sua amiga, então estica a mão em minha direção a acaricia a meu braço.

— Demorei mais do que o esperado. — Ouço a minha mãe resmungar. — Mas, eu percebo que fizeram boa companhia um para o outro.

Maggie dá um pulo, ao se assustar e se afasta de mim rapidamente.

— Sarah... — Um sorriso amarelo surge em seus lábios. —, eu estava conversando com o Jensen.

— Eu percebi. — A minha mãe declara ao passar por nós e volta a se sentar no sofá. — O que vocês estavam conversando? Me pareceu ser algo íntimo, pois você estava tocando no meu filho.

Eu prefiro me manter em silêncio, pois quero ver como a Margareth irá lidar com essa situação.

— Foi somente um toque amigável. — Maggie resmunga, ao não dar importância para isso. — Nós estávamos conversando sobre o *Fight*.

— Você conhece aquele lugar? — A minha mãe a questiona.

— Sim, apesar de nunca ter ido lá, ainda. Porém, eu o conheço porque o James virou sócio daquele lugar.

— Eu não sabia que o seu marido era envolvido com lutas.

— Nem eu. — Resmungo.

Maggie me encara, ao franzir o cenho e volta a olhar para a minha mãe antes de se sentar novamente no sofá.

— Os meus filhos são apaixonados, descobriram sobre o *Fight* e comentaram com o pai. — Ela comenta.

— David não gosta que os meninos frequentem aquele lugar. — A minha mãe comenta.

— Pelo que o Eduard e a Emily me falaram; é um bom lugar, porém precisa de melhorias e elas irão acontecer em breve. — Maggie comenta.

Por mais péssimo que possa ser, a aproximação dos Lewis, eu sei que algo bom virá na reforma que irá acontecer no *Fight*. Anthony não se preocupa em deixar aquele lugar digno de um estabelecimentos de lutas, ele prefere investir o dinheiro no seu próprio bolso e agora, com um novo sócio, estará ainda mais despreocupado, pois o James já informou que irá reformar cada centímetro daquele lugar. Ouço a minha mãe me questiona sobre eu não ter bebido o chá e eu franzo o meu cenho. Eu esqueci totalmente da minha dor de cabeça e nem se quer me lembrei em beber o chá que a Rosi me preparou. Eu pego a xícara e vou rumo a cozinha. Eu preciso de um novo chá e consequentemente, ficar longe da Margareth.

[...]

— Como estão as coisas por aqui? — Questiono ao entrar no apartamento do meu amigo.

— Tudo tranquilo. — Dominic responde. — E você, como está? Ficou sumido nesses dias que se passaram.

— Muito trabalho na agência.

Eu lhe entrego a sacola que estava em minha mão e o sigo até a cozinha. A minha dor de cabeça desapareceu após eu ter ingerido o chá milagroso da Rosi, me fez voltar a minha rotina, então no caminho para cá, eu comprei um pouco de cerveja. Percebo que o Dominic está decidindo sobre o que fará no jantar e eu não vejo nenhum sinal da Penélope. É obvio que ela não está em casa, e eu espero que ela não esteja com a Lewis.

E em falar nisso, Margareth ficou na minha casa a tarde inteira e eu me mantive o mais afastado o possível. A minha mãe ficou extremamente intrigada quando viu a sua amiga muito próxima a mim, mas não questionou. Entretanto, eu notei os seus olhares em minha direção e agi o mais natural possível, pois a cada fala proferida pela Maggie é extremamente convincente e eu sei que a

minha mãe acreditou que nós estávamos conversando sobre o *Fight*.

— Irá para o *Fight* hoje? — Ele me questiona.

— Oliver irá lutar, não é?

— Sim e eu também.

— Sobre a sua, eu sabia.

Pego uma garrafa de cerveja e vou para a sala de estar. Retiro o meu casaco, o deixo sobre o sofá e me sento. Na tevê está passando o jogo de Rugby e eu presto atenção, pois é um esporte que eu gosto bastante. Dominic é fã de basquete, porém gosta de todos os tipos de esportes. Ele se senta no sofá oposto e bebe um gole da sua cerveja. Eu quero muito saber se a Lewis tem frequentado aqui, porém, eu não sei como questionar sobre isso.

— Você já está no comando da agência?

— Apenas na semana que vem.

— Grande responsabilidade, mas dará tudo certo. — Ele deseja.

Levanto a minha cerveja para o alto, como uma forma de brinde por causa de sua fala e bebo um pequeno gole.

— Aonde a Penélope está? Senti falta dela.

— Deve chegar em breve, ela foi fazer um trabalho escolar.

— *Hum...* — Coço a minha nuca. — Eu achei que ela tinha saído com a amiga.

— Está se referindo a Emily? — Ele me questiona.

Eu arqueio uma sobrancelha e o encaro.

— Por quê? Ela tem vindo aqui?

Dominic não esboça nenhuma reação, fica apenas me encarando. Eu não supus quem poderia ser a amiga, apenas joguei um verde e ele entregou o jogo.

— Às vezes.

— Dominic. — Repreendo-o ao manear a cabeça para os lados.

— Eu sei muito bem da sua opinião sobre a Emily estar próxima a nós, e não concordo.

— Não é bom ela estar tão próxima. — Resmungo.

— Por que, não é?

— Porque não é!

Dominic semicerra os olhos.

— Isso não é uma resposta, Jensen.

— Eu não vou falar mais sobre o que eu sei sobre a família Lewis, pois não é o meu lugar de fala, porém, eu estou tentando te avisar que não é boa essa aproximação.

— Eu não consigo entender e se você não é capaz de me explicar, é melhor encerrar o assunto.

Aceno concordando, contragosto.

— Apenas uma última pergunta sobre este assunto. — Ele acena diante do meu pedido. — Você está a fim dela?

— Não.

Eu não consigo acreditar nessa sua resposta, mas prefiro me manter calado, para preservar a nossa amizade. Dominic começa a comentar sobre o jogo, desfazendo o clima tenso que estava se instalando sobre nós. Eu não falo mal da Emily, apenas tenho a certeza de que ela não fará bem ao meu amigo, por mais que ela possa ser uma doce garota, contudo, o seu pai, o demônio encarnado, é alguém que está disposto a fazer o mundo girar ao seu redor e sei que ele pode fazer isso, caso não goste da aproximação da filha com o meu amigo.

— Oliver estava apreensivo com a luta. — Dom comenta.

— Não deveria, pois ele se preparou.

— E pelo que o Noah me disse, o adversário é novato.

— Você se encontrou com o Noah?

Por mais que eu saiba que o Noah não irá falar nada sobre o que viu, existe uma pequena apreensão.

— Hoje mais cedo.

— Ele disse alguma coisa?

— Não. — Dominic responde intrigado. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, é claro que não. — Resmungo.

— Você saiu ontem, como tanto desejava?

— Eu fui até aquele bar, com o Noah.

Comento vagamente sobre o tempo que estive lá, omito a parte que eu fui embora por causa da Margareth e apenas informo

que a garota que eu conversei, não foi muito convincente. Claro, que é mentira, pois se eu não estivesse dado atenção a mensagem, eu terei ido além com a Lolita.

— E como você está em relação a sua luta?

— Confiante. — Ele declara. — Logo eu terei o dinheiro suficiente para sairmos daqui.

— Que seja em breve, pois eu odeio este lugar e odeio ainda mais em vocês morarem aqui.

No intervalo do jogo, Dominic decide voltar para a cozinha, para preparar o jantar e a porta se abre num baque. Penélope entra no apartamento, demonstrando desanimo e eu fico preocupado.

— O que foi, Pen? — Dominic questiona preocupado.

— Eu sei das nossas limitações, mas às vezes isso me atrapalha um pouco. — Ela resmunga.

— Do que você está falando?

Ele se aproxima da irmã e afaga o seu cabelo.

— Hoje... as meninas combinaram de ir a uma festa no centro..., mas eu não posso ir. — Penélope confessa de cabeça baixa.

— Pen, você tem apenas dezoito anos. — Dominic a lembra.

— Esse não é o problema, Dom e você sabe.

— Classes diferentes. — Declaro chamando a atenção deles.

— Você também é de classe diferente e ninguém fica falando nada para você.

O tom da Penélope é extremamente rude.

— Eu não falei por mal.

Eu levanto as minhas mãos em sinal de rendição. Eu apenas quis deixar claro que os empecilhos irão acontecer por causa da diferente classe social, pois as vezes as suas amigas poderão ir em um determinado local, e a Penélope não poderá ir. Ela não fala mais nada, anda pisando duro e em segundos, ouvimos a porta do seu quarto bater. Observo o Dominic me encarar e eu engulo em seco. Ele irá me dar uma *bronca* por lembrar a sua irmã sobre a real situação.

— Jensen, ela nunca se importou com essa merda de classes diferentes.

— Alguém tem que começar a falar a verdade para a Penélope, a fazer abrir os olhos.

— Ela sabe da verdade, só não quer vivê-la.

— Dom, a sua irmã só vai ficar mal cada vez que isso acontecer.

— A deixe ter as amizades que quiser, ela sabe das possíveis consequências.

— Tudo bem, Dom. Não está mais aqui quem falou, simples assim.

Deixo a minha garrafa sobre o chão, pego o meu casaco e saio do seu apartamento batendo a porta. Tudo o que eu falo, sou taxado como o errado. E não é assim que eu quero ser tratado. Eu apenas falei algo que eu presencio, e porque eu quero proteger a minha irmã de coração. Por exemplo, a minha cunhada, a Lola, vai a festas aonde não é possível que a Penélope vá. Eu vejo o sacrifício que o Dominic faz para cuidar de tudo, principalmente da irmã.

No dia do seu aniversário, eu fiquei extremamente surpreso com o presente exuberante que ele deu a Penélope, consequentemente teve que fazer escolhas entre as necessidades da casa ou fazer a irmã ficar feliz ao ganhar algo que tanto queria. Terminei de descer a escada e dou de cara com a Lewis. Não me surpreende em ela estar aqui, já que, segundo a sua mãe, está apaixonada pelo meu amigo. Eu respiro fundo e tento engolir o meu desdém por encontrá-la. Vejo que em suas mãos tem algumas sacolas, o cheiro da comida é muito agradável e eu sinto o meu estômago reclamar de fome.

— Oi. — Emily me cumprimenta.

— Oi. — Resmungo.

— Dominic está em casa?

— Está.

— Obrigada.

Ela continua a subir a escada, e eu saio do prédio. Ando alguns metros, indo na direção de um pequeno *food truck*, compro um hot dog e vou para o *Fight* enquanto como. Cumprimento os seguranças que estão na porta, adentro no estabelecimento e decido ficar na arquibancada. Olho na direção dos camarotes e vejo

o Lewis, ou melhor, os Lewis – pais e filho. Desvio o meu olhar e encaro o ringue. Em breve será a luta do Oliver, consequentemente, o Dominic terá que chegar aqui muito em breve. Vejo o Anthony passar por mim, e eu o sigo, após ser chamado. Vamos para a sala de treinos e eu cumprimento o Oliver.

— Tudo certo, Oliver? — Anthony o questiona.

O meu amigo apenas acena, pois está bebendo água.

— Irá dar tudo certo. — Incentivo-o.

— Daqui a pouco eu volto para conversar com você. — Anthony me informa.

Ele bate em meu ombro e sai da sala de treinos. Com certeza está indo conversar com o corno. Eu limpo as minhas mãos, pois já terminei de comer e me sento no sofá.

— Aonde está o Dom? — Oliver me pergunta.

— Ele estava com visita, mas já, já ele estará aqui.

— Visita? — Oli questiona intrigado. — A mãe dele?

Apenas nego com um aceno de cabeça, ele franze o cenho e continua a me encarar.

— Lewis.

— Emily Lewis? — Ele questiona incrédulo.

Sinto vontade de debochar, ao questioná-lo sobre não ter percebido que o nosso amigo está dando abertura a princesinha da máfia.

— Já conseguiu ficar a par sobre as coisas da agência?

É melhor trocarmos de assunto, pois falar sobre o possível romance não é a minha zona de conforto e eu quero que o tempo passe logo, para que a luta aconteça e que eu possa ir para casa, descansar, pois, segundo o meu pai, nós iremos pesquisar no mercado aéreo novos jatinhos compatíveis aos quais já temos na agência. Enquanto eu converso com o Oliver sobre o seu próximo passo – iniciar o trabalho na Brown & Brown –, eu fico sabendo sobre os seus futuros planos. Ele irá ajudar os pais, por mais que não mereçam, mas só fará isso, pois tem duas irmãs mais novas.

Os minutos se passam rapidamente e o momento para iniciar a luta do Oliver está chegando, e eu o percebo mais calmo. Após a sua luta, irá acontecer a do Dominic e ele ainda não chegou, e eu

nem se quer preciso pensar muito para ter praticamente a certeza do porquê da sua demora. Eu pego o celular no bolso, confiro a hora e verifico se recebi uma nova mensagem. Margareth não entrou em contato, mas eu sei que ela está bem, pois o seu *marido* está aqui no *Fight* com a amante. Eu esfrego o meu couro cabelo, e bocejo cansado. Ouço a porta se abrindo, eu olho em sua direção e observo o Anthony entrar na sala de treinos.

— Eu já volto. — Oliver informa ao sair da sala.

— A sua luta é em alguns minutos. — Anthony o lembra.

Eu me levanto do sofá e me aproximo dele.

— Eu estive pensando que já está mais do que na hora de marcamos uma nova luta para você.

— Eu quero um lutador a altura. — Declaro.

— Sempre reclamando dos seus adversários. — Anthony resmunga irônico.

— Todos foram fracos.

A porta se abre novamente e – enfim – o Dominic *dá o ar da graça*. Eu o observo atentamente e o percebo a sua alegria. Dá para notar que tem um cunho sexual por de traz e sei que a causadora foi a Lewis. Ele cumprimenta o Anthony com um aperto de mão, me encara por alguns segundos e se senta no sofá. A sua mente está distante daqui, pois deve ter a deixado no seu apartamento, consequentemente na sua cama.

— Eu vou analisar quem será o seu adversário.

— Eu aguardo.

— Boa sorte. — Ele declara antes de sair da sala.

Eu volto a me sentar no sofá e observo o meu amigo. Eu sei que ele ainda está muito puto comigo, por causa do que aconteceu em seu apartamento, em relação a minha frase direcionada a Penélope. Ele cruza os braços em frente ao corpo e me encara.

— Eu não quero que você ou a Pen, fiquem chateados comigo pelo que eu falei, mas eu não falei aquilo por mal.

— Penélope sabe da verdade, mas ela prefere não viver essa diferença de classes, Jensen. Ela ficou chateada por não poder ir à festa e você foi e falou aquilo. Caralho, ela ficou com raiva.

— Eu somente quis abrir os olhos dela.

— De um jeito errado.

Tudo bem, eu sei que ele não irá concordar comigo e eu nem quero que isso aconteça. O assunto se encerra quando o Oliver volta para a sala de treinos, ele está animado com essa luta, porém tem que manter a concentração para se sair como o vencedor nesta noite. Ele come um pedaço de pão, se senta ao meu lado e tenta relaxar nesses últimos minutos que o restam. Dominic se levanta do sofá e some do meu campo de visão. Eu não vou retornar ao assunto, pois não quero que ele se estresse antes de sua luta, e muito menos, que brigemos por um assunto tão idiota. A porta se abre novamente e o Lewis entra. O seu olhar passa sobre mim e recai sobre o meu amigo.

— Turner, a minha irmã está no seu apartamento? — Ele questiona.

— Estava até o momento que eu saí de lá.

Eduard não me parece muito contente com essa resposta e me encara.

— Brown, o Anthony pediu para você ir ao escritório dele. — Eduard me avisa.

Eu saio da sala sendo seguido por ele, e sinto o meu coração bater acelerado. Eu não entendo o porquê disso, mas eu não quero ficar cara a cara com o maldito do James. Entro na sala do Anthony, tento fechar a porta, mas o Eduard me impede ao entrar no mesmo ambiente que eu estou.

— Eu achei que o Anthony queria conversar comigo.

Lewis apenas franze o cenho e continua parado no mesmo lugar, sem me falar nada. Eu cruzo os meus braços em frente ao corpo e encaro o Anthony.

— Eduard me sugeriu em esperar um pouco para marcar a sua luta...

— Por quê?

— Irá acontecer uma reforma aqui e eu pensei que você poderia inaugurar ao ser o primeiro a lutar. — Eduard declara.

— O que você sugere, Anthony?

— Eu concordo com a ideia do Eduard. — Ele me informa.

— Se essa é a escolha. — Dou de ombros.

— Nós queremos saber a sua opinião, Brown. — Eduard resmunga.

Eu o encaro e a imagem da Margareth surge na minha mente.

— Tudo bem. — Falo calmamente.

— Está na hora da luta do Baker. — Anthony anuncia.

Nós saímos da sala, eles vão para o camarote e eu sigo para o ringue. Os rapazes já estão por aqui, inclusive o meu irmão, e o Oliver já está sob o ringue. Eu paro ao lado do Dominic e nós incentivamos o nosso amigo. O sinal do início do round preenche o ambiente por milésimos de segundos e eu prendo a minha atenção em cada um dos movimentos dos lutadores. Oliver começa se esquivando dos socos e chutes do seu adversário.

— Ele tem que atacar. — Noah resmunga.

— Ele está cansando o adversário. — Dominic comenta.

— Mas assim ele perde tempo e o cara não parece que irá cansar tão rápido.

O punho dele passa de raspão na mandíbula do adversário que se esquia e acerta um soco na costela do Oliver. Levanto o meu olhar para o camarote e estranho ao ver os Lewis olhando fixamente para nós. Eu olho para o meu lado, diretamente para o Dominic e o vejo conversando com a Lewis. Puta que pariu, Dom! O pai dela é a porra de um mafioso e está vendo essa merda bem aqui. Eu sinto vontade de gritar a pleno pulmões com ele, por estar tendo uma atitude inconsequente.

Emily conhece muito bem o pai, sabe que ele jamais aceitará esse romance e tem noção que um romance proibido não irá acontecer, pois tudo está debaixo dos olhos do *mafioso*. Eu esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e rio internamente. Se essa merda toda não fosse tão complicada, essa situação seria cômica, pois eu estaria me relacionando com a mãe da garota na qual o meu amigo tem interesse. Eu olho para o Noah ao meu lado e ele me encara com o cenho franzido.

— Dominic está fazendo merda.

Noah não questiona, apenas olha na direção do nosso amigo e arregala os olhos ao ver a Lewis próxima a ele.

— O pai dela está olhando isso.

Aceno, concordando e tento prestar atenção na luta do Oliver, por mais complicada que seja. Entretanto, eu não consigo e volto a encarar o meu amigo. Ele me olha e desvia o olhar em seguida. Já ficou muito claro a minha aversão a essa aproximação, e eu espero estar errado diante disso, pois é melhor o erro, a que eu estar certo ao ver o meu amigo se ferrar por essa merda inconsequente. Sinto o meu celular vibrar em meu bolso, eu o pego e vejo que é uma mensagem da Maggie. Eu me afasto, procuro por um lugar mais tranquilo e desbloqueio o meu celular.

*‘Irei ter uma conversa final hoje
com o James, ele me dará o divórcio.’*

Sinto uma pontada de felicidade.

*‘Hoje? Que horas?
Pois ele está aqui no Fight’*

Ele pode ir embora mais cedo, porém eu duvido, pois é algo que raramente acontece, além de que, ele está com a amante bem aqui.

*‘Iremos nos encontrar para conversar,
assim que ele sair daí’*

A liberdade e a calma estão chegando, e eu estou começando a ficar ansioso para ter momentos de paz ao lado da Margareth. Eu gosto muito dela, e nunca assumi isso cara a cara. Não com as palavras certas.

*‘Assim que encerrarem a conversa final,
me envie uma mensagem ou me ligue.’*

Amanhã, quando eu retornar dos meus compromissos com o meu pai, eu irei me encontrar com *ela* e iremos comemorar a sua

liberdade.

*‘Eu sei que você tem deveres amanhã,
relacionados a agência, então deve ir
descansar. Amanhã nós conversaremos
pessoalmente, no nosso lugar de sempre.’*

Gostei da iniciativa em ela já estar marcando o nosso encontro.

‘Amanhã iremos comemorar.’

Um sorriso idiota surge em meus lábios e eu me controlo, pois não devo me expor fisicamente no meio de tantas pessoas, ainda mais estando próximo ao marido dela, mas isso está acabando.

*‘Iremos comemorar, do jeito que você quiser.
Já que eu sempre faço os seus gostos.’*

Ela está extremamente equivocada nessa mensagem.

*‘Eu acho que você quis dizer;
“eu raramente faço os seus gostos”.’*

Enquanto a sua nova mensagem demora para chegar, eu volto o meu olhar para o ringue e percebo que o Oliver está bastante machucado. Sinto o celular vibrar em minhas mãos e eu volto a minha atenção a ele.

*‘Tudo bem, Jensen.
Agora as coisas serão diferentes’*

Eu tenho certeza de que serão, mas sei também que não será de imediato, pois esse divórcio dará muito o que falar e demorar algumas semanas para que seja concretizado.

‘Você é uma grande mulher!’

E ela é muito mais que isso, mas eu não consigo expressar em palavras o tanto que eu a admiro.

*‘Eu gosto de quando você me anima
e me motiva, porém, eu gosto mais de mim.
E por enquanto, o meu amor-próprio está
vindo em primeiro lugar. Entretanto, eu
não excluo ou ignoro tudo o que você fez
e falou para mim,’*

Penso em mil e uma coisas possíveis a serem respondidas para a Maggie, mas eu só consigo ouvir os meus sentimentos querendo ser declarados a ela. Olho mais uma vez para o ringue, vejo que o primeiro round já se encerrou e eu decido sair do estabelecimentos por alguns minutos. Tento desviar das pessoas, empurro a porta e saio. Fico um pouco distantes das seguranças que estão na porta e digito o número da Margareth.

— Oi. — Ela sussurra ao me atender.

— Eu só liguei para te dizer que; independentemente de tudo, eu gosto de você desde o início.

— Eu sei.

— Eu não quero ouvir isso, porém, eu também não quero que você se sinta obrigada a sentir o mesmo ou apenas a dizer o mesmo para mim. Por mais que eu saiba que a chance de você não sentir o mesmo, é enorme.

— É como eu te disse na mensagem; eu gosto de você, porém, eu gosto mais de mim mesma nesse momento.

— E está certa. — Declaro. — No momento em que você puder sentir o mesmo por mim, eu estarei de braços e peito abertos a receber.

— Eu sei do tamanho do seu gosto por mim, e sei que o meu por você é extremamente menor, mas quero deixar claro que; sim, eu gosto de você.

— Eu vou voltar para o *Fight*, nós nos vemos amanhã.

— Nós nos vemos amanhã. — Ela confirma.

— Eu... — Calo-me de repente, ao notar as palavras que iam sair da minha boca e as reformulo. —, aguardo a sua mensagem após a sua conversa com o maldito.

Ela se despede de mim, ao me mandar um beijo e eu encerro a ligação. Eu a amo, mas ainda não tenho coragem de te dizer isso, pois pode parecer ingênuo demais. Eu sei muito bem que nós não poderíamos ter esse romance, mas ninguém manda na próprio coração. Nós nos apaixonamos pelas pessoas que menos esperamos. Mas a Maggie foi muito mais, e sendo honesto, seria óbvio me apaixonar por ela. Passo as minhas mãos em meu rosto, guardo o celular no meu bolso e volto para o *Fight*. Oliver já está lutando contra o seu adversário no novo round que já se iniciou há alguns minutos e eu fico novamente ao lado do Dominic.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele me pergunta.

— Não.

— Você sumiu.

— Eu estava numa ligação.

— Eu achei que tinha acontecido alguma coisa.

Eu nego com um aceno com a cabeça e ele volta a sua atenção para a luta. Eu olho na direção do camarote e vejo os Lewis. Eu toco no ombro do meu amigo, chamando a sua atenção e ele me encara.

— Eu não falo as coisas querendo o seu mal ou que algum atrito aconteça entre nós.

— Eu sei.

Ele sorri e bate o seu punho contra o meu. Dominic tem uma carreira promissora a ser construída como o melhor lutador deste lugar, e ao se envolver com a Lewis, eu tenho receio de isso tudo ir

por água abaixo e sempre foi e ainda é referente a isso que eu me preocupo, pois imagino que o James Lewis pode ser um grande empecilho no meio da construção. Porque o Lewis é influente, pode colocar na cabeça do Anthony algumas coisas que acabem prejudicando o meu amigo, como por exemplo, colocá-lo para lutar contra pessoas que estão num nível maior que o dele, o fazendo ter percas constantes, fazendo com que ele não tenha um bom treinamento e consequentemente, não o fará ser visado por patrocinadores ou outros lugares maiores de lutas. Ou também pode ser qualquer outra coisa, que o faça desistir de ser lutador e que se afasta daqui. Eu não sei, e nem tenho como saber, pois são muitas possibilidades.

Contudo, existe uma falsa esperança dentro de mim que eu esteja errado em relação a tudo. Pode ser que o Lewis goste do romance entre a filha e o meu amigo, que ajude o Dom a ser um lutador promissor e que o faça ir lutar em todos os cantos desse país. Eu queria muito acreditar nessa possibilidade, que é a melhor, porém, é praticamente impossível de ser levada a sério. Qualquer outra pessoa, acreditaria na segunda possibilidade, mas, após ouvir tantas coisas sobre o James e ver alguma, a primeira é a mais provável e caso isso aconteça, eu serei o primeiro a informar ao Dominic que ele deve sair daqui e ir tentar ser um lutador em qualquer outro lugar, melhor que esse.

[...]

Abro os meus olhos com dificuldade e tento decifrar da onde está vindo o barulho. Tateio a minha cama, ao meu redor e pego o meu celular, que está vibrando freneticamente. Fico intrigado ao ver o nome da Penélope brilhando no visor e imagino que seja porque o Dominic está na intenção de me convidar para algo. Porém, ainda é extremamente cedo.

— Oi princesa.

— Jensen...

A sua voz chorosa me desperta completamente e eu me sento na cama.

— O que aconteceu?

— Levaram o Dom, eu não sei o porquê, apenas chegaram aqui e levaram ele.

— Quem, Penélope? — Questiono. — Quem levou o Dom?

Eu pulo para fora da cama e corro na direção do closet.

— Alguns policiais.

Eu sinto a minha espinha gelar e fecho os meus olhos.

— Levaram ele para a delegacia do bairro, né?

— Eu acho que sim.

— Tudo bem, eu irei para lá.

— Eu acho que seria bom levar um advogado, mesmo que nós não sabemos o que houve.

— Eu sei e... — Visto qualquer camisa e de qualquer jeito. —, fique calma. Daqui a pouco eu te dou notícias.

Encerro a ligação, visto a calça jeans e saio correndo do quarto. Bato na porta lateral e a abro, sem me importar com nada. Leon dá um pulo sobre a cama e a Lola me encara assusta.

— Merda, Jensen...

— Dominic foi preso, eu não sei o porquê e eu preciso ir para a delegacia. E vocês precisam ir ver a Penélope.

— Como assim? — Lola questiona.

— Eu não sei, merda! — Exclamo. — Saiam dessa cama e vão até a Penélope!

Saio do quarto batendo a porta e respiro fundo, tentando me acalmar. Eu pego o celular em meu bolso e procuro pelo número do advogado da família, mas eu não consigo encontrar, pois estou muito nervoso e a minha visão está embaçada. Atravesso o corredor rapidamente, indo na direção da sala de estar e encontro o meu pai. Ele está parado no meio do ambiente, sem reação alguma e me olha, quando eu o chamo, mas a minha atenção é roubada. A minha mãe está sentada no sofá, o seu rosto está banhado por lágrimas e eu fico ainda mais confuso do que eu já estou.

— Nós já estamos sabendo do que aconteceu com o Dominic e eu já liguei para o Austin. — O meu pai informa.

— Como?

Ele respira fundo, coloca a mão no meu ombro e nós nos afastamos suavemente da sala.

— Está sendo televisionado.

— Por quê? — Questiono. — A única coisa que eu estou sabendo é que; ele foi levado à delegacia e eu preciso ir até lá com o advogado.

— São duas injustiças o que está acontecendo. — Ouço a minha mãe comentar.

Encaro o meu pai, esperando uma explicação.

— Dominic está sendo acusado de assassinato.

— Impossível. — Rio sem humor, pois o meu amigo é uma pessoa que jamais teria capacidade e coragem de matar qualquer pessoa, até mesmo, a pior de todas. — E quem seria a vítima? Ou melhor, quem foi a vítima?

O meu pai olha para trás, na direção da minha mãe e suspira, antes de voltar a me olhar.

— Margareth Lewis foi assassinada.

O sorriso debochado que estava em meus lábios morre no mesmo segundo, eu sinto o meu peito ser comprimido e o meu coração simplesmente se quebra. Um nó se forma em minha garganta e as lágrimas inundam os meus olhos.

— Dominic foi acusado de matar a senhora Lewis? — Ouço o Leon questionar.

Eu não consigo me mexer, eu não sinto o meu corpo, sinto apenas um choque elétrico percorrer pelas minhas veias, matando cada centímetro do meu ser. O meu irmão tenta entender o que está acontecendo, o meu pai o informa sobre o que está sabendo e eu observo a minha mãe chorar. Ela perdeu a melhor amiga, e eu perdi a mulher da minha vida. Ouço o meu pai me chamar e eu apenas o olho. Eu não consigo falar, não nesse momento, pois assim que eu tentar me expressar, eu só conseguirei chorar. Eu saio de casa após ser informado aonde o Dominic está e fico sabendo que o Austin já está a caminho.

A delegacia é próxima ao *Fight* e isso é uma merda, pois eu terei um longo caminho para sofrer a morte da minha Maggie. Entro no meu carro e acelero para fora da propriedade. Eu estou me

sentindo sufocado, mas eu não posso deixar os meus sentimentos se libertarem neste momento. Eu preciso ajudar o meu amigo e livrar ele daquela delegacia. E antes de qualquer sofrimento, eu preciso compreender alguns pontos.

1. Margareth foi assassinada.
2. Dominic está sendo acusado ser o assassino.
3. Ontem ela ia se encontrar com o James.
4. Iam conversar sobre o divórcio.
5. Lewis queria conversar com o Dominic.
6. Dom foi o último a sair do *Fight*.
7. O corpo estava dentro do *Fight*.
8. Eu estava certo.

Eu sabia que a aproximação dos Lewis não traria boas coisas. Eu tenho a certeza absoluta sobre quem é o verdadeiro assassino e o nome dele é; James Lewis. Entretanto, eu não tenho provas para acusá-lo. Paro no semáforo vermelho, dou um soco no volante do meu carro e grito. Grito a plenos pulmões, tentando retirar a dor esmagadora que eu estou sentindo em meu peito. Desfiro mais socos contra o volante e acabo acionando a buzina. Respiro fundo e tento esconder esse turbilhão de sentimentos que estão me dominando. Acelero o meu carro assim que o semáforo fica verde e ignoro todas as regras de trânsito, pois quero chegar logo na delegacia.

Espero que o Austin já esteja com cartas nas mangas, para fazer que o Dom fique livre. O meu amigo deve estar desesperado por estar dentro daquela delegacia, por ter deixado a irmã em casa, sem muitas notícias e por não saber o que pode acontecer. Logo estaciono diante da delegacia, desço do meu carro e procuro pelo meu advogado. Ele está próximo as portas, eu corro em sua direção e nós nos cumprimentamos. Eu lhe conto sobre o que estou sabendo, e entramos na delegacia. Ele se apresenta ao policial que nos atende e nós somos levados até a sala do delegado.

— Delegado, sou Austin Green e sou o representante do senhor Turner. — Ele se apresenta. — E eu quero saber quais acusações meu cliente está respondendo.

— E quem é o senhor? — O delegado pergunta ao me encarar.

— Ele é meu assistente. — Austin responde por mim.

— Sente-se para podermos tomar as providências a respeito do caso. — O delegado informa.

Eu fico parado atrás da cadeira do Dominic, o Austin se senta ao lado e olhamos para a tela do computador. O vídeo do circuito de segurança do *Fight* aparece na tela, vejo a imagem de uma moça entrando pelos fundos e logo em seguida é a imagem do Dom entrando. Poucos minutos depois, ele sai do *Fight*, e o vídeo se encerra.

— Isso não prova que o meu cliente efetivamente matou a senhora Lewis. — Austin declara.

— Como se vê nas imagens, o lugar estava vazio quando a senhora Lewis entrou, em seguida Turner entra. Às seis horas da manhã de hoje, o senhor Anthony, responsável pelo local, nos ligou avisando ter um corpo no círculo das lutas. — O delegado informa.

— Isso continua não provando nada. — Austin retorna a dizer.

— A senhora Lewis foi morta por uma faca fincada no coração e as digitais batem com as digitais do senhor Turner.

— Eu não matei ninguém! — O meu amigo exclama, desesperado.

— Não é isso que as provas dizem, senhor Turner.

— Eu não matei ninguém, eu juro. Eu toquei na faca, pois ela fica na mesa de uma sala onde sempre fico antes das lutas.

— Senhor Green, o seu cliente ficará preso até que possamos colher provas, depoimentos, depois o chamaremos para que preste depoimento, e depois resolveremos se ele ficará preso até o julgamento. — O delegado avisa.

Observo o meu amigo abaixar a cabeça, eu toco em seu ombro e tento lhe passar a confiança que tudo ficará bem, por mais complicado que pareça ser. Austin pede para conversar a sós com o cliente, o delegado pede para o policial nos levar para outra sala e em seguida encaminhar o Dom até a cela que possui na delegacia. Assim que entramos numa sala vazia, ele se senta na cadeira do outro lado da mesa e encostas a testa na mesa. É possível ouvir o

seu choro e eu sinto o meu coração doer ainda mais. Eu me sento na cadeira ao lado do Austin e tento me acalmar para conseguir falar.

— Dom... — Chamo-o. — Eu sei que você jamais, mataria alguém. Vamos conseguir tirar você daqui o mais rápido possível.

— Eu juro, eu não matei ninguém.

— Por que você voltou ao *Fight* depois que ele estava vazio?
— Austin pergunta.

— Esqueci minhas ataduras e voltei para pegá-las. — Ele responde. — Entrei no *Fight*, estava vazio, silencioso e escuro. Assim que peguei o que era meu, fui embora para o meu apartamento.

— Você tocou na faca que matou a Lewis. — O advogado o lembra.

— Me lembro de ter pegando-a, mas eu a deixei em cima da mesa onde estava. — Dominic informa.

— Você precisa manter a calma, e não falar nada quando eu não estiver presente.

— Me tira daqui. — Ele pede ao Austin e me olha. — Cuida da Pen para mim, ela não pode ficar desamparada e a minha mãe não pode se aproximar dela.

— Eu vou cuidar da Pen, não se preocupe.

— Obrigado.

A porta da sala se abre, o policial avisa que tem que levar o Dominic para a cela e o meu amigo vai na direção da porta. Eu saio logo atrás dele, o Austin está ao meu lado e eu reforço o pedido do meu amigo. O advogado precisa agilizar o habeas corpus. Paro de andar, bruscamente, ao ver a família Lewis entrando na delegacia e eu vejo a Emily totalmente transtornada. Eu consigo imaginar o quão abalada ela está com a morte da mãe, elas eram extremamente amigas e essa perda será um divisor de águas na vida dessa garota. Eu não consigo ouvir o que ela conversa com o Dominic, por mais breve que seja, pois o seu pai, a arrasta em direção a sala do delegado. É impossível ver um pinga de tristeza no James e isso só reforça a minha certeza de ele ser o assassino.

— Dominic é inocente e o verdadeiro culpado está aqui.

Austin franze o cenho e olha ao redor rapidamente.

— Do que você está falando?

— James matou a esposa.

— Brown! — O advogado me repreende.

— É a verdade. — Murmuro.

— Você tem provas?

— Não.

— Então não repita isso. — Ele ordena.

Reviro os meus olhos e sou aconselhado a ir para casa, pois estou com os olhos vermelhos.

— Eu quero ficar aqui, preciso saber o que vai acontecer.

— É praticamente improvável que o Turner sai daqui hoje, ele ainda vai prestar novos esclarecimentos e isso irá levar a tarde toda.

— Eu não posso chegar na irmã dele e não dar informações concretas.

— Tudo bem, mas você não vai entrar novamente comigo na sala do delegado, ele pode suspeitar que você não é o meu assistente.

Aceno concordando, e me afasto. Saio da delegacia, me encosto no meu carro e acenda um cigarro. Maldito cigarro que me lembra a Maggie. Eu ainda não consigo acreditar que ela foi morta. E eu só vou desencadear a minha dor, quando eu estiver sozinho. Eu vou poder esbravejar de tanto ódio. Trago devagar o meu cigarro e observo ao redor. Estranho nenhum veículo de imprensa estar aqui, porém, a delegacia está cercada de seguranças e todos são da mansão. Aceno para o Allen e ele vem na minha direção.

— Eu nem posso estar aqui, perto de você, mas eu tenho um tempo antes dos Lewis saírem. — Ele comenta.

— Você soube que o Dominic está sendo acusado?

Ele acena suavemente e olha para a porta da delegacia.

— Foi um choque para todos ao saberem que a senhora Lewis foi assassinada, porém, o meu choque foi maior ao saber do Turner.

— O advogado já me informou que será difícil que o Dom saia daqui hoje.

— Lewis está disposto a não deixar que isso aconteça. — Allen murmura.

Maneio a cabeça para os lados, apago o meu cigarro e volto para dentro da delegacia. Pergunto ao policial sobre o meu advogado e recebo a informação que ele está com o cliente na sala do delegado. Eu me sento próximo a porta, cruzo os meus braços em frente ao corpo e ignoro os meus pensamentos. Primeiramente, eu vou cuidar dos meus amigos. Após eu sair daqui eu irei atrás da Penélope e vou ver qual será a melhor forma de proceder. Longos minutos se passam, ou melhor – pior – torturantes minutos se passam e eu vejo os Lewis saindo da sala do delegado.

James olha na minha direção e eu sinto vontade de arrebentar a sua cara. Eu desvio o meu olhar, antes que eu faça alguma merda e enfim vejo o Austin saindo da sala do delegado. Logo atrás dele está o Dominic e eu fico em pé, animado com a sua liberdade. Porém, eu vejo ele sendo segurado por dois policiais e entendo o que aconteceu.

— Ele irá a julgamento. — Austin anuncia.

— Por quê?

— Porque, James Lewis é influente o suficiente para fazer que isso aconteça.

— Cuida da minha irmã. — Dominic me pede, mesmo que esteja sendo levado para longe.

— Eu vou cuidar da nossa irmã.

Sinto algumas lágrimas escorrerem pela minha face, eu as seco rapidamente e saio da delegacia juntamente como advogado.

— Eu vou fazer o possível para agilizar o processo. Irei me reunir com os meus estagiários para encontramos provas que inocentem o Turner.

— Faça o impossível e será muito bem recompensado.

Me despeço dele, entro no carro e ligo para o meu pai.

— Conseguiram libertar o Turner?

— Não.

— Mas ele é inocente.

O meu pai é fascinado pelo Dominic, pela pessoa que ele é em si, e conhece a índole do meu amigo. Com isso, o faz acreditar que o meu amigo é inocente, mesmo sem ter muitas informações sobre o que aconteceu aqui na delegacia.

— Ele irá a julgamento.
— Jensen... — Ouço a minha mãe me chamar.
— Oi, mãe.
— Vá buscar a Penélope, ela deve estar devastada.
— Eu estou indo para lá agora mesmo, pois vou retirar ela daquele apartamento.
— Traga ela para cá.

Trocamos mais algumas palavras, eu encerro a ligação e dirijo rumo ao apartamento do Turner, há algumas quadras daqui. A minha princesinha precisa ser acolhida e eu espero que o meu amigo logo esteja livre, pois todos nós precisamos dele, principalmente a irmã. Eu sei muito bem do medo que o Dominic sente ao ser comparado com o pai, Jimmy, e o medo se torna maior quando ele imagina que a irmã pode começar a ter uma visão ruim sobre ele, além de se sentir abandonada, como a Polly, mãe deles, fez há alguns anos.

Estaciono diante do prédio, desço do meu carro e aciono o alarme. Essa é a última vez que eu irei pisar aqui, independente se o Dominic saia da prisão ou não. Eu respiro fundo e ando na direção do prédio. Subo as escadas de dois em dois degraus, empurro a porta de emergência e em segundos entro no apartamento da Penélope. Vejo a Lola sentada no sofá, o Leon está de pé, encostado na parede da cozinha e a minha princesa está andando de um lado para o outro.

— Até que fim você chegou! — Leon declara.
Penélope me encara e corre na minha direção.
— Aonde o meu irmão está?
— Ele ainda está na delegacia.
— Por quê? — Ela questiona. — Ele não é assassino!
— Nós sabemos disso, Pen, mas...
Suspiro quando as lágrimas atrapalham a minha visão.
— O meu irmão vai poder voltar para casa?
— Infelizmente ele ficará preso até o julgamento.
— NÃO! POR FAVOR! — Ela implora ao gritar.

Eu passo os meus braços ao redor da sua cintura e a amparo, para que não caia de joelhos no chão. Ela encosta a cabeça em

meu peito e chora copiosamente. A sua dor é palpável. O nó em minha garganta se torna maior, os meus lábios tremem e eu não consigo mais segurar o meu choro. As lágrimas começam a escorrer pela minha face, eu abraço o corpo da Penélope contra o meu e choramos juntos. Dói demais saber que eu perdi a minha Maggie, que eu não tenho mais como realizar os nossos possíveis planos. Eu nunca mais vou abraçá-la, sentir o seu toque, e nem ouvir a sua voz. Nunca mais vou poder beijá-la, transar com ela e todas as coisas que fazíamos juntos.

Eu não sei se consigo superar essa dor esmagadora que existe em meu peito. Eu perdi a mulher da minha vida. Eu perdi aquela mulher que conseguiu me afetar da forma mais profunda possível, a mulher que conseguiu me arrebatá-la desde o primeiro toque. A minha dor é profunda, a minha dor é indivisível, a minha dor é improvável ser expressa em palavras. Sinto que eu poderia sair daqui, correndo e gritando aos quatro ventos, tentando retirar toda a dor que está me dominando neste momento. Me afasto da Penélope, passo as minhas mãos em meu rosto, secando as minhas lágrimas e eu olho ao redor. Lola está na porta, esperando pelo meu irmão.

— Eu vou levar a Lola até a casa da Lauren e daqui a pouco eu volto. — Leon me informa.

Eu apenas aceno, ele dá um beijo no topo da cabeça da Penélope e sai do apartamento.

— Eu não consigo entender como isso foi acontecer, Jensen. — Ela murmura.

— Nem eu consigo.

— Ontem, o Dom demorou a chegar, ele disse que estava conversando com o pai da Emily e hoje, simplesmente, surge essa acusação de ele ter assassinado a mãe dela...

— Existem culpados por esta prisão.

— Culpados?

Me lembro da *ordem* do Austin e resolvo omitir a minha certeza sobre o Lewis, porém, eu imagino que a Emily possa estar disposta a defender o Dominic, mas eu não consigo entender o porquê de isso não ter acontecido. Se ela estivesse mesmo a fim do meu

amigo, ela teria impedido que o Dom ficasse preso até o julgamento, ainda mais com falsas provas. Percebo a Penélope me encarando, esperando uma resposta e eu suspiro.

— A culpada pela prisão do Dom é a Emily. Eu avisei para vocês ficarem longe dela.

Penélope me encara, ainda mais tristonha e eu sinto o meu peito se afundar mais um pouco. Daqui a pouco eu estarei resumido a nada, pois já ultrapassei a cota de dores do dia. E eu ainda nem tive o meu momento de sofrimento.

— Por que ela é culpada? — Penélope questiona.

— Ela não moveu um dedo se quer e nem falou nada para tentar inocentar o seu irmão. Ela também o queria na cadeira, Pen. — Dói falar isso, mas é a única saída que eu tenho. — Abra os seus olhos e veja que aquela garota só está brincando com vocês.

— Eu pensei que a Emily fosse diferente. — Penélope resmunga chorosa.

— Ela não é! — Exclamo. — Ela quis ver o seu irmão na cadeia. As imagens da câmera de segurança são falsas e os Lewis sabem disso. O que aconteceu foi armação para manter o Dom longe daquela patricinha.

Que a Margareth me perdoe de onde ela estiver, mas eu preciso fazer a caveira da Emily, para que ela fique afastada da Penélope. Ela já causou muito nessa pequena família e eu não vou permitir que tenha mais acontecimentos ruins. Ouço a porta se abrir num baque e eu encaro a Emily. O seu rosto está banhado por lágrimas, a sua expressão é de pura tristeza e eu desvio o meu olhar. Ela é filha da mulher da minha vida, e eu não suporto olhá-la. Observo a Penélope se aproximar da Lewis e de repente se joga sobre ela, desferindo socos e chutes.

— Eu te odeio, sua vaca! O meu irmão foi preso por sua culpa. — Penélope grita.

Leon aparece correndo no apartamento, retira a Penélope de cima da Emily e me encara com raiva. Eu jamais iria impedir essa briga, pois o quanto mais elas se odiarem, melhor será. Emily passa as mãos em seu rosto e me encara, antes de sair do apartamento.

— Que merda é essa? — O meu irmão questiona. — Emily veio até aqui e foi recebida daquela forma?

— Aquela maldita é uma das culpadas pela prisão do meu irmão. — Penélope declara.

Leon me encara, já sabendo que fui eu que disse isso e ele manea a cabeça para os lados.

— Ela é a sua amiga, Penélope. — Leon a lembra.

— Não é mais, desde que arruinou a vida do meu irmão.

— Não tente concertar a situação, Leon. Eu estava na delegacia e vi que ela acredita que o Dom tenha matado a Margareth.

— Ela sabe que o Dom não matou a senhora Lewis.

O meu irmão enfatiza o ‘senhora Lewis’, pois eu falei de uma forma íntima. Eu o ignoro e olho para a Penélope, que além de estar triste, ela está transtornada com a situação.

— Você irá ficar alguns dias lá em casa. — Anuncio.

— A sua mãe já ligou, informou que eu devo ir para lá, a que ficar aqui sozinha.

— Pegue a sua mochila, por favor. — Leon a pede.

Penélope acena e se afasta. Percebo o meu irmão me encarando.

— Por que está me olhando assim?

— Você está ficando louco? — Ele me questiona.

— O que de mal eu fiz?

— Se a Emily veio até aqui é porque ela acredita que o Dominic é inocente e queria ficar próxima a Penélope.

— O quanto mais longe ela estiver, é melhor.

Penélope aparece na sala, segurando duas mochilas e eu as pego. Saímos do seu apartamento, a Penélope tranca a porta e a encara por longos segundos.

— O que foi? — Leon a questiona.

— Eu deveria ficar, pois pode acontecer uma mudança e o Dom sair de repente...

— Pen, ele não vai sair... — Os seus olhos se enchem de lágrimas e eu decido completar a frase, para amenizar a sua dor, ou pelo menos tentar. —, sem nos avisar.

Ela acena e sai andando. Eu respiro fundo e vou atrás dela. Olho para o meu irmão e analiso o que aconteceu. Ele saiu, falando que iria levar a Lola até a casa da Lauren, contudo, voltou rapidamente e flagrou a briga entre a Penélope e a Emily. Porém, eu não irei questioná-lo sobre isso neste momento, pois a minha missão agora é levar a princesinha para a nossa casa e enfim poder sentir tudo o que eu estou controlando para deixar preso dentro de mim.

[...]

— Oi. — A minha mãe recepciona a Penélope com um abraço.
— Nós vamos cuidar de você.

Penélope não consegue falar absolutamente nada, pois está chorando muito. Eu olho para a entrada da minha casa, vejo a porta aberta e o Oliver está lá. As mãos estão juntas diante do seu peito e eu vou em sua direção, carregando as mochilas da Penélope. Eu o cumprimento e noto os seus olhos vermelhos.

— Que merda de acusação! — Ele rosna.

— Essa situação foi armada, pois não tem nenhuma lógica.

Oliver concorda comigo, se afasta e abraça a Penélope. Eu entro em casa, vejo o Austin na sala de estar, conversando com o meu pai e eu vou em sua direção, após entregar as mochilas para a Rosi. Por mais que eu deseje que seja uma boa notícia, eu tenho a sensação de que não seja. Os demais se juntam a nós, a Penélope fica parada ao meu lado e encara o Austin. Eu os apresento e ela o metralha de perguntas.

— Calma. — Ele a pede. — Eu estou cuidando do caso do Turner, estou fazendo o máximo para que seja resolvido o mais breve possível.

— Você já conseguiu reunir algum tipo de prova a favor do Dom?

Ele me encera e balança a cabeça de forma negativa.

— Porém, eu preciso conversar com o dono do *Fight*, saber se ele está disposto a prestar depoimento a favor do Turner.

— Eu acho bom ele estar disposto, pois, por causa do meu irmão, muito dinheiro entrou no bolso do Anthony. — Penélope resmunga. — Tem alguma suposição de quando ele poderá ir para casa?

— Ele ficará preso até o julgamento. — Austin informa.

Eu já tinha lhe falado isso, mas entendo que ela precisa perguntar para possivelmente ter uma resposta diferente.

— Eu só quero que ele fique bem. — Ela sussurra.

— O seu irmão está bem e quer que você fique bem. — Austin tenta lhe passar um pouco de conforto. — Eu te aconselho a ter esperanças e confiar em mim, pois eu vou fazer o seu irmão ganhar a liberdade em breve.

Penélope apenas acena, eu faço um gesto para o Austin e ele me segue. Eu vou até a cozinha, me encosto no balcão e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Como a Penélope não tem estrutura para resolver alguma coisa, e como o Dominic pediu para que eu cuidasse da irmã, eu tomarei a liberdade e cuidarei de tudo referente a ela. Como por exemplo, retirar ela de uma vez por todas daquele apartamento. E ajudar ela em tudo que for necessário, pois irá demorar para acontecer este julgamento, por mais que o James possa tentar apressar. Eu volto a minha atenção para o Austin que está parado na minha frente e percebo que o meu pai se aproxima com o meu irmão e amigo.

— Eu preciso ir até a delegacia falar com o Dominic. — Anuncio.

— O delegado é insuportável, está restringindo ao máximo todo acesso ao Turner.

— Por quê? — Leon questiona.

— Porque o senhor Lewis está sendo influente nessas decisões, não? — Oliver questiona.

Austin afirma com um aceno e volta a sua atenção para mim.

— Eu tenho alguns instruções a serem passadas para você, o Turner que as me passou.

— Pode falar.

— Nós vamos fazer tudo o que for necessário para o Dominic e para a Penélope. — Oliver declara.

— Segundo o Dominic; no guarda-roupa que está no quarto dele tem um compartimento, e lá tem um envelope, aonde está guardada uma quantia em espécie. E esse dinheiro é para que a irmã vá morar em outro lugar e o velho apartamento é para ser vendido.

— Tem um apartamento em frente ao meu, alugando, o homem que morava lá se mudou na semana passada. — Oliver nos informa.

É um bom lugar, e ela estaria perto do Oliver, que irá cuidar dela como uma irmã.

— E qualquer mínima coisa que acontecer com a irmã, ele deve ser notificado, e caso seja algo sério ou grave, ele acertará as contas com você.

Leon ri fracamente.

— Ele nos cobrará satisfações independente de qualquer coisa que aconteça. — O meu irmão debocha.

Austin sorri tristemente, pois sabe que é uma situação difícil, mesmo que estejamos fazendo comentários irônicos.

— Toda vez que eu for ir falar com o Turner, eu irei avisar vocês com um dia ou algumas horas com antecedência. — Ele informa.

— Eu falo por todos aqui e até pelos amigos que não estão aqui... — Me refiro ao Noah, Lauren e Lola. —, nós vamos cuidar da Penélope. Você pode garantir isso ao Dominic.

— A única preocupação dele é em relação a isso, tudo é sobre ela.

— Eu sei. — Resmungo. — Nós vamos providenciar uma nova moradia, cuidar de tudo que for necessário. Ele não precisa esquentar a cabeça por causa dessas burocracias.

— Eu pensei que a Sarah poderia ir falar com os Lewis, já que era amiga da Margareth. — O meu pai comenta.

— Isso não seria visto como uma boa coisa. — Leon resmunga.

— Não mesmo, pois... — Austin aponta para a sala de estar. —, ali está a irmã do ‘assassino’.

— O melhor é todos nós nos mantermos afastados de qualquer coisa que ligue a aquela maldita família.

— Não fale assim, Jensen, não é algo que devemos dizer dos outros.

Entretanto, eu aprendi dizer a verdade, mas eu resolvo não debater com o meu pai.

— Sarah irá ao velório e eu irei acompanhá-la. Elas eram amigas e será estranho se a gente não aparecer lá. — O meu pai comenta.

— Eu não irei. — Leon declara.

— Não, eu não iria pedir isso a vocês. — Ele informa.

Austin se despede de nós, o meu pai o acompanha até a porta e eu encaro os meus amigos. Nós temos uma grande responsabilidade agora, por mais que a Penélope já seja praticamente uma adulta, e eu me sinto pressionado a me dedicar somente a ela. Agora eu não tenho mais a mulher que tanto mexeu comigo, eu não tenho mais a minha Maggie. Coço os meus olhos, controlando a minha vontade de chorar e escondo o meu rosto entre as minhas mãos. Por dentro, eu estou destruído, extremamente destruído. Um sofrimento profundo está tomando conta de mim, a cada minuto que se passa.

— Em breve esse mal-entendido será resolvido e o Dom estará aqui conosco.

Desejo verdadeiramente que tudo se resolva logo mesmo.

— Eu tenho o mesmo pensamento. — Oliver declara.

— Me fale mais sobre o tal apartamento. — Leon pede ao nosso amigo.

Eu me afasto deles, vou até a sala de estar e me sento ao lado da Penélope. Ela continua muito mal com a situação, e eu a abraço pelos ombros. Ela deita a cabeça em meu peito e começa a chorar novamente. Encaro o sofá na minha frente e a imagem da Maggie surge em minha mente. Ontem ela estava aqui, lindamente aqui. Sorrindo, conversando e... simplesmente existindo. Foi aqui que nós nos vimos pela última vez, foi aqui que nós nos tocamos pela última vez e foi aqui que nós nos beijamos pela última vez. Eu fecho os meus olhos com força e sinto as lágrimas escorrerem pela minha

face. Sinto alguém tocar no meu ombro, eu abro os meus olhos e vejo a minha mãe parada ao meu lado.

— Depois eu quero conversar com você. — Ela declara.

— Tudo bem.

Leon e Oliver se sentam no sofá oposto, mas a parte aonde a Maggie se sentou continua livre e é fértil para a minha mente ficar projetando a sua imagem.

— Pen... — Oliver a chama.

Ela levanta a cabeça do meu peito e o encara.

— O seu irmão pediu para que nós vendêssemos o seu apartamento e arrumasse um outro lugar para você ir morar. Na frente do meu apartamento, tem um alugando.

— Seria bom você ir morar lá, pois terá o Oliver por perto a todo momento.

— Tudo bem, assim eu não me sinto tão sozinha.

— Você nunca estará sozinha. — Declaro.

— Nós sempre vamos estar com você, como sempre estivemos. — Leon a lembra.

— Obrigada, meninos. — Ela agradece e se afasta suavemente de mim. — Eu irei procurar um emprego, irei ser responsável por mim mesma.

— Você já não deveria ter terminado o ensino médio? — Leon a questiona.

— Eu repeti algumas vezes, mas irei me formar daqui alguns dias.

— E vai entrar na faculdade, como estava planejado. — Anuncio.

— Não é a prioridade no momento.

— O seu irmão jamais aceitará essa sua decisão, porém, você tem que fazer por si própria também, realizar o que você sempre tanto quis.

— Não se preocupe com valores, nem nada. O seu irmão tem dinheiro guardado, dará para algumas coisas até você se estabilizar, e mesmo assim eu irei te ajudar em tudo.

— Nós iremos. — Oliver declara.

Ela mania a cabeça para os lados, desacredita e suspira. A minha mãe pede para a Penélope acompanhá-la e elas se afastam indo em direção aos quartos. Eu não tenho a menor ideia do que a minha mãe possa querer conversar comigo, porém, eu não tenho cabeça para isso. Eu só quero resolver o mais rápido possível todos os problemas relacionados aos Turner e depois irei tentar organizar a minha mente. E eu preciso ter uma conversinha com o Anthony, ele pode e deve testemunhar a favor do Dom. Contudo, se ele disser que não pode, eu irei ter a certeza de que o Lewis tem influência sobre esta decisão.

— Eu vou até ao *Fight*, conversar com o Anthony. — Anuncio.

— Eu não tenho coragem de pisar naquele lugar, não enquanto tudo isso estiver acontecendo com o Dominic. — O meu irmão comenta.

— Eu não irei lá. — Oliver informa.

Certo, sobrou apenas para mim ir até lá e confrontar o Anthony. Bato as mãos nos meus joelhos e fico de pé.

— Por favor, veja o assunto do apartamento e me informe sobre tudo o mais rápido possível. — Peço ao Oliver.

— E aonde você vai? — Ouço o meu pai me questionar.

Eu giro o meu corpo sobre os meus calcanhares e o encaro.

— Eu vou no apartamento do Dom e depois eu irei falar com o Anthony.

— Não mesmo. — O meu pai nega de imediato. — Pode ser prejudicial ao Dominic, pois podem achar que você está tentando coagir...

— Não! Eu irei lá falar sobre a nossa saída do *Fight*.

Ele continua a me encarar desconfiado, mas acena concordando. Eu ando pela casa, a procura da Penélope, a encontro no quarto de hóspedes na companhia da minha mãe e ouço elas conversarem sobre a Emily. A minha princesinha está extremamente revoltada com a Lewis, quer distanciamento total e tudo está ocorrendo como o meu planejado. Independente da decisão do juiz sobre o Dominic, eu irei começar a investigar e tentar descobrir quem realmente foi o assassino. Aliás, eu vou tentar

provar que o James é o real assassino, que ele matou a própria esposa após ela pedir a separação.

— Ouvindo a nossa conversa? — A minha mãe me questiona.

— Jamais. — Resmungo e olho para a Penélope. — Eu vim apenas informar que estou indo até o seu apartamento.

— Por quê?

— Dominic me deu algumas instruções através do Austin.

Penélope cruza os braços em frente ao corpo e me olha com atenção.

— Quais?

— Pegar o dinheiro que ele tem guardado dentro do guarda-roupa e depois vender o apartamento.

— Sobre vender o apartamento você já tinha me falado.

— Eu preciso ir pegar o dinheiro.

— Tudo bem. — Ela me entrega a chave. — Você acha que eu já deveria ir para lá guardar os pertences que irei levar para o novo apartamento?

— Ainda não, pois o Oliver ainda vai descobrir sobre o novo apartamento.

Ela apenas acena, eu dou um beijo no topo da sua cabeça e acaricio os seus ombros.

[...]

Procuro pela chave entre as outras duas presas no pequeno chaveiro, a coloco na fechadura e destranco a porta.

— Jensen.

Ouço alguém me chamar, eu olho para o final do corredor e vejo o Noah vindo na minha direção. Nós nos cumprimentamos e entramos no apartamento. A ausência do Dominic é gigante e eu sinto muito por tudo isso o que está acontecendo, porém, eu avisei que era melhor ele se manter longe da Lewis. Entretanto, eu imaginei que o meu amigo seria prejudicado em relação a sua carreira, e não ser privado de sua vida.

— Ficou sabendo, né?

— Eu fiquei em choque quando soube. — Ele suspira e olha ao redor. — E a Penélope, aonde está?

Ignoro a sua pergunta quando as lágrimas surgem em meus olhos, sinto as minhas pernas fraquejarem e eu me sento no velho sofá.

— Margareth morreu.

Noah coloca a mão em meu ombro e o aperta.

— Eu sei, meu amigo, eu sei.

As lágrimas começam a correr pelo meu rosto, eu curvo o meu corpo para frente e cubro o meu rosto com as minhas mãos. O choro compulsivo tomou conta de mim e eu não vou conseguir parar. A dor é gritante, é como se eu sentisse o meu peito sendo rasgado sem nenhum tipo de anestesia. Hoje era para ser um dia totalmente diferente, nós íamos nos encontrarmos e iríamos comemorar a sua libertação daquele maldito.

Eu a perdi, fisicamente, porém, ainda há muito dela dentro de mim. Nas minhas lembranças e no meu coração, pois perdê-la realmente seria deixar ir a parte dela que existe em mim. E assim, eu me perderia também. Se realmente o James a matou, ele matou um pedaço de mim também. Independentemente de quem tenha a assassinado, assassinou uma parte de mim.

Eu irei sentir falta das nossas transas, das nossas conversas, e até dos nossos silêncios, partilhados lado a lado, eu vou sentir até falta da indecisão de não saber se eu poderia ajudá-la ou não ao se livrar daquele maldito. Se ela tivesse tomado as decisões corretas há semanas, nada disso estaria acontecendo hoje, pois nós já estaríamos muito longe daqui e ela estaria segura. Talvez eu não estivesse junto, para protegê-la, porém, seria melhor saber que ela estaria ao meu alcance a qualquer momento, do que saber que ela está agora, dentro de um caixão.

A verdade é que eu queria, que queria tentar, eu iria me arriscar em dar um grande salto em minha vida, e ainda que eu pudesse cair, o pouco que estaria vivendo ao lado dela, valeria o tombo que pudesse surgir após algum tempo. E o tombo veio, muito antes da hora e de uma maneira que eu jamais consigo acreditar, e principalmente, aceitar.

— Dói demais. — Sussurro.

— Eu imagino, aliás, eu não consigo imaginar.

— James a matou.

Eu encaro o meu amigo e flagro a surpresa em seu olhar.

— Como assim, Jensen?

— Ela tinha pedido a separação.

— Apenas por isso ele faria essa bobagem?

— Eu não sei, mas é possível que sim.

Seco o meu rosto molhado com a barra da minha camiseta, e soluço. Noah continua a me olhar, sem nenhum tipo de reação, e eu me afasto. Ainda estou na beira do precipício, porém, continuar surtando não irá me ajudar em nada. Eu vou até o quarto do Dom, abro as portas do guarda-roupa e vasculho cada centímetro, em busca do compartimento citado por ele. O encontro, abro-o e pego o envelope. Vejo o Noah parado na porta do quarto e eu peço para ele me ajudar. Separo as notas e as contamos duas vezes para temos certeza do valor – quinze mil dólares. Será de grande ajuda para a Penélope, para iniciar a sua nova vida, mesmo que eu vá ajudar sempre, ela precisando ou não.

— O que irá acontecer agora? — Noah pergunta.

— Irei vender este apartamento, a Penélope vai ficar alguns dias na minha casa e teremos que aguardar o julgamento do Dom.

— Irá acontecer em breve, né?

Nego com um aceno de cabeça e ele suspira.

— E agora eu vou até o *Fight*, preciso conversar com o Anthony.

— Você vai conseguir ir até lá? — Noah me questiona. — *Ela* foi assassinada lá.

— Eu sei disso, mas eu preciso falar com o Anthony.

— Você irá sair do *Fight*?

— Eu e os rapazes. — Lhe informo. — Você irá continuar lá?

— Impossível! — Ele declara. — Seria como se eu estivesse traindo o Dom.

Eu guardo o dinheiro de volta no envelope, o coloco no bolso interno do meu casaco e saímos do apartamento. Tranco a porta, coloco a chave em meu bolso e descemos as escadas de

emergência. Quando os meus pés tocam na calçada, um vento atinge o meu corpo e me dá a impressão de que eu estou sentindo a presença da Maggie. Eu sei que é uma pegadinha da minha mente. Noah permanece ao meu lado e me informa que irá me acompanhar até o *Fight*. Será difícil entrar naquele lugar sabendo que a minha Maggie foi morta lá dentro. Eu coloco as minhas mãos dentro dos bolsos da calça, e andamos calmamente rumo ao estabelecimento.

Na porta, não tem nenhuma segurança, eu empurro a porta e entramos. O local está extremamente iluminado e duas pessoas estão limpando as arquibancadas. Os meus olhos passeiam por cada canto, a procura de algum possível resquício de sangue. É uma forma de tentar acreditar que a morte dela não se passa de uma *brincadeira de mau gosto*. Sinto a mão do Noah no alto das minhas costas e ele me incentiva a continuar a andar. Todo o local está extremamente limpo, nem aquele cheiro ruim de sempre é possível sentir hoje.

Noah bate contra a porta da sala do Anthony e a abre em seguida. Ele está sentado, atrás da mesa e parece surpreso ao nos ver. Ele indica a cadeira para nós nos sentarmos, porém eu me nego e me encosto ao lado da porta.

— Eu não imaginava ver vocês aqui, assim, tão cedo. — Ele murmura. — E tenho ideia dos motivos que os trouxeram até aqui.

— Quais então? — Questiono.

— Vocês vão sair do *Fight*?

— É impossível continuar aqui em meio a este caos que está acontecendo. — Noah declara.

— Eu sei. — Anthony suspira. — Eu sinto muito por tudo isso.

— Você vai depor a favor do Dominic? — Questiono, ao surpreendê-lo.

— Eu não posso conversar sobre este assunto.

— Por quê? Lewis te proibiu?

É possível notar o meu ódio em cada fala que sai da minha boca.

— Não, é claro que não.

— Por que então, Anthony? — Questiono.

— O meu advogado me aconselhou ao não conversar com ninguém sobre este assunto, pois eu já fui chamado para prestar esclarecimentos.

— Eu preciso saber se você vai estar contra ou a favor do Dominic, o rapaz que você intitulava como o melhor lutador deste lugar.

Anthony fica me encarando em silêncio por longos segundos e quando decide me responder, a porta se abre e a raiva me domina. Eu estou cara a cara com o James, e juro por Deus, que eu sou capaz de partir para cima desse homem e matá-lo com as minhas próprias mãos.

— Brown e Davis.

Eu sinto repulsa ao ouvir a sua voz.

— Senhor Lewis, poderia nos dar licença, eu estou conversando com os meninos. — Anthony fala.

— Não, eu não posso dar licença, pois o *Fight* é meu.

— Você não deveria estar na sua casa, tendo o seu luto junto com os seus filhos?

O seu olhar recai sobre mim e um sorriso demoníaco surge em seus lábios.

— Saiam! Eu quero trocar algumas palavrinhas com o Brown.

Anthony se levanta da onde está sentado, passa entre nós e sai da sala. Eu olho para o Noah e aceno, para que ele também possa sair. O meu amigo reluta um pouco, mas acaba saindo. Eu dou alguns passos para trás, me afastando do Lewis e ele fica encostado na porta, impedindo a entrada de qualquer um e impedindo, principalmente, a minha saída.

— Eu não tenho nada a falar com você. — Rosno.

— Mas eu tenho e você vai ouvir tudo, calado.

Ele abre parcialmente o seu casaco e eu vejo o revólver pendurado em sua cintura.

— Você não me intimida. — Resmungo.

— Mas deveria, já que... — Ele faz uma pausa dramática. —, você era o amantezinho de merda da Margareth.

— Você está ficando louco, eu nunca...

— Eu irei provar que não é loucura. — Me assusto suavemente quando ele joga um envelope sobre a mesa do Anthony. — Abra e veja sobre o que eu estou falando.

Estico o meu braço em direção a mesa, pego o envelope e o abro. São fotos, muitas fotos que provam o meu envolvimento com a Maggie. Algumas mostram nós nos encontramos no posto de gasolina, outras mostram o meu carro entrando no motel, tem também fotos do dia que nós nos encontramos brevemente no bar e até mesmo, eu conversando com ela na porta da minha casa. Eu jogo o envelope sobre a mesa e decido entrar no seu joguinho.

— E daí? Essas fotos provam que você é um corno fodido.

Ele ri, amargamente.

— Você é muito audacioso ao tentar me enfrentar.

— Eu só estou jogando a verdade na sua cara. — Sorrio debochado. — O que você quer? Quer que eu diga que sim; eu transava com a sua esposa, fazia mil e uma coisas com ela em cima e fora da cama?

Noto o James ficar cada minuto mais irritado comigo.

— Eu entendo que a Margareth quis se aventurar com um menino, mas ela sempre preferiu um homem de verdade para se sentir mulher.

— Ela sempre foi uma ótima mulher, nunca precisou de algum homem, pois ela era quem queria realmente ser quando estava consigo mesma e quando estava com alguém que lhe incentiva a ser que ela realmente era.

— Mas era comigo que ela era aceita diante de todos e elogiada.

— Mas o que adiantava isso e não ter um homem de verdade ao lado? Um homem que não dava prazer a ela? Um merda que não sabia valorizar a mulher que ela era? — Questiono ao dar um passo na sua direção. — Eu sabia fazer tudo isso e muito mais, e ela gostava muito e sempre pedia por mais.

O rosto do James fica vermelho de raiva, dá um passo na minha direção e ficamos cara a cara.

— Eu poderia muito bem enfiar uma bala no meio da sua cara nesse segundo...

Eu abro os meus braços e lhe direciono um sorriso debochado.

— Isso, me mate, da mesma forma que matou a Maggie.

Ele fica em choque por poucos segundos, dá um passo para trás e ri.

— O seu amigo a matou.

— Dominic jamais faria isso!

— Não é o que as provas dizem.

— Provas falsas e manipuladas.

Ele dá de ombros e reúne as fotos sobre a mesa, mas as larga em seguida.

— Fique com essas fotos, assim poderá sofrer menos com a ausência da MINHA ESPOSA.

E assim, ele sai da sala e o Noah entra correndo, para ver se eu ainda estou vivo.

— O que ele queria? O que ele fez?

Reúno as fotos sobre a mesa e as guardo no envelope, antes de colocar no meu bolso.

— Ele sabia do meu caso com a Margareth.

— Ele te ameaçou?

— Só um pouco, mas eu o enfrentei.

— Jensen. — Noah me repreende.

— Vamos embora.

[...]

Eu não sei quantos litros de uísque eu já bebi e nem quantas garrafas eu já sequei, enquanto eu olho as fotos. Desde que eu cheguei do *Fight*, decidi ficar recluso em meu quarto, me dando o direito de sofrer a minha perda, sofrer o meu luto. Margareth Lewis era o amor da minha vida, mas não foi o amor para a minha vida. Existe uma grande diferença entre esses dois. O amor da sua vida é aquele que, te cega e te faz enxergar, te machuca e na dor é o único consolo que você espera. O número que você liga quando bebe, a pessoa que você pensa quando escuta aquela canção! É o seu “quase” mais certo, mesmo nunca dando certo.

E já o amor para a sua vida, é aquele que, é certo, que é recíproco, que tem diálogo, e maturidade. É aquele que te aquece ao invés de pegar fogo, que te segura a mão ao invés de fazer você correr atrás, é aquele que te faz ter uma noite tranquila de sono, pois, está sabendo que a pessoa só tem olhos, boca e coração para você, sem aventura, sem sustos, sem a “adrenalina” no quase. Desde o início, eu sempre soube que em algum momento nós poderíamos não dar certo e era exatamente isso o que eu preferia, a que ter ela retirada de mim de uma forma tão brutal como aconteceu. Era melhor estarmos separados, e ela estar viva, a que estarmos separados, com ela morta. E agora, aonde quer que eu for, eu a levarei comigo.

E o amor está por aí, mas é tão raro encontrar alguém que saiba e queira amar.

— Jensen... — Ouço a minha mãe me chamar e esmurrar a porta do meu quarto. —, venha comer alguma coisa.

Não é a primeira vez que ela tenta fazer com que eu saia deste lugar, e eu sei que em breve irá se cansar, fazendo com que, entenda que eu não quero nenhum sair daqui. Eu não vou sair deste quarto, pois, eu não quero encarar ninguém e ter que lidar com os questionamentos. Os meus olhos estão vermelhos e inchados de tanto chorar. O buraco em meu peito só faz aumentar quando a dor se torna mais real. Eu queria ter o poder de mudar tudo, eu queria ter o poder de voltar no tempo.

Pego a garrafa de uísque, observo o líquido e repenso em continuar a beber. Foda-se! Hoje eu irei fazer o que eu quiser, sem ficar pensando nas consequências. Entretanto, amanhã eu terei que enfrentar a todos e voltar a minha rotina, como se eu não tivesse perdido um amor, como se eu não estivesse afetado pela sua perda. Amanhã é o meu primeiro dia na agência no novo cargo e grandes responsabilidades terei que carregar em minhas costas.

Antes que eu possa virar o líquido em minha boca, me assusto ao ouvir batidas e olho para o meu lado oposto. Eu não fechei as cortinas da porta de correr, que dá acesso a área externa. O meu irmão está ali, parado me encarando. Noah e Oliver estão ao lado. Lola e Lauren estão aqui em casa, e devem estar cuidando da

Penélope, já que a minha princesinha continua extremamente triste. Eu me levanto da cama após guardar todas as fotos de volta no envelope, ando na direção da porta e a destranco. Eles entram no meu quarto, Leon faz uma cara de desaprovação e pega a garrafa da minha mão.

— Amanhã nós iremos trabalhar e você aqui, bebendo.

— Me deixe em paz, Leon!

Caio de costas em minha cama e encaro o teto.

— Noah nos contou que você conversou com o Anthony. — Ouço o Oliver comentar.

— Ele me disse que não pode falar sobre o assunto do assassinato.

— Quem o instruiu a isso? — Leon questiona.

— Segundo ele, o advogado, porém, eu duvido. — Me sento na cama, pego a garrafa da mão do meu irmão e bebo mais um gole. — Aonde a Penélope está?

— No deque com a nossa mãe e com as meninas.

— E como ela está?

— Melhor, mas ainda muito triste. — Oliver responde.

— E você já viu sobre o apartamento?

— Só amanhã eu vou conseguir ver isso.

— Certo. — Resmungo antes de beber mais um gole.

— E por que você está aqui, isolado e bebendo? — Leon me questiona.

— Porque eu quero.

Ele percebe que eu não estou a fim de conversar, levanta as mãos em sinal de redenção e sai do meu quarto.

— Penélope irá para a casa da Lola depois de amanhã, mas até lá já estará tudo acertado sobre o novo apartamento. — Oliver me informa.

— O mais breve possível, para que eu possa ir comprar os móveis.

— Ela já decidiu o que fará com o dinheiro que o Dominic deixou? — Noah questiona.

Antes de eu vir ficar recluso no quarto, eu conversei brevemente com a Penélope e lhe informei sobre o dinheiro. E

decidimos que eu ficarei responsável, pois é uma quantia alta. O dinheiro será para lhe sustentar, em relação a faculdade especificamente. O primeiro depósito do aluguel e a compra do mês será feita com ela, e o restante ficará guardado para quando ela iniciar a faculdade. Penélope me informou que assim que estiver liberada do ensino médio, ela irá procurar um emprego e não quer a minha ajuda nesse quesito.

— Está na minha responsabilidade.

— Eu vou ir me despedir dela e depois vou para casa. — Oliver nos informa e se despede de nós. — Até amanhã, na agência.

Ele se vai e eu noto o Noah me encarando.

— Está tudo bem? — Antes que eu possa lhe responder, ele ri sem humor. — É claro que não está! Pergunta idiota.

— Eu queria poder mudar os acontecimentos. — Resmungo. — Ela poderia ter deixado eu ajudá-la.

— As coisas aconteceram da forma que deveria, não fique remoendo o que poderia ter sido feito ou não.

Me calo, olho para a área externa e vejo a Penélope se aproxima junto com a Lauren. Uma se senta no meu lado esquerdo, a outra no direito, e a minha princesinha deita a cabeça no meu ombro.

— Você está confortável aqui, mesmo com a minha mãe estando sempre conversando?

— A sua mãe sempre foi uma pessoa maravilhosa.

— E eu já vou embora. — Noah anuncia.

— Eu também. — Lau informa.

— Eu levo vocês.

— Você bebeu muito. — Ela me lembra.

— Mas estou em ótimas condições para dirigir.

— Não, Jensen. Você vai ficar e nós vamos com a Lola.

— Tudo bem.

Reviro os meus olhos, me levanto da cama e passo o meu braço em volta do pescoço da Lauren. Nós saímos do meu quarto, percebo a minha mãe sentada no sofá da área gourmet junto com o meu pai e eles estão nos olhando. Passamos pela lateral da casa,

vejo de longe que o meu irmão está encostado no carro da Lola e eles estão se beijando. Beijar me lembrar a Maggie, que me dá ainda mais saudades.

— Você vai cuidar da Pen, né? — Lau me questiona.

— Eu não acredito que está me perguntando isso.

Me finjo de ofendido e ela ri.

— Eu sei que vai, mas só queria uma confirmação.

Eu dou um beijo na sua têmpora e aperto o seu corpo contra o meu. Os seus braços passam pela minha cintura, a sua cabeça se encosta na minha e eu a ouço chorar baixinho.

— Ei, tudo vai ficar bem e todos nós estaremos reunidos com o Dominic.

— Eu soube pela Penélope que a Emily teve uma parcela de culpa, porém, a Lola nega que isso possa ter acontecido.

— Só esqueça a Lewis e vamos ser como sempre fomos, apenas nós.

Ela acena concordando, segura o meu rosto entre as suas mãos e dá um beijo na minha bochecha. Eu a observo entrar no carro da Lola, eu aceno para a minha cunhada e bato o meu punho contra o do Noah. Penélope entrelaça o seu braço, nós andamos rumo a área externa dos fundos da casa. O meu pai me chama, a Penélope se afasta ao avisar que irá beber água e eu vou enfrentar os meus pais sozinho. Paro há alguns metros deles, cruzo os meus braços em frente ao corpo e fico em silêncio.

— Eu já assinei a contratação do Oliver. — O meu pai anuncia.

— Eu iria fazer isso.

— Eu sei, mas decidi eu mesmo fazer isso.

— Por quê? Você está relutante a essa contratação.

— Estava porque dois dos meus filhos e *funcionários* indo ao *Fight* já era demais para mim, ter o Oliver dividido entre a agência e as lutas não estavam sendo vistos de uma boa forma pelos meus olhos.

— E agora que nós estamos longe de lá, você achou que seria bom ter ele conosco.

— Não, Jensen. — Ele nega de imediato. — Eu estava relutante porque nunca na empresa teve alguém de fora.

A agência Brown & Brown foi fundada pelo meu pai e tio há muitos anos, eles sempre estiveram no comando de tudo e o meu pai ficou sozinho cuidando da empresa quando o meu tio decidiu se aposentar e ir viajar pelo mundo. E agora, tendo eu e o meu irmão a frente da agência, nós mudamos essa tradição que sempre esteve apenas a família trabalhando. Contratamos uma nova secretária, a Ky e, o Oliver será um dos representantes, terá as mesmas funções que eu e o Leon.

— Eu sei, pai, mas se eu e o meu irmão escolhemos colocar o Oliver conosco foi porque sabemos que é o certo a ser feito. E, porque eu sei do quanto que ele precisa.

Os meus pais gostam bastante de todos os meus amigos, tem um carinho enorme por cada um e em breve ele verá que nós fizemos boas escolhas. Eu olho para a minha mãe e percebo o seu olhar analisador sobre mim.

— Você está bem? — Ela me questiona.

— Estou tentando, é uma situação muito complicada.

— Temos que ter esperança de que o Austin conseguirá resolver essa situação em breve.

Apenas aceno e dou alguns passos para trás, me afastando.

— Terá velório?

— Amanhã, às dez horas da manhã.

— E senhora irá?

— Ela era a minha amiga.

Isso já responde a minha resposta e eu me afasto totalmente. Entro em casa através da porta da sala de estar, eu procuro pela Penélope e a encontro na cozinha, conversando com a Rosi. Eu dou um beijo no topo da sua cabeça, lhe desejando boa noite e que ela mantenha a esperança. Aceno para a governanta e vou para o meu quarto. Fecho a porta e encaro a garrafa no chão. Eu não irei mais beber hoje, pois está ficando tarde e eu tenho muito a que resolver amanhã. Fecho a porta que dá acesso a área externa da casa, fecho as cortinas e enfim tenho a minha privacidade. Eu entro no banheiro, retiro a minha roupa e ligo o chuveiro. A água morna cai sobre o meu corpo, relaxando os meus músculos e fazendo a minha mente vagar.

Estar cara a cara com o James, não me deixou amedrontado, na verdade, eu me sentir mais confiante para enfrentá-lo, mas ao mesmo tempo, tentando manter o controle, pois eu queria matá-lo com as minhas próprias mãos. Eu poderia ter falado muitas outras coisas, contudo, eu preferi *guardar munição*, pois sei que ainda vamos nos encontrar por mais vezes e ele irá querer me intimidar, porém, eu não serei um frouxo ao me acovardar. Eu vou enfrentá-lo e em breve eu vou atrás de conseguir provas que ele é o verdadeiro assassino. E quando eu conseguir provar isso, vou querer saber o motivo dele ter assassinado a mulher da minha vida.

[...]

Nas primeiras semanas, eu senti falta do corpo dela, e para suprir a sua falta, eu topava de tudo. Virei madrugadas em motéis, e até no banco de trás do meu carro. Nos meses seguintes, eu senti falta dos detalhes; das pintas em sua pele, do seu perfume, do gosto da boca. Depois, comecei a sentir falta dos nossos encontros escondidos, das conversas, dos cigarros que fumávamos juntos, e dos vinhos que ela sempre escolhia como ninguém. Das mensagens, das nossas piadas internas, dos assuntos e dos problemas que dividíamos um com o outro.

E com isso, as minhas saídas se tornaram mais frequentes e muitas mulheres passaram pelo banco de trás do meu carro, e gastei rios de dinheiro nas idas, quase diárias, aos diversos motéis. Contudo, quanto mais eu tinha esse tipo de atitude, mais saudade eu sentia. Eu sentia saudades dos abraços, dos silêncios, do olhar. Senti falta da conexão que a gente tinha, da forma como um só sorriso ou deboche já era capaz de incendiar tudo dentro de mim.

Senti saudade da presença, de como era estar ao lado dela, da voz e do efeito que ela causava em mim, senti saudade de pegar em sua mão, de sentir seu perfume e me sentir completo. E com tudo isso eu aprendi que, eu deveria valorizar enquanto eu a tinha. Não deveria esperar virar lembrança para dar valor, para dizer que a ama. Eu deveria ter falado que a amava enquanto eu tinha tempo, e não ter esperado pelo amanhã, porque o amanhã a gente nem sabe

se vai chegar e eu só me dei conta disso, naquela manhã de domingo. O meu vício pelo cigarro aumentou drasticamente, e ficou mais explícito. Eu não faço questão de esconder.

— Tem notícias do Dominic? — Ouço o Oliver me questionar.

— Eu irei visitá-lo amanhã.

Dominic foi transferido para a penitenciária há algumas semanas, ainda não tem uma possível data para o julgamento acontecer e é extremamente dolorosa essa demora para a Penélope. Ela já está morando sozinha há algum tempo, o seu apartamento fica em frente ao do Oliver, e ele sempre está por perto. Ele a busca na faculdade que é no período noturno e até passa a noite no mesmo apartamento. A minha princesinha tem se sentindo muito sozinha, mesmo que eu fale com ela diariamente e a veja nos finais de semana.

— Austin deveria agilizar o julgamento.

— Ele já tentou, porém, não conseguiu.

Ele suspira e bebe um gole do seu suco. Nós viemos almoçar, o Leon ficou na agência, pois estava atendendo um novo cliente. Eu coloco a mão no meu bolso e pego o meu maço. Coloco um cigarro na boca e o acendo com o isqueiro. Oliver me repreende com o olhar, porém, não me fala absolutamente nada. Ele e os demais estão cansados de tentarem conversar comigo e eu estou cansado de ficar fugindo dos assuntos que me desagradam.

— Antes que eu me esqueça... — Ouço o Oliver sussurrar e me entrega um papel, recém retirado do seu bolso. —, Penélope escreveu um nova carta.

— Eu vou entregar para o Dominic.

A guardo no meu bolso e trago a fumaça.

— E como a Penélope está? — Questiono. — Nós conversamos todos os dias, mas eu realmente não consigo acreditar que ela está bem.

— Mas ela está, na medida do possível.

— Eu pretendo ir até lá, depois que eu chegar de São Francisco.

— Ela está afoita para saber do irmão.

— E eu queria muito poder trazer ele para casa, porém, eu sei que não é possível.

— Infelizmente. — Ele resmunga. — Eu estive pensando que nós deveríamos fazer alguma coisa, sei lá, sair para algum lugar, na intenção de animar a Penélope.

— Ela tem aula hoje?

— Tem.

— Vê com ela se quer ir a algum lugar antes ou depois.

— Tudo bem.

Nós nos levantamos da mesa após eu apagar o meu cigarro, nós pagamos a conta e andamos rumo de volta a agência. Eu olho ao redor, observando as pessoas que passam do nosso lado e eu olho atentamente para os rostos de todas as mulheres. Parece que eu estou em busca de encontrar a Maggie e sempre é assim, quando eu estou andando nas ruas, eu tento encontrar o seu rosto em meio à multidão, tentando saber que ela está viva e escondida por aí.

Chegamos a agência, eu vou diretamente para a minha sala e fecho a porta, querendo o máximo de privacidade possível. Pego o meu pequeno molho de chaves, encontro a menor entre todas e destranco a primeira gaveta da minha mesa. Pego o pequena caixinha, abro-a e sinto o meu peito se apertar. Entre todas as fotos guardadas aqui, eu pego uma em especial e fico a observando. O detetive ou sei lá quem o James colocou para seguir a Margareth, deveria seguir a carreira de fotógrafo, pois, essa foto é simplesmente linda.

Eu estou parado próximo ao portão da minha casa, a Maggie está parada na minha frente e eu estou acariciando o seu rosto. Por mais que ambos estejamos de lado, é possível notar quem somos nós. E eu iria amar emoldurar a maioria dessas fotos. Olhar cada uma faz a saudade aumentar, contudo, se eu não as olho, eu sinto muita dor que é causada pela sua perda. Ouço alguém bater contra a porta da minha sala, eu guardo a foto e autorizo a entrada. Oliver coloca apenas a cabeça para dentro e sorri animado.

— Eu falei com a Penélope e ela me disse que não terá aula hoje.

— Você sugeriu que nós poderíamos sair?

— Sim.

— E ela? — Questiono sem paciência, pois ele poderia falar tudo de uma vez só.

— Achou uma boa ideia.

— Avise o meu irmão, por favor.

Ele concorda e sai da minha sala, fechando a porta.

Sair hoje, não quer dizer que eu vá agir como fiz nas minhas últimas saídas, nesses meses que se passaram. Hoje eu não irei me envolver com ninguém, estarei com toda a minha atenção voltada a Penélope e a minha ida a São Francisco amanhã. Ignoro a minha mente, as lembranças que ela projeta e eu volto a trabalhar. O tempo corre rapidamente, enquanto eu atendo clientes e faço novas vendas. Quando eu me dou conta do tempo, o meu irmão já está batendo na minha porta, avisando que todos já se foram. Não organizo a minha mesa, apenas saio da minha sala e em segundos entro no meu carro.

Dirijo em direção a minha casa, tendo o meu irmão na minha cola. Acelero um pouco mais e ele segue o meu ritmo. Logo estou estacionando dentro da propriedade, desço do meu carro e entro em casa. Dou de cara com a minha mãe, beijo o alto da sua cabeça e vou para o meu quarto. Até hoje, eu não sei o que ela queria conversar comigo e prefiro não saber. Ela foi ao velório da sua amiga, e comentou comigo que foi extremamente sofrido, pois a Emily não aceitava o que aconteceu, simplificando, ela estava inconformada em estar enterrando a mãe. Eduard, se manteve ao lado da irmã, a amparando. Já o James, não demonstrou nenhum sentimento, nem se quer fingiu que estava sofrendo. E eu esperava exatamente isso. Semanas depois, ele deixou ainda mais exposto a sua relação com a amante, que já não era mais amante.

[...]

— Mesa externa não. — Leon ordena num resmungo.

— A lua está linda. — Penélope comenta.

Nós nos sentamos na mesa após adentrar no restaurante, o garçom nos entrega os cardápios e se afasta. Penélope está sentada na minha frente, o Oliver ao lado e a Lola ao lado dele. Leon está na frente da namorada, e a Lauren está ao meu lado. E o Noah, sentado na ponta da mesa, ao meu lado direito. Nós iremos jantar, mas nem por isso eu vou abrir mão de beber algo alcoólico. Como todos irão trabalhar amanhã, eles decidem beber algo mais suave e fazemos os nossos pedidos ao garçom.

— Nós deveríamos sair mais vezes, estamos muito distantes uns dos outros. — Lola comenta.

— Está corrido para todos nós. — Penélope comenta.

— Como está no trabalho?

— Bem.

— E o apartamento?

— Bem, também. — Ela sorri. — Oliver sempre está lá em casa.

— Eu não gosto de te deixar sozinha. — Oliver declara.

— E nem é bom que fique.

Penélope me direciona um singelo sorriso. Eu estico a minha mão sobre a mesa, seguro em sua mão e acaricio os nós dos seus dedos. Todas as vezes que eu visitei o meu amigo nos últimos meses, ele sempre questiona se a irmã tem raiva dele e a minha resposta sempre é a mesma; não.

— Amanhã você irá visitá-lo?

— Irei.

— Eu escrevi uma carta...

— Eu sei, já está comigo e eu vou entregar para ele.

— É a única forma de nós nos comunicarmos, já que eu não posso visitá-lo. — Ela resmunga.

Retiro o meu braço da mesa, quando o garçom se aproxima, ele serve a bebida de todos e por último coloca o meu chope sobre a mesa, bem na minha frente. Eu bebo um generoso gole e tento prestar atenção no que os meus amigos conversam, porém, os meus olhos estão fixos na janela à minha frente. Eu continuo a procurar o seu rosto em meio à multidão, mas sei que essa minha busca sempre será em vão.

— Faz quantos meses que o Dom está preso? — Ouço a Lauren questiona.

— Oito, malditos, meses. — Penélope responde.

As lágrimas atrapalham a minha visão e eu abaixo o meu olhar. Noah toca em meu braço, chamando a minha atenção e eu o encaro.

— Tenta disfarçar a dor que está vibrando através dos seus olhos. — Ele me aconselha.

— Ela não sai de mim, nem por um segundo, assim como *ela* não sai do meu pensamento.

— Você gostava demais dela, não é? — Ele me pergunta.

— Muito.

— Era o amor da sua vida?

Nego com um aceno e um sorriso triste domina os meus lábios.

— Tem amores que não são para a vida, e eu e ela somos a prova viva.

Noah franze o cenho, me deixando confuso e eu repenso na minha frase. Certo, apenas eu sou a prova viva e ela... Respiro fundo e afasto esse pensamento, pois eu não quero deixar o meu sofrimento aparente, diante de todos. Beber, rodar esta cidade, fumar e chorar são coisas que eu faço na intenção de diminuir o sofrimento que existe no meu peito há mais de oito meses. Oito meses que eu a perdi, oito meses que estou vivendo esse ciclo vicioso, e oito meses que o meu amigo teve a vida interrompida, ao ser colocado atrás das grades.

E nesse tempo que se passou, eu soube que a Emily continua inconsolada com o que aconteceu, entretanto, ela mergulhou de vez na má índole do pai. Está envolvida na máfia, resolve algumas burocracias e faz o traslado do tráfico de armas e drogas. Nunca mais vi ninguém daquela família, muito menos coloquei os meus pés no *Fight*. Eu soube que aconteceu uma reforma drástica naquele lugar, que está praticamente sobre o comando dos Lewis, porém, nenhum deles frequentam lá. Contudo, a Emily tentou visitar o meu amigo por muitas vezes e todas foram negadas.

Decido ir fumar, já que a comida ainda não nos foi servida. Peço licença, me levanto da mesa e saio do restaurante. Dou alguns passos, até ficar na frente do estabelecimento lateral que está fechado, pego o maço no meu bolso e acendo o cigarro após colocá-lo em minha boca. Trago devagar enquanto observo ao meu redor. Após a morte da Maggie, eu nunca mais fui aos lugares que nós íamos juntos ou nos encontrávamos. Por exemplo, eu não fui mais a aquele bar, aonde ela me encontrou após eu enviar a minha localização, eu não fui mais ao shopping, naquele que eu a vi com o maldito e não fui mais ao motel que sempre íamos. Eu suponho que nesses meses que se passaram, eu fui a todos os motéis existentes aqui na cidade e alguns existentes em Santa Mônica.

— Por que você está tão distante de todos nós?

Olho para o meu lado esquerdo e vejo a Lauren se aproximar de mim. Sopro a fumaça e apago o meu cigarro.

— Eu vim fumar.

— Isso eu notei claramente. — Ela revira os olhos.

— Então por que a pergunta?

— Você entendeu exatamente sobre o que eu me referi.

Sim, porém, estou fingindo que não.

— Não é nada, Lau.

— Você está bem? — Assinto diante do seu questionamento.

Ela se aproxima mais um pouco, acaricia o meu braço e observa a movimentação que está do outro lado da rua. Lauren tem dezenove anos, cursa jornalismo junto com a Penélope e nós nos conhecemos há anos. Eu nunca a olhei de outro modo, sem ser um olhar simples de amigos, contudo, hoje eu estou a olhando de uma forma diferente e sei exatamente o porquê disso. Lau está usando uma calça jeans, justa ao seu quadril, uma camiseta estranha, que deixa parte do seu ventre a mostra, pois está amarada perto do vão entre os seus seios e uma jaqueta de couro por cima. Eu estico o meu braço em sua direção, coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha e ela me olha.

— Você não acha que essa camiseta, ou seja, lá o que for, está te deixando muito oposta?

— Oposta? — Ela questiona ao ri.

— Exposta. — Corrijo-me.

— Não. — Ela responde num resmungo e observa a própria roupa.

— Eu acho que sim.

Eu não consigo retirar os olhos do seu decote e me amaldiçoo por isso. Lauren é a minha amiga, apenas minha amiga. Eu levanto o meu olhar e percebo que fui pego no flagra.

— Deveríamos entrar.

— É, deveríamos.

Ela sai andando na minha frente e eu me obrigo a olhar para o lado oposto. Encaro o céu por alguns segundos, suspiro e vou para dentro do restaurante. Me sento de volta no meu lugar, bem ao lado da Lauren e bebo mais um gole do meu chope. O garçom serve os nossos pedidos, e nós começamos a comer. Olho para o meu lado esquerdo e observo a Lau, sorrindo e conversando com a amiga. Eu sou podre demais, por estar a olhando de uma forma inapropriada.

— Já que nós estamos aqui, eu queria aproveitar este momento e fazer um anúncio, ou melhor, pedido. — Leon declara, ao chamar a nossa atenção.

— O que, amor? — Lola o questiona.

Eu franzo o meu cenho sem entender nada, e noto o seu nervosismo. Ele se levanta, tendo a nossa total atenção.

— Eu queria pedir... — Ele olha fixamente para a namorada por longos segundos e olha para os demais. —, que momentos como esse podem se repetirem.

Ele volta a se sentar e encara o prato na sua frente. Eu continuo sem entender essa sua atitude, mas não questiono, assim como os demais.

— Nós vamos fazer isso com mais frequência. — Penélope afirma.

Eu continuo a comer, tentando não transparecer os meus demônios interiores, enquanto ouço os demais conversarem. Bebo mais um gole do meu chope e apenas aceno, quando ouço o Oliver me questionar se amanhã ele ficará cuidando dos meus afares relacionados a agência. Termino de comer, limpo a minha boca no

guardanapo e bebo o restante do meu chope. Leon me chama para ir até o bar, eu estranho, porém o acompanho.

— Você disse que não iria beber.

Aceno para o barmen, e peço uma dose de uísque.

— E não vou. — Ele resmunga. — Eu quero conversar com você.

— Se for sobre o cigarro...

— O mundo não gira ao seu torno, Jensen! — Ele rosna.

Eu fico surpreso com o seu nervosismo.

— Me desculpe.

— Eu quero pedir a Lola em casamento, porém, eu estou muito nervoso.

— Então era isso o que você iria falar naquele momento?

Ele acena suavemente e olha na direção da mesa.

— Mas eu simplesmente travei, não consegui falar. — Ele lamenta.

Eu coloco a minha mão direta sobre o seu ombro esquerdo, já que ele está de frente para mim, e lhe dou apoio.

— Vá até lá e peça. — Incentivo-o. — Lola irá aceitar no mesmo segundo.

— Eu sei.

O canto da sua boca se curva, revelando um pequeno sorriso e eu peço mais um dose, antes de voltarmos para a nossa mesa. Ouço a Penélope reclamar de sono e o Oliver avisa que eles devem ir embora.

— Esperem mais um pouco. — Peço.

Olho para o meu irmão e arqueio um sobrelancelha, o fazendo assentir. Estico o meu braço sobre o encosto da cadeira da Lauren, ela me olha e sorri. A bebida está me afetando ou eu estou ficando louco, ao sentir um pequeno desejo por ela. Inclino os meus dedos na direção da sua nuca, acaricio a sua pele sedosa e enrolo uma mecha do seu cabelo em meu dedo indicador. A sua coxa fica encostada na minha, eu respiro fundo e inalo o seu perfume. Barato e forte. O da Maggie era caro e suave. Eu a comparei com todas as mulheres que eu me relacionei após a sua morte, tentando

encontrar algo nelas que era igual ao *dela*, mas sempre foi em vão e sempre será.

— Eu queria pedir algo. — Leon informa ao fica em pé.

— O que dessa vez? — Oliver questiona.

Eu chuto a sua perna, por debaixo da mesa e ele me encara confuso.

— Eu... — Leon se cala novamente, ao buscar a calma. —, queria pedir algo importante e na presença de todos vocês.

— O que ele está querendo? — Noah me questiona num sussurro.

O meu irmão pega a caixinha de veludo em seu bolso, se ajoelha diante da namorada e sorri amplamente. Lola coloca as mãos sobre a boca e fica acena de forma positiva com a cabeça, antes mesmo de ouvir o pedido do meu irmão.

— Lola, eu poderia te dizer milhões de coisa, porém, eu quero agir da forma que nós sempre agimos; simples e direto. — Ele segura a mão esquerda da namorada. — Então, eu te pergunto; Lola, você aceita se casar comigo?

— Eu aceito!

Eles se levantam e se abraçam, após o meu irmão deslizar o anel no dedo dela. Percebo que todos presentes no restaurante, estão os aplaudindo, pois presenciaram o pedido. Lauren é a primeira a ir abraçar o casal, para parabenizaram, Oliver vai em seguida e eu olho para o Noah. Eu sei que ele não sente nada pela minha cunhada, contudo, é normal ficar sem reação diante deste acontecimento.

Qualquer pessoa ficaria surpreso e sem reação ao presenciar o seu ex ser pedido em casamento. Eu toco em seu ombro, me levanto e vou na direção do casal. Bato no ombro do meu irmão e abraço a Lola, que continua a chorar de emoção. Dou um beijo no topo da sua cabeça e me afasto. Peço para o garçom que ele nos sirva do melhor champanhe e em seguida volto a me sentar. Observo a Penélope parabenizar o casal e por último o Noah. Ele dá um beijo na têmpora dela e abraça o amigo.

— Eu fiquei emocionada. — Ouço a Lauren comentar.

— Eu fiquei surpresa. — Penélope ri.

Eu volto a ter a mesma atitude anterior, que é tocar na Laure. O garçom se aproxima, serve uma taça de champanhe para cada um de nós e brindamos a este noivado. Eu desejo muita felicidade e maturidade a ambos, e bebo o meu champanhe de uma vez, para dissipar o pequeno nó que se formou em minha garganta. Eu nunca me imaginei nessa posição, me refiro a querer casar, entretanto, eu quis ter alguém ao meu lado e esse desejo se iniciou quando eu conhecia a Margareth. Balanço a minha cabeça para os lados, me livrando desse pensamento idiota e participo da alegria do meu irmão. E tento direcionar a minha atenção a Lauren. Talvez não seja nada mal e eu estou ciente do que irei *investir*.

Passo a ponta dos meus dedos na pele de sua nuca, sinto os seus pelos eriçarem e ela continua a conversa com as amigas. Lola está toda boba, admirando o seu anel de noivado. Eu não tenho a menor ideia de quando o meu irmão decidiu que era o momento de noivar, muito menos sei se os nossos pais estão sabendo. Logo o Oliver e a Penélope se despedem de nós, e eu os acompanho até o carro, que está na rua lateral do restaurante. A minha princesinha se aconchega entre os meus braços, deita a cabeça em meu ombros e aperta os braços ao redor do meu corpo.

— Quando eu voltar de São Francisco, eu irei te ver.

— Diga ao Dominic que eu estou com muita saudade e que eu o amo demais.

— Eu tenho certeza de que ele irá me dizer o mesmo.

— Espero que ele esteja bem.

— Ele está. — Garanto.

Eu seguro o seu rosto entre as minhas mão e deposito um beijo em sua testa.

— Eu te vejo em dois dias, no máximo. — Declaro. — Tenha cuidado e me procure para qualquer mínima coisa que precisar.

— Não demore a voltar, por favor.

Nesses meses que se passaram, nós criamos algo muito em comum. O sofrimento não nos largou nem por um segundo, e em diversos momentos do nosso dia, nós damos oportunidade para que a dor nos dominar. Abro a porta do carro, ela me agradece e entra. Bato a porta ao fechá-la e observo os meus amigos irem embora.

Antes que eu possa voltar para o restaurante, vejo os demais saindo do estabelecimento e os meus olhos se fixam na Lauren. Talvez amanhã eu reconheça o quão errada será essa minha atitude, contudo, hoje, nesse exato momento, o meu interior grita para que eu ouça o meu desejo. Me aproximo deles, Leon me informa que irá para a nossa casa junto com a Lola e eu apenas aceno. Ofereço carona aos meus amigos e em seguida entramos no meu carro. Lauren decide se sentar no banco de trás, enquanto o Noah se senta ao meu lado.

— A minha casa é próxima daqui e eu poderia ir a pé. — Ouço a Lauren comentar.

— Eu prefiro te levar, é mais seguro.

Olho para ela através do retrovisor e a vejo sorri. Noah, meio que, está atrapalhando os meus planos ou está a mando da racionalidade, com a intenção de não deixar eu me aproximar intimamente da minha amiga. Em menos de três minutos eu já estou estacionando diante do prédio da Lauren, ela se despede de mim ao beijar a minha bochecha e desce do meu carro. Eu fico a observando até entrar na portaria, respiro fundo e acelero, indo rumo a casa do Noah.

— Você está melhor diante da morte da Lewis? — Ele me questiona.

— Um dia de cada vez é um bom remédio, por mais amargo que seja.

Ouço o Noah suspirar.

— Anthony me procurou.

— Na intenção de você voltar para o *Fight*? — Questiono.

— Na verdade, ele estava querendo saber do Dominic.

Reviro os olhos diante da informação dada pelo meu amigo. Anthony não ajudou muito no depoimento que deu ao delegado, porém, todos nós esperamos que esse depoimento melhore e seja de grande ajuda no dia do julgamento.

— Ele nem se quer procurou o Austin nesse tempo que se passou, para saber como poderia ajudar.

— Ele disse que seguiu as instruções do advogado.

— Ou do Lewis. — Resmungo.

- Vocês se encontraram novamente?
- Não e espero que nem aconteça.
- E eu soube que a Lewis se tornou uma mulher fria ao se envolver no trabalho do pai.
- Ela tentou visitar o Dom algumas vezes.
- Ele deve sentir ódio dela. — Ele pressupõe.

Era isso o que eu queria que ele sentisse, contudo, o que ele realmente sente é mágoa. Por mais que o meu amigo nunca tenha me contado nada, eu consigo ver através de suas atitudes, falas e olhares. Citar o nome da Lewis é extremamente proibido, refiro-me a mim mesmo, pois eu quero me manter distante daquela família e desejo que eles se mantenham ainda mais distantes de mim. Paro diante da casa do Noah, ele se despede de mim ao bater o seu punho no meu e desce do meu carro. E em seguida, eu continuo o meu trajeto. Eu não consegui entender o porquê do interesse do Anthony ao perguntar sobre o Dominic e isso está perturbando a minha mente. Acelero o meu carro por entre as ruas até chegar em Watts, especificamente ao *Fight* e encaro o estabelecimento.

A última vez que eu estive aqui foi quando o meu amigo foi preso, conseqüentemente, foi quando a Margareth foi assassinada. Desço do meu carro, mesmo estando extremamente agoniado, e atravesso a rua. Apenas um segurança está na porta, ele me reconhece e libera a minha entrada. Percebo que houve uma grande mudança aqui, entretanto, eu não paro para reparar nos detalhes e vou rumo ao camarote. Eu sei que o Anthony está lá e irá me ouvir, querendo ou não. Abro a porta sem pedir nenhuma autorização e o seu olhar recai sobre o meu. A expressão de surpresa toma conta da sua face e ele fica em pé.

- Jensen.
- Por que está querendo saber do Dominic? — Questiono ao me aproximar.
- Ele sorri ironicamente e cruza os braços em frente ao corpo.
- Eu pergunto sobre quem eu quiser.
- Não do Dominic! — Declaro. — Você não ajudou em nada.
- Eu ajudei o máximo que eu consegui, porém, a culpa não é minha se ele está naquele inferno.

— Anthony...

Balanço a minha cabeça para os lados.

— Sente-se e vamos conversar. — Ele me pede.

Olho ao redor e decido me sentar. Anthony volta a se sentar na sua poltrona, próxima ao vidro e apoia o tornozelo em seu joelho oposto. Eu apoio as minhas mãos nos meus joelhos ao ficar com o corpo inclinado para frente.

— Pode falar, mas seja breve, por favor.

Ele acena concordando e mantém a sua atenção em mim.

— Eu prestei diversos depoimentos, e mesmo dando a certeza que era impossível o Dominic estar aqui no mesmo momento que a senhora Lewis, o delegado não acreditava em mim por conta das imagens do circuito de segurança.

— Dominic teve a infeliz intenção em voltar até aqui e garante que o lugar estava vazio.

— Eu acredito veemente nisso, contudo, o delegado não acredita.

— Eu suponho que alguém influente esteja por trás desse delegado, instruindo que ele aja desse modo, para que o verdadeiro assassino continue impune.

— O senhor Lewis está em busca da punição para o assassino.

Está correndo atrás do próprio rabo, então, já que ele é o assassino.

— E irá querer que ela recaia sobre o Dom, já que o meu amigo foi acusado injustamente.

— Dominic vai sair daquele lugar, o julgamento deve estar próximo.

— Segundo o advogado, não tem nem uma suposta data ainda.

— Justiça lenta! — Ele resmunga raivoso.

— O que nos resta é esperar.

Antes mesmo de eu chegar aqui, eu estava espumando de raiva do Anthony, porém, no decorrer da conversa eu me acalmei e consegui acreditar nele. O observo se movimentar pelo ambiente e em segundos, me entrega uma dose de uísque. Eu agradeço e bebo

num gole só. Eu preciso ir embora e descansar, já que amanhã cedo terei que fazer uma breve viagem. Me levanto do sofá, coloco o copo sobre o minibar e paro diante do vidro. Observo o ringue lá embaixo e sinto saudade de lutar, porém, esse lugar não é a minha opção, muito menos, voltar a lutar enquanto o meu amigo está sendo injustiçado. Ouço a porta do camarote se abrir, eu olho para trás, por cima do meu ombro e o ódio me domina.

— Conseguiu o seu *lutadorzinho* de volta? — Lewis questiona com deboche.

— Eu estava tendo uma conversa importante com o Jensen. — Anthony murmura.

Lewis dá alguns passos em minha direção, mas se mantém distante o suficiente e sorri diabolicamente.

— O que faz aqui, no meu estabelecimento, Brown?

Eu o ignoro, e olho para o Anthony que está se distanciando aos poucos.

— Eu irei embora, tenho mais o que fazer.

— Eu tenho uma ideia do que você irá fazer.

Eu fecho os meus olhos com força, tentando me controlar e segundos depois, encaro o James.

— Está insinuando alguma coisa? — Questiono e me aproximo dele.

— Quem será a vítima da vez? — Ele questiona.

— Com certeza, será a sua nova namorada, já que ela não deve imaginar o perigo que corre ao estar se relacionando com você.

James ri, sem humor algum e fica me encarando em silêncio. Eu noto que o Anthony não está mais aqui e bufo.

— Ela é mais esperta que a minha adorável falecida esposa.

— Margareth até que foi esperta ao pedir o divórcio, mas você não aceitou se separar legalmente dela, com isso preferiu a matar.

— O que você disse? — Ele me questiona.

Tenho a impressão de que ele não entendeu o que eu disse, entretanto, ele é um babaca maldito e sabe mentir muito bem. Eu dou alguns passos para o lado, me afastando dele e tomo a

iniciativa de ir embora. Coloco a minha mão na maçaneta, a giro e antes que eu possa abrir a porta, o ouço me chamar.

— O que está afetando a sua audição; a idade ou a maldade?

Vejo a sua mandíbula travar, e os seus olhos transbordarem raiva.

— Você disse que *ela* me pediu o divórcio, mas eu sinto em lhe dizer que é mentira.

Por um segundo, eu acredito em suas palavras, entretanto, no segundo seguinte, eu me lembro de qual boca acabaram de sair essas malditas palavras.

— James, eu desejo que você vá para o quinto dos infernos, só assim para ficar longe de todos nós. — Declaro e abro a porta. — Ah, nisso eu incluo os seus filhos.

— Emily é uma vadia idêntica a mãe.

Ignoro-o e saio do camarote. Desço a escada correndo, atravesso o local que está acontecendo a luta e logo saio do estabelecimento. Atravesso a rua, entro no meu carro e aperto as minhas mãos em volta do volante. Aquele fodido não vai plantar uma semente da discórdia dentro de mim, não mesmo. Eu sempre acreditei nas palavras da Maggie e vou continuar acreditando. Ela era uma mentirosa para ele, ao viver naquela casa, porém, comigo ela era exatamente a mulher que queria ser.

Balanço a cabeça para os lados, me livrando de qualquer dúvida, ou porcentagem de acreditar naquele maldito, coloco o cinto de segurança e dirijo rumo a minha casa. Já se passam das onze horas da noite, espero que os meus pais já estejam dormindo ou entretidos conversando com o meu irmão, assim não irão questionar a minha demora. Batuco os meus dedos no volante, enquanto espero o semáforo abrir e aproveito para acender um cigarro. Além de eu continuar viciado naquela mulher, eu piorei os vícios que ela colocou em mim. São em média três maços de cigarro por semana, se eu tiver um dia muito ruim ou cheio de lembranças *dela*, um maço é pouco para suprir o meu desejo.

Quase trinta minutos depois, eu estou estacionando na propriedade de casa e desço do carro. Não nenhuma luz acesa dentro da casa, isso significa que todos já estão dormindo. Os

sensores de movimentos notam a minha presença, fazendo os ambientes se iluminarem. Eu vou até a cozinha, pego um copo no armário e o encho com água gelada. Bebo o líquido aos poucos enquanto eu observo a área externa da casa. O meu carro está parado de qualquer modo, pois como eu irei sair cedo, não tinha necessidade de guardá-lo na garagem. E observá-lo, me faz lembrar das vezes que eu estive com a Maggie dentro dele.

De todas as suas falas, os planos, as promessas e tudo foi arruinado. Coloco o copo vazio na pia, passo as costas da mão sobre a minha boca e dou alguns passos saindo da cozinha. Me assusto ao dar de cara com a minha mãe e ela sorri. Merda! Eu não estava querendo encontrá-la, aliás, eu sempre estou fugindo dela. Eu me inclino em sua direção, beijo o topo da sua cabeça e tento seguir o meu caminho, ao avisar que preciso ir dormir. Antes que eu possa me afastar o suficiente, eu a ouço me chamar. Respiro fundo, volto para a cozinha e me encosto no balcão. Eu a observo beber a sua água calmamente, enquanto mantém o seu olhar sobre mim, receosa que eu possa tentar escapar.

— O seu irmão me avisou que você foi de carona para a Lauren e Noah.

— Fiz isso mesmo.

— Eu teria ficado preocupada com a sua demora.

— Eu costumo chegar tarde, a senhora sabe.

— Você tinha esse costume, entretanto, ultimamente tem chegado ‘mais cedo’.

— É uma boa observadora. — Debocho.

— Eu sou mesmo. — Ela afirma ao colocar o copo sobre a pia e volta a sua atenção para mim. — E quer saber de algo?

Dou de ombros.

— Sim, eu acho.

— Primeiramente, eu queria muito que você confiasse em mim, para poder contar qualquer coisa.

Franzo o meu cenho, pois não entendi o que ela quis me dizer.

— Eu achei que fosse me contar algo.

— E eu vou. — Ela declara. — Eu não sei como eu posso falar, então eu prefiro ser direta.

— Por favor.

— Eu sabia que acontecia algo entre você e a Lewis.

— O que? — Questiono atônito. — Era o Dominic que tinha um romance com a Emily e ela ferrou com ele.

— Não é dela de quem eu estou falando.

E então a ficha caí e eu fico calado. A minha mãe continua a me encarar, esperando algum pronunciamento meu e eu simplesmente não consigo falar nada. Eu apenas remexo os meus pés e quando me dou conta do que estou fazendo, estou andando na direção do meu quarto. Ouço a minha mãe me chamar, porém, eu continuo a ignorar. Entro no meu quarto e antes que eu possa conseguir fechar a porta, a minha mãe a empurra e eu cedo a sua entrada.

— Mãe, eu preciso dormir. Amanhã eu vou até São Francisco...

— Eu sei de tudo isso, Jensen, mas venho tentando conversar com você há meses e você sempre consegue escapar. — É notável o desapontamento no seu tom de voz, mas eu não sei se é causado pelo meu romance ou pelas minhas fugas. — Custa conversar comigo?

— Não, mãe.

— Então converse comigo. — Ela pede.

— Quando eu voltar de São Francisco, tudo bem?

— Antes de eu concordar com isso, me responde só uma pergunta. — Aceno diante do seu pedido. — Eu estou certa ou não?

Eu a olho em silêncio por longos segundos, e faço suave aceno. A minha mãe respira fundo, beija a minha bochecha e sai do meu quarto. É difícil assumir tal coisa para a minha mãe, principalmente por eu ter me envolvido com a sua melhor amiga que era casada há anos, mãe de família e esposa troféu, e o pior de tudo, que foi assassinada. Eu saio do meu quarto, procuro pela minha mãe e a vejo parada diante da porta do seu quarto. O seu olhar recai sobre mim e eu me sinto extremamente pequeno, como se eu fosse novamente uma criança que agiu de forma inconsequente.

— Me desculpe.

— Por quê? Por se apaixonar?

Dou de ombros, sem ter uma resposta exata para a sua pergunta.

— Eu não sei se a senhora vê como algo errado ou não, mas, eu sinto que eu possa ter te magoado a qualquer momento.

— Está tudo bem. — Ela sorri, fazendo o meu coração se acalmar. — Vá dormir, descansar e conversamos quando você voltar.

Eu apenas aceno concordando e volto para o meu quarto. Dona Sarah me parece extremamente tranquila diante da minha *revelação* e eu sei que ainda virá uma longa conversa entre nós, relacionada a este assunto. O pouco que eu consegui viver com a Maggie foi bom e está guardado em minha mente, e ficará para sempre. Passo os meus dedos entre os fios do meu cabelo, esfrego o meu couro cabeludo e decido ignorar o barulho que está na minha mente. Amanhã é um dia que requer a minha total atenção e calma, pois eu preciso passar tranquilidade para o meu amigo.

[...]

As minhas poucas horas de sono só foram tranquilas por causa do álcool que estava em meu organismo. Entretanto, eu estou de mau humor, as provocações daquele imbecil não saíram da minha mente, ainda mais, aquela mentira absurda.

— Bom dia.

Cumprimento a todos que estão sentados na mesa, tomando o café da manhã e me sento de frente para a minha mãe. O meu pai está sentado na ponta, Lola ao lado da minha mãe e o Leon na frente dela, consequentemente, ao meu lado.

— Quando você estará de volta? — O meu pai me questiona.

— O mais tardar, amanhã à tarde talvez, pois vai depender de como será lá.

— Vocês irão de helicóptero, né?

— É mais rápido.

— O caminho até lá é extremamente longo, independente do transporte. — Leon comenta.

— E extremamente chato de entrar lá.

— Penélope sempre se lamenta de não poder ir. — Lola me lembra.

Eu sei muito bem disso, mas não permitir a sua ida até lá faz parte do acordo que eu, Dominic e Penélope fizeram. Rosi me serve ovos beneditinos, torrada com geleia e um copo de suco de laranja. Eu como tranquilamente, pois acordei mais cedo do que o planejado e assim, eu sairei mais cedo de casa. Irei me encontrar o Austin e em seguida seguiremos juntos até o local aonde o Helicóptero está nos esperando. Sempre que vamos até lá, isso acontece a cada um mês ou um mês e meio, depende muito da liberação, nós usamos o helicóptero da agência, por mais que dê muito bem para irmos de carro até lá, porém, é uma longa viagem de um pouco mais de cinco horas.

Lola e Leon se despedem de nós, e em seguida se vão. Ele vai levá-la até o trabalho e em seguida irá para a agência. O meu pai dá um beijo no topo da cabeça da minha mãe e toca no meu ombro, se despedindo. Ele irá até o banco, resolver algumas coisas relacionadas a agência, já que eu estarei ausente durante o dia de hoje. Rosi volta a se aproximar, me oferece uma pequena tigela de salada de frutas e eu aceito. A minha mãe a dispensa e prende a sua atenção em mim.

— Dormiu mal? — A minha mãe me questiona.

— Não.

— Então por que está de mau humor?

— Eu só estou ansioso para ver o meu amigo.

Não é mentira, eu apenas fugi da sua pergunta. A minha mãe continua me olhando, enquanto bebe o seu suco. Faço o possível para terminar de comer no menor tempo possível, pois não quero encarar mais supostos questionamentos. Limpo a minha boca no guardanapo, e me ponho de pé.

— Sente-se, Jensen. — Ela me pede.

— Eu preciso ir encontrar o Austin.

— Eu sei, mas... — Ela olha para o relógio no próprio pulso e volta a me encarar. —, ainda temos um tempinho.

— Por favor. — Peço ao fechar os olhos por poucos segundos.

— Por favor? — Ela questiona. — Eu estou há meses tentando conversar e você sempre escapando.

— Eu não quero conversar, apenas isso, mãe.

— Mas eu quero, além de que, nós precisamos.

Eu cruzo os meus braços em frente ao meu corpo.

— Eu já lhe respondi, já lhe dei uma informação particular. — Resmungo.

Ela manea a cabeça para os lados e apoia os braços na mesa.

— Margareth era minha amiga e era casada, mãe de família.

— Eu sei que ela era a sua amiga e jamais tive a intenção de entrar no meio desse vínculo que vocês tinham há anos.

— Você fala como se não se importasse com o restante.

E eu não me importava mesmo.

— Ela não vivia um casamento de verdade, sempre foi infeliz naquela casa...

— Mas isso não te dava o direito de agir de um modo...

E então ela se cala.

— Que modo? — Questiono. — Promiscuo? Vagabundo? Ou o mais suave de todo: babaca?

— Eu não iria falar nada disso. — A minha mãe resmunga. — De um modo inconsequente.

— Não! Eu nunca agi assim.

— Jensen...

— Por favor, já chega desse assunto.

A minha cabeça está pesando, e tenho a sensação de que está girando, mas sei que não é verdade. Eu esfrego a minha têmpora, olho para a minha mãe e ela apenas assente. Eu me despeço com um simples 'tchau' e saio de casa. Eu simplesmente não quero conversar com a minha mãe sobre eu ter tido um romance com a sua amiga.

[...]

— Como a minha irmã está? — É a primeira pergunta que o Dominic me faz.

— Oi, Dom. — O cumprimento. — Ela está bem, estamos cuidando dela, dando todo o suporte necessário e não necessário também.

Pego a carta no meu bolso e a entrego. Para que eu pudesse entregá-la a ele, a carta foi verificada pelo diretor do presídio e só após isso, foi liberada a entrega. Eu estou aqui sozinho conversando com o meu amigo, enquanto o Austin está conversando com o diretor, pois eles se conhecem há anos.

— E como estão as coisas? — Ele questiona e esfrega a testa. — Parece que eu estou aqui há mais de dez anos.

— Oito meses. — O lembro. — Está tudo bem, estamos tentando te tirar daqui.

— Logo eu irei sair, eu sei.

— Como você está? Aconteceu algo?

— Eu estou bem, na medida do possível. Estou trabalhando na cozinha, serve como uma pequena distração.

— E o Jimmy?

— Já tentou falar comigo várias vezes, mas nunca conseguiu porque eu não quis.

— Vocês não se encontraram nem por acaso?

— Não, a ala que ele está, é muito distante da minha. — Ele responde. — E você, já descobriu algo?

— Ainda não... — Ele suspira diante da minha resposta. —, mas eu vou. Eu juro que vou.

Era para eu estar investigando o Lewis, porém, eu fiquei tão afetado com a morte da Maggie que eu não consegui fazer nada, mas eu irei começar. Eu preciso começar.

— Tudo bem. — Ele murmura cansado. — Alguma novidade que eu devo saber?

Penso rapidamente e aceno ao lembrar do acontecimento da noite anterior.

— Leon e Lola noivaram ontem.

— Eu fico feliz em saber disso.

— E eles vão oficializar num jantar, assim que você estiver livre.

— Isso pode levar uma eternidade e até mesmo pode não acontecer, então eles deveriam oficializar...

— Não seja pessimista. Você irá sair daqui.

— A cada dia que se passa, as minhas esperanças diminuem.

— Ele declara. — Mas saber deles e da minha irmã, me deixa um pouco mais alegre.

— Você irá sair, todos nós estamos esperando por isso, principalmente a sua irmã.

Ele sorri, tristemente.

— Ela está ficando sozinha no apartamento?

— Oliver fica lá com ela, na maior parte do tempo.

Dominic remexe as sobancelhas.

— Eu espero que ele respeite a minha irmã.

— Oliver jamais agiria de outro modo.

— Eu sei, mas... — Ele se cala e esfrega o rosto entre as mãos. —, eu me preocupo bastante com ela, por mais que sei que vocês todos cuidam dela como uma irmã.

— Exato.

Continuamos a conversar por mais alguns minutos, e antes de eu ir embora, o percebo mais tranquilo. Eu irei voltar daqui algumas semanas e irei trazer informações, que serão necessárias para a sua liberdade. Encontro o Austin na sala do diretor, eu me sento ao lado dele e respiro fundo.

— Como ele está? — Austin me questiona.

— Sem esperanças de sair daqui.

— Estava falando com o Austin sobre o Turner estar aqui e eu vou te dizer a mesma coisa. — O diretor informa, ao chamar a minha atenção. — Eu não acredito nessa acusação para mantê-lo aqui.

— Está explícito que não é verdadeira, mas os *grandes* da sociedade têm uma enorme parcela de culpa para essa injustiça estar acontecendo.

— Eu já lhe aconselhei a não acusar sem provas. — Austin me lembra.

— Eu não estou acusando ninguém.

Mas irei, de forma explícita quando eu estiver com todas as provas em minhas mãos e sei quem pode me ajudar a consegui-las, por mais que seja perigoso. Dylan Allen trabalha para aquela família como segurança há alguns anos, sabe e vê muitas coisas e ele pode querer me ajudar, já que também é amigo do Dominic. Eu irei tentar, irei tentar convencê-lo de me ajudar a encontrar provas contra aquele demônio.

[...]

A porta se abre e ela se joga entre os meus braços. Eu aperto o seu corpo contra o meu, beijo o topo da sua cabeça e tento lhe passar um pouco mais de amor. Eu consegui voltar de São Francisco mais cedo do que o esperado, já que tudo ocorreu tranquilamente e eu consegui marcar a minha próxima visita sem nenhuma burocracia. Penélope se afasta de mim, nós entramos no seu apartamento e eu vejo o Oliver na cozinha. Ele está preparando algo no fogão e eu o cumprimento de longe.

— Ainda bem que chegou hoje. — Ela sorri.

Eu a avisei que poderia vir só amanhã, e sei que a minha vinda antecipada, a deixa mais tranquila.

— Nem fui em casa ainda, eu vim direto para cá.

— Como o Dominic está? — Ela me questiona.

— Bem, e com saudade de você.

— Entregou a minha carta? — Ela questiona. — Ele escreveu para mim?

— Eu entreguei a sua.

Coloco a mão no meu bolso, pego a carta do Dominic e entrego a ela. Penélope sorri, aperta as bordas da carta com as pontas dos seus dedos e fica encarando o papel. Ela decide que irá ler em breve, se senta no sofá e fica me olhando, de forma questionadora.

— Me fale mais sobre o meu irmão. — Ela pede.

— Ele está bem fisicamente, está um pouco desesperançoso de sair de lá, porém, eu afirmei para ele, que ele irá sair.

— Está demorando demais para o julgamento acontecer.

— Austin está fazendo o possível para conseguir adiantá-lo.

— Nós sabemos. — Ela sussurra.

Oliver se senta no braço do sofá, e cruza os braços em frente ao corpo. Dominic ficou enciumado ao saber que o nosso amigo está muito mais próximo da sua irmã, porém, sabe que ela está sendo bem cuidada e jamais será desrespeitada.

— Está tudo bem com ele e você não precisa se preocupar.

— Ele deve estar tendo a impressão de que já está lá, há uma eternidade. — Oliver comenta.

— É, ele está tendo essa impressão mesmo. — Suspiro ao lembrar da feição do meu amigo.

Percebo a Penélope encarando a sua carta novamente, eu a incentivo a ir ler e me despeço dela. Oliver me acompanha até a porta e eu resolvo que devo contar sobre o que o nosso amigo achou da sua aproximação. Aliás, o Dominic sempre foi assim, independente de quem se aproximasse da sua irmã, ainda mais o Oliver que sempre esteve atento a princesinha. Já a Penélope sempre achou o Oliver um tremendo canalha, porém, eu nunca concordei com isso. Oliver sempre ficou com quem ele quis, sempre de um modo tranquilo e natural, sempre agiu como uma pessoa solteira, como exatamente ele é, entretanto, a Penélope, sempre achou errado ele ficar com diferentes mulheres numa única semana.

— Você está com uma expressão estranha. — Oliver comenta.

— Dominic ficou intrigado ao saber que você tem ficado bastante tempo com a Penélope.

Oliver franze o cenho e encolhe os ombros.

— Eu não estou agindo de forma inconsequente, sou amigo da Penélope e a respeito muito.

— Eu sei e ele sabe.

— Então não tem motivo para ele agir assim.

— Ele é o Dominic.

Lembro, o fazendo rir.

— É verdade.

Me despeço dele e desço a escada rapidamente. Entro no meu carro e acelero em direção a minha casa. Estar fora da cidade, faz a Margareth ficar distante da minha mente e todo o caos que a cerca.

E agora, estar de volta aqui, me faz ter as atitudes que adquiri nos últimos meses. Procurar o rosto *dela* entre a população dessa cidade, temer pelo que pode vir me atingir, pois o James está deixando claro que não está disposto a me deixar em paz e por não saber o que acontecerá com o meu amigo. Aproveito o semáforo vermelho, estico o meu braço na direção do porta-luvas e pego a polaroide. Essa é a única que carrego comigo e ela faz parte daquelas outras que o demônio jogou sobre a mesa.

Passo a ponta do meu polegar sobre a foto e o meu peito dói. A saudade que eu sinto é gritante e eu sinto uma lágrima escorrer pela minha face. Guardo a foto de volta no porta-luvas, aperto as minhas mãos em volta do volante e aguardo pacientemente o semáforo se abrir. Os meus pais já sabem que eu estou de volta, sabem, pois, a informação da viagem fica disponível em tempo real no relatório da empresa. Acelero o meu carro, diminuindo o tempo do trajeto. Eu estou precisando ter um momento a sós, tentar relaxar a minha mente e parar de sofrer. Eu não posso continuar esse ciclo; trabalhar, beber, fumar e sofrer.

Estaciono o meu carro na garagem de casa, pego os meus pertences sobre o banco do carona e saio do automóvel. Noto um carro diferente estacionando próximo a porta, mas não dou bola, pois imagino que deva ser alguém da família da Lola e entro em casa. Rosi me encontra no hall, pega o casaco da minha mão e sorri suavemente. Eu vou na direção da sala de estar, da onde eu estou ouvindo a minha mãe conversar com alguém. O meu pai me cumprimenta ao passar por mim, indo na direção da minha mãe e se senta ao lado dela. Eu adentro no ambiente e congelo. Ouço a minha mãe me chamar, eu a olho e vejo que ela está fingindo ser simpática com a visita.

— Brown.

A sua voz me causa calafrio e eu o encaro.

— Lewis.

— Como foi a viagem? — A minha mãe questiona, ao se aproximar de mim.

— Tudo bem.

Sinto a minha mãe segurar no meu braço e me leva para longe dali, especialmente para a cozinha.

— Ele chegou aqui de repente, e eu não pude impedir a entrada.

— Aquele cara é o demônio encarnado!

— Fale baixo. — Ela ordena.

— Senhora Brown, eu devo servir o jantar? — Rosi questiona.

— Sim, por favor. — A minha mãe afirma e me olha. — Você irá jantar...

— Não! — Nego ao interrompê-la. — Eu não vou.

— Por favor, Jensen.

— Você irá servir o jantar assim que a *visita* for embora. — Anuncio a Rosi.

— Senhor...

— Você o convidou para jantar? — Questiono a minha mãe.

— Não, mas...

— Então ele não irá jantar aqui.

— Isso é falta de educação.

— Foda-se.

Me afasto da minha mãe e volto para a sala de estar, após pedir para que a Rosi me sirva uma dose de uísque. Eu me sento no sofá oposto, de frente para o James e o encaro. Eu quero saber o que ele está fazendo aqui, na minha casa, no lugar aonde ele jamais deveria entrar. O seu olhar recai sobre mim e nós nos encaramos friamente. A minha mãe se senta ao lado do meu pai e eles ficam em silêncio. Rosi me serve o que eu pedi e some em segundos.

— Fiquei sabendo que virou dono do *Fight*. — O meu pai comenta.

— Comprei uma grande porcentagem um pouco antes da minha esposa ser assassinada lá dentro. — James lamenta.

— Oh, verdade. — O meu pai se desculpa. — Eu lamento muito pela sua perda.

— Como está a Emily e o Eduard? — A minha mãe o questiona.

— Muito bem, seguindo os meus passos. — James anuncia.

A princesinha da máfia e o aprendiz de mafioso.

— Na última vez que eu vi a Emily, ela estava transtornada. —
A minha mãe comenta.

— Ela já melhorou.

‘— *Emily é uma vadia idêntica a mãe.*’

As suas palavras retornam a minha mente e só agora eu percebo o peso delas. James odeia a filha, na mesma intensidade que odiava a esposa e pode dar o mesmo fim a Emily. Eu sinto a minha espinha gelar com essa possibilidade e eu a repudio.

— É bom saber disso, pois eu imagino a dor que ela sentiu.

— Eu sinto muita falta da minha esposa. — James declarando ao me encarar. — Ela era o meu alicerce, a minha bela esposa e nós tínhamos planos de renovar o nosso casamento.

Eu sinto a minha garganta arder, ao ouvir essa enorme mentira e eu escondo um sorriso debochado ao beber o meu uísque. James tem uma facilidade incrível de conseguir mentir e não é de surpreender quando as pessoas acreditam nele.

— Eu soube disso, a Margareth me contou na última vez que ela veio aqui.

Eu encaro a minha mãe ao ouvi-la e ela finge não notar o meu olhar.

— É? — Questiono e encaro o James. — Eu jamais iria imaginar que isso poderia acontecer.

— Por quê? — James me questiona.

Dou de ombros ao terminar de beber o meu uísque.

— Margareth já tinha me mostrado alguns detalhes sobre a renovação de votos. — A minha mãe murmura chamando a minha atenção.

Não, isso não é verdade. Margareth me disse que iria se separar, ela não aguentava mais ficar num casamento infeliz. Eu balanço a cabeça para os lados, demonstrando que eu não acredito nisso e o James sorri ao me olhar. Ele veio até aqui para me provocar, para demonstrar que ele tem fácil acesso a minha família, e entrada concedida a minha casa. Eu coloco o meu copo vazio sobre a mesa de centro, bato as mãos nos joelhos e me coloco de pé. James fica de pé também, avisa que já está indo embora e pede

para que eu o acompanhe, pois ele tem algo a me falar sobre o Anthony. Mais uma mentira.

Nós saímos da minha casa, após ele se despedir dos meus pais e paramos diante do seu carro. Ele acha que eu estou a sua mercê, mas não imagina que eu apenas me mantenho próximo para provocá-lo e para conseguir alguma afirmação da sua parte sobre ele ser quem eu realmente vejo, além de tentar alguma confissão da sua parte sobre a prisão do Dominic e do assassinato da Margareth. Por mais que eu o odeie com todas as minhas forças, eu também posso agir friamente como ele, ou até pior.

— Viu como é fácil eu me aproximar do seu mundinho?

— E você viu alguma vez, eu demonstrando medo? — Questiono e dou um passo em sua direção. — Olha só você, sozinho bem aqui, e eu poderia lhe causar muitas coisas.

— Por que você não tenta a sorte?

Ele saca a arma da sua cintura e aponta na minha direção.

— Você acha que se torna um homem quando está com esse revólver nas mãos, pois sem ele, você volta a ser quem sempre foi, um nada.

— Eu tenho o poder aqui e posso acabar contigo, se insinuar que irá fazer algo.

— Você acha que eu serei tão imundo como você? — Passo o polegar no canto da minha boca, secando o resquício do uísque. — Eu tenho pena da Emily, pois imagino que você irá direcionar o seu ódio nela.

— Está preocupado com o que eu faço ou deixo de fazer com a minha filha? Você deveria ter se preocupado ao se relacionar com a minha esposa.

— Você não era marido dela, não a amava...

Dou mais um passo em sua direção e o revólver encosta no meu peito.

— E você era o amantezinho de merda que não valia nada para ela, pois quando a Margareth chegava em casa, era eu que ela procurava.

— Mentira.

Ele ri, guarda a sua arma na cintura e em seguida dá de ombros.

— acredite se quiser. — Ele resmunga debochado e abre a porta do seu carro. — Você foi uma marionete nas mãos daquela mulher, ela jamais foi aquele doce que fingia ser quando estava com você, no dia a dia.

— Você pode falar o que quiser, James, mas eu não acredito em você.

— O pior cego é aquele que não quer ver.

Eu avanço em sua direção, o seguro pela lapela do seu terno e o encosto contra o seu carro.

— Foi você que a matou.

— Prova!

— Eu sei que foi você.

Ele me empurra para longe, dá de ombros, entra no seu carro e se vai. Entro em casa, ouço a minha mãe me chamar, mas eu a ignoro e vou até o meu quarto. Aquele demônio sempre irá tentar denegrir a imagem da Margareth, porém não vai conseguir. Ela sempre foi verdadeira comigo, queria estar o mais longe possível daquele homem e foi morta quando o confrontou. Fecho a porta do meu quarto e respiro fundo, tentando controlar a minha raiva. Eu pego o abajur sobre a mesa de cabeceira e o arremesso contra a porta do banheiro.

— MALDITO!

Passo os meus braços sobre a minha escrivaninha, derrubando tudo no chão e dou diversos socos sobre o móvel. James não irá conseguir foder com a minha mente, não vai denegrir a imagem da mulher que eu amei e não vai ficar impune diante de todos os seus malditos atos. Eu preciso agir, eu preciso provar que ele é o vilão dessa história e é aquele que deveria ganhar prisão perpétua e sofrer a cada dia. Eu tenho como iniciar isso, ao provar que ele me ameaçou com um revólver, a câmera da entrada de casa filmou tudo e isso é munição para mim. Eu vou acabar com o James, eu vou fazer ele pagar por tudo.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO UM

*Tudo o que eu sei, tudo o que eu sei
Amar você é um jogo perdido
Você me ama ou não me ama?
Descascando pedaços do meu coração
E minha linhas cor rosa se foram
Mesmo assim eu segui, eu segui, eu segui em frente*
Arcade (feat. FLETCHER) – Duncan Laurence

Agosto, 2017

No início do dia, eu recebi uma mensagem do Dominic me convidando para irmos ao Boston Crab, local aonde o seu novo patrocinador é o dono e em seguida, eu recebi uma ligação do Dylan. Nós conversamos em média três vezes por semana, e eu lhe conto como estão as coisas por aqui, através da minha visão e lhe informei que eu estou bastante intrigado com o silêncio do Lewis. Ele finge ser um bom governador, é um homem exemplar diante da sociedade e sempre desfila com a sua namorada, a qual era amante na época que a Maggie era viva.

Anos já se passaram e ele continua impune, pelo menos o meu amigo foi inocentado e conseguiu construir uma carreira. Turner se tornou o melhor lutador do Fight, está cheio de patrocinadores e olheiros dispostos a levar ele para lutar em diversos lugares do estado, e país. E durante a minha conversa com o Allen, eu lhe informei sobre a nossa ida até o Boston Crab e ele comentou que talvez seja possível ele ir até lá com o Eduard. Ele e a irmã fugiram daqui de Los Angeles há quase quatro meses. E desde então, Dominic sente muita falta da Emily. Alguns dias depois que ele saiu da penitenciária, eu soube que teria grandes chances de ele voltar a se envolver com a Lewis novamente, e foi exatamente isso o que aconteceu.

Eu não soube através de ninguém, eu apenas observei certos detalhes durante o jantar de noivado do meu irmão e nas semanas seguintes. Somente quando ela foi embora, ou melhor, fugiu da

cidade, Dominic expos para mim o que estava acontecendo entre eles. Eu não demonstrei nada, pois eu não conseguia decidir como eu deveria agir; ficar contente por ele ou temer novamente. Graças aos céus, desta vez não aconteceu nada com o meu amigo, já com a Emily... ela foi muito machucada pela pai e eu tenho certeza de que esse era o maior temor da sua mãe. Margareth ainda é presente em minha vida e no meu coração, entretanto, eu já não me dedico mais a dor e o ódio que me dominou por quase um ano após a sua morte.

No tempo que se passou, eu me envolvi com outras mulheres, e por azar, eu me envolvi com uma mulher que quase fodeu com a minha vida. Ela era mais nova que eu, conseguiu – surpreendentemente – me conquistar e ao passar das semanas, ela mostrou ser quem realmente era; uma mulher surtada. Agia como se nós fôssemos casados, me cobrava responsabilidades inexistentes, e até roubava dinheiro da minha carteira. Ela só não conseguiu usar os meus cartões, pois não sabia as senhas. Foi difícil me livrar, pois ela não aceitava o nosso término – por mais que não fosse um namoro –, ameaçou muitas vezes em tirar a sua própria vida e por duas vezes até tentou.

Após muita busca, eu localizei a cidade aonde os seus pais moravam e a levei até eles, que não a viam há anos. E ao conversar com eles, eu descobri que ela tinha sérios problemas psicológicos e que não era a primeira vez que ela causava isso em seus relacionamentos. Os seus pais agradeceram a minha indireta ajuda e só após ter a certeza de que eles cuidariam dela, eu pude voltar a minha vida. E desde então, eu comecei a selecionar ainda mais as mulheres que passaram pela minha vida. Dois toques na porta chamam a minha atenção, fazendo os meus pensamentos se dispersarem e o Oliver entra na minha sala.

— Eu já finalizei o meu trabalho por hoje.

Eu encaro a agenda aberta na tela do meu computador e suspiro. Eu ainda não fiz metade do que deveria fazer, mas não vou deixar de sair mais cedo. Aliás, está quase na hora, pois tenho que ir para casa me arrumar e depois ir buscar o Dominic, para nós irmos juntos para Santa Ynez.

— Eu vou embora mais cedo também.
— Irá para o Fight? — Ele me questiona.
— Dominic me convidou para ir ao Boston Crab.
— Ele me convidou também, mas eu dispensei. Estou exausto e preciso ir até a casa dos meus pais nesse final de semana.

Oliver não tem bons pais, porém, não deixa de ir até a casa deles por causa das suas irmãs mais novas.

— E o Leon? — Questiono.
— Ele por acaso veio hoje?

Balanço a cabeça para os lados, negando diante do seu questionamento e me lembro que hoje o Leon teria alguns compromissos com a noiva. Eu pego os meus pertences sobre a mesa, saímos da minha sala e eu dispenso a Ky. Me despeço do Oliver, entro no meu carro e acelero rumo a minha casa. Nunca mais o James ousou ir até a minha casa, nem se aproximou da minha família, pois, após aquele dia, ele se dedicou a outros planos e simplesmente me esqueceu. Eu segui a minha vida, me acostumei com a ausência da Margareth e estou aqui. Conseguindo seguir com a empresa da família, atraindo ainda mais clientes e consequentemente surpreendendo o meu pai.

Quando nós voltamos para o Fight, há alguns meses, isso não foi nenhum problema para o meu pai, já que ele está diariamente contente com o nosso desempenho na agência, nisso eu incluo Leon e Oliver. E sobre a minha mãe, nunca mais voltamos ao assunto relacionado a sua amiga, mesmo após presenciar a destruição que eu causei no meu quarto. Depois que o James foi embora após a única e última visita indesejada que ele nos proporcionou, eu quebrei boa parte do meu quarto e arrebentei os nós dos meus dedos de tanto socar os móveis. Estaciono o meu carro de qualquer jeito diante da porta de casa, desço do automóvel e entro em casa.

— Boa tarde, senhor. — Rosi me cumprimenta.
— Olá, Rosi. — Sorrio suavemente. — Os meus pais estão em casa?
— Eles estão na área externa aproveitando o sol da tarde.

Agradeço a sua informação e vou para o meu quarto. Fecho a porta, entro no banheiro e encaro a minha imagem diante do espelho. A última vez que eu lutei foi há três dias, e o meu adversário era extremamente inferior, eu não fiquei com nenhum hematoma profundo no meu rosto. Retiro a roupa do meu corpo, entro debaixo do chuveiro e deixo a água morna escorrer sobre o meu corpo. Fecho os meus olhos, inclino a minha cabeça para trás e esfrego o meu couro cabeludo com as pontas dos dedos. Em poucos minutos, eu finalizo o meu banho. Seco o meu corpo, enrolo a toalha na cintura e saio do banheiro. Eu vou até o closet, penteio o meu cabelo molhado, o deixo caído para trás e retiro a toalha da minha cintura.

Visto uma roupa casual, passo um pouco de perfume no meu pescoço e coloco o meu Rolex em meu braço. Calço o meu sapato, pego alguns dólares dentro do meu cofre e saio do closet. Abro a porta que dá acesso a varanda e ando na direção dos meus pais, que estão sentados próximos a piscina. Após a saída do meu pai da agência, ele fez exatamente o que planejava; dar mais atenção a minha mãe e viver uma ótima aposentadoria, por mais que ele não seja muito velho.

— Irá sair, meu querido? — A minha mãe me questiona, assim que me vê.

— Eu estou indo para Santa Ynez, com o Dominic.

— O que vão fazer lá? — O meu pai me questiona.

— Matt Saloon está patrocinando o Dom e nos convidou para irmos até o Boston Crab.

— Divirtam-se. — A minha mãe deseja.

Eu me despeço deles com um aceno, entro novamente no meu quarto e me encaro mais uma vez diante do espelho. Essa noite eu quero beber, me divertir e assistir boas lutas. Lá é um lugar aonde apenas os melhores lutadores, patrocinadores e empresários do mundo da luta. É um lugar aonde existe apenas descontração e para aprimorar os golpes, além de atrair olhares das pessoas importantes presentes naquele lugar, ao demonstrar o seu desempenho. Eu saio do meu quarto, aceno para a Rosi e em segundos entro no meu carro.

Eu ainda não avisei ao Dominic que nós iremos encontrar o Dylan e o Lewis, e eu sei muito bem quando eu contar, ele terá esperanças de reencontrar a Emily. A saudade é gritante através dos olhos do meu amigo e eu sei bem como esse sentimento pode ser destruidor. E eu quase fui destruído por ele. Respiro fundo, ignorando qualquer possibilidade que possa acontecer quando eu e o Eduard nos encontrarmos. Eu imagino que ele e a sua irmã estejam loucos para conversar comigo, desde que souberam que eu tive um romance com a Margareth.

Coloco o meu cinto de segurança, saio devagar da propriedade e acelero ao chegar na rua. Ir até Santa Ynez quebra a rotina maçante que eu estava tendo nos últimos três meses, pois eu estava vivendo num ciclo vicioso; casa – trabalho – Fight – casa – trabalho – Fight. Praticamente todo santo dia fazendo as mesmas coisas, lidando com diversas burocracias referente aos clientes da agência, depois ia assistir algumas lutas para distrair a minha mente e aproveitava um pouco do meu tempo disponível, para treinar e me preparar para os meus próximos nocautes, os quais eu sempre dei, nunca levei.

Algun tempo depois, eu já estou parando na frente do prédio do Turner e reviro os olhos ao perceber que ele não está aqui embaixo. Eu saio do meu carro, aciono o alarme e entro no prédio. Subo pela escada de emergência, puxo a porta vermelha e dou de cara com o Oliver. Ele apenas acena e comenta num murmúrio que está indo receber um delivery. Eu continuo o meu trajeto, paro diante do apartamento dos meus amigos e toco a campainha. Em seguida, ela se abre e eu dou um beijo no topo da cabeça da Penélope.

— Acabei de rever o seu namorado.

— Eu não tenho namorado. — Ela resmunga.

Ouçõ o Dominic rir do meu deboche, a sua irmã revira os olhos e se afasta de mim. Após o aniversário dele, todos nós descobrimos que Penélope e Oliver estavam se relacionando em segredo há algum tempo, mas aconteceu uma grande briga entre eles e ela preferiu terminar o relacionamento, além de tentar se manter o mais afastada possível do ex-namorado.

— Sabe ir até lá? — Dom me questiona, após me cumprimentar.

— Eu já coloquei o endereço no meu GPS.

— O caminho até lá é longo.

— Será ainda mais depois que eu lhe contar uma novidade. — Resmungo, tendo a sua total atenção. — Eu conversei com o Dylan após o seu convite, e ele me informou que ele irá até o evento junto com o Lewis.

— Eduard?

— O próprio.

— Emily também? — Ele questiona esperançoso.

— Eu não sei, o Dylan não me deu essa informação.

Ele acena suavemente, olha ao redor e pega os seus pertences.

— Nós já podemos ir.

— Penélope irá também?

— Penélope irá sair com as amigas.

— Eu achei que ela iria conosco.

Nós saímos do seu apartamento, e novamente encontro o Oliver. Dominic bate no ombro do nosso amigos e suspira.

— Nós já estamos indo e a minha irmã...

— Não. Por favor, não me dê informações sobre ela. — Oliver pede ao interromper o ex-cunhado. — Ela não quer conversar comigo e eu vou respeitar a sua decisão.

— É um saco ter vocês assim. — Dominic resmunga.

— Não é por minha causa.

— Nós sabemos e logo vocês irão se resolver.

Oliver dá de ombros, entra no seu apartamento e nós continuamos o nosso trajeto. Entramos no meu carro, eu coloco o cinto de segurança e ligo o GPS, pois, irei seguir a rotar mais breve que ele me der. Dominic está ansioso, noto ele esfregar uma mão na outra e brinca com o celular entre os deus dedos.

— Acelera esse carro. — Dom me pede num resmungo.

— Relaxa, Dominic.

— É difícil. — Ele murmura. — Você, no meu lugar, estaria pior.

— Eu no seu lugar? — Questiono.

— Sim, se fosse para encontrar a senhora Lewis.

No mesmo segundo, eu sinto a minha garganta ficar seca e eu finjo não ouvir o que o Turner acabou de falar. Ele não deveria falar isso, ele não tem a menor ideia do quão afetado eu fiquei com a morte da Maggie e nem o tempo que eu levei para superar tudo o que aconteceu. Sinto que estou sendo encarado, eu olho para o meu lado por poucos segundos e suspiro.

— Não fale dela, por favor.

— Por quê? — Ele questiona.

— Apenas não fale.

Dominic fica em silêncio e eu sinto o clima pesado sobre nós. Puta que pariu. Eu luto diariamente para não deixar que eu caia nas armadilhas da minha própria mente, mas sem eu esperar, o meu amigo, melhor amigo, me joga uma frase que pesa uma tonelada sobre mim, acaba com qualquer sanidade, ainda mais que em breve eu irei encontrar o filho da mulher que vive em meu ser.

— Por que você ainda não tentou arrumar a confusão que está entre o Oliver e a princesinha?

— E quem disse que eu não tentei? — Dominic me questiona.

— Eu já fiz várias coisas, mas nada adiantou. E o que resta, é apenas a vontade deles mesmo.

— Penélope está bastante magoada com o Oliver.

— E ele com ela. — Dom suspira. — A minha irmã é uma garota difícil e ele sempre soube disso.

— Espero que eles se acertem, pois pelo menos um casal desse grupo tem que dar certo, além do Leon e da Lola.

— E quando eles irão se casar?

— Eu não sei ao certo, o Leon apenas disse que irá demorar um pouco, pois eles querem planejar tudo com calma e fazer um casamento digno de princesa para a noiva.

— Que romântico. — Dominic ironiza.

— E você, pretende se casar quando se reencontrar com a Emily?

Dominic fica em silêncio por longos segundos, enquanto eu piso fundo no acelerador ao chegar na rodovia principal.

— Eu nem sei o que irá acontecer entre nós quando ela voltar para Los Angeles.

O tom da sua voz é carregado de saudade e eu respiro fundo, controlando as minhas emoções. Elas não podem e não vão aflorar nessa noite. O assunto amoroso se encerra e o assunto sobre as lutas se iniciam. É visível que nem um de nós queremos aprofundar numa conversa que irá mexer profundamente com o nosso interior.

[...]

Estaciono o meu carro no lugar determinado, noto a grande quantidade de automóveis aqui e ao longe, é possível ver a tenda já bastante movimentada. Desço do meu carro e estico o meu corpo. A viagem até aqui foi percorrida em um pouco menos de duas horas e as conversas que tivemos em torno das lutas e patrocínios, foi de grande distração para o tempo passar mais rápido. Ando ao lado do Dominic em direção ao evento, logo na porta encontramos o Saloon e uma grande movimentação surge ao nosso redor. Todos querem conhecer o mais novo lutador promissor que o Matt Saloon declarou ter encontrado.

— Oi.

Procuro o dono da voz diante a pequena multidão a nossa volta e encontro o rosto familiar do Dylan Allen. Eu o cumprimento com um aperto de mão.

— Eu faço questão de cumprimentar cada um depois, mas agora eu preciso conversar com duas pessoas. — Dominic declara ao Saloon.

— Teria algum lugar reservado para o Turner poder conversar com o Lewis? — Allen questiona.

— Sim, vocês podem conversar na sala da minha casa. É um lugar reservado.

— Obrigado. — Ele agradece.

Matt sai andando na nossa frente, eu o sigo e o Dominic vem logo atrás de mim. Nós entramos na casa, especificamente, numa ampla sala de estar. Matt nos avisa que podemos ficar à vontade e nos pede para participarmos do evento logo em seguida. Eu

observo o Dominic se aproximar do Eduard e se cumprimentam com um aperto de mão.

— Turner e... — Eduard me encara e sorri irônico. —, Brown.

— Lewis. — Eu murmuro.

Ele se senta no mesmo sofá que o Dylan, eu me sento no oposto junto com o Dominic e o clima entre nós se torna tenso. Eduard analisa minuciosamente o Dominic, enquanto isso eu o observo. O seu cabelo está ralo, mas a sua barba continua grande.

— Por um segundo, eu acreditei que a Emily pudesse estar aqui. — Dominic confessa.

— Ela nem sabe que eu estou aqui, cara a cara com você e é melhor assim, pois os meses estão sendo difíceis para ela. — Eduard declara.

— Estão sendo para mim também.

— Mas é necessário. — Eduard o lembra.

— Sim, mas eu queria que não fosse. — Dominic murmura.

— E continuará, até que James não seja mais perigoso.

O olhar do Eduard recai sobre mim, assim que eu fecho a minha boca ao terminar de falar. É possível ver a raiva no seu olhar e eu não tenho nenhum medo dele.

— Como estão as coisas em Los Angeles? — Dylan questiona, tentando dispersar qualquer possível início de briga.

— Tranquilas em relação à perseguição do Lewis, ele não aparece no *Fight*, mas continua a monitorar os meus passos, para saber se eu irei atrás da Emily. — Dominic informa.

— Eu espero que isso acabe logo, queremos voltar para Los Angeles. — Eduard deseja.

— Aonde vocês estão? — Ele questiona.

— Seguros, é apenas isso que eu te digo.

Lewis é extremamente vago em sua resposta e isso irrita o meu amigo.

— E você julga que essa informação é suficiente? — Ele questiona.

— Não me importo com isso se é suficiente ou não, Turner. Eu estou tentando manter a minha irmã segura. — Eduard murmura irritado e coça a minha barba. — Ela está bem, quer voltar logo para

Los Angeles e para você, mas por enquanto não dá e muito menos te dizer onde estamos.

— Como eu posso ter a certeza de que ela está bem? Vocês não me deixam falar com ela! — Dom exclama ao bater os punhos nos joelhos.

— Emily está bem, Dominic. — Dylan afirma. — Nós, Eduard e eu, estamos a mantendo segura da melhor forma que podemos, além de controlar o acesso dela ao celular, pois ela pode fazer uma basteira, nos colocar em risco porque não aguenta mais ficar longe.

— Vocês não entendem...

Dominic tenta falar, mas é interrompido.

— O que não entendemos? — Eduard questiona ao ficar de pé. — Você que não está entendendo a merda que pode acontecer! James está apenas esperando uma falha nossa e tudo irá para a puta que pariu. Não é apenas Emily e eu, tem muito por trás.

Lewis e Allen trocam um rápido olhar e eu noto que existe algo por trás dessa proteção que estão colocando ao redor da Emily.

— Eu queria apenas falar com ela, vê-la, nem que seja por um videochamada. — Dom murmura cabisbaixo. — É difícil ir dormir e acordar sabendo que ela está por aí, em algum lugar, longe de mim. Eu posso ajudar a protegê-la...

— Todas às vezes que vocês estiveram junto, coisas ruins aconteceram. — Eduard o lembra.

— Por culpa de quem? — Dominic questiona ao ficar de pé. — Sua, do seu pai...

— Para de ser babaca! — Lewis ordena. — Eu já fui um filho da puta com a Emily, mas hoje em dia eu dou a minha vida para protegê-la. Então não venha me falar merda, pois você não sabe das coisas que passamos desde quando fugimos de Los Angeles.

— Mantenha a calma, Eduard. — Dylan pede.

Lewis está pouco se importando com o que lhe foi pedido, ele está espumando de ódio e eu estou me controlando ao máximo para não agir como um inconsequente ao incendiar ainda mais essa briga.

— Eu estou sendo babaca? Cala a merda da sua boca! — Dominic ordena.

— Não viemos aqui para brigar.

Tento acalmar os ânimos do meu amigo, por mais difícil que seja. Observo o Dominic dar um passo na direção do Eduard e eles ficam frente a frente. Eu me levanto e fico entre eles. Eu não posso permitir que eles briguem, não viemos aqui para isso. Troco um rápido olhar com o Dominic, pedindo silenciosamente para ele se acalmar e ele volta a se sentar. Passa as mãos na cabeça e encara o chão. Eu também volto a me sentar e sinto o meu coração bater descompassado.

— Dom, você sabe que é melhor para os Lewis estarem escondidos durante esse tempo...

— Quanto tempo, Dylan? Quanto mais eu terei que esperar?

— Dominic o questiona ao interrompê-lo.

— O tempo necessário. — Eduard responde.

— Você fala como se fosse fácil. — Dominic resmunga.

— Não é para ninguém, principalmente para a Emily, mas somos obrigados a aceitar esse fato, Dominic. — Lewis o lembra.

Não deve estar sendo fácil para ninguém, pois todos nós fomos colocados no meio do fogo cruzado e qualquer um pode ser atingido a qualquer momento. Por mais que o James esteja silencioso, nós sabemos muito bem que é apenas uma artimanha para fazer com que nós relaxemos, lhe dando uma autorização indireta para nos atacar.

— Isso que é difícil; obrigados a aceitar. — Dom resmunga.

— James foi atrás de vocês?

O meu questionamento escapa da minha boca, sem eu perceber e o Lewis ri irônico ao me encarar.

— Sabe de quem ele deveria ir atrás? De você, que foi o amante da minha mãe e teve a parcela de culpa na morte dela.

— Você pensa que eu não sofri com a morte dela? — Questiono. — Margareth era importante para mim e seu eu pudesse, teria ajudado, como eu sempre quis desde o início, mas ela queria continuar sendo a esposa perfeita.

— E depois ela ia gemer na cama com você? — Eduard questiona debochado.

— Ia e eu a fazia gemer muito bem.

Um sorriso debochado surge no canto da minha boca e eu o vejo ele se transformar. Dylan age mais rápido que todos nós, se levanta e fica na frente do Lewis, o impedindo de vir na minha direção.

— Saí, Jensen. — Ouço o Dominic me pedir.

Eu decido não lhe questionar, muito menos argumentar e saio da sala. Eu queria que ele babaca viesse para cima de mim, pois eu lhe daria uma boa surra. Ele iria aprender a nunca mais tentar me enfrentar. Eu sou homem o suficiente para enfrentar o demônio do James, e enfrentar o aprendiz de mafioso, é como roubar o doce de uma criança. Eu decido sair da casa, ando calmamente na direção da tenda e procuro um lugar para me sentar. Ao meu lado restam três cadeiras vazias e eu espero que o Dominic não demore a finalizar o assunto com o seu cunhado. Moleque folgado e idiota! Sou servido com uma dose de uísque e o bebo de uma vez. Nós não iremos voltar para Los Angeles hoje, então eu posso beber em paz.

— Aonde está o meu lutador? — Matt me questiona.

— Conversando com o Lewis, ainda.

Ele apenas acena e volta a se afastar. Não tem nenhum ringue ou octógono, é apenas um tatame. O objetivo aqui é realizar um Boston Crab contra o seu adversário e eu adoraria participar, para descontar a raiva que eu estou sentindo, porém, eu reconheço que isso não é nenhum pouco certo e respiro fundo, tentando acalmar o meu sistema nervoso. Longos minutos se passam até que eu veja eles entrando na tenda. Dominic se senta ao meu lado, Lewis ao lado dele e por fim, se senta o Dylan.

— Saloon deixa qualquer um que quiser entrar no círculo e lutar. — Ouço o Dominic informar.

— Deixo e quero vocês, menos o Turner, pois está se preparando para uma boa luta. — Matt nos surpreende ao parar na nossa frente. — Quer lutar hoje, Lewis?

— É uma proposta tentadora, mas faz meses que eu não luto e não estou a fim de me machucar.

— É como andar de bicicleta, nunca nos esquecemos. — Ele bate no ombro do Lewis e olha rapidamente para mim. — Eu

desejaria um combate entre vocês.

— Melhor não. — Dylan murmura.

— Essa luta só acabará quando um estiver morto. — Turner comenta num murmúrio.

Rio debochado, pois o que o Dominic disse é a mais pura verdade. Eu não me esqueci da sua ideia em lutar contra cada um dos 5M e eu espero que eu seja o próximo a realizar a minha proeza contra ele, lhe dar um belo e forte nocaute. Para deixá-lo desacordado por mais de vinte e quatro horas.

— Então existe uma rixa entre Brown e Lewis? Que interessante! — Saloon comenta com um sorrisinho no canto da boca.

— É melhor deixar o assunto quieto. — Lewis resmunga.

Eu não vou subestimá-lo ao dizer que está com medo de lutar comigo, pois eu sei que a sua prioridade hoje em dia é a sua irmã. Vejo o Matt acenar concordando contragosto e eu respiro fundo. Nós não iremos lutar aqui, eu quero vencê-lo no Fight, no lugar que ele é parcialmente dono. Eu prendo a minha atenção no tatame quando dois lutadores são apresentados e no mesmo segundo o Dominic sai apressado da tenda, logo atrás do Lewis. Eu reviro os meus olhos e me recuso a ir atrás deles.

— É difícil ter uma conversa tranquila?

— Eu nunca espero por isso. — Dylan comenta. — Eu acho melhor irmos atrás deles.

Bufo irritado, mais uma vez e saímos da tenda. Eu desejo muito que o Matt interfira e faça que o Dominic fique colado nele, pois, só assim para o meu amigo sossegar. Apresso os meus passos ao ver que o Dominic está prestes a iniciar uma briga com o Eduard, e o Dylan passa por mim correndo. Nós entramos no meio deles, tentando separar o Dominic do Eduard, mas o meu amigo continua a segurar o pulso do seu cunhado. Eu imagino que esteja doendo, porém, o Lewis está sorrindo debochado, e isso causa irritação no Turner.

— Me fala aonde ela está. — Dominic ordena.

— Eu não vou falar, caralho.

— Para Dominic! — Ordeno.

Consigo empurrar o meu amigo para longe de Eduard, fazendo com que o aperto seja solto de forma brusca, com certeza, causando uma lesão.

— Emily está bem. Mora num apartamento com o Eduard, tem livre ida e vinda pela cidade. Ela está bem, merda! Entenda isso. — Dylan suspira ao pedir.

Dominic maneia a cabeça para os lados, em seguida acena concordando com o Dylan e vai rumo a tenda. Eu fico parado sem saber se eu devo voltar para a tenda, ou se devo continuar aqui. Observo o Lewis andar na direção dos carros, ao lado do Allen, enquanto massageia o próprio pulso. Eu olho na direção da tenda e bufo irritado ao ver o Dominic voltando. Ele não sossega, está dando mais problema que eu imaginei que poderia dar. Aliás, eu imaginei que a noite seria tranquila, que eles teriam uma conversa tranquila e ficaria nisso.

— Chega, Dominic! — Ordeno. — Você está passando dos limites.

— Eu preciso ter a certeza de que ela está bem, pois, sem saber disso eu não vou poder ficar em paz.

— Eles já te garantiram que ela está bem.

Ele maneia a cabeça para os lados e anda na direção que o Lewis foi. Eu consigo ver, ao longe, ele encostado no capô do seu carro, enquanto continua a massagear o seu pulso. Eu nunca enfrentei o Dominic, e nunca quero isso, pois sei que o seu soco é capaz de fazer uma pessoa desmaiar – como aconteceu com o Oliver há pouco tempo – e agora sei, que um simples aperto pode causar uma lesão.

— Liga para ela e me prove que ela está bem. — Dominic pede mais calmo.

— Você já está ficando paranoico. — Eduard resmunga.

E eu tenho que concordar com ele.

— Por favor, Eduard. — Dominic pede.

Lewis respira fundo, pega o seu celular e acata o pedido.

— Já chegou, Ed? — Emily questiona assim que atende.

A sua voz me lembra a voz da Margareth e eu sinto o meu coração doer.

— Não, eu vou sair daqui ainda. — Eduard lhe informa.

— Tudo bem. — Ela suspira.

— Você está bem? Me responda à verdade. — Ele pede, ao olhar fixamente para o Dominic.

— Eu estou ótima, só quero ir para casa. A saudade bateu contra o meu peito e eu só quero ficar no nosso canto, na sua companhia. — Emily declara.

— Em breve eu estarei aí, clone. — Eduard garante.

— Então venha e compre algo bem gostoso para eu comer. — Ela pede

— O que você quer comer? — Ele a questiona

— O que eu quero? É pedido...

— Emily... — Franço o meu cenho ao notar que ele a interrompeu, para que ela não falasse algo indevido. —, o que você quer que eu compre?

— Compre uma barca de sushi, traga yakissoba também. — Ela responde.

— Tudo bem. Daqui a pouco eu estou aí. — Lewis a informa.

— Venha com cuidado. — Emily pede.

— Eu te amo. — Ele declara.

— Eu também e... — Ela faz uma pausa e ri suavemente. —, você é um irmão incrível, e não é pela comida.

— Obrigado.

Por um segundo, eu acredito que o Eduard vá chorar, pois os seus olhos estão cheios de lágrimas e imagino o quão importante é para ele ouvir isso da irmã, depois de tudo que ele já causou a ela. A ligação é encerrada e ele encara o Dominic.

— Ela...

— Está bem. — Lewis reforça.

— Me desculpe por desconfiar, te acusar de algumas coisas e por machucar o seu pulso.

Eduard apenas acena e entra no seu carro. Dylan se despede de nós com um aperto de mão, e ao invés do Dominic se afastar, ele vai até a janela do carona e se debruça após o Lewis abaixar o vidro. Eu me vejo nessas atitude do Dominic, pois eu agi parecido, mas a minha forma foi direcionada a mim mesmo, causei muito dor

a mim mesmo e me feri ao ficar alimentando as minhas dores. Dominic volta a se aproximar de mim e respira fundo, enquanto observa o carro do Lewis se afastar.

— Pronto, agora podemos voltar para a tenda?

— Nós poderíamos segui-los. — Dominic sugere.

— Não, nós não vamos fazer isso.

— Mas só assim para eu conseguir ver a Emily.

— E levar esses meses de esconderijo ralo abaixo, vai acabar com a proteção deles se o James descobrir aonde eles estão.

Dominic não me fala nada, esfrega o seu couro cabeludo com as pontas dos dedos e sai pisando duro, ao andar na direção da tenda. Eu levanto as minhas mãos aos céus e peço um pouco de paz, por pelo menos uma hora, pois eu quero aproveitar um pouco a noite e essa oportunidade ao estar aqui, nesse evento visado por muitos lutadores e empresários do ramo. Eu volto a me sentar, o Dominic se senta ao meu lado e fica em silêncio. Contudo, eu sei muito bem que a sua mente está extremamente barulhenta.

Matt Saloon, se senta ao lado dele e eles iniciam uma conversa sobre os planos que devem ser postos em prática o mais breve possível. Eu tento prestar atenção na luta, mas a única coisa que se passa em minha mente; o que os Lewis estão escondendo? Ficou visível que eles estão guardando um segredo ou algo parecido. Ele e o Dylan deixaram exposto através de algumas atitudes, principalmente quando o Eduard interrompeu a irmã durante a ligação. Eu não consigo ter a menor ideia se quer do que possa ser, mas sei que estou certo. Eu sempre estou certo nas minhas teorias ligadas aos Lewis. Há oito anos eu soube que o meu amigo iria se ferrar ao estar se relacionando com a Emily.

— Eu insinuei ao Lewis que ele deve planejar algo para conseguir voltar para Los Angeles. — Ouço o Dominic me informar.

Eu o olho e aceno, concordando. Eu poderia falar sobre as coisas que estão se passando em minha mente, mas é melhor que eu fique com isso guardado para mim mesmo e talvez eu tente arrancar alguma informação do Dylan, da próxima vez que nós formos conversar.

— Ele já fez tantas coisas, que arrumar uma ideia para a volta deles, será algo banal diante de tudo.

— Eu acho que ele entendeu que eu quis dizer que ele deveria matar o próprio pai.

— *Shiu!* — O repreendo por falar esse assunto aqui e olho ao redor para ver se alguém nos ouviu. — Você ficou maluco de falar esse tipo de coisa bem aqui, no meio desse pessoal?

— Ninguém está nos ouvindo.

Não mesmo, pois não tem ninguém sentado próximos a nós, mesmo assim é arriscado falar esse tipo de coisa aqui.

— Fazer o pai dele mudar de plano será algo banal para o Eduard, ele pode fazer isso num piscar de olhos.

Eu poderia fazer isso, mas eu não vou sujar as minhas mãos ao matar o Lewis, além de saber que mais cedo ou mais tarde isso irá acontecer, seja por causas naturais ou não. James deve ter muitos inimigos, muitas pessoas devem desejar a morte dele, mesmo que ele seja uma pessoa pública, ou como a mídia social diz; o melhor governador.

— Mas ele jamais faria isso. — Dom murmura pensativo. — Emily não concordaria com esse plano furado.

— Família caótica.

— Margareth era complicada desse jeito? — Ele me questiona. Eu encaro o chão e aceno concordando.

— É uma fodida maldição que é carregada nos genes dessa família.

O meu amigo ri, ao concordar comigo. O garçom nos oferece uma bandeja cheia de bebidas, eu me sirvo com mais um copo de uísque e o Dominic prefere ficar apenas na água.

— Eu terei que voltar dirigindo, não é? — Ele me questiona.

Aceno concordando e bebo o líquido presente no meu copo, num gole só.

[...]

— E a Emily? — Oliver questiona.

Estamos no apartamento do Dominic, tomando café da manhã e ele veio para cá, assim que nos viu chegando. Passamos a madrugada inteira no evento, só decidimos voltar quando vimos que estava amanhecendo e o Dom veio dirigindo, pois eu bebi a cada segundo e quase me arrisquei a entrar no octógono, mas, infelizmente eu não estava em boas condições e felizmente o meu amigo interveio por mim, para que uma tragédia não ocorresse.

— Não estava lá, ela nem se quer ficou sabendo que o irmão se encontrou comigo. — Dominic lhe conta.

— Quando ela ficar sabendo, vai se tornar uma fera...

— Eu acho que ela nem irá ficar sabendo. — Suponho ao interromper o Oliver.

— Será?

Penélope entra na cozinha chamando a nossa atenção e para bruscamente ao ver o seu ex-namorado, mas antes que ela possa conseguir dar meio volta e sair, o Turner pede para que ela nos tome o seu café junto conosco. Ela respira funda, ignora o Oliver e se senta entre eu e o seu irmão.

— Eu acho melhor ir embora. — Oliver resmunga.

— Fique, Oliver. — Dominic pede.

Ele olha para a princesinha, que continua a ignorá-lo e assente suavemente.

— Vocês chegaram tarde. — Penélope comenta.

— Não, chegamos cedo. — Ironizo. — O sol estava raiando.

Ela revira os olhos diante da minha informação.

— Demoramos porque o evento estava muito bom, apesar de alguns problemas.

— Possíveis lesões. — Suponho ao completar a frase do Dominic.

— Como assim? — Penélope questiona, curiosa.

Dominic respira funda e decide lhe contar o que aconteceu. Apesar de todo o álcool presente no meu organismo e principalmente no meu encéfalo, a ideia de os Lewis estarem escondendo alguma coisa se tornou fixa em minha mente durante todo o momento após a partida do Eduard. Não contei para ninguém e continuo não pretendendo contar. Enquanto os irmãos conversam,

eu como tudo o que eu vejo pela minha frente. Além da minha cabeça está querendo começar a doer, eu estou com uma fome de vinte leões. Oliver não demora muito a ir embora, pois têm alguns afazeres a realizar antes de ir para a casa dos seus pais e eu flagro a Penélope suspirar ao vê-lo ir embora.

— Amadureça, ou você vai perdê-lo.

— Não se intrometa aonde não foi chamado.

— Ei, não fale dessa forma. — Dominic a repreende.

— Jensen está se metendo num assunto...

— Ele te deu apenas um conselho, o qual eu concordo, mas respeito a sua decisão em não querer mais nada com o Oliver. — Ele suspira antes de beijar a têmpora da irmã. — Eu apoio as suas decisões, mas isso não quer dizer que eu concorde com ela.

Turner sai da cozinha após avisar que irá tomar banho antes de ir jogar basquete e eu aviso que irei embora, assim que terminar de comer. Bebo o restante do meu café e me sirvo com um pouco mais.

— Você acha que eu estou errada? — Penélope me questiona.

— Não é estar errada ou certa, a questão é de ambos estarem sofrendo por algo que já poderiam ter resolvido há meses.

— Mas o Oliver me magoou...

— E você não o magoou? — Questiono ao interrompê-la.

Ela não fala absolutamente nada, apenas abaixa o olhar e suspira. Eu limpo a minha boca, dou um beijo no topo da cabeça da Penélope e saio do apartamento. Massageio a minha têmpora enquanto eu desço os degraus da escada e logo os meus pés tocam a calçada. Eu tampo os meus olhos quando o sol bate contra o meu rosto, fazendo a minha cabeça doer. Dou longos passos, para entrar no meu carro e enfim me escondo da claridade do dia. Eu poderia dormir aqui, apenas por alguns minutos e tenho certeza de que eu teria um sono tranquilo, contudo, eu também tenho certeza de que se eu não chegar em casa até o meio do dia, a minha mãe irá me procurar por cada canto dessa cidade.

Ligo o meu carro, coloco o cinto de segurança e dirijo rumo a minha casa. Eu deveria estar dirigindo? Não, porém, é necessário. Eu preciso de um banho e passar algumas horinhas sobre a minha

macia cama. Talvez eu devesse levar uma companhia feminina até lá. Ou melhor, eu devo fazer isso nessa noite. Isso mesmo, eu irei arrumar uma boa companhia e irei me divertir durante essa noite. Fujo do engarrafamento da avenida, entro na rua lateral e paro diante do cemitério. A primeira coisa que se passa em minha mente é; Margareth. A segunda é algo projetado pelo álcool ainda presente no meu organismo; eu devo descer do meu carro e ir até o túmulo dela. Há anos que eu desejo fazer isso, porém eu nunca tive coragem, essa maldita coragem que o álcool está fazendo correr pelas minhas veias.

Estaciono o meu carro numa vaga qualquer, desço e ando calmamente entre as lápides. Eu não sei aonde ela está enterrada, mas eu irei achá-la. Uma certeza eu tenho é de que, ela está no jazido da família Lewis. Então fixo isso em minha mente e tento encontrá-la. Após longa busca, por longos minutos, eu encontro a sua lápide e fico sem reação. Eu nunca imaginei que eu poderia vê-la dessa forma. Por mais que eu saiba claramente que a Margareth realmente não está aqui, não é assim que o meu coração entende. A dor de imaginá-la dentro do caixão, pálida, gélida, com uma perfuração de arma branca em seu peito e conseqüentemente morte, é como se eu sentisse o meu coração ser triturado.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO DOIS

Você pode me ouvir gritando: Por favor, não me deixe?

Espere, eu ainda te quero

Volte, eu ainda preciso de você

Me deixe pegar a sua mão, eu vou consertar tudo

Juro te amar por toda minha vida

Espere, eu ainda preciso de você

Hold On – Chord Overstreet

Eu agacho diante da pedra, a toco com as pontas dos meus dedos e abaixo a minha cabeça. Uma frase de Friedrich Nietzsche surge em minha mente e eu a ligo a este momento, aliás, desde o momento que eu soube da morte da minha Maggie – “Ninguém se cura de uma aflição, a não ser sofrendo-a intensamente”. E eu sinto que vivi a minha dor exatamente assim, eu me tornei um homem que eu jamais imaginei ser, fiquei transtornado por meses, quebrei muitas coisas, principalmente, o meu quarto. Feri o meu próprio corpo, mente e espírito, sentindo profundamente e intensamente a dor da sua perda.

E só depois de viver o meu ciclo, eu consegui *superar*, por mais superficial que em alguns momentos possa parecer ser. Eu a deixei escorregar por entre os meus dedos, ser soterrado por milhares de pensamentos, dores e temores, para conseguir entender tudo que estava dentro de mim. Eu não posso voltar para *ontem* porque lá eu era uma outra pessoa, e mesmo que eu tivesse a oportunidade de voltar, eu jamais iria conseguir salvá-la, pois a Maggie queria realizar as coisas do seu modo e ele a trouxe até aqui. Enterrada a sete palmos, o seu corpo deitado dentro de um caixão e sendo consumido pelo ciclo da vida.

— Eu sinto a sua falta e jamais irei acreditar nas mentiras que estão tentando colocar em minha mente, mentiras relacionadas ao seu caráter.

Bato as mãos nos meus joelhos, fico em pé e respiro fundo. Eu não irei voltar mais até aqui, pois não é correto e eu não quero correr o risco de ser flagrado. Dou alguns passos para trás, me

afastando da lápide e segundos depois, já estou andando rumo ao meu carro. Margareth partiu e me partiu ao meio ao entrar na minha vida com uma brisa fresca, e meses depois, foi arrancada brutaemente, fazendo com que nem as suas raízes pudessem permanecer dentro de mim.

Entro no meu carro, esfrego o rosto entre as minhas mãos e um soluço doloroso escapa da minha boca. A partir de hoje eu me nego continuar a sofrer, eu me nego a retroceder diante dos meus sentimentos e dores. Por mais que eu saiba que irei carregar a dor da perda dia a dia, irei seguir a minha vida, irei me aventurar em outras bocas, em outros corpos e em outras camas. Se a paixão surgir em algum momento, eu irei aceitá-la de braços abertos, apenas se for de bom tom e se vier de uma pessoa que conseguiu me conquistar.

Encontro o meu equilíbrio mental, coloco o cinto de segurança e continuo o meu trajeto. O restante é feito tranquilamente, e logo eu consigo chegar em casa. Desço do meu carro após estacioná-lo na garagem, pego apenas o meu celular no banco do passageiro e entro em casa. Sinto o cheiro do almoço sendo preparado e o meu estômago reclama de fome. Eu ainda não comi o suficiente, sempre fico assim após ter uma noite regada a bebidas. Encontro a minha mãe conversando com a nossa governanta, eu beijo o topo da sua cabeça e me encosto no balcão após pegar uma maçã.

— Você precisa de um banho. — A minha mãe declara ao se afastar suavemente de mim. — Está com cheiro de suor misturado com bebida.

— Cheiro de uma boa noite.

Ela remexe a boca contrariada com a minha fala e arqueia uma sobrancelha.

— Pelo menos não está com cheiro de vagabunda.

— Eu não me relaciono com vagabunda.

— Eu não disse que se relaciona. — Ela resmunga e volta a sua atenção para a Rosi.

Eu continuo a comer minha maçã, enquanto as ouço conversar sobre o jantar e me surpreendo ao ouvi-la pedir para que eu convide os Turner a virem jantar aqui. Eu apenas aceno concordado e aviso

num murmúrio que depois eu irei entrar em contato com o Dominic. Desde que o meu amigo conseguiu ser liberto daquele inferno, a minha mãe vem planejando realizar um jantar, já que tem muita consideração por ele e pela Penélope. Por muitas vezes nesses oito anos que se passaram, a Penélope veio passar algumas tardes aqui e participar de jantares, e era como uma fuga da rotina. Já que ela passava os dias num ciclo sem fim; trabalhar, pensar no irmão e estudar.

— Como foi no *Boston Crab*?

Ouço o meu irmão questionar e em seguida o vejo entrando na cozinha.

— Foi muito bom, apesar de alguns probleminhas.

Ele franze o cenho e nós saímos da cozinha, para que possamos conversar. Como é final de semana, nenhum de nós precisa ir até a agência. Devemos apenas aproveitar a nossa folga e eu pretendo fazer isso muito bem.

— O que aconteceu? Dominic não conseguiu o patrocínio? — Leon me questiona.

— Conseguiu, fomos até lá porque ele já está sendo patrocinado pelo Saloon.

— Então o que aconteceu?

— Nós encontramos com o Lewis.

O meu irmão arregala os olhos e fica me encarando.

— Eduard Lewis?

— E quem mais seria? — Questiono.

Me sento no sofá e relaxo o meu corpo contra o estofado.

— Ele e a irmã voltaram para a cidade?

— Não, por enquanto, não. — Respondo. — Contudo, o Dominic pediu para que o Eduard faça algo logo para que essa volta seja permitida.

— Só se eles se aliarem ao Lewis.

— Difícil, pois o Eduard está protegendo a irmã com unhas e dentes, nem se quer a levou até Santa Ynez, muito menos a avisou sobre o encontro com o Dom.

— Faz mais do que certo, após tudo o que aconteceu a pobre Emily.

— Pobre. — Ironizo.

Ele arqueia uma sobrancelha e eu noto que devo fugir da continuidade dessa conversa, pois desde quando o meu irmão e amigos souberam do meu romance com a Margareth, eles vivem me jogando indiretas, tentando saber como foram os meses que eu estive com ela. Quando o meu segredo foi exposto, eu simplesmente sumi. Fiquei dias sem ir até a agência, estava trabalhando de casa mesmo e fugi de todos que tentavam entrar contato comigo. Eu nunca quis que o assunto fosse exposto, pois era um relacionamento extremamente íntimo e importante para mim continuar mantendo em segredo.

Eu me levanto do sofá, ando na direção do meu quarto e tranco a porta, após entrar no cômodo. Deixo o meu celular sobre a cama, vou até o banheiro e apenas encosto a porta. Retiro a roupa do meu corpo, a jogo no cesto e entro debaixo do chuveiro morno. Estou surpreso com a ideia do jantar, mas sei que o Dominic irá aceitar assim que souber, pois ele tem um carinho grande pelos meus pais, segundo ele, principalmente, pela forma que eles estiveram próximos a Penélope enquanto ele esteve privado de sua liberdade.

Enquanto a água cai sobre o meu corpo, ouço a minha mãe avisar que deixou uma bandeja sobre a mesa de cabeceira e em seguida, pede para que eu coma tudo e esteja disposto para o almoço. Eu sinto muito, mas não irei realizar esse seu segundo pedido. Pretendo dormir e acordar próximo a hora do jantar, ou talvez, meio da tarde, quase no anoitecer, pois eu preciso recarregar as minhas energias, já que pretendo sair nessa noite. Seco o meu corpo após terminar o meu banho, visto apenas uma cueca boxer de cor escura e me deito em minha cama, debaixo do edredom. Todas as cortinas estão fechadas, deixando a escuridão perfeita para que eu possa dormir, mas antes eu preciso avisar o meu amigo sobre os planos de hoje.

Tateio a minha cama, em busca do meu celular e o encontro ao lado do meu travesseiro. Ao invés de enviar uma mensagem, eu decido ligar. Diversos toques e ele não me atende. Decido ligar para a Penélope quando eu me lembro que o Dominic iria jogar basquete

e com certeza não deve nem se quer lembrar do celular. Se a Lewis quisesse entrar em contato nesse momento, iria ser péssimo.

— Oi, Jensen.

— O seu irmão está por aí, princesa?

— Ele foi jogar basquete e eu estou trabalhando.

— Eu tenho um convite para vocês, aliás, a minha mãe tem.

— Convite? — Penélope questiona interessada.

— Vocês virem jantar aqui em casa hoje à noite.

— Nós iremos. — Ela afirma. — E após o jantar, nós combinamos de encontrarmos a Lau num barzinho, você irá junto?

Eu nem se quer, preciso pensar para lhe responder. Afirmo de imediato e nós nos despedimos. Já faz algum tempinho que eu não vejo a Lauren pessoalmente, a vejo apenas através das suas reportagens que passam em alguns telejornais. Ainda me lembro que eu fiquei a fim dela no dia que o meu irmão ficou noivo e por ajuda do destino ou não, o Noah atrapalhou os meus planos relacionados a ela e desde aquele momento eu simplesmente esqueci do que eu queria naquele momento. Nós sempre fomos amigos e é o certo continuarmos a sermos apenas amigos.

[...]

A minha mãe dá um abraço apertado no Dominic e o olha atentamente, o analisando, em seguida abraça a Penélope e a elogia por estar ainda mais linda. Eu dou um beijo na têmpora da minha princesa e volto a me sentar no sofá. Ela se senta ao meu lado, o seu irmão no lado oposto e a Rosi oferece alguma bebida. Dominic aceita uma cerveja, e a Penélope apenas um suco. O meu irmão em breve estará aqui, pois segundo a minha mãe, ele estava no banho. O meu pai está sentado no sofá oposto, e parece interessado em ouvir sobre a carreira da Penélope.

— Eu costumo ver mais a Lauren no jornal da noite. — Ele comenta.

— Eu faço mais o da manhã, porém, me dedico mais ao jornal digital e físico. — Ela comenta.

— Ah sim, eu já li muitas das suas matérias.

Penélope sorri tímida e o agradece ao receber um elogio. Rosi se aproxima novamente e serve os convidados.

— E como foi o evento ontem? — O meu pai nos questiona.

— Muito bom. — Dominic responde brevemente.

Ele não é muito fã desse tipo de esporte, porém não faz mais tanto alarde como anteriormente, contudo, se recusa a ir até o *Fight* assistir qualquer possível luta, mesmo que seja minha ou do Leon.

— Todos estão apostando alto no que está por vir em sua carreira. — O meu pai comenta.

— É muito bom que isso esteja acontecendo, pois era exatamente o que eu esperei desde o início, e estar conseguindo isso agora, após imaginar que tudo iria por água abaixo, é como ganhar um animo turbo.

— E é muito mais que merecido que isso esteja acontecendo.

Dominic acena, concordando comigo.

— E o Lewis?

Troco um rápido olhar com o meu amigo e em seguida encaro o meu pai.

— James?

— Ainda é dono do *Fight*, não é?

— Sim, mas nem se quer vai até lá após a partida dos filhos.

— E aonde será que eles estão? — A minha mãe questiona ao se sentar ao lado do meu pai. — James sempre fala que os filhos estão *sumidos* porque estão se dedicando aos estudos.

Observo o Dominic remexer a cabeça, contragosto desse assunto e eu suspiro. É visível que ele ainda esteja nervoso pelos acontecimentos da noite anterior, eu poderia ter concordado com ele em termos seguido o carro do Dylan, entretanto, estava claro que o plano não era bom, pois colocaria todos em risco, principalmente os Lewis e a família do Allen, que simplesmente, está diariamente arriscando a sua vida para proteger dois irmãos que tem um demônio no lugar do pai. Enfim Leon adentra na sala de estar, cumprimenta os amigos e se senta na poltrona.

— Lola não virá? — Penélope questiona.

— Não, ela está na casa dos pais. — Leon responde.

— Deveria ter ido conosco ontem ao *Boston Crab*. — Dom fala ao meu irmão.

— Eu queria, mas já tinha marcado um compromisso com a Lola.

— Eu quero saber quando irá sair esse casamento. — A minha mãe resmunga chamando a atenção de todos. — Temos que agilizar, meu amor.

— Nem eu, muito menos a Lola temos pressa. — Leon declara despreocupado. — Talvez no ano que vem poderemos começar a organizar o casamento.

— E o do Jensen? — Penélope questiona debochada.

Todos ficam em completo silêncio por longos segundos, e o Leon é o primeiro a rir.

— Jensen? — Ele questiona. — Isso nunca irá acontecer.

— Resposta certa, meu irmão.

— Ele vai se casar também. — A minha mãe anuncia e eu a encaro, com o cenho franzido. — A santa ainda não apareceu, mas irá.

— Santa? — Dom questiona.

— Tem que ser mesmo, para suportar o Jensen.

Todos riem ao ouvir a frase da Penélope, principalmente eu e não perco a oportunidade de alfinetá-la também.

— Oliver também terá que ser um santo, aliás, ele já deve estar a caminho do Vaticano.

Ela se cala, ao ficar nervosa e o Dominic pede desculpas ao quase cuspir a cerveja de sua boca.

— Eu acho melhor nós irmos jantar. — O meu pai sugere.

Nós vamos para a sala de jantar, cada um se senta no seu devido lugar e Rosi serve uma taça de vinho para cada um de nós. Para o jantar foi preparado legumes refogados, costela de porco, purê de batata e ervilhas. Dominic elogia o tempero e pede para que o segredo seja dividido, para que ele possa tentar reproduzir o sabor da costela. Os meus pais continuam a conversar animadamente com o meu amigo, em relação a sua carreira, o meu irmão fala poucas coisas, pois está mais interessado em comer e eu fico observando a Penélope que continua quieta.

Eu espero que não tenha a magoado com a minha fala relacionada ao seu relacionamento com o Oliver, e se eu lhe causei isso, irei me desculpar e tentar concertar a situação, como eu sempre fiz, pois eu prefiro que ela me magoe, a que eu magoe ela. Porque na minha cabeça, magoar alguém, dói mais do que ser magoado, é horrível ver alguém mal por sua causa. E eu nem se quer consigo imaginar como tem gente que simplesmente consegue agir desse modo e depois ficar tranquilo, conseguir colocar a cabeça no travesseiro e descansar. Contudo, eu sei que já magoei algumas pessoas e agi como se eu não tivesse feito nada, mas eu aprendi a lidar melhor e tentar ser melhor, para que eu não cause uma mágoa profunda em ninguém.

Quando a Penélope e a Emily voltaram a se reaproximar, ela tentou entender o porquê da minha acusação direcionada a Lewis e eu sabia que esse questionamento viria para cima de mim em algum momento, pois, por mais que elas tenham passado anos afastas e que a minha princesinha não quisesse encontrar a *cunhada*, em ambas existiam um grande sentimento de carinho mútuo. E quando a Penélope veio me questionar, após a fuga dos Lewis, eu fui o mais verdadeiro que sempre fui. Lhe informei que eu tinha medo dela ser prejudicada ainda mais do que já estava sendo, ao ter que ficar sem o irmão. E, também, lhe disse muitas outras coisas, eu abri o meu coração e ela entendeu as minhas atitudes.

E eu não consigo saber o que os Lewis sentem por mim, ou melhor, a Emily. Eu não sei se ela me odeia, se eu a magoei com alguma atitude. Ao contrário do Eduard, eu sei muito bem que ele me odeia e eu pouco me importo com isso. O que aconteceu entre Maggie e eu foi uma relação consensual, existia muito sentimentos em cada ato, em cada palavra. Pelo menos da minha parte e era o que eu sentia que vinha da parte dela.

— E a senhora Turner, como ela está? — A minha mãe questiona ao meu amigo.

O garfo que estava sendo direcionado até a sua própria boca, para no ar.

— Está melhorando gradativamente. — Penélope responde.

— E o...

Eu balanço a cabeça de forma negativa, fazendo a minha mãe se calar. Ela iria perguntar sobre o Jimmy e todo esse jantar harmonioso iria por água abaixo.

— O tratamento vai levar dois anos, em média, pelo menos é isso o que nos informaram. — Penélope comenta e olha para o irmão. — Pelo menos, agora sabemos aonde a nossa mãe está e como está.

— Eu fico feliz em saber que ela está bem.

Todos terminam de comer, as ajudantes da Rosi retiram a louça suja e nós permanecemos sentados, aguardando a sobremesa. O relógio em meu pulso está indicando que já se passam das nove e meia da noite e combinamos de encontrar a Lauren as dez e vinte. O nosso ponto de encontro é num bar, próximo à Santa Mônica e iremos virar a noite lá, já que ficará um pouco difícil voltarmos para casa após alguns – muitos – copos. E nós já estamos acostumados a fazer isso. Após nos deliciarmos ao comermos a torta de maçã que a minha mãe preparou, eu vou até o meu quarto e pego uma pequena quantia. O guardo na minha carteira e decido pegar dois preservativos, apenas por precaução.

— Os Turner's já estão te esperando lá fora. — Ouço a minha mãe me informar.

Eu olho para trás, a vejo parada na porta do meu quarto e eu guardo os dois pacotinhos no meu bolso.

— Capaz de eu não voltar hoje.

— Tenha cuidado.

— Eu sempre tenho.

Beijo o alto da sua cabeça e passo por ela.

— E não se envolva em brigas, muito menos com mulher casada.

Continuo a andar, ignorando o que ela acabou de me *pedir*. Bato no ombro do meu irmão, me despedindo e entro no meu carro. Leon não irá nos acompanhar, decidiu que será melhor permanecer em casa e eu achei isso uma grande bobagem, pois entendi que a sua decisão foi causada pela ausência da noiva. Antes que eu possa sair da propriedade, a Penélope desce do carro do seu irmão e corre na minha direção. Ela se debruça sobre a janela do banco

do passageiro e abaixa o volume da música, que já estava soando através dos alto-falantes.

— Você pode ir buscar a Lau? — Ela me questiona.

— Eu achei que ela iria no próprio carro.

— Ia, mas está com problemas e ela precisa de carona. — Penélope me informa. — E o Dominic achou melhor que você seja a dar essa carona, pois a Emily tem ciúme e...

— Eu sei, eu sei. — Resmungo. — Eu a pego, sem problema.

Penélope faz um aceno positivo com o dedo e volta para o carro do irmão. Saímos da propriedade em baixa velocidade, e seguimos lado a lado. Apenas nós quatro iremos sair esta noite, e independentemente da quantidade de pessoas, a nossa noite será como sempre; regada a diversão, álcool e sem limites. Acelero o meu carro, contorno por entre os carros e em menos de dez minutos eu já estou parando diante da casa da Lauren. Antes mesmo que eu possa buzinar, eu fico hipnotizado ao vê-la andando na minha direção.

— Então, o senhor irá me dar uma carona?

— Se a senhorita não se importar.

— Eu acho perfeito. — Ela sorri e deposita um beijo em minha bochecha. — Você é neutro, Jen, ao contrário do Dom, que tem uma leoa.

Eu rio suavemente e a observo dar a volta no meu carro. A porta se abre, a Lauren se senta ao meu lado e eu consigo olhar melhor a sua roupa. Ela está usando um maio preto, com mangas até os cotovelos, além de ter um grande decote entre os seus seios, e uma saia justa da mesma cor e que também tem uma vasta fenda frontal na perna esquerda. Eu não duvido nada que, um movimento errado, fará que certa parte do seu corpo seja exposta. Tenho vontade de lhe questionar se ela tem certeza de que quer ir com essa roupa, mas decido me calar, pois se ela está usando, é porque tem certeza da sua escolha. Ela flagra o meu olhar sobre o seu corpo e eu me apresso a voltar ao meu dever; nos levar rumo ao nosso destino.

— Penélope comentou comigo que seria melhor mesmo você vir no meu carro.

— E eu me sinto mais tranquila, ainda mais depois de como aconteceram determinadas coisas.

— Eu entendo.

Após o Dominic sair da penitenciária, ele e a Lauren se aproximaram e tiveram um breve romance, por mais superficial que tenha sido, contudo, no meio desse *relacionamento* ele voltou a se envolver com a Emily e se afastou da Lauren, sem dizer nada, muito menos lhe dar alguma explicação, mesmo que não fosse preciso. E sobre a Lewis, a minha querida cunhada me confidenciou que, ela – a Emily – se corrói de ciúmes da nossa amiga Lauren.

— E ela, simplesmente sumiu? — Ouço a Lauren me questionar.

— Era o que restava a eles.

Refiro-me ao Eduard também, pois apesar de tudo, se não fosse por ele, a irmã teria o mesmo fim que a mãe teve. Eles fizeram certo ao fugir para salvarem as próprias vidas, e é melhor que fique assim até que seja a melhor escolha. Eu não sei o que aconteceu na última vez que os Lewis se encontraram com o pai, apenas sei que o James bateu na filha, que ela precisou ir para o hospital. Por mais que eu nunca tenha conseguido uma prova de que o Lewis assassinou a Margareth, eu sei que foi ele, por intuição própria. Eu consegui muitas provas referente aos atos criminosos do Lewis, porém, o que eu mais queria provar, eu não consegui.

— Pelo menos, o Dominic está tendo a sua vida normal, não está igual um louco procurando por ela.

— Não está, pois sabe que a Lewis está segura.

— E quando voltar... — Lauren suspira. —, será um *nojinho*.

— Por quê? — Questiono sem entender.

— Eles vão ficar grudados.

Rio suavemente.

— Ciúme?

Percebo que ela me encara incrédula e gargalha.

— Não, lógico que não! — Ela exclama. — Eu não sinto nada por ele, nem se quer a atração que eu senti quando estivemos juntos.

— Mas gostou.

Não ouço nenhuma palavra sair de sua boca, eu a olho e noto que ela está me encarando.

— É claro que sim, mas foi algo normal.

Estaciono diante do bar, descemos do meu carro e a Lauren sai andando na minha frente, se equilibrando sobre o seu salto alto. Involuntariamente, os meus olhos acompanham os movimentos da sua cintura e eu umedeço os meus lábios com a ponta da língua. Os irmãos Turner's aparecem ao meu lado e nós entramos no bar. Vejo que a Lauren já nos conseguiu uma mesa e nós nos sentamos. A mesa é redonda, então, eu estou ao lado dela, e a Penélope está entre o irmão e a amiga. As meninas se prontificam a irem pegar as nossas bebidas e eu fico a sós com o meu amigo. A sua mente parece distante, talvez esteja pensando na Lewis ou no que aconteceu na noite anterior.

— Está tudo bem? — Eu lhe questiono.

— Está. — Ele afirma. — Estou só pensando em algumas coisas.

— Eu acho que você quis dizer; alguém.

Dominic sorri e acena suavemente.

— Estive pensando muito no que eu falei para o Eduard e acho que agi errado.

— Você apenas teve atitudes exageradas, mas está tudo bem.

Ele respira fundo e apoia os braços sobre a mesa.

— Eu não te contei algo referente a Lewis...

— O que poderia me contar sobre a Emily? — Questiono com deboche.

— Eu me refiro a senhora Lewis, a Margareth.

Franzo o meu cenho, e desvio o olhar. Vejo as meninas vindo em nossa direção, Lauren equilibra dois copos em suas mãos e ri de algo que a Penélope fala. A luz do ambiente deixa a sua pele com alguns pingos de luz, a música parece estar em sincronia com o seu andar e eu me vejo da mesma forma que estive há alguns anos; vidrado de desejo nessa mulher. Ouço o Dominic me chamar e eu o encaro.

— Não! — Declaro. — Eu não quero saber de nada referente à problema, nem a Lewis. Hoje eu quero me distrair, e pensar nela,

não irá me ajudar em nada.

— Tudo bem.

Lauren se senta ao meu lado, coloca o copo de uísque na minha frente e remexe o corpo, como se degustasse cada batida da música. Eu bebo um gole do líquido presente no meu copo e olho ao redor. Eu gosto bastante desse bar, porém, as vindas até aqui não são tão frequentes como eu gostaria. Penélope conversa com a amiga sobre o trabalho e eu me distraio ao pensar no que o Dominic me falou há pouco tempo. O que será que ele tem a me falar sobre a Maggie? Eu poderia muito bem pedir para ele me dizer agora mesmo e dependendo, até reclamar da demora, entretanto, após a minha ida até a lápide da Margareth, me fez entender que eu devo viver cada dia da forma que eu desejar, sem ficar remoendo as minhas dores e *ela* me traz dores. Então, em outro momento, esse assunto irá poder retornar.

— Você estão muitos desanimados. — Lauren resmunga. — E esse desânimo não estava incluso nos planos dessa noite.

— Quais são os seus planos de hoje?

Talvez possamos ter alguns planos em comum.

— De início devemos começar com uma rodada de tequila.

Eu não gosto de tequila, pois me faz ficar alterado muito rápido, mas eu não irei me impor, é apenas uma rodada.

— Eu passo, não irei beber hoje. — Dominic resmunga.

— Por quê? — Ela questiona.

— Ei, vamos curtir a noite, tá bom? Beber e nos divertir como sempre fizemos. — Penélope pede ao irmão.

— A noite é uma criança, meu amigo.

Ele respira fundo e acaba concordando. Lauren sorri animada ao me olhar e eu lhe direciono uma piscada. O seu peito se enche de ar e o seu sorriso diminui quando os seus olhos brilham, e eu não consigo decifrar o que significa.

[...]

Bebo o restante da minha vodca, e coloco o copo de volta sobre a mesa. Dominic está sentado ao meu lado e em silêncio, pois

está bebendo a sua cerveja. Os meus olhos estão fixos na Lauren, ela está dançando com a Penélope, e a cada minuto que se passa, eu fico mais hipnotizado em seus movimentos. As suas mãos passam por sua cintura, que balançam de um lado para o outro, no mesmo ritmo que a música.

— Quer um conselho? — Ouço o Dominic me questionar.

Eu dou de ombros e fico passando a ponta do meu dedo sobre a borda circular do copo.

— Você vai falar de qualquer jeito, seja indiretamente ou diretamente.

Ele ri, ao concordar comigo.

— Eu notei os seus olhares para cima dela.

E então, eu o encaro.

— O que?

Merda! Era para ser discreto, mas eu falhei.

— Você está olhando para a Lauren desde que chegamos aqui.

Eu dou de ombros.

— Ela é bonita, atraente e... — Me calo por alguns segundos ao voltar a olhá-la. —, gostosa. Estou atraído por ela e... sei lá.

— Sei lá? — Ele ri. — Eu acho que ela poderia retribuir o que você quer.

— Turner. — Resmungo desacreditado e o encaro.

— Irá preferir ficar com desejo reprimido ao invés de tentar?

— Somos amigos.

— Eu também sou amigo dela e...

Ele não termina a sua frase, mas eu a entendo perfeitamente.

— Chega desse assunto. — Peço.

Dominic fica em silêncio por vários segundos.

— Eu fui um babaca com ela. — Ele confessa, me fazendo encará-lo. — Voltei a me envolver com a Emily enquanto estava dando esperanças a ela.

— Desde o início, a Lauren tinha noção que era um romance passageiro.

— Ela falava isso? — Ele me questiona.

— Não necessariamente, mas estava claro diante de todos.

— Mesmo assim, isso não anula a minha péssima atitude.

— Está tudo bem. — Resmungo sem paciência para este assunto. — Lauren já superou, você está com a Emily e ponto final.

— Não, eu não estou com a Emily.

Não está porque ela não está aqui, mas nós sabemos que quando ela voltar, eles irão se acertar e se relacionar novamente.

— A minha cabeça já está rodando. — Ouço a Penélope informar.

Olho para o meu lado e vejo as meninas paradas ao meu lado. Eu estico a minha mão na direção da Lauren, toco a sua cintura e ela se aproxima de mim. Fico fazendo movimentos circulares com o meu polegar e ouço o Dominic pedir para a irmã irem embora. Me surpreendo ao ver a Penélope concordar e a Lauren reclama.

— Faça companhia para o Jensen, ele também não quer ir embora agora. — Dominic a informa.

Lauren me olha, sorri e faz um breve aceno com a cabeça.

— Será apenas nós dois, então?

— Se você não se importar.

Ela nega e se afasta para se despedir da amiga, o Dominic bate no meu ombro e pede para eu ter juízo, independente da minha escolha e lembrar que ela é a nossa amiga. Penélope me abraça pelo pescoço e dá um beijo molhado na minha bochecha. Lauren se senta ao meu lado, inclina a cabeça em minha direção e morde o lábio inferior. Eu empurro uma mecha do seu cabelo para trás da sua orelha e acaricio a sua bochecha.

— Mais uma rodada ou vamos sair daqui?

— Ir aonde?

— *Hum...* — Ela remexe a boca ao pensar. — Podemos ir até o píer.

Confiro a hora no relógio em meu pulso.

— O píer está fechado, são três da manhã.

Ela revira os olhos e em seguida suspira.

— Então vamos até a praia.

— Praia? — Questiono.

Ela estica a mão em minha direção, eu a seguro e nós saímos do bar, após pagarmos o nosso consumo. Lauren segura em meu

braço, eu olho para os dois lados da avenida e a atravessamos correndo. Apesar de ser uma cidade bastante procurada pelos turistas, principalmente por causa dos estabelecimentos noturnos, hoje está uma madrugada tranquila. Nós chegamos a orla da praia, Lauren se agacha e retira o salto alto. Ela começa a caminhar pela área, enquanto balança o sapato nas mãos. A observo chutar pequenos motinhos da área, e eu rio quando ela tropeça sozinha.

— Ei, você vai ficar aí? — Ela me questiona risonha.

— Eu estou te observando.

Ela revira os olhos e se afasta um pouco mais. Eu retiro o meu sapato de qualquer jeito, o pego e ando na direção da Lauren. Nós paramos há poucos metros do mar e a brisa fresca bate contra o meu corpo. Eu largo o meu sapato sobre a área e esfrego o meu couro cabeludo com as pontas dos dedos.

— Tem toalha no seu carro?

Franzo o cenho com a sua pergunta e sigo o seu olhar.

— Você não está pensando em entrar nesse mar, não é?

— Que mal teria?

— Eu acho melhor...

Eu me calo ao vê-la abrir o zíper da sua saia e em segundos a peça está no chão. Os meus olhos viajam por suas pernas, passam por suas belas coxas e antes que eu possa continuar a minha aventura, ela corre na direção do mar. Ela só pode ter ficado louca para fazer isso, pois é madrugada, não está calor o suficiente e ela só tem essa roupa. Lauren entra no mar até que a água bata em sua cintura e fica por lá por apenas alguns segundos. Ela anda na minha direção ao sair do mar, chacoalha as pernas na intenção de secá-las.

— Não vai dar um mergulho?

— Jamais. — Declaro a fazendo rir e em seguida ela fica me olhando em silêncio. — O que foi?

— *Hum...* nada.

A possibilidade que o Dominic me disse, retorna em minha mente e eu decido arriscar. Eu dou um passo em sua direção, ela umedece os lábios com a ponta da língua e abaixa o olhar. Lauren pega saia, a balança, livrando-a da areia e a veste novamente. Eu

dou um passo para trás, decidindo não agir de forma inconsequente. Calço o meu sapato de volta e pego o salto alto. Estico a minha mão em sua direção, ela a segura e nós andamos em direção a orla.

— Tem ideia de aonde podemos ir agora?

— Não. — Ela responde.

— Vamos para o meu carro e rodar o bairro. — Sugiro, ela concorda e continuamos a andar, mesmo que ela continue descalça. — Eu te carrego.

— O que?

— Sobe nas minhas costas e eu te levo. Não vou deixar você ir andando até o carro, está há duas ruas daqui.

— E eu estou molhada da cintura para baixo.

Involuntariamente, a minha mente faz a sua frase ter duplo sentido e eu sinto o meu interior se esquentar. Ao perceber que a Lauren não irá acatar a minha sugestão, eu me agacho e agarro as suas pernas. O seu tronco cai sobre o meu ombro e as suas mãos batem em minhas costas. Eu seguro firme em suas coxas e nos levo rumo ao meu carro.

— Você poderia ter escolhido a opção mais fácil.

— Me coloque no chão.

A bebida está fazendo efeito em ambos, está nadando em nossos organismos, mas ainda estamos conscientes das nossas atitudes. Paro ao lado do meu carro, as minhas mãos escorregam pelo seu corpo enquanto a coloco no chão e elas permanecem em sua cintura quando os seus pés descalços tocam o chão. O meu olhar está preso na sua boca, as suas mãos estão sobre as minhas e a vontade de beijá-la me domina. Eu quero sentir qual o gosto tem os seus lábios, eu quero tatear cada centímetro do seu corpo, descobrir o sabor que existe no meio de suas pernas.

Eu sei que pode ser errado se envolver com a própria amiga, em deixar o tesão consumir a minha sanidade, contudo, se eu não der ouvidos ao meu desejo, eu irei surtar e ficar com uma maldita dor entre as pernas. Sem pensar muito, eu me inclino suavemente em sua direção, abaixo a minha cabeça e encosto a minha testa na sua. O ar quente da sua respiração se mistura com o meu e eu mordo o meu próprio lábio inferior, tentando decidir se devo ou não.

— Eu...

Me calo sem saber o que falar.

— Eu quero o mesmo que você. — Ela anuncia.

Eu olho nos seus olhos e vejo o desejo misturado com a luxúria. Antes que ela tome a iniciativa e me beije, eu me afasto e abro a porta do meu carro para ela entrar. Lauren fica surpresa com a minha atitude, mas se senta e eu fecho a porta. Respiro fundo a cada passo que eu dou, e enrolo o máximo que consigo parar entrar no meu carro. Eu ainda não me decidi onde devo levar a Lau, porém, a primeira opção é o motel, já que ela está desejando o mesmo que eu, então talvez esteja pensando na mesma opção que eu. Eu me sento no banco do motorista e a olho.

— Está com fome?

Eu não sei o porquê de ter perguntado isso, eu não sei o que está acontecendo comigo. Estou muito nervoso, mas isso não vai atrapalhar o meu desempenho.

— Depende de qual tipo você está se referindo.

O seu tom é carregado de malícia e eu decido escolher a única opção que estava em minha mente. Coloco o cinto de segurança, acelero o meu carro e deslizo pelas ruas de Santa Mônica. O tesão já subiu a minha mente, e isso não me dá a oportunidade de pesquisar na internet sobre qual é a melhor opção para hoje, isso quer dizer que; descobrir qual motel eu ainda não fui. Entretanto, hoje eu não irei fazer isso, pois eu já sei exatamente em qual devemos ir, por mais que eu já tenha o frequentado.

A nossa entrada ao motel é liberada, em pouco segundos já estamos no quarto. Lauren continua descalça, deixou o seu salto alto jogado no banco de trás do meu carro, junto com a sua bolsa. Eu retiro o meu sapato, o deixo próximo a porta e ando na direção da Lauren. Ela me olha com atenção, ou melhor, com muito tesão e sorri animada. Ela não me parece estar nervosa, muito pelo contrário, está tranquila, agindo como se isso fosse normal. Fazer sexo é normal para nós dois, contudo, nós dois nunca fizemos isso juntos. Eu me aproximo, toco em sua bochecha com as pontas dos meus dedos e olho atentamente para a sua boca.

— Lauren... — Suspiro ao me calar.

— Eu quero sexo, Jensen. — Ela declara. — Apenas sexo.
— Apenas sexo. — Confirmo.

Deslizo a minha mão para a sua nuca, acaricio a sua pele e ela deita a cabeça na minha mão, fazendo com que os meus dedos adentram no seu cabelo e eu agarro as suas mechas. Puxo a sua cabeça na minha direção e enfim selo os nossos lábios. A minha outra mão segura em sua cintura, puxo o seu corpo para junto do meu e as nossas línguas se encontram. As suas mãos agarram a minha camisa e eu guio os nossos corpos as cegas, em direção a cama.

Um gemido escapa da sua boca quando eu apalpo a sua bunda e isso surte um efeito diretamente entre as minhas pernas. Lauren se afasta de mim, me faz sentar na cama e fica de pé, diante de mim. Observo os movimentos das suas mãos e sorrio maliciosamente. Ela retira a própria saia, desliza a manga direita do maiô pelo seu braço e em seguida faz o mesmo com o lado esquerdo. Os seus seios ficam expostos diante dos meus olhos e eu me contenho para não agarrá-la. O maiô sai do seu corpo e ela se senta no meu colo quando fica completamente nua.

Faço menção de retirar a minha camisa, Lauren não deixa e ela mesma faz questão de retirá-la por mim. A peça voa para algum canto do quarto e ela volta a me beijar. Quente, sensual e excitante. Eu jamais imaginei que ela seria assim. Desço a minha boca pelo seu pescoço, arrasto os meus dentes por sua pele e sugo o seu mamilo para dentro da minha boca. A sua mão adentra na minha calça, precisamente na minha cueca e as pontas dos seus dedos tocam no meu pau. Um suspiro sofrido escapa da minha boca, pois o seu toque faz com que a minha alma quase saia do meu corpo.

Eu giro os seus corpos, a coloco deitada sobre a cama e retiro o restante da minha roupa. Pego os preservativos no bolso da minha calça, os jogos sobre a cama e eu fico sobre o corpo da Lauren. Distribuo beijos em sua panturrilha e faço uma trilha até o alto da sua coxa. Faço a mesma coisa na sua outra perna e ao final do meu trajeto, eu olho fixamente para o local entre as suas pernas. Sem pensar em nada, eu abaixo o meu rosto e encosto a minha

boca na sua boceta. Sugo o seu clitóris, passo a minha língua em seus grandes lábios e depois a coloco na sua entrada.

Lauren geme alto, eu seguro firme nas suas coxas e mantenho as suas pernas abertas. É algo que ouvi, serve muito bem para este momento; cair de boca na tentação. Ela é uma bela mulher, que consegue provocar qualquer homem, mesmo sem ter a intenção. Sinto as suas pernas tremerem e retiro a minha cabeça do meio das suas pernas. O meu queixo, lábios e até mesmo a ponta do meu nariz estão molhados. Beijo o seu ventre, círculo o seu umbigo com a ponta da minha língua e continuo o meu trajeto, ao arrastar a minha boca por sua pele.

Fecho a minha boca ao redor do seu mamilo esquerdo, e os seus gemidos se tornam mais altos. Passo a minha boca para o outro seio e levo a minha mão direita até a sua boceta. Pincelo a sua entrada com dois dedos, e sincronizo os movimentos da minha boca com os meus dedos sobre o seu clitóris. O meu nome escapa da boca da Lauren através de um gemido sofrido e eu acelero os meus movimentos. Estou com uma dor gigante entre as minhas pernas, o meu pau está latejando e isso está me deixando louco, contudo, primeiro eu quero dar prazer a Lauren.

E em pouco segundos a faço chegar no seu ápice. Eu me sento entre as suas pernas, pego o preservativo e o visto. Lauren se senta na cama, acaricia o meu tórax ao chamar a minha atenção e me beija suavemente. Eu aperto a sua cintura, a puxo para o meu colo e ela desliza sobre o meu pau. A ajudo a se movimentar contra o meu corpo, as suas pernas se entrelaçam atrás das minhas costas e ela coloca as mãos sobre os meus ombros. Decido mudar as nossas posições, então a retiro do meu colo e a levo até a ponta da cama. A faço se deitar de costas, eu fico de pé diante dela e deixo a sua cintura próximo a beirada do colchão.

Eu seguro no meu pau, pincelo a sua entrada e a penetro lentamente, enquanto a observo revirar os olhos de prazer. A faço abraçar minha cintura com as suas pernas e invisto com avidez contra o seu interior. Enquanto as nossas cinturas se chocam, Lauren fica me olhando fixamente. O seu olhar não transmite nada mais do que esse momento pede. O que está acontecendo é

apenas sexo e amanhã tudo estará normal entre nós, continuaremos sendo amigos. O que está acontecendo entre nós, é apenas desejo sexual, estamos apenas em busca de realizações sexuais momentâneas.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO TRÊS

*Se eu olhar para o começo, agora eu sei
Eu vejo toda a verdade
Ainda há um fogo em meu coração, minha querida
Mas eu não estou queimando por você
Nós começamos errado e eu acho que você sabe
Nós esperamos muito, agora eu tenho que ir
Let It All Go (feat. RHODES) – Birdy*

O suor escorre por todo meu corpo, e eu continuo a desferir socos contra o saco de pancadas. Entretanto, eu só consigo imaginar que esse objeto é o maldito do James Lewis. Nós nunca mais nos enfrentamos, muito menos nos encontramos e o seu silêncio, me deixa em alerta. Ele está quieto há meses, desde que os filhos foram embora e isso não me dá nem um pinga de tranquilidade, pois imagino que ele possa estar arquitetando um plano maligno e irreversível. A meu ver seria melhor se ele estivesse tentando algo visível, assim eu conseguiria revirar a altura, ou pelo menos eu tentaria.

Rango os dentes e desfiro socos seguidos no saco e percebo que o ódio estava quase me cegando, mais uma vez. Me sento no chão, seco o meu suor com uma pequena toalha e bebo quase toda a água da minha garrafa. Estou exausto, pois quando eu cheguei em casa, o sol já estava no iluminando a cidade e causando um calor agradável. A minha madrugada com a Lauren foi ótima, nós transamos muito, bebemos mais um pouco e quando saímos do motel, eu sugeri que nós deveríamos ir dar um mergulho no mar. E como já era de se esperar, ela concordou com a minha ideia e assistimos o sol nascer enquanto estávamos na água.

— Jensen. — Olho na direção da porta e vejo o meu irmão. — Você vai almoçar no apartamento do Dom?

— Já está na hora?

Ele acena positivamente.

— Vá se arrumar e nós nos encontramos lá, eu ainda irei buscar a Lola.

O observo sair da academia, eu pego as minhas coisas e, também saio. Subo a escada, atravesso o deque da piscina e paro ao chegar no meio da área externa. Os meus pés estão em contato com a grama, o sol estridente queima a minha pele e eu fecho os meus olhos ao levantar o meu rosto para o céu.

— Bom dia, meu filho.

— Boa tarde, mãe.

Abro os meus olhos e sorrio ao ver a minha mãe. Ela está usando um robe verde-escuro, o seu cabelo está preso e os olhos pequenos, indicando que acabou de acordar.

— Perdi a hora.

— Foi dormir tarde?

— O seu pai me levou para jantar, depois fomos dançar um pouco.

— A noite foi divertida, então.

— E você, dormiu fora?

Um sorrisinho surge em meus lábios e ela semicerra os olhos.

— Eu passei a noite fora, ainda não dormi.

— Com quem você estava?

— O que a senhora quer saber com essa pergunta, com quem eu passei a noite ou com quem eu saí?

— Duas pessoas diferentes? — Ela questiona.

— Eu saí com os Turner e com a Lauren.

— E quem foi a vítima da noite?

É visível a sua ironia e eu decido seguir no mesmo tom.

— Não teve nenhuma vítima, apenas uma pessoa satisfeita, aliás, duas.

— Ai, me poupe, Jensen. — A minha mãe resmunga. — Eu não quero ouvir sobre os seus *afazeres* noturnos.

Eu rio, beijo o topo da sua cabeça e vou rumo ao meu quarto. Fecho a porta, vou direto para o banheiro e entro debaixo do chuveiro após ficar nu. Esfrego o meu couro cabeludo e repenso na noite anterior. É capaz que eu veja a Lauren, e eu não vou saber como agir. Nós não conversamos sobre nada após o nosso sexo, me refiro a como ficaríamos um com o outro após a nossa noite juntos, mas ambos sabemos que nada deve mudar, continuamos a

ser amigos. Eu estou preocupado como que a Lauren pode estar pensando em relação a nós e até mesmo sobre ela ter criado algum sentimento indevido.

Talvez eu devesse conversar com ela, fazê-la entender que foi apenas sexo. E que a nossa amizade continua a mesma, independente de nós termos transado adoidado na madrugada. Foi algo muito bom e que até poderia ser repetido, contudo, acho melhor que isso não aconteça. Finalizo o meu banho, seco o meu corpo e esfrego a toalha no meu cabelo, o secando. Eu vou até o closet, me visto casualmente e calço o meu tênis. Saio do meu quarto, passo pela sala de estar e não vejo o meu pai, então eu decido sair. Assim que entro no meu carro, o meu celular começa a tocar e eu vejo o nome do Dylan no visor.

— Allen.

— Oi, Jensen. — Ele me cumprimenta. — Como estão as coisas por aí?

Antes que eu possa responder, a minha teoria ocupa todo o espaço da minha mente.

— O que você e o Lewis estão escondendo? — Lhe questiono.

— O que? Não! Nós não estamos escondendo nada.

— Ficou bem visível que estão escondendo algo.

— Não. — Ele ri. — Loucura sua.

Cinquenta por cento de ele estar certo e cinquenta por cento de eu estar certo.

— Tá bom, Dylan, eu vou fingir que acredito.

A linha fica muda por longos segundos.

— Dominic está mais tranquilo em relação a Emily? — Ele me questiona.

— Está, apesar de ainda continuar afetado com esse segredo todo.

— Eu fiquei preocupado, ele parecia transtornado.

— Os Lewis causam isso na vida de todos que eles se aproximam. — Resmungo.

— É, eu sei muito bem disso. — Ele declara. — E o James?

— Continua quieto, e isso me preocupa.

— Isso nos dá tranquilidade, mas isso não quer dizer que estamos desatentos a qualquer mínimo movimento.

— Se eu tiver novidades, irei te avisar.

Logo nos despedimos, encerro a ligação e eu continuo sem acreditar nele. Jogo o meu celular no banco do passageiro, e acelero rumo ao bairro de Glendale. Dominic não é um amigo que quer saber detalhes da vida amorosa dos amigos, entretanto, eu sei que ele irá querer saber de algumas coisas, por mais indiretamente que possa ser. E será dessa forma porque ele se preocupa com o que pode acontecer, que eu possa magoar a Lauren. O meu amigo me conhece muito bem e sabe das minhas possíveis artimanhas ao fisgar uma mulher, mesmo que seja por apenas uma noite. Contudo, ele tem um pouco de noção que eu não iria agir dessa forma sorrateira com a Lau.

Um pouco mais de meia hora depois, eu estaciono diante do prédio, desço do meu carro e vou rumo ao apartamento do meu amigo. Dou dois toques contra a porta e aguardo pacientemente. Ela se abre, eu cumprimento o Dominic ao bater o meu punho contra o seu, entro no apartamento e dou um beijo na têmpora da Penélope. Ela está com a expressão tristonha e isso me preocupa. O meu irmão ainda não chegou aqui, e nem a Lauren. Cumprimento o Oliver ao me aproximar dele, que está sentado na janela e eu me encosto na parede ao lado.

— Que cara essa? Você não dormiu? — Dominic me pergunta.

— Ainda não.

— Você e a Lauren ficaram no bar até amanhecer? — Penélope me questiona.

Eu não vou contar aos meus amigos que eu transei com a Lauren, então penso em uma boa resposta para dar a minha princesinha.

— Mais ou menos.

É a única resposta que eu consigo formular. Percebo o Dominic me encarando, e sei que ele entendeu que eu estou escondendo. A porta se abre bruscamente, a Lauren está conversando animadamente com a Lola e o meu irmão vem logo atrás. *Ela* cumprimenta a todos e por último vem em minha direção.

A imagem dela deitada sobre a cama, completamente nua surge em minha mente e em segundos é substituída pela imagem dela nua sobre o meu corpo.

Lauren me abraça, deposita um beijo em minha bochecha e se senta ao lado da sua amiga. Ela está usando calça preta, bem justa as suas pernas e uma camiseta de tule, que deixa o seu sutiã de renda a mostra. A sua atenção está toda voltada para a Penélope e eu espero que ela tenha tomado a mesma decisão que eu, ao não contar para os nossos amigos. Dominic me chama e eu o sigo na direção da cozinha. Me encosto na divisão dos cômodos, ele me entrega uma cerveja e eu bebo um pequeno gole.

— Você conseguiu se conter ou não?

Dou de ombros diante da sua pergunta.

— Nós dois queríamos a mesma coisa.

— Eu já entendi tudo.

Sinto braços rodearem a minha cintura e a Lauren encosta o seu corpo na lateral do meu.

— Eu quero uma cerveja também. — Ela anuncia.

Dominic pega uma garrafa na geladeira, entrega a Lauren e todos nós ficamos em silêncio. Ela ainda está ao meu lado, e isso me deixa um pouco tenso. Eu não sei se ela está agindo como se ontem não estivesse acontecido nada, ou se está criando algum tipo de sentimento por mim.

— Nós podemos conversar?

Lauren para a cerveja no ar e me encara. Dominic passa por nós, ao sair da cozinha para nos dar privacidade e nós vamos para o outro lado do cômodo, para ficar o mais distante o possível dos nossos amigos.

— Por que você está tenso? — Ela me questiona.

— O que aconteceu entre nós...

— Foi apenas sexo, um maldito sexo gostoso. — Ela declara.

— Eu sei que somos amigos, que nós temos a amizade como prioridade, e é isso. O que aconteceu ontem não muda nada entre nós.

— Então é isso?

— Eu não estou te entendendo, Jensen.

— Ontem foi como se nada tivesse acontecido?

— Não, lógico que não. — Ela ri suavemente. — É impossível esquecer o que aconteceu, Jensen, você me conhece, saber que eu gosto de fogo: fogo nas palavras, nas atitudes, na alma e na cama. E você me deu tudo isso na madrugada.

— Eu estive tentando entender se você estava fingindo que não aconteceu nada ou se estava criando algum tipo de sentimento.

— O que? — Ela gargalha. — Eu não estou criando nenhum sentimento por você, aliás, nem um outro dos quais eu já tenho.

— *Hum...* certo.

Me sinto um babaca, por estar com muitas neuroses na mente e ela está tranquila. Era assim que eu deveria estar agindo normalmente e entender que o que aconteceu foi algo normal, natural.

— Continuamos o que éramos antes, amigos.

— Eu sei, Lau.

— Aliás, algo mudou sim.

Eu sabia!

— O que?

— Eu já te vi nu e você já me viu nua.

As imagens retornam em minha mente, e um sorriso involuntário surge em minha mente. Lauren se aproxima de mim, acaricia o meu tórax e dá um beijo no canto da minha boca. Eu a agarro pelo cabelo, mantenho a sua cabeça no lugar e raspo os nossos lábios.

— Eu tenho deliciosas imagens guardadas em minha mente.

— Você não é o único, grandão.

Abro a minha boca suavemente com a sua frase do seu duplo sentido, ela me dá um beijo casto e se afasta de mim. Os meus olhos se fixam em sua cintura, enquanto ela anda em direção a sala de estar, e eu bebo a minha cerveja na tentativa de dispersar o meu tesão. Dominic volta para a cozinha, começa a organizar os ingredientes para realizar o nosso almoço. A sua aproximação me faz lembrar da minha breve conversa com o Dylan e a minha boca coça para que, eu conte o que estou supondo que os Lewis estejam

fazendo. Leon e Oliver também entram na cozinha, e se sentam à mesa.

— E o Noah?

— Eu tentei falar com ele e não consegui. — Dominic me informa.

Olho na direção da sala e vejo que a Penélope continua com a mesma expressão, mesmo que esteja conversando com as amigas.

— E por que a Penélope está tristonha?

Vejo o Oliver olhar para lado oposto de onde eu estou e isso é explicação o suficiente. Novamente, aconteceu alguma coisa entre eles.

— A mesma coisa de sempre. — Dominic resmunga.

— Oliver... — Chamo-o fazendo me encarar. —, de novo?

— Por que eu notei um tom de acusação no seu tom de voz?

— Ele me questiona.

Eu o ignoro e encaro o Dominic.

— Você deveria intervir.

— Eles são adultos. — Ele resmunga.

— O que aconteceu dessa vez?

— Nada, simplesmente nada como sempre. — Oliver resmunga. — Eu nem se quer iria vir, mas o Dom insistiu para que eu viesse e quando eu cheguei aqui, ela já estava daquela forma.

— O que todos devem fazer é deixá-los se resolverem, por mais demorado que possa ser. — Dominic aconselha.

— Mas o Oliver não vai esperar para sempre, ela tem que amadurecer.

— Chega desse assunto, por favor. — Oliver pede num resmungo.

Por muitas das vezes, a Penélope é extremamente infantil e chata, porém, eu a amo como se ela fosse a minha irmã, aliás, eu a considero como a minha irmã. Eu já a aconselhei diversas vezes e irei continuar, mesmo que a sua teimosia seja maior do que a sua estrutura corporal. Decido me sentar junto com os rapazes, e continuo a beber a minha cerveja enquanto observo o Dominic cozinhar. Eu sei que, se eu falar sobre a minha desconfiança, ele irá caçar a Emily pelos quatro cantos da cidade, ou melhor, do país,

pois é louco por aquela mulher, mesmo que ela tenha causado muitos danos a sua vida. Certo, eu sei que não foi ela diretamente, e até mesmo sofreu por ter se aproximado do meu amigo.

— Como foi a visita na casa dos seus pais? — Leon questiona ao Oliver.

— Uma droga como sempre. — Ele resmunga. — Família ferrada, vida amorosa já foi penhasco abaixo e apenas duas coisas se salvam no meio disso; o trabalho e as lutas.

— Pelo menos você consegue vê-la, ao contrário de mim. — Dominic resmunga.

— Ah, não, vocês não vão ficar se lamentando por causa dessas merdas.

— Pois é capaz de você entrar no mesmo barco e irá começar a se lamentar por causa da senhora Lewis. — O meu irmão supõe.

Eu giro a minha cabeça lentamente, e o encaro sem acreditar no que eu acabei de ouvir. Vire e mexe o pessoal joga alguma indireta sobre o meu relacionamento com a Maggie, na tentativa de que eu abra a minha boca e conte o que aconteceu entre nós, mas eu jamais irei falar nem um misero detalhe. Eu sofri, chorei e agora eu consegui superar. É agonizante lembrar de uma pessoa que já morreu e que você amava muito, pois ao olhar para uma foto dessa pessoa, você pensa ‘nossa, eu nunca mais vou vê-la, nunca mais vou abraçá-la, sentir o seu cheiro e ter o prazer em lhe amar fisicamente’ e isso dá um nó gigantesco na garganta e faz com que sinta o seu coração ser triturado, fazendo com que as lágrimas voltem a ser as suas companheiras diárias. E a perda dela, fez com que eu sentisse um vazio interior, mas eu me esforcei para superar e consegui. Contudo, continua sendo uma luta diária, para que eu não volte a fraquejar e a viver aquele ciclo vicioso.

— Que merda você pensa que está falando? — O questiono.

— Ei, se acalme. — Ele me pede. — Eu não falei nada demais.

— Você, aliás, todos vocês sabem que eu não aceito nenhuma insinuação sobre a Margareth.

— Eu não fiz insinuações...

— Chega! — Dominic ordena. — Ninguém irá discutir, brigar ou qualquer coisa do tipo.

Todos ficam em silêncio, eu largo a minha cerveja sobre a mesa e aviso que daqui a pouco eu volto. Saio do apartamento, desço as escadas e saio do prédio. Ando na direção do meu carro, pego o isqueiro junto com o maço de cigarro no porta-luvas e acendo um cigarro. Permaneço sentado no banco do motorista enquanto fumo. Trago a fumaça enquanto tento me acalmar, e olho para a porta do prédio. FRANZO o cenho ao notar a aproximação da Lauren, ela apoia os braços sobre o teto do carro e me encara.

— Você saiu do apartamento de repente.

— Era melhor sair, a que discutir com o meu irmão. — Resmungo.

— Por quê? O que ele te fez?

Assopro a fumaça para fora da minha boca e jogo o meu cigarro no asfalto.

— Ele tocou num assunto que não diz respeito a ninguém.

— Margareth Lewis? — Lauren me questiona.

Não esboço nenhuma reação, muito menos falo algo e fico apenas a encarando.

— Você deveria estar lá em cima.

— Eu estou aonde deveria estar. — Ela declara no meu ombro.

— Eu sou a sua amiga e sempre vou te socorrer, se você precisar e quando não precisar também.

Eu seguro em sua mão, beijo os nós os seus dedos e lhe dou um pequeno sorriso.

— Obrigado.

— E eu só não te dou um beijo para te animar, porque você estava fumando e isso não me agrada.

— Se eu soubesse que iria ganhar um beijo, eu não teria fumado para me acalmar.

Ela ri.

— Quem te viciou nisso? — Não lhe respondo, saio do meu carro e aciono o alarme. — Certo, eu já entendi.

— Não é que eu não a queira responder, eu apenas não gosto de conversar sobre o que aconteceu entre Maggie e eu.

— Maggie? Que fofinho.

Reviro os meus olhos com o seu deboche e nós entramos de volta no prédio. Apesar das provocações da Lauren, nós dois sabemos que não voltaremos a nos beijar, muito menos a transar. Entramos no apartamento chamando a atenção de todos, enquanto ela volta a se sentar com as amigas e eu entro na cozinha. Pego a minha cerveja sobre a mesa, sinto o meu irmão me encarando e eu decido ficar na porta da cozinha. Dominic continua a bancar o chefe de cozinha e eu prefiro me manter afastado, pois eu nunca fritei um ovo se quer.

As meninas entram na cozinha, Penélope se apressa para ajudar o irmão, Lola se senta no colo do noivo e a Lauren se senta na cadeira na minha frente. Eu sei muito bem o tamanho da curiosidade que todos tem ao saber do que aconteceu comigo e a Lewis, porém, eles têm que respeitar que eu não me sinto confortável em tocar nesse assunto. Assim como o Dominic não gosta de falar sobre os pais, o Oliver não gosta de falar sobre o término com a Penélope e todos respeitam isso.

— O que você vai fazer de gostoso, Dom? — Lauren o questiona.

Todos nós a encaramos, pelo modo como ela falou. Se a Emily estivesse aqui, a Lauren pensaria duas vezes antes de formular as suas frases.

— Macarrão com queijo e costelas ao molho de barbecue. — Dominic responde.

— E eu fiz a sobremesa. — Penélope anuncia.

— O que você fez? — Leon questiona.

— Torta de maçã. — Ela responde animada.

Observo que involuntariamente, ela troca um rápido olhar com o Oliver e ele sai da cozinha. Os olhos dela ficam marejados e eu decido encerrar com essa merda. Procuro pelo Oliver, o vejo inclinado sobre a janela e eu vou em sua direção. A minha vida amorosa não é algo que deve ser considerado um exemplo, muito menos algo a ser mencionado, pois eu tenho muitas atitudes que são desaprovadas pela sociedade, entretanto, isso não é motivo para que eu não tente ajudar os meus amigos.

— Está difícil para todos essa situação, mas sei que está ainda mais para vocês dois.

— Eu me sinto um inútil.

— Você não é. — Declaro.

— Eu não deveria vir aqui, deveria me manter o mais afastado possível, para que não piore o nosso sofrimento.

— Vocês são amigos.

— Não enquanto a mágoa é maior do que tudo. — Ele resmunga. — Estar aqui, me faz entender que eu sou um kamikaze.

— Isso é absurdo.

— É a verdade. — Ele suspira e dá dois tapas em meu ombro.

— Estou indo embora, avisa ao Dominic, por favor.

— Você não deveria ir, o Dom irá ficar chateado.

— Ele vai entender a minha decisão e é o melhor para mim mesmo, ir embora. A cada minuto que se passa, eu me sinto pior.

Apenas aceno concordando e o observo ir embora. O cheiro bom do almoço já está preenchendo cada canto desse apartamento e eu volto para a cozinha.

— Cadê o Oli? — Lauren questiona.

— Ele foi embora.

Todos me olham, mas eu mantenho a minha atenção na Penélope e a vejo nervosa com a situação.

— Eu deveria fechar a janela do meu quarto, para que não entre nenhum bicho. — Ela fala com a voz embargada.

Assim que ela passa por mim, tentando se afastar o mais rápido possível, eu seguro em seu braço e a levo para longe da cozinha. O seu rosto já está banhado por lágrimas, e eu sinto o meu coração se partir. Ela deita a cabeça em meu peito e eu a abraço apertado.

— Eu ainda estou bastante magoada com ele, mas sei que ele também está comigo e ao invés de conversarmos, eu prefiro me entender primeiro, entender o que eu estou sentindo.

— Não se sentar e conversar com ele, te faz ser imatura.

— Eu sei. — Ela sussurra.

— Me ouça com atenção. — Peço. — Um dia você vai conhecer um homem e querendo ou não ele irá descobrir tudo.

Como você come um lanche, como você dança, como você é péssima em contar piadas, como você é apaixonada por doce, até que ponto você pode ficar irritante numa TPM, o quão sensível você é, o quão preguiçosa você é, os seus gostos musicais, como você fica feliz quando começa um programa que você gosta. Ele vai prestar atenção em tudo sobre você. E quer saber? Ele ainda vai te amar do jeitinho que você é.

Esse homem é o Oliver, mas infelizmente ela ainda não se deu conta disso. Aconselho a ir lavar o rosto, colocar um sorriso nos lábios e voltar para a cozinha, já que o Dominic a está esperando para terminar o almoço. Eu vou para a cozinha, me sento ao lado da Lauren e suspiro. Maldição! Todos nós temos fofas bagagens e isso é um grande empecilho no nosso dia a dia. Contudo, ter uma pessoa ao seu lado que lhe ajude a carregar essa bagagem, faz tudo se tornar mais fácil, porém, não ter bagagem, superar tudo o que aconteceu no passado, torna tudo melhor e mais tranquilo.

A minha maldita bagagem é o meu relacionamento com a Margareth, e será algo difícil de ser superado, mas isso não significa que eu jamais vou conseguir me envolver tão intensamente novamente, porém, eu tenho a certeza de que isso irá demorar muito para acontecer e enquanto isso, eu vou tentar aproveitar o tempo. Antes da Maggie, eu era um verdadeiro mulherengo, me relacionava com diferentes mulheres na mesma semana e após *ela*, eu tentei voltar a ser aquele que eu era, mas foi muito difícil porque todas que se passaram em minha vida, foi na tentativa de mascarar a minha dor.

— Eu estou com muita fome, Dominic. — Ouço a Lauren resmungar.

— Pede para o Jensen resolver o seu problema. — Dom resmunga.

Lola cospe a cerveja para fora da sua boca, e o Leon nos encara. Eu olho para o Dominic e ele percebe que falou merda.

— A que você está se referindo? — Leon o questiona.

— Foi uma sugestão. — Dominic resmunga irônico e encolhe os ombros ao voltar a me olhar. — Me desculpe.

— Vocês saíram ontem, e voltaram apenas hoje, ao contrário do Dom e da Penélope. — Lola analisa a situação, nos olhando com os olhos semicerrados. — Jensen me pareceu um pouco nervoso e vocês conversaram brevemente longe de todos.

— Pare de loucura, Lola. — Resmungo.

Ela continua a me encarar, eu desvio o meu olhar e ela dá um suave tapa sobre a mesa.

— Vocês se beijaram!

— Não... — Lauren nega ao fingir uma risada.

— Estão a fim um do outro?

— Não, Lola!

A minha cunhada é uma pessoa insistente e tem um bom dom em descobrir as coisas em simples gestos ou palavras. Lauren me olha, buscando alguma ajuda e eu maneo a cabeça para os lados. Ela franze o cenho e volta a olhar para a amiga.

— Não aconteceu nada, nós apenas saímos como sempre e nos divertimos bastante. — Lauren declara.

— Tá bom, eu vou fingir que acredito.

Dominic ri, e isso me deixa um pouco nervoso. Ninguém deve saber do que aconteceu, pois é algo muito pessoal e não voltará a acontecer. O que resta, é continuar enrolando minha cunhada e tentar fazer com que ela acredite nas nossas mentiras. Penélope entra na cozinha, chamando a atenção de todos e me direciona um pequeno sorriso.

— Qual é o assunto? — Ela nos questiona.

— Nada demais. — Leon responde.

Pelo menos nesse momento, ele está sendo sensato.

— Eu estou tentando descobrir a verdade entre Jensen e Lauren. — Lola a informa.

— Verdade do que? — Ela pergunta.

— Nenhuma. — Resmungo. — Ela cismou em dizer que aconteceu algo entre mim e a Lau.

Esse assunto começou por causa do Dominic e ele que deveria converter essa situação. Eu me levanto de onde estou sentado, me aproximo do meu amigo que está no fogão e lhe

direciono em olhar sério. Ele pede desculpas novamente, mas acaba rindo. Eu sei que não foi intencional, porém, foi indevido.

— Você e a Lauren? — Penélope questiona ao rir.

— O que você está querendo dizer com isso? — Lauren a questiona.

— Vocês são amigos e o Jensen tem gostos peculiares em relação a mulheres.

— O que você quer dizer com gostos peculiares?

— Eu também sou amiga do Dominic e nós transamos. — Ela declara.

— Não me envolva nesse assunto, por favor. — Dominic pede.

— Me desculpe, senhor lutador. — Lauren debocha. — Eu me esqueci que o seu passado é apenas relacionado a Lewis.

Dominic revira os olhos e prefere ficar quieto.

— Quando a Emily volta? Estou tão preocupada com ela e com saudade. — Lola declara.

— Não mais do que eu. — Dom murmura.

Olha só, o assunto mudou e assim eu consigo ficar calmo. Lauren está estranhamente nervosa e eu não entendo o que está lhe acontecendo. Lola continua a resmungar as suas suposições e a Penélope tenta desacreditá-la, pois segundo ela; *isso* – Lauren e eu – jamais irá acontecer.

— Já chega! — Lauren ordena. — Sim, eu e o Jensen transamos... muito! Em diversas posições, mãos para lá e para cá, boca aqui e ali.

O silêncio entre todos reina no ambiente, enquanto nos encaram e eu bebo a minha cerveja. Dominic dá um soco no meu ombro, ao debochar da situação.

— Não adiantou tentar guardar segredo.

— Como assim, vocês transaram? — Penélope questiona.

— Transando, *ora*. — Lauren resmunga. — Para que isso aconteça, as pessoas têm que estarem com tesão e nuas, aí se deitam na cama ou não...

— Ei, chega. — Dominic ordena. — Ninguém quer saber sobre a forma que o Jensen te *nocauteou*.

— Foi apenas sexo e mais nada. — Declaro.

— Exato. — Lauren concorda ao encarar os demais. — Sexo delicioso que não vai afetar a nossa amizade.

Todos continuam em silêncio e eu acabo rindo. Eles são um bando de babacas, estavam até agora questionando, falando mil e uma coisas, e agora estão atônitos com a revelação. Eu decido me sentar novamente ao lado da Lauren, nós brindamos e bebemos a nossa cerveja. O meu irmão está me encarando, ainda desacreditado e a Lola está petrificada. Observo o Dominic se aproximar da mesa, ele apoia as mãos sobre a mesma e suspira. O seu olhar recai sobre a Lauren e o sorriso que estava nos lábios dela, morre.

— O que você falou, sobre o passado, me fez entender que possa existir alguma mágoa em relação a mim, pelo modo que eu agi.

— Ei, é claro que não. — Ela declara. — Nós já conversamos sobre isso e sempre esteve tudo bem.

— Isso significa que você será amiga da Emily quando ela voltar? — Penélope a questiona.

— Não força a barra, Penélope. — Lauren pede. — Eu devo ser arqui-inimiga da Lewis, pois ela roubou o Dom de mim.

Todos riem do seu deboche.

— Eu acho melhor não, ela era mafiosa.

— Ela era o que? — Lauren questiona ao me encarar.

As pessoas não sabem sobre a podridão que cercam a família Lewis, e às vezes eu me esqueço disso e acabo falando merda, como nesse momento.

— Eu quis dizer que ela pode ser pior que uma inimiga.

— Eu não quero ser arqui-inimiga da Lewis e nem amiga, eu acho que não temos como sermos próximas, será muito estranho. — Lauren declara.

— Tentar não irá matar nenhuma das duas. — Penélope resmunga.

— Independente disso... eu não vou afirmar e nem negar. — Ela informa.

— E eu só queria deixar claro a situação de que em momento algum eu quis agir na intenção de te magoar. — Dominic declara.

— Você não me magoou em momento algum. — Lau sorri.

— Então, isso é uma afirmação sobre que não irá existir um clima estranho quando a Emily voltar? — Ele a questiona.

— Não, eu acho. — Lauren resmunga ao dar de ombros.

Nós veremos isso quando a Lewis voltar, aliás, se ela voltar, pois do jeito que está, irá demorar muito ou pode até ser em breve, se ela e o irmão se aliarem novamente ao demônio.

— E agora vamos a pergunta essencial do dia. — Leon declara ao chamar a atenção de todos. — Nos diga, Lauren, quem é melhor; Dominic ou Jensen?

— Que tosco, Leon! — Penélope exclama.

Lola dá um soco no braço do noivo, e ao invés de eu reclamar, eu caio na gargalhada. É claro que eu sou o melhor, o meu porte físico é uma categoria maior que o porte físico do Dominic e com certeza eu dei mais assistência a Lauren numa noite, do que o tempo que ela ficou com o nosso amigo. Lauren esconde um sorriso debochado atrás da sua garrafa e encara a parede ao seu lado.

— É claro que fui eu, mas ela não vai falar isso porque não quer magoar o Jensen. — Dominic debocha.

— Você está tão afetado pela Lewis que ainda acredita nas mentiras que ela já te contou.

Lauren cospe a sua cerveja ao rir.

— Eu não vou responder isso. — Ela resmunga.

— Não fale, senão, eu terei que ficar me gabando.

Dominic ri e volta ao seu afazer.

— Em meia hora nós vamos poder almoçar.

[...]

Maneio a cabeça para os lados, ao observar a luta que está acontecendo dentro do octógono e sinto o nervosismo tomar conta de mim. A luta está extremamente agressiva e o juiz não intervém de modo algum, causando um enorme desconforto nas pessoas que estão assistindo. Anthony está presente, ou melhor, está em seu camarote particular e com certeza está vendo o erro que está acontecendo naquele octógono. Às vezes eu não consigo entender

o que se passa na cabeça dele, porém, eu sei que ele faz o melhor para dar vida a este lugar.

A minha atenção é desviada quando eu ouço a Lola pedir ao meu irmão para eles irem embora, e eu observo os meus amigos. Dominic está largado no sofá ao lado do Noah, e eles estão tendo uma conversa tranquila sobre sei lá o que. Lauren está sentada no chão, próxima ao vidro, mas não está assistindo a luta e sim, mexendo em seu celular extremamente concentrada. Penélope não veio conosco, pois preferiu ficar em sua casa e o Oliver, ninguém o viu após a sua saída do apartamento. Aliás, apenas o Dominic o viu, pois levou uma porção do almoço até o nosso amigo e conversaram. Eu desconfio disso, pois ele demorou a voltar para o apartamento.

— Você já vai para casa? — Leon me questiona.

Antes que eu possa respondê-lo, toques contra a porta do nosso camarote chama a atenção de todos e em seguida ela se abre. Cheryl entra parcialmente no ambiente e prende o seu olhar no meu. Ela é uma das *ring-girls* do *Fight* e nós já transamos algumas vezes. Já fazia algumas semanas que eu não a via por aqui e eu meio que esqueci que o que aconteceu entre nós.

— Oi, Jensen. — Ela sorri.

— Oi. — A cumprimento e olho para o meu irmão. — Eu vou demorar um pouco.

— Eu queria conversar com você.

— Então mantenha-se acordado até eu chegar. — Debocho.

— É sério, eu quero conversar com você.

— Eu já entendi isso.

O meu irmão suspira, bate em meu ombro e se despede de todos antes de ir embora com a sua noiva. Cheryl continua parada no mesmo lugar e eu sei que ela quer conversar comigo. Vejo o olhar da Lauren sobre mim, em seguida recai sobre a *ring-girl*. Dominic vem em minha direção, e coloca a sua mão direita sobre o meu ombro, ao parar diante de mim, atrapalhando a minha visão da Cheryl.

— O que você pensa que está fazendo? — Ele me questiona.

— Por quê?

— Lauren está aqui e você está prestes a ir transar com a Cheryl.

— Não, não é nada disso.

Ele arqueia uma sobrancelha, desacreditado do que eu acabei de falar e eu olho para a Lauren. Ela já voltou a sua atenção para o celular em suas mãos e eu vou em sua direção.

— *Hum...* oi.

— Não seria estranho se eu saísse daqui, né?

Ela entende perfeitamente o que eu quero dizer e nega ao balançar a cabeça.

— Jamais. — Ela declara. — Nós transamos uma vez e mais nada.

— Eu sei, mas eu só...

— Para! — Ela ordena ao colocar a mão sobre o meu coração.

— Pare de agir com o coração em momentos que não são necessários. Faça o que você deseja e mais nada.

— Você sabe que eu não gosto de magoar ninguém.

— Eu sei bem. — Ela dá um riso suave. — Relaxe, Jensen e vá brincar de juiz com a sua *ring-girl*.

Eu rio do seu deboche, beijo a sua bochecha e me afasto. Ando na direção da Cheryl, toco em sua cintura ao empurrá-la para fora do camarote e fecho a porta. Os seus braços passam em volta da minha cintura, e ela gruda o seu corpo no meu.

— É bom te encontrar aqui. — Ela anuncia.

— Já faz algumas semanas que não nos víamos.

— Eu estava de férias.

— *Ring-girl* tira férias? — Eu questiono.

— Claro que sim, pois é um trabalho normal.

Percebo que eu fui um pouco inconveniente, e eu tento converter a situação. A minha mão continua em sua cintura e eu acaricio a sua pele, já que a sua camiseta é um pouco curta.

— Você quer conversar algo comigo?

— Talvez. — Ela dá de ombros. — Se você ainda estiver solteiro e interessado...

— Eu te encontro na sala de treinos em dois minutos.

Ela acena concordando, se afasta de mim desce a escada rapidamente. Eu volto para o camarote, me despeço do pessoal e recebo um olhar reprovador do Dominic. Ele não tem o direito de me repreender, pois eu não namoro com ninguém, apenas transo e me divirto conforme as coisas devem ser. Me assusto quando o Anthony surge na minha frente, assim que sai do seu camarote e me cumprimenta com um aperto de mão. A sua esposa acena para mim, e eu apenas balanço a cabeça, a cumprimentando.

— Eu não sabia que vocês estavam aqui. — Ele comenta.

— O meu irmão acabou de ir embora.

— Eu estive pensando em grandes coisas para os meus 5M.

— Ótimo, Anthony. — Bato em seu ombro. — Podemos marcar uma reunião para amanhã?

— Tudo bem, percebi que está com pressa.

Concordo com um aceno de cabeça, ele me informa que irá conversar com o Dominic antes de ir embora e eu desço a escada. Sigo o meu trajeto até a sala de treinos, abro a porta e encontro a Cheryl sentada no sofá. As suas pernas estão cruzadas, o seu olhar se fixa em mim e eu fecho a porta, trancando-a. Eu me encosto contra a madeira, cruzo os meus braços em frente ao corpo e respiro fundo, sabendo que esse momento que será indiferente como das outras vezes.

Ela é uma linda mulher, as suas mechas douradas são de tamanho médio, o seu corpo cheio de curvas e seios fartos. A primeira vez que transamos foi há alguns meses e eu tinha acabado de ganhar uma luta. Anthony simplesmente deu a autorização que os vencedores da noite podem se divertirem com as *ring-girls*, as quais quiserem também, tudo de forma consensual. E ela adorou a ideia, pois estava trocando olhares comigo há semanas e eu estava prestes a convidá-la para beber, na intenção da nossa noite ir terminar sobre uma cama ou dentro do meu carro mesmo. E daquele dia em diante, nós começamos a ter encontros casuais e de forma intermitentes.

Cheryl se levanta do sofá, anda lentamente em minha direção e eu decido que temos que sermos rápidos hoje. Eu seguro em sua cintura, a puxo o seu corpo contra o meu e ela sela os nossos

lábios. Nós estamos aqui porque sabemos muito bem o que ambos queremos, sabemos como podemos ajudar um ao outro e como finalizar essa noite de um jeito bom. As suas mãos entram por debaixo da minha camiseta, sobem pelo meu tronco até o meu peitoral. Em seguida começa a descer até o cós da minha calça e para.

— Nós vamos ficar aqui? — Ela questiona, contra a minha boca.

— O mais longe que iremos daqui será para o meu carro.

Amanhã eu irei trabalhar e preciso descansar, já que estou sem dormir há mais de vinte e quatro horas. E quando eu chegar em casa, ainda terei que encarar a conversa que o meu irmão quer ter comigo.

— Eu acho melhor lá, então.

Afasto o seu corpo do meu, abro a porta e nós saímos da sala de treino. Atravessamos o ambiente, onde ainda está acontecendo a luta e ambos os lutadores estão muito machucados. Eu coloco a minha mão espalmada sobre a lombar da Cheryl e apressamos os nossos passos. Antes que possamos entrar no meu carro, eu observo a movimentação ao nosso redor e franzo o meu cenho ao olhar para o outro lado da rua. Lola, Leon e Oliver estão conversando.

Eu tinha a certeza de que o casal já tinha ido embora e de que o Baker não viria para cá hoje. Não consigo entender a sua vinda até aqui, e isso me deixa um pouco preocupado ao imaginar que tenha acontecido algo sério para fazê-lo vir até aqui. Ele olha na minha direção por breves segundos, e volta a sua atenção ao meu irmão. Sinto a boca da Cheryl tentar alcançar a minha, mas eu simplesmente não lhe dou a chance de conseguir o que deseja. Eu peço para que ela me espere bem aqui, eu me afasto e atravesso a rua. Me aproximo do trio e eles se calam.

— Decidiu ir embora? — Leon me questiona.

— Não, ainda não, pois ainda tenho deveres.

Aponto para o outro lado da rua, na direção da Cheryl.

— E a Lauren? — Lola me questiona.

— Foi apenas ontem.

— Você deveria fazer alguns exames. — Ela me aconselha.
— Eu escolho bem quem terá a dádiva de transar comigo, além disso, eu me protejo muito bem.
— É melhor prevenir, a que se arrepender no futuro.
Ignoro o seu conselho e volto a minha atenção aos demais.
— Aconteceu algo, Oliver?
— Não, nada. — Ele responde.
— Todos nós sabíamos que você não viria para cá hoje.
— Decidi vir de última hora, já que estava sem fazer nada.
— Apenas isso?
— E por que mais seria? — Ele me questiona.
Dou de ombros, sem ter o que lhe responder.
— Jensen está cheio de neuroses ultimamente. — Lola debocha.
— Eu não sei o porquê do meu irmão querer se casar com você. — Resmungo.
— E nem tem que saber o porquê. — Ela me dá uma piscadela.
— Você é insuportável.
Os rapazes riem.
— Você me adora, eu sou a sua cunhada preferida.
— Porque é a única que eu tenho, pelo menos é isso o que eu sei.

Ela abre a boca, surpresa com a minha resposta afiada e o Leon fica sério, ao demonstrar que não gostou da minha brincadeirinha. Eu olho para o outro lado da rua, precisamente para a Cheryl que continua encostada no meu carro e eu penso se devo fazer o que estou prestes a fazer. Respiro fundo, atravesso a rua e me aproximo novamente dela.

— Nós vamos sair daqui ou...

Antes que ela possa terminar a sua frase, o seu corpo é suavemente jogado para frente e eu a amparo. Puta merda! Alguém bateu no meu carro. Eu coloco as mãos em minha cabeça, ando apressado até a rua e dou um soco no capo do carro que bateu no meu.

— VOCÊ COMPROU A MERDA DA SUA HABILITAÇÃO?

A porta do carro infrator se abre e a pessoa desce.

— Me desculpe, Jensen. — Lola pede. — E só foi uma raladinha.

— Raladinha? — Questiono. — Você quebrou o farol do meu carro!

Me aproximo da traseira do meu carro e observo o estrago causado pela minha querida cunhada. Leon desce do seu carro e analisa o que a sua noiva causou na dianteira do seu carro. O dele está apenas ralado, já o meu, a lanterna quebrada e a lataria um pouco amaçada.

— Foi sem querer. — Lola declara. — Eu me assustei com a moto passando ao meu lado.

— Não passou moto nenhuma nessa merda.

— Você que não viu, pois estava concentrado ao olhar para a *ring-girl*.

Eu suspiro e encaro o meu irmão.

— Ela não está mentindo, uma moto passou, a fazendo jogar o carro demais para o lado e sem querer bateu no seu. — Leon declara.

— Tá bom, tá bom. — Resmungo.

Lola está testando a minha paciência hoje.

— Em casa conversamos sobre esse assunto. — Leon me informa.

Eu apenas lhe dou as costas e saio da rua, ao voltar para perto da Cheryl. Mesmo estando com milhares de coisas em minha mente, eu disfarço e abro a porta do meu carro. Ela sorri ao notar que nada conseguiu atrapalhar os nossos planos, se senta no banco do passageiro e eu dou a volta. Entro no meu carro, coloco o cinto de segura e observo o meu irmão ir embora em seu carro, mas agora é ele que está dirigindo. Nós iremos conversar sobre sei lá o que, e ele terá que pagar o conserto do meu carro, já que o estrago foi causado pela sua maravilhosa noiva.

Cheryl questiona para onde nós vamos, eu a informo que iremos para o mesmo motel das outras vezes e ela acena concordando. O que acontece entre nós é apenas sexo, não existe sentimento e nem deveres. E eu gosto muito disso, e o melhor de

tudo é que, não existe nenhum problema em nós sermos *funcionários* do mesmo estabelecimento. Ela já participou de algumas lutas minhas, e foi de grande incentivo ao observá-la desfilar pelo octógono. Entretanto, eu já imagino que, quando os Lewis voltarem, eles irão acabar com o *incentivo* que o Anthony estabeleceu ao final de cada luta para o vencedor. Aliás, a Emily irá acabar com isso.

Ela morre de ciúme do Dominic, por mais que ele só tenha olhos apenas para ela. Contudo, é de se entender, pois eles passaram por muitas coisas. E ao pensar neles, isso me faz lembrar que, no fundo o meu real desejo é que eles não voltem, pois eu sei que eles irão querer me confrontar, mas eu penso no meu amigo logo em seguida e por ele, eu prefiro que eles voltem e até lá eu estarei preparado para enfrentar a sensação de *tortura*. Claro que não será uma tortura em si, mas será um martírio estar cara a cara com os filhos da mulher que eu amei e que foi retirada bruscamente da vida de todos nós. Eduard e Emily tiveram a mãe assassinada de forma brutal e o assassino... está por aí, livre, sendo um governador.

James é o assassino e quando eu tiver a confirmação disso, irei confrontá-lo e serei brutal contra ele, independente das possíveis consequências.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO QUATRO

*Posso ficar com a consciência limpa
Se eu sou diferente do resto
Tenho que fugir e me esconder? (oh, oh, oh)
Eu nunca disse que queria isso
Esse fardo veio até mim
E me fez de sua casa*
Monster – Imagine Dragons

Outubro, 2018

Aperto a mão do senhor Erikson, o acompanho até a porta da minha sala e ele se vai. Eu deixo a porta aberta, volto a me sentar na minha cadeira e confiro a hora na tela do meu computador. Já se passam das seis da tarde e está na minha hora de ir embora. Combinei de sair para jantar com os meus pais, pois não fazíamos isso há muito tempo. Organizo a bagunça que está sobre a minha mesa, pego o meu celular e saio do meu escritório. Encontro o Oliver conversando com a Ky e eles ficam em silêncio ao notarem a minha presença.

— Já está indo embora? — Ele me questiona.

— Eu tenho um jantar marcado.

— Quem é a felizarda? — Ky me questiona.

— Sarah Brown.

Ela franze o cenho por alguns segundos e em seguida a sua expressão se suaviza quando ela entende o que eu quis dizer.

— Bom jantar.

Agradeço e o Oliver sai comigo da agência. A sua relação com a Penélope continua a mesma de como estava há um pouco mais de um ano, e todos nós tentamos ao máximo ao não interferir no possível relacionamento deles.

— Belo carro. — Ele elogia.

— E é muito bom de dirigir.

Sorrio ao observar o meu novo carro e constato que fiz uma boa aquisição. É um Audi Q3 na cor preta e consegui comprar ele

recentemente, mas só ontem à noite eu o retirei da concessionária.

— Semana que vem teremos que ir para Las Vegas. — Oliver me lembra.

— Bem lembrado.

Semana que vem, o Dominic irá lutar em Las Vegas e ele realizará o seu sonho pessoal, junto com o sonho de nós todos. Ele irá lutar no octógono oficial do UFC e todos nós iremos acompanhá-lo, inclusive Penélope e Oliver, que terão que se suportarem durante a pequena viagem.

— Nós iremos juntos?

— Eu vou no meu carro, independentemente da quantidade de pessoas.

— Nós sabemos de tudo isso. — Ele ironiza.

— Anthony irá?

— Que eu saiba não.

— E já teve resposta do conselho tutelar? — Eu questiono.

— Ele ficou de me ligar ainda hoje.

Trocamos mais algumas palavras, logo nos despedimos e cada um entra no seu carro. Oliver entrou com o pedido de guarda das irmãs, e conseguiu de início, a guarda provisória. E todos nós achamos que elas virão em breve morar com ele, então isso causou pequenas mudanças em seu apartamento. O seu carinho por elas é enorme e essa tentativa de conseguir a guarda é como um tipo de salvação para elas. Isso me faz lembrar que, ele teve muito receio de não conseguir, por ser lutador, mas isso nem foi tanto imposto, mas sim o seu trabalho de carteira assinada. Eu e o Leon, como responsáveis pela agência, tivemos que conversar com algumas pessoas que estavam responsáveis pela análise do pedido.

Piso fundo no acelerador, aperto as minhas mãos ao redor do volante e sinto como se eu estivesse nas nuvens, mas sou interrompido quando o semáforo fica vermelho. Olho para o meu lado direito e observo o carro parado ao lado. Os vidros estão abaixados, a mulher está cantando e remexendo o seu corpo no mesmo ritmo que a música. O meu vidro está fechado, então eu fico observando a mulher e admirando a sua animação. Ela vira o rosto

na minha direção, permitindo que eu a veja melhor e o meu cenho se franze. É a amante do demônio.

Qual seria o motivo da sua alegria? Será que o demônio morreu? Se isso aconteceu, seria motivo de comemoração e eu seria o primeiro a comemorar, pois ninguém mais do que eu ficaria radiante. Contudo, eu não desejo que isso aconteça tão cedo. Ele precisa ser condenado pela morte da Margareth e quando isso acontecer, eu irei para cima dele com tudo, com todas as minhas forças, ira e ódio. E somente depois de tudo isso, ele poderá morrer pelas mãos de alguém ou morrer ao apodrecer na cadeia. Desvio a minha atenção, ao voltar a acelerar o meu carro quando o semáforo se abre e continuo o meu trajeto.

Eu vou para a cozinha assim que entro em casa, cumprimento a Rosi e bebo um pouco de água. Ainda não vi nenhum vestígio dos meus pais por aqui e isso é muito bom, pois assim não terei que dar o relatório diário sobre o que aconteceu na agência. Vou para o meu quarto, tranco a porta e deixo os meus pertences sobre a cama antes de entrar no banheiro. Retiro a minha roupa, entro debaixo do chuveiro e tomo um rápido banho. Esfrego o meu couro cabeludo ao espalhar o shampoo e assobio baixinho. Hoje o dia foi tranquilo, consegui colocar tudo em dia – muitas coisas estavam pendentes há semanas –, e consegui fechar três vendas.

Eu preferi almoçar no meu escritório, já que estava concentrado em meu trabalho e para a infelicidade dos meus companheiros de agência – Oliver e Leon –, eles tiveram que almoçar sem a minha companhia, ao contrário de mim, já que eu almocei na companhia da Ky, pois precisei de ajuda ao entrar em contato com alguns clientes. Termino o meu banho, enrolo a toalha na cintura após secar o meu corpo e vou para o closet. Visto uma cueca boxer de cor escura, calça jeans e camiseta básica na cor preta. Passo os dedos entre os fios do meu cabelo, os jogando para trás e calço o tênis.

Saio do meu quarto, a procura dos demais moradores desta casa e não encontro ninguém ao chegar na sala de estar. Decido ir para a cozinha, encontro a Rosi cozinhando e franzo o meu cenho. Nós não vamos jantar aqui, iremos sair, pelo menos era o

combinado. Ela nota a minha presença e me direciona um pequeno sorriso.

— O que você está fazendo?

— A sua mãe me pediu para fazer cheesecake, amanhã irá receber a visita de uma amiga.

— Amiga?

Faz algum tempo que a minha mãe não recebia ninguém aqui em casa, e isso me deixa um pouco surpreso. Rosi dá de ombros, sem saber quem será essa pessoa e eu me sirvo uma dose de uísque. Bebo o líquido num gole só e coloco o copo sobre a pia. Leon adentra na cozinha e logo atrás dele, vem a noiva. Eu não sabia que ela iria conosco, porém, não é novidade nenhuma a sua companhia.

— Oi, cunhado. — Ela sorri para mim.

— Oi.

— Eu só vim me despedir e agradecer a Rosi pelo maravilhoso lanche da tarde. — Ela declara.

— Se despedi?

— Passei a tarde com a sua mãe.

Hum... então ela não irá conosco.

— Tenha cuidado, o meu carro está lá fora.

Ela revira os olhos e eu sorrio irônico. Lola troca algumas palavras com a Rosi, acena para mim e o meu irmão o acompanha até a saída. No ano passado, quando eu reencontrei a Cheryl no *Fight*, a Lola bateu no meu carro e eu tenho certeza de que foi intencional, pois notei em seus gestos e falas que ela não queria que eu saísse com a *ring-girl*. Naquela mesma noite, quando eu cheguei em casa, encontrei o casal bem aqui, me esperando para conversar. Eu deveria ter surtado com a minha cunhada, porém, eu apenas ignorei a situação e avisei que algum deles deveriam pagar o estrago causado ao meu carro.

Lola, de forma sensata se prontificou a pagar os danos do meu carro e os quais também existiam no carro do meu irmão. E depois, de acertamos os detalhes, ela foi para o quarto do Leon, eu continuei no mesmo lugar e ouvi o que o meu irmão tinha a me dizer. Ele mais uma vez se desculpou e enfim falou o que queria

conversar comigo. Ele tentou desfazer qualquer má situação que tenha ficado entre nós dois por causa dos comentários feitos durante o tempo que estivemos no apartamento do Dominic. Eu apenas disse que estava tudo bem e encerrei o assunto por ali mesmo.

— Lola estava aqui? — Questiono fazendo a Rosi acenar. — Planejando o casamento?

— Começaram a escolher alguns detalhes iniciais.

— Então está perto.

— O que está perto? — Leon questiona.

— O seu casamento.

— Não, ainda não, mas concordamos em já começarmos a planejar e escolher algumas coisas.

Ele boceja cansado e esfrega o rosto entre as mãos.

— Nós já podemos ir?

Viro a minha cabeça em direção a porta da cozinha, vejo a minha mãe parada e me aproximo dela. Beijo o alto de sua cabeça e a elogio por estar linda, como sempre. O seu cabelo é tingido, fazendo com que as suas mechas sejam loiras, em seu corpo tem um vestido preto justo até a cintura e o comprimento vai até um palmo abaixo dos seus joelhos. Todos nós saímos de casa, eu vou na direção do meu carro e sou surpreendida ao ouvir a ordem da minha mãe, para que eu entre no carro do meu pai.

Suspiro e acato a ordem. Me sento no banco traseiro, ao lado do meu irmão e o nosso pai nos leva rumo ao restaurante. Hoje eu não irei ao *Fight*, decidi diminuir o ritmo nessa semana, para me dedicar mais ao meu trabalho e a minha saúde mental. Ir até lá, continua sendo difícil, mesmo com toda a reforma que ocorreu no estabelecimento e que o maldito não vai até lá, contudo, nada disso tem o poder de anular o que eu sinto quando eu coloco os meus pés naquele lugar.

Encaro a janela ao meu lado, deixo as minhas mãos apoiadas em meus joelhos e fico observando por onde o carro passa. O céu está limpo e estrelado. Temperatura agradável, mesmo que esteja caindo aos poucos e o vento aumentando, com isso eu me arrependendo de não ter pegado um casaco. Em poucos minutos

chegamos ao restaurante, todos nós descemos do carro e o meu pai informa o maitre sobre a nossa reserva. Somos guiados para uma mesa no centro do ambiente, e ele deixa os cardápios conosco.

— Senti falta de sair com todos os meus meninos. — A minha mãe declara.

— Está sentimental?

— Não, apenas alegre.

O meu pai segura na mão da minha mãe, beija os nós dos dedos dela e sorriem um para o outro.

— Devemos fazer isso mais vezes, minha querida. — Ele declara.

Eu faço um aceno para o garçom, ele se aproxima da nossa mesa e anota os pedidos.

— Lola está bastante indecisa em relação as flores, já que vocês não sabem em qual estação do ano irão se casar. — A minha mãe declara ao encarar o Leon.

— Vocês irão se casarem mesmo? — O meu pai questiona.

— É claro que sim. — O meu irmão responde. — Nós só não estamos com pressa.

— Nós sabemos disso. — Dona Sarah sorri.

— Está tudo tranquilo, ninguém precisa se preocupar. — O meu irmão declara.

— Eu não estou.

Ele ri do meu deboche. Enquanto a conversa continua, os minutos passam rápido e logo o garçom nos serve. Eu começo a degustar a refeição, e me mantenho em silêncio. Leon continua a conversa com a nossa mãe sobre algumas preferencias que ele tem em relação ao casamento e o assunto fica em torno disso. Os meus pais sabem muito bem que eu não tenho pretensão em me casar tão cedo, então eles se ocupam em planejar o casamento do filho caçula. O olhar da minha mãe recai sobre mim, mesmo que ela continue a falar sem parar sobre sugestões para as flores.

Nós gostamos bastante de vir aqui nesse restaurante, é reservado e intimista, além de ter um clima familiar. O chão é de madeira, as paredes são claras e o cardápio bastante variado. Eles servem de café da manhã até ceia. A minha atenção é roubada

quando eu ouço o barulho da televisão ser aumentado e eu olho na direção do bar. O silêncio se instala no ambiente, para que todos possam ouvir a notícia sobre o governador. Pelo amor de Deus! Nem se quer, aqui no restaurante eu terei paz?! O apresentador ancora do jornal chama a jornalista Lauren – minha amiga – e eu franzo o meu cenho ao ler o rodapé da imagem.

‘O governador do estado da Califórnia – James Lewis, acaba se sofrer um atentado’

— As únicas informações que eu tenho até o momento é que; James Lewis, foi atacado assim que saia do seu gabinete em São Francisco e foi levado às pressas para o hospital. — Lauren declara e coloca a mão em seu ouvido para ouvir o seu ponto eletrônico. — Notícia de última hora; o senhor Lewis está em estado gravíssimo, correndo risco de vida.

A indecisão toma conta de mim, eu não sei se eu comemoro ou se lamento. Comemorar pelo motivo do seu fim, algo que eu tanto almejei. E lamentar pelo fato de não ter conseguido provar que ele é o verdadeiro assassino e de perder a chance de confrontá-lo mais uma vez. Involuntariamente, o canto da minha boca se curva num sorriso e eu o escondo ao beber um gole do meu vinho. A minha mãe percebe a minha atitude, e me repreende com o olhar. A maioria das pessoas continuam com a atenção voltada a notícia, e eu volto a comer. É o melhor, enquanto eu tento decidir como devo me portar; se comemoro ou lamento.

Isso me faz pensar em algo importante. Com essa situação do maldito, é capaz que os filhos reapareçam, ou pelo menos o Eduard. Uma questão importante é; quem fez isso? Eu gostaria de lhe parabenizar e brigar ao mesmo tempo, pois, seja lá quem for essa pessoa, ela deveria ter convidado alguém que odiasse o James, no caso, eu. Aceno para o garçom e peço para ele trazer uma dose de uísque. Eu preciso beber, e beber muito. Olho ao redor e noto todos atônitos com a notícia. James pode morrer a qualquer momento.

— Quem teve coragem a agir a sangue frio dessa forma? — O meu pai questiona.

— E foi muito bem planejado. — A minha mãe comenta.

— Será que ele vai morrer? — Questiono surpreendendo a todos.

— Provável, mas vamos torcer por um milagre.

Eu não. Percebo que a minha mãe continua com o olhar fixo em mim, eu arqueio uma sobrancelha e ela apenas manea a cabeça para os lados, continuando a me reprovar. Todos nós terminamos de comer, a minha mãe chama o garçom e escolhe a sua sobremesa, enquanto eu e os demais preferimos continuar a beber. Estou louco para chegar em casa e saber mais sobre esse *fatídico* acontecimento.

— Vocês não me parecem preocupados. — O meu pai resmunga.

— Com o que? — Questiono.

— Lewis, ele está por um fio e é dono do *Fight*.

— E daí? — Dou de ombros. — Eu pouco me importo se ele pode morrer.

— Fale isso baixo. — A minha mãe ordena. — Quando chegarmos em casa, nós conversamos sobre este assunto.

O meu pai não tem ideia sobre o que aconteceu entre mim e a Lewis, muito menos sobre as ameaças do Lewis. Ou melhor, ninguém nem se quer, consegue imaginar que essas ameaças aconteceram e nunca vão saber, pois o que aconteceu entre nós, ficará em oculto, assim como o que aconteceu entre Maggie e eu.

[...]

— Jensen... — Ouço a minha mãe me chamar e eu paro de andar.

Eu estava indo rumo ao meu quarto, na tentativa de fugir da conversa, mas não consegui, já que ela notou a minha fuga. Eu giro o meu corpo sobre os calcanhares, ando de volta até a sala de estar e me sento no sofá oposto de onde o meu pai está. A minha mão se senta ao lado dele e o meu irmão prefere se manter em pé, ao lado da grande porta que dá acesso a área externa.

— O que você quer conversar conosco? — O meu pai a questiona.

— Com essa situação do Lewis, um medo gigante bateu contra o meu peito e eu temo pelo que pode estar por vir. — A minha mãe declara.

O meu franze o cenho, sem entender o que ela está se referindo e eu abaixo o meu olhar.

— O que você está querendo dizer? — Ele pergunta.

Eu levanto o meu olhar e vejo que a minha mãe está me encarando.

— Fale em alto e bom som sobre o que eu estou querendo dizer, Jensen.

— Eu não sei. — Resmungo.

— Não sabe, Jensen? — Ela me questiona. — Um nome te fará entender muito bem: Margareth Lewis.

Merda, mãe! O olhar do meu pai recai sobre mim, eu abaixo a cabeça, incomodado com a intensidade deste momento. O silêncio é gritante entre nós e eu brinco com os meus próprios dedos.

— Jensen.

Ouço o meu pai me chamar, eu fecho os meus olhos por alguns segundos e respiro fundo, criando coragem de falar o que a minha mãe pediu. Encaro o meu pai e encolho os meus ombros.

— Eu era aman... — Reformulo a minha frase ao perceber que ‘amante’ não é uma boa palavra. — Eu estava me relacionando com a Margareth há alguns meses antes dela ser assassinada. E o James sabia desse relacionamento.

— Você era amante da Margareth Lewis? — O meu pai questiona, atônito.

— Essa palavra não é agradável. — Resmungo.

— Não é ‘agradável’? — Ele ri sem humor. — E o que você fazia, era agradável?

Sim, muito agradável. Um risinho escapa da minha boca, fazendo o meu pai me fuzilar com o olhar. Eu não irei aceitar ouvir nenhum desaforo ou bronca em relação ao que eu fiz e faço da minha vida. Sim, eu me envolvi com a Margareth, que era uma mulher casada e gostei, aliás, eu gostava muito dela e a carreguei em meu peito. Ela foi uma pessoa muito importante em minha vida,

imagino que eu tenha sido para ela também e tudo o que aconteceu entre nós, não é do interesse de ninguém.

— O que aconteceu, aconteceu. — Declaro ao ficar de pé. — Eu estou ciente de tudo o que fiz, e ninguém tem que falar nada.

— Ninguém? Eu sou o seu pai!

— Eu sei muito bem disso há trinta e dois anos. — Declaro.

— Sem deboches, Jensen.

Dou alguns passos na intenção de sair da sala de estar, mas paro ao lembrar das palavras da minha mãe.

— Do que a senhora tem medo?

— *Disso* ser revelado.

— E qual mal teria *nisso*? — Questiono. — James teve diversas amantes, ele vivia um casamento de aparências com a Maggie e ele é o verdadeiro assassino.

— O que?

Pai, mãe e irmão questionam em sintonia. Percebo que falei mais do que eu devia, esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e suspiro. Estou exausto dessa situação!

— Nada, eu falei merda.

Dou as costas a eles, e sigo para o meu quarto. Antes que eu feche a porta, o meu irmão coloca o pé, impedindo. Eu o deixo entrar, peço para que ele feche a porta e assim ele faz. Eu me sento na ponta da cama, cruzo os meus braços em frente do corpo e encaro o Leon.

— Você deveria conversar com alguém sobre isso tudo, uma ajuda profissional.

— Eu estou bem.

— Não, não está e isso é há muito tempo. — Ele declara.

— Eu só preciso descansar, Leon.

— Então hiberne até que você volte a ser o Jensen. — Ele aconselha. — É sobre o Jensen pré-Margareth.

O meu irmão sai do meu quarto, eu caio de costas sobre a cama e acesso à internet através do meu celular. Eu preciso de mais notícias sobre o maldito, quero saber se o seu fim está mais próximo do que eu consigo imaginar. Apesar da Maggie ter sido

arrancada brutalmente, eu tomei algumas lições para a minha vida e até o momento, foi a melhor coisa que eu pude fazer.

O autocuidado que eu coloquei como prioridade em minha vida foi colocar um pouco de freio na intensidade que estava comandando a minha vida, ir com calma e responsabilidade, me abrir aos poucos e jamais escancarar o que aconteceu logo de cara. E em primeiro lugar, é preciso conhecer o terreno aonde estou pisando e só depois plantar qualquer possível afeto, pois na maioria das vezes nós acabamos nos enfiando demais em lugares que não cabemos, ficando tempo demais com pessoas que não somam, se consumindo demais por relações que nos desequilibram.

Aprender e praticar o amor-próprio é uma tarefa difícil, mas, jamais impossível. Começamos ao proferir um não aqui, esvazia um cômodo ali e de repente já não damos mais importância ao que sentimos, além de deixar de colocar a vontade dos outros acima das nossas e de nós. E essas atitudes são cruciais para que possamos conseguir superar momentos difíceis, e foi exatamente assim que eu comecei a agir após a partida da Maggie, ou pelo menos, eu tento a cada dia. Os primeiros dias foram os mais difíceis, porém, eu consegui.

[...]

O dia se passou de uma forma estranha, eu fugi de qualquer possível encontro com os meus pais, tomei café da manhã extremamente cedo, depois fiquei na academia até o meio da tarde, almocei sozinho e depois fui para o meu quarto. Prefiro me manter afastado de todos por causa do assunto da noite anterior, o meu pai não ficou nem um pouco feliz ao saber do que eu fiz no passado, porém, eu continuo com a mesma opinião de ontem; ninguém tem que falar nada. E somente agora, estou saindo do meu quarto, na intenção de ir até o *Fight*. Ando calmamente em direção a saída da casa, mas paro bruscamente ao dar de cara com o meu pai.

— Fugiu o dia inteiro. — Ele comenta ao me encarar.

— Impressão a sua.

— Nós precisamos conversar.

— Eu estou de saída.

— Eu tenho certeza de que o seu compromisso pode esperar.

Sabendo que, eu não vou conseguir continuar a fugir e então eu apenas aceno suavemente. Eu me encosto na parede ao meu lado, o meu pai fica parado na minha frente e cruza os braços em frente do corpo.

— Antes que o senhor fale algo, eu quero deixar claro que o assunto que envolve a Margareth é algo que eu não gosto de falar, pois é muito particular.

— Eu só quero saber se você tinha consciência do risco que estava correndo ao se envolver com a Lewis?

— Sim, eu sabia e estava certo em correr os riscos.

— Foi feliz em algum momento?

A sua pergunta me deixa surpreso e um sorriso surge nos meus lábios.

— Fui, eu fui feliz em diversos momentos.

O meu pai aperta o meu ombro, me direciona um pequeno sorriso. A minha mãe se aproxima de nós, sorridente como sempre e passa as mãos em minha camisa, desamassando-a.

— Irá comer a pizza conosco?

— Eu tenho um compromisso, mãe.

— Por favor. — Ela pede.

Confiro a hora no relógio em meu pulso e vejo que posso demorar mais um pouco.

— Tudo bem.

Todos nós vamos para a sala de jantar, a caixa de pizza já está sobre a mesa e cada um pega o seu pedaço. Leon não está aqui, pois foi jantar com os pais da sua noiva e de lá eles iriam para o *Fight*. Eu também irei até lá, pois é final de semana e algumas lutas irão acontecer durante essa noite. Hoje mais cedo, minha mãe recebeu uma visita, uma antiga amiga que voltou a morar na cidade e elas se reaproximaram.

— Aonde você irá? — A minha mãe me questiona. — Irá voltar hoje?

— Irei voltar, pois vou ao *Fight*.

— Irá funcionar mesmo com o Lewis em coma?! — O meu pai resmunga.

Hoje, no início da tarde saiu um comunicado diretamente do hospital onde o James está e informaram que ele entrou em coma após o ataque da noite anterior. Felizmente, ou para algumas pessoas, infelizmente, o Lewis levou um tiro no peito quando estava saindo do seu gabinete e acabou caindo da escada e essa queda lhe causou um grande impacto na cabeça. Eu pensei na possibilidade em entrar em contato com a Lauren ou a Penélope para ter mais notícias, já que elas são jornalistas e sabem de informações através da principal fonte, mas em seguida notei que não deveria.

Quase uma hora depois, eu me despeço dos meus pais e entro no meu carro. Saio da propriedade e deslizo pelas ruas, degustando o meu novo carro. Eu ainda não consegui imaginar o que pode acontecer se o James vier a morrer, sei que podem ocorrer muitas coisas, como por exemplo, o meu segredo ser revelado e o pior de tudo é se os Lewis voltarem para cá. Por mais que eu vá ficar feliz pelo Dominic, me dará um pouco de desgosto, pois com eles aqui, ou melhor, com ela aqui – Emily – eu terei que me afastar suavemente do meu amigo.

Estaciono diante do *Fight*, cumprimento o segurança que está na porta e adentro no ambiente. Dentro do octógono já está acontecendo uma luta, não sei há quanto tempo começou e isso não me interessa nesse momento. Eu olho na direção do camarote, vejo o Dominic parado perto do vidro e eu vou na direção dele. Estranho ao ver os meus amigos próximos a arquibancada, mas ignoro e continuo o meu caminho. Passo pelo camarote do Anthony, a porta está aberta e eu vejo de relance ele conversando com um rapaz. Continuo o meu caminho, abro a porta do camarote e franzo o meu cenho. Dominic está segurando um bebê e eu não tenho a menor ideia quem seja os responsáveis por ele, aliás, um pouco irresponsáveis, pois jamais deveria trazer uma criança nesse lugar.

— De quem é esse bebê?

Me aproximo do Dominic, para observar a criança e vejo ele me alertar através do seu olhar, mas eu não entendo o que ele quer

dizer. Oliver chama a minha atenção ao se movimentar rapidamente pelo ambiente e só agora eu a vejo. Emily Lewis está de volta.

— Não toca no meu filho. — Ela rosna.

— É meu filho. — Dominic fala orgulhoso. — Eu fiquei sabendo e conhecendo ele hoje.

Puta que pariu!

— Vocês têm um filho juntos? — Questiono surpreso e a encaro. — Eu não vou tocar nele, Emily. Não se preocupe.

— Temos que conversar, não acha? — Ela questiona, me fazendo ficar sem reação. — Imagina a minha surpresa em saber que você era amante da minha mãe? Foi chocante.

— Fui e não me arrependo. A sua mãe me deu total liberdade e só depois de eu estar extremante envolvido com ela, descobrir que ela era sua mãe.

— Emily, não é o momento para isso. — Dominic intervém. — Vamos embora e depois vocês conversam.

— Não! — Ela protesta.

— Andrew está aqui e não quero meu filho presenciando isso.

Emily se dá por vencida, se despede da Penélope e sai do camarote com o filho em seus braços. Dominic pede ao Oliver que ele leve a sua irmã para casa e praticamente corre atrás da Lewis. Se ela está aqui, isso quer dizer que o seu irmão também está e isso aconteceu mais rápido do que eu pude imaginar. O meu irmão entra no camarote junto com a noiva e com a Lauren. A minha amiga me cumprimenta ao me abraçar e eu beijo o topo da sua cabeça. Nunca mais nos relacionamos intimamente, aconteceu uma única vez como foi o combinado e recentemente ela começou a namorar.

— Eu não sei por qual motivo estou mais surpreso. Pôr a Emily ter voltado ou por ela ter tido um filho com o Dom.

— Pelo filho. — Lauren comenta. — É algo que jamais imaginávamos que iria acontecer, pois, todos nós sabíamos que ela voltaria.

— E suas chances morreram de vez. — Leon debocha.

— Eu já estou com outro, Leon. Estou com o...

— Não ouse. — Oliver resmunga fazendo a Lauren sorrir diabolicamente.

— Com o Damon. — Ela completa a sua frase fazendo Oliver ficar furioso.

Ela está namorando com o cara que causou o rompimento brutal entre Oliver e Penélope.

— Vocês ainda estão nessa? — Leon questiona. — Pelo amor de Deus! Se resolvam logo, Oliver e Penélope.

— Lauren, você pode me dar uma carona para casa? — Penélope pede ao mudar de assunto.

— Dominic me pediu para te levar. — Oliver me lembra.

— Você vai com o Oliver. — Todos falam juntos.

Ninguém aqui tem coragem de ignorar ou fazer o contrário sobre um pedido do Turner, principalmente quando o assunto é a princesinha. Eu entendo o seu temor em relação a ir embora com o seu ex-namorado, porém, chegou o momento deles se resolverem. Observo ela se sentar no sofá e começa a comer uma barra de chocolate. Oliver fica o mais afastado possível enquanto assiste a luta. Eu olho para o octógono, vejo o Dominic passar pela lateral junto com os Lewis e eu respiro fundo ao ver o Eduard. É claro que ele também estaria de volta e assim como a irmã, ele vai querer ouvir determinadas explicações da minha boca.

— Então eles voltaram de vez? — Questiono em alto e bom som.

— É o que parece. — Oliver responde.

— Eles voltaram por causa da situação do Lewis?

Olho diretamente para a Penélope e ela acena positivamente.

— Emily informou que o pai está praticamente morto.

— Que ótimo. — Resmungo num sussurro.

— E o bebê? — Ouço a Lauren questionar e eu a olho. — É mesmo filho do Dominic?

— Andrew é a cara do meu irmão. — Penélope declara.

— Quantos meses ele tem? — Lola questiona.

— Nove. — Ela responde.

Eu faço as contas mentalmente e balanço a cabeça de forma positiva. Pela contagem de tempo, o menino pode ser filho do meu

amigo. E a Penélope está certa, pelo pouco que eu consegui observar a criança, ele se parece bastante com o pai. Sobre a Emily voltar era algo esperado, mas voltar com uma ‘surpresa’, era inimaginável. Eu vou continuar a repetir isso até que a ficha caia.

— Ela vai ficar com vocês?

Penélope arqueia a sobancelha ao me encarar, surpresa com os meus questionamentos. Eu preciso ter mais informações, aquela dupla – aprendizes de mafiosos – me odeiam, então eu preciso ter cuidado de hoje em diante.

— Eu espero que sim, mas o Dominic a deixou livre para escolher onde ela irá preferir ficar.

— Ela deveria escolher ficar com vocês, já que privou o Dominic de saber sobre o filho. — Lauren comenta.

— Com certeza ela agiu assim na intenção de proteger todos eles. — Oliver declara. — Se ela tivesse contado para o Dom, tudo teria ido por água abaixo, pois ele iria atrás dela e consecutivamente, James iria atrás deles.

Oliver está plenamente certo e como se uma lâmpada acendesse sobre a minha cabeça, eu me lembro da vez que nós nos encontramos com o Lewis no *Boston Crab*. Naquele momento eu percebi que ele estava escondendo algo e com certeza era a gravidez da irmã.

— Você acha que eles irão querer conversar com você? — Leon me questiona.

— Eu tenho certeza.

— Emily virou uma fera quando viu o Jensen entrando aqui. — Oliver debocha.

— Você deve explicações para eles, Jen. — Penélope me informa.

Apenas aceno concordando e vou até o frigobar. Pego uma garrafa de cerveja, me encosto ao lado da porta e respiro fundo. Eu sei muito bem disso, porém, eu preciso pensar em algo que faça eles saírem do meu pé. Eu não irei contar o que realmente aconteceu entre mim e a Margareth, pois não é dever deles saberem e por mais que eles me coloquem praticamente contra a parede – seja literalmente ou não – eu preciso dar informações,

fazendo com que eles se deem por satisfeitos com o mínimo que eu falar. Vejo a Lauren andar na minha direção, ela sorri suavemente e acaricia o meu braço.

— Está tudo bem? — Ela me questiona.

— Está. — Resmungo.

— Você sabe que se precisar conversar, eu estou a postos.

— Eu sei, Lau.

Seguro em sua cintura, a puxo de encontro ao meu corpo e beijo o topo da sua cabeça. Ela dá um beijo no meu maxilar e se afasta suavemente. Eu pergunto sobre como está o seu relacionamento e ela começa a me contar sobre a sua relação com o Damon. No mesmo segundo, Oliver fica próximo a nós, pois está no frigobar e volta a ficar com a expressão séria ao ouvir sobre quem a nossa amiga está falando. Ele nutre um ódio profundo do Damon e eu o entendo perfeitamente.

Esse rapaz surgiu como um abismo entre Oliver e Penélope, fazendo com que o relacionamento chegasse ao final. E por mais que toda situação tenha sido esclarecida, e que o Damon tenha levado alguns socos do Turner e Baker, a Penélope não consegue superar a falta de confiança que o ex-namorado tinha em relação a ela. E isso acontece por causa da ausência dos pais em sua vida e por toda a situação caótica que aconteceu naquela família. Jimmy e Polly causaram feridas profundas na Penélope, a fazendo ter problemas em seus relacionamentos, sejam pessoais ou profissionais. Ela já me confidenciou que sente que não é uma boa jornalista, porém, é pura invenção da própria mente.

— Eu já vou embora. — Anuncio.

— Me deixe em casa? — Penélope pede.

— Eu sinto muito, Pen. — Declaro ao negar.

— Que droga! Vocês são um bando de medrosos.

Eu apenas rio do seu nervosismo, dou um beijo na sua têmpora e me despeço do Oliver ao bater o meu punho contra o dele. Lauren também se despede de todos e nós saímos do camarote. Encontramos o Anthony no corredor e ele nos cumprimenta.

— Vocês viram os Lewis?

— Infelizmente. — Resmungo.

Sinto o cotovelo da Lauren bater em minha costela.

— Sim, nós vimos a Emily e o bebê. — Ela declara e ri em seguida. — Ou melhor, vi brevemente.

— Será um desafio conseguir isso, pois aquela mulher é louca.

Lauren ri ainda mais e o Anthony prefere não esboçar nenhuma reação. Nós descemos a escada, atravessamos a área do octógono e saímos do *Fight*. Eu me despeço da minha amiga, a acompanho até o seu carro e a observo ir embora. Antes que eu possa entrar no meu carro, vejo o meu irmão ao lado da Lola, indo na direção do carro dele. FRANZO o meu cenho ao pensar na situação que estava no camarote, e pelo que eu me lembre, Oliver e Penélope estão lá, sozinhos. Espero que eles se acertem de uma vez e que toda pequena intriga se encerre.

Eu entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e dirijo rumo a minha casa. Eu preciso organizar um bom discurso para ir enfrentar os Lewis e fazer com que eles me deixem em paz. Talvez eu devesse fazer isso amanhã, encerrar esse assunto de uma vez por todas e ignorar eles em qualquer encontro que tivermos. Entretanto, ao pensar na situação do maldito, me faz imaginar que amanhã irá ser o seu fim, já que os Lewis voltaram para a cidade por causa do atentando.

[...]

Eu sei que deveria esperar um pouco mais, porém, eu passei boa parte da noite em claro tentando descobrir qual seria a melhor forma para conversar com os Lewis e aqui estou, diante do apartamento do Dominic. Eu decidi que seria melhor conversar com o meu amigo primeiro, na intenção de receber um bom conselho e descobrir se tomei uma boa decisão e talvez receber a sua ajuda para conversar com a sua namorada ou sei lá o que ela seja dele. Respiro fundo, estaciono o meu carro diante do prédio e percebo o carro do Eduard estacionado na frente do meu.

Eu dou alguns passos na direção da entrada do prédio e paro bruscamente. Eu vim até aqui com outros planos, porém, parece

que o destino está indo contra mim. Decido me encostar no carro do Lewis e esperar pacientemente. Se ele está aqui, é porque veio buscar a irmã para eles darem fim ao pai ou porque já fizeram isso e vieram dar as boas novas ao meu amigo. Eu irei esperar bem aqui, irei conversar com pelo menos um dos Lewis nesta manhã.

Eu pensei em mil e uma formas de como eu posso conversar com eles, me trazendo um bom resultado no qual, eles saiam do meu pé. Sinto o meu coração bater mais devagar enquanto eu observo a dupla saindo do prédio. É agora ou agora. Eles notam a minha presença, andam na minha direção e eu sinto um nó se formar em minha garganta. Emily está me encarando fixamente, enquanto o seu irmão está indiferente a minha presença, por mais que me odeie. Tenha calma, Jensen, você precisa de calma, pois essa conversa não será fácil.

— Posso conversar com vocês?

— Sobre? — Eduard me questiona.

— Preciso esclarecer algumas coisas com vocês.

— Está mais que na hora. — Emily declara.

— Podemos conversar?

Retorno a pedir e o Eduard acena positivamente, por mais que esteja estampado que ele não está a fim de me ouvir. Atravessamos a rua, entramos na cafeteria e nós nos sentamos numa mesa, ao fundo do ambiente. Eu apoio os meus cotovelos sobre a mesa, fecho os meus punhos e pouso o meu queixo sobre eles. Os Lewis estão de frente para mim e os olhares de ambos me intimidam um pouco. A garçonete se aproxima, todos nós fazemos o mesmo pedido; simples café, e ela se afasta em seguida.

— Seja rápido e objetivo, estamos com pressa. — Eduard resmunga.

— Eu conheci a Maggie...

Me arrependo no mesmo segundo, ao receber um olhar repreensivo do Eduard.

— Não fala tão intimamente da nossa mãe. — Ele rosna.

Eu pensei muito e decidi que mentir seria a minha melhor opção.

— Eu não sabia que ela era casada e tinha filhos. Ela era amiga da minha mãe e quase sempre estava lá em casa. Mesmo que eu seja alguns anos, mais novo que ela, idade para ser filho, eu acabei me envolvendo com ela, mas acabamos com tudo quando você, Emily, começou a se envolver com o Dominic e vocês tomarem conta do *Fight*.

— Isso aconteceu quinze dias antes dela morrer. — Emily comenta.

— Eu sei, me lembro perfeitamente.

Eu fiquei louco quando vi que a princesinha da máfia estava se aproximando do meu amigo.

— Ela foi morta porque o meu pai descobriu que vocês tinham um caso e, porque ela ia denunciá-lo.

— Eu sei, mas não sabia o que de errado o pai de vocês fazia.

O silêncio se instala quando a garçonete retorna a se aproximar, ela coloca os nossos pedidos sobre a mesa e eu a agradeço. Eu seguro a xícara entre as minhas mãos e a fico balançando. Talvez eu me arrependa em mentir, porém, neste momento é a única forma que eu consigo fazer, na intenção de colocar uma pedra sobre este assunto. Eu olho para a Emily, a flagro me encarando e então eu olho para o Eduard. Ele está totalmente ausente, a sua mente está focada em qualquer outro assunto.

— Por que você nunca gostou de mim?

Me surpreendo ao ouvir o questionamento da Emily e eu a encaro.

— Porque você é esperta e poderia descobrir mais cedo ou mais tarde do meu caso com a sua mãe, mas não descobriu. — Declaro. — Ah, e eu não posso me esquecer que, eu também estava preocupado com o Dominic e estava certo de que algo poderia acontecer com ele.

A sua expressão muda totalmente, ela fica triste e pensativa. Ela tem plena consciência de que eu sempre estive certo. O celular do Eduard chama a nossa atenção ao começar a tocar e ele avisa que precisam ir. Ele joga uma nota de dez dólares sobre a mesa e sai da cafeteria acompanhado da irmã. Eu bebo o meu café, pago a

conta e saio do estabelecimento. Atravesso a rua novamente, cumprimento a Penélope e ela me avisa que está indo visitar a mãe. Eu entro no prédio, subo pelas escadas de emergência e logo toco a campainha do apartamento do Dominic. Ele abre a porta e por alguns segundos eu franzo o meu cenho ao ver o bebê em seu colo.

— Meu filho. — Ele anuncia.

— Eu tinha me esquecido disso.

Dom ri suavemente, eu adentro no apartamento e sigo o meu amigo até a cozinha. Ele coloca o menino sentado no carrinho e se senta ao lado do pequeno.

— Se tivesse chegado dez minutos mais cedo, tinha dado de cara com os Lewis.

Eu coço a minha nuca.

— Eu tive uma pequena conversa com eles.

Dominic me encara surpreso.

— Como assim?

— Eu tinha que deixar algumas coisas claras.

— Falou a verdade ou mentiu? — Ele me questiona.

— Que pergunta é essa, Dominic? Eu não teria motivos para mentir! — Resmungo.

— Eu te conheço.

O meu amigo arqueia uma sobrancelha, e eu desvio o meu olhar. Menti, pois era o melhor a fazer. O menininho faz um barulho estranho com a boca, e eu o olho. Ele é a cara do pai, porém tem alguns traços marcantes da mãe.

— Você e a Lewis se acertaram? — Pergunto ao mudar de assunto.

— Não... — Ele responde pensativo. —, ou melhor, sim.

— Não ou sim?

— Mais ou menos. — Ele dá de ombros. — Decidimos não rotular a nossa relação, vamos apenas deixar as coisas acontecerem.

— Então ela não vai morar aqui?

— Ainda não conversamos sobre isso, mas eu vou pedir, pois quero ficar perto do meu filho.

— E é quase impossível de ela querer ficar longe de você.

Ele sorri e concorda comigo.

— Nós precisamos ter algum momento de paz e eu espero que isso aconteça a partir de hoje.

— Isso quer dizer: sem o James?

— Eu espero que a Emily não se arrependa de autorizar que os médicos desliguem os aparelhos do pai.

— James está morto?! — Não consigo me conter, e acabo sorrindo. — Infelizmente, ele vai morrer e não vamos conseguir provar que ele matou a Maggie.

— Maggie: Margareth Lewis? — Ele me questiona.

— A própria.

— Você se lembra que eu queria lhe contar algo sobre a senhora Lewis?

— E eu disse que não queria saber naquele momento.

— Você quer saber agora? — Ele me questiona.

— Eu acho que sim.

Eu não tenho a menor ideia sobre o que o Dominic tem a me contar sobre a Margareth, uma pessoa que ele nem se quer conheceu pessoalmente. Antes que o Dominic possa me contar o que é, a campainha toca e ele vai abrir a porta. Eu fico a sós com o bebê e isso me deixa preocupado, pois se ele chorar, eu não irei pegá-lo nos meus braços. Eu fico o encarando, e ele me olha com curiosidade enquanto sorrir. Menino, a sua mãe me odeia com todas as forças. Dominic volta para a cozinha, acompanhado do Oliver e ele me parece animado. Ele me cumprimenta e se senta ao meu lado.

— É bom saber que está vivo. — Dominic ironiza.

— E está bastante animado.

Oliver sorri ainda mais e dá de ombros.

— Eu tenho bons motivos para isso. — Ele declara.

— Você e a minha irmã se acertaram? — Dom questiona.

— Estamos no caminho, ontem demos o primeiro passo.

— Você a trouxe para casa e conseguiram conversar?

— Mais ou menos. — Ele responde. — No caminho para cá, brigamos, ficamos sem nos falar e depois eu lhe mandei uma mensagem para quebrar o clima que tinha ficado entre nós.

— E foi simples assim?

— Simples assim. — Ele afirma.

E eu estou feliz por eles. Dominic bate no ombro do Oliver e prende a sua atenção no filho.

— Já se acostumou com o novo status; o de pai? — Oliver o questiona.

— Foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida, e aconteceu sem eu esperar, muito menos planejar. — Dominic declara ao pegar o filho no colo. — E eu vou me dedicar a este menininho diariamente.

E o que o Dominic iria me contar, é esquecido e ele começa a contar sobre a noite anterior. Enquanto conversamos, ele se desdobra em dividir a sua atenção conosco e com o filho. Apesar de eles terem se conhecido há menos de vinte e quatro horas, eles já estão se dando super bem. Oliver se serve com um pouco de café, eu peço que ele me sirva uma xícara e assim ele faz.

Eu bebo um longo gole e involuntariamente, repenso na minha atitude de mais cedo. Sinto que em breve eu vou me arrepender das mentiras que contei. Eu pego o meu celular em meu bolso, abro o aplicativo de mensagem e procuro pela minha conversa com a Lauren. Eu confio cegamente nela, então posso me abrir parcialmente, na intenção de aliviar um pouco a pressão que eu estou sentindo em meu peito. Se ela estiver ocupada, eu irei aguardar, mas caso esteja ocupada com o Damon, eu irei pedir para que ela dispense o babaca e vá se encontrar comigo. Nós somos amigos/família e sempre estamos em primeiro lugar.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO CINCO

*Porque no meu coração e na minha cabeça
Nunca vou retirar as coisas que eu disse
Tão alto, sinto que estão caindo
Ela disse: No meu coração e na minha cabeça
Me diga por que isso tem que acabar*
Atlantis – Seafret

Olho fixamente para a porta, aguardando pacientemente – ou nem tanto – pela chegada da Lauren. Eu lhe enviei uma mensagem pedindo para conversarmos, e ela me informou que me encontraria na cafeteria próximo ao seu trabalho às cinco da tarde, porém, agora já se passam das cinco e meia e nada *dela* chegar. Por mais que encontrá-la num lugar aberto não fosse os meus planos, mas infelizmente é o que tem no momento. Desvio o meu olhar, ao encarar a xícara de café sobre a minha mesa e bebo um pequeno gole. Eu não posso demorar, pois irei treinar. Ouço o sino da porta fazer um suave barulho e olho em sua direção. Observo a Lauren andar calmamente, sorrio suavemente quando os nossos olhares se encontram e no segundo seguinte eu franzo o cenho. Damon está logo atrás dela.

— Eu demorei? — Ela me questiona, após me cumprimentar ao dar um beijo no meu rosto.

— Não. — Nego e encaro o Damon, que está no balcão da cafeteria. — Eu queria conversar apenas com você.

— Ah, não se preocupe, ele só veio comprar um café e irá para o trabalho.

Estranho a sua atitude, pois no prédio aonde eles trabalham tem uma cafeteria, mas ignoro isso e volto a minha atenção para a minha amiga. O seu namorado se aproxima da nossa mesa, me cumprimenta com um aceno de cabeça e entrega o café para a Lauren. Ela o agradece e se inclina para lhe dar um beijo, mas ele se afasta sem se despedir e sai da cafeteria.

— Nossa! Ele é bastante amoroso contigo.

Ela revira os olhos diante da minha ironia.

— Ele é, mas não costuma ser diante das outras pessoas.

— Ah, claro... — Resmungo debochado.

Não é que eu não acredite nos possíveis sentimentos que um sente pelo outro, mas eu simplesmente não consigo gostar do Damon, assim como o Dominic e Oliver. O que ele causou ao relacionamento da Penélope foi algo que conturbou demais a vida de todos. E outra coisa, se você namora com uma pessoa e tem orgulho de estar com ela, independente de tudo e todos que estão ao redor, você tem que demonstrar os sentimentos e ser aquele que demonstra ser quando estão em um lugar mais íntimo.

— O que você quer conversar? — Lau me questiona.

— Eu queria conversar num lugar mais tranquilo, pois é sobre... — Calo-me ao respirar fundo, tentando decidir se devo mesmo falar.

— É sobre o que?

— Lewis. — Sussurro.

Lauren franze o cenho.

— Qual deles?

— *Ela*.

— Você quer conversar sobre *ela*? — Lauren me questiona, surpresa.

Esfrego a minha nuca e observo ao redor, para ver se tem alguém prestando atenção em nós.

— Eu sinto uma pressão enorme em relação a ela, por mais que o nosso envolvimento tenha acontecido há muitos anos. E com a situação do maldito, a minha mãe declarou que tem medo do que o que eu fiz venha à tona e eu tive que revelar o que aconteceu ao meu pai.

— E como foi a reação dele?

— De início, ficou bastante irritado.

Ela fica em silêncio por longos segundos enquanto pensa em algo.

— A sua mãe já sabia?

— Sim, ela soube há algum tempo, aliás, ela desconfiava desde quando Maggie era viva, mas só teve uma confirmação minha há pouco tempo.

— Há pouco tempo?

Repenso na cronologia dos acontecimentos.

— Há muito tempo, meses depois da morte da Maggie.

— E o James, ele soube do romance de vocês, não é?

— Soube algum tempo antes de cumprir o ato fatal.

— E ele te confrontou?

— Em todos os momentos que nós nos encontramos, até conseguiu me confrontar dentro da minha casa.

Lauren abre a boca assustada com a minha informação.

— Ousado.

— Ele é um grande babaca, e que terá um fim muito em breve, apesar que isso me dê um pouco de desgosto já que eu não consegui provar que ele foi o assassino da esposa.

— Você acredita que ele mesmo tenha matado a Lewis? —
Lau me questiona.

— E quem mais poderia ter feito isso? Apenas ele poderia e tinha motivos.

— Ele está por um fio naquele hospital.

— Os Lewis foram dar um fim ao pai hoje mais cedo.

— Meu Deus! — Ela sussurra. — Por mais cruel que ele possa ter sido, é uma decisão forte que os filhos irão fazer.

— Ele merecia algo bem pior. — Resmungo

A nossa atenção é atraída para a televisão, quando o anúncio de uma notícia urgente é declarado e a imagem da Candice surge. O silêncio estarrecedor domina o ambiente, todos estão atentos ao que será informado e no fundo, eu tenho ideia do que possa ser.

— Na tarde de hoje, James Lewis veio a óbito no hospital onde estava internado desde a última quinta-feira. — Ela anuncia.

Um longo suspiro escapa da minha boca, eu encaro a mesa de madeira diante de mim e sinto um pouco de alívio. Lauren segura a minha mão e me direciona um pequeno sorriso.

— Ele merecia muito mais.

— Eu não sei o porquê, mas imagino que exista um grande motivo para você desejar isso.

— E com a sua morte, um grande segredo foi revelado. —
Encaro mais uma vez a tevê ao ouvir a voz da Candice. — James

deixou uma carta para sua filha; Emily Lewis, assumindo toda a culpa da morte de sua esposa, Margareth Lewis, e decretando que: Dominic Turner é inocente.

Eu sabia, eu sempre soube, mas ao ouvir isso de uma fonte confiável, já que a informação veio do próprio demônio, é como ser atingido por um foguete. Sinto a minha garganta fica seca, as lágrimas surgem nos meus olhos, atrapalhando a minha visão e eu abaixo a minha cabeça.

— Jensen... — Ouço a Lauren me chamar, mas eu não sou capaz de olhá-la.

— O verdadeiro assassino de Margareth Lewis foi: James Lewis, o seu marido. — Ouço a Candice proferir mais uma vez.

— Filho da puta!

Todos que estão presentes na cafeteria, olham em minha direção e eu decido sair dali. Jogo alguns dólares sobre a mesa, seguro na mão da Lauren e nós saímos do estabelecimento. Eu entro no meu carro – na intenção de ter um porto seguro para poder extravasar sem olhares me julgando –, deito a cabeça contra o encosto do banco e cubro o meu rosto com as duas mãos. Ouço a porta do meu carro ser aberta, e em seguida fechada. Sinto o perfume da Lauren e sei que ela está sentada no banco ao meu lado. Eu já sabia que aquele maldito tinha matado a minha Maggie, mas agora, tendo a absoluta certa e tendo essa informação exposta para todos, é algo que dói demais.

Dói muito! Ele não tinha o direito de fazer isso com todos que tinham a Margareth presente em suas vidas. James, aquele desgraçado acabou com tudo de uma forma covarde. E ele sempre foi assim, covarde! Maldito covarde! Ele nunca foi um homem, ele nunca foi pai, ele nunca foi marido e ele nunca foi um bom governador. Sinto a minha garganta se fechar por causa do nó que se formou nela, os meus olhos ardem por causa das lágrimas presas e o meu peito dói, me dando a impressão que irá explodir a qualquer segundo.

— Jensen, se acalme. — Ouço a Lauren me pedir.

Retira as minhas mãos do meu rosto e olho para a minha amiga. O meu lábio treme devido ao choro preso e eu me sinto

completamente perdido. Saber dessa forma sobre a verdade não era o que eu esperava, não era o que eu queria. Eu podia ter insistido mais ao confrontar o James, para ouvir a confissão da sua própria boca. Eu deveria ter o confrontado a cada dia, a cada mês e a cada ano, desde quando tudo aconteceu. Poderia ter tido um fim precoce? Sim, seria extremamente capaz que isso acontecesse, mas eu queria ouvir aquele maldito proferir a verdade, para que assim eu pudesse acabar com ele com as minhas próprias mãos. Era o que ele merecia e era o que eu precisava fazer.

— Eu sabia que tinha sido ele, mas eu não tinha como provar e nem ninguém tinha afirmado isso para mim.

— Talvez ninguém soubesse, mas desconfiasse, assim como você.

— Não, eu não consigo acreditar nisso.

Lembro-me muito bem que o Dom queria me contar algo sobre a Margareth e que foi estranha a fuga dos Lewis, além de que, Dominic ficou muito preocupado em relação ao James encontrar os filhos e acontecer o pior. E só neste momento eu consigo entender cem por cento a situação; ele tinha medo de que a namorada tivesse o mesmo fim que a mãe dela teve, pois ele já sabia quem era o verdadeiro assassino, e não foi através do nosso achismo, mas sim, soube através de alguém, que eu tenho total certeza que foi pela Emily.

— O que está se passando aí, nessa mente? — Lauren me questiona.

— Dominic sabia que tinha sido o James e não me contou.

— Ele teve motivos.

Franzo o meu cenho após a sua declaração.

— Você sabia?

— Não! — Ela nega de imediato. — Eu nem conseguia desconfiar do Lewis, pois ele falava muito da esposa, lamentava a perda dela...

— Tudo mentira! — Exclamo irritado. — E quais motivos o Dominic teria ao esconder essa verdade?

— Somente ele pode te responder isso.

Eu deveria voltar ao apartamento do meu amigo e colocar as cartas sobre a mesa, preencher as lacunas que existem nessa história, mas eu quero conversar somente com ele e se eu for lá neste momento, é possível que eu encontre a Emily e eu não quero isso.

— Eu preciso...

— Ir para casa e se acalmar. — Ela anuncia ao me interromper.

— O meu peito está doendo. — Sussurro ao massagear o local.

— Vá para casa e tente ficar tranquilo. — Ela me aconselha. — Não dá para mudar nada o que aconteceu, apenas ‘aceitar’ a situação e seguir a vida normalmente, por mais que você deixe a Margareth te afetar profundamente, mesmo estando morta.

Aceno positivamente, concordando com a Lauren

— Obrigado.

— Um conselho que eu posso te dar é que; você cuide de si próprio, se acolha, se olhe com mais afeto, independente da pessoa que partiu e de tudo o que você sentiu, além do que vocês viveram juntos. — Ela acaricia o meu ombro e me dá um sorriso reconfortante. — Você em primeiro lugar. A sua saúde mental em primeiro lugar. E nunca se esqueça disso.

— Eu não vou me esquecer.

Me inclino em sua direção, seguro em sua nuca e dou um beijo em sua bochecha. Lauren se despede de mim e sai do meu carro, mas antes que ela se afaste, ela se inclina na janela e eu abaixo o vidro.

— Ela está morta, você continua vivo e isso não deve mudar.

Apenas aceno e a observo andar rumo ao seu trabalho. Respiro fundo e dirijo em direção a minha casa. Eu preciso colocar a minha cabeça no travesseiro e tentar assimilar tudo. Confesso que por alguns segundos, durante o tempinho que estive acordado durante a madrugada, eu pensei na possibilidade de ir até o hospital. Mesmo sem ter a menor ideia do que eu poderia fazer naquele lugar. Contudo, eu imaginei que a Quinn poderia estar lá

vinte e quatro horas por dia, já que ela era completamente apaixonada pelo próprio demônio.

E em falar nisso, uma questão importante e debochada surge na minha mente; com a morte do James, quem comandará o inferno? Ele ou o Lúcifer irá conseguir manter o domínio sobre as profundezas ardentes? Eu só espero que ele sofra muito, sofra um tormento equivalente ao peso de milhares. Isso é a única coisa que eu desejo a aquele maldito. Aperto as minhas mãos ao redor do volante e piso fundo no acelerador. Em poucos minutos já estou chegando no meu destino e eu respiro fundo, ao tomar coragem ao encontrar os meus pais. Eles já devem saber sobre o verdadeiro assassino e eu já consigo imaginar que, a minha mãe irá querer conversar comigo sobre este assunto.

— Oi.

Eu me encosto na porta da sala e sinto o ar quente bater contra o meu corpo. Por mais que já esteja anoitecendo, a temperatura está agradavelmente quente. Os meus pais estão sentados na área externa da casa, especificamente, na mesa onde realizamos raras refeições.

— Oi, Jensen. — O meu pai me cumprimenta.

— Esteve até agora na casa do Dominic?

— Não, estava com a Lauren.

— E aonde vocês estavam?

É visível a preocupação da minha mãe em relação a tudo que eu faço, por mais que eu já tenha trinta e um anos. Pois é, eu tenho trinta e um anos e moro na casa dos meus pais, porque, na minha opinião, morar sozinho dá muita burocracia. Teria que contratar alguém para cuidar do local, fazer limpeza, comida, cuidar das minhas roupas e tudo que fosse necessário. E por mais que a opção de morar sozinho seja extremamente tentadora, pois teria mais privacidade e gastaria menos o meu dinheiro ao ir à motéis. Há cerca de um ano e pouco, Leon se mudou daqui, foi morar num apartamento com a noiva, mas por muitas vezes, eles ainda dormem aqui em casa e passam alguns dias aqui. É estranho, já que eles têm a própria casa, mas o meu irmão informou que gosta

daqui, pois lhe traz paz, além de o deixar mais perto da natureza e da tranquilidade.

— Numa cafeteria.

A minha mãe troca um único olhar com o meu pai e volta a sua atenção para mim.

— Irá jantar conosco? — Ela me questiona. — Eu pedi para a Rosi nos servir aqui, pois está uma noite agradável.

— Eu estou sem fome.

— E essa falta de apetite tem a ver com? — Prefiro me manter em silêncio e mesmo assim ela entende. — Você viu o noticiário, não é?

Aceno, afirmando diante do seu questionamento.

— Eu sabia que aquele maldito era o culpado.

O nó retorna a apertar a minha garganta e eu abaixo a minha cabeça, ao encarar o chão debaixo dos meus pés.

— Sente-se aqui conosco, por favor.

Eu acato o seu pedido, eu me sento de frente para ela. O meu pai está sentado na ponta da mesa e prefere se manter em silêncio, enquanto bebe o seu vinho. Rosi se aproxima, coloca a louça branca sobre a mesa e eu peço para que ela me traga a garrafa de uísque.

— Por mais que nós... — A minha mãe se refere a si mesma e ao meu pai. —, achemos errado o que aconteceu, nós nunca iremos te julgar ou reclamar, pois é a sua vida, suas escolhas e consequências.

— James sabia que eu comia a mulher dele.

— Jensen! — O meu pai me repreende.

— James sabia que eu me relacionava com a mulher dele. — Murmuro ao encarar o meu pai. — Melhor assim? Mais culto?

— Sem deboche. — Ele me pede.

— Eu transava com a Margareth, por horas a fio e depois ela voltava para aquela maldita posição; a da esposa perfeita.

— James sabia e te confrontou em algum momento? — A minha mãe me questiona.

— Ele tinha provas, ele tinha fotos minha com a Maggie em diversos lugares e praticamente as jogou na minha cara.

— Quando isso aconteceu?

— No dia do assassinato, um dia antes de eu visitar o Dominic na cadeia e no dia seguinte, quando ele esteve aqui.

— Ele teve a ousadia em te confrontar aqui dentro de casa? — O meu pai questiona irado.

— Ele apenas apontou um revólver na minha direção e eu não tive medo, pois ele não era louco o suficiente para tentar qualquer coisa contra mim.

— Apenas? — A cada momento, o meu pai fica ainda mais irritado com a situação, por mais que seja passado. — Quem o James pensava que era para andar armado e ainda mais te ameaçar dentro da própria casa?!

— Ele se achava um mafioso, só porque vivia debaixo de ilegalidades.

— Mafioso?

— Jensen, é uma conversa séria, pare de brincar. — A minha mãe me pede.

— Eu não estou brincando. — Resmungo. — James traficava armas, drogas e até mesmo pessoas. Era um carrasco com os filhos, espancou a própria filha, por isso que ela fugiu com o irmão, para não ter o mesmo fim que a mãe teve.

O silêncio se instala, a Rosi se aproxima novamente e coloca sobre a mesa o que eu lhe pedi. Eu encho o meu copo com o líquido marrom, deixo a garrafa ao lado e bebo pequenos goles. Os meus pais continuam sem nenhuma reação, e a Rosi serve o nosso jantar. Por mais que eu tenha dito que estivesse sem fome alguma, eu decido comer, por mais pouco que seja. Remexo a comida que está em meu prato e bebo todo o uísque presente em meu copo.

Quando eu perdi a Maggie, passei por um luto complicado e tentei mascarar-lo ao ter determinadas atitudes. E mesmo que eu tenha superado superficialmente e parado de agir como um devasso, no fundo, a dor da perda ainda é esmagadora e por alguns momentos, sufocante. Dói não poder mais vê-la, dói não poder tocá-la e dói saber que eu poderia a ter salvado, mas ela simplesmente não deixou, preferiu agir sozinha e a sua consequência foi cruel.

— Eu não tenho mais o que falar, pois cada vez que eu ouço uma nova *informação*, é como se eu estivesse sendo esfaqueada.
— A minha mãe murmura tristemente.

É exatamente assim que eu me sinto a cada segundo, desde aquela fatídica manhã. E pelo menos, a única coisa boa que aconteceu após aquele dia, é que o meu amigo conseguiu a liberdade e hoje veio a prova definitiva que ele nunca teve culpa de nada. Se eu estivesse no lugar dele, iria exigir uma gorda indenização, pois o que aconteceu foi ridículo, independente de que hoje em dia o meu amigo tenha conseguido colocar em prática a maioria das coisas que ele planejou. Diferente de mim, que planejou algumas coisas com a Margareth e eu nunca poderei realizá-las. E um desses planos era que nós fôssemos para Nova Iorque, ter pelo menos um final de semana mais íntimo e tranquilo.

— Ela me deu um apartamento.

— Te deu? — Os meus pais questionam em sincronia.

— Ela passou o imóvel para o meu nome um pouco antes de ser morta.

— Por que ela fez isso? — A minha mãe questiona.

— Ela não queria sair de mãos abanando após o divórcio.

A minha mãe franze o cenho e prende a sua total atenção em mim.

— Essa história do divórcio não é algo que eu consigo entender, pois na última vez que eu vi a Margareth, ela comentou sobre a renovação de votos e me mostrou tudo o que estava escolhido.

— E eu não entendo isso. — Resmungo. — Maggie pediu o divórcio, ela me informou que em breve estaria livre daquele demônio.

— São duas informações distintas que não se cruzam. Uma pessoa não pode entrar com o pedido do divórcio, no mesmo momento que está planejando a renovação de votos.

Sinto a minha cabeça começar a girar, eu empurro o meu prato para longe e massajeio as minhas têmporas. Peço licença, saio da mesa e vou na direção do meu quarto. Entro no cômodo, fecho a porta e me encosto a mesma.

— Quem era você de verdade, Margareth? O que você estava realmente planejando?

Eu preciso falar com alguém que possa me dar algumas possíveis respostas para essas lacunas existentes. Pego o meu celular em meu bolso, abro o aplicativo de mensagens e procuro pelo nome do Dominic.

*‘Eu preciso conversar com você,
é importante.’*

Por mais que amanhã seja domingo, eu irei para a agência, assim como o meu irmão e Oliver. Combinamos isso, pois iremos para Las Vegas no final dessa semana e precisamos deixar tudo em ordem e achamos melhor trabalhar por meio período amanhã, do que ficar mais tarde em todos os dias da semana.

*‘Nós podemos conversar amanhã?
Hoje eu estou um pouco ocupado.’*

Eu sei que ele está com a Emily e faz certo em aproveitar cada segundo desde quando ela voltou. E o Dominic já deve imaginar o que eu quero conversar com ele, está extremamente obvio. Me sento na ponta da cama, escondo o meu rosto entre as minhas mãos e tento encontrar o meu eixo. Sei muito bem que não estou preparado para as possíveis verdades, suponho que *ela* tenha mentido para mim e nunca tenha pedido o divórcio a aquele maldito. Suponho que *ele* pudesse estar certo, ao dizer que *ela* somente quis brincar comigo. Contudo, eu espero que isso continue sendo uma grande e irritante mentira, pois eu ainda continuo a sentir muitas coisas pela Margareth e continuo a acreditar a tudo o que ela demonstrava para mim. Os seus sentimentos eram verdadeiros, assim como as suas palavras e declarações, por mais que algumas me irritassem.

[...]

Eu deveria ter ido para a agência, porém, eu acordei com um terrível mal-estar e extremamente atrasado, após passar a madrugada na academia, então eu decidi que seria melhor ficar em casa. A minha ausência no trabalho hoje me causará um longo turno durante a semana, e isso não me agrada nem um pouco. Agradeço a Rosi quando me serve mais café na minha xícara, e eu continuo a comer. Os meus pais não estão em casa, o Leon foi para a agência e eu estou como eu gosto: sozinho e em paz ambiental.

Durante o tempo que eu estive na academia, eu pensei muito na opção de eu ir morar sozinho, entendendo que eu deveria viver a minha vida com mais tranquilidade, além de viver as minhas batalhas diárias, sozinho e da forma que eu bem entender. Sei que desde quando a minha mãe escolheu esta casa, a sua intenção sempre foi deixar os filhos no *ninho* pelo maior tempo possível. E se acarretasse de cada um de nós construir a sua família, o melhor seria que isso ocorresse aqui, na visão da minha mãe. Ouço o interfone tocar e eu observo a Rosi atendê-lo.

— O senhor Turner... — Ela me olha e eu aceno positivamente. —, pode entrar.

Eu limpo a minha boca, saio da cozinha e vou até a entrada. Franzo o meu cenho ao ver do Camaro da Lewis passar pelos portões e fico levemente apreensivo. Dominic não a traria aqui, ele não seria louco a este ponto. Ou será que ele não veio e dentro daquele carro está apenas a Emily e ela ordenou que o segurança mentisse para mim. O carro para próximo à entrada, a porta se abre e o Dominic sai do automóvel. Ele fecha a porta e anda na minha direção.

— Desculpe ter vindo sem avisar. — Ele bate o seu punho contra o meu.

— A casa sempre está aberta para receber você. — Declaro e olho pela última vez na direção do automóvel. — Trocou de carro?

Ele sorri ao dar de ombros.

— É da Emily, e eu peguei ‘emprestado’.

— Emprestado. — Resmungo desconfiado o fazendo ri.

— O meu carro é melhor para ela, por causa da cadeirinha do Andrew. — Ele me informa. — Nós podemos conversar?

— Venha, vamos entrar.

Atravessamos a sala de estar, ando até a área externa e vou rumo ao sofá, localizado debaixo das árvores. Dominic se senta ao meu lado e respira fundo, ao observar ao nosso redor.

— Quando eu venho aqui, fico pensando se eu deveria sair daquele apartamento e entrar uma casa bem assim, parecida com essa. Cercada de verde e um pouco distante de tudo. — Ele comenta e volta a me olhar. — Deve ser por isso que você ainda continua a morar aqui, não é?

— É muita burocracia morar sozinho.

Ele ri suavemente e se recosta ao estofado, antes de ficar sério.

— Eu imagino que já deva saber sobre o James e por isso me enviou aquela mensagem ontem à noite.

— Desde quando você sabia da verdade? — Eu lhe questiono.

— Desde quando a Emily fugiu.

— E por que não me contou?

— Porque eu sabia que você iria atrás do James e as coisas poderiam acabar mal.

— Eu deveria ter ficado sabendo por você e não pelo noticiário. — Declaro o fazendo assentir. — Por mais que eu soubesse que ele era o assassino, ter a verdade exposta daquela forma doeu demais, pois ninguém tem ideia do quanto eu sofri com a perda... *dela*.

— Eu te entendo, Jensen, mas você tem que entender que eu tive receio do que você poderia fazer e por muitas vezes eu tentei te contar.

— Eu até entendo a sua decisão, mas não quer dizer que tenha sido algo tranquilo para mim.

— Não foi tranquilo para ninguém. — Ele declara. — E aquele homem não está mais entre nós.

— Eu não sei comemoro ou se lamento, pois é bom que ele esteja morto, porém, a morte foi banal demais para o tanto que ele merecia sofrer.

— Talvez você não seja o único a pensar nisso.

— Ela também? — Questiono.

— Emily? — Ele me questiona. — Não, aliás, eu não sei, pois eu não perguntei.

Suspiro, e aceno positivamente.

— Pelo menos ele deixou algo bom, te livrou de toda a culpa que você carregou por estes últimos dez anos.

— Pelo menos isso. — Ele concorda.

— Deveria exigir uma indenização.

— Eu não faço questão, mas sei que virá, pois é capaz de tudo que o cercava ir a julgamento a qualquer momento.

— E os Lewis serão os responsáveis.

— Espero que não, pois eles sofreram muito nas mãos do pai.

— Carrasco! — Resmungo. — Margareth o taxava assim, dizia que não podia sair daquela casa por causa dos filhos.

— Ela tentava ao máximo proteger os filhos.

Eu fico em silêncio, encarando o meu amigo, tentando decidir se devo ou não lhe questionar sobre alguns assuntos que cercam a Margareth. Tem grandes chances de ele não poder me responder, pois não terá respostas para as tais perguntas, contudo, ele pode fazê-las para a Emily. Eu coço a minha nuca, esfrego o meu rosto em seguida e percebo que o Dominic está me olhando com preocupação.

— Talvez você não possa me responder, mas a sua namorada pode e eu preciso de respostas, porém, ela não precisava saber que fui eu que lhe questionei sobre tais coisas, certo?

— Eu posso perguntar a ela o que você quiser, porém eu não vou mentir para a Emily.

— Eu não estou pedindo para você mentir, eu apenas estou pedindo para que não conte a ela que eu perguntei sobre algumas coisas.

— É a mesma merda, Jensen. — Ele resmunga. — Me fala o que você quer saber.

— Margareth pediu o divórcio daquele desgraçado ou estava planejando a renovação de votos.

Dominic franze o cenho, sem entender.

— Isso é estranho, pois uma pessoa que quer se divorciar...

— Não planejaria uma festa de renovação de votos... —
Completo a sua frase. —, eu sei disso, entretanto, eu tenho essas duas informações. Uma eu ouvi da própria boca da Maggie e a outra eu ouvi da minha mãe, e daquele demônio.

— Margareth te disse que estava se divorciando? — Ele me questiona.

— Por que a surpresa? — Eu o questiono.

Dominic dá de ombros e encara o chão debaixo dos seus pés.

— Nada, eu apenas não pensei por isso nem por um segundo, apenas isso.

— Pelo menos foi isso o que ela me disse.

Eu suspiro e encaro as minhas mãos entrelaçadas sobre o meu colo. Lamentar o que aconteceu, não irá mudar nada, irá apenas me matar internamente a cada dia. Me distraio quando o Dominic bate suavemente a sua mão em meu joelho e eu o encaro.

— Eu irei perguntar para a Emily e depois eu te conto.

— Obrigado.

Ele sorri suavemente e cruza os braços em frente ao corpo.

— Penélope se reaproximou do Oliver. — Dominic me informa.

Fico surpreso, mas em seguida acabo ficando contente. É visível para todos que a princesinha ama demais o Oliver, porém, prefere sofrer ao se manter afastada, mas algo aconteceu para que ela decidisse dar uma nova chance a este romance.

— Voltaram a namorar?

— Não. — Ele responde. — E por acaso, tudo quase voltou à estaca zero, pois a Penélope descobriu sobre o assunto das *ring-girls*.

— Em relação aos vencedores? — Ele acena diante do meu questionamento. — E como já é de imaginar, ela ficou puta com o Oliver.

— E comigo também.

— E como sempre, a Penélope consegue arrumar mil e um empecilhos.

Dominic me conta o que aconteceu no dia anterior, ele fala simplesmente sobre tudo que acha relevante, principalmente quando está sendo a adaptação do filho. E em todos os anos, eu

não consigo não lembrar/pensar na Margareth quando eu ouço ou vejo a Emily. E eu nunca a odiei, apenas desejava que ela ficasse o mais longe possível de todos nós, pois era o melhor, mas as coisas não funcionam como queremos, e por muitas das vezes, o que menos desejamos é aquilo que é o melhor para nós.

— Lewis irá conosco para Las Vegas?

— Espero que sim. — Dominic murmura.

Estranho a sua resposta.

— Você não perguntou a ela?

— Não, mas ela sabe do meu compromisso no final da semana.

— Talvez ela esteja esperando o seu convite.

Ele maneia a cabeça para os lados.

— Não, eu não preciso convidá-la. — Ele declara. — Ela sabe que deve ir, mas está preocupada com o Andrew.

— Preocupada com o que?

— Em ter que levá-lo, assim não poderá assistir a luta e deixá-lo aqui não é uma opção.

— Então você acha que ela irá preferir ficar?

— Não, isso também é opção.

Isso é confuso, aliás, eles são confusos. Se ela escolher deixar o filho, por mais que não seja uma opção agradável, ela o deixará com uma pessoa de confiança e isso significa será com o Eduard.

— O irmão dela não irá?

— Ele está em Seattle.

— Veio matar o pai e foi embora de novo?

É visível o deboche em minha voz e no mesmo segundo, recebo um olhar reprovador do meu amigo.

— Ele irá ficar por lá apenas por essa semana, pois está reformando a mansão.

Durante uma conversa aleatória que eu tive com a Margareth, ela comentou que tinha decorado cada canto daquela casa, assim como as demais que a família tinha, pois como ela deixou de ser médica quando se casou, ela decidiu se ocupar ao dar uma de decoradora. Eu nunca fui à mansão, mas a minha mãe já comentou que era uma casa linda. Converso mais um pouco com o Dominic

sobre o acontecimento do final dessa semana, em seguida ele vai embora e eu volto a ficar sozinho. Ou melhor, eu volto a ficar sozinho, mas com a mente perturbada. Como sempre, já que eu não deixo de remoer tudo o que aconteceu.

— Jensen... — Me assusto ao ouvir a voz da minha mãe e eu a vejo se aproximando de mim. Eu ainda estou sentado debaixo da árvore. —, encontrei com o Dominic na esquina.

— Ele estava aqui.

— E você, como está?

— Como sempre. — Dou de ombros.

— E isso significa? — Dou de ombros, ao decidir não lhe responder nada. Ela se senta ao meu lado, toca em meu braço e fica olhando fixamente para frente. — Está tudo bem, você pode falar o que quiser.

— Eu não quero falar nada.

— Independente se quer falar ou não, apenas quero que saiba que eu estou aqui, com você.

O seu olhar encontra o meu e o sorriso suavemente. Respiro fundo e decido lhe contar algo que eu estou pensando desde a noite anterior, porém, não tem nada a ver com a Maggie ou com o maldito.

— Eu estive pensando que talvez já seja hora de eu ir morar sozinho.

A minha mãe se afasta suavemente de mim e a sua expressão se torna de pura tristeza.

— Não! Essa casa é enorme, você deve continuar aqui e eu estou tentando trazer o seu irmão de volta para cá.

— Mãe, o Leon está morando com a Lola.

— Eu sei, e ela pode morar aqui também, *oras*.

Rio suavemente e ela fica nervosa.

— Nós somos adultos, devemos sair debaixo das suas asas.

— Vocês já fizeram isso há muito tempo, mesmo que continuem morando aqui.

— São situações diferentes.

— Eu quero que continue aqui. — Ela declara fazendo eu fazer uma careta contragosto. — Por que essa decisão agora?

— Eu apenas estive pensando nisso.

— Isso não é resposta, Jensen. — A minha mãe resmunga. — Você quer ter mais privacidade?

— Não, não é isso.

— Então o que é? — Ela me questiona irritada.

— Esqueça o assunto, por favor.

Eu já estou ficando irritado, pois a minha mãe está querendo respostas inexistentes para as suas perguntas sem noção alguma. Eu mordero o meu lábio inferior, ao sentir vontade de fumar e suspiro. Eu parei com esse vício há algum tempinho, não sei exatamente quantos dias ou semanas, mas eu decidi que não deveria mais colocar um cigarro na minha boca, pois em algum momento me faria muito mal, principalmente durante as minhas lutas.

Havia semanas que eu fumava mais de quatro maços, e estava ficando louco devido ao vício desgraçado, então numa manhã mais estressante – a qual me deu passe livre para fumar um maço inteiro –, eu decidi que deveria parar e é uma luta diária, pois eu ainda sinto muita vontade de fumar. Tudo o que *e/a* havia deixado em minha vida está sumindo aos poucos, menos os sentimentos que eu tenho por *e/a*. E nunca irão sair.

[...]

Na segunda-feira de manhã, o Anthony me ligou para informar que tinha marcado uma luta para mim na quinta-feira à noite, e eu aceitei de imediato, pois já fazia algumas semanas que eu não entrava no octógono. E só hoje, alguns minutos antes da luta, eu notei o meu breve erro, pois eu não deveria ter aceitado a lutar hoje, já que amanhã terei que ir para Las Vegas. E por mais que eu saiba perfeitamente que serei o vencedor da noite, eu estarei cansado e mesmo assim terei que dirigir por centenas de milhas até a cidade vizinha.

Esfrego o meu couro cabeludo e ando de um lado para o outro, me aquecendo. Eu já estou devidamente preparado para entrar naquele octógono e dar o meu melhor como sempre faço. A porta

da sala de treinos se abre chamando a minha atenção e o meu irmão entra sozinho. Noah já passou por aqui, me cumprimentou e foi para o camarote, e os demais devem estar chegando. Observo o Leon se encostar na porta, cruza os braços em frente ao corpo e me encara.

— Aconteceu alguma coisa?

— Você tem um adversário forte. — Leon declara.

— Eu irei vencer, independentemente de como e quem seja ele.

O meu irmão revira os olhos e sorri debochado.

— Então, vamos ‘*senhor invencível*’, já está na hora de subir no octógono.

Ele me ajuda a colocar as ataduras em minhas mãos, e em seguida saímos da sala de treinos. Enquanto ele vai rumo ao camarote, eu ando em direção ao octógono e subo quando sou anunciado. Encaro friamente o meu adversário e acabo sorrindo debochado. Anthony me avisou que iria arrumar um lutador a minha altura e esse que está diante de mim, não faz jus a promessa do dono do *Fight*. Entretanto, é bom, pois eu o uso como um treino, pois se o Lewis quiser continuar com a sua declaração feita há mais de um ano e meio, ele irá lutar contra todos nós do *5M* e talvez eu seja o próximo.

— Boa luta. — O meu adversário declara.

— Que vença o melhor.

A sua expressão fica séria ao notar o meu deboche e eu bato o meu punho contra o dele, quando o juiz autoriza o início da nossa luta.

[...]

Coloco a minha mala sobre a cama, a abro e remexo na minha roupa, a procura da qual irei usar. Irei tomar um banho, para retirar o suor e fazer com que eu desperte, pois estou exausto e com o corpo doendo. A luta ontem foi tranquila, porém, eu estou como corpo dolorido. Dirigi por quatro horas, centenas de milhas e atravessamos diversas cidades até chegar aqui. Resultado: estou mais cansado do

que quando eu acordei e o dia não está próximo a se encerrar. Olho para trás, por cima do meu ombro e vejo o Oliver em sua cama. Nós iremos dividir o quarto, Leon está no quarto ao lado com a Lola, Dominic e Emily no quarto a nossa frente e ao lado está Penélope e Lauren.

— Pensei que iria ficar no mesmo quarto que a Penélope.

Oliver me olha e eu volto minha atenção a minha mala.

— Não estamos num clima bom, mal conversamos. — Ele resmunga.

— Onde está aquele Oliver que conquistava qualquer mulher apenas com um olhar e duas palavras?

— Ainda está aqui, mas a Penélope não é qualquer mulher.

— Você é apaixonado por ela. — Declaro.

— Muito, e por isso, esteja mais difícil de conquistar.

— Difícil, mas não é impossível. — O lembro. — Ela também é apaixonada por você e todos conhecem o jeito que ela é.

Complicada demais para pouca idade. Aviso ao Oliver que irei tomar banho, seguro firme as peças de roupa em minhas mãos e vou para o banheiro. Tudo o que eu mais queria, era cair sobre aquela cama e conseguir descansar, contudo, eu sei que isso não será nenhum pouco possível. A água cai sobre o meu corpo, relaxando parcialmente os meus músculos tencionados e eu fecho os meus olhos. Todos nós estamos ansiosos e animados para a luta de amanhã, o Dominic é o primeiro de nós a conseguir a vir lutar aqui, no lugar oficial do UFC.

Ouçó o Oliver me pedir para ir ao quarto do Dominic o mais rápido possível e eu informo que logo irei. Com certeza o Anthony está querendo conversar conosco e isso é um saco, pois ele deveria nos deixar relaxar e aproveitar o tempo antes de focarmos cem por cento na luta, e nos nossos compromissos. Teremos um jantar com alguns caras importantes e se ele ficar no nosso pé, não será algo legal. Termino o meu banho, seco o meu corpo e me visto. Passo os dedos entre os fios do meu cabelo e saio do banheiro. No caminho até essa cidade, eu decidi que não deveria criar qualquer atrito com a Lewis, e nem ficar muito tempo próximo a ela para evitar qualquer

problema. Saio do quarto, fechando a porta atrás de mim e abro a porta diante de mim.

— Qual é o assunto?

Emily está indiferente a minha presença e isso é bom.

— Todos vocês irão jantar com alguns homens importantes do mundo empresarial das lutas. — Anthony nos lembra.

Eu estou bastante tranquilo em relação a este jantar, pois eu não tenho pretensão em ser um lutador profissional, então, eu não devo me preocupar com nada em relação ao que eles acham sobre a minha vida profissional.

— Infelizmente o Noah não está aqui. — Dominic murmura.

— Eu marquei a luta dele para hoje, pois um empresário iria até o *Fight* e queria ver a performance dele. — Anthony comenta. — E eu pretendo conseguir uma luta para ele aqui também.

Anthony é um bom empresário, pelo menos a meu ver e eu confio nas escolhas que ele toma em relação a carreira de cada um aqui presente. Eu me encosto na parede, ao lado da porta e cruzo os meus braços em frente ao corpo. Ouço com atenção sobre as possíveis propostas que iremos ouvir durante o jantar, e mais algumas informações aleatória. O meu olhar vaga pelo ambiente, observo o Oliver parado ao lado da Penélope e ela está com a sua total atenção ao sobrinho em seus braços. Lauren está olhando fixamente para o Anthony e eu imagino que ela esteja desconfortável ao estar no mesmo ambiente que a Emily.

Lauren veio comigo, no meu carro, e foi uma viagem tranquila. Ela não tocou no assunto que conversamos quando nós tínhamos nos visto pela última vez e isso me deixou mais calmo, pois eu não quero trazer à tona novamente o assunto referente a Margareth. Passei a semana lutando contra o meu próprio interior, na tentativa de não me deixar ser afetado por tudo o que aconteceu e eu consegui na maior parte do tempo. Nas vezes que eu pensei *nela*, foi referente a saudade e alegria que ela conseguia me dar quando estávamos juntos. O seu deboche me irritava, mas eu acabei rindo ao pensar nas suas falas e respostas afiadas que saiam de sua boca atrevida.

— Então, vistam-se apresentavelmente e tenham um bom jantar. — Anthony nos deseja, antes de sair do quarto.

— Nós nos encontramos as oito horas no corredor? — Leon questiona.

Todos nós acenamos positivamente, e eu ando na direção da porta. Abro-a e a Lauren passa por mim igual a um furacão. Eu saio em seguida e rio ao olhá-la.

— Do que está rindo, Jensen? — Ela me questiona.

— Da sua atitude. — Respondo.

— É desconfortável ficar no mesmo ambiente que ela, eu nem deveria ter vindo.

— Por que não?

Me aproximo mais um pouco, nos fazendo ficar cara a cara e ela dá de ombros.

— Eu tive aquela conversa com o Dominic, sobre a possível volta *dela* naquele dia, se lembra? — Aceno positivamente diante do seu questionamento. — E mesmo que nós dois tenhamos afirmado que as coisas não ficariam estranhas, eu acho um pouco estranho estar aqui.

— Ele te convidou, não é?

— Convidou, mas foi antes de ela voltar.

— E depois ele te desconvidou?

— Não. — Ela nega.

— Então, para de pensar bobagem. — Peço. — Se ele não falou nada e nem te desconvidou, é porque quer que você também esteja aqui e continue a valer o que vocês conversaram; que as coisas não ficariam estranhas.

Lauren suspira e concorda com um aceno.

— Há quase uma semana, era eu que estava te dando conselhos...

— Ei, por favor, não vamos falar sobre este assunto.

— Tudo bem. — Ela se inclina em minha direção e dá um beijo na minha bochecha. — Será uma chatice ficar aqui enquanto vocês estiverem no jantar.

Vejo o Leon, Lola, Oliver e Penélope se aproximarem de nós.

— Nós poderíamos ir para o cassino hoje, e não depois da luta, como o Jensen tinha sugerido. — O meu irmão comenta.

— É uma boa ideia irmos hoje mesmo. — Lola declara.

— Por mim tanto faz. — Dou de ombros. — Nós nos encontramos no hall do hotel assim que acabar o nosso jantar?

— Perfeito. — Lauren sorri e olha para Penélope ao seu lado. — Você irá conosco?

Eu olho para o Oliver e o vejo esperando a resposta da ex-namorada.

— Eu não sei... — Ela murmura.

— Você irá? — Questiono ao meu amigo.

Ele manea a cabeça para os lados e eu suspiro ao revirar os olhos.

— Por favor! — Lola pede.

— Vocês irão. — Declaro. — Nós todos vamos nos divertir e beber muito.

— Sempre bebemos muito.

— Hoje será diferente. — Anúncio fazendo todos ficarem intrigados. — Vamos beber mais do que o normal.

Lola ri e concorda comigo, enquanto o meu irmão nos reprova com o olhar.

[...]

O jantar foi ótimo, os empresários conversaram bastante com todos nós e deixou claro que eles têm interesse em conhecer o *Fight*, para nos ver lutar. Eu adoraria que eles fossem fazer isso no dia que eu for lutar contra o Lewis, para eles verem como eu sou um lutador perfeito. Talvez perfeito possa ser um pouco de exagero, porém é a única palavra que me veio à mente neste momento.

E agora, estamos no hall do hotel esperando as garotas para irmos ao cassino. Oliver não está muito animado por causa da Penélope estar receosa em sair, mas eu já conversei com ambos e nós teremos uma boa noite de diversão. Dominic ficou um pouco contrariado ao saber dos nossos planos, contudo, nos desejou uma boa noite e até confessou, que se fosse em outro momento, ele

adoraria ir conosco, mas que hoje, ele prefere ficar com a namorada e o filho.

— Elas estão demorando. — Reclamo num resmungo.

— O cassino vai ficar aberto a noite toda. — Leon murmura com deboche.

Eu reviro os meus olhos, e fico calado. Eu sei que o cassino ficará a noite toda aberto, porém, as meninas estão atrasadas. Combinamos um determinado horário e já se passou dez minutos dele. Eu detesto atraso e quando isso acontece, me faz ficar irritado.

— Tenha controle em suas apostas. — Dominic me aconselha.

— Eu sempre tenho.

Há dez meses eu vim para cá e gastei uma enorme quantia em apostas. De cem por cento do dinheiro que trouxe, perdi apenas vinte e cinco por cento, e o restante que sobrou eu fiz uma aposta arriscada e quase o perdi, mas felizmente isso não aconteceu.

— Eu sei que vocês tratam a Penélope como uma irmã, menos o Oliver... — Dominic ironiza, nos fazendo rir. —, e eu sei que ela não gosta do que eu vou pedir, mas cuidem dela.

— Pode deixar.

Tento o tranquilizá-lo, por mais que isso seja uma tarefa difícil, já que o Dominic está em alerta a todo momento quando o assunto é a Penélope, mesmo que a irmã seja adulta e nós sempre o lembrarmos disso.

— Nós sempre vamos cuidar dela, mas se lembro que a Penélope já é bem adulta. — Leon informa.

— Relaxa, Dominic. — Oliver pede num resmungo. — Ela está vindo aí.

Eu olho na mesma direção que os demais, e fico estático ao ver como as meninas estão. Penélope está usando um vestido branco, justo ao seu corpo com duas fendas – uma entre os seios e a outra na perna esquerda –, e o comprimento é próximo aos joelhos. Lauren está usando um vestido vermelho, que também é colado em seu corpo, o decote é comportado e o comprimento é abaixo dos joelhos. E a minha cunhada é a mais comportada. O seu vestido de cor preta tem o comprimento longo, o tecido é

suavemente justo ao seu corpo, o decote é redondo deixando uma pequena parte do seu colo a mostra.

— Todas estão belíssimas. — Elogio-as.

— Aonde vocês irão desse jeito? — Dominic questiona.

— Ao cassino. — Lauren responde dando uma volta. — Precisamos estar à altura daquele lugar.

— É melhor eu ir para o meu quarto, senão, terei um infarto aqui mesmo ou eu vou trancar a Penélope no quarto dela. — Dominic resmunga.

— Vá para o seu quarto, ficar com a sua namorada e seu filho. — Penélope ordena e beija a bochecha do irmão.

Dom balança a cabeça de forma negativa, beija a testa da irmã e vai para o elevador. Lola segura no braço do Leon, a Lauren segura no meu e resta para a Penélope ir com o seu ex-namorado. Espero muito que eles consigam se acertar nessa noite, pois eu torço muito para que isso aconteça, porque eu vejo o quanto eles se amam. Junto com a minha acompanhante, ando mais afastado dos demais, pois eu quero conversar com a Lau.

— Será que eles irão se entender hoje? — Pergunto num tom baixo.

— Eu acho que é isso o que todos nós estamos querendo, principalmente eles dois.

— E se acontecer qualquer outra coisa que não seja boa, todos nós iremos ter que enfrentar a ira do Dominic.

— Às vezes é um saco ele ser tão protetor com ela, acaba sendo sufocante.

— Apesar da Penélope reclamar um pouco, ela entender perfeitamente o modo do irmão.

— Mesmo assim, a meu ver, continua sendo sufocante.

Eu entendo o que a Lau diz, porém, acho que o Dominic é muito suave e eu no lugar dele seria extremamente sufocante, pois não deixaria a Penélope sair por aí sozinha. Eu sei que ela é uma mulher de vinte e sete anos, trabalhadora e responsável, mas todo cuidado é pouco hoje em dia. Entramos no cassino, a Lauren se despede de mim e se aproxima das amigas. Eu olho ao redor,

decidindo em qual mesa irei apostar algumas centenas de dólares.
Escolho a mesa de pôquer e chamo os rapazes.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO SEIS

*Amor da minha vida, você me machucou
Você partiu meu coração
E agora me deixa
Amor da minha vida, você não entende?
Devolva-me, devolva-me
Love Of My Life – Queen*

— Nós vamos dormir juntos.

Encaro a Lauren e ela ri.

— Não, não vamos.

Ela se aproxima de mim, passa os braços pelo meu pescoço e distribui beijos em minha bochecha.

— Eu não falei sobre transar. — Ela sussurra em meu ouvido.

— E eu não me referi sobre isso quando neguei.

Ela semicerra os olhos ao me encarar e cai sentada em meu colo, quando a Penélope esbarra nela ao se jogar nos braços do Oliver.

— Deveríamos ir embora. — Leon declara.

— Eu pedi mais uma rodada de tequila. — Lola anuncia.

— Não, não. — Ele nega.

— A última rodada, por favor. — Lauren pede.

O meu irmão concorda contragosto, se senta ao meu lado e puxa a noiva para o seu colo. O garçom coloca sobre a mesa diversas doses de tequila e nós bebemos em segundos. O líquido desce queimando a minha garganta e eu balanço a cabeça para os lados. Saímos da balada, e vamos em direção do nosso hotel. Lauren está cantando algo, que eu não consigo entender por causa da sua embriagues e eu começo a me sentir mal. Eu não gosto de tequila, mesmo assim, às vezes, bebo e depois me arrependo, pois fico muito mal.

A minha cabeça está girando, me dando a impressão que irá explodir a algum momento. Ando cambaleante em direção ao elevador e tento manter os meus olhos abertos. Mentalmente eu estou consciente dos meus atos e pensamentos, entretanto, fisicamente eu estou completamente embriagado, fazendo jus ao

que eu declarei mais cedo. Eu olho para trás por cima do meu ombro e rio ao observar os meus amigos. Lauren está saltitando pelo hall do hotel, Leon está ajudando a noiva a andar, e a Penélope está sobre as costas do Oliver. Eles se casaram! Foi engraçado, mas feliz.

Putá merda! Eles se casaram!

Tento abrir a minha boca para pronunciar sobre as possíveis consequências que virão ao amanhecer, e não consigo falar nem uma palavra se quer. As portas do elevador se abrem, eu entro e os demais me acompanham. Lauren tropeça no vento, choca o seu corpo contra o meu e todos nós rimos.

— Nunca mais iremos beber dessa forma. — Leon declara.

Ele é o que está menos afetado pela embriaguez, até posso sugerir que ele nem se quer bebeu, pois foi o nosso motorista e nesse grupo, deveria ter uma pessoa sensata e é ele: Leon Brown. Estico o meu braço em sua direção, tento tocar no seu ombro e acerto o vazio. Franzo o meu cenho ao ouvir a Lauren falar nada com nada, e gargalho. Nós estamos péssimos e amanhã será um dia complicado. Saímos do elevador, todos nós entramos no quarto. Eu caio de costas na cama e fecho os meus olhos sentindo o mundo girar.

— Leon! — Ouço a Lola chamar o meu irmão.

— Não se deita no chão, Lola, nós vamos para o nosso quarto.
— Ele declara.

Eu abro os meus olhos, me sento na cama e procuro pela minha princesinha. Ela já está deitada na outra cama, quase dormindo.

— Penélope... — Consigo chamá-la, fazendo abrir os olhos.

— *Hum?*

Ela volta a fechar os olhos e eu não consigo falar novamente. A minha boca está seca, os meus lábios grudados um no outro. Eu deveria ter cuidado melhor da Penélope, aliás, todos nós deveríamos ter bebido menos, mas foi uma boa noite e a bebida só fez tudo se tornar ainda melhor.

— Durmam. — Ouço o Leon ordenar.

Me deito novamente na cama, me cubro com o edredom e a Lauren se deita comigo. O seu rosto fica próximo ao meu e os nossos hálitos são de puro álcool.

— Eu não deveria me deitar aqui, nós já transamos e vamos querer transar de novo. — Ela sussurra e ri. — *Shiu!* Não fale nada. Nós não iremos transar.

Rio da sua condição e fecho os meus olhos. Dominic ficará transtornado e eu agradeço por não estar na pele do Oliver. Abro os meus olhos, vejo o meu amigo se aproximar e ir em direção ao banheiro e eu seguro em seu braço.

— Você está ferrado. — Sibilo sem emitir som.

— Eu sei. — Ele sussurra.

Volto a fechar os meus olhos, abraço o corpo da Lauren contra o meu e tento relaxar. Antes que eu possa mergulhar num profundo sono, eu penso em algo de extrema importância: esse casamento dará muito problema ainda.

[...]

A minha cabeça dói demais, mas com certeza não se compara a dor de cabeça que os recém-casados devem estar sentindo, pois ela odiou saber que se casou na noite anterior e ele está tentando arcar com a responsabilidade da situação. E desde que todos nós acordamos, ninguém além da Lauren viu a Penélope, e ninguém além de mim, viu o Oliver. Cada um preferiu ficar no próprio quarto e eu vejo isso como covardia. Eles nem se quer tiveram coragem de sair dos quartos para virem almoçar.

— É, mas eles não irão conseguir se esconder durante todo o final de semana. — Leon resmunga.

— Ambos estão assustados com a situação. — Lauren declara.

— Ambos não. — Corrijo-a. — Penélope está assustada, e o Oliver não sabe lidar com essa situação.

— Eu prefiro a Penélope bêbada, é mais legal que a Penélope do dia a dia.

— Isso, fale mal da sua amiga.

— Eu não estou falando mal dela.

— Eu concordo com a Lau. — Lola declara.

O assunto se encerra quando o casal se aproxima, eu observo o Dominic se sentar na ponta da mesa e a Emily se senta de frente para mim, enquanto o Andrew fica sentado entre os pais, numa cadeira adequada para ele.

— E a Penélope?

Ninguém fala uma palavra se quer, diante do questionamento.

— Estava dormindo, Dominic. — Lauren murmura.

O vejo acenar suavemente, sem dar muita importância e prende a sua atenção em mim.

— Gastou muito na noite passada? — O meu amigo me questiona divertido.

— Uma pequena quantia.

E eu não me refiro ao cassino, mas também a compra das alianças. Já que eu dei de presente para o casal ausente.

— Fale mais baixo, por favor. — Lauren pede num resmungo.

— E pelo visto beberam demais. — Dominic comenta.

— Ao extremo. — Resmungo ao massagear a minha têmpora.

Solto um longo suspiro e leio o cardápio pela terceira vez, tentando decidir o que eu irei comer.

— E o Oliver? — Dominic questiona de repente.

— Ressaca. — Respondo no mesmo segundo. — Ele preferiu ficar no quarto.

Vejo a Lewis franzir o cenho diante da minha resposta, mas não fala absolutamente nada. O garçom se aproxima da nossa mesa, anota os nossos pedidos e o silêncio reina entre nós.

— Está nervoso para a luta de hoje à noite? — Leon questiona o nosso amigo.

— Um pouco, mas não pela luta em si, e sim por estar aqui elevando a minha carreira.

— Tudo dará certo.

Bato o meu punho contra o do Dominic e percebo que *ela* está nos encarando. Eu controlo a minha língua, na intenção de não lhe falar nada e desvio o meu olhar.

— Eu preciso estar lá duas horas antes da luta. — Dom nos informa.

— Nós vamos com você. — Declaro ao olhar para o meu irmão e ele concorda. — Oliver também irá.

Pelo menos é o que eu espero. Os nossos pedidos são servidos, e eu começo a comer, pois perdemos o horário do café da manhã e isso me deixou irritado, pois a última vez que eu tinha comido, foi no jantar da noite passada. Remexo os meus pés, incomodado de estar cara a cara com a Emily e tendo que ser indiferente. Até hoje, Dominic não me deu nenhuma resposta sobre as questões que eu pedi para que ele descobrisse com a sua namorada.

Talvez ele já tenha as benditas respostas, mas ainda não teve tempo de me contar, pois a semana foi corrida para mim. Trabalhei todos os dias até mais tarde, depois ia para casa e ficava até o início da madrugada treinando para a minha luta. E só encontrei o Dominic após a minha luta, e foi por um breve tempo, pois eu estava exausto. Eu sei que ele tem uma luta importante hoje, mas teremos um tempo para conversar, se a Lewis desgrudar um pouco dele.

Subo para o quarto após nos finalizarmos o almoço e encontro o Oliver na sacada. Ele olha em minha direção, por cima do seu ombro e suspira. Eu imagino que a mente dele deve estar a mil por causa da Penélope, que decidiu se manter afastada, além de ter declarado que não queria ter se casado. Isso o magoou bastante, pois era visível o desejo que foi proclamado enquanto ela estava bêbeda, mas ali eu consegui enxergar vulnerabilidade e verdade. Se fosse comigo, eu ficaria puto e eu mesmo iria declarar que não gostaria de ficar casado com uma pessoa que não estava querendo se entregar ao que está sentindo realmente.

— Ela estava no almoço? — Oliver me questiona.

— Não.

— Dominic não desconfiou da ausência da irmã?

— Ele não. — Respondo ao me sentar na minha cama. — Emily ficou desconfiada, pelo menos foi o que eu percebi.

— A minha mente está a mil. — Ele resmunga ao esfregar o couro cabeludo com as pontas dos dedos. — Eu não deveria ter

aceitado, deveria ter pensado melhor e ter declarado que não era certo, além de lembrá-la que ela iria se arrepender, como realmente aconteceu nesta manhã.

— E se ela não tivesse se arrependido e se estivesse remoendo a sua negação?

— Seria menos doloroso.

— Tem certeza? — Questiono o fazendo me encarar. — Penélope estaria achando que você não sente nada por ela, e entenderia a negação como uma rejeição.

— Não! Jamais...

— Você conhece a Penélope.

Ele apenas balança a cabeça positivamente e cai de costas sobre a sua cama.

— E eu ainda preciso falar para o Dominic.

— Boa sorte.

Infelizmente é evidente a ironia no meu tom de voz, e eu encolho os meus ombros em sinal de desculpas. Não é momento para deboche, pois o Oliver já está nervoso o suficiente para ter que lidar com brincadeirinhas. E no fundo, eu sei muito bem que não irá sobrar apenas para os recém-casados, mas para todos os demais também.

— Que horas ele irá para a luta?

— Ele tem que estar lá duas horas antes, e nós vamos com ele, né?

Oliver fica me olhando em completo silêncio por longos segundos, mas acaba acenando positivamente e suspira.

— Será difícil encarar o Dominic.

— Não será apenas você que terá que encará-lo. — Anúncio.

— Dominic vai questionar a todos, porque deixamos a irmã dele ficar completamente bêbada.

— Todos estavam bêbados. E me diz, alguém consegue mandar na Penélope, sobre o que ela deve ou não fazer? — Ele me questiona. — Dominic conhece muito bem a irmã.

— Entretanto... — Oliver pende a sua atenção, curioso em saber o que eu irei falar. —, uma parte de mim acredita que ele não irá ficar furioso.

— Espero que essa seja a realidade, pois já basta eu ter que lidar com a tempestade chamada Penélope.

Rio suavemente, e me levanto da cama após ouvir alguém bater na porta. Lauren entra assim que eu abro a porta e se senta na ponta da minha cama.

— Eu posso ficar aqui um pouco? — Ela nos questiona.

— O que aconteceu?

— O barman te fez algo? — Oliver a questiona.

Barman? Eu não consigo entender.

— Quem me dera, Oli. — Lauren resmunga. — É a... Lewis.

— O que ela fez?

— Está lá no quarto, dando colo para a Penélope.

— E qual esse assunto do 'barman'?

— Ah... — Lauren abana a mão ao sorrir. —, nada demais, estou apenas flertando com o ruivo.

— Tenha cuidado.

Ela tomba a cabeça para o lado e sorri suavemente, antes que eu possa me afastar da porta, ouço dois toques novamente e abro-a. Emily dá um passo para trás e pisca algumas vezes. Talvez se controlando para não revirar os olhos.

— Oliver está aqui?

Eu não respondo, apenas dou um passo para trás e permito que ela entre no quarto. Assim ela faz, olha na direção da Lauren e anda até o Oliver. Eu me sento na minha cama, me encosto na cabeceira e olho para a minha amiga. Ela veio para cá, fugindo de ficar no mesmo ambiente que a Lewis, contudo, não deu muito certo a sua estratégia.

— Nós deveríamos sair? — Lauren me questiona.

— Não precisa. — Emily anuncia. — Eu só vim pedir que ninguém fale para o Dominic antes da luta, todos nós sabemos o tanto que hoje é importante.

— Eu pretendo enrolar o máximo possível para conversar com ele. — Oliver debocha.

— Ele não vai brigar, pois torce demais para você se acertar com a Penélope. — Ela o lembra.

— Jensen disse algo parecido, sobre o Dom talvez não brigar e tal.

— É?

O olhar da Lewis recai sobre mim por alguns segundos e eu fico indiferente.

— E onde o Dominic está? — Oliver pergunta.

— Foi dar uma volta com o Andrew.

— Aonde?

O meu questionamento a surpreende.

— Ele foi até a área da piscina com o filho. — Ela me responde. — Por quê?

Eu preciso conversar com o Dominic, e talvez esse seja o momento certo. Eu me levanto da cama e calço novamente o meu tênis. A ouço me questionar mais uma vez e eu reviro os olhos antes de encará-la.

— Você é muito questionadora.

— Quando se trata do meu filho...

— Eu não perguntei do seu filho e sei muito bem que não quer que eu o toque, porém, eu quero conversar com o meu amigo.

Eu saio do quarto, na companhia da Lauren e ela volta para o seu quarto. Entro no elevador, aperto o botão do térreo e aguardo (*im*)pacientemente. Eu sei que não terei muito tempo para conversar com o Dom, pois *ela* irá atrás de nós muito em breve, já que não gosta da minha presença, ainda mais quando eu estou próximo ao filho. Ela é louca, contudo, cada um com a sua loucura e não devemos julgar os transtornos alheios. Apresso os meus passos, chego à área da piscina e procuro pelo meu amigo. O encontro sentado em uma espreguiçadeira junto com o menininho.

— Oi.

Me sento na espreguiçadeira ao lado e amaldiçoou o sol, que faz a minha cabeça latejar. Eu daria tudo para poder beber o chá milagroso que a Rosi prepara quando eu estou de ressaca.

— Como soube que eu estava aqui?

— Eu perguntei a... — Me calo ao notar que eu ia ofender a Emily. —, sua namorada.

— Isso me deixa surpreso. — Ele debocha. — Vocês não se suportam, mas pelo menos conseguem trocar algumas palavras.

Não é exatamente assim que acontece, mas eu decido não lhe informar sobre a pequena troca de farpas que tivemos.

— É o máximo que eu consigo, no esforço extremo.

Ele me repreende com o olhar.

— E o Oliver está melhor?

— Está. — Respondo indiferente. — Todos nós ainda estamos com uma puta ressaca.

— Bebam menos da próxima vez. — Ele aconselha.

— Se você estivesse ido, também estaria assim, pois teria bebido tanto quanto todos nós.

E se estivesse ido, a Penélope não teria se casado com o Oliver.

— Eu sei. — Dominic ri. — Mas era melhor eu ficar aqui, aproveitar o tempo com a Emily.

Sei muito bem a forma que eles aproveitaram o tempo. Relaxo o meu corpo contra a espreguiçadeira e encaro a dupla ao meu lado. Andrew é muito parecido com o pai, porém, tem traços marcantes da família Lewis. Olhá-lo me faz tentar imaginar como a Margareth seria e eu acabo me repreendendo por isso. Ela não está aqui, teve a vida interrompida brutalmente e tentar imaginar de como seria as coisas, só irá me fazer mal.

— Eu preciso daquelas respostas. — Anúncio num resmungo.

Ele respira fundo e olha para o filho, que está de pé devido ao seu auxílio.

— Eu decidi que era melhor esperar, pois soube que a semana estava corrida para você...

— Foi extrema, mas me deu bons resultados no final. — Comento ao interrompê-lo. — Você tem as respostas que eu preciso?

— Eu tive uma conversa com a Emily que acabou me ajudando a perguntar o que você tanto quis saber.

— E?

Estou sem um pinga de paciência e o Dominic está enrolando demais para falar.

— Tenha calma, eu vou falar.

Uma sombra é projetada sobre e eu suspiro.

— Puta que pariu. — Murmuro.

Emily se aproxima do namorado, pega o filho nos braços e beija a bochecha da criança. Dominic sugere que deveríamos sair desse sol, e eu concordo. Saímos da área da piscina, eu ando um pouco afastado do casal e observo o Dominic trocar algumas palavras com a Emily, antes de ela seguir rumo ao elevador. Nós vamos até o restaurante e nos sentamos na mesa mais afastada possível.

— Infelizmente a Emily não soube de nada, nem sobre separação e nem sobre renovação de votos.

— O que? — Praticamente grito. — Ela está mentindo.

— Talvez. — Ele murmura.

— Por quê?

— Ela sabe que é você que quer saber.

— Você contou para ela? — Questiono irado.

— Não, eu não contei, mas a Emily não é idiota.

Reviro os olhos diante da sua fala e esfrego o meu rosto entre as minhas mãos.

— Não custa nada a ela contar a maldita verdade. — Resmungo.

— E custa algo a você ir conversar com ela? Ambos com a guarda baixa e realmente dispostos a encerrarem esse assunto uma vez por todas?

— Custa!

Bato as minhas mãos na mesa ao ficar em pé e percebo que o Dominic continua me encarando. Eu não vou fazer conforme ele quer, eu já notei quais são as suas intenções. Eu não vou conviver numa boa com a Emily, eu nem se quer consigo olhá-la, quem dirá ter uma conversa *‘civilizada’*.

— Eles me odeiam. — Anúncio. — Lewis me odeiam pelo simples fato que eu comia a...

— Ei. — Dominic me repreende por causa da minha forma de falar.

— Pelo simples fato que eu tinha um *relacionamento* com a Maggie.

— Vamos falar a verdade: você era amante dela.

Bato as mãos na minha cintura e saio andando. Eu não gosto de ser rotulado dessa forma, e não vou admitir isso mesmo que seja o meu amigo falando. Ouço passos apressados, olho para trás por cima do meu ombro e vejo o Dominic se aproximando.

— Estou cansado desse assunto.

— E eu estou cansado de mediar as coisas entre vocês. — Ele declara.

— Tudo bem, não faça mais nada.

Aperto freneticamente o botão do elevador, cruzo os meus braços em frente ao corpo e encaro o meu amigo. Apesar de tudo o que aconteceu, o que acontece e o que pode vir a acontecer, ele sempre será o meu amigo.

— Você me entendeu errado, Jensen.

— Então explica melhor, Dominic.

Entramos no elevador.

— Eu quero vocês possam conversar para encerrar este assunto, que tanto te afeta.

— Eu não vou perguntar a sua namorada sobre a mãe dela, que era a mulher que conseguiu mexer profundamente comigo. E se a Emily não o quer dar essas respostas, tudo bem. Eu não quero mais saber dessa merda.

Saio do elevador pisando duro, entro no meu quarto e fecho a porta num baque. A minha cabeça dói e eu me amaldiçoou pelo barulho. Oliver está no banho, e mesmo assim deve ter ouvido o meu pequeno ataque de fúria. Se a Emily não quer contar, na intenção que eu esqueça a sua mãe, isso não vai acontecer, pois enquanto eu não tiver essas malditas repostas, a minha vida e mente irão continuar rodando em torno dessas duas questões.

Até o momento, eu prefiro continuar a acreditar que a preparação da renovação era apenas um disfarce diante do real acontecimento: o fracasso daquele maldito casamento. Respiro fundo e tento me acalmar. Daqui a pouco teremos que estar no local da luta e eu não posso mais entrar em atrito com o Dominic. Eu não

devo descontar a raiva que eu sinto por tudo, em cima dele, pois ele não tem nada a ver com essa maldita história. Esfrego o meu couro cabeludo com a ponta dos dedos e disfarço o meu nervosismo quando o Oliver sai do banheiro, já devidamente arrumado para o evento desta noite.

[...]

Todos nós estamos no restaurante do hotel, viemos para cá após a luta do Dominic, ou melhor, após ele vencer a luta e falar com mil e uma pessoas pressentes naquele local. Como sempre, venceu brilhantemente e encantou os grandes empresários do UFC. É extremamente provável que ele volte a lutar aqui, e até mesmo que seja de forma permanente, já que o Matt Salon está disposto a fazer o Turner ser o maior e melhor lutador deste país.

— Vamos fazer um brinde pela minha vitória e por todos estarem aqui, me prestigiando. — Dominic pede ao levantar a sua taça de vinho.

— Você é um lutador maravilhoso, Dom. — Penélope o elogia.

— Mereceu aquela vitória. — Emily sorri.

Todos nós brindamos a vitória do Dominic, e mesmo que seja um momento de comemoração, é possível sentir a tensão do Oliver. Eu levo o meu olhar até a Penélope e a vejo encarando o seu *marido*. É engraçada essa situação, pelo menos para mim, que está olhando de fora todo esse caos. O silêncio se instala quando o Oliver chama a atenção do cunhado e os olhos da minha princesinha se enchem de lágrimas. Ninguém de nós deve se intrometer nessa conversa, a revelação e explicação tem que sair da boca de ambos.

— Eu preciso te contar uma coisa, Dom. — Oliver o informa.

— Vocês se acertaram? — Dominic questiona.

— Não necessariamente. — Penélope responde.

— Dom... — Oliver faz uma pausa traumática para respirar fundo. —, ontem à noite todos nós passamos o limite da bebedeira e acabou acontecendo uma coisa muito séria...

— Para de enrolar e conta essa merda logo.

O tom do Dominic é autoritário e isso não assusta ninguém, pois sabemos muito bem como ele fica quando o assunto se trata da irmã dele.

— Penélope e eu nos casamos. — Oliver revela.

O clima fica tão tenso, que me dá a impressão que é impossível de respirar, sem se engasgar.

— Como assim, merda? — Dominic questiona. — Eu disse para vocês cuidarem dela e agora você me diz que se casaram enquanto ela estava bêbada...

— Fizemos algo que não deveríamos, pois, estávamos bêbados, mas eu já avisei para a sua irmã que vou pedir a anulação.

A declaração do Oliver surpreende a todos, pois não passou pela cabeça de ninguém que poderia surgir uma anulação. Eles se amam e essa decisão não tem cabimento. Abro a minha boca para proclamar a minha opinião, mas a fecho em seguida e deixo o Dominic resolver a situação.

— Anulação? Você pensa que é assim? — Dominic questiona irritadíssimo. — Pede a anulação e já era? Não é. Existem sentimentos muito fortes entre vocês...

— Você julga que eu não sei? — Oliver questiona no mesmo tom. — A sua irmã não quer ficar casada comigo.

— Penélope... — Dominic tentar conversar com ela.

— Eu amo o Oliver, mas não queria me casar desse jeito. — Penélope anuncia.

— Vocês fizeram merda e agora arrependimento nenhum vai resolver isso. — Dom declara nervoso.

— Foi a Penélope que pediu o Oliver em casamento, ela estava mega bêbada e ele não... — Lola tenta falar, mas o Dominic a interrompe.

— Então ele deveria a ter feito parar de beber e trazê-la para o hotel.

— Ela ficou insistindo para eles se casarem, bebemos mais um pouco e o Oliver concordou. O pedido surgiu da Penélope num momento que ela estava vulnerável e sabemos muito bem que era o desejo que a dominava. — Lola completa encarando o Dom. — Os

dois merecem ficarem juntos, mas a Penélope infelizmente não se sente preparada.

Penélope pede licença, se levanta da mesa e sai praticamente correndo. Eu volto o meu olhar para o Dominic e o observo. Ele esfrega o couro cabeludo e encara demoradamente cada um presente aqui. Estamos numa mesa redonda e isso o dá uma visão melhor de todos.

— Eu queria muito questionar o porquê a deixaram beber, mas eu conheço muito bem a minha irmã e... — Ele olha para o Oliver e bate no ombro. —, eu não estou bravo com você.

Em seguida, o Dominic se levanta da onde está sentado.

— Aonde você vai? — Emily o questiona.

— Conversar com a minha irmã.

— Você deveria dar um tempo para ela. — Lola sugere.

— Eu sei muito bem como cuidar da minha irmã.

E sem esperar nenhuma outra objeção, Dominic se afasta de nós. Um longo suspiro escapa da minha boca e eu bebo vinho presente na minha taça, todo de uma vez.

— Ele não ficou tão bravo assim. — Lewis comenta. — Ele só ficou surpreso com a revelação.

— Às vezes ele me assusta de ser tão protetor com a irmã. — Lauren resmunga.

— Oliver não fica muito atrás quando se trata da Penélope.

— E nem quando se trata das minhas irmãs. — Oli declara.

— Obsessivos, protetores e... — Emily remexe a boca ao pensar em mais alguma descrição. —, bons irmãos.

— Graças a Deus o Leon não é assim comigo. — Lola levanta as mãos para os céus.

— Eu tenho neurônios. — O meu irmão debocha.

Todos nós rimos e de repente o meu olhar se cruza com o da Emily. Eu ainda estou nervoso por causa dos acontecimentos da tarde e ela tem grande parte da culpa desse sentimento que está dominando o meu interior. Desvio o meu olhar, ao ouvir a Lauren tirar sarro da cara do Oliver e então decido voltar a comer. De início, eu imaginei que esse jantar iria por água abaixo após a revelação,

mas tudo continua tranquilo como antes, porém, o Oliver não está mais tenso.

Vejo o garçom passar pela nossa mesa, o chamo e peço que ele me traga uma dose de uísque. Volto a comer enquanto eu ignoro as meninas conversando, ou melhor, Emily e Lola, já que a Lauren só troca breves palavras com a minha cunhada. É visível que ambas não se sentem à vontade estando no mesmo ambiente, mesmo que Penélope já tenha deixado claro o desejo que elas voltem a ser amigas. Agradeço ao garçom quando ele coloca o meu copo sobre a mesa, e eu dou um gole quando termino de comer.

— Já passou a sua ressaca? — Lauren me questiona.

— Não, mas isso não é impedimento para eu parar de beber.

— Então vamos nos sentar lá no bar. — Ela me pede.

Eu olho na direção do bar e observo o barman ruivo.

— Quer flertar?

O canto da sua boca se curva num sorriso, eu rio suavemente.

— Eu apenas quero sair daqui. — Ela declara com um bico nos lábios.

— Vocês irão beber depois de tudo o que beberam na madrugada? — Leon nos questiona.

— Tudo o que foi ingerido, já saiu do meu organismo.

Ele revira os olhos diante do meu deboche.

— Alguém que ir conosco? — Lauren pergunta, sendo simpática.

Todos negam e nós nos levantamos da mesa.

— Não beba tanto, Jensen, amanhã iremos embora e você é o motorista.

— Você é o motorista. — Corrijo.

— Irá me deixar dirigir o seu carro? — Ele questiona.

— Você já fez isso na madrugada. — Dou de ombros.

O meu carro é novo e eu estou cuidando dele como se fosse um bebê recém-nascido. Certo, eu não sei como se cuida de um bebê, porém, é a única forma que eu consigo comparar esta situação. Sigo a Lauren na direção do bar, nós nos sentamos diante do balcão e o ruivo vem nos atender. O seu uniforme é roupa social;

calça preta, camisa branca e um colete vinho por cima. Ele sorri para a minha amiga e fica receoso ao notar a minha presença.

— O que de-desejam? — Ele nos questiona.

— Outra dose. — Peço ao mostrar o meu copo vazio.

— Eu quero um drinque. — Lauren o informa.

— Igual a aquele que eu te fiz mais cedo?

— Por favor. — Ela sorri.

É meloso demais observar essa cena.

— Eu devo te lembrar que você irá embora amanhã conosco.

— Eu sei, mas não me atrapalha. — Ela resmunga. — Por que não vai conversar com a ruiva ali?

— Ruiva?

— Vá caçar e me deixa flertar em paz. — Lauren ordena.

Eu olho para o outro lado do balcão e vejo uma moça de cabelo de fogo. Ela está com a cabeça baixa, com o olhar fixo na tela do celular e eu tento ver o seu rosto, mas as longas mechas de cabelo, estão caídas diante da sua face. O barman me serve, eu pego o meu copo e vou na direção da mulher. Penso se devo ou não me sentar na banquetta ao seu lado, mas decido ao ficar de pé.

— Olá.

Ela nem se quer, levanta a cabeça para me olhar, resmunga em outro idioma e eu fico confuso. Não é espanhol, pois se fosse, eu entenderia facilmente já que eu sou fluente. Eu lhe questiono o que foi pronunciado e a ouço suspirar.

— Eu não estou a fim de ter que lidar com flertes, então, vá procurar outra pessoa.

— O que você falou no outro idioma? — Eu questiono.

— A mesma coisa, só que em português.

— Você está em Las Vegas, deveria pronunciar as suas frases no idioma mundial.

Ela ri suavemente e enfim levanta a cabeça para me olhar, me fazendo perder o fôlego por alguns segundos. Ela é linda, mais do que a minha mente poderia imaginar. O seu cabelo é longo, tem o comprimento próximo a sua cintura, os olhos são cor de mel e a sua boca carnuda e rosa de forma natural. Parece uma boneca de porcelana.

— Por que está me olhando assim? — Ela me questiona, mas no segundo seguinte me olha com desprezo. — Eu já pedi para ir procurar outra pessoa.

Eu me afasto suavemente, ela volta a atenção para o celular e eu me sento ao lado da Lauren.

— O que aconteceu? — Ela me questiona.

— Linda, porém, mal-educada.

Lauren ri e bate no meu ombro.

— Nem todas caem no seu charme e se encantam com essa sua beleza.

Eu volto a olhar para a ruiva, a observo sair do balcão e vai rumo a saída do restaurante. Talvez ela estivesse num dia ruim, e por isso me dispensou. E eu sinto muito por ela, pois não terá a chance de me reencontrar. Eu bebo o meu uísque todos de uma vez, e bato o copo sobre o balcão. Lauren me encara assustada e em seguida franze o cenho.

— Estou estressado. — Assumo.

— Por quê? — Ela questiona. — Por causa da ruiva que te esnobou?

— Não. — Resmungo. — É lógico que não.

— Então me fale o que é, já que o meu flerte não está dando em nada. — Ela resmunga desanimada.

O barman continua a trabalhar fazendo as bebidas dos clientes e nem se quer, dá atenção para a Lauren.

— Eu pedi ao Dominic perguntar para a namorada algumas questões sobre a Maggie e eu não tive nenhuma resposta, pois ela simplesmente disse que não sabe de nada, entretanto, o Dominic me disse que talvez a Emily esteja mentindo, pois sabe que sou eu que quero essas respostas.

— Ele contou para ela que foi você que perguntou?

— Não, ele não precisou dizer, pois ela descobriu facilmente.

— E isso te estressou?

— Mas é claro! — Exclamo num resmungo. — Eu até tive um pequeno atrito com o Dom.

— Eu tenho a impressão de que a cada dia que se passa, você fica mais nervoso com assuntos que envolvam a Lewis. E isso tinha

que ser ao contrário; a cada dia que se passe, você deveria ficar mais tranquilo.

— Eu simplesmente não consigo.

— É extremamente visível, Jensen. — Ela coloca a sua mão sobre em minha. — E eu estou aqui, para te ajudar, caso você desejar.

Prefiro me manter em silêncio, aceno suavemente e levo a sua mão até a minha boca. Beijo os nós dos seus dedos e lhe direciono um pequeno sorriso em seguida.

— Você ainda irá ficar aqui? Eu vou subir para o quarto.

— Eu vou ficar mais um pouco.

Coloco cinco dólares sobre o balcão, me levanto de onde estou sentado e afago o cabelo da Lauren.

— Qualquer coisa me envie uma mensagem.

Coloco as mãos dentro dos bolsos da minha calça-jeans, ando calmamente rumo ao elevador. Todos já devem estar em seus respectivos quartos, descansando para a pequena viagem de amanhã ou se divertindo moderadamente, já que ontem ultrapassamos o limite aceitável, mas foi bastante divertido, apesar do casamento inesperado. E em pensar nisso, irei conversar com o Oliver, saber se ele irá mesmo pedir a anulação ou a sua declaração foi apenas uma tática momentânea para a Penélope se acalmar.

[...]

A volta para casa foi tranquila e rápida, pelo menos para mim, já que eu preferi dirigir, mesmo com os protestos do meu irmão, alegando que ele estava descansado e o mais apto a realizar o nosso trajeto de volta. Lutei bravamente comigo mesmo para não entrar numa discussão sem finalidade com o Leon e ele acabou aceitando a minha decisão. Eu estava descansado e apto a fazer o nosso retorno. Quando chegamos em casa, eu fui diretamente para o banho e caí na cama.

Na segunda-feira eu fui para a agência, trabalhei o dia inteiro, e cobri o serviço do Oliver, já que eu tinha o avisado que deveria ficar em casa, por causa de suas irmãs, que chegaram na noite

anterior. E novamente eu almocei na minha sala, pois decidi que seria o melhor. Não conversei com os meus pais, mal tive tempo e cabeça para isso, pois a minha mente ainda continuava a mil por causa das Lewis. Uma morta, impedida de falar. A outra viva, e que escolhe não falar nada. E essa segunda, estava fodendo ainda mais com a minha mente.

E agora, hoje, terça-feira à noite e eu estou indo para o *Fight*, na intenção de distrair a minha mente e possivelmente conversar com o Dominic, na esperança de ele colocar juízo na cabeça de sua namorada. Estou menos estressado, mas isso não quer dizer que eu ainda não estou com a mente fervendo, porém, estou tentando não recair no poço sem fundo, como já estive anteriormente. Estaciono o meu carro diante do estabelecimento, desço do automóvel e percebo que o deixei praticamente colado no carro da frente. Me encosto na porta lateral, próximo a traseira, quando sinto o meu celular vibrar em meu bolso e pego o aparelho em minhas mãos. É uma nova mensagem da minha mãe.

*‘Volte o mais breve que puder, por favor.
E venha com o seu irmão.’*

Eu estranho, pois me lembro que a flagrei chorando duas vezes nesses dias que se passaram, mas como eu estava fervilhando de raiva, eu não dei atenção a ela.

‘Está acontecendo algo?’

Ter que lidar com mais um problema não estava nos meus planos. Suspiro preocupado, coço o meu queixo sentindo os pelos ralos da minha barba e volto a minha atenção para o celular, aguardando a resposta da minha mãe. Eu nem sei se o Leon está aqui no *Fight*, e caso não esteja, terei que ir até o seu apartamento.

— Ei, tem como afasta o seu carro? — Ouço alguém questionar.

Eu levanto a minha cabeça e olho na direção de onde veio a voz. Tinha que ser o babaca do Lewis.

— Dá para você sair numa boa, tem espaço. — Murmuro.

Às vezes eu odeio vir até aqui, pois sei que tem grande possibilidade de encontrar os Lewis, principalmente a Lewis e isso só torna o meu dia pior. E por mais que eu saiba perfeitamente que ele está certo – não dá para ele sair – eu não perderia a oportunidade de trocar pelo menos uma farpa com ele.

— Se eu estou pedindo, é porque não dá.

Decido não prologar a possível discussão, ao ler a nova mensagem da minha mãe apenas informando que em casa conversamos e entro no meu carro após revirar os olhos. Aciono a ré, afasto suavemente do carro do Lewis e pisco o farol, dando liberação para sair e ele vai embora sem nem se quer agradecer. Volto o meu carro para o mesmo lugar de antes, desço e entro no *Fight*. Estou dividido se deveria estar aqui mesmo ou se deveria voltar para casa nesse exato segundo. Entretanto, eu tenho que ver se o meu irmão está aqui.

Logo chego ao camarote, encontro apenas o Oliver, as irmãs, a minha princesinha, o Dominic e a Emily. Cumprimentos os recém-casados e fico contente ao ver que eles estão juntos, tentando fazer o relacionamento dar certo. Aceno suavemente com a cabeça para as irmãs do Oliver, me aproximo do Dom, mesmo que ele esteja com a namorada. Ela finge não me ver, e ele tenta ser imparcial nessa relação conturbada. Bato o meu punho contra o dele, cruzo os meus braços em frente ao corpo e observo o octógono.

— Leon está por aqui?

— Eu não o vi, achei que viria com você.

— Eu não o vi desde que saí da agência. — Suspiro. — Achei que ele poderia estar aqui.

— Mas não está, pelo menos ainda não chegou.

— Eu preciso falar com ele. — Resmungo.

No domingo, o Leon ficou na casa dos nossos pais e na segunda-feira de manhã voltou para o próprio apartamento. Olho para o casal sentado no sofá e os observo. Eles estão conversando tranquilamente, enquanto as meninas estão sentadas ao lado deles. Eu conversei com o Oliver, ele me pareceu bastante animado a se doar por inteiro, fazendo com que este casamento seja perfeito em

meio as imperfeições da vida. A minha atenção é desviada, quando a Emily passa no meu campo de visão indo rumo ao sofá e o Dominic se aproxima de mim.

— Vamos no camarote do Anthony.

— Para que? — Questiono.

— Eu quero conversar com você.

Em seguida ele avisa a Emily que já irá voltar, nós saímos do nosso camarote e entramos no outro, bem ao lado. Os meus pés me guiam, sem que eu possa comandar e quando eu percebo, já estou diante do minibar, me servindo com uma dose de uísque. Levo o copo a boca, bebo um pequeno gole e bato a minha língua no céu da boca. O líquido desce queimando na minha garganta e me trazendo um pouco de conforto.

— O que você quer conversar comigo?

— Eu tenho as respostas que você quer.

Fixo o meu olhar no dele e franzo o meu cenho.

— Como? — Questiono sem acreditar. — Emily respondeu?

Pois se for, eu não vou acreditar, já que ela sabe que sou eu que quero saber.

— Eu perguntei a Lisa, e ela me confirmou que os Lewis não sabem de nada.

Eu sei quem é essa tal de Lisa, a Maggie comentava bastante sobre ela, era como se fosse o seu braço direito.

— E o que ela disse?

— Que sim, Margareth queria se divorciar, mas nunca pediu, pois não queria *sair perdendo*.

— O que isso quer dizer? — Questiono.

— Margareth queria se divorciar... — Ele retorna a dizer. —, mas nunca pediu ao James o divórcio, nunca declarou a ele a sua real vontade.

— Isso quer dizer que ela mentiu para mim?

— E tem mais. — Dominic anuncia. — Margareth gostava de você, pois trazia perigo para vida dela, mas ela não largaria a família e vida que tinha para viver ao seu lado.

Eu não queria que ela vivesse ao meu lado, queria apenas que ela saísse daquele casamento infeliz.

— A questão não era viver ao meu lado...

Espera! Isso não é a maior questão aqui, mas sim em ela continuar como sempre esteve. Eu fecho os meus olhos com força, quando ouço a voz do James gritar na minha mente e as suas palavras fazem a minha cabeça girar.

Margareth quis se aventurar com um menino...

Ela sempre preferiu um homem de verdade para se sentir mulher...

Você era o amantezinho de merda que não valia nada para ela...

Quando a Margareth chegava em casa, era eu que ela procurava...

Você foi uma marionete nas mãos daquela mulher...

Eu largo o copo sobre o pequeno balcão, coloco as mãos em minha cabeça e sinto o meu coração bater em meus ouvidos. O meu peito está doendo muito, é como se algo estivesse rasgando. Eu sempre desejei que estivessem errados ao falarem da Maggie, pois eu via sentimentos nos seus olhos, palavras e atitudes quando nós estávamos juntos. Eu acredito no que ela sentia por mim, pelo menos, no que ela fingia quando deixava transparecer.

Pego o copo sobre o balcão, o aperto entre as minhas mãos e em segundos ele se estilhaça contra o vidro do camarote. Eu quero extravasar a ira que eu estou sentindo, contudo, a minha decepção é maior. Margareth brincou comigo, ela sabia o que eu sentia por ela e via o tanto que conseguia mexer comigo. A minha vida, o meu dia a dia estava diante dos pés daquela mulher. Ela conseguia me comandar... eu era como uma marionete em suas mãos.

— Se acalme. — Dominic me pede.

— COMO VOCÊ QUER QUE EU ME ACALME, PORRA?

A porta se abre num baque, e eu nem faço questão de ver quem seja, pois estou de costas para ela.

— Me deixem a sós com o Jensen. — Dominic pede.

— Jensen... — Ouço o meu irmão me chamar.

— Saí. — Peço num murmúrio.

Ouço a porta ser fechado e eu bato as minhas mãos no ar.

— Eu tive essa conversa com a Lisa, de forma secreta, a Emily e o Eduard nem se quer sonham com isso. — Dom comenta. — Ela me contou isso porque eu insisti e informei que uma pessoa precisava muito de respostas para se libertar do passado.

— Se libertar do passado. — Resmungo. — O que eu tive com a Margareth não foi um casinho qualquer, foi um romance, uma entrega diária, pelo menos pela minha parte.

— Eu imagino, Jensen e sinto por você ter...

— Sido usado? Enganado? Ou melhor, ter sido uma marionete nas mãos daquela diaba?

Sim, ela era uma diaba, mas de uma forma boa em minha vida, entretanto, nesse momento, todo o encanto que eu tinha por ela se quebrou em trilhões de pedaços e é exatamente assim que eu sinto que o meu interior está. Parece que o meu peito está sendo esmagado por uma tonelada, e a falta de ar começa a me incomodar.

— Você estava enfeitiçado por ela, estava apenas enxergando aquilo que queria.

Dominic está malditamente certo, e só agora eu consigo reconhecer isso. Eu preciso espairecer a minha mente, preciso estar longe de tudo e de todos que me lembram a Margareth Lewis. Aquela ‘Maggie’ que eu imaginei existir, não passou de uma encenação, de uma grande farsa. Ela era uma mulher que estava em busca de uma diversão, em busca de relaxamento e conseguiu quando nós nos aproximamos. E ela trouxe para a minha vida; dependências e vícios.

Comprimo os meus lábios um no outro, remexo o meu corpo inquieto e ando na direção da porta. Abro-a e dou de cara com a dupla: Leon e Emily. Eu os encaro em silêncio por longos segundos, mas prendo a minha atenção na Lewis. Apesar de parecer fisicamente com a mãe, sentimentalmente e emocionalmente ela não tem nada parecido. Eu volto o meu olhar para o meu irmão e me repreendo mentalmente. A nossa mãe quer conversar conosco, entretanto, eu não estou com cabeça para isso.

— O que está acontecendo? — Leon me questiona.

— Eu não vou para casa.

— A nossa mãe quer conversar conosco, é um assunto sério.

— Hoje não. — Resmungo. — Eu não estou com cabeça para isso.

Dominic passa por mim, abraça a namorada e eles voltam para o nosso camarote.

— Depois você some, ou faz o que quiser, mas pare de se colocar em primeiro lugar pelo menos uma vez na vida, por favor. A nossa mãe está precisando de nós.

Aceno positivamente, nós descemos a escada e atravessamos a área das lutas. Saímos do *Fight*, eu entro no meu carro e o meu irmão no dele, que está na frente do meu e acelero rumo a nossa casa. A minha cabeça está a mil, mas eu preciso me acalmar e estar inteiramente durante a conversa com a minha mãe, seja lá o que for que ela queira falar. Contudo, nesse momento, enquanto eu dirijo rumo a minha casa, imagens dos momentos que eu vivi com a Margareth passam em minha mente como um filme. Todos os nossos beijos, abraços, toques sinceros, o nosso sexo, as palavras proferidas, algumas promessas

Eu gosto de você, porém eu gosto mais de mim mesma nesse momento...

Eu acreditei em cada uma de suas palavras, eu acreditei no que ela prometeu fazer, eu acreditei quando ela me disse que ia se separar daquele maldito. E uma grande coisa não se encaixa no meio de tudo, desse caos; porque ela passou um apartamento para o meu nome, sendo que não tinha pretensão de se separar daquele demônio? O que ela quis dizer quando colocou o imóvel no meu nome? Eu não consigo entender!

A buzina alta o carro ao lado me traz de volta a realidade e eu desacelero o meu. Puta que pariu! Eu estava muito acima da velocidade permitida, estava cortando por entre os carros, resumindo, eu estava dirigindo de forma perigosa e não notei isso. Olho para o lado, vejo o meu irmão acenando para mim e eu paro no semáforo vermelho. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e abaixo a minha janela.

— Desce do carro e entra no meu. — Leon ordena. — Você está sendo imprudente atrás desse volante.

— Eu vou dirigir até em casa.

— Você irá causar um acidente e irá matar alguém ou se matar.

— Eu não vou.

Subo a janela do meu carro e acelero quando o semáforo fica verde. Já estamos chegando em casa, e eu já voltei ao meu eixo, vou dirigir com calma, pois mais que o meu interior esteja sendo consumido pelo ódio. Não, eu não consigo odiar a Margareth, mas eu estou me odiando, por ter me deixado ser feito de besta. Eu deveria ter sido superficial com ela, ter aproveitado apenas o sexo e me relacionar com ela apenas em cima da cama. E fora dali eu deveria ter voltado a minha vida normal, ser quem eu realmente era. Eu sempre fui alguém que se envolvia sexualmente e mais nada.

Paro o carro de qualquer jeito na garagem de casa, encosto a minha cabeça no volante e respiro fundo diversas vezes. É difícil ter que lidar com isso, ainda com o sentimento que tive por ela, está vivo no meu interior e que eu ainda a carregue no meu coração. Entretanto, o lugar da sua morada está destruído, está esmagado. Ouço alguém bater contra a janela do meu carro, desço do automóvel e entro em casa logo após o meu irmão. Dou um beijo no topo da cabeça da minha mãe, me sento no sofá oposto e inclino o meu corpo para frente. Apoio os meus cotovelos nos joelhos e descanso o meu queixo contra os meus punhos. O meu pai não está por aqui, e eu não faço questão de perguntar sobre o paradeiro dele.

— Aconteceu algo, Jensen? Você me parece transtornado. — A minha mãe comenta.

— E ele está. — Leon anuncia.

— Tenho motivos para estar assim. — Declaro ao fixar o meu olhar no dela. — *A morta* está me destruindo.

A minha mãe arregala os olhos ao ficar confusa ao meu ouvir e eu comprimo os meus lábios ao sentir um nó fechar a minha garganta.

— Como assim? — Ela questiona.

— Não é nada. — Resmungo. — O que quer conversar conosco?

— Eu... — Ela se cala ao suspirar. —, não é nada.

— Como nada, mãe? — Leon a questiona. — Nós viemos, pois você disse que queria conversar conosco.

Ela apenas manea a cabeça para os lados e volta a me olhar.

— Eu quero saber de você, Jensen.

— Eu vivi uma ilusão, mãe. E é apenas isso o que eu vou lhe falar.

— Jensen...

— A mulher do passado, a mesma que virou a minha cabeça é a mesma que agora está me destruindo, fazendo eu odiar a mim mesmo.

— Margareth? — Leon me questiona.

Eu não falo mais nada, vou até o meu quarto e entro no closet. Pego uma pequena mala, coloco algumas peças de roupas dentro dela e alguns pertences pessoais. Me assusto ao ver a minha mãe parada na porta do meu quarto e eu apenas maneo a cabeça para os lados. Eu não quero conversar, quero apenas ficar um pouco longe de tudo e de todos.

— Para onde você vai?

— Eu preciso de um tempo sozinho.

— Você não vai sair daqui. — Ela declara.

— Eu preciso, respeite isso, por favor.

Me despeço dela e saio. Eu não vou fazer nenhuma besteira, tenho apenas que ficar um tempo longe de tudo e todos, e ficar mais próximo a mim mesmo. Eu não preciso de ninguém, além de mim mesmo. Quero e preciso de um tempo a sós.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO SETE

*Alguns erros são cometidos
Tá tudo bem, tudo ok
No final, é melhor para mim
Essa é a moral da história, meu bem
É engraçado como uma memória
Se torna um sonho ruim*
Moral of the Story – Ashe

Outubro, 2018

— Por que você agiu sorrateiramente comigo?

Ela revira os olhos diante do meu questionamento e dá de ombros.

— O que você quer dizer com isso?

Eu dou um passo para trás, me afasto ainda mais dela e encosto no meu carro. Estamos no posto de gasolina, aonde nós sempre nos encontrávamos e é tarde da noite, ou melhor, é plena madrugada e não tem ninguém aqui, além de nós dois.

— Você escondeu as suas reais intenções relacionadas a mim.

— Não. — Ela ri debochando de mim. — Eu te disse o que sentia, Jensen.

— Que gostava de mim? Isso parece nulo diante de tudo o que eu soube.

— O que você soube? — Ela tenta me tocar, mas eu não deixo. — Eu gostava de você, mas não ao ponto de largar tudo para ficar contigo.

— Você apenas me usou, eu fui o seu brinquedinho sexual e...

— E você está com raiva de mim por causa disso? — Margareth me questiona. — E o que você quer que faça? Eu não posso fazer nada!

— Não mesmo, mas também não irá me afundar.

— Jensen, você está criando isso na sua própria mente.

— Talvez. — Resmungo a encarando fixamente. — Eu sentia muitas coisas por você, e me sinto culpado por tudo isso.

— Não deveria, pois nós tivemos bons momentos e é isso que você deve lembrar.

— E eu preciso de uma resposta. — Informo ao ignorar a sua sugestão. — Por que você passou aquele apartamento para o meu nome?

— Eu não vou te responder.

— Você tem que me responder! — Ordeno.

Tento segurar o seu braço, mas não consigo.

— O seu celular está tocando.

— Não mude de assunto!

Franzo o meu cenho e olho ao redor. O posto está sumindo aos poucos, assim como o chão debaixo dos meus pés. Eu volto a olhar para a Margareth e ela não está mais aqui comigo. O som do meu celular fica mais alto, eu abro os meus olhos e suspiro ao voltar para a realidade. Estou no quarto do hotel onde estou hospedado há duas noites. Eu vim para cá porque queria ficar sozinho, e tinha a intenção de entender tudo o que estava acontecendo e nem se quer conseguir ir trabalhar. Pelo menos o meu pai não me ligou, questionando a minha ausência, eu pedi para o Leon segurar as pontas para mim na agência e fiquei ausente de tudo.

Passei o tempo todinho deitado nessa cama, encarando o teto desse quarto e pensando em toda a minha vida. O meu irmão me disse que eu deveria voltar a ser quem eu realmente era – aquele antes da Margareth entrar em minha vida –, e eu vi que ele estava certo. É o melhor a se fazer e eu estou disposto a voltar a ser quem eu era. E mesmo que a maldita tenha vindo em sonho, pela primeira vez na minha vida, eu não vou recair e ficar lamentando por tudo. Ela nunca sentiu nada por mim, apenas me usou e tudo bem. Não dá para mudar as coisas que aconteceram, o passado já foi e está apenas de recordações, boas e ruins. Eu gostei da Margareth, mas percebi que estava criando uma grande dependência.

E passar esse tempo aqui, longe de tudo e todos, me trouxe uma sensação melhor do que eu pude imaginar. Eu senti paz, quando o ódio se dispersou, senti que se eu continuasse a sofrer por aquela que não merecia nem se quer uma noite de puro sexo, eu só ia continuar a cavar a minha própria cova. E por fim, eu decidi

me reerguer, decidi que eu vou exterminar tudo da minha vida referente a *ela*. O que aconteceu entre nós, é impossível de esquecer, pois hoje faz eu me tornar mais maduro e independente emocionalmente e sentimentalmente. Eu vou exterminar o que eu senti por ela, e declarei para mim mesmo que, tudo entre nós se resumiu em puro sexo.

O meu celular volta a tocar, fazendo os meus pensamentos se dispersarem e eu suspiro. Tateio a cama ao meu redor, à procura do aparelho, o encontro próximo a beirada do colchão e o vejo o nome da minha mãe brilhando no visor. Durante a tarde de ontem, a enviei uma mensagem dizendo que eu estava bem e que ela não precisava se preocupar. Também lhe avisei que em breve voltaria para casa. Eu adoraria continuar por muito mais tempo aqui nesse quarto de hotel, contudo, infelizmente, eu tenho que voltar a minha rotina, preciso trabalhar e voltar a minha vida social. E irei retornar amanhã, pois terá uma festa de halloween e por mais que não seja do tipo de festas que eu gosto, eu irei apenas para distrair a minha mente.

Me levanto da cama, caminho até a janela e abro uma pequena fresta da cortina. A tarde está prestes a se encerrar e eu preciso sair desse quarto. Eu vou para o banheiro, deixo o celular sobre a pia e encaro a minha imagem refletida. Os pelos da minha barba já cobrem boa parte do meu maxilar, o meu cabelo está bagunçado e sujo. Os meus olhos inchados de tanto que eu dormi e pelo menos, o meu corpo e mente estão descansados. O sonho que tive com a Margareth não me afetou, apenas deixou mais claro que eu preciso da única resposta necessária para o meu fechamento de todo o caos.

Estou decidido a ir atrás da pessoa que pode me dar a resposta e irei fazer isso hoje. Já passou da hora de eu encerrar o ciclo vicioso chamado 'Maggie'. O meu celular volta a tocar e enfim eu atendo a ligação da minha mãe, pois, para ela ter me ligado cinco vezes seguidas, é porque o assunto é sério.

— Oi.

— Deveria atender a sua mãe na primeira chamada. — Ela resmunga.

— Eu estava dormindo.
— Às cinco horas da tarde, Jensen?
— E que mal tem nisso? — Debocho.
— Isso não é vida; é reclusão e depressão.
— Não, não é nada disso. — Murmuro. — É apenas um momento longe da vida real.

— Certo, certo. — Ela resmunga.
— O que quer falar comigo? Já que me ligou cinco vezes.
— Eu preciso de você, meu filho.
Franzo o cenho diante da sua resposta.
— O que está acontecendo? — Questiono.
— Nós podemos nos encontrar hoje?

Há dias que ela quer contar algo, mas sempre surge algum tipo de impedimento e nessa semana fui eu, ou melhor, a morta, já que me deixou perturbado.

— Vamos jantar juntos, tudo bem?
— Às oito no restaurante de sempre.
— Por mim, tudo bem.
— E você, irá voltar hoje para casa? — Ela questiona esperançosa.

— Não, ainda não.

Eu não quero ter que lidar com o meu pai, pois assim que ele me ver, irá questionar sobre a minha irresponsabilidade diante do negócio da família, o qual eu deixei de lado para *fugir* da vida real.

— Mas está tudo bem?
É visível a preocupação no seu tom de voz.
— Está, eu precisava de um tempo sozinho.
— Eu sei, meu filho.

Retorno a confirmação do nosso jantar, ela afirma e encerra a ligação em seguida. Coloco o celular de volta na pia e decido fazer a minha barba. Espalho a espuma em meu maxilar, pego a gilete a passo devagar sobre a minha pele. Aos poucos ela vai ficando lisa novamente e quando eu termino de me barbear, entro debaixo do chuveiro. A água morna cai sobre o meu corpo, dispersando qualquer resquício de sono ainda existente em mim. Espero que tenha deixado claro a minha mãe que eu não irei voltar para casa,

pretendo fazer isso apenas no final de semana, já que fechei a estadia nesse hotel por mais duas noites – hoje e amanhã.

Saio do banheiro após terminar o meu banho, abro a minha mala e procuro algo para vestir. Eu trouxe poucas roupas e só resta mais duas limpas. Visto a calça-jeans, camisa branca e calço o único tênis que trouxe. Ligo para a recepção do hotel, peço para que o manobrista traga o meu carro até o hall e pego o meu celular antes de sair do meu quarto. Caminho calmamente rumo ao elevador, entro na pequena locomotiva e aperto o botão do térreo. É arriscado fazer o que eu planejei, contudo, é preciso me arriscar. Saio do elevador, atravesso a recepção e agradeço ao manobrista. Entro no meu carro e acelero rumo a mansão Lewis.

Eu não tenho a menor ideia se eu irei conseguir conversar com a Lisa, porém, eu preciso tentar. Isso não quer dizer que eu vá invadir a mansão, ou simplesmente toca a campainha e pedir para falar com ela – a opção mais correta –, mas ao meu planejar, é melhor eu ficar de *tocaia* e aguardar pacientemente pelo aparecimento dela. Eu poderia pedir ajuda do Dominic, já que foi ele que teve todas aquelas informações ao conversar com a Lisa. Então, quando eu decidi agir desse modo, foi na intenção de ter a resposta necessária e eu espero de verdade, que a tenha, pois a Lisa é a minha única opção.

Entretanto, existe uma pequena porcentagem de ela não saber o motivo da Margareth ter colocado aquele apartamento em meu nome, mas é provável que ela saiba muito bem sobre a atitude da sua falecida patroa. Estaciono o meu carro na rua de esquina da mansão, desligo o motor e mantenho os meus olhos atentos a qualquer movimento. A rua onde a casa está localizada é sem saída, então qualquer pessoa para entrar ou sair, deverá passar por mim e essa será a minha oportunidade para conversar com a tal de Lisa.

Batuco os meus dedos contra o volante, e agradeço pelos vidros serem extremamente escuros. O carro do Lewis passa ao lado em alta velocidade e eu decido modificar o meu plano. Ligo o motor do meu carro, ando lentamente até a frente da mansão e

abaixo o meu vidro. Um único segurança está bem ali e eu preciso ser convincente a minha mentira.

— Oi, boa tarde.

O segurança me olha fixamente, me analisando.

— O que deseja? — Ele me questiona.

— A senhora Lisa trabalha aqui? — Ele acena diante do meu questionamento. — Eu sou vizinho dela e vim dar um recado.

— Vizinho? — Ele pergunta desconfiado. — Pode me dar o recado, eu irei passar para ela.

— Eu prefiro falar apenas com ela, é um assunto particular.

— Não irá, eu não sei quais são as suas reais intenções e você me parece suspeito.

— Suspeito?

— É, a sua atitude em vir até aqui e tentar falar com uma das funcionárias.

Certo, talvez eu tenha me expressado mal, mas eu estou nervoso. Talvez a tática de fingir ser um parente seria melhor, mas eu tive receio de eles conhecerem os parentes da Lisa e a minha vinda até aqui não desse em nada. Eu olho para o portão e vejo a Lisa vindo em nossa direção. O segurança nota a aproximação dela, e fica ainda mais em alerta. Ela me encara espantada e eu não entendo o porquê, pois nós não nos conhecemos.

— Quer falar comigo? — Ela questiona.

— Sim, se possível.

— A senhora o conhece? — O segurança a questiona.

— Sim, ele é...

— O vizinho dela, eu te disse isso. — Resmungo.

— Eu vim te avisar que o café está pronto. — Ela o avisa. — Ian virá ficar no seu lugar.

— Eu não irei te deixar aqui sozinha, com este senhor. — Ele informa.

Ela lhe direciona um singelo sorriso e me olha.

— Você pode me esperar só um minutinho.

Aceno diante do seu pedido, subo a janela do meu carro e aguardo pacientemente. Ela se afasta do portão, enquanto o segurança continua parado no mesmo lugar e encarando o meu

carro. Esse cara está sendo um pé no saco, mas eu sei que é o dever dele agir desse modo. Decido observar a rua ao meu redor, desejando que o Lewis não retorne e me flagre diante da sua casa. Após longos minutos, a Lisa retorna na companhia de outro segurança e ele a acompanha até o meu carro. Eu abaixo a janela e o cumprimento.

— É normal a desconfiança de nós, os seguranças. — Ele me informa.

— Tudo bem, eu entendo, é o serviço de vocês.

— Você me acompanha até o mercado? Preciso comprar alguns ingredientes. — Lisa me informa.

— Acompanho.

— Meia hora, Lisa. — O segurança a informa e volta a me olhar. — A placa do seu carro já foi anotada e a câmera fotografou o seu rosto, então não tente agir de forma inconsequente e criminosa.

Franzo o meu cenho, mas decido não lhe falar nada e Lisa entra no meu carro. Ela me informa qual o mercado que eu devo levá-la e eu acelero o meu carro.

— Você sabe quem eu sou? — Questiono-a.

— É claro que sim.

— Então já imagina que eu tenha perguntas.

— E quem não tem em relação a tudo o que aconteceu?!

Aceno concordando, e aperto as minhas mãos no volante. Eu não imaginei que teria uma conversa tão séria dentro do mercado, entretanto, é o que me resta, já que ela precisa comprar algumas coisas e é o momento que tem para conversar comigo.

— Lewis irá voltar logo?

— Sim, pois ainda irá para o *Fight*.

— Espero que tenhamos tempo o suficiente para conversarmos.

Faz dias que eu não vou até ao *Fight* e não pretendo ir tão cedo, pois sei muito bem que terei que lidar com possíveis questionamentos dos meus amigos, por causa do meu sumiço. Em poucos minutos estaciono diante do mercado, nós descemos do meu carro e entramos no estabelecimento. Eu a sigo passo a passo,

enquanto ela empurra um pequeno carrinho e observa as prateleiras.

— O que o senhor deseja saber? — Lisa questiona.

— Dominic conversou com a senhora e soube de alguns detalhes que era importante para mim.

— Ele me avisou da possibilidade de o senhor vir conversar comigo.

— E aqui estou.

Ela ri suavemente enquanto escolhe algumas maçãs.

— Estou aqui, a ouvidos, espero que eu possa sanar as suas dúvidas.

Observo as suas mãos ágeis, enquanto penso na melhor forma de lhe fazer a pergunta.

— Ela passou o apartamento de Nova Iorque para o meu nome.

Lisa levanta a cabeça e me encara com os olhos arregalados.

— Eduard está intrigado em relação a este imóvel, pois ele achava que estava nas mãos do pai.

— A senhora sabia que ela tinha feito isso?

— Não. — Lisa declara, me fazendo suspirar. — Aliás, desconfiava, pois ela me disse que deixaria algo a salvo das mãos do senhor Lewis... que Deus o tenha.

— Que o inferno o tenha. — Resmungo baixinho.

Espero que ele esteja queimando ardentemente nas lavas do inferno.

— Ele sabia do caso que o senhor tinha com a senhora Lewis, não é?

— Sabia e foi audacioso ao me provocar. — Rio suavemente ao me lembrar daquele momento no qual ele me mostrou as provas de que ele era corno. — Ele tinha fotos comprovando o meu romance com a Maggie.

— E o senhor acha isso engraçado?

— Hoje em dia eu acho, pois ele estava apenas comprovando que ela colocou um grande par de chifres sobre a cabeça dele.

O canto da sua boca se curva demonstrando divertimento, mas ela disfarça ao voltar a escolher as maçãs.

— Eu apenas sei que ela queria deixar algo longe do alcance do marido.

— E por que deixou para mim?

— Ela confiava no senhor e sabia que poderia contar contigo no momento exato.

— E em qual momento seria esse? Pois ela não tinha planos de se separar.

— Não é que ela não tinha planos de se separar, ela não iria tomar essa decisão naquele momento, por mais que fosse uma relação conturbada.

— Eu não consigo entender, tudo é muito confuso, Margareth era confusa.

Lisa balança a cabeça concordando comigo, coloca o saco com as maçãs no carrinho e eu volto a segui-la.

— Margareth confiava no senhor para os momentos de emergência...

— E nos momentos que queria dar... — Percebo que as minhas palavras são inadequadas e tento reformular a minha fala. —, uma fuga da realidade na qual vivia naquela casa.

— Isso era verdade, mas me refiro também a qualquer outra emergência que surgisse, e ter um lugar seguro para se refugiar se fosse preciso. E ao pensar nisso, ela teve a ideia em passar o apartamento para o seu nome, então deve ter sido por isso, por confiar no senhor que ela decidiu deixar o imóvel seguro contigo.

— E os filhos estão atrás do imóvel?

— Eduard irá querer saber o que a mãe fez com o apartamento, assim que acontecer a leitura do testamento.

— Se ele souber que está comigo...

Coço a minha nuca ao imaginar o tamanho do problema no qual a Margareth deixou em minhas mãos. Ela literalmente jogou uma bomba em meu colo e *'fugiu'*.

— Ele nunca vai saber, ela não deixou pistas sobre o que fez.

— Assim espero. — Murmuro.

Ela sorri, tentando me dar um pouco de tranquilidade.

— Quer saber de algo mais?

— Eu não sei. — Respondo. — A minha mente está fervendo, não me deixando pensar direito.

— Eu imagino que deva ser um caos essa situação.

— A senhora não tem nem ideia de como ela consegue me afetar mesmo estando morta.

— Eu posso te dar um conselho?

Aceno positivamente e noto que o carrinho já está com diversos produtos.

— A senhora Lewis está morta, infelizmente, mas o senhor está vivo e assim deve ser. Siga a sua vida, seja quem o senhor é de verdade e guarde apenas as lembranças boas que ela te deixou.

— A senhora é a segunda pessoa a me aconselhar isso.

— Então, coloque os conselhos em prática.

— É o que eu quero fazer. — Rio sem humor. — Contudo, é complicado, pois as coisas ruins que surgem, me afetam demais.

— Imagino que sejam de tirar o juízo, porém, o que mais vale a pena; ter boas lembranças ou remoer o caos que sobrou?

O que vale a pena?! É uma questão importante a ser pensada, assim como encontrar uma resposta. Carrego todas as sacolas das compras até o meu carro, coloco no banco de trás e abro a porta para a Lisa entrar. Dou a volta, me sento no banco do motorista e a levo de volta para a mansão.

— Eu posso te deixar na esquina? Não quero que o Lewis reconheça o meu carro.

— Claro que pode e eu duvido muito que o senhor Lewis nos veja chegando.

— Eu prefiro não me arriscar.

Lhe direciono uma piscadela, ela ri divertida com a situação e por incrível que pareça, eu me sinto mais tranquilo após a nossa conversa. O silêncio é predominante enquanto eu dirijo em direção ao seu trabalho e em poucos minutos paro na esquina. Eu preferiria deixá-la na porta, porém, seria muito arriscado o Eduard reconhecer o meu carro e eu não quero ter que lidar com a ira do aprendiz de mafioso. Faço menção de descer do meu carro quando a Lisa toca em meu braço e eu a olho.

— Só mais um conselho, tudo bem? — Aceno positivamente diante da sua pergunta. — Eu imagino que você tenha sofrido bastante por causa da senhora Lewis, e espero que a partir de hoje isso não seja predominante em sua vida, entretanto, sofra pela última vez. Beba – se você gostar –, chore e faça o que mais quiser, tenha o seu momento de sofrimento.

— Bom conselho.

E é mesmo, eu não estou concordando só para ser gentil ou para agradá-la, pois isso não é do meu feitio.

— E depois de extravasar o seu sofrimento, vá viver, volte a viver, volte a ser quem você sempre foi, sem a interferência da Margareth Lewis.

Concordo ao balançar a minha cabeça, nós descemos do meu carro e eu lhe entrego as duas sacolas. Não estão pesadas, porém, eu me sinto mal de deixar a Lisa carregá-las por diversos metros. Eu a observo a se afastar, e somente quando ela some do meu campo de visão, eu entro no meu carro. Pego o meu celular, confiro a hora e me apresso, pois já é quase oito hora da noite e eu preciso ir encontrar a minha mãe. Antes que eu possa largar o aparelho sobre o banco do passageiro, o seu nome brilha no visor e eu atendo a ligação de imediato.

— Eu já estou a caminho. — Declaro.

— Mudança de planos, Jensen. — A minha mãe anuncia.

— Não iremos jantar?

— Sim, iremos, mas agora será aqui em casa.

— Ah não...

Tento protestar, mas ela me interrompe.

— Por favor, venha! — Ela súplica. — Lola virá jantar aqui, me avisou de repente, aliás, o seu irmão que fez isso e eu prefiro que você venha até aqui.

— Mãe, eu não estou a fim de ter um jantar em família...

— Eu sei, mas não será assim, o seu pai não está e eu quero passar um tempo com os meus dois filhos, já que eu não faço isso há alguns dias.

— Não seja dramática.

— Por favor, Jensen, venha até aqui.

Suspiro derrotado e acabo acatando ao seu pedido.

— Em cinco minutos estou aí.

— Obrigada.

Jogo o meu celular no banco do passageiro, coloco o cinto de segurança e acelero rumo a casa dos meus pais. Eu não gosto de mudanças assim em cima da hora, mas eu não irei reclamar. Eu não sei o que a minha mãe quer conversar comigo, não tenho a menor ideia do que pode estar acontecendo, contudo, eu entendi que ela está sentindo falta dos filhos reunidos, e de brinde, hoje terá a nora também.

Enquanto eu dirijo, sorrio involuntariamente ao notar a minha mudança após a conversa com a Lisa. Era para eu estar virado no demônio da tasmânia por causa do sonho que tive com a Margareth e por ainda estar remoendo tudo o que soube dela, contudo, eu fiquei totalmente inverso. Fiquei tranquilo, consegui compreender ainda mais toda a situação e essa conversa que eu tive há pouco, fez a tranquilidade me dominar ainda mais e eu estou contente comigo mesmo.

E nesses dias que eu fiquei sozinho, pensando em tudo, me fez entender algo importante: você nunca vai se curar, mantendo os motivos dos teus machucados por perto. E após esse entendimento, eu vi que eu precisava colocar um ponto final em toda esta história. Margareth me fez bem? Sim! Eu a amei? Talvez, apenas sei que que foi intenso o que eu vivi com ela. Desejei odiá-la? Com toda certeza, porém, eu vi que não ia afetar o meu alvo que era *e/la*, mas sim, apenas me afetaria.

Eu tive bons momentos ao lado daquela mulher, sorri, me divertir, aprendi algumas coisas, fui satisfeito em todos os momentos sexuais e, também, consegui satisfazê-la. E é apenas essas coisas que eu quero guardar. Não irá adiantar eu criar sentimentos ruins por ela, nem a difamar, ou qualquer outra coisa do tipo. E isso tudo significa que, nem sempre amar é permanecer, mas é sobre ter a capacidade de enxergar o momento de ir embora, não porque você deixou de amar o outro, mas sim porque você precisa se amar mais. O meu momento de ir embora foi quando eu decidi que deveria parar de remoer o caos que se formou após os anos.

Não dá para você dormir num dia e de repente, no outro dia, acorda sem sentir mais nada, porque superar é um exercício, crescimento é um processo. Isso acontece na raça, pois ninguém pega na sua mão e te ensinar como passar pelos seus processos. Você tem que aprender isso no cru, no dia a dia. Ninguém te mostra como você poderá amadurecer. Eu ainda sinto muito por ela, e eu não irei conseguir acabar com estes sentimentos de um momento para o outro.

A gente tem que assumir a responsabilidade pelas expectativas que criamos, porque as vezes o outro não irá se importar tanto com o que a gente sente, às vezes não irá ter absolutamente nada de bom para nos oferecer. Às vezes a gente cria um afeto onde não existe reciprocidade. E se a gente parasse de se questionar ‘porque essa pessoa não está me dando o melhor dela?’ e começasse a se questionar ‘por que eu estou insistindo em dar o meu melhor para alguém que não se importa tanto?’

Isso esclarece muitas coisas, e está sendo um esclarecimento diário para mim. Maggie gostava de mim? Gostava, mas não era na mesma intensidade que eu gostava dela, não estávamos na mesma intensidade e sintonia sentimental. Ela não dava o melhor dela, ela estava ali comigo apenas no momento que lhe agradava, no momento que ela desejava se satisfazer e fugir da realidade. Eu sempre dava o meu melhor quando estávamos juntos e quis ajudá-la se fosse preciso sair do pandemônio que era aquela mansão.

Afasto esses pensamentos da minha mente, passo pelo portão de casa e paro o meu carro diante da porta principal. Desço do automóvel, ando devagar rumo a entrada e assim que respiro o ar presente nesta casa, reconheço que estava com saudade de estar aqui. Deixo a chave do meu carro sobre o aparador próximo a porta, vou até a sala de estar e a minha mãe sorri ao me ver. Ela se levanta do sofá, anda na minha direção e me abraça. Noto o meu irmão e a noiva me observando, e eu controlo a minha vontade de revirar os olhos, ao voltar a minha atenção para a minha mãe.

— Escureceu o cabelo?!

O seu cabelo antes era tingido num tom claro, e agora está escuro, num tom acastanhado.

— Uma pequena mudança. — Ela sorri suavemente.

— O jantar já está pronto? — Questiono ao me afastar da minha mãe.

— Está. — Ela responde.

— Ótimo, pois estou com muita fome.

Não como há algumas horas e isso já está me afetando, pois a dor de cabeça está querendo surgir. Eu vou em direção a sala de jantar, cumprimento a Rosi e me sento. A minha mãe se senta na ponta da mesa, Leon se senta de frente para mim e a Lola fica ao seu lado. O cheiro da comida está ótimo e isso faz a minha fome aumentar.

— Aonde você está ficando? — Leon me questiona.

Reviro os meus olhos e o ignoro. Eu não quero conversar sobre os dias que eu estou afastado daqui, não quero conversar sobre as coisas que se passaram. Eu estou aqui pela minha mãe e não vou expor os meus problemas novamente.

— O que a senhora quer conversar?

— Vamos iniciar o jantar e depois conversamos. — Ela pede.

— É tão bom ter todos vocês aqui, senti muita falta disso.

— Eu também. — Lola sorri.

— Quer que eu sirva o seu uísque, Jensen? — Rosi pergunta.

— Não, Rosi. — Nego de imediato. — Obrigado.

Todos me encaram surpresos, e eu finjo não perceber. Eu não parei de beber, porém, hoje eu não estou a fim de beber. Contudo, eu voltei a fumar e estou me amaldiçoado por isso. Entretanto, eu fumei apenas um cigarro por dia e eu não queria ter recaído nesse vício maldito, mas eu não fumei hoje, e isso é bom, pois volta a ser um segredo, já que eu não estou fedendo a nicotina. Ouço a minha mãe elogiar a Rosi por ter feito um maravilhoso jantar, cada um se serve e começamos a comer num clima agradável. É estranho o meu pai não estar aqui, já faz alguns dias que eu não o vejo.

— Cadê o meu pai?

A minha mãe para o seu garfo no ar, olha para o meu irmão e depois olha para mim.

— Ele não está aqui.

— E aonde está? — Questiono.

— Não está aqui. — Ela retorna a dizer.

Franzo o meu cenho ao colocar um pouco de comida em minha boca e mastigo devagar, enquanto avalio a minha mãe. O seu olhar está cabisbaixo e ela está se esforçando para manter o sorriso no rosto. Isso não é normal. Troco um rápido olhar com o meu irmão e ele dá de ombros, indicando que não sabe de nada.

— Por quê? O que aconteceu?

A minha mãe suspira, larga os talheres sobre o prato e apoia os braços na mesa. O seu olhar recai sobre o meu e eu noto que as suas lágrimas prestes a escorrem por seu rosto.

— Nós estamos separados.

Ouço o barulho dos talheres caírem sobre o prato de porcelana, eu olho na direção da minha cunhada e a vejo chocada. Os seus olhos estão arregalados e as suas mãos estão sobre a sua boca, que com certeza deve estar aberta.

— Se separaram? — Leon questiona. — Como? Aliás, por quê?

— Eu queria conversar após o jantar, mas vocês não colaboraram comigo. — A minha mãe resmunga. — Há alguns meses, nós estávamos passando por uma crise e não foi a primeira vez que aconteceu. Nós tentamos muito nesses meses que se passaram, mas decidimos nos separar.

— Separar mesmo ou estão apenas dando um tempo?

— É de vez mesmo, nós decidimos que o melhor era nos separar.

— Desde quando? — Leon questiona. — Aliás, quando aconteceu essa crise? Pois eu não consegui notar.

— O seu pai saiu daqui há quase uma semana.

— E como a senhora está se sentindo? — Lola a questiona.

— Um pouco mal, pois vivemos muitos anos juntos, mas concordo que o melhor para nós é nos separar, antes que o amor se transformasse em ódio.

— O amor e ódio andam lado a lado. — Lola comenta.

— Exato. — A minha mãe concorda. — E antes que a nossa relação se tornasse algo desgostoso, nós tomamos a melhor decisão que pudemos ter.

— E onde ele está? — Leon questiona.

— Num hotel, eu acho.

— Era isso o que ia nos contar no início da semana, mas os meus *assuntos* atrapalharam?

— Não, Jensen, é claro que não. — Ela nega de imediato.

— E era isso o que íamos conversar no nosso jantar?

— Isso e mais algumas coisas...

— Vocês iam jantar juntos? — Leon nos questiona.

— Estamos neste momento. — Declaro ao voltar a comer.

— Você entendeu a minha pergunta. — Ele resmunga.

Eu o ignoro ao continuar a comer, enquanto a minha mãe continua a explicar sobre a decisão que tomou em conjunto com o meu pai. Eu gostaria que ele estivesse aqui, esclarecendo a situação em conjunto com ela.

— Ele deveria estar aqui.

— Não, eu queria conversar com vocês sozinha, assim como ele vai querer conversar com vocês, sozinho. — A minha mãe declara. — E está tudo bem, nós estamos bem, ainda somos uma família e sempre seremos.

— E estamos contigo.

Eu coloco a minha mão sobre a sua e ela sorri.

— Sempre.

Leon coloca a sua mão sobre a nossa e a minha mãe sorri ainda mais. Eu retiro a minha mão, pego o meu copo de suco e bebo um gole. Por mais que eu não esteja demonstrando, eu estou um pouco assustado com essa novidade, pois era algo que eu jamais imaginei. Assim que todos nós terminamos de comer, eu peço licença e me levanto da mesa. Vou rumo a sala de estar, observo cada um dos porta-retratos e vejo que nada foi modificado após a decisão da separação. As fotos em família ainda estão presentes, assim como as fotos do ex-casal.

Ouço os demais entrarem na sala de estar, eu me sento no sofá, a minha mãe ao meu lado e o meu irmão se senta no sofá oposto junto com a noiva. Rosi se aproxima, serve uma taça de vinho para cada um e me entrega uma dose de uísque. Eu a agradeço, e deixo o copo sobre a mesa de centro. O meu irmão

também decide não beber, e eu imagino que seja porque ele irá dirigir, talvez vá para o *Fight* ou vá para o seu apartamento. Será que os rapazes o questionaram sobre o meu sumiço? Com certeza!

— E como será agora? — Leon questiona. — Irão vender a casa, para fazer a divisão dos bens? Ele irá morar aonde? Vocês já entraram com o pedido de separação através dos advogados?

— Ainda não fomos atrás de advogados, pois é recente e eu quero dar um tempo para mim mesma, antes de ter que lidar com possíveis burocracias. — A minha mãe declara.

— E a agência? — Lola questiona.

— É dos meninos. — Ela informa.

— Quando irá atrás do advogado?

A minha mãe me olha e encolhe os ombros.

— Semana que vem, talvez?

— Segunda-feira.

— Não é você que decide. — Leon resmunga ao me encarar.

— Não mesmo, mas se eles já tomaram a decisão, não devem prolongar a burocracia, pois ela virá em algum momento e é melhor vir mais cedo, do que tardar.

Ninguém fala absolutamente nada, mas o meu irmão fica me olhando fixamente. Eu estou certo, a minha mãe precisa encerrar esse ciclo, e não ter a mesma atitude que a minha, viver num ciclo vício por um longo período, pois ele é destruidor.

— Então foi por isso que mudou o cabelo? — Lola pergunta de repente.

— Eu precisava mudar algo, e o cabelo foi a solução. — A minha mãe declara de forma divertida.

— Ficou bom... — Ela franze o cenho diante do meu elogio. —, bonito. Eu quis dizer bonito.

— Obrigada.

Eu olho para o copo do uísque, sobre a mesa de centro e decido pegá-lo. O levo em direção a minha boca, o líquido desce queimando a minha garganta, mas me traz a sensação de conforto.

— Aonde você está ficando? — Leon me questiona.

— Num hotel.

— Por quê?

— Eu precisava de um tempo. — Respondo num resmungo.
— Eu estava preocupado contigo. — Ele anuncia num resmungo. — O pessoal perguntou por você.
— As meninas também, aliás, a Pen. — Lola informa.
— E como ela está com o Oliver?
— Estão bem, já conseguiram se entender.
— Eles estão juntos novamente? — A minha mãe nos pergunta.

— Eles se casaram! — Lola lhe conta.
— O que? — Ela questiona surpresa. — Penélope se casou?
— Bêbados em Las Vegas, esse é o resumo da história.
— E como foi a viagem? Vocês não me contaram nada.
— Foi tranquila, apesar do casamento e o Dom vencer a luta, como já era de se esperar. — Leon informa.

— E a Penélope surtou por estar casada com o Oliver, a Emily e o Dominic estão juntos e a Lauren.... — Lola se cala e olha para mim. —, ela conseguiu alguma coisa com aquele barman?

— Não, pelo menos no momento que eu estava com ela no bar, ela estava desmotivada com aquele rapaz.

— E você, Jensen, não encontrou ninguém? — A minha mãe me questiona.

— Ninguém para uma diversão noturna. — Debocho num resmungo.

— Já passou da idade de você continuar a agir desse modo.

Eu rio suavemente enquanto vou rumo a cozinha. Preciso de mais uma dose, já que terei que lidar com um possível sermão da minha mãe. Em nenhum momento enquanto eu estava indo e estive em Las Vegas, eu não pensei em encontrar alguém, nem que fosse por alguns minutos, eu estava lá por outros motivos e me envolver com alguém não estava em meus planos. Volto para a sala de estar após me servir mais uma dose, me encosto na porta que dá acesso a área gourmet e involuntariamente penso na última vez que a Margareth veio aqui.

— Devemos ir embora. — Ouço a Lola informar.

— Está cedo. — A minha mãe murmura.

— Nós podemos ir dar uma volta, mãe?

Eu a olho e vejo a surpresa em seu olhar.

— Aonde nós vamos? — Ela questiona ao se levantar do sofá.

Não respondo, bebo o uísque de uma vez e deixo o copo sobre a mesa de centro. Todos nós saímos de casa, a minha mãe se despede do Leon e em seguida da Lola. Eu apenas aceno para o casal, abro a porta do meu carro para a minha mãe, ela se senta e eu dou a volta. Me sento no banco do motorista, e nos levo para longe da nossa casa. Eu ainda não sei aonde quero ir, apenas quero ter alguns minutos com a minha mãe. A nossa casa lembra muito a vida que ela teve com o meu pai, assim como eu sempre lembro da vez que a Lewis esteve ali.

— Como a senhora realmente está se sentindo?

— É um pouco doloroso a situação da separação, mas foi o certo a se fazer.

— O certo a se fazer não significa que era o desejo realmente.

— Era o meu desejo, Jensen. — A minha mãe declara.

— Era o desejo do meu pai também?

— Era.

— Vocês me pareciam felizes, um casal que ficaria velhos juntos.

— Esse era o nosso plano quando começamos a namorar, mas a relação desgastou e encontramos outro plano para o nosso futuro.

— Entendo. — Sussurro. — Aonde quer ir?

— Você que me convidou para sair. — Ela ri.

— Eu sei, mas queria te dar alguma distração após o nosso jantar de revelação.

— Obrigada pela preocupação, filho. — Ela agradece. — Nós podemos ir naquela cafeteria da avenida? Queria comer aquele muffin maravilhoso.

Aceno positivamente e acelero o meu carro.

[...]

Eu me diverti na noite passada, e vi o tanto que a minha mãe também se divertiu. Nós fomos até a tal cafeteria que ela pediu,

depois fomos até um barzinho intimista que toca música ao vivo e ela aproveitou a noite ao dançar, comer e beber. Ah, e até mesmo em conversar com alguns desconhecidos. Depois nós voltamos para casa e como já estava muito tarde, eu decidi ficar por lá mesmo. E hoje, acordei mais tarde do que esperava, e me surpreendi quando a Rosi me informou que a minha mãe ainda estava dormindo. Então tomei o meu café da manhã e decidi sair, mas antes deixei informado que estaria de volta o mais breve possível.

Agora, estou chegando no apartamento do Dominic e espero que a minha manhã continue sendo tranquila. Desço do meu carro após estacioná-lo, coloco os óculos-escuros sobre os meus olhos e aciono o alarme do meu carro. Infelizmente a dupla está aqui e eu sei bem que irão tentar tirar a minha paz. Ando na direção dos Lewis e tento ser o mais breve possível, pois quero apenas saber se o meu amigo está aqui.

— Lewis... e — Sorrio debochado ao encarar a Emily. —, pré-Turner.

Eu soube que ela não gosta que rotulem o relacionamento que tem com o Dominic e chamá-la assim é por puro prazer de provocação.

— Me poupe da sua presença. — Ela resmunga.

— Você é muito mal-educada, Emily. — Cruzo os meus braços em frente ao corpo. — Cadê o Dominic?

— No meu bolso não está.

Essa garota é insuportável e fica cada vez pior quando nós nos cruzamos.

— Eu não sei como o Dominic te suporta.

— E eu não sei onde a minha mãe estava com a cabeça quando começou um caso com você. — Eduard resmunga.

Eu o encaro no mesmo segundo que a minha paciência evapora.

— O que a sua mãe tem a ver com isso aqui? Absolutamente nada.

— Não mesmo, mas ela deveria estar com um distúrbio muito grave ou com alguma necessidade sexual para fazer isso... e sem

querer roubar a sua frase, mas fazendo uma adaptação: eu não sei como a minha mãe te suportava.

Ele não tem o direito de falar nada, muito menos debochar da minha relação com a Margareth. O ódio cresce em meu interior e eu dou um passo em sua direção.

— O que você falou?

Eduard dá um passo na minha direção e me encara friamente.

— Eu tenho certeza de que você ouviu muito bem.

— Maggie pode fazer muita falta para vocês, mas ela também faz para mim, porém, ela não teve que vivenciar as merdas que você causou nesses anos que se passaram.

Se ele quiser debochar, eu irei jogar as verdades em sua cara.

— Você não sabe de merda nenhuma, Brown. Você apenas era usado pela minha mãe e agia como um cachorrinho atrás dela.

No segundo que eu decido avançar sobre o Eduard e fazê-lo engolir as palavras que acabou de dizer, o Dominic se coloca entre nós.

— O que está acontecendo aqui? — Ele nos questiona.

— O seu amiguinho está nos provocando. — Emily resmunga.

— Eu?

Rio falsamente da cara de pau desses idiotas e me afasto suavemente. Dominic manea a cabeça para os lados, solta um longo suspiro e encara o cunhado.

— Você não estava indo embora, Eduard?

— Não fala assim com o meu irmão! — Emily exclama ao empurrar o namorado.

— Não falei por mal, eu só quero lembrá-lo da possível situação que esteja na mansão.

O que será que está acontecendo naquele covil?

— Eu sei muito bem o que eu faço, Turner. — Eduard resmunga e se despede da irmã, ao dar um beijo na têmpora dela.

— Melanie disse que quer te ver.

— Depois conversamos mais sobre isso.

Ele também beija o sobrinho e enfim vai embora. Ouço o Dominic suspirar e reveza o olhar entre mim e a sua namorada.

— Sempre será assim, essa troca de farpas entre os três? —
Ele nos questiona.

— Eu sou recebido com quatro pedras nas mãos.

Emily revira os olhos diante do meu resmungo.

— O seu amigo não é um anjo. — Ela rosna.

— Ninguém aqui é. — Ele declara e volta a me olhar. —
Esteve sumido.

— É, eu estava...

— Caçando alguma mulher casada. — Emily me provoca.

— Emily, por favor! — Dominic a repreende.

Ela sorri debochada ao me encarar.

— Eu não falei por mal, Dom. — Ela murmura.

Eu reviro os meus olhos.

— Vamos subir. — O meu amigo pede.

Nós entramos no prédio, subimos as escadas de emergência e logo entramos no apartamento. Emily vai rumo ao quarto junto com o filho, eu me sento no sofá e o Dominic se senta no outro. Lewis deveria ter ido com o irmão, assim eu poderia conversar em paz com o meu amigo. Antes que eu possa abrir a minha boca, *ela* aparece na sala de estar com o Andrew grudado em seu corpo devido ao canguru.

— Eu vou ir dar uma volta com o Andrew. — Emily anuncia.

Dominic se levanta de onde está sentado, acompanha a namorada até a porta e trocam rápidas palavras antes de ela ir. Ele volta a se sentar, bate as mãos nos joelhos e suspira.

— Em algum momento irá existir a paz entre vocês? — Ele me questiona.

— Eu não tenho nada contra eles. — Dou de ombros. —
Entretanto, eu não vou ficar calado diante das provocações.

— Eu sei que não, mas... — Ele se cala, meneia a cabeça para os lados. — Esteve sumido.

— Eu precisava de um tempo a sós depois de todas aquelas informações.

— E como você está?

— Bem, obrigado por perguntar. — Me recosto no sofá. — Eu conversei com a Lisa.

— Quando? — Dominic me questiona curioso.

— Ontem à noite.

— E?

— Sanei algumas coisas e enterrei o assunto.

— Então chega de Margareth Lewis?

— Se eu continuar com essa história, será cada vez mais prejudicial para mim mesmo, pois ela não será afetada, pois está morta há anos.

— Irá voltar a ser o verdadeiro Jensen. — Ele comemora.

Na realidade eu não sei quem eu sou realmente, quem eu era antes da Lewis, contudo, ela não continuará a me afetar como conseguiu nesses últimos dez anos. Apenas aceno positivamente para o meu amigo e desvio o olhar.

— E como estão as coisas?

Espero que a minha tentativa de mudar de assunto der certo, pois eu não quero prolongar o que já passou, na companhia do meu amigo.

— Tudo tranquilo. — Ele declara. — Penélope e Oliver já se acertaram, estão convivendo numa boa e ele está tentando não ficar doido ao ter que conviver com três mulheres.

Rio do seu deboche.

— Hoje eu irei ver todos eles.

— Irá para a festa? — Dom me questiona.

— Esse é o plano até o momento.

— Eu não vou de fantasia como a Hanna pediu, eu não me vejo agindo desse modo, como adolescente.

— Fantasia? Eu não vou me fantasiar porra nenhuma. — Resmungo.

— As meninas irão. — Ele dá de ombros.

— A sua namorada irá de princesinha da máfia?

Ele ri do meu deboche.

— Lara Croft. — Ele me informa. — E a Penélope... eu não sei.

— Ela vai usar armas falsas ou verdadeiras? — Olho ao redor e franzo o meu cenho. — Tem arma aqui?

— Não! Eu avisei a Emily que eu não quero o Andrew próximo a este tipo de coisa e ela pediu para o irmão se livrar de alguns

materiais que tem na mansão.

— Eu nem se quer consigo imaginar as possíveis coisas que tem lá.

— Pelo menos, agora eles não são mais obrigados a viverem uma vida que não era certa.

— É bom que o seu filho não conheça o demônio.

— Exato, mas eu ainda temo que a Emily possa se arrepender da decisão que tomou em conjunto com o Eduard.

— Eu acho que não irão se arrepender, ainda mais após tudo o que aconteceu.

Dominic acena suavemente e sorri ainda mais.

— É bom te ver mais animado, decidido a enterrar determinado assunto.

Eu estava tão mal assim? Não! Todos sempre foram exagerados e enxergaram mais do que realmente existiu. Ou eu estava tão focado em mim mesmo que não conseguia enxergar o mundo exterior? Sim, é exatamente isso. Eu não consegui ver que o casamento dos meus pais estava se definhando aos poucos. E em falar nisso, preciso conversar novamente com a minha mãe referente à procura do advogado, não é querendo apressar a situação, mas mostrar que eu vou estar com ela nessa nova etapa. Precisamos encontrar alguém competente e que tenha boas recomendações.

— Os meus pais estão se separando.

— O que? — Dominic questiona ao arregalar os olhos.

— É, estão se separando.

— Isso é...

— Inesperado. — Completo a sua frase, o fazendo assentir. — Foi um acordo entre eles, os dois queriam isso e segundo eles, foi a melhor decisão a ser tomada.

— Ah, pelo menos foi algo que os dois lados estavam de acordo, prezando pelo melhor.

— Exato.

— Como você ficou dias sumido do *Fight*, eu tenho muitas informações.

— Quais?

Estranho, pois não imagino o que o Anthony possa estar organizando, mas imagino que seja referente a carreira do Dominic, já que ele foi lutar em Las Vegas.

— Oliver irá lutar no domingo contra o Eduard.

— Espero que o Oliver arrebente aquele idiota. — Resmungo.

— E a Emily irá fazer uma reunião com todos nós, os 5M.

— Para que e por quê?

— Ela irá ser a minha empresária, quer ter o máximo de comando possível em relação ao *Fight* e pretende organizar aquele lugar.

— Sendo a sua empresária, o 5M se desfaz.

— Não, entretanto, eu não posso falar muito sobre isso, pois ela ainda está preparando os documentos, tendo a certeza de como deve agir.

— Anthony deve estar surtando.

— Ainda não, pois ele não está sabendo. — Dominic me informa. — Não fale para ninguém ainda, por favor.

— Isso não é certo, Anthony é dono do *Fight* e é o nosso empresário.

— Eu sei, mas é a Emily que deve cuidar disso, nós somos apenas lutadores.

[...]

— Na segunda-feira ou terça-feira eu irei atrás da advogada.

— Eu irei junto. — Anúncio.

A minha mãe me encara surpresa, mas acena concordando.

— Tudo bem.

— Em qual advogado iremos? Foi indicação de alguém?

— Jensen, eu resolvo, você precisa apenas me acompanhar.

Decido me calar, e continuo a comer. Estou almoçando em casa, na companhia da minha mãe e está sendo agradável. Já conversamos diversos assuntos, até que eu tive que tocar no assunto sobre o divórcio, pois é algo que eu quero me envolver profundamente. E irei ser assim, a menos que a minha mãe me impeça. Olho para o relógio em meu pulso e decido que em breve

irei embora, pois a noite, ainda tenho que ir para a festa e estou decido a beber, na intenção de seguir o conselho da Lisa: sofrer pela última vez pela Margareth Lewis.

— Amanhã à tarde eu volto para casa.

— Já deveria ter voltado. — A minha mãe resmunga.

— Ainda não. — Murmuro antes de beber um gole do meu suco. — A noite eu irei numa festa e prefiro ir para o hotel.

— Porque vai estar com alguma mulher.

— Não, hoje não.

— Eu duvido.

Reviro os meus olhos devido ao seu deboche. Ela se levanta da mesa após terminar de comer, e eu vou rumo a sala de estar. Paro no meio do caminho ao ouvir a campainha tocar, ando na direção da porta e a abro. O meu pai está diante de mim e eu não sinto nada familiar. É estranho que ele esteja aqui após a decisão que tomou em conjunto com a minha mãe.

— Milagre estar por aqui, Jensen.

— Eu que estou surpreso com a sua presença.

— É bom te ver... — Ele comenta ao passar por mim, ao entrar em casa. —, pois assim conseguimos conversar.

— Conversar sobre a separação? Já estou sabendo e não tenho nada a falar sobre isso.

Sigo o meu pai pela casa, o vejo cumprimentar a ex-esposa de longe e fico próximo a ela. Quero deixar claro para ele que diante essa situação, eu estou ao lado da minha mãe.

— E como você se sente em relação a isso?

Dou de ombros, sem saber o que responder.

— Eu apenas quero saber se os dois estão de acordo com a decisão?

— Sim. — Ambos afirmam no mesmo segundo.

— O senhor já entrou com o pedido através do advogado?

— Irei na próxima semana.

— Eu espero que seja uma separação justa em relação a tudo o que tiveram nesses longos anos que estiveram juntos.

— Eu jamais faria algo diferente. — Ele declara e olha para o sofá por alguns segundos. — Vamos nos sentar, para

conversarmos?

[...]

A conversa que eu tive com os meus pais não teve nada de novo e nem de surpreendente, assim como a minha mãe já tinha nos contado sobre a decisão que tomaram juntos, o meu pai me disse as mesmas coisas e praticamente com as mesmas palavras. E após a conversa, eu fui para o hotel, descansei um pouco antes de vir para a festa da Hanna. Eu cheguei aqui cedo e desde que dei o primeiro passo dentro dessa casa, eu não parei de beber nem por um segundo. Os meus primeiros goles foram para me deixar tranquilo, os próximos goles foram para eu repensar a minha vida, os próximos foram para eu começar a sentir saudade da Margareth e um após o outro, me deixou ainda mais próximo ao fim definitivo do meu ciclo.

— A sua fantasia poderia ser declarada como um pecado.

Lauren ri.

— E você, assim como os meninos então como o dia a dia; roupa causal.

— Eu não sou a porra de um adolescente para ficar me fantasiando.

— Eu também não sou, mas é divertido, pelo menos uma vez no ano.

Eu reviro os meus olhos e bebo todo o líquido presente no meu copo.

— Você abraça todas e quaisquer oportunidades que aparecem para sair do normal.

— Sair do normal? — Ela gargalha. — E como estão as coisas?

— Voltando a normal, após o encerramento do ciclo.

— Encerrou o ciclo?

— Decidi isso após ter algumas informações importantes através do Dominic e ter conversado com a governanta da mansão.

— E qual a conclusão que teve sobre tudo?

— O que eu senti por ela... pela Margareth, não era na mesma intensidade do que ela sentia por mim, e está tudo bem. Cada um oferece aquilo que tem, eu tinha muito para dar, ao contrário dela, que tinha a reciprocidade quase nula.

— E não está mal por isso?

— Não, pois ficar mal não vai mudar nada. O que eu preciso é aceitar o que aconteceu e que guardar apenas as boas lembranças.

— Faz bem, Jen. — Lauren sorri. — Você precisava exatamente disso, de um empurrãozinho.

— Foi um bem grande, foi como ser jogado de um penhasco.

Ela revira os olhos debochada.

— Mas existe alguma coisa que eu não consigo entender.

— Qual?

Encho mais uma vez o meu copo e pisco algumas vezes, já sentindo que o meu sangue virou puro álcool de tanto que eu já bebi.

— Por que o James matou a Margareth e por que quis te matar?

— Por todo o tempo que se passou e por tudo que eu ouvi, pensei, cheguei à conclusão de que, James não aceitou que fosse o corno da história e sabia que se não fizesse algo, ela poderia revelar tudo o que sabia dele, então ele uniu as duas situações e resolveu de uma única forma.

— Matando-a, assim fez com que os segredos dele continuassem ocultos e fazendo que ela parecesse de ter um caso com você.

— Exato.

— É um babaca!

Ela grita em alto e bom som, atraindo os olhares de algumas pessoas e nós dois caímos na gargalhada. James era bem mais que um babaca, mas essa também é uma boa forma para descrevê-lo. Lauren me avisa que irá dançar um pouco, eu a observo se afastar e enquanto anda, atraí os olhares de homens para ela. Da mesma direção, vejo o Dominic se aproximar de mim, trazendo a namorada consigo e eu bebo mais para aguentar a presença da filha da mulher que quase me destruiu.

— Chegou há muito tempo? — Dom me questiona.

— Há pouco.

— E veio com a Lau?

— Não, eu vim com o Noah e ele... — Olho ao redor a procura do nosso amigo. —, deve estar por aí, se enfiando em alguém.

— Que idiota. — Ouço a Emily resmungar.

E antes que eu possa questioná-la, percebo que ela está comentando sobre um rapaz que está bebendo de ponta cabeça.

— Você está bem? — Dominic me questiona.

— Melhor impossível.

Praguejo baixinho ao notar que a garrafa já está vazia.

— Você deveria aconselhar ele a parar de beber. — Ouço a Emily resmungar para o Dominic.

— Eu te ouvi...

Bebo o restante do líquido presente no meu copo e me encosto a parede.

— Nós já vamos embora. — O meu amigo anuncia.

— Está cedo e você nem bebeu comigo.

— E nem vou. — Ele bate em meu ombro.

Eu o observo abraçar a namorada e sussurra algo no ouvido dela.

— Aonde vocês irão?

Emily me encara estranhamente e eu rio. Pelo incrível que pareça, nesses poucos minutos que estamos um na companhia do outro, não trocamos nenhuma farpa ou qualquer coisa do tipo. Contudo, também nem se quer trocamos nem uma palavra.

— Quer mesmo saber? — Dominic ri e começa a se afastar com a namorada.

— Deveriam fazer isso mais vezes, pois ela é o estresse em pessoa.

Emily me direciona um olhar matador, o meu amigo ri ainda mais e acena ao se despedir de mim.

— Tchau, Jensen.

— Tchau lutador e princesinha da máfia. — Sussurro.

Giro o meu corpo sobre os meus calcanhares, observo as pessoas ao meu redor e decido andar pela casa, em busca de

encontrar alguém conhecido. Sorrio animado ao ver a minha princesinha encostada no balcão da cozinha e ando em sua direção. Ela está entre os braços do Oliver, eles conversam intimamente e é bom ver que eles estão se dando bem. Pego um novo copo, o encho com qualquer tipo de bebida que encontro e me aproximo do casal.

— Olha os recém-casados!

— Jensen! — Oliver me repreende e eu não entendo o porquê.

— Penélope... — O seu nome sai arrastado da minha boca. —, você está parecendo uma boneca.

A minha princesinha me encara e eu não gosto do seu olhar, é repreensivo.

— E você está bêbado.

— É um elogio? — Questiono antes de gargalhar.

Oliver retira o copo que estava em minha mão e o coloca longe de mim. Eu paro ao lado da Penélope, me inclino sobre o balcão de mármore e encosto a minha testa sobre a fria superfície. Eu sei que prometi que jamais beberia tanto como bebi no dia do casamento do casal, contudo, hoje eu bebi sem notar. Fui apenas virando um copo atrás do outro e não me sinto mal por isso. Penélope tocar em meu ombro, eu a olho e sorrio.

— Acho melhor você ir embora. — Ela me aconselha.

— Eu sinto falta dela.

As palavras escapam da minha boca, antes que eu possa perceber.

— Quem?

— Maggie. — Confesso. — Margareth Lewis.

Vejo os seus olhos se arregalarem, eu volto a deitar a minha cabeça no mármore e rio suavemente. Todos são curiosos para saberem o que aconteceu entre nós, porém, é algo que eu jamais contarei. Quem teve que saber, soube. É assunto encerrado. Sinto uma mão mais pesada bater em minhas costas e ajeito a minha postura.

— Eu vou te levar embora.

— Não precisa. Eu vim com o Noah. — Resmungo.

Me afasto deles, passo por entre a pequena multidão que está na sala de estar e logo estou nos fundos da casa. Olho ao redor a procura do Noah, percebo que ele ainda está no mesmo lugar conversando com uma garota. Eu não quero atrapalhá-lo, irei apenas avisar que eu estou indo embora. Eu já bebi mais do que deveria, as minhas pernas já estão trançadas e a minha visão um pouco turva. Me aproximo do meu amigo, chamando a sua atenção e ele me encara preocupado.

— Você está muito bêbado.

— Eu estou bem. — Anúncio em alto e bom som. — E estou indo embora.

— Eu também já estou indo e irei te levar.

— Não! Fique aqui e fique conversando com essa mulher.

— Que mulher? — Ele me questiona.

Forço a minha visão e caio na gargalhada.

— De longe parece uma mulher de verdade.

Ao seu lado tem uma cadeira com peças de roupas jogadas sobre ela. Noah segura em meu braço e me guia para fora dali. Passamos por entre a multidão e antes que eu possa ter a oportunidade de pegar um novo copo de bebida, o Noah me empurra para fora da casa. Ando tropeçando até o seu carro, abro a porta e caio sentado sobre o banco. Eu fecho os meus olhos e sinto o carro se movimentar, rumo ao hotel onde estou hospedado.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO OITO

*Estou procurando contemplar as
histórias que são contadas
Quando estou de costas para o mundo que
estava sorrindo quando eu me virei
Te dizem: Você é o melhor
Mas quando vira as costas, eles nos odeiam*
Enemy – Imagine Dragons (feat. J.I.D)

Hoje à noite acontecerá a luta entre Oliver e Eduard, e eu espero que o meu amigo ganhe, pois eu não quero ter que lidar com a vitória do Lewis. Já basta eu ter que lidar com ele ser parcialmente dono do *Fight* e ter que suportar a encontrá-lo quando eu vou até o apartamento do meu amigo. É um saco ter que aguentar a cara de ira só porque eu tinha um caso com a mãe dele.

Se fosse ao contrário, eu agiria da mesma forma?

Eu seria pior e não me orgulho de dizer isso, entretanto, apesar do meu desgosto em relação ao Lewis, eu entendo por ele ser assim, incluo a Emily nisso também. Ela é parecida comigo, pois tem que lidar e suportar a minha presença pelo bem do relacionamento dela com o meu amigo.

— Irá sair?

Ouçó a minha mãe me perguntar e eu a vejo parada na porta do meu quarto.

— Irei para o *Fight*.

— Você tem lutado?

— Recentemente? Não.

— Eu não consigo deixar de ficar preocupada.

Rio suavemente por causa da sua preocupação excessiva, pois o Leon e eu já conversamos bastante com ela sobre isso.

— Decidiu sobre o advogado?

— Ainda não.

Apenas aceno concordando e volto a atenção para a minha imagem refletida no espelho. Passo os meus dedos entre os fios do meu cabelo, o deixando alinhado e para finalizar, borribo um pouco

de perfume em meu pescoço. Percebo que a minha mãe continua me observando e eu franzo o meu cenho.

— Quer me falar algo?

— Eu queria saber se você quer conversar realmente sobre os dias que estive afastado daqui. — Ela declara. — Enquanto me acompanha ao beber uma tacinha de vinho.

— Certo, vamos lá, dona Sarah.

Ela arregala os olhos surpresa.

— Facilmente assim?

— É, *oras*. — Dou de ombros.

Nós saímos do meu quarto, eu a sigo pela área gourmet e nós nos sentamos no deque da piscina. As taças já estão aqui junto com a garrafa e eu nos sirvo. A minha mãe beberica um pequeno gole e fecha os olhos para saborear o líquido.

— *Ela* parou de te perturbar?

— Eu decidi fazer com que *ela* parasse de me perturbar, pois eu sou o dono desse comando.

— E como você está?

— Seguindo em frente, encerrei o ciclo vicioso, o qual estava me consumindo.

— E eu estou orgulhosa de você. — A minha mãe sorri. — E já está pronto para se apaixonar, daqui alguns anos noivar e por fim se casar.

Começo a tossir ao me engasgar.

— Não, mãe, isso não irá acontecer tão cedo. Eu não quero me apaixonar, eu quero voltar a me aventurar por aí...

— E fazer um filho com uma pessoa qualquer ou pegar uma doença.

A sua repreensão sai num resmungo e eu reviro os olhos.

— Eu sei me proteger, mãe e tomo cuidado em tudo o que eu faço.

— Eu sei, mas não custa relembrar as possíveis consequências.

— Eu não quero me envolver com ninguém que ultrapasse encontros casuais momentâneos.

Ela revira os olhos.

— Essa juventude.

— É o que eu quero e é melhor assim, pois o que aconteceu entre a Margareth e eu, foi intenso demais e de uma entrega única, eu fui o único a mergulhar naquela relação e não quero que isso aconteça novamente.

— Uma decepção não pode anular o que está por vir.

— Eu sei que não, porém, não é o meu momento de mergulhar novamente numa nova relação.

— E eu espero que o for que surgir em sua vida, seja algo certo.

Eu entendi exatamente o que ela quis dizer: sem ser amante, sem serem mulheres comprometidas. Eu termino de beber o meu vinho, me despeço da minha mãe e vou rumo ao meu carro. Coloco o cinto de segurança e acelero pelas ruas de Los Angeles. Eu achei engraçado quando a minha mãe declarou o seu desejo para que eu encontre alguém com que eu possa construir uma família. Por mais que não tenha sido exatamente assim que ela tenha falado, foi assim que eu a compreendi.

Caso isso aconteça, irá demorar muito tempo, creio que seja daqui uns dez anos. Não, talvez seja antes, pois eu já estou com trinta e dois anos e então talvez seja melhor eu me aquietar com alguém quando eu estiver com trinta e cinco. Então, eu tenho mais cinco anos de paz em minha vida, mais cinco anos para aproveitar e ser realmente quem eu sou. Foi o que mais me aconselharam: volte a ser quem você realmente sempre foi, e é isso o que estou decidido a fazer. Eu até já sinto que eu estou diferente do que eu fui nesses últimos dez anos. Puta que pariu! Eu tive uma década de sofrimento e terei que recuperar esse tempo nesses próximos cinco anos, começando a partir de hoje.

Estaciono o meu carro diante do *Fight*, atravesso a rua e entro no estabelecimento. Lotado e animado. As *ring-girls* estão no octógono, sendo apresentadas pelo juiz e eu me apresso em subir para o camarote. A luta está prestes a começar e o nervosismo está tomando conta. Oliver irá ganhar, eu confio nisso. Ele é melhor e está mais preparado, então as chances de vencer essa noite são altíssimas. Abraço a Penélope, tentando amenizar a sua tensão, em

seguida me aproximo do vidro e cumprimento o Noah que está ao lado do meu irmão.

— Esqueceu de cumprimentar uma pessoa. — Leon murmura, num tom que apenas eu ouço.

Eu olho na direção do sofá e vejo a Emily, que também está extremamente apreensiva.

— A luta já vai começar.

— E que o melhor vença. — Ouço a Emily declarar.

E o melhor é o Oliver, todos sabem disso. Ambos já estão sobre o octógono, noto o Dominic ao lado do preparador físico e ele troca rápidas palavras com o cunhado, ou melhor, com o Baker, já que os dois cunhados irão entrar em combate dentro de alguns segundos. O juiz autoriza o início do round e eu sinto o ar sumir dos meus pulmões, de tanto nervosismo. Oliver é mais ágil, sabe se posicionar muito bem e acerta bons golpes, entretanto, apenas da inexperiência do Eduard, ele é habilidoso e os seus golpes são fortes, mesmo que ele não tenha apoio suficiente em uma das pernas.

— Por que o Lewis é fraco de uma perna?

— Por que, Em? — Penélope a questiona.

— A perna não dá tanta estabilidade por causa de uma briga que tivemos e uma adaga entrou na coxa dele.

Os rapazes arregalam os olhos e eu olho para a Lewis.

— Vocês tinham uma brincadeira perigosa, em.

Ela simplesmente me ignora e eu volto a minha atenção a luta. Eles trocam golpes fortes, firmes e precisos, ambos já estão com hematomas. E eu estou começando a ficar preocupado, pois julgava que o Lewis estava completamente inepto a lutar até mesmo contra uma mosca. Os minutos são como a velocidade do trem-bala, os rounds são rápidos e torturantes e em pouco tempo já estamos no último, e é decisivo, pois cada um está com um ponto.

— Puta que pariu!

Passo as mãos em meu cabelo e puxo alguns fios.

— Oliver! — Leon grita dando um soco no vidro.

— Reage! — Noah exclama irritado.

Eu já estou ficando irritado, eu não quero que o Eduard vença esse combate. Em fração de segundos tudo muda e a esperança surge. Oliver empurra o Lewis para longe, o fazendo se desequilibrar. Ele cai surpreso, o Oliver vai para cima dele e desfere diversos socos. Eduard chuta o Oliver, se levanta e cospe sangue no tatame...

— Nocaute! — Penélope grita.

Sim, o Eduard foi nocauteado num movimento surpreendente.

— Eu vou ir ver como o meu irmão está. — Emily informa antes de sair correndo.

Eu dou um beijo na testa da Penélope, ao comemorar com ela e respiro mais calmo agora. Eu estou extremamente apreensivo com essa luta. E pela segunda vez, Lewis perdeu e irá perder novamente na nossa luta.

— Quem é o próximo a lutar com ele? — Noah pergunta.

— Eu penso que sou o próximo a lutar com o Lewis. — Declaro. — Eu vou arrebatá-lo a cara daquele babaca.

Eu não vou nocauteá-lo aquele idiota, irei prolongar o seu sofrimento a cada round.

— Ódio e mais ódio. — Leon resmunga. — Cara, lute como um lutador e não com a raiva que sente dele.

— Não sinto raiva dele, apenas não gosto do Lewis.

Eu apenas dou um sentimento recíproco para ele.

— Mas gostava da mãe dele. — Leon debocha me fazendo encará-lo com raiva. — Eu disse alguma mentira? Não!

Fico quieto, enquanto o meu irmão continua a me encarar com a sobrancelha arqueada. Margareth foi uma mulher muito importante na minha vida, deixei isso claro indiretamente. E mesmo assim, nem ele tem o direito de me alfinetar em relação a este assunto. Eu me sento no sofá, na intenção de me acalmar e ignorar o comentário do meu irmão. Ouço a porta se abrir, olho para trás por cima do meu ombro e observo os rapazes entrar. Penélope corre na direção do marido, o Dominic se senta ao meu lado e sorri animado. Leon serve uma cerveja para cada um de nós, e por mais que saiba que eu tenha desgostado de sua frase, ele permanece próximo de mim e o Noah para ao seu lado.

— Por um segundo, eu achei que o Lewis ganharia. — Dominic confessa.

— Foi árdua. — O meu irmão comenta.

— Mas ele conseguiu, ainda bem. — Noah declara.

— E depois daqui vamos ir comemorar. — Dominic nos informa.

— Infelizmente eu não vou poder ir, combinei de ir me encontrar com a Lola. — O meu irmão informa. — Mas se ela decidir que devemos nos encontrar com vocês, eu aviso.

— Tudo bem. — Dom concorda e em seguida me olha. — Você percebeu que o Oliver vacilou algumas vezes?

— Muitas vezes. — Corrijo-o.

Dominic coça a própria nuca e suspira.

— Pelo menos ele seguiu as minhas instruções e conseguiu se sair bem.

— Foi esperto ao te ouvir.

Ele acena positivamente, bebe um gole de sua cerveja e olha ao redor.

— Eduard deve estar mal, pois a Emily está demorando a voltar.

Ele ficará bem mais quando for a nossa luta, eu garanto isso. Me afasto ao ir rumo ao frigobar, procuro uma garrafa de uísque e não encontro. No camarote do Anthony tem, mas eu não posso ir até lá para beber, infelizmente. Sinto o meu celular vibrar em meu bolso, eu me sento no braço da cadeira e franzo o meu cenho. A minha mãe acabou de me enviar a localização do escritório de advocacia com o aviso que iremos na segunda-feira e eu estranho, pois, segundo ela, ainda não tinha decidido qual dia da semana ela iria.

Levanto o meu olhar quando percebo uma movimentação estranha e franzo o cenho ao ver a Emily passar entre as quatro *ring-girls*, as empurrando. Anthony teve essa ideia ao ver que alguns lutadores procuravam algumas das meninas após as lutas e muitas aceitavam, pois o desejo era mútuo. Entre nós cinco, apenas eu, Noah e Oliver aceitamos nos envolver com elas, mas o Oliver aceitou poucas vezes e depois se sentia mal ao ter que cruzar com

a Penélope, mesmo que na época eles estivessem separados. Entretanto, o Anthony deveria ter barrado isso hoje, pois não era o momento mais adequado, pois, Oliver e Penélope se acertaram recentemente, e a Lewis está de volta e com certeza não gostou disso.

— O que vocês fazem aqui? — Ouço a Emily questiona.

— Baker ganhou a luta... — Day tenta falar, mas é interrompida pela Penélope.

— Ganhou! E vocês perderam. — Ela declara. — Oliver já é muito bem comprometido, casado, na verdade, e então eu sugiro vocês saírem daqui.

— Jensen e Noah são os únicos solteiros daqui. — Oliver anuncia.

Penso por alguns segundos se devo aceitar o brinde de hoje, guardo o celular em meu bolso e ando na direção das meninas. Day, de cabelo vermelho está me olhando fixamente e eu sorrio suavemente. Nós já transamos muitas vezes, é ela que sempre vem atrás de mim quando eu ganho as minhas lutas. Irina, que tem o seu cabelo preso numa trança boxeadora, também é velha conhecida e nós sabemos nos divertir bastante. As outras duas que estão ao lado, de cabelo preto e a de cabelo loiro são sempre as quais estão com o Noah.

Eu abraço a Day e a Irina, saímos do camarote e eu as levo até a sala de reuniões. Fecho a porta assim que entramos, me encosto a mesma e observo as meninas. Enquanto a Irina vai até o minibar, e a Day vem em minha direção. Ela acaricia o meu tórax, desce as mãos até a barra da minha camiseta e sobe suavemente o tecido. A sua boca se aproxima da minha, mas eu não a deixo me beijar. Eu não estou me sentindo muito à vontade neste momento, por mais que eu já tenha feito isso muitas outras vezes, mas eu não vou deixar as meninas nas mãos, literalmente. Day desiste de tentar me beijar, passeia as suas mãos pelo meu corpo e abre o botão da minha calça.

A peça escorrega pelas minhas pernas com a ajuda das suaves mãos da *ring-girl*, e eu mesmo retiro a minha camiseta. Irina vem em nossa direção, segurando três taças de gim-tônica e eu

pego uma taça. Enquanto bebo o líquido, eu observo as meninas. Ambas estão usando um maio com uma minissaia, tudo é em cor vermelha e é uma roupa simples, apesar da sensualidade que ganha ao estar nos corpos delas. Eu me afasto, coloco a taça sobre a mesa de reuniões e tento me animar. O comentário do meu irmão me afetou, ele sabe que não deve falar da Margareth e eu não deveria ficar afetado assim. Me assusto suavemente ao notar que a Day está parada diante de mim e o seu cenho está franzido.

— O que está acontecendo com você? — Ela me questiona.

— Nada.

— Se você não quiser...

Eu seguro o seu cabelo na base da nuca, e a calo ao selar os nossos lábios. A sua língua encontra a minha, as suas mãos apertam os meus ombros e a minha outra mão passeia pelo seu corpo. Durante o trajeto, sinto que a Irina está logo atrás de sua amiga, e está desfazendo o laço que segura a minissaia da Day. Os seus seios raspam em meu tórax, pois ela esfrega o seu corpo no meu e eu afasto a minha boca da sua. Os seus lábios escorregam pelo meu pescoço, colo e deixa que os seus dentes raspem a minha pele. Eu observo a Irina deslizar as alças do maio dos ombros de sua amiga, logo os seios da Day estão expostos diante de mim e eu os agarro com as duas mãos.

Ela geme manhosa ao sentir o meu toque, nada sutil, e apalpa o meu pau duro. Eu apoio o meu corpo contra a mesa de reunião, em seguida levo a minha mão para trás do corpo da Day, seguro no pulso da Irina e a trago para mim. Enquanto eu a beijo, Day retira o restante da sua roupa e faz a mesma coisa com a sua amiga. A minha atenção é roubada, quando eu ouço alguém tentar abrir a porta do camarote, mas é uma tentativa em vão, pois está trancada. As meninas aproveitam a minha distração e ambas começam a fazer uma trilha de beijos do meu pescoço até o cóx da minha cueca boxer. Os meus lábios tremem quando eu contendo um gemido, mas um suspiro escapa da minha boca quando a última peça do meu corpo é deslizada pelas minhas pernas.

Uma boca se fecha ao redor da minha glândula, e a outra boca passeia pela extensão. Eu enfio os meus dedos entre os fios de

cabelo da Day, seguro firme a sua cabeça e começo a me movimentar contra a sua boca. Ela suga com avidez cada estocada enquanto mantem os olhos marejados conectados ao meu olhar. Eu jogo a minha cabeça para trás, apoio as minhas duas mãos sobre a mesa e fecho os meus olhos ao mergulhar nesse oceano de prazer. Aperto a borda da mesa com a minha mão esquerda e gemo alto, sem me importar com nada.

Abro os meus olhos quando sinto as bocas se afastarem do meu pau, eu levanto a minha cabeça e encaro a dupla. Eu seguro nas mãos de cada uma, as levo em direção ao sofá e me sento. Coloco o preservativo, a Day me empurra, me fazendo cair deitado e ela se apressa para se senta em meu colo, fazendo o meu pau ser engolido por sua intimidade sedenta. Irina se senta sobre o meu rosto e eu chupo a sua boceta. Enquanto a Day sobe e desce sobre mim, me dando prazer, eu o faço ser em dobro, enquanto dou prazer a Irina.

Gemidos, suspiros e corpos batendo são os sons presentes no ambiente. Sinto a Day sair de cima de mim, Irina desliza o seu corpo sobre o meu e faz com que o meu pau a penetre. Eu a seguro pela cintura, me sento no sofá e a retiro do meu colo. Giro o seu corpo, a coloco de quatro no sofá e a penetro. Movimento o meu corpo contra o seu com avidez, enquanto seguro firmemente em sua cintura. Toques na porta fazem com que eu desacelere o meu ritmo e a Day me olha assustada, com receio de que alguém consiga entrar aqui.

— Jensen... — Ouço o Noah me chamar.

— Eu já vou.

Estoco mais algumas vezes dentro da Irina, chego ao meu ápice e me afasto dela. Retiro o preservativo, o amarro e o coloco no bolso da minha calça, após vestir a minha roupa novamente. Sempre que eu transo com alguém, eu faço o mesmo ritual. Eu não deixo o preservativo usado em qualquer lugar ou o jogo num ambiente hostil, pois eu não sei se alguém pode ter a ideia maluca de tentar uma inseminação caseira e ficar grávida propositalmente. Eu não quero ter um filho e tenho o máximo de cuidado para que isso não aconteça de qualquer outro modo.

Irina se despede de mim, ao me dar um selinho e a Day faz questão de me beijar. Eu saio da sala de reuniões, passo as mãos em meu cabelo e desço a escada. Assim que saio do *Fight*, encontro o Noah encostado no meu carro e eu aproveito que ele está no celular para acender um cigarro. Me encosto ao seu lado e trago a fumaça.

— Você tem noção que isso irá acabar em breve, né?

— Jamais a Lewis deixará que isso continue a acontecer. — Resmungo. — Mas o que acontece dentro daqui, também acontece fora. Não é como uma prostituição, é apenas um agrado que elas nos dão quando nós ganhamos a luta.

— Algumas pessoas não veem assim. — Ele comenta.

— Eu sei bem disso.

Leon já deixou claro a sua opinião sobre essa situação diversas vezes, que no resumo é: totalmente contra esse lado obscuro, além de nos reprovar a cada momento que tal *brinde* acontece. Termino de fumar e nós entramos no meu carro. Noah me informa aonde o pessoal está e eu acelero o meu carro.

— Você estava com as duas?

— Estava, por quê?

— Teve um problema, sei lá do que, e a Vi teve que descer para o ringue.

— Quem é Vi?

— A loura. — Ele responde. — Você deveria se afastar da Day, se não quiser nada com ela.

— Sobre o que você está falando?

— Ela é apaixonada por você, até já brigou com a Cheryl.

Gargalho da sua informação.

— Isso não pode ser verdade.

— Mas é. — Ele declara. — Não notou que a Cheryl está sumida há alguns dias, tipo, ela não tentou se aproximar de você?

— Notei.

— Foi porque elas brigaram e sei lá o que a Day exigiu para o Anthony que será ela que escolherá quem subirá para você.

Encaro o Noah com o cenho franzido, ele arqueia uma sobrancelha e eu repenso nos dias que se passaram, além de hoje,

há alguns minutos. Day sempre tentando se colocar a frente da amiga que estava a acompanhando.

— Desnecessária. — Resmungo o fazendo rir.

— E o que você fará agora?

— Eu preciso ter uma ideia para acabar com essa disputa desnecessária que a Day criou.

— Peça as duas. — Ele sugere.

— Isso não dará certo, pois é a Day que está ‘liberando’ quem vai ou não.

— Chame a Cheryl primeiro, e depois peça para a Day subir.

— Será?

Não estou achando uma ideia maravilhosa, porém, eu não irei descartá-la. E eu irei pensar nisso mais tarde, e colocar esse plano em pratica o mais breve possível. Estaciono diante do estabelecimento, nós descemos do meu carro e adentramos no ambiente. Noto que todos já estão sentados na mesa, que é no final do bar, num canto tranquilo e um sofá no formato de um ‘c’. Eu me aproximo devagar, puxo uma cadeira e me sento de frente para a mesa, o Noah se senta ao meu lado e eu pego um hamburger. Estou morrendo de fome e com sede também.

— Demoraram. — Oliver comenta com ironia.

— Está com inveja, Baker? Penélope pode resolver o seu probleminha.

Ele ri da minha ironia, enquanto a Penélope me olha seriamente.

— Penélope é minha irmã, casada com Oliver e com certeza transa, mas eu prefiro não ouvir essas coisas. — Dom murmura.

— A conversa será sobre sexo? — Penélope questiona desgostosa.

— Pen, será sobre a sua vida sexual com o Oliver. — Emily debocha.

Todos nós rimos, exceto o Dominic e a Penélope, e eu enxergo o desconforto entre eles. Eu fiz uma brincadeira, sem conseguir imaginar que causaria esse clima estranho entre os irmãos. Observo por poucos segundos a Penélope conversando com a cunhada e eu noto que ela está cumprindo o que garantiu para todos; que iria

voltar a ser amiga da Lewis. Algo que deixou de ser por uma pequena parcela de culpa minha. Eu pego mais um hambúrguer, mordo um pedaço e o mastigo lentamente. Nós seguimos uma alimentação mais saudável durante a semana, porém, nos finais de semana nós nos permitimos comer o que desejamos, assim como beber. Aliás, mesmo que continuemos a beber – praticamente – diariamente, não afeta o nosso desempenho.

— O que vocês tanto sussurram? — Dom questiona.

Penélope e Emily param de conversar no mesmo segundo.

— Nada que lhe diz respeito. — Penélope resmunga

Eu a observo pedir mais uma cerveja para o garçom e me lembro da última vez que estivemos juntos, rodeados de bebida.

— Vai devagar, Pen, ou vai querer fazer algo bem doida dessa vez. — Debocho.

— Você que tem que ir devagar. Não sou eu que fica bêbada e confessa certas coisas.

Sinto o sangue sumir do meu rosto e maneo a cabeça para os lados.

— Jogou baixou e sujo.

— Você que começou.

Ela não tem o direito de usar um momento de fragilidade para rebater uma simples brincadeira que eu fiz. E é por esses e outros trilhões de motivos que eu deixo o assunto Margareth em segredo.

— O seu irmão está bem, Emily? — Oliver questiona.

— Está sim. — Ela responde.

— Se ele se dedicar mais, quem sabe ganhe alguma luta. — Dom comenta.

— Ele ficou chateado em perder novamente, mas agora ele vai se dedicar cem por cento para as lutas e irá voltar para a faculdade. Então eu vou cuidar do *Fight*, da carreira do Dom e da carreira do meu irmão. — Emily anuncia.

— E o Anthony?

Eu ainda não consigo acreditar que o Dominic vai aceitar a entrar nessa loucura.

— Anthony me ajudou muito, sou muito grato, mas não dá mais. Ele está fazendo preferência entre nós, os 5M. — Ele informa.

— Muita preferência. — Oliver murmura.

— O que é errado. — Emily declara. — Anthony é empresário dos cinco, e não deveria ter preferência entre vocês. Ele está muito puto com a minha ousadia, e não acredita que eu vou me sair bem sendo empresária do Dominic.

— Ele está puto porque vai perder o melhor e maior lutador do *Fight*. — Noah comenta. — Vocês estão certos em seguirem fora da linha do Anthony, pois irão crescer ainda mais.

— Eu pretendo tomar o *Fight* para mim de volta, mas vou deixar o Anthony com uma porcentagem pequena. — Em informa ao dar de ombros. — Ele gosta do mundo da luta, mas eu tenho medo de que ele possa afundar o *Fight*.

Sinto a minha cabeça pesar, e essa conversa não está ajudando muito. Eu preciso sair um pouco, eu preciso respirar... ou melhor, eu preciso fumar. Fico em pé e procuro o meu maço de cigarro.

— Por que não escolheram uma mesa lá fora?

— Para quê? — Oliver me questiona. — Está esfriando.

— Eu quero fumar. — Resmungo.

— Voltou com isso novamente, Jensen? — Dom questiona num murmúrio.

— Me deixa, Dominic.

Ando em passos firmes rumo a saída, vou até o meu carro e deixo a porta quando me sento no banco do motorista. Me inclino na direção do porta-luvas, pego o que é do meu interesse e acendo o meu cigarro. O primeiro trago é como colocar a paz dentro de mim, me colocando de volta no eixo. Um grupo de garotas passam ao lado meu carro no mesmo segundo que eu solto a fumaça e a moça de cabelo vermelho abana a mão, dispersando o cheiro.

— Que horror! — A ouço resmungar.

Reviro os meus olhos e observo elas continuarem a caminhar pela extensa calçada. Termino de fumar o meu cigarro, jogo a bituca fora e fecho o meu carro, após sair dele. Percebo o Dominic sair do estabelecimento abraçado a Emily, eles estão conversando animadamente e ele a beija suavemente. Eu confesso que, fico feliz por vê-lo feliz, ainda mais após tudo o que aconteceu. Eu volto para

a nossa mesa, me sento novamente e peço uma cerveja para o garçom.

— Dom foi embora por causa do filho?

Mordo um pedaço do hambúrguer enquanto aguardo alguma resposta.

— Sim, ele está com a Lisa.

— Lisa? — A pergunta escapa da minha boca. — Sei quem é. Ela era muito próxima a... Esquece. Já estou falando o que não devo.

Que merda, Jensen! Controle essa maldita boca.

— Por que você não se abre conosco? — Penélope pergunta.

— Nos conte o que aconteceu, como você se sente em relação a tudo o que aconteceu.

Ela segura a minha mão por cima da mesa e por um segundo eu quase fraquejo.

— Eu não vou falar nada e não me enche o saco.

Me arrependo no segundo seguinte por ter falado num tom tão grosseiro.

— Ei, não fale assim com ela. — Oliver me repreende.

— Me desculpe, princesinha.

Ela me direciona um fraco sorriso e eu me esmurro mentalmente. Fui grosseiramente sem perceber e me arrependo por isso, pois eu não sou assim, e mesmo que aconteça momentos de ira, eu não devo agir desse modo com as pessoas que são próximas a mim, ainda alguém tão importante, como uma irmã para mim. Limpo a minha mão no guardanapo, a estico sobre a mesa e seguro na mão da Penélope. Ela levanta o seu olhar para mim e sorri suavemente. Ela me conhece, sabe que eu fico mal quando ajo desse modo.

— Está tudo bem, eu já estou acostumada com os seus pequenos surtos.

Dou risada do seu deboche e largo a sua mão.

— Nunca é por mal.

— Eu sei, Jen.

Suspiro e volto a beber a minha cerveja.

— E a Lauren? — Noah questiona.

— Ela ia tentar dar uma passada no *Fight*, mas eu acho que não conseguiu, pois eu não a vi. — Penélope declara.

— Tem possibilidade que ela não tenha vindo conosco por causa da Lewis?

— Não, Jensen. — Oliver murmura.

Ele me olha torto e eu pouco me importo com isso, pois eu sei da dificuldade da Lauren em estar no mesmo ambiente que a princesinha da máfia. Rio sozinho chamando a atenção dos demais e os olhares questionadores recaem sobre mim.

— Qual o motivo desse risinho? — Penélope me questiona.

— Estava lembrando da sua cunhada na festa de sexta-feira.

— Em relação a que?

— A fantasia que ela estava.

Oliver me olha torto mais uma vez.

— O que você quer dizer com isso? — Ele me questiona.

— Sobre a possibilidade que ela estava realmente armada.

— Jamais! — Penélope exclama. — O meu irmão jamais aceitaria isso.

Dou de ombros.

— É algo a se imaginar, depois de quem ela já foi e possivelmente é, no fundo.

— Ela mudou, todos nós vemos isso.

Decido não falar mais nada e volto a comer. Falar da Emily é algo difícil, pois eu deixo claro que eu não confio nela e sempre espero que a princesinha da máfia volte a ser quem sempre foi.

— Contaram a novidade para a sua mãe, Oliver? — Noah pergunta.

— Sobre o casamento? Contamos.

— De início ela ficou em choque, mas amou a novidade. — Penélope declara.

— Sempre foi o sonho dela.

Penélope acena, concordando comigo e pede licença em seguida, ao avisar que irá ao banheiro. Oliver a observa se distanciar e suspira ao voltar a sua atenção para nós.

— Eu não queria ter ido até lá, mas era necessário por causa da Stephany.

— E como ela está?

— Bem, e a cirurgia já é amanhã.

Eu tinha me esquecido disso.

— E como foi estar lá, depois de tudo o que a sua mãe lhe disse?

Oliver manea a cabeça para os lados ao respirar fundo.

— Um saco, como sempre. — Ele declara. — O meu pai falando merda, o amigo idiota dele olhando mal-intencionado para a Penélope.

— E você, o que fez? — Noah questiona.

— Nada, por causa das meninas e da Penélope, mas eu tive vontade de arrebentar a cara daquele idiota.

É visível o ódio no seu tom de voz, e eu o compreendo. Penélope volta para a nossa mesa e continua a nos contar como foi a visita à casa dos seus sogros. Os minutos correm, assim como a nossa conversa flui e eu só me dou conta do tempo, quando o casal anuncia que estão indo embora e eu decido ir também. Nós pagamos o consumo, saímos do estabelecimento e eu me despeço da minha princesinha com um abraço apertado. Aceno para o Oliver, bato o meu punho contra o do Noah e entro no meu carro. Eu estou exausto mentalmente, pois esses últimos dias foram uma enxurrada de informações e deveres a serem resolvidos, e amanhã já terei que iniciar uma nova semana na agência. Além disso, eu terei que ir com a minha mãe até o advogado e começar a resolver todas as pendências.

[...]

— Bom dia, Ky.

Lhe direciono um pequeno sorriso e sigo para a minha sala. A ouço me seguir, eu me sento e ligo o meu computador.

— Oliver ligou avisando que não virá...

— Eu sei, a irmã dele ia fazer a cirurgia. — Lhe informo. — O meu irmão já chegou?

— Ainda não.

Reviro os meus olhos diante da sua informação e massageio a minha têmpora.

— Me traz um café, por favor.

Ela acena e sai da minha sala fechando a porta. Antes de sair de casa, eu tentei falar com a minha mãe, mas ela estava dormindo e eu lhe deixei um recado através da Rosi, para que ela me informasse o horário que iremos ao advogado. Em poucos minutos, a Ky me entrega o copo de café, e me avisa que o meu irmão já chegou. Eu seguro o copo entre as minhas mãos, saio da minha sala e entro na sala do meu irmão. Ele levanta o olhar ao perceber a minha presença e acena suavemente.

— Eu achei que não viria pela manhã.

— Por que achou isso? — Questiono antes de beber um gole do meu café.

Sinto vontade de fumar, entretanto eu não posso, pelo menos por enquanto, até encontrar a minha mãe e irmos até o advogado.

— Você não ia resolver detalhes sobre a separação?

— Irei, ainda. — Respondo. — Estou esperando a dona Sarah me informar o horário.

— Eu não pretendo ir junto, pois eu irei almoçar com o nosso pai.

— Você soube que eu já conversei com ele, né?

— Sim, eu soube. — Ele suspira. — É bom eu ter logo essa conversa com ele, pois eu e a Lola estamos dispostos a marcar a data do nosso casamento.

— Eu achei que iam esperar mais, já que estão noivos há séculos.

Ele ri do meu deboche.

— Lola estava na faculdade, nós estávamos trabalhando com o nosso pai e eu precisava de uma estabilidade.

— Algo mais?

— Ah... — Ele encolhe os seus ombros. —, casar é dar um passo muito importante e nem um de nós estávamos com pressa de realizar isso.

— E qual o motivo de quererem agora?

Ele desvia o olhar ao sorri.

— Eu não posso contar ainda.

— Não pode contar? — Questiono o fazendo assentir. — Ah, vai a merda!

Ele ri.

— Nós queremos contar juntos.

Arqueio uma sobancelha ao demonstrar impaciência com esse segredinho, resmungo que tenho que ir trabalhar e saio da sua sala. Eu vou até a recepção, noto que o ambiente está tranquilo e a Ky está falando ao telefone. Então, eu volto para a minha sala, fecho a porta e me sento na minha cadeira. Imediatamente o meu olhar recai sobre a gaveta que sempre está trancada e me lembro do que está guardado ali dentro. Respiro fundo e desvio o meu olhar. Termino de beber o meu café enquanto leio os meus e-mails, e de repente chega uma nova mensagem da minha mãe, contendo apenas o endereço e a hora.

Eu espero que esse advogado seja competente e que resolva a burocracia da separação o mais breve possível. Não é questão de pressa, mas a questão é não enrolar algo que já foi colocado um ponto final. Dois toques em minha porta chamam a minha atenção, a Ky entra acompanhada de um cliente e eu o cumprimento. E assim a minha manhã passa em segundos, atendo cinco clientes e quando me dou conta do tempo, já é hora de eu ir encontrar a minha mãe.

Passo na sala do meu irmão, descubro que ele já saiu e eu aviso a Ky que irei demorar a voltar. Eu entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e acelero rumo ao meu destino. A minha mãe poderia muito bem resolver isso sozinha, mas eu tenho o prazer de estar com ela e demonstrar que pode contar comigo. Nesse tempo que se passou eu fui muito omissos há diversas coisas, até mesmo me coloquei acima de tudo e de todos, visando apenas os meus problemas. E foi exatamente isso o que aconteceu nos dias que a minha mãe quis nos contar sobre a separação, mas eu estava atordoado com os meus problemas. Estaciono o meu carro diante do prédio imponente e aciono o alarme após descer do automóvel. Encontro a minha mãe na recepção e seguimos para o elevador.

— E o seu irmão?

Ela aperta o botão do sétimo andar e me direciona um pequeno sorriso.

— Está de segredinho. — Resmungo a fazendo franzir o cenho.

— Como assim?

— Ele disse que tem algo para contar, mas tem que ser junto com a Lola. — Dou de ombros ao demonstrar que não me importo mais. — E ele foi almoçar com o nosso pai.

Nós saímos do elevador diante de uma pequena recepção e a minha mãe se identifica para a moça que está sentada atrás do balcão. Ela nos informa que a doutora Thurman já irá nos atender e então eu me sento.

— Você já almoçou? — A minha mãe me questiona.

— Ainda não.

— Irá para casa?

— Não, tenho muito trabalho ainda.

— Olá.

Eu levanto o meu olhar ao ouvir uma suave voz e vejo uma moça. O seu cabelo ruivo está preso numa trança lateral, em seu corpo tem uma calça jeans justa as suas curvas e uma camisa social azul tem as mangas dobradas até os seus cotovelos. Sim, eu estou a observando perfeitamente, pois sinto que a conheço de algum lugar.

— Seja bem-vinda, senhora Brown. — Ela nos recepciona amigavelmente. — Eu sou a Charlotte Thurman.

Ela me parece ser extremamente jovem para ser uma advogada formada.

— Escolheu uma estagiária para resolver a sua separação? — Questiono num tom baixo à minha mãe.

— Eu não sou estagiária, eu sou a dona desse lugar aqui e já sou formada há alguns anos. — A doutora resmunga ao me olhar.

— Desculpe o meu filho, mas eu entendo o motivo do questionamento dele, a senhorita é muito jovem.

— Obrigada pelo elogio. — A advogada apenas sorri e me olha por longos segundos, antes de voltar a atenção para a minha mãe. — E o que lhe traz aqui?

— Eu quero entrar com o processo de separação.

— Ambos os lados desejam o mesmo?

— Sim. — A minha mãe afirma.

— Certo. — Ela sussurra e mexe em algumas pastas sobre a sua mesa. — Eu irei precisar de alguns documentos, e que me informem os bens em conjunto que vocês adquiriram quando estavam casados.

Em seguida ela entrega uma folha para a minha mãe, aonde está escrito tudo o que é necessário que seja anexado ao processo.

— Nós queremos uma separação tranquila, pois quando decidimos que era melhor encerrar o nosso casamento foi algo muito bem pensado e conversado para que tudo ficasse bem.

— Ótimo isso, pois eu odeio ter que resolver divórcios conturbados, brigas longas por causa de bens. — A ruiva resmunga debochada.

Eu não consigo desviar o meu olhar dela, pois tenho a impressão de que a conheço de algum lugar. Ela percebe que eu estou a observando e fica séria.

— Eu te conheço de algum lugar. — Declaro.

— E eu nunca vi o senhor anteriormente. — Ela murmura.

Talvez eu esteja a confundindo com outra pessoa, então decido ficar em silêncio e deixo que a minha mãe converse com a sua nova advogada. No fundo, eu sinto que há grande probabilidade de eu estar certo. Poucos minutos depois a senhorita Thurman nos acompanha até o elevador e acena com a mão, ao se despedir de nós. Assim que já estou sozinho com a minha mãe, eu pego o papel de sua mão e confiro tudo que é necessário a ser informado. Ler este papel me faz lembrar da reunião que a Lewis fará com todos no *Fight*.

— Quem lhe indicou a senhorita Thurman?

— Eu conheço a mãe dela, também era advogada. — A minha mãe franze o cenho ao me encarar. — Você não a conheceu?

— E por que eu deveria?

— Porque ela era advogada da Margareth.

Eu lhe devolvo o papel e fico em silêncio. Eu vi apenas uma vez a advogada da Maggie, foi quando nós resolvemos a burocracia

do apartamento de Nova Iorque, e foi algo rápido e eu nem se quer me lembro direito do rosto daquela mulher. E não foi nesse momento que conheci essa ruiva, foi em outro momento, eu tenho certeza disso.

— Deveríamos ir almoçar.

Sugiro tentando dispersar o assunto que envolva a Margareth.

— Eu acho uma boa ideia.

— Em casa ou em algum restaurante?

— Restaurante, por favor, filho.

— Então iremos no de sempre.

Ela acena concordando, saímos do elevador e devolvemos o passe a recepção principal.

— Você a conhece mesmo?

Nós entramos no meu carro, eu coloco o cinto de segurança e nos levo rumo ao restaurante.

— Sim, e eu irei me lembrar de onde nós nos conhecemos.

— Talvez já tenham tido algum envolvimento.

Rio da sua sugestão.

— Impossível, pois se tivesse acontecido isso, eu me lembraria muito fácil.

A vejo revirar os olhos devido a minha resposta.

— Eu odeio que seja assim, eu gostaria que você se tivesse algo sério com alguém.

— Eu tentei, mas não deu certo.

— Eu espero que você não esteja se referindo a Margareth. —

A minha mãe resmunga.

— Sim, eu estou. — Anúncio. — Se ela não tivesse sido assassinada e estivesse aqui, livre do James. O nosso relacionamento não seria aceito?

— Não é essa questão, mas eu não concordo como se iniciou.

— Em eu sendo amante?

A minha mãe percebe o meu tom irônico.

— Eu jamais aceitaria um filho ser isso.

— É, mas eu fui.

Por mais que ela não aceite, mas essa é a verdade: eu fui amante. Em poucos minutos estaciono o meu carro diante do

restaurante, nós adentramos no estabelecimento e a minha mãe escolhe a nossa mesa. O garçom nos entrega os cardápios e fica aguardando para anotar os nossos pedidos. Eu peço um filé mignon ao molho de maracujá, acompanhado com uma pequena porção de arroz e legumes selados. A minha mãe pede uma salada Ceasar de entrada e macarrão à carbonara como prato principal. E ela decide que nós iremos beber suco de laranja, pois segundo ela, eu estou dirigindo e não devo beber nada alcoólico, além de que eu ainda vá trabalhar mais tarde. Sinto o meu celular vibrar em meu bolso, o pego e estranho ao ver que o Dom está me ligando.

— Oi.

— Oi, Jensen. Tudo bem?

— Está e por aí, aconteceu algo?

— Não, nada. — Ele murmura. — Aliás, eu preciso de uma ajuda sua.

— Se estiver ao meu alcance.

— Você tem um apartamento em Nova Iorque, não é?

— Tenho.

Por que será que ele está querendo saber disso?

— E onde ele está localizado? — Ele me questiona.

— Por quê?

— É porque eu vi que irá acontecer algumas lutas em Nova Iorque e eu queria ir, porém quero ficar perto do local e me lembrei que você tem um apartamento lá e que poderia me ajudar.

— Ah, eu acho que vi algo sobre isso. — Minto.

Eu não estou sabendo de nada, mas quero dar corda para entender o motivo desse questionamento de repente.

— E onde ele fica?

— Irá querer ficar no meu apartamento? Creio que a Lewis não irá gostar de ter uma ajudinha da minha parte. E eu conheço uma boa rede de hotéis lá...

Ouçó a sua risada fraca.

— Ela não irá, pois tem as questões do *Fight* e é por isso que eu não escolhi nenhum hotel.

— Entendi. — Sussurro. — O meu apartamento fica na 15 Union Square E.

— Obrigado. — Ele agradece de imediato. — Eu vou tentar me organizar para ir, então em breve eu te aviso.

Em seguida ele se despede e encerra a ligação.

— Aconteceu algo?

— Dominic estava querendo saber do meu apartamento de Nova Iorque.

— E qual o problema nisso?

— Eu tenho as minhas suspeitas que a informação não era para ele mesmo.

Eduard já deve ter descoberto sobre o apartamento da mãe e deve ter desconfiado de mim no mesmo segundo.

[...]

Ontem, terça-feira eu trabalhei no período da tarde, pois durante a manhã eu ajudei a minha mãe a organizar os papéis que ela precisa entregar para a advogada ainda essa semana. Hoje, quarta-feira, o dia está sendo mais tranquilo e a minha mente continua a trabalhar fervorosamente, pois a noite terá reunião no *Fight*.

— E o nosso pai, também já deu entrada no pedido de divórcio. — Leon me avisa.

— Logo tudo estará resolvido.

— E a advogada é competente?

— Eu a conheço de algum lugar. — Comento.

— Como assim? — Ele ri surpreso.

— Eu a conheço, tenho certeza disso, mas ela negou e ficou indiferente.

— Oh céus!

Ouço a porta se abrir, observo o Oliver entra na sala do meu irmão, se senta ao meu lado e o analisa. Ontem o Leon esteve doente, por isso não veio trabalhar e deixou os seus afazeres para mim, mas eu acabei me esquecendo e não fiz nada, pois a minha mente estava focada em outra coisa, ou melhor, em outra pessoa. Ainda estou tentando me lembrar de onde eu conheço aquela advogada, eu tenho certeza de que já a vi.

— Está melhor? — Oliver o questiona. — Ky me disse que você estava doente.

— Estive gripado, fui até parar no hospital. — Leon comenta. — Pensávamos que você ia chegar mais tarde pela sua irmã.

— Ela já está melhor, muito melhor. — Oliver resmunga. — Acreditam que a Stephany e o Eduard estão próximos?

— Como assim próximos?

Essa é a informação mais aleatória que eu estou ouvindo.

— Próximos. — Ele com desgosto. — Não gosto, mas não posso impedir.

— Claro que pode.

— Stephany fez questão de me dizer que, ela faz as escolhas dela. Eu avisei que ele quer levá-la para cama e ela me irritou quando basicamente disse que não se importava de ir ou que poderia querer ir... e até mesmo que ela já pode ter ido.

— Que merda. — Leon murmura.

— Ordena ao Lewis para que ele fique longe da sua irmã.

— Não vou fazer isso, Jensen. Se a Stephany quebrar a cara com ele, eu vou quebrar a cara do Eduard.

Tantos homens para ela se envolver, foi cair logo na lábia do aprendiz de mafioso?! Certo, eu sei que tenho que parar de taxá-lo assim, já que segundo informações do meu amigo, o seu cunhado é uma nova pessoa. Dois toques na porta chamam a nossa atenção, a Ky entra e informa ao Oliver que tem uma ligação para ele, o fazendo sair do escritório do meu irmão. Com isso, o Leon volta a sua atenção para mim e arqueia uma sobrancelha.

— E então, conhece a advogada de onde? — Ele me questiona.

— Eu não me lembro.

— Talvez ela tenha assistido alguma luta.

— Eu acho improvável, pois ela não parece ser o tipo de gente que vai até locais do tipo como o *Fight*.

— Então poderia ser uma de seus casinhos?

— Não. — Nego imediato. — Eu me lembraria.

Leon e minha mãe são extremamente parecidos, e momentos como esse só contribuem para deixar a *igualdade* mais evidente.

— Eu não tenho ideias de possíveis sugestões para te ajudar a lembrar de onde a conhece.

Rio suavemente, pois a sua ajuda não é necessária, ainda mais que ele nem se quer a viu.

— E como estão os preparativos? — Eu lhe questiono.

— Tudo em ordem.

— E a tal novidade que quer contar junto com a Lola?

— Ah... — Ele sorri. —, seria um bom momento após a reunião do *Fight*, já que todos iremos para casa.

— Tanto segredo. — Resmungo o fazendo ri.

— É algo bom, muito bom.

Eu não consigo imaginar o que possa ser, mas ele me parece estar feliz e animado com esse segredo, apesar de estar com a mente abarrotada de coisas referentes ao casamento. Troco mais algumas palavras com o meu irmão, e volto para o meu escritório. Fecho a porta, me sento em minha cadeira e esfrego uma mão na outra. A minha vontade era conversar com o Dominic e saber sobre essa reunião antes dela acontecer, pois eu gostaria de estar preparado para o que está por vir, já que dá Lewis eu espero de tudo, mesmo que eu sempre esteja com um pé atrás.

O meu dia de trabalho passa lentamente, mesmo que tenha sido completamente atarefado, já que pesquisei algumas melhorias para realizar na agência, assim como novos meios de transportes. Eu estou com uma boa ideia em termos a opção de táxi-aéreo, por exemplo ter pelo menos dois helicópteros para fazer o transporte para empresas privadas e públicas. Eu sei que muitos empresários da cidade tem o seu próprio transporte particular, porém, eu vejo que essa é uma solução imediata caso haja algum imprevisto a esses empresários. Eles iriam saber que podem contar com a agência Brown & Brown.

No final do expediente, eu saio da agência e vou diretamente para o *Fight*, já que a reunião foi marcada para antes do início das lutas dessa noite. Estaciono o meu carro diante do estabelecimento, pego os meus pertences e saio do automóvel. Estou com fome, cansado e sem um pingo de paciência, tudo o que eu mais desejo é tomar um banho e dormir. Cumprimento os seguranças que estão

na porta, atravesso a área do octógono e vou para onde irá acontecer a reunião. Encontro o meu irmão subindo a escada, e nós entramos juntos no camarote. Eu já imagino que o clima não será nada agradável, ainda mais após a Emily ter usado um laranja para conseguir boa parte da porcentagem que estava nas mãos do Anthony.

Leon cumprimenta os Lewis, o meu olhar cruza com o *dele* e eu noto a sua mandíbula travar. Estão vendo que é ele que me odeia? Tão desnecessário! Eu me sento ao lado do meu irmão e observo ao meu redor. Emily está sentada na ponta da mesa, com uma pequena pilha de envelopes ao seu lado e ela parece ansiosa. Eu não tenho a menor ideia do que possa vir a acontecer, contudo, eu já imagino possíveis atritos, pois o Anthony deixou claro que não aceita o que está acontecendo.

— Vocês chamaram todos os lutadores ou apenas nós, os 5M?
— Leon questiona.

— Apenas vocês, com os demais eu converso depois. — Emily informa.

— E então? — Ele questiona mais uma vez.

— Tenham calma. — Ela pede num resmungo.

A porta se abre novamente, o Noah entra e logo em seguida o Anthony. Ele não faz questão de cumprimentar ninguém, se senta na ponta da mesa e suspira.

— Você agiu como uma cobra, sorrateira. — Anthony acusa.

— E você agiu como? — Eduard o questiona.

— Você está insinuando algo? — Ele me questiona.

— Me responda você.

Noto que a Emily direciona um olhar de aviso para o irmão, e o Anthony não esboça nenhuma reação, muito menos palavras. Enfim o Oliver adentra na sala de reunião, e se senta de frente para o meu irmão, que está ao meu lado. O aprendiz de mafioso está sentado de frente para mim e eu nem se quer o olho, pois o ódio é declarado em pleníssima clareza. Noah está sentado ao meu lado direito, e resta apenas uma cadeira e é para o Dominic, que até agora não deu o ar da graça.

— Só falta o Dom..., aliás, onde ele está? — Anthony questiona.

— Já deve estar vindo. Eu não estou com pressa, mesmo.

Emily deixa claro a sua ironia, mesmo estando ansiosa e se inclina na direção do Oliver. Eles se consideram como irmãos, e o Oliver cuida muito bem da Emily desde o início. A atenção de todos é roubada quando o Dominic entra na sala e se senta ao lado da namorada. O silêncio é perturbador, pois todos estão aguardando o pronunciamento da Lewis, já que foi ela que convocou essa reunião.

— Eu comprei quarenta por cento do comando do Anthony sobre o *Fight*, assim eu sou a sócia majoritária e irei comandar praticamente tudo. — Emily anuncia. — Anthony tem apenas dez por cento e, o meu irmão continua com vinte e cinco. Eu serei responsável pela carreira do Dom e do Ed a partir de hoje...

— Com isso, os 5M se desfizeram? Pois, Anthony que era o responsável por nós. — O meu irmão comenta pensativo.

— Vocês continuam sendo os cinco melhores, independente com quem estejam. — Ela informa.

— E o que vai acontecer agora? — Noah questiona.

— Vocês podem escolher entre duas coisas. Deixam eu ser empresária de vocês, ou ficam com o Anthony, mesmo ele não tenha nenhum comando.

— Eu vou ficar com o Anthony.

Independente de como será, eu confio no Anthony e assim sempre será. Emily chegou agora e já está colocando as suas asinhas de fora, tendo a probabilidade de fracassar a carreira daqueles que confiarem nela.

— Ótimo. — Emily debocha ao me encarar. — E os demais?

Ninguém fala absolutamente nada, pois, ao contrário de mim, eles estão pensando primeiro e só depois irão proferir as suas decisões.

— Anthony fez muito pela gente desde o início, principalmente por mim, mas algumas coisas vieram acontecendo me deixando um pouco irritado com o trabalho do Anthony...

— O que, Dominic? — Anthony questiona irritado ao interromper o meu amigo.

— Você fazendo preferência entre nós cinco. Você estava fazendo de mim o seu queridinho, e eu não aceito isso. Quando eu voltei para cá há mais de um ano, eu trouxe os rapazes comigo e você nos teve de volta, pois era o que mais almejava. — Dom fala o encarando.

— Você está enganado. — Anthony informa com deboche. — Eu não faço preferência entre vocês, Dominic.

— Isso não importa nesse momento. — Emily resmunga. — Dominic é meu lutador, assim como o Eduard.

— Você está jogando alto Emily, e pode acabar se quebrando. — Anthony murmura.

— Não vou Anthony e sabe o porquê? Eu sei o que eu faço, não dou preferência e vou crescer ainda mais o *Fight*. Algo que você não fez quando era dono. — Emily informa prepotente e pega os envelopes. — Aqui está a minha proposta para todos. Analisem e decidam se vão para o meu time ou ficam com o Anthony.

— Vamos ver o que vai acontecer, Lewis. — Anthony resmunga.

Emily entrega gentilmente para o Leon, em seguida para o Noah e quando chega na minha vez – por mais que eu já tenha deixado claro que não é do meu interesse –, ela bate a mão na mesa com o envelope. Eu a encaro e ela sorri cinicamente, antes de ir entregar o envelope para o Oliver.

— Eu te quero no meu time, Oliver. — Emily declara.

— Eu preciso pensar, Emily. — Ele a informa.

— Eu sei e te dou o tempo necessário para isso. A proposta é boa para todos.

— Penélope está envolvida nessa proposta? Pois, se estiver, Oliver aceita sem pensar. — Leon debocha.

— E no seu, tem o casamento com a Lola. — Oliver rebate

— Não preciso colocar Penélope como uma bonificação para ele e muito menos Lola para você, Leon. — Emily ri.

— Se minha irmã ouvisse isso, iria rolar briga. — Dom comenta divertido. — Vamos voltar ao assunto do *Fight*.

— É melhor. — Emily concorda. — É apenas isso a reunião. Peço que vocês analisem as propostas e decidam até sexta-feira.

— Vamos escolher a proposta que mais nos agradar. — Leon informa após me olhar.

Ele tem que falar por si próprio ao invés de tentar me envolver em sua decisão.

— Obrigada pela presença de todos. — Emily agradece.

Anthony vai embora sem se despedir de ninguém, o Noah informa que precisa ir se preparar, pois ele ainda irá lutar hoje e o meu irmão se despede de todos, pois precisa ir se encontrar com a Lola. Eu encaro o envelope por longos segundos, me levanto de onde estou sentado e seguro a proposta em minhas mãos.

— Por que você está fazendo isso?

Mantenho o meu olhar fixo na Lewis, pois quero uma resposta decente.

— Anthony está afundando o *Fight*.

— Impossível. — Resmungo.

— É a verdade. Anthony está roubando dinheiro de vocês. — Emily informa nos surpreendendo e olha para o Oliver. — Desculpa perguntar, Oliver, mas quanto você ganhou na sua luta com o meu irmão?

— Sete mil.

— O certo é cada um ganhar dez por cento em cima das apostas, não é? — Ela questiona fazendo todos nós concordarmos. — As apostas na sua luta com Ed foram de quase cento e cinquenta mil dólares...

— Era para Anthony ter me dado quinze mil dólares. — Oliver comenta.

Que merda o Anthony está fazendo?

— Mais os seis mil que é um salário fixo de vocês. — Ela lembra.

— Ele me pagava apenas três mil e esse mês não me pagou.

Graças a mim, o Oliver tem uma renda fixa que dá para se manter.

— E o dinheiro da bilheteria não está sendo usado para reformas necessárias, ele está sumindo. — Eduard informa.

— Eu estou retirando o Anthony gradualmente daqui devido aos roubos. — Emily informa. — Eu não irei acusá-lo e nem o

denunciar, apenas afastá-lo.

— Jensen, o melhor para todos nós é nos afastarmos do Anthony. — Dominic comenta.

— Eu entendo a sua aversão a mim e ao meu irmão, mas é a sua carreira que está em jogo. — Emily lembra.

— Se ficarmos separados, Anthony pode querer fazer com que lutemos um contra o outro. — Oli declara.

— Oliver está certo. — Dominic concorda.

— E-eu... — Encaro o envelope em minhas mãos e suspiro. —, preciso pensar. Mudar assim, não é nada simples.

— Pense, por favor. Esqueça o seu problema com os Lewis e que você era amante da senhora Lewis. Apenas pense em sua carreira como lutador. — Dominic me pede.

Nossa, super fácil. Reviro os olhos ironicamente, mas aceno contragosto e saio da sala. Desço a escada, aceno para o Noah que está prestes a subir no octógono e saio do *Fight*. Entro no meu carro, coloco o envelope no banco ao lado e dirijo rumo a minha casa após colocar o cinto de segurança. Espero que a conversa que o meu irmão quer ter com todos seja algo rápido, pois amanhã cedo eu irei ir visitar algumas cidades vizinhas para investigar o valor da minha nova ideia relacionada a agência. E eu não posso esquecer de comentar isso com o Leon.

Em falar nele, espero que não venha tentar me convencer a concordar com a Lewis. Assim que me for possível, eu vou levar a proposta até o meu advogado e vou pedir para ele analisá-la. Eu estou completamente surpreso após saber das declarações acusatórias em relação ao Anthony, pois eu jamais poderia imaginar que ele fosse passar a perna nos seus lutadores – era assim que ele se referia a nós, os *5M*. Desde o início sempre ficou visível a preferência dele em relação ao Dominic, pois o meu amigo sempre mostrou que poderia ser o melhor dali e é o que ele é hoje, contudo, eu entendo a reclamação que levantaram durante a reunião e também concordo que nos últimos meses, o Anthony deu mais preferência ao Dom.

Atravesso o portão da propriedade, guardo o meu carro na garagem e vou rumo ao interior de casa. Largo a minha chave sobre

o aparador, ouço conversa e vou rumo a sala de estar. O meu irmão já está por aqui, acompanhado da noiva e eles estão conversando animadamente. Eu cumprimento a minha mãe ao dar um beijo no topo da sua cabeça e me sento ao seu lado.

— Chegou muito antes de mim.

— Eu saí primeiro que você. — Leon me lembra.

— Eu demorei pouco porque eu ainda conversei brevemente com os Lewis.

— Deu uma resposta?

— É lógico que não, eu vou dar a proposta para o Austin analisar.

— Eu já li e reli, mas eu ainda não me decidi.

— Será que é igual para todos? — Questiono.

— Creio eu que sim.

— É possível que aceitando a proposta dela, faça com que a minha luta contra o Lewis não aconteça.

Leon acena suavemente diante da minha suposição.

— Por que você quer lutar contra o Lewis? — A minha mãe me questiona, assustada.

— Porque foi ele que propôs isso há algum tempo e eu quero ter a minha oportunidade de nocautear ele.

Ela arregala os olhos assustada, eu sorrio debochado e Leon ri suavemente.

— É a verdade, mãe. — Ele declara. — Eduard desafiou a todos nós, por mais que Jensen esteja ansioso por isso devido a outros motivos.

— Não começa, Leon. — Resmungo.

E sempre é a mesma coisa, eu não dou esse tipo de liberdade.

— Conversem sobre o *Fight* depois, eu quero saber o que o casal quer nos contar. — A minha mãe declara impaciente.

Observo o meu irmão segurar na mão da sua noiva, ambos sorriem ao se olharem e em seguida olham para nós.

— Nós iremos nos casar em menos de um ano. — Leon anuncia.

A minha mãe acena positivamente, e continuamos em silêncio.

— E nós... vamos ter um bebê.

— Já estão planejando para após o casamento?

Lola ri diante do meu questionamento e nega ao balançar a cabeça.

— Então é para antes do casamento?

— É para daqui seis meses, sete meses mais ou menos.

A minha mãe se levanta num pulo e abraça o casal. Eu franzo o meu cenho tentando entender o que está acontecendo e fico parado no mesmo lugar ainda. O meu irmão franze o cenho ao notar que eu estou sem entender a situação, coloca a mão sobre o ventre da noiva e sorri.

— Eu serei pai, a Lola está grávida. — Ele declara.

— Ah... — Agora eu consegui entender. —, não era mais fácil falar logo assim?

Ele ri, eu o abraço o parabenizando e em seguida abraço a minha cunhada. Então esse era o segredo que ele estava guardando. Eu estou muito feliz pelo meu irmão caçula, aliás, estou muito contente pelo casal. Um filho é algo importante, e imagino que seja algo que irá unir ainda mais eles. Aperto o ombro do meu irmão e fico o encarando, enquanto rio de felicidade. É muito bom ver ele começar literalmente a sua família, algo que ele sempre almejou desde o início do relacionamento com a Lola. E ela, está demonstrando a sua alegria em cada olhar, gesto, fala e sorriso.

Isso me faz lembrar da breve conversa que a minha mãe tentou ter comigo, sobre eu ter uma família e eu já me sinto realizado por ver o meu irmão e amigos realizados. Dom construiu uma família – por mais que seja com a Lewis; essa frase contém ironia, pois eu não tenho nada contra –, Oliver está se acertando com a princesinha, tendo a oportunidade de ter uma linda família e o Leon está indo pelo mesmo caminho. E eu... estou feliz por todos.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO NOVE

*Talvez você pense que pode se esconder
Mas eu consigo sentir seu cheiro de longe
Como animais, animais, como animais-mais
Baby, eu sou
Então o que está tentando fazer comigo?*
Animals – Maroon 5

Eu saí durante a madrugada para ir até uma cidade vizinha, a qual estava acontecendo um pequeno evento sobre o ramo aéreo e decidi que deveria colocar o meu plano em prática mesmo que ainda não tenha conversado com o meu irmão. E por falar no Leon, ele me ligou no meio da manhã, me questionando onde eu estava, pois precisava de mim. E quando eu soube o motivo de seu motivo, revirei os olhos, pois era desnecessário para um nervosismo tão elevado que ele direcionou a mim. De início eu achei que era algo sério, mas ele estava precisando de mim, apenas para retirar as medidas para o terno de casamento.

Agora, já está no meio da tarde, estou chegando em casa e irei tentar conversar com o Leon, para colocarmos o meu plano em prática, mas somente se ele concordar. Talvez eu devesse chamar o Oliver, para também saber a sua opinião, já que nós três nos dedicamos diariamente a agência. Dou a seta, entrando na rua da minha casa e estranho ao ver um carro estacionado diante da propriedade. Cumprimento o segurança que está no portão e estaciono o meu carro na garagem de casa. Pego os meus pertences e todos os papéis necessários que eu peguei hoje durante o evento aéreo e entro em casa. Retiro o meu casaco enquanto caminho em direção à sala de estar e paro bruscamente ao ver que a minha mãe está com visita. A ruiva está sentada de costas para mim, o seu cabelo está solto e mesmo que eu esteja a alguns metros de distância, eu sinto seu perfume.

— Oi, Jen. — A minha mãe sorri ao notar a minha presença.

Eu me aproximo dela, beijo o topo de sua cabeça e olho para a advogada.

— Boa tarde, senhorita.

— Olá.

Eu estou encantado com a sua beleza, ela está sem maquiagem e é ainda mais bela. Os seus olhos parecem ser duas esmeraldas que reluzem ao contrastar com a sua pele e o seu cabelo de fogo.

— Demorou a voltar. — A minha mãe comenta, ao chamar a minha atenção.

— O evento estava lotado e eu precisava olhar com calma o que era do meu interesse. — Comento e olho ao redor. — Leon está por aqui? Eu vi o carro dele na garagem.

— Ele foi na cozinha pegar uma bebida para nós.

Eu coloco os papéis sobre a mesa de centro, peço licença e vou rumo a cozinha. Cumprimento a Rosi e apoio os meus braços no balcão.

— Eu te avisei que iria sair cedo e não que voltaria logo.

Leon revira os olhos.

— Me desculpe a grosseria, eu estava com a cabeça a mil.

— Eu espero que aquilo não se repita.

Ele ri irônico da minha ordem e coloca dois copos sobre o balcão.

— Você se lembrou de onde conhece a advogada?

— Ainda não.

— Ela é simpática e competente.

— E o que ela está fazendo aqui?

— Veio conversar com a nossa mãe sobre algumas informações que estavam faltando.

Eu olho na direção da sala de estar e vasculho a minha mente, tentando lembrar quem é aquela mulher. Eu volto a minha atenção para o Leon quando ele começa a me contar sobre o que aconteceu mais cedo e descubro que a Lauren ficou muito desconfortável ao ter que cuidar do filho do Dominic por alguns minutos. E isso me faz lembrar que ela me enviou uma mensagem avisando que irá dar uma passadinha aqui, pois está precisando conversar e eu já imagino que, o que aconteceu hoje, será uma das pautas. Informo

ao Leon que depois preciso conversar com ele sobre a agência, em seguida vou rumo ao meu quarto e fecho a porta.

Jogo o meu casaco sobre a cama, entro no banheiro e retiro a minha roupa. Ligo o chuveiro e deixo a água cair sobre o meu corpo. O meu irmão praticamente surtou mais cedo por uma má interpretação da parte dele, já que entendeu o inverso do que eu o tinha informado. E foi bom eu estar longe daqui, pois eu não queria ir retirar as medidas do meu terno na companhia de todos, enquanto conversam e tentam decidir o que irão vestir. Esfrego o meu couro cabeludo ao espalhar um pouco de shampoo, fecho os meus olhos e retiro a espuma. Em poucos minutos termino o meu banho, seco o meu corpo e vou rumo ao closet. Visto uma roupa casual, penteio o meu cabelo com os meus próprios dedos e saio do meu quarto em seguida. Ao entrar na sala de estar noto que a advogada ainda está aqui e resolvo me sentar ao lado esquerdo da minha mãe, já que o Leon está ao lado direito.

— Nós estávamos esperando você voltar. — A minha mãe me informa.

— Me desculpem, mas eu não sabia que precisam de mim para alguma coisa.

— É apenas uma pergunta. — A ruiva me informa. — A agência foi repassada para vocês através de um papel legal ou foi uma passagem informal?

— Informal. — Leon responde.

— Entendo. — Ela sussurra. — E então a agência continua sendo do senhor Brown até que ele morra e seja dada como herança, como está estipulado no testamento.

— Tecnicamente sim. — Declaro atraindo o seu olhar. — Entretanto, a direção foi nos passada e assim será até que se torne algo legal.

— Sim, eu sei disso, mas estou apenas querendo saber, pois será necessário que ele inclua a agência nos bens particulares.

— E em quanto tempo toda a burocracia será resolvida?

— Em até seis meses. — Ela responde. — Esse é o tempo máximo, ainda mais que em breve acontecerá um grande julgamento que fará todos os demais serem deixados de lado.

— Grande julgamento? — A minha mãe questiona.

— Sim, e em breve todos ficarão sabendo do que se trata.

Rosi entra na sala de estar chamando a atenção de todos, e me avisa que a Lauren chegou. A ruiva informa que ela já tem tudo que é necessário e que irá embora. Eu peço licença e me retiro para ir receber a minha amiga. Aguardo na porta principal, enquanto a Lau estaciona o seu carro e a minha mãe passa por mim acompanhada da sua advogada. A minha amiga acena na direção delas, as cumprimentando e anda na minha direção. Me abraça suavemente e sorri animada.

— Eu não sabia que você tinha a reencontrado. — Lau comenta.

— Do que você está falando?

— Da ruiva ali. — Ela responde e franze o cenho em seguida.

— Não era ela?

— Ela quem?

Franzo o meu cenho confuso com o que ela está dizendo.

— Aquela ruiva do bar do hotel em Las Vegas, que te deu um fora.

Levo o meu olhar na direção *dela*, a observo se despedir da minha mãe e em seguida me olha, mesmo que estejamos à metros de distância. Eu não estava enganado, eu sabia que a conhecia de algum lugar. Como eu pude demorar tanto tempo para lembrar que ela era a garota do bar? E eu tenho certeza de que ela sabe quem eu sou, porém, está fingindo que não.

— Eu sabia que eu a conhecia, mas não me lembrava de onde.

Lauren abre a boca demonstrando surpresa e sorri ao colocar a mão sobre o meu tórax.

— O destino deu um jeitinho de fazer vocês se reencontrarem.

Meneio a cabeça para os lados, nós entramos em casa e vamos diretamente para a sala de estar. Lauren cumprimenta o Leon, e prende o seu olhar no meu.

— Pare de me olhar com esse deboche.

— O que aconteceu? — O meu irmão questiona.

— Eu lembrei ao Jensen de onde ele conhece a ruiva. — Ela responde. — O que ela estava fazendo aqui?

— Aquela é a Charlotte Thurman, advogada da nossa mãe. — Leon responde e me encara. — De onde você a conhece?

— Las Vegas.

— Do dia do cassino?

— Do dia da luta do Dom, mas foi no momento que eu estava no bar com a Lau, fui falar com a Thurman e ela me esnobou.

Leon ri e a Lauren o acompanha. Eu não entendi o que é tão engraçado nessa situação, mas entendo que isso é uma pegadinha do destino. Tantos advogados nessa enorme cidade, e a minha mãe foi logo conhecer a Charlotte. E em falar nela, a minha mãe retorna para a sala de estar e se senta ao lado do meu irmão antes de segurar a mão dele.

— Do que estão rindo? — Ela questiona.

— A sua advogada esnobou o Jensen quando eles se conheceram em Las Vegas. — Leon lhe informa.

— Isso não é problema algum.

— Oi?

A minha mãe encolhe os ombros e sorri.

— Por que te conhecendo melhor, ela possa ter mudado de ideia...

— Pode parar com isso. — Ordeno ao interrompê-la.

— Se existiu algum tipo de interesse...

— E não foi mútuo. — Declaro ao interrompê-la. — E eu não quero nada com aquela mulher, ela passa a impressão que ainda é uma adolescente.

— Julgando as pessoas pelo fenótipo? — Lauren questiona irônica. — Pare de querer inventar desculpas esfarrapadas.

Reviro os meus olhos diante de sua provocação.

— Vamos conversar?

Ela acena diante do meu questionamento e nós vamos rumo a área externa. Nos sentamos no sofá debaixo da árvore, eu olho para o horizonte e observo o sol se por. A brincadeirinha que todos fizeram foi extremamente desnecessária, pois eu não tenho nem um pinga de interesse na Thurman. Ela é apenas a advogada da minha

mãe e mais nada. É linda? Ao extremo, mas me esnobou uma vez e eu não tenho mais interesse por ela.

— Aqui é tão lindo. — Lauren comenta.

— Por que esteve afastada por estes dias?

— Muito trabalho e estive dando atenção ao Damon. — Ela murmura.

Controlo a minha vontade de revirar os olhos e comprimo os meus lábios. Eu não gosto desse relacionamento, a minha amiga merece alguém melhor.

— Nem se quer foi na luta do Oliver.

— Eu não estava legal naquele dia.

— O que tinha acontecido?

— Estava triste comigo mesma, nada demais.

Afago o seu cabelo, ela deita a cabeça na minha mão e sorri suavemente.

— Eu fiquei sabendo do que houve mais cedo.

Ela volta a sua postura inicial e encolhe os ombros.

— Eu me senti um pouco mal, mas quando eu segurei o Andrew em meus braços, senti uma leveza incrível.

— Então, você está se dando bem com a Lewis?

— Nós agimos normalmente uma com a outra, somos meras conhecidas, apenas.

— Ela me odeia e faz questão de me irritar sempre que me vê.

— Comento.

— E vocês se veem bastante, não é?

— Mais do que eu gostaria. — Resmungo.

Ela ri.

— A porcentagem que você iria gostar seria a: zero.

— Exato.

— E agora, após a luta do Oli com o Eduard?

— Estou aguardando pacientemente para chegar a minha vez.

— Já estou torcendo desde agora por você. — Ela declara ao sorri. — E como ficará agora o *Fight*? Já que a Lewis o pegou de volta.

[...]

O fim de semana chegou, ou melhor, a sexta-feira chegou e eu já estou prestes a sair da agência e irei diretamente curtir a noite na companhia dos meus amigos – Lauren e Noah –, e o meu irmão também irá juntamente com a noiva. Os demais optaram por não irem, devido a tudo o que aconteceu nessa última semana. Os Lewis estão prestando depoimentos devido a tudo o que aconteceu enquanto o maldito estava vivo e é possível que as merdas que ele fez, recaia sobre os filhos. Pelo pouco que eu soube através do Oliver, é o Eduard que está tendo que ir diariamente na delegacia e fica por lá o dia inteiro, já a Emily foi poucas vezes e ficou por poucas horas.

Todos eles estão preocupados devido da possibilidade de o Eduard ser acusado e acabar sendo preso. Por mais que eu tenha os meus atritos com ele, eu não lhe desejo esse mal. Oliver acabou saindo mais cedo da agência, pois iria ajudar Penélope com a mudança, pois eles ainda não estavam morando junto. Eu tentei insistir para que eles saíssem conosco hoje, mas ele me informou que não dava e que talvez eles teriam que cuidar do Andrew, para que a Emily pudesse ir ficar um pouco com o irmão.

E o pior de tudo, é ter a imprensa em cima deles, montando guarda diante da delegacia e fazendo transmissões diárias. Eu não consigo imaginar o tamanho do transtorno que eles estão passando, e no fundo, eu sinto muito por isso estar acontecendo. Se a Margareth estivesse viva, ela não iria conseguir suportar a dor de ver os filhos terem que arcar com os erros do pai. Me assusto ao ouvir alguém bater na porta da minha sala, em seguida se abre e o Leon entra parcialmente.

— Nós já podemos ir?

— Até que fim. — Resmungo.

Pego os meus pertences sobre a mesa, e saio seguindo o meu irmão. Eu fecho a agência, ouço o meu irmão pedir para que eu o siga e eu entro no meu carro. Eu não sei para onde vamos, mas espero que seja perto, pois estou com fome e quero beber. Acelero pelas ruas movimentadas de Los Angeles, enquanto sigo colado ao carro do Leon. Enquanto mantenho a minha atenção no trânsito ao

meu redor, não consigo parar de pensar nas possíveis consequências desses depoimentos, pois com isso acontecendo, é impossível não pensar na Maggie. Com certeza, eles estão sentindo ainda mais falta dela neste momento, tão difícil e delicado.

Noto que o Leon dá a seta e demonstra que irá estacionar e eu respiro fundo ao ver onde estamos. Há anos eu não vinha até aqui e não pretendia vir tão cedo. Estaciono o meu carro na esquina, desço e encaro o estabelecimento diante de mim. A última vez que eu vim até aqui, estava decidido a me envolver com alguém para esquecer a Maggie e mesmo assim, sai com ela daqui e acabamos passando a noite no motel. Foi a última vez que estivemos juntos tão intimamente, e mesmo que eu lembre de algo que me afetou bastante, hoje tem um efeito diferente. É apenas uma saudade que eu carregarei para o resto da minha vida, pois a Maggie foi uma parte de mim.

Me aproximo do meu irmão, nós subimos para o terraço e noto que os demais já estão aqui. Bato o meu punho contra o do Noah, cumprimento a minha cunhada e me sento ao lado da Lauren, após beijar o topo da sua cabeça. Nós realizamos o nosso pedido, e eu respiro fundo ao olhar ao redor. Tudo continua do mesmo jeito, moderno e aconchegante.

— Eu adoro esse lugar. — Lola anuncia.

— Nós sabemos, pois todos nós amamos esse local desde a primeira vez que o descobrimos. — Lau comenta e me olha. — Todas as vezes que viemos aqui nos últimos meses você não veio, não é?

— Não vim e se eu soubesse que iríamos vir para cá, iria sugerir outro local.

— Por quê? — Leon me questiona.

— Eu tenho os meus motivos.

— Na última vez que viemos aqui você foi embora com... — Manéio a cabeça para os lados fazendo o Noah se calar.

— O que você não está querendo falar, Jensen? — Leon questiona, sem paciência.

— Algo meu. — Resmungo. — Eu achei que íamos sair para relaxar e não fazer uma sessão questionadora.

— Então diz o que aconteceu, pois eu estou cansado dos seus segredos.

Eu respiro fundo, apoio o meu queixo sobre os meus punhos e encaro o meu irmão. Ele está falando sério, e eu não quero causar discórdia e nem estragar os meus planos de relaxar ao ir embora.

— Eu encontrei a Margareth aqui, uma vez, dias antes de ela ser assassinada.

— Isso?! — Ele resmunga. — Não é difícil falar.

— É porque você não passou por tudo o que eu passei.

O garçom se aproxima de nós, coloca os nossos pedidos sobre a mesa e eu bebo um grande gole do meu chope. Lauren coloca a sua mão sobre a minha coxa e me dá um suave sorriso.

— Mudando de assunto, mas ainda sobre os Lewis. — Lola murmura e eu a olho. — Será que o irmão da Emily será preso?

— Eu, particularmente, espero que não, pois nem um deles merecem pagar por algo que o pai fez. — Lau expõe a sua opinião.

— Eu penso a mesma coisa.

— Deus me livre ter uma família assim. — Leon resmunga.

— E como está o bebê? Já o sente se mexer?

— Não, ainda não, está cedo para isso. — Lola informa. — Está bem, estou tendo uma gravidez saudável.

Lola ainda não tem nenhum indício que carrega um bebê em seu ventre, mas mudou radicalmente algumas atitudes, por exemplo, começou a comer tudo saudável, fazer exercícios físicos diariamente. E o Leon, está sendo extremamente cuidadoso, pois se fosse por ele, a noiva não andaria com as próprias pernas, ele iria carregá-la para cima e para baixo o tempo todo.

Assuntos aleatórios e diversos fazem o tempo correr, enquanto bebemos e comemos. O mal-estar por estar aqui e por ter falado da Maggie se desfez, entretanto, se eu parar por um segundo e olhar para dentro de mim, tudo voltará à tona e eu sei que será possível enxergá-la passando por aquela porta. Involuntariamente, eu olho na direção da entrada do terraço e antes que a minha mente possa projetar a imagem da Margareth, uma ruiva surge no meu campo de visão. Reconheço-a de imediato e fico surpreso com a sua aparição.

Abro a minha boca suavemente ao ficar impactado a sua aparição... ou seria beleza? Pois ela está deslumbrante.

— O que você está olhando, para estar com essa boca entreaberta? — Ouço a Lau me questiona.

Eu não lhe respondo, pois estou hipnotizado. Observo a Thurman olhar ao redor em busca de algo, e ela decide se sentar no balcão do bar.

— Eu vou ir até o bar.

— Pede para o garçom o que você quer. — Leon murmura.

— Eu prefiro ir até lá, é mais rápido.

— Me traz um drinque sem álcool, por favor, cunhadinho. — Lola me pede.

Eu irei colocar a prova agora se ela se lembra de mim ou está fingindo que não me conheceu em Las Vegas. Eu me levanto da mesa, a Lauren me dá um olhar de aviso e eu vou rumo ao bar. Paro estrategicamente ao lado da banqueta aonde *ela* está sentada e apoio os meus braços sobre o balcão. O barman está com a atenção na ruiva e nem se quer nota a minha presença. Eu finjo uma tosse, atraindo olhares e ouço *ela* resmungar algo em outro idioma.

— Eu quero um uísque duplo, e um drinque sem álcool. — Peço ao barman e olho para a ruiva ao meu lado. — Eu prefiro acreditar que você não se lembra de mim, ao invés de estar fingindo.

Ela se faz de indiferente diante da situação e bebe um pequeno gole do seu vinho branco.

— Eu me lembro de você: filho de uma cliente.

— Eu estou me referindo a Las Vegas. — Lhe informo. — Eu me lembro de você, ainda mais após ouvir a sua pronúncia em outro idioma.

— Em português, eu já lhe informei sobre isso. — Ela murmura ao revirar os olhos.

— Está vendo, eu estava certo de que nós nos conhecíamos.

— E o que você quer aqui, do meu lado?

Antes que eu possa responder, uma mulher para do outro lado da Thurman, chamando a sua atenção e se abana com as mãos

devido ao calor.

— Desculpe a minha demora, Mi. — Ela pede. — Eu não estava encontrando uma vaga para poder estacionar.

— Tudo bem, amiga.

Por que a moça a chamou de Mi? Sendo que o nome da ruiva é Charlotte.

— Você deveria voltar para a sua mesa, já que veio me informar que se lembrou de Las Vegas. — Ela resmunga ao me encarar.

— Por que ela te chamou de Mi? O seu nome não é Charlotte?

— Eu não lhe devo informações pessoais.

Ela me direciona uma piscadela, pega a sua taça e vai rumo a uma mesa, acompanhada de sua amiga. Eu não vir conversar com ela para ser esnobado mais uma vez, e muito menos para tentar algo. Eu apenas vim deixar claro que lembrei de onde nos conhecemos e acabei ficando curioso com um pequeno fato de sua vida. Decido ignorar isso, momentaneamente, pego os copos sobre o balcão e volto para a minha mesa. Entrego o drinque para a minha cunhada e me sento novamente.

— Nossa, demorou. — Ela reclama.

Eu a ignoro, pois seria capaz de eu lhe dar uma resposta bastante desagradável.

— Encontrei a advogada ali no balcão.

— Sério? — Leon me questiona. — Demorou porque estava conversando com ela?

— O nome dela não é Charlotte.

— Como não? — Ele ri desacreditado. — Ela tem a licença para advogar, tem a ABA.

— A moça que está com ela, a chamou de Mi.

— Talvez seja um apelido.

É talvez, mas eu estranhei. Passeio o meu olhar pelo ambiente em busca da Thurman, enquanto beberico o meu uísque e a encontro sentada numa mesa próximo a minha, e ela está totalmente absorta a conversa com a amiga. E antes que eu possa desviar a minha atenção, o seu olhar cruza com o meu e o sorriso que estava em seus lábios morre. Tenho a impressão de que ela

não gosta de mim, e isso é algo desnecessário, pois nós não nos conhecemos e ela não tem esse direito de desgostar de mim. Eu levanto o meu copo, fazendo um brinde silencioso e ela, surpreendentemente, levanta a sua taça brindando comigo.

— E o Damon, amiga? — Ouço a Lola questionar.

— Estava atolado de serviço, aí eu conseguir vir sozinha. — Lauren responde.

— Você não iria trazê-lo.

— Não mesmo. — O meu irmão concorda comigo. — Oliver não gosta dele e não é legal ele estar no meio da nossa turma.

— Eu sei, rapazes. — Ela suspira. — Eu também acho extremamente errado o que aconteceu, o que ele fez com a Penélope.

— E ele, finge que aquilo nunca aconteceu?

— Exato, ele age exatamente assim.

— Babaca. — Resmungo.

— Jensen. — Lauren me repreende num sussurro.

— Me desculpe, Lau, mas é a verdade.

— Eu sei, mas...

E então ela se cala ao encolher os ombros. Talvez ela possa gostar dele de verdade, aliás, ela gosta dele mesmo, mas eu não consigo ver a mesma entrega do lado oposto e eu já vi essa mesma situação acontecer outra vez, e o final não foi muito bom, por mais que seja finais diferentes. Se ele gostar da Lau, terá que fazer por merecer para estar ao seu lado, pois, caso ao contrário, é melhor estar o mais longe possível. Eu quero o melhor para a minha amiga, e sinto que o *melhor* não é aquele idiota estando ao lado dela.

Ao correr da noite, comemos e bebemos ainda mais. Eu sei que não deveria beber tanto se ainda vou dirigir, contudo, eu já estou acostumado com a situação, mesmo que seja absurdamente errado. Termino de beber o meu – sei lá quanto – copo de uísque e ouço o meu irmão informar que irá embora, pois a Lola está reclamando de sono. Decido ir embora também e o restante do pessoal acaba concordando. Saímos de nossa mesa, Lauren agarra o meu braço e nós atravessamos o terraço. Noto que a Thurman

não está aqui, apenas a sua amiga continua na mesa e agora está acompanhada por um homem.

Descemos para o primeiro andar, pagamos o nosso consumo e saímos do estabelecimento. O casal de noivos se despede de nós e vão embora. Lauren deita a cabeça no meu ombro e ri de uma piada do Noah, mas eu simplesmente não consegui ouvir porque a minha atenção está presa na ruiva que está parada a alguns metros de nós. Ela está com o olhar fixo em seu celular e parece despreocupada com a vida.

— Jensen... — Lauren me belisca.

— Oi?

Ela olha para onde eu estava olhando e arqueia a sobrancelha.

— Essa ruiva está roubando muito a sua atenção.

Agora é a minha vez de beliscá-la, pois ela falou extremamente alto e isso chamou a atenção da Thurman.

— Por que é tão difícil conseguir um carro por aplicativo? — Ela questiona raivosa.

— Nós podemos te dar uma carona. — Lauren a informa.

— Não, obrigada. Eu não quero incomodar.

— Não irá incomodar e não somos desconhecidos, aliás, o Jen não é.

Lauren ri, se afasta de mim ao se aproximar da Charlote e elas saem andando rumo ao meu carro, após *e/a* concordar com a carona. Eu não ofereci, mas não tenho nenhum problema ao lhe fazer um favor. Eu desligo o alarme do meu carro, e abro a porta do motorista.

— Você que é o dono? — Thurman me questiona.

— Por quê?

— Eu achei que fosse você, por isso aceitei. — Ela murmura ao encarar a Lau antes de voltar a sua atenção para mim. — Eu acho melhor tentar um carro por aplicativo...

— Ei, eu irei te dar uma carona. Sem problema algum.

Ela comprime os lábios enquanto decide se deve ou não aceitar.

— Eu só irei aceitar porque estou muito cansada.

Entro no meu carro sem expressar nenhuma palavra, muito menos expressão e todos entram no meu carro. Lauren e Noah se sentam nos bancos traseiros, e a ruiva se senta no banco do passageiro, ao meu lado.

— Aonde você mora?

— Duas ruas abaixo da sua casa. — Ela me responde suavemente.

Olho para os meus amigos pelo retrovisor.

— Eu vou deixar vocês em casa primeiro.

— Tudo bem. — Lauren concorda ao me dar uma piscadela.

O álcool não faz bem a ela, isso já ficou visível outras vezes. Eu a ignoro momentaneamente, coloco o meu cinto de segurança saio com o carro em baixa velocidade. Eu ainda não sei exatamente aonde a Thurman mora, pois, a rua que ela me informou é enorme, mesmo que tenha poucas casas.

— Jensen... — Ouço o Noah me chamar e eu o olho por poucos segundos. —, o Leon não tinha te avisado que iríamos vir nesse bar?

— Não, ele só me pediu para segui-lo.

— E como você se sentiu?

Respiro fundo e encolho os meus ombros.

— Pensei bastante na vez que eu estive ali, e por um segundo, eu quase mergulhei num mar de lembranças.

Percebo a Thurman me encarando com curiosidade, mas permanece em silêncio.

— E os Lewis pararam de encher o saco em relação a isso? — Lauren me questiona.

— Eles nem devem estar com tempo para pensar no que aconteceu, pois o Lewis ainda está prestando depoimentos.

— Ah, é! Eu tinha me esquecido.

— Foi por esse motivo que o Oliver e o Dominic não vieram? — Noah pergunta.

— Dom está a cada segundo ao lado da Emily, e ela está indo sempre para a mansão. E o Oliver, está ajudando-os ao ficar cuidando do Andrew.

— Todos vocês conhecem os Lewis? — Charlotte nos questiona.

— Sim. — Lau a responde.

Eu aproveito o semáforo vermelho e olho para *ela*. A flagro me observando e as suas bochechas ficam coradas. O seu cabelo está preso num coque, pouca maquiagem em seu rosto e em seu corpo tem um vestido de cor laranja. A gola é alta, os ombros ficam expostos e o comprimento da peça é até um pouco abaixo dos joelhos, contudo, é composto por tiras finas desde o meio de suas coxas. Eu volto o meu olhar para o seu rosto, mas fico hipnotizado em sua boca rosada naturalmente. De repente, a cabeça da Lauren invade o meu campo de visão e eu volto a olhar para frente, no mesmo segundo que o semáforo fica verde e eu acelero o meu carro.

— Você se lembra de nós em Las Vegas? — Lauren a questiona.

— Sim, eu me lembro de vocês. — Charlotte afirma.

— E o que estava fazendo lá? — Lau questiona mais uma vez.

— Estava a trabalho e vocês, estavam a diversão?

— Era uma luta do nosso amigo. — Respondo e empurro gentilmente a Lauren para o seu devido lugar. — Fique quieta aí atrás.

— Dominic, que é o namorado da Emily Lewis, que é dona do *Fight*. — Lauren a informa. — Você estava a trabalho, né? Jensen me contou que você é advogada.

— Sim, eu sou.

— E é solteira?

— Lauren! — Noah a repreende.

Charlotte me encara com o cenho franzido, pois, a Lauren está a bombardeando de perguntas.

— Pronto, Lau, já pode descer.

Paro o meu carro diante da sua casa, ela se inclina entre os bancos e dá um beijo na minha bochecha.

— Obrigada. — Ela agradece ainda com a boca colada em meu rosto. — Eu amo você.

Em seguida se afasta, acaricia a braço da Charlotte e a elogia antes de pular para fora do meu carro. Eu a espero estar completamente em segurança, e enfim eu continuo o meu trajeto. Noah está rindo da situação que a Lauren deixou aqui, a Thurman está assustada com essa aproximação indesejada e eu não sei o que devo fazer, muito menos como lidar.

— Era o efeito do álcool.

— Eu sei, estava visível. — Charlotte resmunga irônica.

Acelero um pouco mais, na intenção de chegar logo em casa, para descansar, pois a minha cabeça está começando a pesar. Ouço o Noah conversar com *ela*, assuntos aleatórios, como por exemplo, o *Fight*. Ele conta sobre as nossas lutas, explica como é o local e demais coisas banais. Charlotte ouve com atenção, e faz perguntas ao demonstrar interesse. Em poucos minutos paro o carro diante da casa do Noah, ele se despede de nós e desce, mas antes que possa se afastar totalmente, ele se apoia no meu lado da janela.

— Está tudo bem mesmo?

— Está. — Afirmo mais uma vez.

— Se precisar, pode contar comigo.

— Eu sei.

Bato o meu punho contra o dele.

— Irá ao *Fight* amanhã?

— Com certeza, estou precisando.

— E sobre aquele assunto?

Ele dá uma rápida olhada na direção da Thurman e em seguida volta a me olhar. Eu sei muito bem a qual assunto ele está se referindo: Day e Cheryl.

— Talvez eu resolva amanhã, mas irá depender da dinâmica que estará naquele lugar.

— Bem pensado. — Ele murmura. — Tenham uma boa noite.

— Boa noite, Noah. — Charlotte o deseja.

Observo o meu amigo entrar em sua casa, e eu continuo o trajeto, pois tenho que deixar a senhorita Thurman em sua casa. Agora só resta nós dois dentro do meu carro e eu sinto a atmosfera mudar. Existe calor um tanto excessivo, e eu fico surpreso, pois há

alguns minutos não estava assim, *ou eu que não o senti anteriormente?* O silêncio reina entre nós por longos minutos, e eu tento fazer com que o percurso seja o mais breve possível. Freio o meu carro bruscamente quando encontro uma fila de engarrafamento e praguejo mentalmente.

— O que será que aconteceu?

— Algum acidente, talvez. — Ela supõe.

— Que merda! — Resmungo. — Espero que não seja uma blitz.

Sinto o seu olhar recair sobre mim e eu a olho.

— Que merda! Você bebeu e eu entrei no seu carro.

— E qual o problema?

— Não se dirige bêbado, Brown.

É visível que a sua ironia é carregada de irritação.

— E eu não me referi a isso, mas sobre você ter entrado no meu carro.

— Por você estar bêbado e eu mal te conhecer, mas olha só, o que o cansaço e a pressa fazem com as pessoas.

Rio suavemente.

— Não me conhece?

— Não necessariamente, apenas sei que é filho da minha cliente.

— Então me conhece.

— Você sabe muito bem o que eu quis dizer. — Ela resmunga.

— Temos bastante tempo, já que a fila está quilométrica para poder acessar a avenida principal e não tem como fazer o retorno.

Ela revira os olhos e encara a janela ao seu lado.

— Eu não quero te conhecer. — Charlotte declara num murmúrio.

Ela é ofensiva e age na defensiva na maior parte do tempo.

— Então vamos ficar num terrível silêncio até conseguirmos sair desse engarrafamento.

— Isso é tortura. — Ela resmunga baixinho. — Eu prefiro ir a pé.

— E andar longos minutos por metros de distância às onze da noite, além de estar usando esse salto alto fino? Boa sorte.

O meu olhar que estava em seus pés, sobe por suas pernas e eu imagino o quão sedosas devem ser. O passeio continua por seu corpo, e quando ela levanta os seus braços ao se espreguiçar, a lateral do seu seio fica visível e a situação fica complicada para o meu lado.

— O que será que está acontecendo? — Ela me questiona.

Eu desvio o meu olhar e encaro a fila de carros na nossa frente.

— Talvez seja alguma reforma.

— Talvez seja alguém importante passando, por exemplo, o governador...

— Ele já está no inferno, não teria como ele passar aqui. — Declaro ao interrompê-la.

— Credo! Não se deseja o mal para as pessoas que já partiram.

Os nossos olhares se cruzam e ela arqueia uma sobrancelha.

— Eu não estou desejando, apenas deixando exposta a verdade.

— Notei que você tem um probleminha com a família Lewis.

— Eles que tem comigo.

Ela ri debochada.

— E a Lewis é namorada do seu amigo?

— Melhor amigo... — Corrijo-a. —, e eu tenho que suportá-la.

— Eu imagino que ela também tenha que te suportar.

Franzo o meu cenho surpreso com o seu afrontamento.

— Você não me conhece, nem se quer tem o direito de supor que eu seja uma pessoa de difícil convivência.

— Eu não supus. — Ela levanta as mãos em sinal de redenção. — Já que estamos presos aqui, me convença que você é uma boa pessoa.

— Por que eu tenho te convencer? E outra coisa, ninguém é bom, todo mundo tem o seu lado ruim, o seu lado tóxico...

— E é o lado que todos querem esconder.

— Exato.

— E o que você esconde? — Ela questiona, fazendo uma expressão séria tomar conta do meu rosto e eu desvio o meu olhar

do dela. — Existe algo e é o seu ponto fraco.

— O que você esconde?

Eu volto a encará-la.

— Eu não escondo nada, eu sou um livro aberto.

Eu duvido que isso seja verdade, todo mundo tem algo a esconder, por mais banal que possa ser.

— Isso não é verdade.

— É a mais pura verdade. — Ela declara. — Pode perguntar qualquer coisa.

— E quem me garante que você vai responder a verdade.

— Eu garanto, eu dou a minha palavra.

— Advogados são persuasivos e mentirosos.

— Quando estão dentro de um tribunal e em casos, apenas quando é preciso, mas aqui eu sou apenas a Mi... Charlotte.

E ela se corrige rapidamente, me deixando bastante intrigado.

— E mais uma vez eu ouço: Mi. — Encaro-a. — Qual o seu nome verdadeiro?

— Charlotte.

— Mentira.

— Não é mentira. — Ela ri sem humor. — O meu nome é Charlotte.

— E por que a sua amiga te chamou de Mi e você disse a mesma coisa há segundos?

— Por que é o meu segundo nome e somente pessoas muito próximas a mim, me chamam de Mi.

— Mi o que?

Ela suspira e cruza os braços embaixo dos seios, atraindo o meu olhar para eles.

— Miranda. — Ela anuncia.

— Charlotte Miranda?

— Charlotte Miranda Thurman. — Ela me informa. — Satisfeito?

— Bastante. — Lhe dou uma piscadela. — E eu vou te chamar de Miranda.

— Não!

— Por que não? É lindo e combina com você. — Declaro. — Charlotte também, mas Miranda se tornou o meu preferido.

— Para você é Charlotte ou senhorita Thurman.

— Tudo bem... — Um sorriso banha o canto dos meus lábios. —, Miranda!

Ela revira os olhos diante da minha resposta e bate as pontas das unhas contra o painel do meu carro. Eu estou atento a cada um dos seus movimentos, além de não conseguir parar de sentir uma magnitude entre nós. É estranho, porém, gostoso de sentir. A ouço suspirar, levo o meu olhar até o seu e a noto me analisando.

— Então você é lutador? — Ela me questiona.

— Sou.

— Desde quando?

— Há mais de dez anos.

— Não acha perigoso?

— Por quê?

Não entendi muito bem a sua pergunta.

— Levar tanta porrada deve ser prejudicial em algum momento.

— E quem disse que eu levo porrada?

Ela arqueia uma sobrancelha e eu rio.

— Eu senti uma pontada de presunção aí.

— Sinceridade.

Ela sorri sem falar nada, enquanto ainda mantém o seu olhar no meu. Assim como um imã, eu me aproximo lentamente, fazendo com que os nossos rostos fiquem próximos e de repente, ela se afasta, ao virar a cabeça para o lado oposto. Eu me afasto e aperto as minhas mãos no volante ao andar alguns metros com o meu carro.

— Vamos ficar aqui até que horas? — Ela questiona baixinho. — Está sendo torturante.

— A minha companhia?

O seu olhar recai sobre mim.

— Não. — Ela nega de imediato. — Estou me referindo ao trânsito, eu odeio trânsito.

— Entendi. — Sussurro.

Noto ela abaixar o quebra-sol, se observa através do espelho e passa a ponta do dedo indicador no canto do seu olho.

— Tem lenço nesse carro?

E antes que eu possa responder, ela abre o porta-luvas e sem pensar muito, eu me inclino em sua direção e fecho o pequeno compartimento num baque, a assustando.

— Não mexa aí! — Ordeno.

— Nossa! Me desculpe.

Eu pego a caixinha de lenço próximo ao câmbio, e a entrego. Eu não gosto que mexam nos compartimentos do meu carro, ainda mais alguém que não tem um por cento de intimidade comigo. Além de que, ali dentro tem uma foto minha com a Margareth. E eu não consegui me livrar dela, me refiro a deixar esta foto com as demais, que estão numa gaveta no meu escritório.

— Está tudo bem. — Resmungo.

— Não, não está. — Ouço ela opinar. — Você tem algum tipo de problema ou esconde algo muito perigoso bem aqui.

— Não é nada demais e eu não tenho problema algum. — Resmungo. — É apenas uma foto.

— E uma simples foto lhe causou tudo isso?

— Não é uma simples foto. — Resmungo num sussurro.

Miranda continua a me olhar fixamente e eu me sinto um tanto exposto. Ela é uma desconhecida para mim e não deve saber sobre nem um fio em relação a Maggie.

— É uma foto de alguém importante para mim e que morreu.

— Ah... — Ela abaixa o olhar. —, eu sinto muito.

De repente o trânsito flui, eu acelero o meu carro e consigo sair do engarrafamento. Ouço a Miranda me informar que o motivo da enorme fila foi devido a uma pequena cratera que se abriu, mas já está tudo devidamente arrumado.

— Onde é a sua casa?

— Entra na rua a sua direita, por favor. — Ela me informa e eu percebo que aqui é a rua aonde é a mansão Lewis e ao falar nela, passo diante da imponente propriedade e percebo que não tem nenhuma movimentação diferente. — É essa casa aqui.

Paro diante de um alto portão de madeira totalmente fechado e eu respiro fundo ao olhar para a minha passageira. Desço do carro, dou a volta e abro a porta para ela sair.

— Devidamente entregue, senhorita.

Eu seguro em sua mão, a ajudo a sair do carro e fecho a porta logo em seguida. Ela solta a minha mão, se encosta na lataria e descansa os braços em frente ao corpo.

— Obrigada pela carona e me desculpe.

— Tudo bem.

— E... — Ela se cala sem saber o que dizer, mas acaba sorrindo suavemente sem saber o que falar.

— Você mora aqui com os seus pais?

Observo por alguns segundos o portão da casa.

— Eles moram aqui, mas eu não.

— Então por que pediu para eu vir deixá-la aqui?

— Porque era mais prático, além de que, eu não quero que saiba aonde eu moro.

Reviro os olhos diante do seu deboche e dou um passo para trás me afastando.

— Eu já vim aqui e nunca te vi.

— Aqui, na minha casa? — Ela questiona confusa.

— Não, nessa rua.

— Eu moro um pouco mais para baixo, num apartamento.

— E não quer que eu saiba onde é. — Rio.

— Correto. — Ela bate em meu ombro, escorrega a sua mão pelo meu braço e é como se uma corrente elétrica percorresse o meu corpo. — Por que você se aproximou de mim em Las Vegas?

— Eu fiquei interessado por você, quando te vi...

— Nem sempre a aparência é tudo. — Ela declara ao me interromper.

— Eu sei muito bem e você me mostrou exatamente isso nas poucas conversas que tivemos.

— Me mostrei ser difícil, né?

Ela ri e ainda mantém a sua mão em meu braço.

— Não sei, não te conheço muito, mas você age bastante na defensiva.

Ela balança a cabeça concordando, e tomba a cabeça para trás, ao encarar o céu.

— Olha essas estrelas.

Levanto a minha cabeça e encaro o céu estrelado sobre nós. Está muito bonito e brilhante. Eu volto a olhar para a Miranda e a flagro me observando. As finas mechas do seu cabelo que estão diante do seu rosto balançam quando o vento bate contra nós e as coloco para trás.

— Você é naturalmente ruiva?

— Sim. — Ela responde suavemente.

— Toda ruiva? — Ela abre a boca chocada com a minha pergunta audaciosa e tenta se afastar, mas eu a seguro. — Me desculpe, essa pergunta foi devido ao álcool.

— Eu vou fingir que essa pergunta não aconteceu. — Miranda resmunga.

Sem pensar em nada e nem pensar nas possíveis consequências de nossos atos. Eu dou um passo em sua direção, me inclino para frente e aproximo os nossos rostos. Os seus olhos se fecham e isso é como permissão para que eu possa beijá-la. Selo os nossos lábios e as nossas línguas se encontram. Eu pressiono o meu corpo contra o seu, a deixando presa contra o carro e aperto a sua cintura.

As suas mãos apertam os meus braços, ela geme contra a minha boca quando sente o meu volume contra o seu ventre. Contudo, no segundo seguinte, ela me empurra com brutalidade e dá um tapa em meu rosto. Ao invés de eu colocar a mão no local do impacto, eu passo a ponta do meu polegar sobre os meus lábios. Noto os seus olhos arregalados, respiração ofegante e a boca inchada devido ao nosso rápido beijo.

— Eu não te dei liberdade para me beijar!

— Não foi o que pareceu.

Eu passo a ponta da minha língua sobre os meus lábios.

— Seu babaca!

Ela pega a bolsa caída no chão e se afasta de mim, ao sair pisando duro. Eu a observo passar pelo portão de sua casa, entro no meu carro e termino o meu trajeto até a minha casa. Eu não sei

por que eu decidi beijá-la, apenas senti muito desejo e deixei o meu corpo me guiar. Eu queria poder beijá-la mais, tocar cada parte do seu corpo e sentir a sua pele sedosa. Aliás, eu queria muito mais que um beijo, pois é necessário muito mais para aplacar o desejo que estou sentindo por ela.

[...]

— Mentira!

Lauren gargalha ao ouvir a minha declaração.

— É sério, eu estou cogitando parar de beber, pois às vezes eu tenho determinadas atitudes que são consideradas erradas por eu estar com álcool no organismo.

— Eu duvido muito. — Ela resmunga debochada. — E eu ainda não consegui entender uma coisa.

— Qual?

— Por que essa possível cogitação?

Eu olho ao redor para ter a certeza de que os demais não estão prestando atenção em nós e eu me sento mais próximo a Lauren. Nós estamos no *Fight* e como esperado, Dominic e o Oliver não estão aqui, e não sei se eles virão. Apenas o Noah e o Leon estão aqui juntamente comigo e com a Lau. A minha cunhada não veio, pois decidiu que seria melhor ficar em sua casa devido a agitação do lugar.

— Porque ontem eu beijei a Miranda.

— Quem é Miranda? — Lauren me questiona.

Eu esfrego o meu rosto entre as minhas mãos, curvo o meu corpo para frente ao apoiar os meus braços nos joelhos e olho para a minha amiga.

— A ruiva, a advogada da minha mãe.

— O nome dela não é Charlotte?

— É Charlotte Miranda, e eu prefiro a chamar pelo segundo nome.

— Você a beijou? — Lauren questiona em alto e bom som.

Isso faz com que o meu irmão e o Noah nos olhe com curiosidade.

— Fale baixo! — Ordem entre os dentes.

— Eu quero detalhes!

— Repara no detalhe, então.

Eu passo a ponta do meu dedo indicador, sobre a minha bochecha e ela percebe o pequeno arranhão em minha pele. Quando a Miranda me deu o tapa, o anel que estava em seu dedo me causou esse superficial ferimento.

— Ela te bateu? — Ela questiona num sussurro.

— Me deu um forte tapa.

— E você, o que fez?

— Eu queria beijá-la e fazer muitas coisas.

Lauren ri e bate palmas disfarçadamente.

— E como vai ser agora?

— Não vai ser nada.

Me levanto do sofá, ando até o frigobar e encaro a garrafa de cerveja. Infelizmente a minha escolha de hoje é a garrafa de água, mesmo que o meu desejo seja beber até cair – algo que nunca aconteceu –, mas não é improvável. Entretanto, eu prefiro beber assim que chegar casa e isso acontecerá muito em breve. Observo a porta do camarote se abrir, o Oliver entra acompanhado da Penélope e ele me cumprimenta ao bater o seu punho no meu. Ele se afasta e eu abraço a minha princesinha.

— Está tudo bem? — Ela me questiona. — Notei um brilhinho no seu olhar.

— Eu estou bem e não existe nenhum brilhinho.

Penélope me observa com atenção por longos segundos e se afasta para ir cumprimentar os demais. Eu volto a me sentar ao lado da Lauren e beberico a minha água com desgosto, pois o que eu queria mesmo era uma cerveja.

— Está doente? — Oliver me questiona.

— Só porque eu estou bebendo água?

Ele acena ao ri, e eu reviro os olhos.

— E como estão as coisas? — Leon questiona o nosso amigo.

— Complicadas demais, o Lewis não quer abrir a boca para contar alguns pontos necessários.

— Por que ele está fazendo isso? — Noah questiona.

— Nós não sabemos. — Penélope responde.
— E por quanto mais tempo irá durar esses depoimentos?
— Capaz de que continue por essa semana ainda.
— Muito tempo... — Lau comenta. —, mas é de se entender, após tudo o que aconteceu.

— Todos estamos com a mente fervendo devido a esses dias.
— Penélope murmura ao massagear a sua têmpora.

— Quais são as novidades? — Oliver questiona.

Ele se senta na ponta do sofá, puxa a esposa de encontro ao seu corpo e ela se senta em seu colo.

— As novidades são: — Lauren faz um suspense ao me encarar e eu belisco o seu braço. —, nenhuma.

— Tanto suspense para nada. — Penélope resmunga e olha para o meu irmão. — Lola não quis vir?

— Não, por causa do bebê. — Ele responde

Percebo o Oliver desviar o olhar ao encarar o chão e eu estranho a sua atitude. Ouço o Leon informar que já tem que ir embora, em seguida se despede de nós e se vai. Lauren chama a Penélope para conversar e ela se sentam próximas ao vidro do camarote. Noah se senta na outra ponta do sofá e beberica a sua cerveja.

— Aconteceu alguma coisa, Oli?

— Não, nada. — Ele murmura.

— Você e a Pen estão bem?

— Muito. — Ele sorri ao olhar para a esposa. — Ela se mudou lá para casa hoje e está tudo bem, melhor do que eu imaginei.

— Eu fico feliz por vocês, a cada dia mais.

O meu amigo agradece ao me dar um sorriso e suspira em seguida.

— O pequeno empecilho que existe entre nós é que, eu quero filhos e ela não, pelo menos por enquanto, mas ao saber da gravidez da Lola, a Penélope se sentiu pressionada.

— Ela não deveria se sentir assim. — Noah comenta.

— Eu sei e ela também sabe, mas foi algo natural e eu a tranquilizei. — Oliver declara. — Deixei claro que irei esperar e quando ela se sentir preparada, nós iremos tentar para valer.

Mantenho o meu olhar fixo na minha princesinha e não consigo imaginá-la grávida, porém, eu sei que será incrível e muito mimada, mais do que já foi e ainda é.

— Ela não tem o porquê de se preocupar, ela será uma ótima mãe.

— Eu lhe disse isso, mas ainda noto que ela não consegue acreditar, e tenho certeza de que é devido a Polly.

Penélope e Dominic não tiveram os pais presentes, o Jimmy foi preso quando os filhos ainda eram muito novos, ou melhor, o Dom já era adolescente e teve que arcar com a responsabilidade de cuidar da irmã quando viu a mãe se afastar por causa da sua dependência química.

— E as suas irmãs, como estão? Se adaptando a nova rotina?
— Noah o questiona.

— Mais do que deveria, principalmente a Stephany.

— Ela ainda está próxima ao Lewis?

Oliver nega ao manear a cabeça para os lados.

— Eles se afastaram, aliás, ele a afastou devido aos depoimentos e isso a deixou completamente irritada.

— Eles se gostam. — Noah supõe.

— Eu vejo que ela gosta dele, mas ainda não notei se ele gosta dela.

— Complicado.

Isso de um lado gostar mais que o outro, de um se entregar mais que o outro, nunca dá certo e nunca dará. Eu sei muito bem disso e não recomendo a ninguém.

— Estou torcendo muito para que esse caos acabe logo e tudo volte ao normal.

— Por mais que os Lewis me detestem... — Os rapazes riem da minha declaração. —, eu também desejo que acabe logo.

— Que orgulho! — Noah aperta o meu ombro. — Você está amadurecendo.

— Vai se foder!

Ele gargalha e eu me afasto. Apoio a minha mão contra o vidro e observo o octógono. Day está anunciando a nova luta e eu me lembro do meu dever. Queria resolver esse problema uma vez por

todas, mas uma maldita ruiva surge em minha mente assim que eu penso ou olho para qualquer outra mulher. O tapa que ela me deu, acendeu algo dentro de mim e eu ainda não consegui identificar o que foi. E foi algo bom e eu quero ter a oportunidade de devolver aquele tapa. Não, eu não me refiro a agressividade, mas sim em cunho sexual.

— Vocês já decidiram se irão ficar com a Emily? — Ouço o Oliver questionar.

— Ainda não.

Eu irei me encontrar com o Austin amanhã, preciso que ele analise o contrato que a Lewis me deu.

— Eu estou decido a aceitar. — Ouço o Noah afirmar.

Merda! Se ele aceitar, restará apenas eu nas mãos do Anthony e eu não consigo mais confiar nele. Anúncio que irei embora, dou um beijo no topo da cabeça de cada uma das meninas e me aproximo dos rapazes.

— Não irá resolver aquele problema com a Day e Cheryl? — Noah me questiona.

— Hoje não, estou com outra coisa em mente.

— *Hum...* — Lauren resmunga maliciosa.

— Para!

Ela ri da minha ordem e bate continência. Eu me despeço dos rapazes, saio do camarote e desço a escada calmamente. Atravesso a área das lutas, troco um rápido olhar com a Day e saio do *Fight*. Entro no meu carro e dirijo rumo a minha casa. Eu queria muito entender por que a Miranda não quis que eu a levasse até o seu apartamento, e a sua resposta referente a isso me deixou confuso. Ela disse que não queria que eu soubesse aonde era e isso não teve lógica, pois nós mal nos conhecemos e eu nem se quer imaginei ir até o seu apartamento. Entretanto, após aquele beijo e ter passado uma noite perturbado pelo acontecimento, me fez querer descobrir muito mais dela, ainda mais aonde ela mora. E, antes que eu me esqueça, aquele beijo também me perturbou por todo o dia e agora, que já é noite novamente, ele retornou a minha mente.

Batuco os meus dedos no volante enquanto deslizo pelas ruas de Los Angeles. Estou me sentindo completamente relaxado, e isso é de surpreender, pois sempre estou tenso com tudo a minha volta, principalmente quando o passado volta a me atormentar. E a ida até ao bar não me afetou tanto como eu já imaginava e esperava, contudo, eu estive bem e estou bem. Creio que a minha distração tenha uma grande culpa para que tudo isso tenha acontecido. Freio bruscamente o meu carro quando um outro sai com tudo de uma vaga e eu o xingo além de buzinar. Noto as pessoas que estão na calçada, observam com temor a atitude do outro carro, mas algo rouba a minha atenção.

Miranda está abraçada a um rapaz e está cheia de sorrisos para ele. As mãos dele estão ao redor da fina cintura dela, no mesmo lugar aonde as minhas mãos estiveram na noite passada e eles estão alheios ao que aconteceu. Que tipo de maldição eu tenho de sempre me envolver com mulheres comprometidas? Fazer isso não foi uma escolha planejada, pois me envolver com mulheres comprometidas nunca foi de me deixar tranquilo, porém, o desejo sempre falou mais alto e eu passei a ignorar tudo. Entretanto, com a Miranda é diferente. Eu não aceito que ela seja comprometida, não após eu sentir que ela me desejava da mesma forma que eu a desejei e além de que, se ela fosse realmente comprometida, ela teria deixado isso bem claro.

Ignoro o *casal*, continuo o meu trajeto e praguejo mentalmente ao dar de cara com uma blitz. O carro que quase bateu no meu foi parado pelos policiais e eu tenho certeza de que o motorista está alcoolizado. Vejo o policial acenar para o meu carro, encosto no local indicado e abaixo o vidro. Sorte a minha que eu não tenha bebido uma gota de álcool hoje. E isso me faz lembrar da *bronca* que a Miranda me deu na noite anterior por eu beber e dirigir. Olha só, hoje eu fiz diferente e isso está sendo um grande livramento.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO DEZ

*Me diga o que quer ouvir
Algo que agradará os seus ouvidos
Cansado de toda esta insinceridade
Então abrirei mão de todos os meus segredos
Dessa vez
Não preciso de outra mentira perfeita
Não me preocupo se os críticos aparecem de uma só vez*
Secrets – OneRepublic

Eu já perdi as contas de quantas vezes eu já li e reli a proposta da Lewis, e ainda não consigo decidir. Eu deveria ter, nem que fosse uma pequena porcentagem de uma possível possibilidade, já que irei me encontrar com o Austin e ele irá querer a minha opinião diante essa mudança. Coço o meu couro cabeludo e afasto essa questão da minha mente. Observo a minha mãe nadando em nossa piscina, ela me parece estar despreocupada com tudo à nossa volta e até mesmo em relação ao divórcio. Tudo está se encaminhando bem, a Thurman está fazendo um bom trabalho e logo essa pendência estará resolvida.

— Deixe-me adivinhar... — Ouço a minha mãe murmurar. —, irá sair.

— Eu irei conversar com o Austin sobre a proposta da Lewis.

Ela nada até a borda da piscina, apoia os seus braços e balança a cabeça para os lados, fazendo respingos de água voaram ao seu redor.

— Hoje é domingo, Jensen.

— Eu sei, mas foi ele que marcou de se encontrar comigo hoje, pois na semana estará ausente da cidade.

— E o que fará amanhã?

— É segunda-feira, e eu tenho que ir para a agência. — A lembro.

— Talvez eu precise de você.

— Em relação a que?

— Thurman me ligou e amanhã estará com o acordo pronto.

— E a senhora precisa ir até lá? — Ela acena diante do meu questionamento. — Que horas?

— Às onze.

— Eu te encontro lá. — Confiro a hora no meu relógio e noto que já devo sair. — Irei demorar a voltar.

— Por quê?

— Eu já sou adulto e não devo satisfação. — Resmungo enquanto me afasto. — Até mais tarde.

— Juízo. — A ouço me aconselhar num grito.

Depois ir conversar com o Austin, eu irei me encontrar com a Lauren, pois preciso conversar sobre aquela ruiva. Eu ainda não me esqueci que ela estava acompanhada na noite anterior e preciso bolar algo para amanhã, quando eu a encontrar. Confrontar eu não posso, por mais que eu fosse adorar fazer isso. Mostrar a ela que eu não sou um homem que permite ser passado para trás dessa forma, ela não irá me enganar, me ter como um fantoche em suas mãos.

Ontem à noite, quando eu cheguei em casa, eu fiz exatamente o que eu queria; bebi e tentei arquitetar algo contra a Miranda. Eu quero fazê-la pagar por aquele tapa e vou agir do modo que for necessário para conseguir tudo o que eu quero: conseguir muito mais do que um beijo daquela mulher. Entretanto, eu preciso entender o que aconteceu comigo, qual foi o significado daquele calorzinho que tomou conta de mim. A minha atitude em beijá-la foi inesperada até mesmo para mim, assim como algumas palavras que saíram da minha boca, eu estava claramente sendo comandado pelo desejo.

Assim que os nossos lábios tocaram, o meu acúmulo de desejo atingiu o nível mais elevado possível e eu preciso liberar esse desejo que está preso em mim, mas tem que ser com alguém específico. E esse alguém, estava pendurada na boca de outro alguém, que me ocasionou uma bela perturbação noturna. Contudo, ela não irá tirar o meu juízo, ela não irá me afetar como uma determinada mulher já conseguiu fazer, eu não deixarei que tudo o que aconteceu há dez anos, volte a acontecer.

Ainda é meio da tarde, e eu já estou ansioso pelo amanhã. Chego à cafeteria, olho ao redor a procura do meu advogado e vou

em sua direção. O cumprimento, me sento na sua frente e coloco o envelope sobre a mesa. Aceno para a garçonete, peço um capuccino grande e volto a minha atenção para o Austin. Ele está atento ao seu celular, e eu coço a minha garganta atraindo o seu olhar para mim.

— Me desculpe, mas eu estava lendo as últimas notícias do caso Lewis.

— Novidades?

— Reta final dos depoimentos. — Ele me informa. — Todos os advogados e pessoas do ramo estão com a atenção voltada a este caso, e isso vai se tornar maior quando o julgamento acontecer.

— É possível que os Lewis sejam julgados como culpados?

Creio que todos estejam curiosos para saber isso.

— Eu não sei, mas quando envolve os atos dos Lewis, tudo é possível.

— Dominic ficará transtornado se acontecer algo com a namorada.

Com certeza ele não ficará como a Emily ficou, pois ela foi moldada para se tornar aquela mulher fria e perigosa. E isso me lembra do apelido que o Oliver colocou nela, por mais que seja suavemente engraçado, é estranho.

— Eles estão juntos mesmo? — Austin me pergunta surpreso.

— Estão, e têm um filho de um ano mais ou menos.

— Eu vi uma reportagem que os Lewis deram, mas não assisti tudo.

— Ela meio que foi obrigada a falar do filho, algo que ela não queria, pois ainda é um bebê.

— Que reporte invasiva. — Ele resmunga.

Aceno concordando e empurro o envelope sobre a mesa em sua direção. A garçonete serve o meu pedido, eu a agradeço e bebo um pequeno gole.

— Emily tomou conta do *Fight* e com isso, surgiu essa proposta, mas eu não sei ainda o que decidir.

— E como ficou o Anthony? — Ele questiona. — Aliás, por que o retiraram?

Austin abre o envelope e retira de lá os papéis.

— Anthony estava roubando o *Fight*.

Ele arregala os olhos, assustado com a minha informação e larga os papéis sobre a mesa.

— Roubando?

Eu explico brevemente o que os Lewis disseram, além da conversa que eu tive com o Oliver nessa semana que se passou, e com isso, fiquei ainda mais propenso a sair das mãos do Anthony, por mais que eu ainda não saiba se eu devo ou não aceitar a proposta da Emily. Os rapazes já estão decididos a mudarem de lado, pelo menos é isso o que eu imagino e tenho a impressão de que acontecerá. E confesso, eu não quero ficar sozinho, largado na mão de qualquer um naquele *Fight*, já que não tem ninguém responsável naquele lugar.

— E parece que a única saída para mim é acatar a proposta da Lewis.

— Eu irei analisar com calma cada detalhe proposto e irei te dar a melhor direção. — Austin me informa.

— Tudo bem.

Termino de beber o meu capuccino e limpo a minha boca no guardanapo.

— Mais alguma coisa?

— Não.

— Nada mesmo? — Ele me questiona. — Nem sobre possíveis questão dos Lewis?

— O que você quer dizer com isso?

— Margareth Lewis.

Engulo em seco o nó que se forma em minha garganta e eu maneo a cabeça para os lados.

— O que aconteceu entre nós, não virá à tona em momento algum, se é isso a que você está se referindo.

— Era exatamente isso, Jensen. — Ele murmura. — Você conversou com os Lewis sobre este assunto?

— Mais ou menos.

Austin remexe a boca ao analisar a minha resposta. Trocamos mais algumas palavras, acabo me despedindo dele e saio da cafeteria após pagar o meu consumo. Entro no meu carro, coloco o

cinto de segurança e acelero rumo ao apartamento da Lauren. Irei aguardar pacientemente pela melhor direção que ele poderá me sugerir, mesmo que, por mais que eu não dê tanta importância para a carreira de lutador fora do *Fight*, eu preciso me preocupar com a qual eu mantenho dentro daquele estabelecimento. Ser um lutador vai muito além de apenas subir no octógono.

E em falar na carreira fora de lá, estou ansioso para ver o meu amigo brilhar mundo a fora ao mostrar que ele é um excelente lutador, e espero que a Emily esteja tendo a consciência de fazer com que ele realize essa nova etapa em sua carreira. Talvez eu devesse ir conversar com ele sobre isso, sondar sobre os seus planos a curto e longo prazo, pois, o Dominic, é a melhor pessoa que surgiu no *Fight*. O ruim de ir querer conversar com o meu amigo, é ter que cruzar com a sua namorada e consequentemente, ela escutar a nossa conversa, por mais que não seja nada de secreto.

Eu apenas não consigo me sentir tranquilo quando a Lewis está por perto, a tensão sempre está sendo parte de mim, devido a tudo o que já aconteceu e por ela deixar claro o descontentamento por ter que cruzar o seu caminho com o meu. Contudo, como eu sou indiferente a ela, eu pouco me importo se ela se sente irritada com a minha presença. Por mais que ela fale, o Dominic fale e eu fale que nenhum de nós não nos importamos com o que aconteceu, e que ninguém se odeie, existe uma pequena porcentagem desse maldito sentimento.

Estaciono diante do apartamento da Lauren, desço do meu carro e aciono o alarme. Atravesso o hall após cumprimentar o porteiro, entro no elevador e aperto o botão do sexto andar. Em um minuto eu já estou diante a sua porta, aguardando que seja aberta. Aperto a campainha mais uma vez, e enfim a Lauren abre a porta. Eu dou um beijo no topo da sua cabeça e entro no apartamento. Ela decidiu que seria melhor nós conversamos aqui, pois ela também está querendo desabafar e não queria que fosse num lugar público e eu imagino que o assunto tenha a ver com o seu (*não*)namorado.

— Vinho ou cerveja? — Lau me questiona.

— Qualquer um.

Me sento na bancada da cozinha, observo a Lauren se movimentar pelo pequeno ambiente e coloca uma garrafa sobre o balcão de mármore. Em sua mão esquerda tem uma taça de vinho branco e eu noto a garrafa sobre a pia, e o líquido já está pela metade. Em cima do fogão, há duas panelas cozinhando algo e o cheiro está muito bom.

— Aonde você estava? — Ela me questiona.

— Eu fui conversar com o meu advogado sobre o *Fight*.

— Achei que já tinha decidido isso. — Ela comenta antes de beber um gole do seu vinho. — Eu estava muito absurda na sexta? Noah me disse que eu perturbei a ruiva.

Rio suavemente ao lembrar de como ela estava na sexta-feira.

— Você foi invasiva, mas não foi a única. — Debocho. — Tinha algo naquelas bebidas, pois eu também falei merda para ela.

Lauren para de mexer a panela e me encara curiosa.

— Só falou ou também fez?

— Não fiz merda. — Garanto. — Fiz apenas algo que eu estava louco de desejo para fazer.

— Eu quero saber do início, desde as possíveis bobagens que eu disse até chegar ao momento do beijo entre vocês, pois a única coisa que eu sei é do beijo.

Nós conversamos brevemente na noite anterior enquanto estávamos no *Fight*, mas não podíamos conversar muito devido aos demais que estavam conosco no camarote, especialmente, o meu irmão. Eu bebo um longo gole da minha cerveja, e respiro fundo após engolir o líquido. Lauren está atarefada, fazendo o nosso almoço, por mais que eu tenha a avisado que não precisava. A ouço resmungar que está esperando que eu fale e eu sorrio devido a sua impaciência.

— Você quis saber se ela era solteira, a elogiou, acariciou o braço dela.

— Meu Deus. — Ela ri. — E como a ruiva ficou diante disso?

— Um pouco surpresa e incomodada com a sua invasão, eu acho.

Ela ri, só que agora envergonhada.

— E você a levou até em casa e foi quando rolou o beijo?

— Eu a levei até a casa dos pais, que fica praticamente em frente da mansão Lewis.

— Em frente a mansão? — Lauren arregala os olhos surpresa.

— Isso. — Afirmo. — Ela não me deixou levá-la em casa ao usar a desculpa que não quer que eu saiba onde ela mora.

— Possivelmente medo?

— Não. — O canto da minha boca se curva num sorriso sacana. — Eu acho que ela teve outros motivos para isto.

— E como ocorreu o beijo? — Lauren me questiona. — Vocês ficaram pouco tempo juntos.

— Não, ficamos muito tempo juntos, pois tinha um congestionamento terrível na avenida que nos leva para o nosso bairro e por isso conseguimos conversar um pouco.

— Isso quer dizer que a conversa foi boa?

— Foi, mas ela fez algo que me causou a ter uma atitude ruim.

— Declaro fazendo a Lauren apoiar os seus braços sobre o balcão ao inclinar o seu corpo sobre o granito e me olha com atenção. — Ela quase abriu o porta-luvas do meu carro e quando eu vi, eu bati no compartimento com tudo, a assustando.

— A foto ainda está lá?

Sinto uma pontada de julgamento no seu questionamento.

— Está.

A minha resposta sai num tom rude e a Lauren se retrai.

— Não deveria.

E ela se afasta ao voltar para o fogão, eu largo a minha cerveja sobre o balcão e dou a volta, ao me aproximar da minha amiga. Ofereço a minha ajuda, ela me pede para arrumar a mesa enquanto finaliza o nosso macarrão à carbonara. Eu coloco a louça sobre a mesa redonda que é próxima a varanda, e em pouco tempo já estamos sentados, comendo. Eu sei que não deveria ter sido rude com a Lau, contudo, ela entende a minha atitude. Levo a primeira garfada até a boca e me surpreendo.

— Está muito bom.

— Aprendi recentemente.

— Muito bom mesmo.

Ela sorri diante do meu elogio.

— E o restante da história? — Ela me questiona.

— Nós nos beijamos e ela me deu um tapa. — Suspiro. — Ela tem a mão pesada, mas eu tenho mais e vou fazê-la provar o peso.

— Jensen!

As bochechas da Lau ficam suavemente coradas e eu acabo me lembrando da besteira que eu falei para a Miranda.

— E tem mais. — Anúncio chamando a sua atenção. — Eu perguntei se ela era ruiva natural.

— E que mal tem nisso?

— Além disso, eu perguntei se ela era toda ruiva.

— Jensen!

E mais uma vez ela me repreende, e eu caio na gargalhada. Foi engraçado, apesar de ser completamente invasivo e indelicado, mas a pergunta escapou da minha boca antes mesmo que eu pudesse perceber.

— Foi devido a bebida.

— Sei. — Lauren resmunga debochada. — Pelo menos conseguiu beijá-la, após a quase descoberta da foto, a ida no mesmo bar aonde estive com a Lewis e por estar diante da mansão.

— Mesmo que eu fuja, Maggie ainda é presente em minha vida. — Declaro. — E eu sinto que existe uma angústia dentro de mim que jamais vai ser curada.

Remexo a comida em meu prato, mas levanto o meu olhar quando ouço a Lauren suspirar.

— Jensen, eu vejo que, ela nunca gostou de você. — Lauren declara. — E eu quero que você entenda uma coisa: tem gente que não gosta da gente, tem gente que gosta do fato de ter a gente gostando dela. E é isso o que resume a Margareth.

— Eu não sei...

— Você a amou? — Ela me questiona, ao me interromper.

— Eu acho que sim, tudo foi muito confuso.

— Se ela estivesse viva, vocês estariam juntos?

— Eu não sei.

— Eu tenho certeza que não.

Franzo o meu cenho diante da sua declaração.

— É algo impossível de saber...

— Você teria que ser bem assim: ‘eu te amo, mas não gosto de você’, pois, poderia acontecer de amar... amar *pra* caralho, como talvez você possa a ter amado, ter tido vontade de ficar com ela, mas sentir que precisava ir, que não dava mais para ficar, porque ao ficar iria doer, desestabilizar, machucar, e não precisaria ser assim. E era exatamente assim que iria acontecer, pois o relacionamento não é apenas através de uma pessoa, é preciso de duas e você sempre esteve sozinho naquela relação.

— É, talvez você esteja certa.

— Talvez não, Jen. Eu estou completamente certa.

Eu sou a prova viva de que fica tudo bem, mesmo que no início, eu jurava que não fosse conseguir, diversas vezes eu pensei que não iria suportar e suportei.

— E ainda tem algo que eu não te contei.

Lauren para o garfo no ar ao me encarar, enquanto eu sirvo mais vinho para nós dois.

— Sobre quem?

— A ruiva. — Respondo. — Eu pensei muito no que aconteceu e ontem, quando estava voltando do *Fight*, eu a vi...

— E vocês transaram? — Ela questiona ao me interromper.

— Não, é algo ruim. — Murmuro a fazendo franzir o cenho. — Ela estava acompanhada de um homem, estava abraçada a ele.

— Que maldição é essa de você sempre se apaixonar por mulher comprometida?

— Eu já me questionei a mesma coisa.

Rio suavemente antes de voltar a comer.

— E se ela for comprometida? — Lauren me questiona.

— Ela não é. — Pelo menos é isso o que eu estou desejando muito. — Pelo menos não demonstrou ser, além de que, quando a mulher é comprometida, ela já deixa claro desde o início.

Eu não quero me envolver novamente com alguém que já é comprometida, pois isso dá uma baita dor de cabeça, além do que, eu cansei de agir desse modo.

— Pense bem no que você irá fazer, Jen. — Lauren me aconselha. — Já basta o fardo que teve que carregar em relação a

Lewis por todo esse tempo.

Estico a minha mão sobre a mesa, seguro na sua e acaricio os nós dos seus dedos.

— Eu não irei me enfiar em merdas outra vez.

— Juízo, em primeiro lugar. Tesão depois, por favor.

— Sim, senhorita parceirinha.

Ela sorri após ouvir a minha concordância. Diante de todos, eu sempre prefiro vir conversar com a Lau, já que ela é a única que sabe de tudo e me ouve com muita atenção, além de não me tratar em tom acusatório. Eu também gosto de conversar com o Dominic, contudo, eu não consigo falar tão abertamente com ele determinados assuntos, como por exemplo, sobre a Lewis. Entretanto, quando conversamos, eu tento ser o mais superficial possível quando esse determinado assunto surge e fica claro para o meu amigo, que é algo que eu não me sinto confortável para conversar.

Após o nosso almoço, nós nos sentamos no sofá e continuamos a beber. Lauren ainda não abriu a boca para falar sobre o que está lhe incomodando, por mais que eu desconfie que seja sobre o Damon, já que não existe nenhum resquício da passagem dele por aqui. E ela me parece estar um pouco triste, e isso foi a primeira coisa que eu notei assim que o meu olhar cruzou com o dela. Lau percebe que eu estou a observando, desvia o olhar e tenta disfarçar ao colocar um sorriso em seus lábios.

— Está pensando na ruiva?

— Não. — Respondo suavemente.

— E quando irá vê-la?

— Amanhã, pois eu preciso ir até o escritório dela. — Cruzo os meus braços me frente ao corpo. — E quando você irá me contar o que tanto te aflige?

Lauren suspira ao voltar a me encarar.

— Problema com o Damon.

Controlo a minha vontade de revirar os olhos, ao ver os seus olhos banhados por lágrimas e eu decido abrir os meus braços. Ela deita o seu corpo contra o meu e eu a abraço. Dou um beijo no topo de sua cabeça e ouço com atenção o seu lamento. É o mínimo que

posso fazer, já que ela vem suportando os meus lamentos por anos a fio. Enquanto ouço cada uma de suas palavras, fico acariciando o seu cabelo. Ela parece estar gostando muito dele, apesar de sempre estarem se desentendendo.

[...]

Toco a campainha ainda incerto se eu deveria estar aqui ou não, mas no caminho para cá, decidi que tinha que vir aqui, conversar um pouco com o meu amigo sobre o *Fight*. E em falar naquele lugar, eu ainda não tive nenhum retorno do meu advogado e não me importo se irá demorar, pois quanto maior a demora, mais dedicado será ao analisar cada linha. Antes que eu possa apertar o botão da campainha mais uma vez, a porta se abre e o Dominic me cumprimenta ao bater o seu punho no meu. Olho um pouco para baixo, noto o pequeno Andrew de pé, se segurando nas pernas do pai.

— Milagre vir aqui. — Ele deboche.

— A mafiosa está?

Dominic me repreende com o olhar, pega o filho nos braços e me deixa passar.

— Ela está na mansão.

Hoje, em pensar naquela rua, eu não penso na Margareth, como era de costume, apenas consigo pensar naquela ruiva.

— Vocês estão separados?

— Não. — Ele responde de imediato.

Percebo que eu me expressei mal e coço a minha nuca.

— Não, não foi dessa forma que eu quis dizer. — Informo. — Estão separados nesse período de depoimentos, para ela estar ao lado do irmão?

— Não, ela está ficando aqui, normalmente, e foi lá apenas para ver como ele estava.

— E como estão as coisas? — Eu lhe questiono.

Me sento no sofá, ele se sente no oposto e mantém os filhos em seu colo.

— Complicadas devido aos depoimentos. — Ele murmura. — Nós estamos dando total apoio ao Eduard, mas ele é uma pessoa complicada e não gosta de intromissão, por mais que seja para o bem dele.

— É capaz dele ter que pagar algo pelas atitudes do pai?

— Estamos torcendo muito que esse pagamento seja em dinheiro, e não em ter que estar atrás das grades.

— Esse caos parece ser interminável.

Dominic acena concordando comigo e fica em silêncio. Aquele maldito deve ter imaginado que essa situação iria acontecer em algum momento, e a atitude mais aceitável é que ele tenha deixado uma solução para estes problemas, e os quais mais possam surgir.

— E como estão as coisas? — Ele me questiona. — Aliás, estou surpreso com a sua vinda até aqui.

— Eu estava no apartamento da Lau, e no meio do trajeto eu decidi vir para cá. — Informo. — E está tudo tranquilo.

— Estava com saudades, e foi por isso que veio me visitar? — Ele questiona debochado.

Gargalho para provocá-lo e relaxo contra o sofá.

— Acabei decidindo que tinha que vir conversar sobre o *Fight* com você.

— É sobre a proposta da Emily? — Ele pergunta receoso. — Você já tomou uma decisão?

— Não e não. — Até o momento eu não tomei uma decisão sozinho sobre essa proposta e não estou com pressa. — Estive pensando, aliás, analisando que já está na hora de você sair do *Fight*.

Dominic já está com trinta anos, está em ótima forma e com um gigante gás para alavancar a sua carreira mundo a fora, contudo, já passou da hora de ele aproveitar o que o mundo das lutas tem para oferecer. O resumo é aproveitar enquanto é tempo.

— Saloon já está com planos, contudo, está esperando a Emily focar na minha carreira para eles poderem conversar.

— Então vai sair do *Fight*?

— Irei, pois eu preciso criar a minha carreira fora daquele lugar.

— Você tem o meu apoio.

Ele sorri diante da minha declaração.

— E você já se sente melhor nas questões envolventes a Lewis?

— Ela era um ciclo vicioso, o qual eu encerrei e guardo boas lembranças.

— E é bom isso, além de que, é bom que você esteja se envolvendo com outras mulheres, por mais que sejam as *ring-girls*.

— O que? Não! Aquilo não é nada além de sexo e já encerrou também, porque eu...

Calo-me ao notar que eu já iria falar algo além da conta.

— Está com alguém? — Dominic me questiona suavemente.

É visível a sua curiosidade, porém existe cautela em suas palavras, pois ele me conhece e sabe que eu prefiro guardar as coisas para mim mesmo. Entretanto, eu estou tentando aprender a me abrir mais, saber o que eu devo partilhar e o que eu devo guardar.

— Mais ou menos.

— Segredos mais uma vez? — Ele me questiona. — Eu só espero que não seja...

— Não, não é isso! — Declaro ao interrompê-lo.

Eu sei exatamente o que ele pensou e o que iria dizer, ele acha que eu estou me envolvendo novamente com alguém proibido, como a Margareth era.

— Tudo bem, Jensen. Você é adulto, e sabe o que faz.

— Eu te juro, não é nada que eu devesse evitar. — Garanto. — É só uma pessoa nova, que está me tirando o juízo e me provocando, ao me esnobar.

Dominic ri.

— Eu já estou começando a gostar dela.

— Não seja idiota. — Resmungo. — Você acredita que aquela ruiva ficou molinha entre os meus braços enquanto nós nos beijamos e depois me deu um tapa?

— Ficou arrependida? Talvez. — Ele sugere.

— Não mesmo.

Ele mania a cabeça para os lados enquanto carrega um sorriso debochado nos lábios e eu decido esconder a parte que talvez ela seja comprometida.

— E quem é ela, essa tal de ruiva?

— Advogada da minha mãe. — Respondo. — Eu a conheci em Las Vegas, mas a reencontrei aqui e por acaso descobri quem era ela com ajuda da Lauren.

— Como assim?

Explico a história desde o início, desde Las Vegas e o Dominic ouve com atenção cada detalhe. Até hoje eu não entendo como eu não a reconheci desde o primeiro dia que a vi, já que aquela mulher é inconfundível e marcável com aquele cabelo ruivo, olhos marcantes e um lindo sorriso. Contudo, aquela mulher é igual uma raposa, já que o significado tem muito a ver com a Miranda. Raposa significa gente esperta, inteligente, sagaz, eficiente. Ou seja, ela adjectiva pessoas com grande capacidade de se sair bem de determinados problemas, ou de encontrar soluções para adversidades das mais difíceis. E é exactamente essa a impressão que aquela ruiva me passa, desde a primeira vez que nós nos encontramos.

— Eu não teria a beijado se não notasse que ela queria o mesmo.

— E desde então você não a viu?

— Não, mas a verei amanhã.

— Te conheço muito bem e já imagino que está tramando algo.

— Ainda não, necessariamente, mas irei. — Declaro o fazendo ri. — Aquela ruiva vai me pagar, principalmente pelo...

A porta do apartamento se abre antes mesmo que eu possa terminar a minha frase e a Lewis entra irradiando nervosismo. Dominic a encara preocupado e nós ficamos em silêncio.

— Eu estou irritada e não quero conversar. — Ela declara, sem se importar com a minha presença.

— Emily...

Dominic tenta falar, mas é interrompido.

— Eu vou para o quarto e você fique aqui, conversando com o seu amigo.

Ela passa por nós pisando duro, o Dominic me olha sem reação alguma e eu encolho os meus ombros. Me assunto quando a Lewis passa por mim, ao voltar, indo na direção do namorado e pega o filho nos braços ao declarar que precisa dele. Em seguida, ela volta para onde estava indo, deixando um rastro de irritação no ar.

— Tem que ter muita paciência. — Comento baixinho.

— Eu estou assustado, pois nunca vi ela assim anteriormente.
— Ele suspira ao esfregar o couro cabeludo. — Deve ser por causa do irmão.

— É melhor você ir ficar com ela, por mais que ela não queira.

— Fique, por favor. — Ele pede ao suspirar.

Estranho o seu pedido diante da situação, mas aceno com a cabeça e volto a relaxar contra o sofá. Ele me oferece uma cerveja, eu aceito e ele vai até a cozinha. Eu estou um pouco assustado com a forma que a Emily chegou aqui, contudo, eu entendo, pois ela acabou de vir da mansão e teve que lidar com o caos que está cercando o irmão. Dominic me entrega a garrafa de cerveja, volta se sentar no sofá e encara o corredor que leva rumo ao quarto. É admirável a atitude dele de respeitar o *pedido* da namorada, pois se essa situação fosse comigo, eu já estaria tentando arrancar as palavras da boca dela ou dizendo coisas que a fariam querer se afastar de mim.

— E então... — Coço a minha garganta. —, o Saloon já te disse mais sobre os planos que ele tem?

— Não, porém, há algumas semanas ele me disse que um dos planos era me levar para Las Vegas novamente.

— Isso é muito bom, pois a visibilidade é maior.

— Eu estou bastante animado para que isso aconteça, e a Emily já me informou que está disposta a fazer com que isso aconteça mesmo.

— Tem probabilidade de ela vender as suas luvas para ele?

— Não, independentemente do valor.

Eu não acho isso muito bom, contudo, essa escolha não é minha.

— Você tem que escolher o que é melhor.

Bebo um gole da minha cerveja e o observo apenas acenar diante do meu comentário.

— Voltando a um assunto anterior... — Ele comenta ao chamar a minha atenção. —, talvez essa tal ruiva seja a tal mulher que irá virar a sua vida de cabeça para baixo?

Rio suavemente.

— Jamais!

— Jensen. — Ele me repreende num tom debochado.

Não, essa praga não vai cair sobre mim.

— Nem venha com essa merda.

O meu resmungo o faz rir.

— Tudo bem. — Ele levanta as mãos em sinal de redenção.

Reformo que isso não vai acontecer comigo, Dominic concorda irônico e eu paro de rir quando a Lewis volta para a sala de estar. Ela passa diretamente por nós e vai para a cozinha.

— Ela não está bem. — Sussurro.

— É irritação. — Dominic me informa. — Emily?

— Oi. — Ela resmunga.

— Tudo bem? — Ele a questiona, Emily não responde, e ele entende o silêncio de forma negativa. — E como está a Lola?

— Bem, eu acho. Faz alguns dias que eu não a vejo.

— E o que você estava fazendo na casa da Lauren?

— Fui passar um tempo com ela, já que ambos precisávamos conversar. — Informo. — Ela sobre o Damon e eu...

Calo-me ao notar a aproximação da Emily, ela se senta ao lado do meu amigo e coloca o filho sentado no sofá, antes de começar a lhe dar uma salada de frutas.

— Eu acho aquele cara um babaca. — Dominic resmunga.

— Eu não entendo o motivo da Lau estar com ele, mesmo que não seja um relacionamento sério.

— Mesmo após o que ele causou no relacionamento da Penélope.

— Aquilo levou a isso o que está acontecendo hoje: casada e feliz.

— Antes de eu ir embora naquela época, a Pen estava apaixonada pelo Oli e quando eu voltei, soube de tudo aquilo,

acreditei que eles não voltariam. — Emily comenta.

— Mas se casaram, mesmo que os dois estiverem embriagados.

— Dom comenta e me encara logo em seguida. — Aliás, todos estavam bêbados.

— Mega bêbados. — Gargalho ao ver o seu olhar reprovador.

— Você já viu a filmagem do dia do casamento?

— Não, e não sei se quero ver.

Emily ri suavemente.

— É engraçado. — Ela comenta.

— Você precisa ver, Dom.

Desbloqueio o meu celular, acesso a galeria e procuro pelo vídeo amador do dia. A imagem está ruim, pois o cinegrafista estava extremamente bêbado, e no caso, o cinegrafista era eu. Entrego o meu celular para o meu amigo e observo as suas reações enquanto assiste. Emily continua a alimentar o filho, enquanto o pequeno tenta escalar sobre o pai. Por mais que nós dois estivéssemos falando sobre o mesmo assunto, nem um de nós dirigiu a palavra ao outro, e muito menos ela me olhou.

E para mim isso é ótimo, eu estou ignorando a presença dela, e ela está ignorando a minha. Volto a minha atenção para o Dominic e tento segurar o riso ao ver as suas expressões, pois elas vão de surpresas a raiva em segundos, igual uma roda gigante. O vídeo se encerra, ele bloqueia a tela do meu celular e fica segurando o aparelho entre as suas mãos. Dom olha para a namorada por poucos segundos e depois me olha fixamente.

— Esse vídeo... — Ele murmura ao manear a cabeça para os lados e ri, me surpreendendo. —, é péssimo. Eu nunca vi a minha irmã desse jeito.

— Você nunca viu, pois, infelizmente, perdeu uma parte da juventude dela.

As palavras saem da minha boca sem perceber, o olhar da Emily recai sobre o meu e eu a vejo se transformar.

— Por que você está tocando nesse assunto? — Ela me questiona.

— Emily, está tudo bem e infelizmente essa é a verdade. — Dom a lembra.

— Eu sei, mas... — O seu olhar está fixo no meu. —, se for para você falar sobre o motivo da prisão injusta do Dominic, deve falar também o que levou a aquilo acontecer.

— Devo mesmo? — Questiono no mesmo tom. — Você sabia do perigo, você praticamente colocou um alvo no peito do seu namorado.

— Eu? — Ela questiona e dá uma falsa risada. — Você era a porra do amante da minha mãe, você que iniciou todo aquele caos!

— Sim, eu fui amante da sua mãe e todo mundo sabe dessa merda de cor e salteado, mas parece que você não consegue aceitar esse fato e sempre quer ficar jogando essa merda na minha cara.

— Quer saber o porquê de eu não aceitar? — Ela me questiona, mesmo sabendo que eu não irei responder. — Se você não tivesse se envolvido com a minha mãe, ela ainda estaria aqui, VIVA!

Não, ela não pode jogar essa culpa nas minhas costas! Bato as mãos nos meus joelhos, me coloco de pé e dou um passo na direção da Emily. Dominic está em silêncio, apenas nos observando atentamente e tenta distrair o filho, ao deixar que a criança faça o que bem quiser.

— Margareth não estaria viva e você sabe o porquê! O maldito do James a mataria mais cedo ou mais tarde, ele não a suportava e ela o odiava.

Emily fica em silêncio, me encarando com os olhos marejados.

— Jensen... — Dominic me chama.

— Eu sei que você vai pedir para eu parar e eu não vou, pois essa é a única verdade aqui. — Declaro ao encará-lo e volto a olhar para a Emily. — Você sabe, mas não quer aceitar por mais fatídica seja essa verdade. O seu pai iria matar a sua mãe, e na época ele teve um plano que quase acabou com a vida de muitas pessoas, principalmente do homem que você ama.

— Eu sei muito bem, principalmente eu senti na pele o quão maldito o meu pai é. — Emily murmura num tom baixo.

— Então, não venha tentar me colocar como culpado em algo que nem eu, nem você, nem o Dominic, nem o Eduard tenhamos

culpa do que aconteceu com a Maggie, pois foi uma maldita fatalidade. Uma tragédia que todos nós jamais iríamos querer que acontecesse.

Eu pego o meu celular das mãos do Dominic, ando pisando duro em direção a porta e saio do apartamento. O meu amigo aparece logo atrás de mim e coloca a mão no meu ombro, enquanto eu esfrego o meu rosto entre as minhas mãos.

— Jensen...

Ele tenta falar, e mais uma vez eu o interrompo.

— Me desculpe, mas eu precisava falar e se eu ficasse lá, ia falar muito mais.

— Eu sei... — Ele aperta o meu ombro. —, e está tudo bem. O assunto da minha prisão ainda a deixa muito abalada e a situação com o irmão, a deixa nervosa.

— Eu entendo.

Me despeço dele logo em seguida, ando até a porta das escadas e desço os degraus rapidamente. Discutir com a Emily não era algo que estava nos meus planos, contudo, eu não ia ficar calado ao ouvir as suas ofensas e acusações. Entro no meu carro, me inclino sobre o banco do passageiro ao esticar a mão na direção do porta-luvas, mas não concluo o meu objetivo. Estou sentindo um perfume, o qual eu não conheço e não sei como veio parar aqui. Ignoro isso, ao fazer uma nota mental que eu tenho que levar o meu carro para lavar.

Abro o porta-luvas, pego o meu maço de cigarro junto o isqueiro e acendo um ao colocar na boca. Dirijo rumo a minha casa, enquanto fico remoendo o assunto em minha mente. Eu entendo que a Lewis estivesse nervosa em relação ao que está acontecendo, principalmente com o irmão e eu sei bem que ela não aceita o que aconteceu, contudo, eu não posso fazer nada, muito menos mudar o que já é passado. Assumi, assumo e sempre irei assumir quando o assunto for referente à eu ter me envolvido com a Margareth. Por mais seja um assunto que eu não fale abertamente, assumir os meus atos é totalmente diferente.

E por mais que eu tente, lute diariamente, sempre tem alguém que faz o passado voltar à tona. Me faz repensar em tudo o que

aconteceu e confesso, uma pequena porcentagem dentro de mim me faz sentir culpado. Ao invés de dirigir rumo à minha casa, eu sigo o caminho oposto e vou até o bar, o qual estive pela última vez há dois dias. E por mais que lá agora possa parecer que tem outro sentido, referente à ruiva, eu quero ir até lá, na intenção de permitir que a minha mente fantasie das melhores às piores imagens referente a uma inútil possibilidade de a Margareth aparecer novamente naquele lugar.



**CHARLOTE
MIRANDA**

CAPÍTULO ONZE

Cale a boca, querido, e mostre a que veio
Mãos santas, elas me tornarão uma pecadora?
Como um rio, como um rio
Cale a boca e me percorra como um rio
Sufoque esse amor até as veias começarem a estremecer
Um último suspiro até as lágrimas começarem a secar
River – Bishop Briggs

Aquele maldito me pegou de surpresa, eu não esperava que o Brown fosse agir daquela maneira e a sua ousadia me assustou, fazendo que a minha primeira reação após afastar a minha boca da sua, tenha sido lhe dar um tapa. E eu esperei uma única reação, que ele me amaldiçoasse e desejasse nunca mais me ver, contudo não foi isso o que aconteceu, pois eu o notei degustando os seus próprios lábios com a ponta daquela língua atrevida. Desde aquela noite, após entrar na casa dos meus pais, eu não consegui parar de pensar naquele beijo, no seu corpo pressionando o meu e nas suas mãos fortes em minha pele.

No sábado, na tentativa de distrair a minha mente, eu decidi permanecer durante a tarde na casa dos meus pais, e apenas no final do dia eu voltei para o meu apartamento, pois precisava me arrumar. Eu tinha um jantar marcado com um amigo e por mais que o beijo ainda estivesse martelando a minha mente, eu não iria desfazer os meus compromissos. Me encontrei com o Julian, tentei agir normalmente, contudo, a cada toque da sua mão em meu corpo, eu só conseguia pensar na noite anterior, mas por sorte, ele não percebeu nada diferente em mim. Apenas estranhou a minha decisão de não passarmos a noite juntos. Eu conheço Julian desde a faculdade, ele nasceu na Espanha, mas, assim como eu, mora aqui nos Estados Unidos desde a adolescência e sobre nos tornarmos amigos foi algo natural, assim como evoluir para algo a mais. Simplificando e indo diretamente ao ponto, Julian é o meu P.A.

O meu domingo foi diferente dos dois dias anteriores, já que eu passei enfurnada em meu apartamento resolvendo alguns

problemas, e tentando deixar alguns processos organizados para os dias dos julgamentos. E hoje, segunda-feira, eu ainda não conseguir para de desejar que um novo beijo possa vir acontecer, pois o primeiro foi rápido e eu mal conseguir raciocinar diante do que acontecia. O calor do seu corpo ao meu já não era mais presente em minha memória, assim como a pressão dos seus lábios sobre o meu, contudo, eu ainda conseguia sentir o gosto do seu beijo: uísque. Estava tão forte, que tive a impressão de estar beijando a própria garrafa.

Giro a cadeira onde estou sentada em cento e oitenta graus, observo a estante repleta de livros e com alguns porta-retratos. São das mais diversas fotos; eu criança, estudando no ensino fundamental e médio. Também tem fotos de quando eu entrei no ensino superior e quando eu me formei há cerca de dois anos e meio. As demais fotos são minhas sozinha e com os meus pais. Eu sou filha única, de pai brasileiro e mãe americana. Nasci aqui, mas durante a minha infância, eu morei no Brasil. No início da minha adolescência, os meus pais decidiram voltar a morar aqui em Los Angeles, então foi aqui que eu cresci e me tornei quem eu sou hoje.

Sou uma mulher de vinte e nove anos, determinada, altruísta, estudiosa e muitas outras coisas, segundo as pessoas que são próximas a mim. Contudo, a única forma que eu me descrevo é ser uma mulher astuciosa, pois quando eu tenho um objetivo a ser alcançado, eu faço o possível para conseguir o que eu almejo, contudo, eu ajo de forma correta e a mais justa possível. O meu devaneio é interrompido quando eu ouço o meu celular tocar sobre a minha mesa, eu pego o meu aparelho e volto a observar a minha estante enquanto atendo a ligação.

— Chami... — A voz irreconhecível e carregada pelo belo sotaque, soa através da ligação e eu sorrio.

— Oi, Julian.

— Está ocupada?

— Estou esperando uma cliente, mas pode falar.

Marquei com a senhora Brown e creio que ela deva estar chegando, pois sempre é pontual.

— Eu queria saber se você está disposta a almoçar comigo e se estiver com a tarde livre, nós poderíamos ir dar um passeio.

— Hoje é complicado, pois é segunda-feira e o escritório tende a ficar cheio...

— Não tem um tempinho nem para almoçarmos juntos? — Ele questiona.

— Eu queria muito... — O sorriso em meus lábios é enorme, pois tenho muito carinho pelo Julian. —, e te prometo que irei arrumar um tempo nessa semana.

— Eu irei para a Espanha, não se lembra? Te informei na última vez que nos encontramos.

Na minha mente só tinha uma coisa, ou melhor, alguém e isso impediu que eu prestasse muito atenção no meu amigo.

— Sim, eu me lembro, Julian. — Menti e tentei lembrar do nosso outro combinado. — E nós iremos nos encontrar quarta-feira à noite?

— Foi o nosso combinado, não é mesmo?

— Eu te esperarei... — Giro novamente a minha cadeira e fico em silêncio, quando noto a presença masculina em minha sala. — Eu preciso desligar.

Não espero o Julian se despedir, eu encerro a ligação e coloco o meu celular sobre a mesa. Jensen Brown está sentado na cadeira diante de mim e inicialmente eu fico sem reação por ter ele aqui. Em seu corpo um terno azul marinho, o cheiro do seu perfume é agradavelmente suave e ele nem se quer, parece ser o mesmo homem que eu encontrei na sexta-feira, com roupa casual e cheirando a bebida.

O seu olhar é penetrante, a sua expressão impassível e eu não entendo o que ele está fazendo aqui, aliás, ele nem deveria estar aqui, na minha sala. Nós ficamos nos encarando em profundo silêncio, pois eu não sei se o expulso da minha sala além de xingá-lo ou se finjo indiferença. O meu olhar recai para a sua boca e o meu interior fica inquieto ao ver a ponta da sua língua se movimentar sobre os finos lábios.

— Então o nome do cara é Julian? — Brown questiona suavemente, enquanto mantém o seu cenho franzido. — Pelo que

eu me lembro, ele não me pareceu ser estrangeiro.

— Pelo que você se lembra?

— É, eu os vi juntos. — Ele me informa. — Aliás, eu nem sei se era com ele que você estava conversando.

— O que você pensa o que eu sou? — Questiono ao me colocar de pé e apoio as mãos na mesa ao me inclinar em sua direção. — Você nem deveria ter entrado na minha sala sem a minha permissão.

— Não fique alterada.

O seu tom suave me causa ainda mais irritação.

— A minha secretária deveria me informar sobre a sua presença e eu marquei uma reunião com a sua mãe, e não com você.

Sem se importar com a minha informação, ele relaxa contra a cadeira e cruza os braços em frente ao corpo. Dou a volta na minha mesa, aproveito o espaço que existe entre a cadeira onde o Jensen está sentado e a borda da minha mesa. Apoio o meu peso contra a madeira brilhosa, cruzo os meus braços e em seguida as minhas pernas. O olhar do Brown passeia pelo meu corpo, desde os meus pés à cabeça. E depois faz o caminho inverso e para na fenda da minha saia. Hoje eu escolhi usar um conjuntinho vermelho, com a saia lápis composta por uma fenda na perna esquerda, a parte de cima é um boddy com um vasto decote entre os meus seios.

— Você é comprometida? — Brown me questiona.

— Isso não lhe interessa.

— Não mesmo, mas eu não gosto de beijar mulher comprometida... não mais.

Eu não consigo entender a que ele se refere ao sussurrar a sua última frase, mas mantenho a minha pose e arqueio uma sobrancelha ao continuar o encarando. Eu não vou perder a paciência ao entrar numa discussão sem fundamento com o Brown, já que, por mais que fosse me agradar, pois ele poderia me dizer coisas ainda encobertas, mas discutir não irá me levar a nada.

— O que você está fazendo aqui? — Questiono.

— Não é obvio?

Ainda sentado, ele se inclina para frente, fazendo o seu tronco ficar próximo ao meu corpo. Sinto as pontas dos seus dedos da mão direita rasparem em minha coxa exposta devido a fenda da minha saia, e eu me retraio ao sentir o seu toque.

— Pode retirar o seu cavalinho da chuva, eu não vou permitir que você me beije novamente ou tente qualquer outra atitude sem a minha permissão.

Jensen ri ao fixar o seu olhar no meu e meneia a cabeça para os lados. Ele volta a se encostar na poltrona, deixa as mãos descansando em suas pernas e desvia o olhar do meu, ao observar a janela ao meu lado esquerdo.

— Eu não vim aqui te beijar, por mais que você esteja louca por isso.

— Eu? Você que deve estar louco...

Sem que eu espere, Jensen se levanta e fica diante de mim. O seu corpo está encobrendo o meu, fazendo com que o meu corpo se aqueça e é impossível que essa aproximação seja inevitável, pois se eu tentar me afastar mais um pouco, ficarei praticamente sentada sobre a minha mesa. Brown apoia as suas mãos sobre a minha mesa, elas estão muito próximas a minha cintura e eu estou dividida ao meio. Não sei se anseio pelo seu toque, ou se desejo que ele não aconteça, pois não é correto.

— Eu não me esqueci do tapa que me deu...

— Irá me processar? — Questiono ao interrompê-lo.

— Eu farei bem mais do que isso. — A promessa de Jensen faz o meu interior estremecer.

O sorriso debochado que estava em seus lábios some, quando o receio toma conta de mim e agora é a vez dele sorrir. É evidente que ele está esperando outro questionamento da minha parte, mas eu ainda não sei se devo ou não o fazer, pois, eu não consigo imaginar o que ele possivelmente fará.

— Eu...

— Você o que?

O seu rosto está próximo ao meu, eu olho fixamente para a sua boca e tento empurrá-lo para longe de mim, pois é o certo a se fazer, mas o seu corpo não se move nem um centímetro. A sua

respiração se mistura com a minha e eu lhe peço num sussurro para se afastar. O barulho da porta se abrindo chama a nossa atenção, e ao invés do Brown realmente se afastar de mim, ele apenas olha para trás por cima do seu ombro. Por ser alto e ter o corpo atlético, eu não consigo ver quem está na porta da minha sala.

— Oi, filho. — Ouço a voz da senhora Brown.

Enfim Jensen se afasta de mim, ao voltar a se sentar e eu me esforço a colocar um sorriso nos lábios para cumprimentar a minha cliente.

— Senhora Brown.

Eu ando em sua direção, e a cumprimento.

— Olá, senhorita Thurman.

— Pontual como sempre. — Elogio-a.

Apesar das minhas pernas ainda estarem bambas, eu me equilíbrio sobre o salto alto e caminho de volta até a minha cadeira. Me sento e me esforço para manter a minha atenção focada na minha cliente. O seu olhar passeia de mim até o seu filho, antes de me olhar fixamente e sorri.

— E o que me traz aqui?

— Eu conversei com o advogado do senhor Brown e elaborei um possível acordo. — Informo ao deslizar o envelope sobre a minha mesa. — Leia e se necessário faremos alterações, antes de eu enviar o documento para o advogado.

— Creio que ele não vai se opor as cláusulas deste acordo.

— Assim adiantará o nosso processo. — O meu sorriso morre quando eu noto que o ele está me observando atentamente. — Alguma dúvida, Brown?

— Sim, você sabe que sim.

Um pequeno suspiro escapa da minha boca e eu comprimo os meus lábios. Eu sei qual é a dúvida que ele tem, contudo, eu não irei responder, pois não lhe diz respeito e o quanto mais longe ele permanecer de mim, melhor será. Eu nem deveria ter deixado ele me beijar, pois é filho da minha cliente e posso ouvir a acusação de estar acontecendo conflito de interesses. Jensen é um homem charmoso, conseguiu chamar a minha atenção desde o primeiro segundo que eu coloquei os meus olhos nele enquanto estávamos

no bar do hotel em Las Vegas, entretanto, os seus lindos olhos veem acompanhados de um letreiro enorme escrito: perigo!

E a sua atitude em não deixar que eu abrisse o porta-luvas do seu carro reforçou este aviso, pois, ele tem alguém em sua vida e eu não vou permitir que me use para superar esse alguém. Além de que, eu tenho certeza absoluta de que deve viver rodeado de mulheres após as suas lutas e eu jamais vou aceitar alguém que sai com uma mulher diferente a cada dia. Atitude nojenta e ridícula. Revejo esse pensamento ao me lembrar que, essa possível pessoa que ele tenta superar, tenha morrido e ele ainda sofre demais devido a essa perda. Contudo, eu continuo com a mesma decisão, eu não deixarei ser usada por ele, só para que consiga superar essa perda.

— Qual pergunta? — A mãe dele o questiona, ao notar que eu não irei fazer isso.

Ele a olha e encolhe os ombros.

— Não é nada referente ao seu processo, é referente a outra coisa.

— E eu não irei lhe responder. — Declaro.

A senhora Brown nos encara curiosa diante dessa situação, coloca a mão no braço do filho e tem totalmente a sua atenção.

— Está tudo bem?

— Está. — Ele responde.

E então ela me olha.

— Estava acontecendo algo quando eu cheguei aqui...

Eu não sei se ela está afirmando ou perguntando, diante do flagra que nos deu, por mais que não estivesse acontecendo nada. Batuco as pontas das minhas unhas sobre a mesa, umedeço os meus lábios com a ponta da língua e continuo em silêncio, pois eu não tenho o que responder a minha cliente. O seu filho invadiu a minha sala, ouviu – sei lá o quanto – da minha conversa particular e está conseguindo abalar o meu interior. Arqueio uma sobrancelha ao encarar Jensen, esperando que ele resolva essa questão. Os segundos se arrastam, o silêncio se torna pior e eu reviro os meus olhos, pois o Brown já deixou claro que não irá responder à pergunta da sua mãe e eu estou sentindo que estou ficando em maus lençóis diante desse acontecimento.

— O seu filho estava sendo um pouco invasivo comigo, mas não é nada que atrapalhe o meu comprometimento com o processo.

— Invasivo? — Ela questiona ao encará-lo.

Por interferência do destino, o celular da senhora Brown toca e ela informa que precisa ir, pois combinou de encontrar a nora na loja Carter's. É uma loja de bebê e não preciso de explicações para entender que muito em breve a família terá mais um membro. Eu me levanto da minha cadeira, ajeito a minha saia sobre o olhar atento do Jensen e acompanho a minha cliente até a porta.

— Em breve entrarei em contato com uma possível data para a assinatura do divórcio.

— Muito obrigada, tudo está acontecendo mais rápido e fácil do que eu esperava.

— É apenas o meu dever.

Sorrio em forma de agradecimento, nós duas olhamos para dentro da minha sala e ele continua sentado no mesmo lugar.

— Algum problema, Jensen? — Ela o questiona.

— Me espere no elevador, por favor. — Ele pede.

A senhora Brown acena suavemente para mim, se afasta ao caminhar rumo ao elevador e eu cruzo os braços ao me encostar na porta, que ainda está aberta. Jensen se levanta, coloca as mãos dentro dos bolsos frontais de sua calça social e caminha calmamente em minha direção, como um lobo. Ele não me conhece e isso é ótimo, pois eu consigo disfarçar muito bem o que eu sinto. O meu interior pode estar em puro caos, contudo, o meu exterior é pura calma. E é assim que eu estou neste momento. Jensen para diante de mim, menos de trinta centímetros separa os nossos corpos e eu olho para cima, pois ele ainda continua sendo mais alto que eu, por mais que eu esteja de salto alto. Comprimo os meus lábios, mantenho os meus braços diante do corpo, pois assim acho mais prático para tentar mover essa montanha de perto de mim.

— Você tem uma mania de ficar praticamente grudado em mim e isso não é legal.

— Eu gosto. — Ele declara.

— Eu não gosto.

— Mas vai aprender a gostar.

Rio da sua presunção, na intenção de irritá-lo e ele olha diretamente para a minha boca.

— Quer algo a mais comigo? Pois a sua mãe está te esperando.

— Eu quero muitas coisas com você.

E após a declaração, ele sai da minha sala e eu continuo encostada na parede, como se fosse parte da decoração. Como que é possível ele conseguir fazer com que eu fique assim? Nós nos beijamos apenas uma vez e desde então eu não esqueço. Assumo que, quando eu o conheci em Las Vegas, eu me senti atraída, contudo, a minha mente estava a mil e eu preferi esnobá-lo. Naquela noite, o que eu mais queria era colocar a minha cabeça no travesseiro, pois o dia tinha sido caótico. Fui para a cidade vizinha de repente, pois um dos meus clientes tinha sido preso após cometer uma infração a lei e eu precisei voar para lá após sair do tribunal.

Demorei longas horas para conseguir retirar o meu cliente da delegacia, e quando consegui já era tarde da noite. Ao voltar para o hotel, eu fui direto para o bar e foi quando o avistei ao lado da – até aquele momento um possível affair –, amiga e se o cansaço não estivesse me dominando, junto com a irritação, eu teria dado uma chance ao Jensen. E no mesmo segundo que ele parou ao meu lado, foi quando a minha irritação piorou ao ler que no dia seguinte eu teria que voltar para o tribunal.

Quando eu reencontrei o Brown, fiquei assustada, pois jamais imaginei que os nossos caminhos se cruzariam e para que o julgamento diante do meu profissionalismo não fosse colocado sobre a mesa, tive a brilhante ideia de fingir que não o conhecia. Me diverti a cada encontro que tivemos ao notar o seu olhar sobre mim, deixando claro que a sua mente estava fervendo ao tentar lembrar de onde nos conhecíamos. Também confesso que fiquei levemente chateada por ele não se lembrar logo de cara, e isso me fez entender que eu seria mais uma ao passar por sua cama.

E devido a ajudinha intencional de sei lá de quem – por mais que a minha desconfiança seja referente a amiga do Brown –, ele se lembrou de mim e fez questão de me confrontar, deixando claro o

qual tipo de homem ele é. O qual não deixa barato ao ser feito de besta ou ser passado para trás. Eu não tentei fazer nenhuma dessas coisas, mas desejava que ele não me reconhecesse, pois seria mais fácil lidar com os nossos encontros casuais, devido ao meu serviço a sua mãe.

— Senhorita Thurman... — A minha secretária me chama, fazendo o meu devaneio se dispersar e eu a olho. —, está tudo bem?

— É bom que veio até aqui, precisamos conversar.

Desencosto o meu corpo da parede, ando de volta a minha mesa e me sento na minha cadeira. Micaela se aproxima, mantém as mãos cruzadas em frente ao corpo e tem a expressão imparcial.

— Está precisando de algo? Um capuccino?

— Não, nada disso. — Respondo após suspirar. — O senhor Brown entrou na minha sala sem ser anunciado e eu estava em uma ligação particular.

— O senhor Brown me informou que a senhorita estava o aguardando e por isso eu o deixei entrar.

— Nunca mais faça isso, o deixe entrar sem eu autorizar, ele apenas poderá entrar se eu lhe avisar com antecedência que ele poderá entrar assim que chegar aqui.

— Me desculpe, foi um erro meu.

— Tudo bem, mas espero que não se repita.

Micaela se desculpa mais uma vez, e se retira da minha sala após me informar que o meu próximo cliente já está aguardando a ser atendido. Eu respiro fundo de olhos fechados e a minha mente faz questão de repassar a última meia hora como o filme. Jensen Brown está deixando cada vez mais claro que ele vai à luta pelo que ele quer, assim como deixou claro que no momento esse seu querer tenha a ver comigo. É impossível negar a atração e tensão/tesão que existe entre nós, principalmente em todas as vezes que os nossos corpos estão próximos, mas eu não quero me entregar a isto, pois sei que não me fará bem.

Além de o Jensen vir carregado com um letreiro bem grande explicito que é um perigo, ele também vem com bagagens do passado. Eu sei muito bem que todos tem, mas a dele... é algo que

vem diretamente de Chernobyl. Essa é a impressão que eu tive desde o primeiro contato. Eu posso estar completamente equivocada nessa minha tese, contudo, eu não quero e nem posso ficar martelando isso em minha mente a cada vez que ele disser algo que faça jus a essas possibilidades. Rio involuntariamente ao lembrar da minha série favorita, que tem especial de um episódio que é referente a bagagens. Todo mundo tem uma bagagem, a não ser que você e a pessoa com quem está se relacionando more em uma ilha deserta a vida inteira, entenda que seres humanos têm bagagem psicológica. Isto é, antes de você, existiram outras pessoas na vida da sua atual namorada(o), e não tem nada de errado com isso.

Apesar da série *How I Met Your Mother* me trazer divertimento a cada vez que a assisto, ela traz lições de vida e momentos importantes para reflexão. Eu não estou com pressa para conhecer aquele que vai ser o amor da minha vida, eu tenho decidido que ele virá no momento certo e aguardar é a melhor atitude a ser tomada. Mesmo que eu esteja em processo de espera, eu sou uma pessoa solteira que quase sempre está a fim de se divertir. Beijar na boca foi uma boa invenção humana, mas o sexo, foi a invenção extraordinária. Entretanto, eu não vou para a cama de qualquer um e muito menos levo qualquer um até a minha.

Eu tenho o Julian, o meu P.A, e isso não quer dizer que eu sou presa a ele sexualmente, nem que ele é a mim, mas ambos temos a consciência de que devem se cuidar e se proteger estando com terceiros ou juntos. Nós combinamos de nos encontramos no meu apartamento, e será assim, estando com ele ou com qualquer outra pessoa que me desperte o interesse, fará o Brown sumir da minha mente. E logo eu estarei livre de ter que ficar cruzando os nossos caminhos por aí, pois se o advogado do senhor Brown concordar com as cláusulas que a senhora Brown impôs, estaremos ainda mais próximos a finalizarmos este processo.

[...]

Os meus pés descalços me guiam de um lado para o outro, sem parar por um segundo se quer, enquanto eu encaro impientemente o celular que está na minha mão direita e a mão esquerda segura a minha taça de vinho. A garrafa já está pela metade sobre o balcão da cozinha e se a resposta do advogado do senhor Brown demorar mais, logo o recipiente estará vazio. Ontem, terça-feira, eu estava na casa dos meus pais quando recebi a primeira ligação do senhor Austin Green e no mesmo segundo entrei em contato com a minha cliente, que me convidou para ir até a sua casa já que precisávamos conversar.

Confesso, que pensei muito em recusar, pois não queria dar de cara com o Brown, mas acabei concordando, pois seria desnecessário irmos até o meu escritório para resolvermos uma pequena cláusula do contrato e acabei aceitando ir até a sua casa. Por sorte, ele não estava lá, mas sim em seu trabalho, o qual eu sei onde é, pois passo todo dia em frente ao ir rumo ao meu escritório. Conversei com a senhora Brown, expliquei que o seu – até então – marido não concordou com um determinado ponto colocado no contrato e quando resolvemos isso, eu entrei novamente em contato com o advogado.

A minha atenção é roubada quando a campainha toca, largo o meu celular sobre o braço do sofá e ando calmamente rumo a porta. Abro-a dando de cara com o Julian e ele me cumprimenta ao beijar a minha bochecha antes de entrar. Fecho a porta, e sigo o meu amigo. Observo ele colocar duas sacolas sobre o balcão, pega a minha garrafa de vinho em suas mãos e a analisa antes de voltar o seu olhar para mim.

— Trouxe o nosso jantar. — Julian me informa.

— Obrigada.

Pego novamente o celular em minhas mãos, me sento no braço do sofá e bebo todo o líquido presente na minha taça.

— Ainda está trabalhando uma hora dessa?

Dou de ombros.

— Estou esperando o retorno de um advogado.

— Ele não vai ligar hoje. — Julian declara ao se aproximar para massagear os meus ombros. — Você precisa descansar, e

aproveitar a noite.

— Tudo bem.

Lhe dou um singelo sorriso e recebo um beijo casto em meus lábios.

— E para aproveitar a noite, eu tenho um convite para você.

— Convite?

— Um amigo me convidou para ir ver uma apresentação hoje às dez da noite.

— Apresentação?

Enquanto aguardo a sua resposta, o ajudo a arrumar a mesa para o nosso jantar. Julian tira os recipientes das sacolas, os coloca sobre a madeira redonda e nos sentamos em seguida. Ele puxa a minha cadeira, eu agradeço e me sento.

— É algo referente a MMA. — Ele me informa. — Vamos? Será as dez.

Maneio a cabeça para os lados, pois não sou muito fã desse tipo de esporte, mas acabo aceitando devido ao olhar pidão do Julian.

— Tudo bem.

Ele sorri.

— Eu trouxe saquê, mas como eu sei que não gosta tanto de beber, trouxe também um vinho branco para harmonizar com o sushi.

— Obrigada.

Julian conhece muito bem os meus gostos e desgostos. Eu adorava saquê, mas uma vez, eu passei muito mal após ingeri-lo e desde então eu raramente bebo um singelo gole, devido ao meu receio de ir parar no hospital novamente. Ele retira as tampas das embalagens e nós nos servimos.

— O que aconteceu na segunda-feira, quando nós estávamos conversando?

Vasculho a minha mente após ouvir o seu questionamento.

— A minha cliente tinha chegado. — Minto parcialmente.

— Apenas isso? Notei o seu nervosismo antes de desligar na minha cara.

Estico a minha mão em sua direção e acaricio o seu braço.

— Eu sinto muito, a minha intenção não era desligar na sua cara.

— Eu sei, Chami. — Ele segura em minha mão e beija os nós dos meus dedos. — Gostaria tanto que você fosse nessa viagem comigo, você iria adorar conhecer Valência.

Julian tem esse jeitinho particular ao se referir a mim, quando me chama de Chami, que tem um significado simples: ‘Cha’ de Charlotte e ‘Mi’ de Miranda.

— Na próxima vez, eu irei junto.

Ele sorri e me informa que ouviu isso como uma promessa. Julian é natural de Valência, uma cidade portuária que fica na costa sudeste da Espanha e é um lugar lindo. Ele sempre vai até lá pelo menos três vezes ao ano, visitar os pais que voltaram morar lá há pouco mais de cinco anos. Ele estará de volta em poucos dias, e como o nosso combinado de sempre, ele virá para cá assim que desembarcar. Retiro a minha mão da sua, bebo mais um gole do meu vinho e volto a comer, enquanto o ouço contar sobre como está o seu trabalho.

E por mais que eu me esforce, eu só consigo pensar na ligação que estou esperando. Quero logo entrar com o processo na corte, pois assim conseguiremos uma data para o mais breve possível dentro do prazo de seis meses. Os acordos foram aceitos de ambos os lados, é um divórcio amigável e eu estou torcendo para que eles não se arrependam dessa decisão, pois tudo o que eu soube pela senhora Brown e o seu filho mais novo, o Leon, que eles eram um casal que todos imaginavam que ficariam juntos para o resto de suas vidas. E são esses casos que me fazem questionar se o amor é algo eterno.

— Ei... — Julian estala os dedos diante dos meus olhos.

— Oi? Me desculpe. — Abano as minhas mãos e apoio o meu queixo nelas, em seguida. — Você virá para cá quando voltar de viagem, não é mesmo? Eu quero os meus mimos.

— O que você quer que eu te traga dessa vez?

Julian segura a minha mão mais uma vez, a leva em direção a sai boca e beija o dorso.

— Traga o que quiser, pois os seus presentes sempre são maravilhosos.

— Você é maravilhosa e por isso os presentes se tornam maravilhosos.

Sorrio com o seu elogio, ele se inclina em minha direção e sela os nossos lábios. Abro a minha boca para receber a sua ávida língua, sinto a sua mão adentrar nos fios do meu cabelo e eu gemo contra a sua boca quando ele puxa ainda mais a minha cabeça em sua direção. Afasto as nossas bocas, me levanto de onde estou sentada e Julian me puxa em sua direção. Me sento sobre o meu colo, passo os meus braços por seu pescoço e nós voltamos a nos beijar. As suas mãos passeiam por minhas costas, descem para a minha bunda e a aperta.

Estou usando um macacão amarelo de alças finas, decote suave e com fendas nas laterais das minhas pernas, e isso auxilia muito para estar nessa posição – montada sobre o colo do Julian. A sua boca se separa da minha, passa pelo meu pescoço e desce para o meu colo. Nós já ficamos tantas vezes juntos, que nada de seus movimentos ou atitudes será algo novo para mim ou me fará ter sensações diferentes. Julian é bom no que faz, seja com a boca, dedos ou com o próprio *amiguinho*, mas nunca foi e nunca será excepcional.

Ele desliza as alças do meu macacão pelos meus ombros, deixando os meus seios expostos diante dos seus olhos, ele pinça o meu mamilo esquerdo com as pontas dos seus dedos. Todo os movimentos são automáticos, mas isso não é impedimento para que eu não fique excitada e desejando chegar ao meu ápice. Sem paciência alguma, eu saio do seu colo e fico apenas de calcinha após retirar o macacão do meu corpo. Julian arranca a camiseta do seu tronco, em seguida a calça e me puxa de volta para o seu colo. Nós voltamos a nos beijar, dessa vez ferozmente e em segundos nós dois ficamos completamente nus.

Ele desliza para dentro de mim após vestir o preservativo, deixa as mãos na minha cintura e auxilia em meus movimentos. Cair na rotina não é algo bom, pois, veja só o Julian e eu. Estamos tão acostumados com esses momentos, que tudo passa ser monótono

demais, tudo é demais, menos o ato em si. Levo as minhas mãos até o meu cabelo, junto todas as mechas e as prendo num coque. Sinto os dedos do Julian percorrerem as minhas costas, logo alcançam a minha cervical e contornam a minha tatuagem. É a única que eu tenho e quando eu decidi fazer, escolhi que deveria ser uma raposa, pois me representa muito.

— Chami... — Julian rosna, ao demonstrar que o seu ápice está próximo.

Enfio os meus dedos entre os fios do seu cabelo, puxo a sua cabeça para trás e ele me encara.

— Ainda não, Julian.

Ele leva uma de suas mãos até o meu clitóris e começa a estimulá-lo. Fecho os meus olhos, sentindo cada um dos movimentos. Um indo bem fundo dentro de mim e o outro de forma circular em um terminal nervoso. Logo atinjo o orgasmo, saio de cima do Julian e pego as minhas peças de roupas no chão. Informo que irei tomar um banho e em seguida iremos nesse tal lugar. Entro no meu quarto, fecho a porta e vou rumo ao banheiro. Apoio as minhas mãos sobre a pia e encaro o meu reflexo no espelho. Eu estou precisando de um sexo que me abale, que me vire de cabeça para baixo, me pendure e até mesmo que me jogue na parede. É claro que isso é apenas uma metáfora para tentar explicar sobre o que estou precisando.

Tomo um rápido banho, visto uma lingerie limpa e uma roupa casual, calça jeans, regata branca e uma jaqueta preta. Saio do meu quarto após calçar a sandália plataforma, noto que o Julian já está pronto para sairmos e eu bebo mais um gole do meu vinho. Eu não tenho a menor ideia de onde é esse lugar aonde ele me levará, contudo, espero que seja algo rápido e tranquilo. Nós saímos do meu apartamento, tranco a porta e guardo a chave na minha pequena bolsa, onde está apenas o meu celular. Assim que entramos no elevador, o Julian me puxa para entre os seus braços e nós nos encaramos. Somos praticamente da mesma altura, devido a minha sandália e eu inclino suavemente a minha cabeça para trás.

— O que foi? — Ele me questiona.

— Você está grudento hoje.

— E isso é ruim?

— É estranho.

Ele ri diante da minha resposta.

— Eu irei ficar uma semana longe de você, tenho que aproveitar enquanto é tempo.

— Quando você voltar, eu estarei aqui... bem aqui.

Ele semicerra os olhos e meneia a cabeça para os lados.

— É um risco te deixar sozinha...

— Pode parar com essa merda agora mesmo. — Ordeno ao sair de dentro dos seus braços.

Julian tem lados negativos e este agora, é um deles, pois ele sempre quer deixar claro que eu sou uma linda mulher e atraio olhares de muitos homens, com isso, faz com que ele não possa se afastar de mim, para que eu não caia nas garras de um outro alguém.

— Me desculpe, eu não falo por mal, apenas quero deixar claro o tamanho do seu poder.

Julian volta a se aproximar de mim e acaricia a minha bochecha.

— Eu não preciso de você e nem de qualquer outro homem, sei me defender sozinha e me cuidar também. — Declaro. — Quem eu me envolvo ou deixo de me envolver, o problema é meu.

— Tudo bem, Charlote.

Ele levanta as mãos em sinal de redição e sai do elevador quando as portas se abrem. É sempre assim, ele tenta fazer a técnica do sanduiche – elogio, problema, elogio – e quando vê que eu não acato as suas declarações, me chama de Charlote na intenção de deixar explícito que ele está chateado. Eu o sigo em direção ao seu carro, ele abre a porta para mim e eu me sento no banco do passageiro. Julian se senta no banco do motorista, coloca o cinto de segurança e nos guia sei lá para onde.

O caminho é percorrido em silêncio, eu aproveito para observar por onde passamos e tento descobrir aonde será o nosso destino. Confesso que estou um pouco receosa de estar indo nesse tal lugar, pois não sei qual é a procedência e se é seguro estar lá. Quase meia outra depois, noto que já chegamos ao local e eu fico

surpresa. A rua está repleta de carros, e enquanto o Julian estaciona o carro, eu aproveito para ler o nome: Fight. Nunca tinha ouvido falar, contudo, é um nome imponente.

— Não saia de perto de mim, por favor. — Julian me pede.

Nós descemos do seu carro, eu coloco a fina alça da minha bolsa sobre o meu ombro e ele coloca a mão na minha lombar, ao me guia rumo ao estabelecimento. Existem dois seguranças na porta, o Julian os informa do motivo da nossa presença ali e a nossa entrada é liberada. Descemos uma pequena escada e eu fico atônita ao ter a noção do que acontece aqui. Muito barulho, muitas pessoas e isso elevada a minha adrenalina. Sobre o octógono tem apenas o juiz, e mesmo assim os telespectadores estão agitados.

Julian segura em minha mão, me puxa rumo a pequena arquibancada e nós nos sentamos no alto. Eu ainda não tenho a menor ideia de quem é esse tal amigo, mas a minha real intensão é conhecer mais sobre este local. Observo as pessoas ao nosso redor, todas animadas e ansiosas pela próxima luta. Me assusto ao ver um rapaz alto parado ao lado do Julian e eles estão conversando animadamente. Em seu corpo tem um calção azul, uma camiseta branca básica e um enorme sorriso em seus lábios.

— Oi. — O cumprimento ao acenar.

— Obrigado por terem vindo. — Ele agradece. — Eu queria muito poder colocar vocês no camarote, mas apenas os lutadores conhecidos como os 5M tem o direito.

Noto um tom de irritação ao se referir aos demais lutadores e eu lhe encaro com atenção.

— Quem são esses?

Por mais que o ambiente esteja barulhento, é possível conversar brevemente.

— 5M quer dizer cinco melhores e eles são: Turner, Baker, os irmãos Brown e Davis. — Ele responde me fazendo franzir o cenho e aponta para o terceiro camarote. — Apenas três deles estão lá e duvidam da minha capacidade de ser um lutador.

Olho com muita atenção para o tal lugar e tento não ficar surpresa ao ver ele. O amigo do Julian continua a falar, mas eu simplesmente não consigo prestar atenção, pois os meus olhos

estão focados naquele camarote. É possível ver que o Jensen tem suas mãos apoiadas no vidro, o seu irmão está ao seu lado e parecem estar conversando. Ao lado deles, sentado no chão, está o Noah, e parece estar alheio a tudo, enquanto observa o que está acontecendo aqui embaixo. Eles não podem notar a minha presença aqui, principalmente o Jensen nem se quer, pode imaginar que eu estou aqui, há alguns metros de distância.

— E quem é o dono daqui? — Ouço o Julian questionar.

— Os irmãos Lewis, precisamente Emily Lewis, que é mulher do melhor lutador deste lugar. — O amigo responde. — A irmã dele é casada com outro lutador que é o melhor amigo do irmão dela.

Somente agora eu consigo fazer a ligação referente a algumas palavras que eu ouvi na sexta-feira passada, quando o Jensen me deu uma carona. Eu conheço os Lewis, fui vizinha deles por grande parte da minha vida e por eu estar tão focada no trabalho nos últimos meses, não soube o que tinha acontecido com eles desde a morte do pai, que era o governador. Pelo que eu me lembre, Jensen não se dá bem com a namorada do melhor amigo, conseqüentemente, eu entendo que essa pessoa seja a Emily, dona deste lugar.

E quando o Eduard Lewis apareceu no meu escritório querendo conversar com a minha mãe referente a um apartamento que a mãe dele tinha, eu fiquei surpresa por ele não me reconhecer e por não ter ido diretamente a casa vizinha. Confesso que não tenho a menor ideia do que a senhora Lewis possa ter feito com o tal imóvel, apenas sei que o vendeu algum tempo antes de morrer.

— Os Lewis não estão frequentando aqui devido aos acontecimentos da semana, não é? — Julian pergunta.

Todo o estado sabe que os Lewis estão prestando depoimentos há uma semana.

— Não, assim como o Turner e o Baker, mas o Anthony avisou que todos estariam aqui hoje devido a minha apresentação.

— Boa sorte. — Desejo.

Ele agradece, troca mais algumas palavras com o Julian e se afasta ao avisar que logo irá subir no octógono. Decido prender o

meu cabelo, sem tentar chamar atenção ao balançar as minhas mechas ruivas e faço um simples coque.

— Está tudo bem? — Julian me questiona. — Você me parece nervosa.

— Impressão a sua, eu estou bem.

Ele sorri, segura a minha mão e beija os nós dos meus dedos. Olho mais uma vez rumo ao camarote, noto que Jensen está sentado ao lado do amigo e por sorte a minha, está encostado no vidro, conseqüentemente, de costas para mim, aliás, para todos aqui embaixo. Estou surpresa por saber que ele é considerado um dos cinco melhores, e estou curiosa para ver se ele é tudo isso mesmo. Tenho a impressão de que os minutos se arrastam, enquanto a apresentação ainda não acontece. Pelo menos, eu não estou presenciando nem uma luta, algo que seria totalmente desagradável, pois é algo que não me sinto bem ao assistir. Confiro a hora no relógio em meu pulso e percebo que já estamos aqui há mais de meia hora e nada dessa maldita apresentação acontecer.

— Ela não era a sua vizinha, a Lewis?

Vejo o Julian apontar para a entrada e eu vejo a Emily, que está acompanhada do namorado e um outro casal vem logo atrás deles.

— Sim, era.

Enquanto ela sobe no octógono, os demais vão para o camarote e enfim é anunciado sobre o novo lutador. Um homem um pouco mais velho, que está ao lado da Lewis, chama a atenção de todos ao anunciar que o Fight tem o prazer de anunciar um novo lutador promissor, o amigo do Julian aparece ao lado desse senhor e acena para todos.

— Seja muito bem-vindo, espero que você realmente seja um lutador promissor... — Emily sorri estranhamente ao encara o senhor, antes de voltar a sua atenção ao homem mais jovem. —, e fale comigo se precisar de qualquer coisa, pois eu sou a dona deste lugar.

Sem esperar mais nada, ela entrega o microfone para a ring-girl e desce do octógono. Após o seu pronunciamento, é possível notar um clima estranho entre todos, uma tensão sufocante e eu

peço ao Julian para que possamos ir embora. Ele acaba concordando, eu me levanto e saio da arquibancada sem esperá-lo. Sinto-o segurar em meu braço, ele me entrega a chave do seu carro, ao me informar que vai se despedir do amigo e eu saio do estabelecimento. Caminho até a esquina, desligo o alarme do carro e entro no automóvel.

Agora eu me sinto segura, pois não serei vista por ele. Enquanto espero pacientemente o Julian, fico tensa ao ver que o carro do Jensen está bem atrás e ele vem na direção acompanhado pelos amigos. Talvez também só estivessem esperando a apresentação para irem embora. O observo parar bem ao lado do carro aonde estou, enfia as mãos nos bolsos de sua calça e olha ao redor. Por sorte, o vidro é escuro e não é possível que ele me veja aqui.

— É um babaca. — O ouço resmungar.

— Mal chegou e já veio nos provocando, ao declarar que está ansioso para lutar contra cada um de nós. — O rapaz ao seu lado ri sem humor. — Está parecendo o Lewis.

— Não fale de quem não está aqui para poder se defender, Oliver. — Turner debocha.

— Não falei mal do Lewis... ainda. — O tal de Oliver ri.

— E como estão as coisas? — Turner questiona ao Jensen.

— Tudo tranquilo. — Ele responde.

— E a tal da ruiva?

— Me deixando louco, mesmo sem ter feito nada. — Ele suspira.

De quem será que eles estão falando?

— Ela é a advogada da sua mãe, né? — Oliver questiona. — Já está tudo certo para assinar o divórcio?

Putá merda! Pergunta respondida. Eles estão falando de mim, e se isso está acontecendo é porque o Jensen já deve ter comentado sobre o beijo que me deu e sobre o nosso último encontro.

— Austin ficou de entrar em contato com ela, mas não teve tempo, pois estávamos conversando sobre a proposta da Lewis.

Outra explicação dada intencionalmente. Então foi por isso que o advogado não entrou em contato comigo, pois estava com o Brown resolvendo outro problema. Uma moça se aproxima, abraça o Oliver e fala baixinho com ele, algo que eu não consigo ouvir. Em seguida eles se afastam, e o Jensen permanece parado ao lado do carro na companhia do Turner.

— Eu devo me preocupar em relação a ruiva? — Turner questiona.

Se preocupar em relação a mim? Por quê?

— Não, é claro que não. — Jensen responde.

— Você anda muito quieto, Jensen e quando isso aconteceu no passado...

— Não, merda! — Ele declara ao interromper o amigo. — Não é nada disso, não é nada daquilo que aconteceu no passado.

O que será que aconteceu no passado? Eu estou completamente certa ao dizer que o Jensen vem carregado com grandes bagagens do passado.

— Quando você se entender com ela, poderia levá-la para nos conhecer, pois precisamos saber quem é e ela precisa conhecer todos os seus amigos. — Turner pede.

Jensen apenas ri e em seguida franze o cenho ao olhar para o seu lado direito. Eu olho na mesma direção e vejo que o Julian está vindo na direção do seu carro, enquanto é observado atentamente pelo Jensen. Me lembro que o Brown comentou que me viu com o Julian, contudo, eu achei que ele estava apenas me jogando um verde, para tentar arrancar possíveis informações da minha boca. Julian entra no carro e nos leva para longe dali. Merda! Eu queria ouvir o restante da conversa, principalmente saber se eu ainda seria o assunto.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO DOZE

*Com o diabo em seus olhos
Me deixe ouvir você dizer que quer tudo
Diga isso agora, diga isso agora
Olha o que você está fazendo, olhe o que você fez
Mas nessa selva você não pode correr
Porque o que eu tenho para você
Eu juro que é mortal, você estará batendo no meu peito*
Gorilla – Bruno Mars

— Você não sabe quem eu encontrei na academia.

Observo a minha mãe se aproximar de mim, coloca a sua bolsa da academia sobre o braço do sofá e dá um beijo no topo da minha cabeça. Ela fica me olhando, esperando que eu a questione referente ao seu comentário, mesmo que esteja ocupado, pois hoje decidi trabalhar de casa.

— Eu não sei mesmo.

Ela revira os olhos diante do meu deboche.

— Senhorita Thurman.

— Miranda? — Questiono a fazendo franzir o cenho. —
Charlotte, a sua advogada?

— Ela mesma. — A minha mãe afirma. — E quem é Miranda?

— A mesma.

— Miranda? — Ela questiona incrédula.

— Charlotte Miranda Thurman.

— Agora entendi. — Ela sorri.

— E qual o motivo desse sorriso?

— Felicidade, apenas felicidade.

— Certo, dona Sarah. — Lhe dou uma piscadela e volto a minha atenção para o MacBook em meu colo. — Algo mais?

— Você já convidou os seus amigos para amanhã?

— Irei fazer isso mais tarde.

A ouço concordar antes de ir rumo ao seu quarto. Amanhã é aniversário da minha mãe, e por isso acontecerá uma pequena festa

no período da tarde aqui em casa mesmo. Será algo íntimo, para poucas pessoas e ela quer que os meus amigos venham, pois ela tem muito carinho por todos. Contudo, ao convidar o Dominic, consequentemente a Emily virá e eu não sei como posso estar lidando com isso, ainda mais após a nossa discussão. Mesmo que eu esteja incerto diante da sua possível vinda, eu convidarei o meu amigo e ele que irá decidir ao conversar com a namorada, se ela virá ou não.

E mudando de assunto, estou curioso para saber mais desse encontro entre a minha mãe e a sua advogada, pois ela não citaria à toa esse acontecimento no primeiro segundo que me viu e assim que a minha mãe voltar ao meu campo de visão, eu irei questioná-la. Outro ponto importante referente a Miranda, é que na quarta-feira eu vi o tal homem que ela é próxima e fiquei cismado com a sua presença no Fight. Apesar de ter o visto apenas uma vez, e de longe, eu consegui reconhecê-lo assim que o vi saindo por aquelas portas. Por um segundo, eu quis questioná-lo da sua presença ali, mas desistir ao lembrar que ele não sabe quem eu sou. Também queria questionar sobre a sua relação com a Thurman, já que ela se nega a me responder se é comprometida ou não.

Finalizo o meu trabalho do dia, no mesmo segundo que a minha mãe volta para a sala de estar e se senta no sofá oposto. O seu cabelo está molhado, em seu corpo há um vestido longo e ela parece alheia a tudo, enquanto observo a área gourmet da casa. Amanhã cedo, a equipe responsável por organizar a pequena festa virá montar as coisas necessárias, como por exemplo, a decoração. E a Rosi está responsável por supervisionar cada detalhe, principalmente a comida que será servida. Coço a minha garganta ao chamar a atenção da minha mãe e o seu olhar recai sobre mim.

— Estou ansiosa para amanhã. — Ela confessa.

Lhe dou um pequeno sorriso.

— E como foi na academia? Encontrou a Thurman, não é?

— Encontrei e a convidei para vir amanhã.

— Convidou?

Inicialmente eu fico espantado com a sua informação, mas acabo gostando.

— Ela me pareceu bastante relutante para aceitar, mas acabou concordando ao dizer que tentará vir. — A minha mãe me informa e em seguida me encara com o cenho franzido. — Eu não quero ficar me intrometendo na sua vida, mas eu notei algo entre vocês.

— Quando?

Finjo indiferença ao seu comentário e isso a faz revirar os olhos.

— Segunda-feira, no escritório dela e foi também quando você chegou lá antes de mim.

— Ah, não era nada, mãe. — Resmungo.

— Jensen...

Involuntariamente um sorriso surge em meus lábios ao lembrar dos acontecimentos dentro daquele escritório, e o desejo dentro de mim se torna ainda maior. Eu quero poder sentir cada centímetro daquela pele sedosa, dedilhar o seu corpo dos pés à cabeça e deixar que a minha boca explore cada ponto sensível. Além de que, eu quero ter a chance de calar aquela boca atrevida. Miranda é uma mulher astuciosa e me surpreendeu, por mais que eu já tenha conhecido outras da mesma forma, mas ela é diferente e eu não sei explicar.

— Não é nada mesmo, apenas desentendimento acompanhado de tensão.

— Tensão? — Ela arqueia a sobrancelha.

— É, tipo isso.

Ao invés de reclamar ou algo parecido, ela sorri e isso me transmite algo bom. Eu esperaria que ela fosse reclamar, mandar eu deixar a sua advogada em paz, mas não é isso o que ela está transmitindo através desse sorriso. E eu sei muito bem o que irá acontecer quando a Miranda e eu conseguirmos aplacar o que estamos desejando, será cada um para o seu lado. O finalzinho da tarde corre, enquanto converso com a minha mãe assuntos banais e compartilho da sua animação em relação ao amanhã. A minha animação também tem a ver com a possível vinda da senhorita Thurman e eu nem se quer consigo imaginar o que possa acontecer ao estarmos na mesma casa. Leon chega acompanhado da noiva,

eles me cumprimentam e a Lola se senta ao lado da sogra, enquanto o meu irmão observa a área externa.

— Nenhum preparativo para amanhã? — Ele questiona.

— Ainda não. — A nossa mãe responde.

— Amanhã fará um lindo dia, pelo menos pela previsão. — Lola comenta.

— Sempre está um lindo dia no seu aniversário.

— Desde que eu me lembre, é assim mesmo. — Leon concorda comigo.

Rosi nos informa que o jantar está pronto, todos nós vamos para a sala de jantar e aproveitamos o momento em família. Logo após, eu peço licença e me despeço deles, pois preciso ir me encontrar com os rapazes, precisamente, ir até ao prédio deles. Entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e acelero rumo ao Glendale. Sei muito bem que os rapazes não iriam para o Fight, devido a mesma questão recorrente desses últimos dias e por isso achei melhor ir até o apartamento do Oliver. E isso só está acontecendo, porque ele mesmo me convidou para ir até lá e eu pedi que ele convidasse o cunhado também.

A última vez que encontrei os meus amigos foi há dois dias, no Fight e tivemos uma breve conversa. E foi no momento que eu estava conversando com o Dominic, próximo ao meu carro, que eu vi o tal homem que fica cercado a Miranda. Se eu não ficar sabendo o que é ele é da Thurman, eu irei enfartar. Na segunda-feira, quando nós nos vimos, eu deixei bem claro que eu não gosto de beijar mulher comprometida, e é a verdade. Eu já gostei, pois traz um êxtase a mais para a relação, mas hoje em dia eu dispenso isso, para poder ter momento tranquilos e tão prazerosos quanto anteriormente.

Estaciono o meu carro diante do prédio, desço e aciono o alarme. Caminho tranquilamente rumo a portaria, puxo a porta das escadas de emergência e subo os poucos degraus. Logo toco a campainha e ouço as vozes femininas, todas chamando o Oliver. A porta é aberta, cumprimento o meu amigo e entro no apartamento. Aceno brevemente para as meninas e acolho a minha princesinha entre os meus braços quando ela se aproxima.

— Então quer dizer que está morando aqui?

— Estou. — Penélope afirma.

— Estava mais que na hora. — Oliver resmunga.

A porta é aberta, o Dominic entra e me observa, por eu estar abraçado a sua irmã.

— Solte a minha irmã, por favor.

Rio do seu tom e acato ao seu pedido. Ele abraça a irmã e beija o topo da sua cabeça. Sigo o Oliver rumo a cozinha, nós nos sentamos ao redor da pequena mesa da cozinha e ele serve uma cerveja para cada um, quando o Dominic se junta a nós. Eu bebo um longo gole e fico mais relaxado.

— Quais são os planos de vocês para amanhã?

Ambos me encaram intrigados e o Oliver dá de ombros.

— Descansar.

— Eu não sei, pois depende muito da Emily. — Dom informa.

— Amanhã é aniversário da minha mãe e ela queria muito que todos vocês fossem.

— Isso inclui as meninas? — Oliver me questiona.

— É claro que sim.

— Até mesmo a Emily? — Dominic me encara.

— Aí fica ao critério dela querer ir ou não.

— Mas ela está convidada?

— Está. — Resmungo.

— Que horas será? — Oliver bebe mais um gole de sua cerveja.

— Lá para as duas da tarde.

— Nós iremos. — Ele afirma, mesmo sem perguntar a esposa e irmãs.

— E você? — Pergunto ao olhar para o Dominic.

— Preciso falar com a Emily primeiro.

Apenas aceno e bebo mais um pouco da minha cerveja. Ouço com atenção o Dominic falar sobre as novas artimanhas de seu filho, o qual já está falando as primeiras palavras e tentando andar sozinho. Em breve será o meu irmão passando por essas novas etapas de sua vida, e quem sabe daqui muitos anos seja eu tendo

essa experiencia. Oliver comenta que deseja muito ter um filho, mas concordou com a Penélope que ainda não é o momento para isto.

Enquanto beberico a minha cerveja, a minha mente viaja até a situação que eu causei ao encontrar a Emily pela última vez. Espero muito que ela tenha entendido que não existe culpado, além do James, quando o assunto é o assassinato da Maggie. Independentemente da minha atitude, ao me envolver com mulher casada, aquilo foi apenas mais uma ‘desculpa’ que aquele maldito usou para poder dar fim a vida da esposa. Em diversos momentos, eu acreditei que realmente era culpado, senti que era o causador daquela fatalidade.

Hoje, com a maturidade que tenho e por ser um homem adulto, eu não me arriscaria daquela forma novamente. Não me refiro a não ter me envolvido com a Margareth, pois eu não me arrependo, entretanto, se isso acontecesse hoje, eu só lhe daria chance de ficar comigo se ela fosse uma mulher desimpedida, principalmente, ao deixar a sua relação com o ex-marido a mais passional possível. E tudo aquilo que a Lauren – praticamente – jogou na minha cara, em relação a Maggie, é a verdade. Reconheço e assumo.

— Jensen... — Ouço o Dominic me chamar e eu o encaro. —, está acontecendo algo?

— Não, estava apenas pensando em algumas questões.

— Questões de pernas, cintura e um par de seios. — Ouço a Penélope resmungar ao entrar na cozinha.

— Essa é uma questão muito boa a ser pensada, princesinha.

Ela revira os olhos diante da minha ironia e bebe um longo gole da cerveja do marido. Oliver a puxa para o seu colo e a nossa conversa continua, contudo, sendo boa parte relacionada as situações do cotidiano, até que o Fight se torna a pauta. O novo lutador foi apresentado na última quarta-feira, ele chegou querendo botar banca em cima dos demais e teve a ousadia de questionar do porquê de ele não ter direito ao camarote. Eu simples ri na cara dele e mandei ele tentar ser pelo menos um por cento do que nós – 5M – somos.

— Agora, com a Emily definitivamente no comando do Fight, acabou essa história de transar com as ring-girls. — Dominic

declara ao olhar para mim.

— Eu não quero mais nada com nem uma delas, já estou saturado, mas eu só preciso resolver um problema lá.

— Problema?

Olho rapidamente para a Penélope que continua aqui, e por ajuda divina, ela sai da cozinha junto com o Oliver quando a Ayla os chama para ver algo na tevê.

— É, mas não é nada demais.

Ele semicerra os olhos e cruza os braços diante do corpo.

— E como anda a história da ruiva?

Tento esconder o sorriso involuntário que surge em meus lábios, mas o meu amigo percebe e bate no meu ombro.

— Nada novo... — Resmungo. —, a não ser que possivelmente todos vocês a conheçam amanhã.

— Você a convidou? — Ele questiona surpreso.

— A minha mãe que a convidou.

— É bom te ver assim, animado.

— Estou normal como sempre.

— Não, não está. — Ele declara. — É visível a sua mudança, desde que você começou a ter interesse por ela.

Dou de ombros demonstrando indiferença em relação a isso e termino de beber a minha cerveja num gole só. Não estou diferente devido a minha aproximação com a Miranda, pois não aconteceu nada relevante entre nós, muito menos algo que me fizesse mudar quem eu sou. O que aconteceu, foi que eu voltei a ser quem eu realmente era – aquele antes da Margareth Lewis –, e isso está me fazendo bem. Eu sei muito bem que a Penélope me taxou como o mais azedo entre todos, contudo eu estava assim devido a acontecimento ruins e exaustivos.

— Oi. — Ouço o Dom falar num tom baixo.

Olho para trás, diretamente para a porta da cozinha e vejo a Lewis. Ela está com o filho nos braços, e ele está agitado tentando ir para os braços do pai.

— Que pé no saco! — Sussurro.

— Eu quero falar com você. — Ela informa ao namorado.

O olhar do Dominic recai sobre mim e eu volto a ficar de costas para a Emily.

— O que aconteceu? É algo com o Eduard? — Dominic questiona preocupado.

— Ele e o Achilles estão vindo para cá, querem conversar comigo.

— Tudo bem. — Dom concorda antes de suspirar. — Eu já irei, tudo bem?

Ela concorda e vai rumo a sala de estar, antes de sair do apartamento. Noto o Dominic esfregar o rosto entre as mãos e em seguida as bate sobre a mesa. Oliver volta para a cozinha, se senta no mesmo lugar de antes e bebe a sua cerveja.

— Se ele está vindo, deve ser algo bom.

— Ou está vindo para se despedir. — Dominic resmunga.

— Não pense assim, será pior para a Emily. — Oliver o lembra.

Decido que já deu a minha hora, bato as mãos em meus joelhos e fico em pé ao avisar que estou indo embora. Ambos me avisam que irão me acompanhar, eu vou rumo a sala de estar, me despeço das meninas e dou um abraço na minha princesinha antes de sair do apartamento.

— Espero todos vocês amanhã.

— Nós iremos. — Oli afirma.

— Eu irei tentar ir... — Dom se cala ao fazer um suspense desnecessário. —, com a Emily.

— Tudo bem, a minha mãe tem um carinho enorme pelos Lewis, pois era amiga da Margareth.

— E como foi a reação da sua mãe ao saber do seu romance com a amiga dela? — Oliver me questiona.

Descemos a escada de emergência.

— Melhor do que eu esperava. — Respondo num resmungo e aperto o ombro do meu amigo, que está apreensivo. — Relaxe, irá ficar tudo bem.

— Se ele está vindo é porque aconteceu algo sério. — Dom murmura.

Eu abro a porta do hall do prédio e noto que o Lewis já chegou. Ao seu lado está uma bela moça e o advogado vem logo atrás.

— Ele já chegou. — Informo num resmungo.

Eles se aproximam de nós e eu olho diretamente para a acompanhante do Lewis. Eu a vi, aliás, a vi o acompanhando em alguns dias da semana e eu desconfio que ela também teve que depor.

— A sua irmã está louca de ansiedade lá em cima. — Dominic o informa.

— Eu achei melhor avisar do que chegar aqui de surpresa. — Eduard murmura.

Vejo de relance ele cumprimentar o Oliver, antes de me encarar.

— Vem, vamos subir.

Eduard passa o braço ao redor da cintura da sua acompanhante e eles entram no prédio. Eu volto a andar na direção do meu carro e me encosto na porta.

— Eu preciso subir com eles. — Dom me informa.

— Qualquer coisa que você precisar, pode entrar em contato comigo.

— Obrigado.

Dominic se despede de mim e anda apressado rumo ao prédio.

— Eu não sinto mais raiva do Eduard pelo que ele fez com a Emily... — Oliver comenta. —, mas sinto pôr o ver com outra garota, enquanto a minha irmã está cabisbaixa porque eles se afastaram.

— Eles tiveram algo?

— Eu não sei, mas desconfio que ambos se gostam.

— Talvez ele tenha tido um motivo para afastar a sua irmã.

— Emily me disse que foi a melhor escolha que ele teve, pois não faria bem a Stephany se eles estivessem próximos, mas ele está com outra.

Fico sem saber o que falar, pois não sei como posso ajudar nessa situação, principalmente nesse tipo de coisa que envolva o Lewis, pois eu não tenho nem um por cento de ideia do que se passe naquela mente. Aconselho ao meu amigo a ter tranquilidade diante deste acontecimento, e que se for para ser resolvido algo, que seja apenas entre Eduard e Stephany, pois eles devem ter

algun tipo de intimidade. Oliver acaba concordando comigo, eu me despeço dele e entro no meu carro. Agora eu irei para casa, descansar o corpo e colocar a mente para trabalhar, pois quero ter algum plano arquitetado para amanhã referente a possível aparição da Charlotte Miranda Thurman.

[...]

— Uma dose de uísque, por favor.

Apoio os meus braços sobre o balcão do bar e aguardo o barman preparar o meu pedido. A festa por menor que seja, já está todo ao vapor, a maioria dos convidados já chegaram e a minha mãe está recepcionando cada um. Os meus amigos também já chegaram, eles estão sentados no amplo sofá debaixo da árvore próximo ao deque da piscina, e está faltando apenas o Dominic.

— Oi, Jensen.

Leila, a amiga da minha mãe me cumprimenta ao se encostar ao meu lado no balcão. Ela é solteira, apesar de já ter se casado quatro vezes e eu fujo dessa mulher desde que eu me entendo por gente, pois já notei o seu interesse por mim.

— Oi.

O barman me entrega o copo de uísque, eu agradeço e ando na direção dos meus amigos, tentando ficar o mais longe possível dessa mulher. Observo o Leon conversando com alguns conhecidos da família, enquanto a noiva está ao seu lado e é sempre assim, o meu irmão que se enturma com todos, enquanto eu prefiro ficar no meu canto. Paro diante dos meus amigos, beberico o meu uísque e antes que eu possa engoli-lo, fico petrificado. Miranda acabou de chegar e como sempre está deslumbrante. Ela está usando uma calça jeans justa as suas pernas e cintura, camisa tule na cor branca, que deixa o seu sutiã da mesma cor, exposto.

Tento decidir se devo ir em sua direção ou não, e fico parado no mesmo lugar quando eu vejo a minha mãe recepcioná-la. Em seguida recebe um pequeno embrulho como presente e olha ao redor em busca de algo. O seu olhar recai sobre o meu, a minha mãe acena me chamando e eu vou em sua direção. Aperto o copo

com a minha mão esquerda, tentando ficar tranquilo e sorrio ao parar diante da Miranda.

— Recepcione a senhorita Thurman, por favor, enquanto eu guardo o presente. — A minha mãe me pede.

— Pode ir tranquila e demorar o tempo que precisar. — Sussurro enquanto mantenho o meu olhar nela.

A minha mãe me belisca e eu não demonstro reação. Antes que ela possa se afastar, me dando a oportunidade de ficar sozinho com a sua advogada, por mais que a nossa volta tenha diversas pessoas, o meu amigo chega acompanhado da namorada e do filho. Aproveito para ficar ao lado da Miranda, toco em sua cintura e o seu olhar conecta ao meu.

— Não toque em mim. — Ela rosna num sussurro.

Eu sorrio suavemente, a provocando e cumprimento o Dominic.

— Eu estou tão feliz que vocês vieram. — A minha mãe declara ao cumprimentá-los e brinca rapidamente com o Andrew. — Há anos eu não te via e é bom te ver agora, tendo a oportunidade de construir uma família ao lado do Dominic, que é uma pessoa especial para mim.

— Obrigado, senhora Brown. — Dom agradece.

— Apenas Sarah, por favor. — Ela pede.

— Eu sei que a senhora era muito amiga da minha mãe, melhores amigas, não é mesmo?! Obrigada pelo convite.

Miranda tenta se afastar, mas eu seguro em sua cintura de forma discreta, a fazendo me fuzilar com o olhar.

— E o seu irmão, como está?

— Bem, obrigada por perguntar. — Emily agradece.

— Deveria ter o convidado também, Jensen. — A minha mãe declara ao me encarar.

Emily ri chamando a atenção de todos.

— Só de me ter aqui já é um tormento para o seu filho, quem dirá ao estar no mesmo ambiente que o meu irmão. — Ela resmunga e entrega o presente para a minha mãe. — Espero que goste.

— Fiquem à vontade, por favor.

Dominic bate em meu ombro após olhar rapidamente para a ruiva ao meu lado, e vai na direção dos nossos amigos juntos com a namorada. Enfim a minha mãe vai guardar os seus presentes e eu fico a sós com a Miranda. Ela se afasta de mim e respira fundo.

— Eu não preciso que você fique próximo a mim, como o meu guia ou recepcionista.

— Sempre na defensiva, Miranda.

Me afasto brevemente, na intenção de ir até os meus amigos.

— Eu já lhe disse para me chamar de Charlotte ou de Thurman.

— E eu já lhe disse que prefiro Miranda.

Lhe dou as costas, ando na direção dos meus amigos e me sento ao lado da Lauren. Apesar de ela e a Emily estarem no mesmo ambiente, parece estarem tranquilas uma com a outra. Relaxo o meu corpo contra o sofá e bebo o meu uísque de uma vez, enquanto observo a Miranda transitar pela área externa, aonde está acontecendo a festa. Apesar de o céu estar azul e o sol está brilhando, a temperatura não está alta, e eu noto a Miranda esfregar os braços.

— Por que a ruiva não vem ficar aqui conosco? — Lauren questiona ao notar a presença da conhecida.

Eu não respondo nada, pois não sei o que posso lhe dizer, então dou de ombros.

— Então é ela? — Dominic me questiona.

Novamente não respondo nada, pois já ficou mais do que claro que a pergunta do Dominic só tem uma única resposta, a qual ele sabe muito bem. O garçom para na nossa mesa, serve os petiscos e eu peço que ele traga cerveja para todos. As irmãs do Oliver já estão bebendo refrigerante, noto que a Emily e Stephany estão conversando num tom baixo enquanto os demais conversam animadamente. Logo o garçom coloca as cervejas sobre a mesa, eu agradeço e prendo a minha atenção no Andrew, que está balbuciando.

De repente o silêncio reina, no mesmo segundo que o olhar de todos se fixa em algo atrás de mim. Como o sofá é em c e eu estou na ponta, tenho que olhar por cima do meu ombro para trás. E

quando eu faço isso, fico surpreso ao ver a Miranda. Logo atrás dela vem o meu irmão com a Lola e se sentam na outra ponta.

— Eu posso me sentar aqui? — A ruiva me questiona.

Eu arrasto o meu corpo para o lado por alguns centímetros e ela se senta na ponta, onde eu estava. A sua perna fica colada à minha, e as nossas mãos se raspando sobre a mesa.

— Pessoal, essa é a Charlotte, advogada da minha mãe. — Leon a apresenta.

Cada um dos meus amigos se apresentam a ela, a fazendo sorri cordialmente.

— Eu te conheço de algum lugar. — Emily declara.

— Os meus pais são vizinhos dos seus pais, aliás, do seu irmão, agora. — Miranda declara.

— Isso! — Emily afirma. — A sua mãe era advogada da minha, não era?

— Era.

Putá merda essa história novamente! Eu me lembro que, quando a Margareth foi passar o apartamento para o meu nome, nós encontramos com a sua advogada e eu espero que aquela mulher tenha esquecido o meu rosto, pois eu não quero que o assunto de ter sido amante da Lewis caia nos ouvidos da Thurman. Para me distrair desse acontecimento, eu aproximo a minha boca do ouvido da Miranda e noto a sua respiração ficar pesada, além de que, noto os seus pelos se arrepiarem.

— Tentou fugir, me afastar, mas olha só, quem teve a iniciativa de vir até aqui.

— Eu vim porque a sua cunhada me convidou. — Ela murmura.

— Eu acredito em você. — Debocho antes de beber um gole da minha cerveja. — Você quer uma?

— Não, obrigada. — Ela agradece ao mostrar a sua taça de vinho branco.

Os seus olhos são um convite imenso para eu agir sem pensar muito, principalmente, nas possíveis consequências.

— Quando você irá me dizer se é comprometida ou não?

— Para que isso lhe interessa?

Ela umedece os lábios com a ponta da língua e esfrega a sua perna na minha.

— Porque... — Olho ao redor e vejo que ninguém está prestando atenção em nós, então me aproximo ainda mais dela. —, eu quero muitas coisas com você e quero que isso seja apenas se você for uma mulher livre.

— Eu sou uma mulher livre, sendo comprometida ou não.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

E então Miranda sorri debochada e acena, me deixando confuso. Eu não sei se esse aceno é referente a que me entendeu, ou se é comprometida ou se não é.

— O que você quer, realmente, comigo? — Ela vira o seu rosto em minha direção e ficamos cara a cara. — Sexo?

— Sexo e...

— Tudo bem, eu faço sexo com você. — Ela declara ao me interromper.

— Não! — Exclamo e isso acaba chamando a atenção de todos.

Ela arqueia uma sobrancelha e sua expressão demonstra surpresa. Não é assim que as coisas funcionam, pois ela estava fugindo de mim até dois segundos atrás, e agora, está aqui, cara a cara comigo dizendo que quer transar. Esfrego a minha testa, encaro a mesa de madeira e um suspiro escapa da minha boca. Eu não estou acostumado com esse tipo de determinação, pois ainda estou atraindo a sua atenção, ao mesmo tempo tentando despertar o seu desejo e isso leva algum tempo até que ela fique completamente entregue.

— Não era exatamente isso o que você quer, e eu estou te dando a oportunidade de conseguir. — Ela declara num tom para que somente eu ouça.

Eu a encaro e meneio a cabeça para os lados.

— Por que você é assim?

— Assim como? — Ela questiona confusa.

— Essa pessoa que atropela tudo, que não me deixa agir conforme eu planejei.

— O seu plano ficou claro desde o início: me cercar, fazer com que eu caísse na sua lábia e por fim, eu cair na sua cama.

Ela resumiu o meu plano de forma tosca, mas realista e está tudo bem.

— É o que você também quer? — Questiono.

— Talvez. — Ela responde antes de bebericar o seu vinho.

— É sim ou não, Miranda, pois eu não vou entrar nesse joguinho de tentar adivinhar o que você deseja.

A ignoro ao começar a conversar com os meus amigos, e sinto que ela permanece com o seu corpo colado no meu. Miranda tem um joguinho péssimo, pois sempre quer que eu fale, o que eu desejo no momento, faz questionamentos que exigem respostas diretas, mas quando as posições são invertidas, ela dá respostas incertas e quer que sejam aceitas. Como os seus ‘Talvez’ que ela sempre me dá quando eu lhe faço questionamentos. Ouço a Lola chamar as meninas para irem ao deque da piscina, e todas a acompanham, inclusive a Miranda. Apenas eu e os rapazes permanecemos na mesa e eu aproveito para respirar fundo. Aquela mulher está querendo tirar o meu juízo e está quase conseguindo. E eu tenho medo disso, pois da última vez, eu me entreguei cem por cento e não fui correspondido nem dez por cento.

— Foi bom ela ter saído, pois mais um pouco, vocês se atacariam aqui mesmo. — Leon ironiza.

— Fisicamente ou sexualmente? — Questiono no mesmo tom.

Os meninos riem e o Dom bate a sua cerveja contra a minha.

— Ela é bonita e me surpreendeu em te deixar assim. — Ele a elogia.

— O tanto que é linda, é o mesmo tanto que consegue me irritar.

— Gostei dela.

Reviro os olhos, o fazendo rir e o Oliver bate no meu ombro.

— Bem-vindo ao clube dos homens que são irritados ao extremo, mesmo assim continuam amando as suas mulheres.

— O meu lance com a Miranda é puro tesão, nada além disso e eu tenho certeza de que uma vez bastará.

— E o que está impedindo para isso aconteça logo? — Noah me questiona.

— Ela própria que está impedindo. — Respondo ao analisar o que aconteceu há poucos minutos. — Aliás, ela estava impedindo isso até o momento que chegou aqui, aí do nada, quando se sentou do meu lado declarou que se eu quisesse sexo, nós faríamos sexo.

— E que mal tem nisso? — Agora é a vez do Dominic me questionar.

— O mal é que ela pensa que eu tenho que estar dentro do joguinho dela, agir como ela bem quer e entende. Eu já lhe questionei diversas vezes se ela é comprometida, pois já a vi com um tal cara e peguei os dois numa ligação.

— Explica melhor isso aí, Jensen. — Leon me pede.

— Não quero contar a história agora, mas resumindo: eu vi esse tal cara saindo do Fight na quarta-feira.

— E o que você pretende fazer?

Dou de ombros ao ficar calado, mas tento encontrar uma resposta para mim mesmo. Enquanto beberico a minha cerveja, olho na direção do deque e observo Miranda interagindo com as meninas, até mesmo brincando com o Andrew que está intrigado ao mexer nas mechas vermelhas. Ouço os rapazes combinarem de ir para o Fight à noite, e eu prefiro permanecer alheio a isso, pois tudo irá depender do que eu decidir em relação a Thurman.

— Por que demorou a chegar aqui? — Ouço o meu irmão questionar ao Dominic.

— Eduard estava lá em casa. — Ele responde.

— E o que aconteceu ontem?

— Tudo mudou, a ex-madrasta deles deu um depoimento que colocou o Eduard contra a parede. — Dom informa. — E tudo foi decidido nessa manhã e eles irão aguardar o julgamento, mas estarão lá como vítimas.

— Que reviravolta.

Dominic continua a nos contar sobre as novidades do caso Lewis, já que a cada dia é uma nova surpresa e algo que eu jamais pude imaginar que aconteceria. Enquanto interajo na conversa em relação as notícias que saíram a respeito dos depoimentos, observo

a minha mãe animada, como das outras vezes e para a surpresa de todos, o meu pai foi convidado e está aqui. Mesmo com o processo de separação em andamento, eles são duas pessoas adultas, maduras e que colocaram as coisas boas acima de tudo. Eles foram um casal por muitos anos, nós fomos uma família e é isso o que sempre estará acima de tudo. O tempo passa voando, as meninas logo voltam a se sentarem conosco, menos a Miranda e eu a vejo conversando com a minha mãe.

Em sua mão esquerda já tem uma nova taça de vinho branco e na outra mão tem um canapé. O sorriso em seus lábios é cativante, e a sua postura é elegante, mesmo que esteja se equilibrando em cima do salto quadrado. A sua beleza encanta a todos por onde passa, ela emana poder e segurança. O seu olhar recai sobre o meu, ela se afasta da minha mãe e anda em minha direção. Ela se senta ao meu lado e novamente deixa a sua perna colada na minha. A observo conversar animadamente com a Emily, já que estão sentadas frente a frente e numa atitude pouco pensável, eu coloco a minha mão em sua coxa. Caminho os meus dedos e ela permanece do mesmo modo, como se eu não a estivesse tocando.

A atenção de todos é chamada quando é anunciado os parabéns, nós nos aproximamos da mesa do bolo e cantamos as felicitações para a minha mãe. Como sempre, ela faz questão de cortar um pedaço de bolo para cada pessoa presente, e tendo a tradição de ficar com o primeiro pedaço. Todos os anos ela realiza uma pequena festa para os familiares e amigos, mas como neste ano ela está completando cinquenta anos, ela declarou que iria fazer algo maior e aqui estamos, compactuando com este momento, lhe dando uma nova lembrança feliz. Aproveito a distração de todos, ando na direção de casa e me sento no sofá da sala de estar. Deito a minha cabeça no encosto e fecho os meus olhos. Eu preciso de um momento a sós, e um lugar sem barulho.

— Aonde é o banheiro por favor?

Abro os meus olhos e vejo a Emily parada diante de mim, com o filho nos braços. Andrew está com a boca e mãos sujas de bolo. Me levanto do sofá, ando na direção do corredor e ela me segue. Eu abro a porta, ela agradece e eu me afasto. Atravesso novamente o

corredor e dou de cara com a ruiva. Em seus lábios existe um sorriso travesso, e isso me preocupa um pouco, pois eu nunca consigo imaginar o que possa estar se passando em sua mente.

— Eu tenho uma pergunta para te fazer. — Ela declara e eu arqueio uma sobrancelha. — Você ficou assustando com a minha declaração sobre o sexo?

— Surpreso.

— Por quê? — Ela questiona. — Eu agi do mesmo modo que vocês, homens, agem todo santo dia.

— Essa sua desculpa não é aceitável para que aja desse modo, é ruim.

Ela dá um passo na minha direção e ficamos cara a cara, contudo, ela continua sendo mais baixa que eu mesmo estando usando salto alto.

— Por que eu sou mulher?

Sem lhe responder nada, eu a agarro pelo seu cabelo e trago o seu rosto para mais perto do meu. As nossas bocas estão próximas, eu desejo muito beijá-la novamente, mas eu não irei fazer isso, a não ser que ela peça.

— Você fala demais, sempre argumentando e questionando. — Reclamo num resmungo.

— Essa sou eu, Jensen.

— Mas eu gosto, foi isso que me atraiu.

— Você se atraiu devido a minha beleza, pois duvido muito que se eu fosse feia, você iria se aproximar de mim.

— Cheia de suposições também.

— Eu sou muito boa nisso.

O meu aperto em seu cabelo se torna mais intenso e um gemido escapa da sua boca.

— Em que mais você é boa? — Questiono com a minha boca próxima a sua. — Eu sou bom em muitas coisas.

— E sabe o que mais que você é? Presunçoso.

Rio da sua declaração e a solto quando ouço a porta do banheiro se abrir. Emily passa por nós lentamente, pois está auxiliando o Andrew a andar. Antes que ela possa passar pelas

portas da sala de estar, ao voltar para a área externa, ela me olha e eu fico receoso.

— A sua mãe quer conversar comigo.

— E eu tenho a ver com isso?

— Você tem muito a ver com o assunto.

— Merda!

Somente agora eu consigo entender a que ela está se referindo, então apenas aceno suavemente com a cabeça e volto a minha atenção para a Miranda. Ela está me encarando, curiosa para saber do que se trata o assunto, contudo, não é algo que lhe diz respeito.

— Qual o problema entre você e os Lewis?

— Nenhum que eu devo citar, ainda mais agora, pois eu quero resolver outro tipo de problema agora.

— Qual?

— Você, ruiva.

Miranda coloca a sua mão em meu tórax, sobe até o meu ombro e arranha suavemente a pele do meu pescoço com as pontas de suas unhas.

— Duas possibilidades: ou você não irá subir ou não irá durar dez segundos.

— Quer pagar para ver se isso vai acontecer?

— Não, obrigada.

— Isso é medo de gostar e ficar viciada?

Ela revira os olhos, dá um passo para trás e gira o seu corpo sobre os calcanhares antes de andar rumo a cozinha. Eu enfio os meus dedos entre os fios de cabelo e esfrego o meu couro cabeludo. Volto para a área externa, me encosto na pilastra e sorrio ao ver a felicidade da minha mãe. Em pouco tempo, todos os convidados começam a ir embora, assim como o meu pai e apenas os meus amigos ficam aqui, pois a minha mãe quer conversar com a Emily. Observo a Miranda se despedir de todos, mas me distraio quando o Leon avisa que irá descer para a academia com os rapazes para mostrar algumas mudanças que fizemos lá, as meninas continuam sentadas no sofá debaixo da árvore e a Lewis se senta com a minha mãe próxima ao deque.

— Eu também já irei embora. — A ruiva para diante de mim.

— Tudo bem.

— Tão fácil e simples, isso é estranho.

— O que você queria que eu fizesse? Te agarrasse, jogasse em meu ombro e carregasse você até o meu quarto?

Ela sorri maliciosamente e a minha expressão fica séria. Será que é isso mesmo que ela quer?

— Você se garante muito, não é? Talvez isso seja um defeito.

— Já percebeu que você foge quando lhe convém, mas minutos depois se aproxima novamente? Tenho a impressão de que está tentando convencer a si mesma que o melhor seria se afastar, contudo, o desejo está gritando.

A sua boca se abre, mas ela não profere nem uma palavra, apenas umedece os lábios com a ponta de sua língua, pela milésima vez. Ela segura em meu braço, me puxa rumo a sala de estar e paramos perto do corredor que leva rumo aos demais cômodos da casa.

— O melhor para nós agora será acabar com isso de uma vez por todas, vamos fazer sexo e pronto. Eu quero, você quer e nós devemos nos render a este desejo, por uma única vez. — Ela declara. — Segunda-feira nós nos encontramos...

— Agora.

— Não! — Ela nega de imediato. — Eu não vou transar com você aqui, onde estão os seus amigos e principalmente a sua mãe.

Me inclino em sua direção, raspo a minha boca na pele do seu pescoço, e a sinto se arrepiar.

— Especificamente, nós iremos transar no meu quarto, aonde estará apenas nós dois. — Sussurro em seu ouvido. — É melhor matar o desejo agora, do que tentar combatê-lo sozinha.

Deposito um suave beijo no lóbulo de sua orelha, ela aperta o meu braço e se afasta por alguns centímetros, para olhar em meus olhos. Toco em sua cintura, subo a minha mão por suas costas e agarro novamente o seu cabelo. Deixo as nossas bocas próximas e noto ela ansiar pelo beijo.

— Você é um cretino.

— Eu vou te mostrar o quão cretino eu sou quando estivermos na cama. — Declaro a fazendo ri.

— O que você está esperando para me beijar?

— Um pedido, pois eu não vou te beijar sem antes ouvir um pedido e muito menos fazer qualquer outra coisa.

— Me beija agora.

Acato a sua ordem e selo os nossos lábios. Sim, foi uma ordem, pois ela é astuciosa demais para agir de forma submissa. Pressiono o seu corpo com o meu contra a parede, com a minha outra mão agarro a sua cintura e aprofundo o nosso beijo. Sinto as suas mãos apertarem os meus braços, as suas unhas fincam em minha pele e eu pressiono ainda mais os nossos corpos. Solto as suas mechas de cabelo ao descer a mão pela lateral do seu corpo e acaricio a lateral do seu seio, a fazendo arfar contra a minha boca.

Respiro fundo ao afastar as nossas bocas, abro os meus olhos e a analiso. Olhos vidrados, boca avermelhada e inchada. Sem precisa falar nada, muito menos fazer um convite, eu seguro em sua mão e nos guio rumo ao meu quarto. Pouco me importo quem está nessa casa ou deixa de estar. Eu quero foder essa mulher até eu perder as forças, os sentidos, qualquer racionalidade, mas espero que o seu deboche sobre a minha performance não caia sobre mim como uma maldita praga.

Entramos no meu quarto, tranco a porta e volto a beijá-la. As suas mãos adentram em minha camiseta, dedilham o meu tórax por cada centímetro e segundos depois a peça voa para longe do meu corpo. Ela se afasta de mim, se senta na ponta da minha cama e se inclina para frente, na intenção de retirar o seu sapato. Eu me agacho, seguro em sua mão e impeço o seu movimento.

— Eu faço isso.

Desfaço a tira do seu tornozelo esquerdo, retiro o sapato do seu pé e faço a mesma coisa com o lado direito. Subo as minhas mãos por sua perna, passo por suas coxas e paro em sua cintura. O seu peito sobe e desce lentamente, demonstrando a sua respiração pesada, o lábio inferior preso entre os dentes e o meu olhar conecta ao seu. Os olhos vibrantes pedem desesperadamente por mais. Fico em pé, inclino o meu corpo sobre o seu e ela cai de costas

sobre a cama. Me ajoelho entre as suas pernas, abro o botão de sua calça e retiro a peça por suas pernas.

Deslizo as minhas mãos em sua pele, descobrindo que são mais sedosas do que eu conseguia imaginar, e logo alcanço a peça minúscula. Básica na cor branca e decido deixá-la em seu corpo, por enquanto. Faço uma trilha de beijos desde a sua panturrilha até a seu ventre, subo a barra da sua camisa de tule até os seus seios, beijo a sua barriga e círculo o seu umbigo com a minha língua. Miranda se remexe inquieta debaixo de mim enquanto eu distribuo beijos em sua pele, subo a minha mão direita até o seu seio e penetro os meus dedos em seu sutiã de renda. Toco em seu mamilo enrijecido, o aperto suavemente e ela arqueia as costas do colchão. Volto a me sentar entre as suas pernas, ela também se senta e segura o meu rosto entre as mãos.

— Isso aqui parece uma maldita loucura. — Miranda sussurra.

— Mas é uma maldita loucura.

— E será uma única vez. — Ela anuncia.

Aceno concordando e a beijo suavemente. Desço a minha boca por seu pescoço, mordo e chupo pequenos pontos de sua pele. Retiro a camisa do seu corpo, a deixando apenas de lingerie e contemplo o seu corpo. Inclino o meu corpo sobre o seu, beijo o seu colo e passo a minha língua sobre os seus mamilos ainda cobertos pelo fino pano do sutiã. Miranda tenta conter os seus gemidos, mas eu os ouço perfeitamente, e isso é como munição para essa noite. Me surpreendendo quando ela consegue girar os nossos corpos e fica montada sobre a minha pélvis.

Ela dedilha cada centímetro do meu tórax, brinca com o cóis da minha calça e abre o botão. A sua mão entra na peça e por cima da minha cueca, toca no meu pau. Puta merda! Se o seu toque parcial já me fez tremer as pernas, eu nem quero imaginar quando os demais toques vierem. FRANZO o cenho quando Miranda sai da cama, mas relaxo em seguida quando ela retira a minha calça e volta para a cama engatinhando sobre o meu corpo. Ela deixa o seu rosto próximo ao meu, eu a seguro pelo cabelo e ataco a sua boca. Giro os nossos corpos, fico novamente em cima dela e remexo a minha cintura contra a dela. Consigo sentir a umidade da sua boceta

através das peças de algodão que é o impedimento para o nosso contato mais íntimo.

Miranda me empurra pelos ombros, eu retiro o seu sutiã e caio de boca no seu seio esquerdo. Chupo, mordo e sugo cada pedacinho da sua beleza, em seguida passo para o outro seio e faço a mesma coisa. Depois desço pelo vale entre os seus seios, círculo o seu umbigo com a ponta da minha língua e paro ao chegar na peça rendada. Seguro nas laterais, a puxo por suas lindas pernas e enfim a deixo nua. Os poucos pelos presentes em sua virilha provam o que eu já imaginava, completamente ruiva. Abro as suas pernas, passo o meu nariz na sua coxa e coloco a minha boca no pote de ouro que existe no final do arco-íris.

Passo a minha língua por toda a extensão, provando o seu sabor e sugo o seu clitóris. Enquanto degusto a sua boceta, a penetro com dois dedos e a cada movimento da minha boca em conjunto com os meus dedos, os gemidos que saem da boca da Miranda são cada vez mais altos. Ela abre ainda mais as pernas e chama pelo meu nome quando eu a penetro com a minha língua. Volto a passar a minha língua por toda a extensão, chupo os seus lábios ao mesmo tempo que provooco o seu clitóris com o meu polegar. As mãos dela pressionam a minha cabeça contra o meio de suas pernas, puxam os fios do meu cabelo e em segundos eu a faço gozar em minha boca.

Me sento e consigo observar o finalzinho da sua expressão devido ao seu clímax. Acaricio o seu ventre, subo pelo seu tronco e apalpo os seus seios. Estico o meu braço sobre a mesa de cabeceira, abro a primeira gaveta e pego um preservativo. Passo os meus dedos em sua entrada enxarcada e a pincelo com o meu pau após vestir o preservativo. Seguro a sua cintura com a minha mão direita, a penetro devagar e ela me recebe gulosamente.

Os nossos corpos se movimentam em sincronia, ela finca as suas unhas em meus braços e sorri de olhos fechados. Miranda é uma deusa, e eu estou pronto para idolatrá-la. Enquanto mantenho o ritmo prazeroso para ambos, inclino o meu corpo sobre o seu e volto a chupar os seus seios. Os seus dedos estão enterrados no meu couro cabeludo, a sua cintura se movimenta contra a minha e

eu sinto o seu interior se apertar a minha volta. A boceta da Miranda está muito molhada, completamente escorregadia e está justa ao meu pau.

Afasto a minha boca do seu corpo, seguro de cada lado da sua cintura e invisto com avidez contra o seu corpo. É impossível controlar os gemidos que saem da minha boca, principalmente os quais saem da boca da Miranda. Os seus olhos já estão revirados, demonstrando prazer e a sua boceta se torna mais apertada, se tornando mais úmida. Um choque percorre o meu corpo, rachando as minhas costas ao meu meio e eu me seguro para não atingir o ápice antes dela. Eu quero dar prazer a Miranda até o último segundo possível, quero fazê-la gozar e sentir o seu corpo se desfazer em milhares de pedacinhos. Ao notar que eu não vou conseguir durar mais tempo, levo a minha mão até o seu clitóris e o provoco ao fazer movimentos circulares com o meu polegar.

— Ai Deus! — Miranda exclama alto.

As suas pernas tremem, os seus olhos se fecham e os seus dedos ficam brancos de tanto apertar o lençol. A sinto se desfazer ao meu redor e segundos depois encho a camisinha. Caio sobre o corpo da Miranda, os nossos peitos sobem e descem lentamente, pois ambos estamos com as respirações pesadas e profundas. Saio de dentro dela ao sentir o meu pau ficar bambo e caio de costas ao seu lado, sobre a cama. Eu não tenho a menor ideia de quanto tempo estamos aqui, eu só consigo sentir ainda mais desejo por esta mulher que está ao meu lado. A observo se sentar na cama, passa as mãos em seu cabelo, tentando organizar as mechas bagunçadas e eu acaricio as suas costas.

— Você tem uma tatuagem?

É uma pergunta retorica, pois está mais do que claro que a resposta é sim, quando eu vejo a raposa desenhada na sua cervical.

— É a única que eu tenho.

— Combina com você, principalmente devido a sua personalidade e cabelo de fogo.

Ela ri suavemente e sai da cama. Pega as peças de roupas caídas no chão, veste a lingerie e prende o cabelo num coque. Noto pontos vermelhos em seu corpo e sorrio ao ver que consegui –

intencionalmente – deixar marcas em diversos centímetros de sua pele.

— Você pode me dar a minha camisa?

Pego a peça que estava caída sobre o abajur e lhe entrego, mesmo contra a minha vontade. Eu queria poder ter mais dessa mulher, aqui, nessa cama, mas combinamos que seria apenas uma vez e eu já fui bastante insistente, então, se ela quiser algo novamente, ela terá que vir atrás. Caso isso não aconteça, eu terei que voltar a ser o insistente da história, pelo menos para conseguir mais uma vez desse sexo intenso e nocauteador, pois é exatamente assim que eu me sinto: nocauteado.

— Obrigada.

Em menos de um minuto ela já está completamente vestida e pronta para ir embora. Eu resolvo sair da cama, visto apenas a calça jeans e seguro o rosto da Miranda entre as minhas mãos, quando eu me aproximo.

— Miranda.

Ela revira os olhos, mas acaba sorrindo. Eu não me importo se ela detesta que eu a chame assim, contudo, é a minha escolha e pronto.

— Você irá ficar aqui ou será um cavalheiro ao me levar até a porta?

— Eu te levo até ao portão.

Me afasto, visto a camiseta e saímos do meu quarto. Atravessamos o corredor, saímos de casa pela porta principal e seguimos rumo ao portão. A acompanho até o outro lado da rua, onde o seu carro está estacionado abro a porta, quando ela desliga o alarme. Ao invés de ela entrar no carro, para na porta e fica próxima ao meu corpo.

— Melhor do que eu imaginei.

Sem esperar qualquer pronunciamento da minha parte, ela me dá um beijo simples e entra no seu carro. Eu fecho a porta, me afasto e a observo ir embora. Foi um maravilhoso sexo, melhor do que eu pude imaginar e esperava. E por mais que eu tenha aplacado o desejo que estava sentindo desde quando nós nos conhecemos, o desejo que eu estou sentindo agora é ainda maior.

Isso não quer dizer que eu quero viver um romance com a Miranda, nós somos adultos e podemos ter encontro casuais para aplacarmos esses desejos. Ela é uma mulher linda, contudo, esse quesito vai além da beleza exterior, assim como o seu jeito na cama. É uma pessoa ótima e madura, mesmo que seja um pouco mais nova que eu, mesmo assim, eu quero aproveitar toda e qualquer oportunidade que apareça envolvendo nós dois.

E claro, eu irei aguardar pacientemente pelo momento que ela virá atrás de mim, mesmo que eu esteja doido para ir atrás dela nesse exato segundo e recomeçar o que fizemos há pouco tempo. Antes de voltar para casa, eu noto que os carros dos meus amigos ainda estão por aqui, contudo, eu prefiro ir diretamente para o banho, pois estou precisando, mesmo que tirar o seu cheiro do meu corpo seja algo desgostoso.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO TREZE

*Não tá vendo o quanto eu quero?
Ouvi os sinais, vem pular aqui
Eu li sua mente, sei que você me quer
Melhores decisões merecem melhores resultados
Sim, eu sei disso
E isso tudo é meu
Deixa eu te ligar
Menina, você sabe
Você é minha obrigação
My Bizness – Jacques*

O final de semana passou rapidamente, a segunda-feira chegou mais rápido que eu esperava e eu não consegui tirar da cabeça o que aconteceu no final da tarde do último sábado, mesmo que eu tenha me jogado completamente nas pendências da agência. Deixei tudo devidamente resolvido, e hoje, eu teria apenas que atender alguns clientes. Cheguei cedo para trabalhar, pois ontem decidi não ir ao Fight, assim como não fui no sábado, e consegui ter um dia produtivo. E agora, já é fim da tarde e o expediente já está se encerrando.

Saio da minha sala após pegar o celular sobre a mesa, fecho a porta e sigo rumo a recepção. Encontro o Oliver conversando com a Ky sobre a sua agenda para amanhã, aceno para eles e saio da agência. Entro no meu carro, coloco os meus pertences sobre o banco do passageiro e acelero rumo ao Fight. Irei mais cedo que o costume, pois quero conversar com o Dominic em relação ao novo comando daquele lugar. Obtive o retorno do Austin, ele me informou que é um bom contrato e que eu deveria aceitar, por mais que eu não exerça a luta como profissão.

E esse assunto me remete a Lewis, ocasionando que eu me lembre sobre o sábado, onde a minha mãe conversou com a Emily referente ao tudo o que aconteceu, principalmente em relação ao meu romance com a Maggie. Enquanto elas conversam sobre este assunto, que não me convém mais, eu estava transando com a Thurman e foi a melhor decisão que eu tomei, fugi de um assunto já

resolvido, ao ir resolver um problema sexual. Mesmo, após tudo isso, eu não conversei com a minha mãe na intenção de saber o que tanto foi falado naquele tal conversa, pois eu já segui a minha vida e todas as explicações que eu tinha que dar em relação a este fato da minha vida, já foi dado e encerrado.

Diminuo a velocidade do meu carro, estaciono diante do Fight e desço do automóvel após pegar o meu celular. Cumprimento os seguranças que estão na porta, adentro no estabelecimento e dou de cara com todas as ring-girls, pois a Emily está tendo uma reunião com elas. O Fight ainda está vazio, pois é extremamente cedo para que o público comece a chegar e para as lutas acontecerem. Apresso os meus passos, subo a escada que leva rumo ao segundo andar e logo entro no camarote onde costumamos ficar. Não encontro ninguém, então decido ir para o qual onde acontece as reuniões e encontro o Dominic sentado diante da mesa que está com alguns papéis espalhados e o Eduard está ao lado do meu amigo. Ambos me olham quando eu me aproximo e apoio as minhas mãos na cadeira.

— Chegou cedo. — Dominic comenta.

— Eu vim mais cedo para poder conseguir conversar com você.

Ele acena silenciosamente, e mesmo que não vamos conversar aqui, eu me sento e analiso o que está acontecendo. Diante do Lewis tem alguns papéis referentes a contratos, mas ele está com o olhar preso na tela do celular e tem um sorrisinho no canto dos lábios.

— O que aconteceu no sábado? — Dom me questiona. — Você sumiu enquanto a sua mãe conversava com a Em.

— Eu estava ocupado.

— Ocupado em que? Era a festa de aniversário da sua mãe...

— A festa já tinha se encerrado. — Declaro ao interrompê-lo.

— E eu não queria ter que lidar com aquela conversa.

A frase sai da minha boca carregada de desprezo e isso atrai o olhar do Eduard para mim.

— Foi uma conversa...

— Dom, eu não quero saber. — Interrompo-o novamente.

— Tudo bem.

Olho na direção do vidro e relembro da cena que presenciei quando cheguei.

— O que está acontecendo lá embaixo?

— Emily decidiu colocar um ponto final nas atitudes de alguns ring-girls.

— Estava mais que na hora... — Lewis larga o seu celular sobre a mesa. —, pois aqui não é prostíbulo.

— O que acontecia aqui não era prostituição.

Ele dá de ombros, pouco se importando com a minha explicação.

— Precisa de mais alguma coisa? — Dominic questiona ao cunhado.

— Não. — Eduard responde e fica em pé. — Apenas preciso saber *a pessoa* virá para cá hoje?

— Sim.

Fica claro que a informação aqui é secreta, e eu nem me esforço para tentar descobrir o segredo, pois não me importo. Eduard se despede, sai do camarote e fico a sós com o Dominic. Ele organiza os papéis que ficaram espalhados sobre a mesa, pega os envelopes que o cunhado deixou organizado e guarda todos numa pasta só. Esfrega o maxilar na palma de sua mão, em seguida apoia os braços sobre a mesa e boceja ao demonstrar cansaço.

— Tem tempo para poder conversar comigo?

— Temos algum tempo para conversar antes que a Emily volte para cá. — Ele me informa.

Respiro fundo ao apoiar as minhas mãos sobre a mesa.

— Eu conversei com o Austin sobre a proposta da Emily, ele achou boa, pois eu não tenho as lutas como profissão, um meio de sobrevivência financeira.

— E o que você acha sobre a proposta?

— É boa, Dom, mas não é devido a proposta que estou relutante e você sabe exatamente o porquê.

— Sei muito bem e não julgo, pois você está no seu direito.

— Eu precisava pensar muito, além de que o correto seria mostrar a proposta para algum advogado e foi isso o que eu fiz.

— Fez certo, Jen e após tudo isso chegou a alguma conclusão?

— Eu irei aceitar.

Dominic sorri e faz questão de apertar a minha mão.

— Obrigado e todos nós ficamos contentes com isso, isso inclui a Emily, minha namorada e dona deste lugar.

— Uh-uh, eu sei. — Resmungo.

— Eu tive uma conversa com ela, naquele mesmo dia que você e ela tiveram aquele desentendimento. — Ele declara tendo a minha total atenção. — E é visível que ambos desejam que esses atritos se encerrem, pois ficar remoendo o que aconteceu, não fará nada daquilo ser diferente.

— Quem mais deveria remoer essa história, deveria ser você...

— Mas não mudaria nada, muito menos me devolveria os quase oito anos perdidos.

Aceno concordando, encaro as minhas próprias mãos e decido não entrar em atritos com a Lewis, ou melhor irei tentar, já que é impossível ignorar os seus desaforos. Eu volto a olhar para o Dominic e o flagro me observando.

— Você não soube de absolutamente nada da conversa que a sua mãe teve com a Em?

— Não e nem quero, pois o que aconteceu sábado foi mais importante.

As imagens da Miranda nua sobre a minha cama é a melhor lembrança que o final de semana me proporcionou, por mais que tenha sido por um dia, aliás, por apenas uma hora.

— Eu desconfio que tenha a ver com uma tal ruiva.

— Sim, tem a ver. — Sorrio.

Antes que o Dominic possa falar mais alguma coisa, a porta se abre e a Emily entra no camarote. Ela prende o cabelo num coque no alto de sua cabeça, se senta ao lado do namorado e remexe na pasta, a qual ele acabou de organizar.

— Como foi a reunião? — Ele a questiona.

— Eu deixei claro a cada uma delas que, aqui não é um motel ou qualquer lugar para fazerem programa, ou seja, lá o que elas desejam fazer aqui, pois aqui estão trabalhando como ring-girls e

sendo pagas por isso, então eu exijo profissionalismo e que obedecem às regras. E caso queiram namorar com qualquer lutador daqui que façam bem longe do Fight. — Emily explica.

— E elas? — Dom a questiona.

— Aceitaram muito bem, mas uma delas... — Emily me olhar. —, me disse que tem um caso com um determinado lutador...

— Puta merda! — Resmungo. — Eu não tenho nada com nenhuma delas, transei com muitas delas diversas vezes, mas foi apenas sexo.

— Para ela não ficou claro isso e ainda provocou uma colega da equipe.

Reviro os olhos irritado com essa merda e meneio a cabeça para os lados. Percebo o Dominic dar de ombros ao olhar para a namorada, que demonstra claramente que está desgostosa deste assunto, pois, segundo ela, foi um problema ocasionado pelo Anthony e ela teve que dar fim a prática errada presente neste lugar. Por mais que tudo fosse feito de forma consensual, e somente aquelas que tinham interesse, participavam. Era algo que já acontecia por debaixo dos panos, mas o Anthony descobriu e deixou claro que não se importava, caso fosse somente relações consensuais.

— Seria bom você resolver isso. — Dominic me sugere.

— Irei pensar. — Murmuro.

— Ficará para assistir as lutas da noite? Aquele novato vai fazer a sua estreia.

— Como que ele conseguiu uma vaga para lutar aqui?

O meu amigo olha para a namorada, esperando que ela responda o meu questionamento.

— Anthony fez o contrato com ele antes que eu pudesse comprar a porcentagem que ele tinha. — Ela resmunga.

— E quem está cuidando da carreira dele?

— Anthony. — Ela levanta o olhar e me encara. — E você, já se decidiu?

Apenas aceno silenciosamente e ela espera a minha resposta ser proferida pelos meus lábios. Por mais que eu tenha aceitado,

não quer dizer que esse contrato será firmado boca a boca, o meu advogado irá legalizar formalmente.

— O meu advogado irá entrar em contato com o seu.

— Em falar em advogado... — Ela volta a sua atenção ao namorado. —, preciso contratar mais um, pois o Achilles já está completamente atarefado com as questões criminais.

— A sua mãe não tinha uma advogada? — Dom a questiona.

— Tinha...

Espero que aquela mulher tenha deletado o meu rosto de sua mente, pois eu não quero ninguém sabendo do que a Margareth fez em relação ao apartamento que ela tinha em Nova Iorque, pois se souberem, virão para cima de mim novamente com acusações e suposições. E eu não quero mais ter que lidar com o caos que isso traz consigo. Emily foca a sua atenção na parte burocrática do Fight, eu vou para o camarote ao lado juntamente com o Dominic e aproveito para saber mais de como será a partir de agora, já que eu praticamente fechei o acordo com a Lewis.

[...]

Ontem à noite eu fiquei no Fight até que a estreia do novato acontecesse e nós, os 5M tivemos que aguentar as provocações após a sua primeira vitória. Ele está querendo ser alguém impossível, alguém melhor que nós cinco e irá se ferrar se continuar a nos provocar, ao insinuar que o nosso tempo ali já se encerrou e agora é a vez dos novatos. Depois de controlar a minha vontade de devolver a sua provocação a base de muita porrada, eu fui para casa e cai na cama após o meu banho. Os lençóis tinham sido trocados e o cheiro daquela ruiva já não existia mais.

Hoje eu demorei a chegar na agência, porque tomei o café da manhã com a minha mãe e aproveitamos para conversar um pouco. Ela já está planejando a nossa ceia de Ação de Graças, assim como o nosso final de ano, e pretende ir para a nossa casa localizada a beira mar. Eu não sei ainda o que pretendo fazer, também não sei quais são os planos do meu irmão. Contudo, antes de decidir qualquer coisa, eu preciso saber se terá algum evento especial no

Fight, como era de costume em todos os anos. Os meus pensamentos são dispersados quando ouço dois toques contra a porta da minha sala, a mesma se abre em seguida e a Ky entra parcialmente.

— Tem uma moça aqui querendo falar com você.

— Uma moça? — Questiono com o cenho franzido sem ter a menor ideia de quem seja. — Ela tem hora marcada para falar comigo?

Repasso a minha agenda do dia mentalmente e não me recordo de ninguém nesse horário.

— Não, também não se identificou, mas disse que você irá querer falar com ela.

Fico ainda mais intrigado.

— Peça para ela, seja lá quem for... entrar, por favor, Ky.

Ela concorda com um aceno e fecha a porta ao sair. O dia foi tranquilo, e já está chegando ao fim, mais uma vez e eu estou louco para chegar logo o final de semana para que eu possa descansar um pouco mais. Oliver tem vindo trabalhar diariamente, sem nenhuma preocupação ou receio envolvendo a sua família, pois tudo está fluindo tranquilamente e a saúde de sua irmã está ótima. Leon tem chegado mais tarde e saído mais cedo todos os dias, pois leva e busca a noiva no trabalho, já que ela decidiu parar de dirigir durante o primeiro trimestre da gestação devido as suas tonturas e enjoos.

Organizo a minha mesa, guardo cada um dos papéis em suas devidas pastas e relaxo o meu corpo contra a cadeira. Talvez essa moça que queria falar comigo seja a Lauren, ou na pior das hipóteses seja a Day, a ring-girl. Eu não decidi se darei um basta em qualquer possível esperança que ela tenha ou se deixo como está e torço para que ela entenda o meu desprezo sutil de forma definitiva para que se afaste de mim. A segunda opção é a melhor, pelo menos neste momento, já que eu não estou a fim de lidar com essa merda desnecessária que aquela garota está tentando causar. A porta da minha sala se abre novamente, eu levo o meu olhar em sua direção e no mesmo segundo que fico surpreso, contudo, sorrio.

— Estou surpreso com a sua vinda até aqui.

— Mesmo estando aqui, ainda não sei se fiz a escolha certa.
— Ela declara.

Miranda continua encostada na porta e me olha fixamente. Os meus olhos passeiam pelo seu corpo, fazendo que os acontecimentos do último sábado se passem como um filme em minha mente. Eu sabia que ela viria atrás de mim, mas não que viria literalmente aqui no meu local de trabalho. O meu olhar pelo seu corpo é demorado e avaliativo, e isso é como acender uma fogueira em meu interior. Ela está usando um terninho social de cor preta com riscas de giz, e por mais que esteja coberta, eu a acho extremamente sexy. O seu cabelo está preso num rabo de cabelo, deixando duas pequenas mechas soltas diante do seu rosto coberto por maquiagem.

Eu me levanto de onde estou sentado, dou a volta na minha mesa e me aproximo da Miranda. Observo ela comprimir os lábios por alguns segundos, em seguida os abre suavemente ao soltar um pequeno suspiro. Controlo a minha vontade de tocá-la, então coloco as minhas mãos dentro dos bolsos da calça social de cor azul que estou usando e fico numa boa distancia, que é possível eu tocá-la se esticar o meu braço e ao mesmo tempo, me deixa longe do calor do seu corpo, o qual é altamente atrativo.

— Não sabe se fez a escolha certa? — Eu lhe questiono.

— Não, pois nós dois juramos que o que aconteceu no sábado seria a única vez.

— E então por que está aqui?

— Não é obvio?

Miranda passa por mim, praticamente raspando a lateral do seu corpo no meu e se senta diante da minha mesa. Eu volto a me sentar na minha cadeira, relaxo o meu corpo e sorrio. É bom vê-la aqui, demonstra que quer a mesma coisa que eu. Após o nosso sexo, eu a desejei mais, muito mais. E tê-la aqui, diante de mim, é como ter a comprovação de que eu não estou nesse barco sozinho.

— Por mais que seja obvio, eu gostaria de ouvir da sua boca.

Os seus olhos se reviram, o sorriso aparece em seu rosto e ela se inclina sobre a minha mesa. Por Deus! Eu poderia debruçá-la ainda mais sobre esta madeira e a foderia até amanhã. Me

aproximo dela, deixando os nossos rostos próximos e ela umedece os próprios lábios com a ponta da língua. A porta da minha sala se abre de repente, Miranda olha para trás por cima do seu ombro e volta a se sentar.

— Me desculpe atrapalhar. — Oliver encolhe os ombros ao nos dar um sorriso amarelo. — Eu vim te perguntar se não irá embora, pois já está na hora de irmos.

— Eu irei em breve.

Ele se despede e sai fechando a porta. Volto a minha atenção para a Miranda, ela se levanta e me entrega um cartão. O pego em minhas mãos e o observo. Está anotado manualmente um endereço, andar e apartamento.

— Me encontra mais tarde nesse lugar. — Ela pede.

— Que lugar é este?

— Vá até lá e verá.

Eu pego os meus pertences, nós saímos da minha sala e eu encontro a agência vazia. Tranco a porta, aciono o alarme e acompanho a Miranda até o seu carro.

— Eu irei em casa tomar banho e depois irei para este endereço.

— Estarei lá, esperando.

Eu abro a porta do seu carro, ela se senta no banco do carona e eu fecho a porta. Me inclino em direção a janela e me permito acariciar o seu rosto com as costas da minha mão.

— Devo levar algo para comermos? — Questiono.

— Seria ótimo.

— Do que você gosta?

— De tudo, um pouco.

Me afasto do seu carro após avisar que irei encontrá-la em breve, entro no meu carro e acelero rumo a minha casa. Enquanto dirijo, noto o seu carro próximo ao meu, estamos indo na mesma direção e eu desconfio que ela esteja indo rumo a casa dos pais. Deixo de prestar atenção nela, continuo o meu trajeto e logo chego em casa. Estaciono o meu carro de qualquer jeito, sigo apressado para dentro de casa e aceno para a minha mãe. Entro no meu quarto, entro em contato com um restaurante conhecido e faço o

pedido. Jogo o meu celular sobre a cama, entro no banheiro e me enfio debaixo do chuveiro após ficar nu. Estou com pressa, pois não posso perder nem um minuto se quer, muito menos essa oportunidade de estar novamente com a Miranda.

No sábado, ela jurou que aquela seria a primeira e única vez, mas olha só, essa segunda vez não me surpreende, contudo, me deixa completamente afoito. Esfrego o meu couro cabeludo com as pontas dos dedos, provocando espuma devido ao shampoo, em seguida a retiro e ensaboo o meu corpo. Após finalizar o meu banho, decido fazer a barba e por fim, passo uma loção no rosto. Saio do banheiro, vou rumo ao closet e encaro cada peça de roupa. Não sei o que deveria vestir, estou indeciso se deveria ir de forma mais social ou casual. Ouço a porta do meu quarto se abrir, e eu continuo parado no mesmo lugar.

— Irá sair? — Leon me questiona.

Olho na direção da porta do closet e o vejo.

— Tenho um compromisso.

— Fight?

— Não.

Ele arqueia uma sobrancelha diante da minha vaga resposta, e me observa em silêncio.

— A nossa mãe irá jantar comigo e com a Lola...

— Bom jantar, então.

Escolho algo casual, pego a calça jeans de cor escura e uma camiseta básica cinza. Noto o meu irmão indeciso ao abrir a boca e fechar várias vezes, demonstrando que quer me dizer algo, ou questionar – o mais provável –, mas sai do meu quarto após se despedir. Eu visto a minha roupa, após colocar a cueca boxer, penteio o meu cabelo e saio do meu quarto quando eu estou devidamente pronto. Guardo o celular em meu bolso, atravesso o corredor e não encontro mais ninguém em casa.

Coloco o endereço do tal lugar no gps, mas antes de seguir para o meu destino, eu irei pegar a minha encomenda no restaurante. Enquanto sigo o trajeto de costume, rumo ao estabelecimento, percebo que o endereço onde irei me encontrar com a Miranda, é muito mais perto do que eu imaginava. Logo

chego ao restaurante, pego o meu pedido e coloco as duas sacolas no banco do passageiro. Faço o retorno com o meu carro e começo a seguir o gps. O caminho que ele me indica é o mesmo que eu faço rumo a minha casa, e isso é estranho, por mais que eu não tenha a menor ideia de onde seja este tal endereço, contudo, a única certeza que eu tenho é que um prédio, pois tem o andar e apartamento.

Talvez seja onde ela mora, contudo, eu acho pouco provável, devido ao dia que ela preferiu que eu a deixasse na casa dos pais dela, ao invés de deixá-la em seu apartamento, pois não queria que eu soubesse onde é. Entretanto, aos poucos eu começo a acreditar que realmente o endereço informado no cartão é do seu apartamento e com isso eu piso mais um pouco no acelerador. Em poucos minutos, estaciono diante do prédio, pego as sacolas no banco ao lado e saio do meu carro. Aciono o alarme, respiro fundo e atravesso a rua rumo a portaria. Aperto o interfone no número referente ao devido apartamento e o portão é destrancado.

Em segundos eu já estou dentro do elevador subindo até o décimo terceiro andar, e sinto o meu interior inquieto. Isso é ansiedade, misturado com tesão. Saio da caixa de metal, dou alguns passos exalando tranquilidade e antes que eu possa tocar a campainha, a porta se abre. Miranda está diante de mim e o meu tesão por esta mulher triplica. O seu cabelo está preso no topo de sua cabeça, está com um vestido preto que contém um laço em sua cintura e eu desconfio que seja ali a abertura para que a peça sai de seu corpo. Os seus pés estão descansos sobre o piso vinílico da sala de estar, a sua expressão é neutra e tem um pequeno sorriso no canto de sua boca.

Miranda dá um passo para o lado, eu entro em seu apartamento e olho o ambiente a minha volta. Aconchegante, moderno e feminino. Eu a sigo rumo a cozinha, passo os meus olhos por cada pedacinho do seu corpo e fico sem saber o que falar. Eu não sei se a elogio, por estar linda, como sempre, ou se comento sobre estar aqui... estou literalmente sem palavras. Coloco as sacolas sobre a bancada e a flagro me observando. Miranda está há

alguns centímetros de mim e eu noto que o lábio inferior está preso entre os seus dentes.

— Então decidiu me trazer no seu apartamento?

Ela solta o próprio lábio e dá de ombros.

— Ir para a sua casa, não era uma opção. Ir para o motel, jamais. E então, restava apenas aqui.

Apenas aceno diante de suas respostas, e decido retirar os recipientes das sacolas, sob o seu olhar atento.

— Eu não sabia o seu gosto, então trouxe salmão ao molho de alcaparras, acompanhado por legumes salteados e com uma pequena porção de risoto de queijo.

— Ótima escolha. — A ouço elogiar. — Tenho vinho branco, rose e tinto. Qual você prefere?

— Tinto, combina com o prato.

Miranda se movimenta com fluidez no pequeno ambiente, pega os recipientes e os guarda no forno. FRANZO o meu cenho ao não entender a sua atitude, a observo vir em minha direção e para a centímetros de mim. O calor do seu corpo se mistura com o meu, sinto a minha garganta ficar seca e mesmo tendo um turbilhão dentro de mim, continuo passível. Levo a minha mão na direção da nuca da Mi, dedilho a sua pele e em seguida enfio os meus dedos entre as suas mechas ruivas. Ela deita a cabeça na direção da minha mão e fecha os olhos, ao sentir o meu carinho.

Levo a minha outra mão até o seu pescoço, acaricio e fecho a minha mão ao redor dele. Aperto gentilmente fazendo com que um gemido escape por entre os seus lábios, e ele tem um efeito diretamente entre as minhas pernas. Desço as minhas mãos pelo seu lindo corpo, paro em sua cintura e a giro, a deixando de costas para mim. Puxo o seu corpo de encontro ao meu, inclino o meu rosto na direção do seu pescoço e raspo a minha boca em sua sedosa pele. Beijo, mordo e lambo cada pedacinho, é uma boa forma preliminar de começar a degustar esta mulher.

Miranda encaixa a sua cintura na minha, rebola contra a minha ereção, a fazendo crescer mais um pouco, chegando ao limite e eu já sinto as minhas bolas doerem. Desço uma das minhas mãos até o laço do vestido, localizado na fina cintura dessa raposa e o

desfaço, fazendo a peça se abrir, como eu já imaginava. Acaricio o seu ventre nu, dedilho o seu tronco e círculo o seu umbigo. De repente, ela se afasta, volta a ficar de frente para mim e me beija. A agarro pela cintura, colo os nossos corpos e aprofundo o nosso beijo.

O que está acontecendo parece ser algo fora da realidade, pois era completamente inesperado que em algum momento eu estaria aqui, no apartamento da Thurman. Aperto as minhas mãos na cintura da Miranda, giro os nossos corpos e suspendo o seu corpo, antes de colocá-la sentada sobre o balcão. Contemplo o seu corpo seminu, a sua lingerie vermelha é convidativa, além de evidenciar o que irá acontecer hoje: fogo. Este apartamento irá pegar fogo!

— Vamos para o meu quarto. — Ela sugere.

— Nós iremos... — A impeço de sair da bancada ao colocar a minha mão espalmada sobre a sua barriga. —, mas antes, eu vou te chupar, bem aqui.

Deslizo a pequena peça por suas pernas e a deixo nua da cintura para baixo. Passo os meus dedos em sua boceta, a sentindo sedenta e molhada. Abro as suas pernas, coloco a direita sobre o meu ombro e caio de boca em sua vulva. De imediato chupo o seu clitóris, a fazendo estremecer e se contorcer. Penetro apenas as pontas de dois dedos em sua entrada, a provocando e espalho por toda a extensão. Chupo os seus lábios, lambo e a penetro com a minha língua. Miranda continua se contorcendo, abre mais ainda as suas pernas, deixando claro que quer mais contato, então eu faço o meu devido trabalho com a boca, língua e dedos em sua boceta. Paro somente quando ela goza em minha boca.

Com as pernas tremulas, eu a ajudo a descer da bancada e ela me leva rumo ao seu quarto. Nós entramos, eu fecho a porta e a observo ficar nua. Eu retiro a minha camiseta, em seguida a minha calça e fico apenas de cueca. Antes de largar a calça no chão, enfio a minha mão nos bolsos, a procura do preservativo e não encontro nenhum. Puta merda! Eu não acredito que pude esquecer disso.

— Algum problema? — Miranda me questiona.

— Eu esqueci de trazer camisinha.

— Tem no banheiro.

Ela aponta para a porta que dá acesso ao seu closet, eu entro no lugar e fico abismado com a quantidade de roupas, sapatos e bolsas. Ignoro isso, sigo até encontrar o banheiro e encontro os preservativos na primeira gaveta do pequeno armário. Volto para o quarto, agarro a Miranda pelas pernas e a derrubo sobre a cama. Ela ri da minha atitude, coloca o pé em minha cueca e a puxa para baixo, expondo o meu pau duro. Retiro a última peça de roupa ainda presente em meu corpo, visto o preservativo e vou para cama. Fico no meio das pernas da minha ruiva, beijo o interior de sua coxa e faço uma trilha até o vale entre os seus seios.

Mordisco o seu seio esquerdo, chupo o seu mamilo e o arranho com os meus dentes. Passo a minha boca para o outro seio e o chupo, como se a minha vida dependesse daquilo. Arrasto a minha boca por sua pele, logo alcanço a sua boca e nos beijamos. Seguro na base do meu pau, pincelo a entrada da sua boceta e a penetro lentamente. Miranda afasta a sua boca da minha ao gemer e no mesmo segundo finca as suas unhas em minhas costas. Por mais que essa seja a segunda vez que estamos transando, eu já notei que não conseguimos finalizar nada sem deixar marcas profundas, seja na pele ou na mente, contudo, sempre é em ambos os lugares.

Arremeto contra o seu corpo de forma suave, mas consigo ir fundo em seu interior e a sinto se moldar a minha volta. A sua cintura se movimenta com a minha, os seus olhos estão fechados, a boca aberta e gemidos sôfregos escapam de sua garganta a cada movimento que os nossos corpos fazem. Seguro cada lado da sua cintura, a mantenho parada e torno as minhas investidas mais intensas.

— Você é um maldito. — Ela declara num sussurro.

— Maldito por estar fodendo com você?

— Exatamente... — Ela responde entre os gemidos. —, mas não é apenas fisicamente.

Sem ter tempo de raciocinar o que ela acabou de dizer, sinto o seu corpo ficar tenso e eu mudo as nossas posições. Me deito sobre a cama, a Miranda se senta sobre o meu colo e faz com que o meu

pau seja engolido por sua boceta completamente enxarcada. Auxílio os seus movimentos de subir e descer, ao segurar na sua cintura e deixo as minhas pernas flexionadas atrás de suas costas. Ela apoia as mãos em meu tórax e – literalmente – cavalga sobre mim. Eu não vou durar muito nessa posição, e a culpa é dela.

Aperto os seios da Miranda com as minhas mãos, pinço os seus mamilos e a faço arquear o seu corpo sobre o meu. Em seguida, ela se deita sobre mim e nos beijamos novamente. A minha boca parece ter um ímã, pois a sua sempre é atraída até a minha. E eu gosto muito do contato, fazendo com que não queria ficar longe por muito tempo. Estou ficando viciado nessa mulher e estou completamente preocupado com isso, pois não tenho boas lembranças referentes a última vez que fiquei assim. Ao afastar as nossas bocas, a Miranda rebola com tanta lentidão, que tenho a impressão de que isso seja uma tortura e eu gozo juntamente com ela.

Miranda cai ao meu lado na cama, após sair de cima de mim e me encara, em silêncio, mas com a mente a mil. Estico a minha mão em sua direção, retiro as suas mechas ruivas de suas costas e dedilho a sua tatuagem. Os nossos olhares estão conectados e isso faz o meu coração pulsar mais rápido. O que eu sinto por ela vai além de desejo, contudo, eu não consigo decifrar o que ela sente por mim. Somente o desejo é o que ela deixa evidente, então é o que eu também devolvo a ela de forma ainda mais clara.

— Por que está me olhando assim?

Ela desvia o olhar e sai da cama, ao se afastar do meu toque.

— Por nada. — Ela resmunga. — Nós podemos jantar?

Eu a observo vestir apenas um robe, decido sair da cama e visto a minha calça após colocar a cueca. Sigo a Miranda rumo a cozinha, ela coloca a comida para esquentar e pede para que eu abra a garrafa de vinho. Sirvo duas taças, as levo para a mesa de jantar junto com a garrafa e aproveito para olhar a vista da varanda do seu apartamento. Daqui eu consigo ver onde o meu carro está estacionado e boa parte da rua, a qual está tranquila. É um local residencial e silencioso, além de ser perto da casa dos pais dela, consequentemente, perto da minha casa.

— O prédio não tem porteiro?

— Não, somos nós, os moradores que liberamos a entrada dos visitantes.

— Eu acho isso perigoso. — Comento ao me sentar na mesa.
— Pelo menos aqui me parece ser tranquilo.

— E é tranquilo. — Miranda afirma.

Ela serve um prato para cada um de nós, se senta diante de mim e começamos a comer. Desde o início, eu notei que ela é uma pessoa reservada, cercada de poucos amigos e ligada a família, além de se dedicar inteiramente ao seu trabalho, o qual é realizado com excelência.

— Você é natural daqui?

Ela levanta o olhar ao ouvir a minha pergunta e acena.

— Eu nasci aqui na Califórnia mesmo.

— E por que fala tão bem português? — Questiono.

— Eu morei no Brasil por alguns anos.

— Sério? — Ela acena e eu suspiro. — Eu sei tão pouco sobre você.

— O que você quer saber? — Ela me questiona.

— O que você quiser me contar, já será algo.

Miranda bebe um pequeno gole de vinho e volta a sua atenção para mim.

— O meu pai é brasileiro e mãe é americana. Nasci aqui, mas durante a minha infância, eu morei no Brasil, e no início da minha adolescência, os meus pais decidiram voltar a morar aqui em Los Angeles.

— E seguiu a carreira de advogada devido a influência da sua mãe?

— Sim e não. — Ela responde. — Desde sempre eu fui atraída por esta profissão e a minha mãe sempre esteve disposta a me ensinar o que eu quisesse, então não foi muito difícil aceitar o meu chamado para o direito.

— Você é tão nova, e já está consolidando uma carreira com maestria, pois é notável a sua paixão pela profissão.

— Sim, eu sou nova, mas não temos tanta diferença de idade como imagina.

— Eu tenho trinta e dois e você... — A analiso. —, vinte e seis?

— Vinte e nove. — Ela me corrige.

Assobio demonstrando surpresa e ela ri.

— E herdou o escritório da sua mãe?

— Eu praticamente assumi o lugar, já que ela decidiu que estava na hora de colocar o pé no freio, mas ela continua exercendo a profissão em casos especiais, por exemplo, clientes antigos que necessitam da atenção dela.

— Muito bom.

Dou uma garfada e espero que ela continue a falar mais sobre si, pois eu quero muito saber mais desta mulher.

— E você, herdou a agência por que quis ou por obrigação?

— Dever. — Respondo. — A agência tem passado de geração em geração e desde muito novo eu soube do comprometimento que eu deveria ter.

— Pelo menos gosta do que faz?

— Eu aprendi a gostar.

— E as lutas?

— É a minha rota de fuga.

— Perigosa rota. — Ela ironiza.

— Eu amo aquilo e é como se eu fosse recarregado a cada novo combate.

Miranda apenas sorri e volta a comer. Por mais que ela tenha me contado sobre a sua vida pessoal, ainda tem algo que ela se recusa a me informar desde a primeira vez que eu lhe questionei. Ela nota que estou a encarando e suspira.

— O que você quer saber, Jensen?

— Por que você não me fala se é solteira ou comprometida?

— O que você acha? — Ela questiona. — Olhe em volta e veja se tem algum item masculino neste apartamento.

— Não, não tem.

— Isso responde a sua pergunta. — Ela murmura.

— E quem é o homem que eu vi com você no sábado passado? — Questiono. — Aliás, eu o vi no Fight, na semana passada.

— Você o reconheceu? — Ela questiona assustada.

— Por que o espanto?

— Surpresa em saber que... ele foi no local onde você luta.

— O que ele é seu? — Retorno a questionar.

— Julian é meu amigo.

— O que eu vi, não parecia ser apenas amizade.

Miranda revira os olhos ao largar os talheres, apoia os braços na mesa e descansa o queixo em seus punhos.

— Ele é o meu amigo, mas também é o meu P.A.

— O seu o que?

Franzo o meu cenho, sem entender o que ela quis dizer.

— P.A é o mesmo de pau amigo.

O vinho que estava quase descendo pela minha garganta, escapa da minha boca e escorre pelo meu queixo.

— Que merda é essa?!

Limpo o local molhado com o guardanapo, enquanto encaro a Miranda com incredulidade.

— Ai, Jensen, pelo amor. — Ela resmunga. — Não é nada demais e você não tem nada a ver com isso.

— Eu não gosto de dividir mulher e não vou te dividir com ele.

— Declaro num resmungo. — Entenda que se quiser ficar comigo, acabou essa merda de P.A.

Ela ri, se levanta de onde está sentada e caminha na minha direção. Giro o meu corpo sobre a cadeira, ela se inclina em minha direção e deixa a sua boca próxima a minha.

— Eu não sou desse tipo de mulher que, transa com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, então, se eu estou aqui transando com você, eu não irei transar com fulano amanhã ou depois.

— Você está comigo, pronto e acabou.

Ela ri, mais uma vez e isso me irrita.

— Você gosta de mandar demais e é você que tem que entender que não vai conseguir isso em cima de mim, pois eu sou uma mulher livre e independente. Isso me dá a liberdade de fazer o que eu quero e ficar com quem eu quero, contudo, no momento, eu estou querendo apenas você.

— No momento?

Assumo que essa palavra me causou grande desconforto.

— Isso, e neste momento eu quero mais. — Ela se senta no meu colo, penetra os dedos entre os fios do meu cabelo e puxa suavemente a minha cabeça para trás. — Se você não consegue lidar com a mulher que eu sou, sinto muito, mas o melhor a fazer, é ir embora e me esquecer. Além do que, deveria apenas se preocupar com o agora.

Não lhe digo nada, mas seguro o seu rosto entre as minhas mãos e selo os nossos lábios. Eu não sei como lidar com alguém assim, porém, eu sou fácil de aprender e irei, pois somente assim, conseguirei manter essa mulher próxima a mim.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO QUATROZE

*Tudo o que eu quero é
Quietude de coração
Para que eu possa começar
A encontrar meu caminho
Saindo da escuridão
E entrando no seu coração*
Stillness Of Heart – Lenny Kravitz

Levo o garfo até a minha boca, mastigo mais um pedaço da panqueca que eu mesmo fiz e sorrio ao lembrar do que aconteceu na noite passada. Foi intenso, prazeroso e eu quero mais, muito mais, pois a cada novo encontro parece que o desejo multiplica por bilhões. E por mais que ainda seja de manhã, eu já estou com a minha noite planejada. Nós não combinamos nada, muito menos de quando seria o nosso próximo encontro, mas eu pretendo surpreendê-la, ao aparecer no seu apartamento de surpresa. Afasto os planos da minha mente, ao notar a minha mãe se sentando diante de mim para tomar café da manhã e franzo o cenho ao vê-la massagear a sua têmpora.

— Está tudo bem?

— Acordei com dor de cabeça devido a um sonho conturbado.

— Ela murmura antes de beber um longo gole do seu café.

— Chegou tarde?

— Cheguei cedo.

A minha resposta a faz franzir o cenho.

— Eu cheguei quase meia noite e você ainda não tinha chegado.

— Mas eu cheguei cedo, hoje cedo especificamente. — Debocho.

Sim, eu passei a noite no apartamento da Miranda. Não dormi lá, aliás, nem ela dormiu, pois aproveitamos muito bem cada minuto da madrugada.

— Passou a noite aonde? — A minha mãe me questiona.

— Em um lugar seguro e tranquilo.

É visível que ela desgosta da minha resposta, pois os seus olhos reviram e a sua boca se comprime.

— Você estava com mulher?!

Não consigo identificar se é uma pergunta ou afirmação, mas eu aceno de forma positiva com a cabeça.

— A senhora não tem motivo para se preocupar, é alguém em especial.

— E por que não quer me contar quem é?

— Porque ainda não é o momento e não é nada sério. — Dou de ombros. — É apenas sexo.

— Tenha juízo e cuidado.

— Eu sei ter essas duas coisas muito bem, assim como sei me prevenir, eu sou um homem adulto.

— Eu não me referi a ter cuidado a não ter um bebê...

— Não, pelo amor, não!

A minha mãe ri, e fica em silêncio ao começar a comer. De bebê já basta o qual está no ventre da minha cunhada. Limpo a minha boca após terminar de beber o meu café, confiro algumas anotações que estão disponíveis no meu bloco de notas do celular, e ouço com atenção o que a minha mãe fala sobre o jantar com o meu irmão na noite passada, mas acabo me distraindo ao acessar a minha rede social. Eu procuro pelo arroba da Miranda e o encontro facilmente, contudo, me esmoreço ao ver que a sua conta é privada. Eu queria poder ver as suas fotos e post sem ser notado, mas estou impedido e não irei pedir para segui-la. Bloqueio o meu celular, coloco sobre a mesa e me sirvo com mais café.

— Eu acho que vou dar uma passadinha no escritório da senhorita Thurman. — A minha mãe comenta.

— Por quê?

Ela levanta o olhar e aqueia uma sobrancelha.

— Ela é minha advogada e eu preciso ter informações do meu processo.

Aceno em silêncio e me recordo de a senhora Thurman ter sido advogada da Margareth.

— A senhora conheceu a advogada da Lewis?

— A mãe da senhorita Thurman? — E o seu questionamento, responde o meu questionamento. — Por que, Jensen?

— Eu a vi uma vez, quando eu estava na companhia da Maggie e desejo muito que ela não se lembre mais de mim.

— Por quê? — E ela me questiona mais uma vez.

— Eu não quero que a minha história com a Lewis venha à tona, novamente e ainda mais neste momento, no qual eu estou me envolvendo com alguém.

Por mais que eu não tenha nada sério com a Miranda, eu não gostaria que ela soubesse do romance que eu tive com a Maggie, mesmo que seja algo que eu não me envergonhe, contudo, eu já passei por tantos momentos ruins após a morte dela, que eu desejo não remexer nesse assunto nunca mais. Caso ela saiba algum dia — algo extremamente provável de acontecer —, eu irei afirmar e ponto. Rosi adentra na sala de jantar para servir a sala de frutas para a minha mãe e eu decido ir trabalhar, por mais que seja quase meio-dia. Guardo o celular no meu bolso, me despeço da minha mãe ao dar um beijo no topo da sua cabeça e saio de casa.

Entro no meu carro e acelero rumo a agência. Cansaço e sono são duas coisas que me definem, pois dormi poucas horinhas após voltar para casa e mesmo assim, isso não me afetará quando eu me encontrar com *ela*. Com a junção do que aconteceu entre nós e o que provavelmente irá acontecer novamente, isso me dá ânimo para enfrentar mais um dia de trabalho. Batuco os meus dedos contra o volante, acelero mais um pouco e um sorriso involuntário surge em meus lábios. Miranda está conseguindo me alegrar, mesmo que faça surgir um temor em meu interior, e tenho importantes motivos para estar assim.

Não é que eu esteja a comparando com ela com alguém do meu passado, pois não dá para fazer isso. Miranda é superior em muitos quesitos e a cada encontro consegue me surpreender mais. Contudo, eu tenho uma confissão a fazer: ao colocar a cabeça no travesseiro, a preocupação paira sobre mim ao lembrar tudo o que passei, e isso acontece devido ao temor que tenho em relação ao medo de estar me aventurando em algo raso e um possível novo feminicídio. Claro que essa segunda hipótese é praticamente

impossível, entretanto, Miranda é uma advogada que pode estar correndo algum perigo ou pode correr futuramente devido a possíveis casos que seja defensora ou acusadora.

Estaciono diante da agência, desço do meu carro e adentro no meu trabalho. Cumprimento a Ky e sigo para a meu escritório. Me sento na minha cadeira e relembro da presença daquela ruiva bem aqui. Passo as mãos sobre a mesa e rio sozinho. Eu adoraria debruçar a Miranda sobre esta madeira e fodê-la até perder os movimentos das pernas. Aliás, isso seria melhor no escritório dela, já que é um ambiente mais vazio e lhe dar uma boa privacidade. E em pensar naquele lugar, lembro-me do dia que praticamente invadi a sua sala e imagino que a sua secretária tenha levado uma bela bronca.

A minha mãe irá até lá hoje, e eu fiquei tentando em acompanhá-la, porém, o meu dever me chama e isso é um saco, por mais que eu goste de estar à frente da agência. Maneio a minha cabeça para os lados, liberando a minha mente desses pensamentos e organizo a minha mesa. Noto a Ky parada na porta da minha sala, me observando e eu arqueio uma sobrancelha. Ela se aproxima devagar e apoia as mãos na cadeira diante da minha mesa.

— A moça que veio aqui, ontem, era uma nova cliente ou um problema?

— Nem um e nem o outro, ela é uma conhecida e é bem-vinda aqui.

— Ótimo. — Ela suspira aliviada. — Ainda bem, pois eu não quero ter que lidar com outra maluca.

Reviro os olhos diante do seu comentário.

— Algum recado para hoje?

— Não, apenas que o Turner está na sala do Oliver, e eles estavam esperando você chegar.

— Dominic está aqui? — Ela acena diante do meu questionamento. — E o meu irmão?

— Foi almoçar com a noiva.

Apenas aceno, me levanto da minha cadeira e nós saímos da minha sala. Enquanto eu vou rumo a sala vizinha, ela volta para a

recepção. O comentário da Ky, sobre ter que lidar com outra maluca, foi referente a uma mulher que eu me relacionei no passado, e infelizmente presenciou um surto desnecessário que aconteceu bem aqui. Graças aos céus, o meu irmão e o Oliver não estavam presentes naquele dia.

— Estão reunidos falando mal do novo lutador? — Debocho ao adentrar no escritório do meu amigo.

— Estávamos falando mal de você. — Oliver debocha.

— Quando for assim, me chamem, pois eu também gosto de falar de mim.

— Mas não é mal. — Dom comenta.

— Apenas maravilhas. — Nós rimos e eu decido apoiar as minhas mãos no encosto da cadeira, ao invés de me sentar. — Ky me disse que vocês estavam me esperando.

— Eu pensei que poderíamos almoçarmos juntos.

— Podemos ir agora, então?

Por mais que eu tenha chegado há pouco para trabalhar, eu não estou muito afim, pois não consegui dormir muito e enfiar a cara nas papeladas e burocracias não é algo muito agradável. Eu só quero que esse dia acabe logo, para eu poder ir até o apartamento daquela ruiva e me afundar dentro dela.

— Jensen? — Ouço o Dominic me chamar e eu o encaro.

— O que você disse? — Questiono ao franzir o cenho. — Vamos logo.

Estava viajando ao pensar nos possíveis acontecimentos dessa noite, e acabei ignorando completamente os meus amigos. Nós saímos da sala do Oliver, aviso a Ky que estamos indo almoçar e andamos alguns metros rumo ao restaurante próximo a agência. Adentramos no estabelecimento, eu escolho a nossa mesa e nos sentamos. O garçom entrega um cardápio para cada um de nós, e se afasta nos dando algum tempo para escolhermos. Por mais que eu tenha tomado café da manhã há pouco tempo, eu amo a comida deste restaurante, então eu não preciso de muito tempo para escolher o que irei comer.

— Como estão as coisas, Jensen? — Dom me questiona.

Eu levanto o meu olhar e o encaro ao menear a cabeça.

— Tudo normal, como sempre.

— E a ruiva?

Não consigo conter o sorriso e eles me encaram curiosos.

— Estamos... junto? — Soa mais como uma pergunta, do que afirmação. — Estamos nos conhecendo melhor.

— E isso quer dizer o que?

— Que eles estão transando. — Oliver responde por mim, por mais que eu não fosse responder dessa forma. — E ela deu um chá dos bons, para ele estar assim.

Dominic gargalha com o deboche do cunhado e eu rio suavemente.

— Não é isso.

— Então você vai nos dizer que o seu caso com ela é algo rápido e casual, além de que não irá durar muito? — Dominic me questiona.

— Exatamente. — Resmungo.

— Veremos, Jensen, veremos. — Ele resmunga.

Isso não é verdade, aliás, eu não tenho resposta para este questionamento, contudo, concordar é a melhor saída neste momento. Aceno para o garçom, nós fazemos os pedidos e eu apoio os meus braços sobre a mesa, ao entrelaçar as minhas mãos.

— E como estão as coisas? Já marcaram o julgamento?

— Ainda não e todos estão ansiosos para que isso seja logo, pois o Achilles está tentando que aconteça o mais breve possível.

— E você... — Olho para o Oliver. —, também se tornou cunhado do Lewis?

Ele cospe a água que estava bebendo e me encara com os olhos arregalados. Dominic bate o seu pé contra o meu e eu franzo o cenho. Oliver chegou a comentar que a irmã estava próxima ao Lewis, dias depois informou que os dois estavam afastados e até reclamou que o aprendiz de mafioso estava com outra mulher, contudo, eu vi a Stephany no carro do Eduard hoje cedo. Foi literalmente por acaso, pois o meu carro parou ao lado do dele no semáforo e eu os vi, quando ela abaixou o vidro.

— Stephany e Eduard não estão juntos, aliás, eles nem são amigos.

— Ah, entendi. — Murmuro.

Está mais do que claro que eles estão tendo um romance escondido e isso me diverte, pois deve ser algo de família, já que Emily se relacionou com o Dominic de forma escondida, em seguida Oliver e Penélope.

— Por que você perguntou isso?

— Ah, por nada, apenas me lembrei do seu comentário sobre eles estarem próximos.

Ele meneia a cabeça, demonstrando que entendeu e volta a atenção ao seu celular. Em seguida, pede licença e sai para falar com a esposa. Dominic me encara com a sobrancelha arqueada e eu dou de ombros.

— Que pergunta doida. — Ele tenta debochar, mas falha.

— Eu os vi, por isso supus que fosse um relacionamento assumido.

— Quando você os viu?

É visível a preocupação no seu tom de voz.

— Hoje cedo, mas não se preocupe, eu não irei contar nada, pois não é o meu dever. — Declaro o fazendo concordar, e eu decido dividir o meu pensamento. — É genético esconder os relacionamentos.

— Como assim?

O garçom serve as nossas bebidas e eu dou um longo gole no meu suco natural.

— Você e a Emily se relacionaram em segredo, em seguida a princesinha fez o mesmo ao estar com o Oliver e agora a irmã dele e o seu cunhado.

Dominic ri.

— Bem analisado, Brown.

— Ele vai surtar.

— Espero que não, pois não tem motivos para se preocupar.

— Eu acho que você quis dizer que: ele tem motivos para se preocupar.

O meu amigo revira os olhos, ao entender o que eu quis dizer e nega ao balançar a sua cabeça. Oliver retorna para a mesa, larga

o celular sobre a mesa e bebe um grande gole do seu refrigerante. O garçom retorna, coloca os pratos sobre a mesa e eu o agradeço.

— Ação de Graças já está próximo, o que pretendem fazer? — Dominic nos pergunta.

— Eu irei para a Santa Maria, por muita insistência das meninas. — Oliver resmunga.

— Eu achei que não iria para lá tão cedo depois de tudo o que aconteceu.

— As meninas insistiram para nós irmos, pois sempre passamos essa data juntos.

— E você, o que fará? — Questiono ao Dominic.

Corto um pedaço da minha carne e levo o garfo em direção a minha boca.

— Os avós dos Lewis estão na cidade...

— Os pais do demônio? — Questiono ao interrompê-lo.

— Pais da Margareth.

O garfo quase escapa da minha mão quando eu ouço a sua resposta e finjo indiferença, contudo, sinto o meu interior estremecer. Margareth era apegada a mãe, a amava demais e sofria devido a distância que existia entre elas devido ao maldito. Desvio o meu olhar do Dominic, e volto a comer.

— Sobre o final de ano, terá algo especial no *Fight*? — Questiono ao mudar de assunto.

— Emily ainda não se decidiu.

— Me informe o mais breve que puder, por favor, pois a minha mãe pretende ir para a costa.

— No inverno?

— E daí? Vocês foram para Malibu no último domingo.

— Mas pegamos um dia de sol e temperatura alta.

— E mal aproveitamos. — Oliver resmunga. — Emily inventou um passeio para os casais, enquanto os demais ficaram na casa.

— Quem tanto?

— As meninas, a Lisa, os seguranças e o Eduard.

Fecho os meus olhos por poucos segundos e controlo a minha vontade de rir. Oliver se tornou inocente, pois qualquer um notaria qual tática foi usada nesse final semana: ele sair da casa para

deixar livre o caminho do Lewis até a Baker. Eu olho para o Dominic, balanço a cabeça para os lados e ele volta a bater o seu pé no meu.

— Com certeza a Stephany deve ter aproveitado bem a tarde...

— E pela terceira vez o Dom bate contra o meu pé. —, ao lado da Ayla, já que elas precisavam de um momento diferente do dia a dia.

— Aproveitaram, ambas estavam felizes.

— Principalmente a Stephany, eu suponho.

Dominic larga os talheres sobre o prato e esfrega o rosto entre as mãos. Eu não irei contar ao Oliver sobre o segredinho da irmã dele, contudo, estou achando essa situação divertida.

— Por quê? — Oliver me questiona.

— Devido a cirurgia que teve que fazer.

— Eu irei te encher de porrada. — Dominic sibila, sem emitir som.

Eu rio, e nós continuamos a almoçar enquanto a conversa flui, agora – como sempre – relacionada ao *Fight*. Tenho a desconfiança que o novo lutador irá trazer grandes problemas para o estabelecimento, pois além de querer ser alguém que ele nunca conseguirá, e algo mais sério que me preocupa, que o Anthony possa querer causar algo. Ele ainda não conseguiu aceitar muito bem que a Lewis tenha tomado o *Fight* de volta, e deixou visível o ódio que está nutrindo em relação a isso.

Sobre o contrato que irei assinar relacionado a proposta da Emily, eu preciso ver com o Austin se ele já conversou com o outro advogado e se já marcou a bendita reunião. E tem outra coisa, ele ia entrar em contato com a Miranda referente ao divórcio dos meus pais. Eu não sei como anda este assunto, pois não perguntei a minha mãe e quando estou com a ruiva, eu fico ocupado demais, além de que, eu não quero tratar assuntos avulsos.

E por mais que nesses momentos nós não falamos de determinados acontecimentos externos, saber do tal *P.A* me deixou puto. Eu jamais pude imaginar algo do tipo, principalmente relacionado a Miranda, uma mulher que se mostra ser culta, e que quer viver um amor de cinema, contudo, aquela ruiva faz jus a sua tatuagem e a cor de fogo presente em suas mechas. Ela é fogo em cima e fora da cama, dentro e fora de quatro paredes. E o meu

corpo se tornou uma extensão do seu fogo, pois assim que eu me aproximo dela, sinto uma combustão tomar conta do meu interior.

Ao voltar pensar no maldito do tal P.A, eu desejo muito e espero que ela tenha sido verdadeira comigo ao me informar que não se relaciona com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, é uma por vez. Entretanto, eu também desejo que ela esteja desejando apenas a mim, pois, estou me doando por inteiro, para lhe dar o melhor prazer, na intenção de ela apenas me querer. E a sua ida, até a agência provou que eu estou conseguindo realizar este meu plano. Ainda bem, pois, eu estou viciado naquela mulher e a cada segundo a desejo mais e mais.

— Irão ao *Fight* hoje à noite? — Oliver nos questiona.

— Iremos. — Dom afirma por si próprio e por aquela que não está aqui.

— Eu acho que não.

Eles me encaram surpresos, pois o meu costume era estar lá diariamente, contudo, ultimamente, eu tenho ido poucas vezes durante a semana.

— Nos conte a verdade, você está se relacionando seriamente com aquela ruiva? — Oliver me questiona e olha para o cunhado. — Ontem, no final do dia, ela apareceu na agência.

— E você sabia que ela estava lá e nos interrompeu propositalmente, não é mesmo?

Ele ri ao afirmar com um aceno de cabeça.

— Aliás, não tão propositalmente, pois precisava saber se você mesmo que iria fechar a agência.

Franzo o meu cenho desconfiado dessa sua informação, ele ri suavemente devido a minha expressão. Eu termino de comer, limpo a minha boca com o guardanapo e bebo o restante do meu suco. Mesmo que eu esteja aqui, me entretendo com os meus amigos, eu não paro de pensar naquela ruiva gostosa. Aceno para o garçom, peço para ele me trazer uma dose de uísque e o Dominic me questiona se eu irei beber mesmo que eu ainda vá trabalhar.

Eu afirmo que sim, e ele decide cancelar o meu uísque ao pedir que o garçom traga três copos de chopp. Concordo com o seu pedido e relaxo o meu corpo contra a cadeira. Eu irei voltar para a

agência, contudo, não será em breve e caso apareça algo importante ou de urgência, a Ky entrará em contato. Noto que o Oliver está com a atenção em seu celular, enquanto digita freneticamente e o Dominic me chama, fazendo com que eu o olhe.

— O seu advogado ficou de entrar em contato com o Achilles, não é?

— Ele irá em breve, creio eu.

— E você tem certeza da decisão ao concordar com o contrato da Emily?

É visível a sua preocupação e eu aceno suavemente.

— Eu tenho certeza e você não precisa se preocupar, pois eu não tenho a pretensão de prejudicar os Lewis seja dentro ou fora do octógono.

— Eu sei que não, não é da sua índole fazer isso, mas eu me preocupo com as possíveis intrigas, por mais que você e a Emily estejam mais tranquilos um com o outro, ainda existe um enorme atrito com o Eduard e...

— A minha luta com ele está cancelada? — Questiono ao interrompê-lo.

— Não... — Sorrio animado. —, pois a Emily nem se quer pensou sobre isso ainda, devido aos dias caóticos que eles tiveram.

— Mas?

Dominic encolhe os ombros e comprime os lábios.

— Todos nós sabemos que é uma luta perigosa, porque você e o Eduard se odeiam e tudo pode sair do controle. E caso, saia do controle....

Ele maneia a cabeça para os lados, ao se calar.

— É arriscado, mas ambos sabem o que pode e não pode ser feito. — Oliver opina. — Se ambos querem lutar, que lutem e que o melhor vença.

— O melhor entre nós dois, todos sabem quem é.

— Não se vanglorie. — Dominic me alerta. — Eduard irá começar a treinar fervorosamente e até essa possível luta, estará no seu nível.

— Jamais. — Rio com deboche.

— Eu irei conversar com a Emily sobre essa possível luta.

Eduard jamais irá conseguir ser o lutador que eu sou hoje, o meu nível é altíssimo, e para ele ser assim, precisa percorrer uma longa estrada. O garçom serve os nossos pedidos, eu seguro o meu copo entre as minhas mãos e continuo a encarar o meu amigo. Em seu semblante é possível notar que a preocupação ainda está presente, mesmo que eu já o tenha informado que não há motivos para isso.

— O que ainda está lhe preocupando?

— A minha mãe irá sair da clínica. — Ele me informa. — O tratamento era para ser por dois anos, mas ela já está apta a voltar para a sociedade.

— Penélope deve estar feliz com isso, ao contrário de você.

— Ela está radiante, e já até tivemos um pequeno atrito por causa disso. — Ele resmunga ao coçar a nuca. — Pen quer que a nossa mãe fique no meu apartamento, eu não quero aquela mulher próxima ao meu filho e nem a nenhuma outro alguém.

— Mas ela precisa de algum lugar e no meu apartamento não dá para ela ficar. — Oliver comenta. — Eu concordo plenamente com você, Dom, mas é impossível arrumar outra solução.

— Quando ela irá sair?

— Antes do Dia de Ação de Graças. — Dominic me responde.

— Vocês têm alguns dias até lá, então.

Ele acena ao revirar os olhos, bebe o seu chopp e batuca os dedos sobre a mesa ao pedir para mudarmos de assunto. Oliver informa que ele precisa voltar para a agência, pois tem um cliente marcado para a alguns minutos, eu o observo beber o seu chopp num gole só e sai às pressas do restaurante. A cada dia, ele se empenha mais em prol da agência, é um homem de competência e o qual mais fecha contratos e vendas. Colocá-lo na agência, foi a melhor decisão que nós tivemos. Eu bebo um pequeno gole do meu chopp, passo as costas da mão sobre a boca e suspiro.

— O que aconteceu? Os seus olhos estão vermelhos.

Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos.

— Dormi pouco, estou praticamente virado.

— A ruiva está fazendo diferença em você, pois anda sumido do *Fight*, parece estar mais tranquilo em relação a tudo, até mesmo

em relação aos Lewis, porque eu me surpreendi no dia que você falou tudo aquilo para a Emily, foi com calma e sensatez, além de não exaltar o tom de voz.

— Primeiro... — Levanto o meu dedo indicador. —, eu não exaltei o meu tom de voz por respeito a você.

— Respeito a ela também, pois independe do caos que cercam vocês, o respeito deve permanecer acima de tudo.

Aceno concordando.

— Segundo... — Levanto o dedo do meio. —, vá se foder.

Dominic gargalha.

— Eu só estou sendo sincero, vi uma mudança em você.

Esfrego a minha testa e em seguida cruzo os meus braços em frente ao meu corpo.

— Eu vou te confessar algo. — Declaro atraindo a sua máxima atenção, e fazendo com que ele apoie os seus braços sobre a mesa. — O que acontece entre eu e a Miranda é algo que me surpreende a cada momento, porque, nós combinamos que seria uma única vez, contudo, assim que ela se foi, eu a desejei bilhões de vezes mais. Ela desejou o mesmo, pois ontem apareceu na agência e me convidou para ir até o seu apartamento, o local que ela não quis que eu conhecesse no dia que eu lhe dei uma carona após o nosso encontro por acaso no bar. E hoje, eu já me programei para ir até o apartamento dela, mesmo que não tenhamos combinado nada.

— Espere um pouco e volte na linha temporal desta história. — Dominic me pede. — Quando aconteceu essa carona?

Respiro fundo e decido lhe contar a história desde o início, desde Las Vegas.

[...]

Após o almoço e a conversa que tive com o meu amigo, uma longa conversa, pois se estendeu pela tarde quase inteira, eu voltei para o escritório e fiquei por lá até às seis. Depois fui para casa, resolvi duas pendências relacionadas a agência juntamente com o meu irmão, depois liguei para o meu pai para conversarmos sobre a

reunião de relatório mensal e por fim, fui para o banho. Por mais que estivesse cansado mentalmente, eu não ia deixar os meus planos de lado. Me arrumei, me despedi da minha mãe e sai antes de qualquer questionamento.

O meu caso com a Miranda não é algo secreto, contudo, é algo recente demais e eu prefiro que fique apenas entre nós dois, aliás, entre alguns dos meus amigos também. E ao pensar nela, estou diante do seu prédio há alguns minutos. Decidi esperar um pouco aqui, com isso consegui de terminar de beber o meu café e em seguida consumi algumas balas para retirar o hálito da cafeína. Respiro fundo, saio do meu carro e atravesso a rua. Aperto o interfone correspondente ao apartamento da Miranda e ela não atende. Repito o mesmo gesto mais algumas vezes e obtenho o mesmo resultado, com isso concluo que ela ainda não chegou, mesmo que já se passe das oito da noite.

Noto que uma moradora está saindo, aproveito o portão aberto e adentro no prédio. Sigo para o elevador, aperto o botão do décimo terceiro andar e em segundos chego ao meu destino. Somente para ter a certeza mais uma vez, toco a campainha do apartamento e não sou atendido. Encosto-me na parede, ao lado da porta e aguardo pacientemente. Espero que ela esteja chegando, pois terei uma péssima noite se nós não nos encontrarmos. Certo, eu deveria ter a avisado dos meus planos sobre vir para cá, entretanto, eu quis fazer surpresa. Os minutos passam se arrastando, e com isso, eu escorrego até o chão e me sento diante da porta do apartamento.

Tento me entreter ao fuçar as redes sociais, mídias jornalísticas e tudo me deixa ainda mais entediado. Ouço o barulho das portas do elevador se abrindo, eu me ponho de pé e o sorriso que estava em meus lábios morre, ao ver que não é a Miranda. Escorrego novamente até o chão, apoio os meus braços nos joelhos e volto a minha atenção para o celular. Já faz meia hora que eu estou sentado aqui, a esperando e como é incerto a sua chegada, eu irei esperar por mais trinta minutos. E caso ela não apareça, eu irei esperar que ela me preocupe novamente.

Surpreendentemente, eu consegui conversar com o Dominic e me abrir em relação a ruiva, pois anteriormente, a única pessoa que

estava a par dos acontecimentos era a Lauren, a qual nunca me julgou e sempre me apoiou. Durante a nossa conversa, eu tive uma certeza reafirmada, eu sempre posso contar e confiar no meu amigo. Eu tenho o costume de guardar tudo para mim, prefiro encobrir tudo o que acontece e agir da forma mais superficial possível quando se trata do meu caos pessoal.

Largo o meu celular sobre o meu colo, esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e bocejo. O meu corpo está doendo, o cansaço do dia está começando a pesar sobre os meus ombros. Ouço o barulho do elevador, vejo as mechas ruivas balançarem devido ao andar de seus pés e eu me levanto do chão. Miranda não notou a minha presença, pois está procurando algo em sua bolsa enquanto mantém a cabeça tombada para o lado, deixando o celular preso entre o seu ouvido e ombro. Ao retirar a chave de dentro da sua bolsa, ela levanta a cabeça e enfim nota a minha presença. Um pequeno sorriso surge em seus lábios, ela se aproxima de mim e não faz nenhum contato físico.

— Eu não vou conseguir ir mais. — Ela declara e aponta para o celular, me avisando silenciosamente que ainda está na ligação. — Eu sei que eu falei há pouco que iria, mas não dá mais. Amanhã eu passo aí, mãe.

Entramos no seu apartamento, no mesmo segundo que ela encerra a ligação e larga a bolsa sobre o braço do sofá antes de voltar a sua atenção para mim.

— Oi.

— Oi. — Miranda sorri. — Tínhamos combinado algo?

— Não, mas eu decidi vir e fazer uma surpresa.

— Eu gostei. — Ela assume e dá um passo para trás. — Como eu não sabia da sua vinda, pedi uma pizza e... será bom dividi-la com você.

— Eu gosto de pizza, mas acompanhada de cerveja.

— Eu não tenho cerveja.

Remexo a minha boca contragosto, a fazendo encolher os ombros e eu dou alguns passos em sua direção.

— Tudo bem, eu peço pelo aplicativo.

— Enquanto isso, irei tomar um banho. — Ela declara. — Estou exausta, passei o dia no fórum.

Ela passa as mãos de forma apressada em suas mechas, arrumando os fios e eu estico a minha mão na direção do seu rosto. Acaricio a sua bochecha corada, a fazendo me olhar silenciosamente.

— Você está linda.

Ela está usando calça social preta, camisa azul e um blazer preto por cima.

— Irei acreditar, pois é alimento para a minha autoestima.

Rio do seu comentário, me inclino na intenção de aproximar as nossas bocas e a Miranda se afasta, me deixando intrigado. Talvez eu tenha sido precipitado ao aparecer aqui sem nenhum aviso, ou acordo e muito menos, sem ter sido convidado.

— Eu deveria ir embora. — Resmungo.

— Não, não é isso o que está pensando. — Ela se apressa a dizer. — Eu preciso de um banho antes de qualquer coisa e... te quero aqui.

Aceno em silêncio, me afasto dela e me sento no sofá. Acesso ao aplicativo ao desbloquear o meu celular e peço um fardo com seis cervejas. Observo a ruiva ir rumo ao seu quarto, eu largo o meu celular sobre o braço do sofá e retiro o meu casaco após eu ficar em pé. Aproveito a ausência *dela* e olho atentamente para as fotos expostas na sala de estar. Todas realçam a sua beleza, algumas exalam sensualidade, ao estar vestida elegantemente e até mesmo presente em locais litorâneos. Ela não me parece gostar tanto de sol, mesmo que nessa foto esteja alegremente na praia. Fico curioso ao querer saber em qual local essa foto foi tirada e decido lhe questionar quando tiver a oportunidade.

Observo os livros, a maioria de direito, alguns de economia e os demais de ficção romancista. Pego um, folheio e leio a contracapa. É um romance erótico e isso me deixa surpreso. A carinha pode ser de santa, mas aquela mulher está mais para o inferno, de tão quente. Coloco o livro de volta na estante e olho com mais atenção as fotos. Ela é o Charmander em pessoa: sorriso no rosto e fogo no...

— Pronto, voltei. — Ouço a Miranda anunciar.

— Aonde é essa praia?

— Fernando de Noronha, no Brasil.

— Você foi lá recentemente?

A olho e noto que está usando apenas um roupão. É difícil me concentrar enquanto eu sei que ela está nua por debaixo daquele

— Faz três ou quatro anos, mais ou menos.

— Eu já vi algumas fotos e vídeos, parece ser um lugar incrível. — Comento a fazendo assentir. — Talvez um dia eu vá.

— Eu super recomendo.

— Isso me dá a impressão de que você gosta de viajar, conhecer os mais diferenciados lugares.

— Você está correto, lutador.

Franzo o cenho, mas sorrio em seguida ao ouvir ela falar tão carinhosamente. Talvez seja algo normal para ela, entretanto, eu fico surpreso por ser tratado com um apelido. Sim, eu considero isso como um apelido ao sair de seus lindos lábios. Decido me sentar no sofá, ela se senta no oposto e refaz o coque do seu cabelo.

— Quais lugares você já conheceu?

— Além do Brasil, eu morei lá e algumas cidades daqui dos Estados Unidos... — Ela ri suavemente. —, eu conheci o Canadá, Portugal, Espanha, Chile, França e Reino Unido.

— Pouco. — Ironizo.

— Alguns. — Ela me corrige com deboche. — E eu pretendo conhecer mais.

— Algum em especial?

— Dois em especiais: Argentina e Grécia, além de que, eu quero Tulum e Cancún, duas cidades do México.

— Interessante.

— E você, já conheceu quais países?

— Não são tantos, igual a você. — Declaro. — Apenas Portugal e Reino Unido.

— São lugares lindos.

Aceno concordando, sinto o meu celular vibrar e eu o pego. Já está vindo ser entregue o meu pedido e eu irei aproveitar a minha ida até lá embaixo, para fumar um cigarro. O meu consumo é quase

nulo, contudo, um ou dois por dia é algo impossível de ser ignorado. Aviso a Miranda que irei pegar o meu pedido na portaria, e antes que eu possa fechar a porta, a ouço me avisar que a pizza ainda irá demorar quinze minutos. Entro no elevador, aperto o botão do térreo e aguardo pacientemente. Eu não sei o que aconteceu, mas sinto que algo está estranho. Talvez seja por *nós* estarmos tentando ter um início de noite tranquilo, ao jantarmos juntos enquanto jogamos conversa fora. É, talvez seja por isso, pois sempre que estamos juntos as roupas e conversas são duas coisas praticamente inexistentes entre nós, nós só queremos estar sobre a cama e eu indo bem fundo dentro dela. Um local viciante e saboroso.

Atravesso a rua após do prédio, desligo o alarme do meu carro e me sento no banco do carona. Abro o porta-luvas, pego o maço de cigarro e junto com ele vem a bendita foto. Eu a encaro por longos segundos, analisando cada centímetro e a guardo de volta em seu devido lugar. Por que eu carrego essa foto comigo para cima e para baixo todo santo dia? Eu simplesmente não tenho resposta para isso, contudo, por muitas vezes eu esqueço que ela está bem aqui, como um carrapato. Coloco um único cigarro no meu bolso juntamente com o isqueiro, aciono o alarme ao fechar a porta e atravesso a rua, no mesmo segundo em que o motoboy para diante do prédio. Pego o meu pedido, agradeço ao rapaz e volto para o apartamento.

Assim que adentro na sala de estar, sorrio ao observar a linda vista. Miranda está debruçada sobre o balcão da cozinha, a sua atenção está totalmente presa ao celular que está em suas mãos e a sua cintura balança suavemente enquanto ela digita freneticamente. Eu me aproximo, coloco o pequeno fardo sobre o balcão e paro bem atrás da ruiva após abrir uma garrafa. Encaixo a minha cintura na sua, acaricio a lateral do seu ventre e beijo a sua nuca exposta. Ao olhar para a tela do seu celular, noto que ela está trocando mensagens com o Austin e eu imagino que o assunto seja sobre o processo do divórcio, já que é o único ponto que eles têm a conversar.

— Cheirosa e... — Ela rebola contra a minha pélvis e eu sinto o meu pau endurecer. —, gostosa.

— Eu sempre estou assim. — Ela declara.

— É muito atrativa.

Ela ri do meu comentário.

— O que tem no seu bolso? Ou é o seu...?

— Eu quero muito te responder isso, de forma profunda e intensa, contudo, eu suponho que esteja ocupada.

Miranda larga o celular sobre a bancada, gira o seu corpo mesmo que ainda esteja presa entre o meu corpo e o mármore. As minhas mãos continuam em sua cintura, os nossos rostos estão próximos e eu já estou ficando repetitivo, mas eu fico a cada dia mais encantado por ela. As sardas em seu rosto são poucas e quase imperceptíveis. Os seus lábios se encaixam perfeitamente nos meus, assim como o restante do seu corpo. Me relacionei com mulheres mais velhas, porque nunca consegui sentir atração por mulheres da mesma idade ou mais jovens que eu, contudo, após o furacão nomeado de Margareth Lewis, eu saí por aí, pegando uma e outra, aliás, dezenas e centenas, e foi quando eu comecei a me *relacionar* com mulheres mais jovens.

E para fechar com o maior clichê de todos: entre as dezenas e centenas, Charlotte Miranda foi a única que conseguiu me abalar dos pés à cabeça. Uma frase que saiu de sua boca na última vez que estivemos juntos, retorna a minha mente.

[...] —, mas não é apenas fisicamente.

Foi referente à eu ser um maldito por estar fodendo com ela, e isso me deixou intrigado por alguns segundos, contudo, o nosso ato que estava acontecendo naquele momento, me fez ignorar a sua fala. Noto que *ela* está me olhando fixamente, em seguida aproxima as nossas bocas e raspa os seus lábios nos meus.

— Estava conversando com o advogado do seu pai.

Aceno silenciosamente e ela comprime os próprios lábios. Penso em algo rapidamente para que o nosso assunto não seja referente ao processo dos meus pais.

— Estou curioso para saber o que você está usando por debaixo desse roupão. — Brinco com o laço presente na lateral da sua cintura, o desfaço e isso faz com que ele se abra. — O que eu posso fazer em relação a isso?

Bebo metade da minha cerveja toda de uma vez e coloco a garrafa sobre o balcão.

— Eu tenho uma sugestão.

Miranda me puxa rumo ao sofá, cai sentada sobre o mesmo e eu a contemplo. Retiro a minha camiseta, me ajoelho diante do seu corpo, acaricio as suas pernas e faço uma trilha de beijos, iniciando em seu pé esquerdo e sigo até o interior da sua coxa. Em seguida encaro o que existe entre as suas pernas e sinto a minha boca salivar. Puxo a ruiva pelas pernas, a faço ficar com a cintura na beirada do sofá e caio de boca na sua boceta. Chupo o seu clitóris, passo a minha língua em sua entrada e a estimulo com ajuda dos meus dedos. Ela escorrega mais um pouco o corpo sobre o sofá, eu coloco a sua perna direita sobre o meu ombro e chupo os seus lábios.

Fecho os meus olhos com força e me concentro apenas em lhe dar prazer, a penetro com dois dedos enquanto concentro a minha boca sobre o seu clitóris. Sinto as suas mãos tentarem agarrar os fios do meu cabelo, mas ela agarra as almofadas em sua volta e geme alto quando eu cutuco o seu ponto g. O meu nome sai de sua boca através de um sussurro, e eu afasto a minha boca do seu corpo ao decidir focar o meu trabalho apenas nos dedos. Aproveito para observar a sua expressão de prazer e sinto o meu pau latejar. Com a minha mão esquerda livre, eu abro o botão da minha calça e a abaixo em seguida, deixando a minha cueca preta exposta.

— Hoje você vai retribuir, não é?

A minha pergunta é feita num tom baixo, mas ela ouve perfeitamente e ri. Aumento a velocidade dos meus dedos, volto a colocar a minha boca em seu corpo, especialmente no seu clitóris e o sugo para dentro dos meus lábios. Miranda geme alto, no mesmo segundo que goza em meus dedos. Me sento sobre as minhas próprias pernas e acaricio as pernas da ruiva enquanto ela tenta se recompor. Ela refaz o coque do seu cabelo, se senta e sorri ao me olhar.

— Então você quer uma retribuição?

— Está mais do que na hora de sentir essa sua boquinha.

Contorno os seus lábios com o meu polegar, ela suga a ponta do meu dedo para dentro de sua boca e isso faz com que o meu pau tenha um solavanco. Ao se afastar de mim, ela se levanta do sofá e eu me sento no seu lugar após retirar apenas a minha calça. Miranda fecha o seu roupão, se ajoelha diante de mim e contorna o meu pau ereto com as pontas dos dedos. E antes que ela possa ter qualquer outra atitude, a campainha toca no mesmo segundo que o interfone.

Miranda se levanta do chão e fica indecisa em não saber qual atender primeiro, então eu – derrotado – me prontifico a atender a campainha. Sem me importar por estar vestindo apenas uma cueca, eu me aproximo e abro a porta. Um cara está parado bem aqui, diante de mim, segurando um buque de flores e uma sacola de presentes. O sorriso que está em seus lábios morre gradualmente, uma expressão de raiva surge em seu rosto e eu acabo lembrando quem é ele. O tal do *P.A*, amigo da ruiva e isso continua me desagradando ao extremo. O seu olhar me avalia por completo, dos pés à cabeça e um sorriso debochado surge em meus lábios. Ao analisar a minha vestimenta – ou a falta dela – ele já entendeu muito mais do que as possíveis palavras poderiam explicar.

— Você pode me dar licença? — Ele questiona ao ser impedido de entrar.

— Já está um pouco tarde para fazer visita, não acha?

— Eu não sou visita.

— Morador daqui você não é, e eu tenho certeza disso.

Ele tenta empurrar a porta, mas não consegue. Sinto a mão macia da Miranda tocar nas minhas costas, eu relaxo a minha força contra a madeira e deixo com que ela abra a porta, mesmo que ainda esteja com o seu olhar em mim.

— A pizza chegou e... — E então ela olha para o *tal* e sorri de nervoso. — Julian?

— Oi, *Chami*.

Ela olha para mim e volta o seu olhar para o Julian.

— Oi!

— Eu posso entrar?

É claro que não, contudo, eu sei bem que *ela* o deixará entrar, por mais que esteja mais evidente que estamos tendo um momento íntimo, Julian irá entrar apenas na intenção de atrapalhar. Miranda me empurra – usando o seu corpo – gentilmente para o lado, abre mais um pouco a porta e permite que o fulano entre.

— Você pode ir lá embaixo pegar a pizza? — Miranda me questiona.

Balanço a cabeça para os lados, me negando a sair daqui, ando despreocupado rumo ao balcão da cozinha após vestir apenas a calça e me debruço sobre ele enquanto beberico a minha cerveja. Observo o Julian analisar o sofá, o qual eu estava caído de boca no meio das pernas da ruiva, e decide se sentar à mesa. Ele ainda não entregou nada que trouxe para a Miranda, continua a segurar firmemente e eu aposto que os caules das flores estão prestes a se quebrar. A ruiva anda na minha direção, para ao meu lado deixando o seu corpo colado no meu e eu a olho, fazendo com os nossos rostos fiquem próximos.

— Eu não vou te deixar sozinha com o maldito do *P.A*, aliás, ex. — Murmuro.

— Ele é o meu amigo. — Ela sussurra. — Por favor, pegue a pizza e eu te farei um agrado bucal.

Rio ao notar que ela está tentando me persuadir com sexo oral.

— Eu não irei.

— Eu estou de roupão!

Dou de ombros, pouco me importando e ela sai do apartamento batendo os pés, após avisar ao amigo que irá voltar logo. Ouço uma cadeira ser arrastada, olho para o lado e vejo o Julian vindo em minha direção. Ele para na bancada, no lado oposto ao meu e me encara. Eu continuo a beber a minha cerveja e isso não atrapalha que eu direcione o meu olhar para ele. Um olhar que diz muito, como por exemplo: eu sou melhor que você.

— Então... — Ele coça a garganta. —, você é só por hoje ou irá durar alguns dias por aqui?

— Por que isso tanto lhe interessa?

— Charlotte é minha amiga...

— Você se preocupa com ela, *blábláblá*. — Reviro os meus olhos. — E isso é pura mentira, aliás, parcialmente, pois a maior parte é porque você é a fim dela.

O observo engolir em seco e manei a cabeça para os lados.

— Não tente colocar palavras na minha boca.

— Eu não estou tentando, pois é algo que está explícito na sua cara, mas eu sinto te informar... — Rio suavemente. —, na verdade não sinto, saiba que a Miranda não é para você.

— E nem para você. — Ele resmunga.

Dou a volta na bancada e me aproximo do estrangeiro.

— Talvez não seja mesmo, talvez eu não a mereça tanto, contudo, ela me quer a cada minuto de cada dia.

Bato em seu ombro e volto para a sala de estar.



**CHARLOTE
MIRANDA**

CAPÍTULO QUINZE

*A gente junto é mó parada, a gente não presta
Zero compromisso, se for sempre assim, nós fecha
Entra nesse quarto sem a intenção de ficar
Não vejo problema em não querer se apaixonar*
Sem Filtro – Iza

Eu acho que o entregador já está acostumado com diversas coisas, e foi por isso que nem se quer se importou de me ver usando roupão. Mesmo que sair daquele apartamento estivesse fora de cogitação, porque notei uma enorme tensão entre Julian e Jensen. E o temor tomou conta de mim, pois eu não sei do que eles são capazes ao estarem no mesmo ambiente. Por mais que o Julian seja um grande amigo, nós temos o nosso lance do *P.A* e que, aliás, tínhamos, pois eu estou com o Jensen e estar com um me basta, ainda mais quando é alguém que está me abalando dos pés à cabeça. E é aquele que está me dando o sexo que eu tanto precisava.

Não estou apaixonada pelo Jensen, estou apenas atraída e principalmente de forma sexual e estar com ele me faz bem, mesmo que ainda seja recente e que ninguém saiba. E ninguém sabe por que é algo apenas de nós dois, íntimo. Saio do elevador, ando apressada rumo ao meu apartamento e entro esperando o caos, por mais que esteja transparecendo tranquilidade. Vejo o Jensen sentado no sofá onde nós dois estávamos há pouco tempo, Julian está apoiado sobre o balcão e o silêncio é desagradável. Coloco a pizza sobre a mesa, arrumo o laço do meu roupão e encaro o meu amigo. Eu não imaginava que ele fosse aparecer aqui, sem avisar e no meio da semana, além do que, ele estava viajando.

— Eu não imaginei que fosse chegar tão cedo e vir aqui de repente.

— De repente? — Ele ri sem humor. — Nós combinamos que eu viria aqui assim que chegasse de viagem.

Caramba, hoje já é quarta-feira! Eu perdi a noção do tempo, ou melhor, eu esqueci completamente do Julian.

— O trabalho está me deixando perdida. — Minto.

— Estou vendo o tipo de trabalho. — O seu olhar está no Jensen, que está nos encara com cara de poucos amigos. — Eu te trouxe um presente e essas flores...

As flores estão com os caules quebrados, imagino que seja de tanto apertar. Eu pego os presentes após agradecer, e os coloco sobre o balcão. Os seus olhos demonstram tristeza, contudo, acho isso um pouco exagerado se for devido a presença do Jensen aqui. Remexo os meus pés sem saber como proceder diante disso e fico surpresa comigo mesma. Eu já enfrentei diversos momentos bem mais complicados que este, contudo, eram nos tribunais e em reuniões burocráticas. E isso daqui deveria ser algo banal demais, entretanto, eu estou em uma pequena disputa invisível. Observo o Julian olhar para algo atrás de mim, em seguida sinto o corpo do Jensen próximo ao meu e ele coloca a sua mão na minha cintura antes de me puxar para junto de si. Eu volto a olhar para o meu amigo e um sorriso amarelo surge em meus lábios.

— E como foi a viagem?

— Tudo bem, mas a volta foi surpreendente.

— Julian...

Ouçõ o Jensen ri baixinho ao meu lado, diante da frase raivosa do Julian e eu franzo o cenho ao analisar a situação. Não existe motivo para ele estar assim, tudo bem, eu entendo que nós tínhamos um combinado sobre a sua volta para a cidade, contudo, muitas coisas aconteceram nesses dias que se passaram e o Jensen está aqui, e entre eles, eu prefiro o lutador, a que o espanhol que não consegue me incendiar. Estico a minha mão sobre o balcão, toco no braço do meu amigo e ele me encara.

— Acho melhor eu ir embora. — Ele resmunga.

Ele se afasta do meu toque, enfia as mãos nos bolsos de sua calça jeans e anda rumo a porta. Eu ando em sua direção, faço questão de abrir a porta e ele sai do meu apartamento. Seguro em seu pulso, Julian olha para mim e a sua boca fica numa linha reta.

— Nós podemos almoçar juntos amanhã?

Ao invés de ser uma sugestão, soa mais como uma pergunta.

— Apenas nós dois, ou com companhia? — Ele questiona ao apontar para o apartamento. — Me surpreendi quando a porta se abriu e eu vi aquele cara praticamente nu.

Se você não estivesse chegado, ele teria ficado completamente nu e eu teria colocado a minha boca *nele*. Percebo que estava inerte em imagens criadas pela minha mente sobre algo que poderia ter acontecido, toco novamente no braço do meu amigo e lhe dou um pequeno sorriso.

— Eu não sabia que você viria, aliás, não me lembrava e ocasionou de vocês se encontrarem.

— Infelizmente. — O ouço resmungar.

Em seguida, Julian deposita um beijo em minha bochecha e se vai. Eu volto para dentro do meu apartamento, me encosto na porta e respiro fundo de olhos fechados.

— Ele não gostou de me ver aqui, mas eu adorei ver a raiva nos olhos dele direcionado para mim. — Ouço o Jensen anunciar debochado.

Eu abro os meus olhos e o encaro.

— Julian é o meu amigo...

— O seu ex *P.A*, isso que você quis dizer.

— Ele sempre foi o meu amigo, muito antes disso. — Resmungo.

Observo o Jensen revirar os olhos, eu me aproximo dele e dou dois tapinhas em seu peito.

— Mesmo que estejamos vivendo isso aqui... — Ele aponta para si e depois para mim. —, há alguns dias, você continua a agir na defensiva.

— Não, eu não estou, apenas expus uma verdade que o Julian é o meu amigo.

— E que gosta de você.

— Não! — Rio. — Você está louco.

Puxo uma cadeira, me sento e abro a caixa da pizza. Jensen se senta diante de mim, já com uma nova garrafa de cerveja e pega um pedaço de pizza. Nós comemos em silêncio por longos segundos, mas mantenho o meu olhar fixo no dele e o desejo por

este homem. Céus! Como isso pode estar acontecendo? No entanto, mesmo que eu esteja assim, transparecer não é uma opção. Eu gosto do joguinho da sensualidade, gosto do romance gato e rato, ao mesmo tempo que, gosto de me entregar, de sentir cada porcentagem, seja ela recíproca ou não.

E em relação ao Jensen, tudo é muito intenso, muito prazeroso e confuso. Relativamente confuso, pois ele conseguiu mexer comigo antes mesmo de me tocar, conseguiu mexer com o meu interior e dar exatamente aquilo o que eu queria/precisava no momento: sexo de abalar as estruturas. O lutador não se resume apenas a isso, ele é um homem maravilhoso, incrível e simpático, o que também me surpreendeu. Quando eu o vi pela primeira vez, imaginei que fosse um cara pegador, galinha, que não sabia nem se quer ter papo interessantes e muito outros adjetivos ruins.

— Você correu até a portaria ou foi impressão a minha? — Ele me questiona.

— Impressão a sua. — Respondo num resmungo e aponto um dedo em sua direção. — E você me fez descer de roupão.

— Eu prefiro não pensar nisso.

Ele faz uma careta e meneia a cabeça para os lados.

— Por que não? — Questiono ao esconder o meu divertimento. — Eu tenho certeza de que o entregador... gostou do que viu, aliás, do que quase viu.

— Miranda, não me provoque ao dizer isso.

— Não estou provocando, apenas dizendo que...

De repente, ele se levanta bruscamente da sua cadeira e fica de pé diante de mim. Se inclina em minha direção, me segura pela nuca e me obriga a ficar imóvel. O seu aperto não provoca incomodo, mas sim, me excita e me estimula a forçá-lo a ter mais atitudes da deste tipo. Se eu estivesse usando calcinha, ela estaria completamente molhada nesse exato segundo.

— Você está me provocando, você é mestre em fazer isso.

— Eu não fiz nada.

Um pequeno riso escapa da minha boca e ele semicerra os olhos.

— Você já fez muitas coisas, inclusive dar um tapa no meu rosto...

— E você insinuou que fosse me processar.

Um sorriso debochado surge em seus lábios.

— Não, eu não insinuei isso.

— Insinuou o que então? — Questiono com a minha boca próxima a sua.

Jensen sorri e me puxa de encontro ao seu corpo. Ele junta as minhas mãos nas minhas costas, aproveita o laço do meu roupão para me amarrar e o meu interior se contorce. Sou guiada na direção do meu quarto e a cada passo que eu dou, sinto a ereção do lutador cada vez mais rígida. Entramos no cômodo, ouço a porta ser fechada num baque e sou colocada deitada sobre a cama. A minha cintura está na beirada, o meu peito colado no colchão e mesmo assim, a minha respiração está acelerada. Sinto o Jensen levar o meu roupão até o alto das minhas coxas, acaricia a minha pele e me faz abrir as pernas. Dois dos seus dedos pincelam a minha fenda e isso faz com que um gemido escape da minha boca. Ele inclina o corpo sobre o meu, faz uma trilha de beijos em minha nuca e aproxima a boca da minha orelha.

— Sabe o que irá acontecer em alguns segundos? — Ele questiona num sussurro.

— Eu sei e estou ansiosa por isso.

Ele ri suavemente.

— Não, você não sabe, pois imagina outra coisa que também irá acontecer.

— Como assim?

De repente, ele dá um tapa na minha bunda. Por um segundo, abro a minha boca assustada, contudo, no segundo seguinte, sorrio ao me sentir ainda mais excitada. É, ele está descontando o tapa que eu lhe dei quando nos beijamos pela primeira vez.

— A sua pele está ficando da mesma cor do seu cabelo.

— Você é um maldito! — Esbravejo.

— Eu sou um maldito, mas você gosta... muito.

E pior que ele está certo, malditamente certo. Remexo a minha cintura, ou melhor, eu literalmente rebolo contra a ereção do Jensen

e o ouço gemer baixinho. O seu corpo se afasta do meu, o ouço abrir o zíper de sua calça e em seguida a peça é jogada para um canto qualquer do meu quarto. Enquanto ele está se despindo, eu tento soltar as minhas mãos e a minha tentativa é em vão. Rolo sobre a cama, me deito de costas sobre a cama e assim eu consigo observá-lo. Jensen veste o preservativo enquanto mantém o seu olhar em mim, ele se aproxima e eu abraço a sua cintura com as minhas pernas.

— Desamarra as minhas mãos.

Diferente das outras vezes que eu ordenei os seus atos, dessa vez eu peço.

— Ainda não.

— Por favor!

— Relaxa. — Ele pede contra a minha boca.

Os meus lábios são sugados pelos seus, as suas mãos passeiam pelo meu corpo apalpando cada centímetro e ao segurar em minha cintura, ele me gira e eu volto a ficar de costas. As suas pernas abrem as minhas, me deixando completamente exposta e ele amontoa o roupão sobre as minhas costas. Ao segurar as minhas mãos, o seu pau me penetra arrancando um suspiro sôfrego e eu fecho os meus olhos. Jensen é muito bom no que faz e está me deixando viciada. Há alguns dias eu disse que estava precisando de um sexo que me abalasse, que me virasse de cabeça para baixo, e mais coisas que fossem mexer profundamente comigo.

E esse maldito lutador conseguiu tudo isso muito rápido e fácil. Desde a primeira vez que ele tocou em minha cintura antes de me beijar, e quando transamos pela primeira vez... aliás, antes mesmo, quando estávamos nas preliminares eu sabia que ele iria me dar tudo e muito mais do que eu estava precisando. E cada vez mais que estamos juntos... mais quero estar com ele... mais quero transar com ele, conversar e até mesmo ter pequenos atritos. Jensen se inclina sobre mim, distribui beijos em minhas costas e enrola o meu cabelo em sua mão.

— Me solta. — Peço mais uma vez, num sussurro.

As suas investidas em meu interior se tornam mais lentas, sinto ele desfazer a amarração em meus pulsos e enfim fico solta. Antes que eu possa ajeitar a minha postura, Jensen sai de dentro de mim e gira o meu corpo sobre a cama. Me arrasto sobre o macio colchão, o lutador vem para cima de mim e volta a preencher o meu interior. O seu corpo fica sobre o meu, eu abraço a sua cintura com as minhas pernas e os nossos olhares ficam conectados. O meu coração bate lentamente e a minha respiração se torna pesada. É estranho este momento, pois me dá a impressão de que isso... agora ... não está sendo apenas sexo e é assustador.

— Ruiva... — Jensen se cala e desvia o olhar do meu.

Tenho vontade de questionar o que ele iria falar, contudo, não consigo pronunciar nem uma palavra se quer. Nós não podemos e não devemos criar sentimentos um pelo outro, nós não podemos achar que *isso* irá ser além da cama. O silêncio volta a reinar, aliás, o silêncio de palavras, pois os gemidos que saem de nossas bocas são constantes e estimulantes para que os movimentos acelerem. O suor cobre cada centímetro do meu corpo, me sinto ainda mais excitada e sei que estou perto de atingir o meu ápice. Jensen se senta entre as minhas pernas, eleva o meu quadril e investe com avidez contra o meu interior. Fechos os meus olhos, aperto os meus seios e derreto em milhares de pedacinhos. Em mais algumas estocadas, o lutador tinge o seu ápice e deita o seu corpo sobre o meu.

Por ser pesado, ele percebe o seu erro e cai sobre o colchão ao meu lado. Mais um pouco em cima de mim, eu me sentiria asfixiada. Eu me deito de frente para ele e fico o olhando em silêncio. Sempre com a barba muito bem-feita, o rosto completamente liso e sedoso, aliás, todo o seu corpo é sedoso. Os seus músculos são como um ímã que sempre atraem os meus dedos, fazendo eu dedilhar cada centímetro. Ele é exatamente o tipo de homem que eu sinto atração, por mais que seja praticante de uma arte marcial que eu não sou muito *amiga*. Estico o meu braço em sua direção, toco no seu tórax e me surpreendo quando ele leva a minha mão em direção a sua boca para beijar os nós dos meus dedos.

— Por que você decidiu se tornar um lutador?

— Resumidamente: era para fugir um pouco da realidade e acabei pegando o gosto de lutar, fazendo com que eu permaneça até hoje.

— Eu acho extremamente perigoso.

— E eu já percebi que você não é muito fã desse esporte.

— Não sou mesmo. — Declaro ao me sentar na cama e visto o meu roupão. — Preciso de um banho, estou suada e cheirando a sexo, aliás, este quarto está cheirando a sexo.

— Você não deveria se preocupar com essas futilidades momentâneas, pois eu irei te fazer soar mais um pouco muito em breve.

— É uma promessa, lutador? — Questiono contra a sua boca.

— Espere e verá, ou melhor, sentirá.

— Certo, Jensen. — Reviro os meus olhos para provocá-lo e beijo suavemente os seus lábios. — Eu preciso comer.

— Eu também.

O seu tom de voz é carregado de malícia e ao ver ele umedecer os lábios com a ponta da língua enquanto me olha de cima a baixo. Eu saio do quarto sem esperá-lo, me sento novamente diante da mesa e termino de comer o meu pedaço de pizza, mesmo que esteja frio. Em seguida pego outro dentro da caixa e somente agora o Jensen se senta diante de mim, para me fazer companhia e comer. Decido lhe fazer mais perguntas referentes as lutas, apenas para que o silêncio se disperse e porque eu estou curiosa para saber mais dele.

— Com quantos anos você começou a lutar?

— Antes dos vinte.

— E os seus pais, o que acharam disso?

— O meu pai já foi extremamente contra, contudo, após a nossa volta para o *Fight* ele já estava mais tranquilo em relação a isso.

— Você saiu de lá por quê?

— Devido a toda história que envolveu o Dominic era impossível com que eu e os rapazes continuássemos naquele lugar. E voltamos apenas quando o Dom nos convidou a voltar.

— Isso aconteceu quanto tempo depois que ele saiu da prisão?

— Algumas semanas.

— Eu imagino o quão difícil deve ter sido quando ele entrou novamente naquele lugar, o qual ele supostamente assassinou a esposa do governador.

— Foi mais fácil para ele, do que para mim. — Jensen sussurra. — E o pior nem foi matar a esposa do governador, mas matar a mãe da garota que ele estava apaixonado.

— Cruel demais o que o Lewis fez contra o seu amigo.

— Aquele demônio era cruel.

O seu resmungo é raivoso e faz a minha espinha gelar. Não é a primeira vez e com certeza não será a última a vez que eu irei notar um abismo de desafeto entre Jensen e todos os Lewis.

— E quantas vezes por mês você luta?

— Depende muito, mas costuma ser de três a quatro, as vezes até mais.

— Muitas lutas.

— Tem alguns meses que são árduos, outros tranquilos que eu não chego a lutar nem uma vez.

— E nesse mês você irá lutar quando?

— Eu ainda não sei por que a Emily pegou o comando do *Fight* de volta e o meu advogado ainda precisa entrar em contato com ela.

Aceno demonstrando que entendi e mordo mais um pedaço da minha pizza.

— É bom fazer o que gosta.

Ele concorda e me olha fixamente.

— Eu tenho um convite a te fazer.

— Qual? — Questiono com curiosidade.

— Vá ao *Fight* amanhã à noite comigo.

Eu o encaro em silêncio sem saber o que lhe responder.

— Por quê? Eu não sou muito fã de ver esse tipo de luta.

Jensen estica o braço sobre a mesa e segura em minha mão.

— Eu sei que não temos nada, eu jamais iria te cobrar algo referente a isso, mas eu quero que você conheça melhor os meus

amigos e conheça o meu segundo lugar de trabalho. — Ele me explica. — E amanhã será um dia tranquilo, por isso o meu convite.

— Eu... posso te dar a resposta amanhã à tarde?

— Pode. — Ele responde num murmúrio.

— E eu meio que já conheço os seus amigos.

— Você se enturmou bastante com as meninas, não foi?

Aceno sorridente.

— Elas são simpáticas e receptivas.

— Naquele dia, a Lauren e a Emily conversaram entre si?

Franzo o cenho diante do seu questionamento e penso no sábado passado.

— Poucas vezes, ou nulas? Eu não me lembro direito. — Respondo. — Por quê? Existe algum desentendimento entre elas?

— Lauren já teve um romance com o Dominic e nesse mesmo tempo, foi quando o Dom se reaproximou da Emily.

— Ah, entendi perfeitamente. — O encaro com curiosidade. — O que mais eu deveria saber desse grupo e dos casais?

— Penélope e Oliver são um casal complicado, já namoraram escondido, depois ficaram mais de um ano separados e na nossa viagem para Las Vegas, eles se casaram bêbados,

— Mas pelo menos se acertaram, né? Foi o que me pareceu.

— Sim, se acertaram depois de muita luta.

— E se amam bastante, e o filho da Emily é uma fofura.

— Isso eu já não sei, pois eu mal chego perto do menino.

Mais um ponto que ele deixa evidente em relação aos Lewis.

— E os demais?

— O meu irmão está noivo da Lola há alguns anos, e irão se casar após o nascimento do bebê.

— E os demais?

— Lauren namora com o idiota que ocasionou a separação entre a Penélope e Oliver, o Noah é ex-namorado da minha cunhada...

— E ele é amigo do seu irmão? — Questiono incrédulo.

— É, e não existe algum desconforto em relação a isso.

— É estranho. — Declaro.

Jensen meneia a cabeça para os lados e dá umas mordidas generosas no seu pedaço de pizza. Por mais que tenha um gesto grosseiro, ele mastiga devagar e tranquilamente enquanto encara o céu escuro pela janela da sala de estar.

— E a sua vida amorosa, me conte. — Ele me pede.

— Eu nunca namorei.

A minha declaração faz com que ele me encare surpreso e com a boca parcialmente aberta.

— Nunca? — A sua expressão demonstra temor. — Você não era virgem quando nós...

— NÃO! — Exclamo ao interrompê-lo. — Céus! Não, é claro que não.

— Precisa agir desse jeito?

Ele está certo, eu tive uma reação exagerada, mas é porque eu fui pega de surpresa e eu acabo suspirando. Eu tive um dia cheio, e o Julian acabou aparecendo aqui, de repente, e o caos do dia está começando a pesar sobre os meus ombros, principalmente em minha cabeça.

— Me desculpe. — Peço. — Eu exagerei, mas é porque você me pareceu assustado com a possibilidade.

— É uma responsabilidade, mas eu arcaria com a tal.

Reviro os meus olhos diante da idiota declaração que acabou de sair de sua boca. Homens são assim, querem as mulheres intocáveis, enquanto eles saem por aí... fazendo mil e uma coisa, com mil e uma mulheres. Hipócritas canalhas! Eu nem se quer consigo imaginar quantas mulheres já passaram pelo *co/o* do Jensen. Repugno as imagens que aparecem em minha mente e esfrego o meu rosto entre as minhas mãos.

— Voltando ao assunto: eu nunca tive um relacionamento sério, pois nunca foi algo que eu almejei para a minha vida, já que eu tinha outros planos mais importantes.

— Então ficou se aventurando por aí, com um e com outro?

— Você não fez isso? — Rebato. — É hipocrisia reclamar de alguma possível atitude que eu tive, sendo que você teve iguais ou piores... com certeza teve piores.

Ele revira os olhos diante da minha provocação, limpa as mãos no guardanapo e em seguida as junta diante do peito.

— Não é sobre a minha vida amorosa que estamos falando.

— Mas será sobre ela a partir de agora.

— Não, não será. — Ele resmunga. — Você me disse que era um livro aberto, mas parece que mentiu descaradamente.

Bato a minha mão sobre a mesa, ao me colocar em pé e me inclino em sua direção.

— Não ouse me chamar de mentirosa, nunca mais faça isso.
— Ordeno.

— Como sempre na defensiva. — Ele resmunga.

— Eu não gosto de ser acusada de algo que eu não sou. — Resmungo. — Eu sempre respondo tudo o que você me pergunta.

— Então por que hesitou em me responder se você era comprometida?

Respiro fundo ao abaixar a minha guarda, volto a me sentar e cruzo os meus braços embaixo dos meus seios.

— Porque eu queria te manter afastado de mim, eu queria manter o meu profissionalismo, já que eu sou advogada da sua mãe e o certo era ter o mínimo contato com você.

— Apenas isso? — Ele questiona.

— Apenas isso.

E por eu estar atraída por você desde Las Vegas – e isso é algo que está guardado a sete chaves em minha mente. Observo o Jensen acenar, em seguida estica o braço sobre a mesa e toca no meu.

— Temos algo em comum: nunca namoramos.

— Porque você nunca quis, pois imagino que mulheres se joguem aos seus pés. — Debocho.

— Talvez. — Ele resmunga. — Mas somente uma mulher está conseguindo a minha total atenção neste momento e ela é linda.

Sorrio fracamente ao concordar com ele e entrelaço as nossas mãos.

— O quão linda ela é?

Ele sorri.

— Esplendida. — Ele declara com o olhar fixo no meu. — E não é apenas o cabelo dela que é de fogo... ela tem fogo em outros lugares.

— Jensen!

Sinto o meu rosto arder e tento lhe dar um tapa, mas ele desvia. Ao voltar a segurar em minha mão, ele se levanta de onde está sentado e vem em minha direção. Jensen é aquele tipo de homem que causa tudo em você, contudo, isso incluiu te deixar a beira do caos, mesmo que não seja necessário.

— E essa ruiva irá me mostrar o quão boa de boca ela é.

— Filho da... mãe!

Ele ri, me pega em seus braços e me joga em seu ombro. Bato em suas costas, mas parece que não surte o efeito desejado, pois ele ri e então eu aperto sua bunda, o fazendo dar um tapa na minha.

[...]

Graças a Deus hoje eu estou livre das pequenas causas dos tribunais e poderei ter um dia mais tranquilo, já que ontem foi completamente agitado e ainda por cima aconteceu tudo aquilo de noite. Jensen apareceu de surpresa, em seguida o Julian que quase fez a minha cabeça explodir com o possível caos que poderia surgir entre eles e por fim, a noite agitada que tive com o lutador. E isso ocasionou que ele dormisse no meu apartamento, e foi uma ótima noite. Da última vez que ele tinha passado a noite no meu apartamento, nós não dormimos, e mesmo sem as minhas boas horas de descanso, eu tive um dia muito bom.

E espero que hoje seja assim também, mesmo que eu tenha dormido no calor dos braços do lutador. Jensen se manteve abraçado em mim o tempo todo, às vezes com o rosto afundado em meu cabelo e em outros momentos, em minha nuca. E quando amanheceu, ele acordou antes de mim e preparou apenas o café, pois não sabia o que eu estava acostumada a comer. Eu acordei assim que senti o cheiro e me senti feliz, por notar a sua preocupação em preparar algo.

Aproveitei a ausência dele, tomei banho e vesti a roupa de ginástica. Ao sair do banheiro, eu o encontrei sentado na ponta da minha cama e confesso, eu fiquei sem reação, pois não sabia como cumprimentá-lo. E então, ele se levantou da cama, andou em minha direção e deu um beijo no topo da minha cabeça. Em seguida me questionou se poderia tomar banho, pois precisava ir diretamente para a agência. Informei que ele podia ficar à vontade e enquanto ele tomava banho, fui até a padaria que fica na rua de trás do meu prédio e comprei o nosso café da manhã.

Nós fizemos algo que eu não esperava que fosse acontecer tão cedo, aliás, eu não imaginava que fosse acontecer em qualquer momento. Tomamos o nosso café da manhã juntos – como se fossemos um casal –, enquanto ele me olhava estranho, sem questionar nada e eu estranhei a sua atitude. E somente quando nós entramos no elevador, ele declarou o seu desgosto em relação a minha roupa. Eu ignorei o seu comentário e sugerir que ele me acompanhasse até o meu carro, já que ele estava preocupado com a minha vestimenta – calça legging, top e um casaco fino. Ao chegarmos no meu carro, ele me pressionou contra a lataria e me beijou como se o dia dele precisasse ferozmente daquilo.

Em seguida, me avisou que iria aguardar a minha resposta sobre acompanhá-lo ao *Fight* durante a noite. Eu ainda não pensei nisso, prefiro aguardar para ver como será o decorrer do meu dia. Me despeço do meu *personal trainer*, coloco a alça da minha bolsa em meu ombro e sigo rumo a saída da academia. Todo dia eu venho me exercitar e fazer ioga, são duas coisas indispensáveis no meu dia a dia e quando eu não as faço, sinto como se o meu dia tivesse sido errado. E saindo daqui, pretendo ir diretamente para casa descansar um pouco, pois os meus compromissos são apenas no período da tarde no meu escritório mesmo. E além de tudo, daqui a pouco eu irei almoçar com o Julian.

— Senhorita Thurman... — Ouço alguém me chamar e eu olho para trás. —, oi!

— Oi, senhora Brown.

A cumprimento e saímos juntas da academia. Eu não esperava encontrá-la, ainda mais após tudo que eu venho fazendo com o seu

filho.

— Eu tenho um convite para lhe fazer.

Essa família é cheia de convites.

— Qual?

— Venha tomar um café comigo, estou precisando conversar.

— É sobre o processo do divórcio? — Ela acena diante do meu questionamento. — Eu estarei no escritório apenas no período da tarde...

— Poderíamos conversar na minha casa? Por favor, Thurman!

— Ela pede. — Eu quero uma conversa informal, diferente das anteriores.

— Eu terei compromisso daqui a alguns minutos.

Ir até a sua casa é fazer com que a probabilidade de encontrar o Jensen seja alta, contudo, ele me disse que hoje tinha um dia cheio na agência, e isso me faz entender que ele não irá para casa tão breve. Noto que a senhorita Brown está praticamente me suplicando com o seu olhar, e eu acabo concordando. Eu não tenho a menor ideia do que ela queira conversar em relação ao divórcio, contudo, eu tenho que ter essa disponibilidade para a minha cliente. Lhe informo que irei segui-la com o meu carro e ela concorda. Mesmo que eu estivesse com outros planos, um principal seria me arrumar para ir me encontrar com o Julian.

Eu preciso entender o motivo de ele ter sentido tanta raiva na noite anterior, e poder conversar sobre o que está acontecendo na minha vida, pois o Jensen está conseguindo me virar de cabeça para baixo, e mesmo assim me deixar feliz. Ele é alguém inesperado em minha vida, ainda por ser um homem no qual eu não me relacionaria devido a sua cara de ser aquele que tem todas em sua cama por apenas o período de desejo e em seguida a trocar por uma *nova*. E assim seria, uma após a outra.

Em menos de cinco minutos já estamos estacionando dentro da sua propriedade, olho ao redor a procura do carro do Jensen e não o encontro. Ainda bem! Sigo a minha cliente rumo à sua casa, cumprimento a cozinheira que nos recebe na porta e logo me sento no sofá. A senhora Brown, se senta no oposto e remexe em seu cabelo, o arrumando no topo da sua cabeça e suspira.

— A minha *personal trainer* estava desejando a minha morte hoje, pois pegou pesado nos meus exercícios.

Sorrio por causa do seu resmungo.

— Sempre que chego na academia eu vou para a ioga e somente depois eu faço os meus exercícios, mas já estou pensando no de amanhã, jump me deixa acabada.

— Eu passo bem longe desse jump, aquilo não é comigo, não.
— Ela ri.

— No início é bastante complicado, parecia que eu ia perder as minhas pernas.

— Às vezes eu ainda tenho essa impressão quando faço muito tempo de esteira.

Rio da sua declaração, Rosi adentra na sala de estar, nos serve com suco natural e avisar que irá terminar de preparar o almoço.

— Jensen apareceu? — Sarah a questiona.

— Não, senhora. — Rosi e se afasta em seguida.

— Estou preocupada, o vi ontem de manhã pela última vez. — Ela comenta ao me olhar. — Ele me disse que está com alguém...

Engasgo-me com o suco e limpo a minha boca com o pequeno guardanapo de papel.

— Ele disse?

Espero que ele não tenha falado diretamente sobre a minha pessoa, e eu nem se quer imaginei que ele poderia falar tão abertamente com a mãe sobre os seus relacionamentos.

— Disse, contudo, ele não falou quem era, mas me tranquilizou ao dizer que é uma boa pessoa.

— Ainda bem que é uma boa pessoa. — Declaro a fazendo concordar.

— Eu torço muito que seja alguém que faça bem a ele e que *ela*...

— Ela quem? — Questiono confusa.

— Eu não me referi a alguém especialmente, mas em *ela* ser aquela que será a tão esperada.

— Então isso quer dizer que ele deseja encontrar alguém para se ‘acquietar’?

Isso é de fazer o meu queixo ir ao chão.

— Não, pelo menos não me disse isso, mas eu desejo que isso aconteça. — Ela declara. — Mulheres não são centro de reabilitações para homens, então eu não vou dizer que ele precisa de uma mulher para ser um homem melhor, pois ele já é. Entretanto, eu desejo muito que apareça uma boa moça na vida do meu filho, para ser um complemento a tudo que ele já é.

— No momento certo irá aparecer, e eu acho que deveria apenas aguardar. — Dou de ombros.

— Mesmo assim, eu fico preocupada, pois o Jensen já fez algo perigoso, se envolveu com alguém que não deveria e isso quase custou muitas coisas.

— Como assim?

Fica visível a minha curiosidade, pois eu suponho que esse alguém tenha a ver com a tal que morreu e que ele ainda guarde algo sobre ela. Chacoalho os meus ombros ao sentir repulsa em relação a isso, porque eu desejo muito que ele não esteja me usando para aplacar a falta da fulana. Observo a senhora Brown respirar fundo e em seguida se inclina em minha direção.

— Ele...

— Mãe, eu preciso de alguns documentos urgente.

Me assusto ao ouvir a voz do Jensen e acabo derrubando um pouco de suco em minha calça. Coloco o copo sobre o descanso da mesa de centro e seco a minha calça com o guardanapo enquanto observo adentrar como um furacão na sala de estar. Ele para bruscamente ao notar a minha presença e sorri suavemente. Sarah atrapalha o nosso contato de olhares ao ir abraçar o filho e em seguida dá um tapa no peito dele.

— Onde você estava? Desde ontem de manhã que eu não te via.

— Me desculpe por ter sumido, mas eu fui diretamente para a agência assim que acordei e estou precisando de alguns documentos urgentes, pois o meu pai está lá, me colocando a beira da loucura.

— Quais?

— Os últimos relatórios que o meu pai fez. — Ele informa. — Ele me disse que deixou aqui e que a senhora sabe onde estão.

— Sim, eu sei. — Ela informa. — Mas me responda algo...

— O que? — Ele questiona ao olhar rapidamente para mim.

— Aonde você esteve todo esse tempo?

— Ontem eu trabalhei, aliás, não tanto, pois passei boa parte da tarde com o Dom e depois eu fui encontrar alguém.

— Eu já lhe disse isso uma vez e vou repetir: se essa mulher não é digna a ser apresentada aos seus pais, ela não é digna para estar em sua vida.

Espero que eu seja extremamente diferente da tal que morreu, pois mesmo sem saber quem é ela, eu tenho certeza de que sou muito mais digna.

— Pegue os papéis para mim, por favor, eu estou com pressa.

Sarah pede licença e vai rumo ao seu quarto. Jensen aproveita a ausência da mãe, se aproxima de mim e se inclina em minha direção, fazendo os nossos rostos ficarem próximos.

— Se afasta, por favor, aqui não é lugar para os joguinhos de sedução.

— Sempre que eu te vejo, é lugar e hora para a sedução.

Coloco a mão no seu ombro e o empurro, o fazendo se afastar de mim. Ele fica do outro lado da sala de estar, cruza os braços diante do corpo e olha na direção que a mãe foi, antes de voltar a sua atenção para mim.

— A sua mãe estava preocupada, mesmo que você já seja um homem de mais de trinta anos.

Ele revira os olhos diante do meu deboche.

— Não deveria ficar, mas ela acha que tem motivos.

— Talvez tenha de verdade.

— Não, ela não tem. — Ele resmunga. — O que faz aqui? É algo sobre o processo do divórcio?

— É.

— Por que não falou para mim ontem?

— Não sou eu que tenho o que falar, mas sim, a sua mãe. Ela que me informou que queria conversar sobre o processo. — Lhe informo. — E outra coisa, o processo não lhe diz respeito, tudo o

que eu tiver que falar, tem que ser diretamente para a minha cliente, sua mãe.

— Eu perguntei numa boa, Miranda.

— E eu respondi *numa boa*, também.

Mais uma vez, ele revira os olhos e enfim a Brown volta para a sala de estar. Ela entrega um envelope para o filho, acaricia o braço dele e se senta novamente.

— Irá voltar para casa hoje? — Sarah o questiona.

— Irei, mas a noite eu vou para o *Fight*. — Jensen a responde e me encara. — Até mais tarde.

— Tchau, filho.

Eu o observo se afastar, enquanto o seu olhar ainda se mantém conectado ao meu. Confiro a hora no relógio em meu pulso e percebo que estou prestes a me atrasar. Eu ainda preciso ir até a casa dos meus pais, ver algo sobre o trabalho com a minha mãe e de lá, voar para o meu apartamento.

— A senhora pode me perdoar, mas eu preciso ir, tenho alguns compromissos antes de ir para o escritório.

— Eu não quero te atrapalhar...

— Jamais, pois a senhora é minha cliente, mas hoje eu irei falhar contigo. Sinto muito. — Encolho os meus ombros. — Vá até o meu escritório mais tarde, e nós poderemos conversar.

Ela acaba concordando, eu me desculpo mais uma vez e ela me acompanha até a porta. Eu entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e saio da propriedade. Acelero o meu carro rumo a casa dos meus pais, e continuo a me sentir mal, por ter deixado a minha cliente na mão, já que ao invés de irmos diretamente ao assunto que era necessário, eu tentei matar um pouco da minha curiosidade sobre o Jensen, que já se mostrou ser um homem enigmático quando o assunto é o seu passado.

Desço do meu carro após estacioná-lo diante da casa, olho para o lado oposto da rua e vejo o Eduard Lewis. Ele está encostado em seu carro, enquanto digita em seu celular e de repente, levanta o olhar e nota que eu estou o observando. Percebo ele franzir o cenho e eu ando em sua direção. Os meus passos são firmes, mesmo que eu não tenha muito ideia de como eu serei

recebida ao abordá-lo praticamente no meio da rua. Dois seguranças da mansão estão de prontidão no portão e ficam me observando.

— Oi! Eu não sei se você se lembra de mim...

— Eu sei quem é você, Thurman, a advogada.

— Exato. — Sorrio suavemente. — E, também já fui a sua vizinha.

Ele olha para a casa dos meus pais, onde eu acabei de apontar.

— Isso eu já não me lembro.

— Tudo bem. — Dou de ombros. — Não é da minha conta, contudo, eu queria saber se você conseguiu saber mais sobre o apartamento que era da sua mãe.

— Consegui e não me surpreendi ao descobrir com quem está.

— Mas foi feito de uma forma legal a venda...

— Que não foi muito bem uma venda. — Ele declara ao me interromper. — A minha mãe deu o apartamento ou foi coagida ao dar, eu ainda não sei ao certo.

— Deveria saber, pois coação é crime.

Ele acena concordando e fica em silêncio quando uma moça se aproxima de nós. Eu a reconheço de imediato, mesmo não lembrando o seu nome. Ela é irmã do amigo do Jensen, estava presente na festa de aniversário da senhora Brown.

— Atrapalho? — Ela nos questiona.

— Não, Steph. — Lewis responde. — Essa é a senhorita Thurman, ela é filha da advogada da minha mãe.

— Você não é a namorada do amigo do meu irmão? — Ela me questiona.

— Não! Não, não! — Balanço a cabeça para o lado repetida vezes. — Eu sou advogada da mãe dele.

Stephany franze o cenho, e olha para o Lewis.

— Nós já podemos ir? — Ela o questiona.

Me despeço deles, atravesso a rua novamente e entro na casa dos meus pais. Atravesso a sala de estar e adentro no escritório. Encontro a minha mãe sentada atrás da mesa, eu dou um beijo em sua bochecha e me sento na sua frente.

— Oi, filha. — Ela sorri. — Eu achei que não viria.

— Eu estava com uma cliente, mas nem consegui conversar com ela, pois já estava atrasada para vir te encontrar.

— Estava atendendo uma cliente?

— Não necessariamente, nós utilizamos a mesma academia e ela me procurou de repente, porque queria uma conversa informal e nós fomos para a cada dela.

— Entendi. — Ela murmura enquanto mantém o olhar na tela do seu computador.

— Eu conversei brevemente com o Eduard Lewis e fiquei sabendo que ele descobriu com quem está o apartamento que era da senhora Lewis.

A minha mãe me encara com os olhos arregalados e eu estranho.

— Descobriu como?

— Eu não sei. — Respondo. — Ele apenas me disse que tem dúvidas se foi feito legalmente ou se foi coação.

— Não, jamais! — A minha mãe exclama. — Eu mesma fiz todo o processo, e ele aconteceu após muitas conversas e a Lewis estar completamente decidida em relação a mudança.

— Então a senhora sabe com quem está o apartamento?

No dia que o Lewis apareceu no meu escritório para ter informações sobre o imóvel que pertencia a sua mãe, eu liguei para a minha mãe e lhe contei o que estava acontecendo. Ela me informou que não sabia quem tinha sido o comprador do apartamento, e que tudo tinha sido feito legalmente.

— Sim, eu sei. — Ela suspira ao cruzar os braços diante do corpo. — Mas eu não podia contar para o Lewis, a Margareth me fez prometer que ninguém ficaria sabendo, independente do que viesse acontecer com ela.

— Isso quer dizer que ela desconfiava que poderia ser morta pelo marido?

— Eu acho que sim, pois ela sabia o quão perigoso o James era, mesmo assim, se arriscava e foi essencial para que passasse o apartamento para a pessoa.

— Não fale em códigos. — Resmungo. — Para quem ela passou o apartamento e por quê?

A minha mãe respira fundo e relaxa contra a sua cadeira.

— Margareth tinha um romance extraconjugal...

— Um amante? — Questiono surpresa.

A minha mãe acena positivamente.

— Assim como o James, que sempre deixou muito explícito os seus romances fora do casamento, além dos casos de ilegalidades que ele cometia e que infelizmente, está respingando nos filhos que tanto foram maltratados pelo próprio pai.

— Um conhecido... — Jensen. —, me disse que o James era cruel.

— Sempre que eu via o James, eu desejava denunciá-lo, mesmo sem ter provas físicas, mas a Margareth as tinha e deixou todas elas no apartamento de Nova Iorque.

— Isso quer dizer que essas provas teriam colocado o James atrás das grades, além de ter feito com que ela ainda estivesse viva.

— Era provável, assim como também ele matar a todos da família.

— Jesus! — Massageio a minha têmpora, zozza de tantas informações. — E por que essas provas não vieram à tona?

— É provável que o rapaz não tenha ido até o apartamento, pois ele sofreu demais com a morte da Margareth. Ou ele foi lá, viu tudo e simplesmente ignorou, já que os Lewis devem odiá-lo.

— Muitas suposições, nessa história que já é maluca demais.

— E o melhor é ignorar tudo isso, pois foi doloroso demais a morte da Margareth. — Ela suspira. — E como estão as coisas no escritório?

— Eu tenho mais uma pergunta.

— Qual?

— Quem era esse amante?

— Filho de uma amiga dela.

Aceno, satisfeita com as informações e lhe informo sobre os clientes e processos em andamento. A minha mãe ouve tudo com atenção e me dá algumas instruções. Eu sempre faço esse tipo de *reunião* com ela, pois eu ainda me sinto um pouco insegura em

relação a alguns trabalhos. Eu sou formada há pouco tempo, então esse sentimento é normal. Se eu tivesse conversado com a minha cliente, eu saberia o que ela queria falar sobre o processo e iria poder passar a minha mãe, para conseguir os seus conselhos.

Após quase duas horas de conversa com a minha mãe, eu chego ao meu apartamento, tomo um rápido banho e me arrumo para ir trabalhar, contudo, antes irei almoçar com o Julian. Os ponteiros do meu relógio acabaram de atingir o meio-dia, e a minha mente já está a mil. E ficará ainda mais quanto eu me encontrar com o Julian, eu tenho certeza disso. Deslizo o pincel do gloss sobre o meu lábio inferior, em seguida faço o mesmo movimento no lábio superior e calço o meu salto alto. Decidi usar roupa mais casual, já que eu não tenho nada de importante hoje, então vesti calça jeans de lavagem escura e camisa preta com babados nas mangas.

Seguro a minha bolsa pelas alças, pego a chave do meu carro e tranco o meu apartamento após sair. Ando rumo ao elevador e adentro na pequena locomotiva. Confiro as notificações do meu celular, abro a mensagem do Julian e leio. Ele já está no restaurante, e em alguns minutos eu irei chegar lá. Nós marcamos de nos encontrarmos num restaurante próximo ao meu escritório, consequentemente próximo do trabalho dele. Entro no meu carro, coloco a bolsa no banco do carona e coloco o cinto de segurança. Dirijo rumo ao meu destino, enquanto batuco os meus dedos contra o volante no mesmo ritmo que a música.

Em alguns meses, eu terei que ir a um evento beneficente, onde uma amiga estará concorrendo a se classificar entre as cinco melhores organizações não governamentais e eu estou confiante que ela irá conseguir, pois o trabalho que ela realiza a frente da sua instituição chamada Floresça, ajuda muitas mulheres das mais variadas classes sociais, etnias, credos, crenças, etc. E o Julian será o meu acompanhante, contudo, tudo irá depender da conversa que iremos ter nesse nosso almoço. Outro ponto importante, eu nem me lembrei de questionar ao lutador se ele e o meu amigo trocaram algum tipo de farpas nos minutos que eu os deixei sozinhos no meu apartamento. Torço para que isso não tenha

acontecido, por mais que tenha sido praticamente improvável já que ambos deixaram claro que não gostaram de ver um ao outro.

Estaciono diante do restaurante, desço do meu carro e ando calmamente rumo ao estabelecimento. Olho ao redor a procura do meu amigo, logo o encontro sentado na mesa no centro do ambiente. Ele nota a minha aproximação, se levanta e me cumprimenta ao dar um beijo em minha bochecha. Nós nos sentamos e o garçom se aproxima para nos entregar o cardápio. Eu escolho apenas uma salada Caesar e um suco natural. Observo o Julian fazer o seu pedido, mas analiso o seu físico. Está um pouco bronzeado, mesmo que não seja um mês de temperaturas altas e sol estridente.

— Tive um dia corrido, quase cheguei atrasada. — Comento.

— Imagino que os seus dias tenham sido corridos.

Respiro fundo ao notar o seu tom raivoso.

— Estava com a minha mãe, tendo a nossa reunião de sempre... — Sorrio suavemente. —, e necessária, pois você sabe como eu me sinto em relação a advogar.

— Eu já lhe disse trilhões de vezes e irei dizer outras trilhões: não precisa se sentir insegura, você é incrível.

— Obrigada. — Tento segurar em sua mão sobre a mesa, mas ele não permite ao puxar o próprio braço. — Como foi a viagem?

— Muito boa, me fez entender pontos que eu deixei em aberto, aqui, nesta cidade, e eu voltei na intenção de resolvê-los. — Ele semicerra os olhos e me analisa silenciosamente. — Você viu os presentes que eu lhe dei?

Apenas a rosa, o outro eu deixei sobre o sofá e acabei nem abrindo, mas desconfio que seja uma joia, já que ele sempre me presentou com tais.

— As rosas eram lindas, apesar os caules quebrados. — Sussurro a última parte, na intenção que ele não ouça.

— E o outro presente? — Os seus olhos brilham esperançoso.

— Gostei também.

Apesar de ainda não saber o que é, eu sei que irei gostar.

— Então você leu o que estava escrito, não é?

Put a merda! Algo escrito? Que cilada maldita! Eu preciso converter essa situação, antes que ele perceba que eu não saiba sobre o bilhete. O garçom coloca os pratos sobre a mesa, eu agradeço e bebo um pequeno gole do meu suco.

— Você escreveu, não é? Eu queria ouvir da sua boca.

Ele acena, apoia os braços sobre a mesa e respira fundo.

— Então eu irei complementar o que estava escrito. — Ele informa. — Quando tudo começou, eu não imaginei que iríamos chegar até aqui, nesse ponto que estamos, aliás, no qual pausamos quando eu fui para a viagem. E nos dias que eu estive longe daqui e de você, eu tive certeza de que o que eu estava sentindo era forte e real, por isso eu decidi que estava mais do que na hora de declarar o que eu sinto por você...

— Não! Não, não, não...

Julian franze o cenho e me encara assustado. Não, ele não pode estar se declarando. Ele não pode sentir algo a mais por mim além do amor de amigos. Sinto a minha cabeça girar, eu a coloco entre as minhas mãos e fecho os olhos. Tudo o que vivi com o Julian em todos esses anos de amizade passa em minha mente como filme, assim como os momentos que decidimos nos aventurar sexualmente um com o outro. E conseqüentemente, algo que a minha mãe me disse há alguns anos, retorna a minha mente e eu percebo que ela sempre esteve certa.

— *Isso não dará certo, em algum momento alguém irá se apaixonar pelo outro e este outro estará disposto a amar um outro alguém.*

Ouç o Julian me chamar, mas eu preciso de um tempo para processar essa sua fala e ignorar a *novidade*. Ele nunca foi o tipo de homem que eu desejei para a minha vida de forma amorosa, ele nunca demonstrou que poderia ser o *tal* que me daria algo a mais, que seria aquele tão esperado – por mais que nunca tenha sido o meu foco procurar alguém para ocupar esse posto –, resumidamente: Julian não é o amor da minha vida, muito menos o amor para a minha vida. Ele só é o alguém que se tornou um bom amigo e que hoje está me provando que a atitude que tivemos há

algum tempo de ele ter se tornado o meu P.A foi um erro, que pode colocar em jogo os anos de amizades que temos.

— Charlotte? — Eu o encaro ao ouvi-lo me chamar. — Eu pensei que você tinha percebido que o nosso romance estava evoluindo para algo a mais.

— Que romance? Nunca existiu isso entre nós, e eu sempre deixei claro o que eu sinto por você, apenas amizade. — Declaro fazendo a sua expressão se tornar triste. — Eu sinto muito por possivelmente estar te magoando, mas é a verdade e eu não posso alimentar a sua ilusão ao dizer que em algum momento poderíamos tentar esse *romance*.

— Eu sabia que tinha grandes chances de você reagir exatamente assim, e está tudo bem. — Ele suspira. — A nossa amizade não irá ser afetada por causa desse pequeno detalhe.

— Não é um pequeno detalhe, Julian, é algo muito sério.

— Eu nem sei o que dizer mais. — Ele resmunga.

— E eu estou assustada.

Julian estica o braço sobre a mesa, segura em minha mão e sorri fracamente. O seu toque não me causa nada diferente, independente da sua declaração, nada mudou.

— Você continua sendo a minha amiga?

O seu questiona é num tom sôfrego e eu maneo a cabeça para os lados.

— Sim, eu continuo sendo a sua amiga, mas quero deixar claro que é apenas isso o que você terá de mim: a amizade.

Ele acena silenciosamente, puxa a sua mão da minha e volta a comer. Existe um nó em minha garganta, que me impede de aproveitar a minha refeição. Remexo a salada com o garfo, brinco com os ingredientes e olho para o Julian.

— Quem é aquele *cara*? — Ele me questiona de repente.

Eu não quero falar sobre o Jensen, principalmente após as revelações que eu ouvi a pouco sobre o homem que é e sempre será apenas o meu amigo. Julian continua me encarando, esperando a minha resposta.

— É o Jensen Brown.

— Ele é parente daquela sua cliente?

Aceno suavemente.

— É filho, mas o nosso envolvimento não tem nada a ver com o meu trabalho.

— Você tem que entender que esse ‘*envolvimento*’ tem um duplo sentido, mas quem sou eu para lhe dar lição de moral sobre isso?! Eu apenas acho que você deva deixar claro o que está acontecendo para a sua cliente, já que pode ser acusada de ter conflito de interesses e...

— Eu sei, eu sei, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Ele meneia a cabeça para os lados e eu me lembro do meu encontro com a senhora Brown. Eu deveria deixar claro a minha cliente sobre o que está acontecendo, contudo, eu preciso conversar com o Jensen, pois ele falou que está se relacionando com alguém, mas preferiu não dizer quem era e eu não posso simplesmente chegar na Sarah para lhe contar o que está acontecendo, assim, do nada.

— Desde quando vocês se aproximaram?

— Desde que eu sou advogada da senhora Brown.

— Você entendeu a minha pergunta.

— Eu o conheci em Las Vegas, naquela vez que fui socorrer um cliente.

— E desde então vocês estão...

— Não. — Nego ao interrompê-lo. — Me desculpe, Julian, mas eu não estou a fim de conversar sobre isso com você hoje, devido a sua declaração.

— Ontem, eu fui até a sua casa disposto a dizer tudo, mas quando eu vi *aquele cara*... — O seu tom é carregado de desdém. —, praticamente nu, eu senti nojo...

— Pode parar. — Ordeno.

— Eu jamais pensei que fosse encontrar um *cara* no seu apartamento...

— E se fosse ao contrário, você iria achar que eu teria direito de achar ruim se eu fosse no seu apartamento e encontrasse uma outra mulher?

— Não é questão de direito ou não, Charlote, mas tínhamos um acordo...

— Que incluía que nós podíamos nos relacionar com outras pessoas quando quiséssemos, assim como desde o início eu deixei que não iria evoluir o sexo para romance.

Julian revira os olhos, eu confiro as horas e decido que tenho que ir embora. Bebo um grande gole do meu suco, aviso ao meu amigo sobre conversarmos em outro momento, quando ele não estiver mais puto e agradeço o almoço. É tão difícil de ele entender que nós não somos um casal? Que isso é praticamente impossível? Eu não irei deixar de ser amiga dele, entretanto, se eu perceber que ele não está aceitando o fato de continuar apenas nesse posto, eu sinto muito, mas terei que me afastar. É melhor o afastamento enquanto existe carinho, a que permanecer por perto dando munição para o ódio nascer.

[...]

— Você me parece estar estressada. — Ouço o Jensen comentar.

— Aconteceram algumas coisas no decorrer do dia e...

Me calo ao suspirar e ele franze o cenho.

— Você quer conversar sobre isso? Nós podemos ir embora.

— Depois conversamos. — Declaro ao encarar o estabelecimento diante de mim. — Nós podemos entrar?

Já estamos diante do *Fight*, e assim que o Jensen estacionou o seu carro, ele estava decidido a confrontar o meu ser, tentando entender o motivo do meu silêncio. E assim que saímos do seu carro, ele me encostou contra a porta e me observou com atenção. Eu fiquei surpresa por ele conseguir notar alguns pontos tão facilmente em mim, mesmo que estejamos nos conhecendo há poucos dias. Observo o Jensen se inclinar em minha direção, mas não me beija e volta a se afastar. Ele entrelaça a sua mão na minha e adentramos no estabelecimento. Noto que a arquibancada está apenas com metade da lotação, e antes que eu possa olhar para o octógono, o lutador me puxa entre as pessoas. Subimos a escada

indo para o andar superior, passamos por algumas portas e antes que ele possa abrir a terceira, fica de frente para mim e larga a minha mão.

— Nós podemos ir embora no segundo que você desejar, é só me avisar.

— Fique tranquilo.

Nós entramos no camarote e eu coloco um sorriso em meus lábios ao ver que todos estão aqui. Eles me olham surpresos e eu aceno para os rapazes, antes de cumprimentar as meninas com um suave abraço. Jensen se junta aos amigos que estão sentados no chão diante do enorme vidro, eu me sento no braço do sofá bem ao lado da Emily e enfim consigo observar o octógono. Ainda vazio, mas já está sendo anunciada a próxima luta.

— Jensen te convenceu a vir aqui? — Penélope me questiona.

— Eu apenas pedi, convidei ela a vir, princesinha. — Jensen resmunga.

— Ele me convidou, e eu acabei aceitando, mesmo que eu não seja muito fã desse tipo de esporte.

Penélope arqueia uma sobrancelha surpresa com a minha declaração e vai na direção do marido. Percebo que o Eduard não está por aqui, assim como a irmã do Oliver. Chamo a atenção da Emily ao tocar no seu braço, e ela me olhar.

— Eu me encontrei com o seu irmão, por acaso, hoje e fiquei sabendo que ele descobriu sobre o apartamento que era da sua mãe.

Igual a menina do exorcista, Jensen e Dominic viram a cabeça em minha direção. Ambos demonstram preocupação em suas expressões e isso é estranho.

— Eu não estava sabendo, e com certeza o motivo disso foram os dias caóticos que tivemos. — Ela comenta.

— Não tenho a menor ideia de como ele descobriu, pois eu já o tinha informado sobre o que a minha mãe sabia da venda.

— Eduard cismou por algum motivo em relação a este apartamento...

— Às vezes o seu irmão cisma com pontos irrelevantes. — Dominic resmunga.

— Ele é assim mesmo.

Jensen se levanta do chão após resmungar algo para o amigo e passa por mim ao ir rumo ao frigobar. Me levanto do sofá, ando até o vidro e observo lá embaixo. Aqui é muito mais alto que eu imaginava e percebi ao olhar de fora. Sinto o corpo do Jensen parar bem atrás de mim, ele me puxa para perto de si e me abraça pela cintura após me entregar uma cerveja.

— Eu sei que você não é de beber cerveja, mas é o que tem.

— Eu bebo raramente, mas muito obrigada.

O pequeno gole é suficiente para molhar os meus lábios e garganta.

— Está tudo bem? — Ele me questiona.

— Está.

Diante da minha vaga resposta, ele se afasta de mim e se senta novamente onde estava, ao lado dos amigos. Eu me reaproximo das meninas e começo a me enturmar com elas. Assim como eu, elas estão aqui para acompanhar os maridos/namorados. Lola, Ayla e Stephany são as únicas a não estarem aqui. Então, eu consigo concentrar a conversa entre as três presentes, pois quando todas estão juntas... todas querem falar ao mesmo tempo e assuntos diversos, me deixando confusa.

O tempo passa voando, a conversa flui e eu percebo que já bebi toda a minha cerveja.

— Onde é o banheiro? — Questiono.

— É no final desse corredor. — Emily me informa e se levanta.

— Eu vou com você, estou precisando ir lá.

Saio do camarote sob o olhar atento do Jensen, ando ao lado da Emily e comento a minha surpresa em ter se tornado próxima a ela, mesmo que estejamos há poucos minutos juntas. Ela concorda comigo e comenta que é muito bom, pois imaginou que eu me manteria afastada por causa da relação complicada que ela tem com o Jensen. Entretanto, o motivo eu não saiba e isso faz a curiosidade gritar dentro do meu peito. Empurro a porta do banheiro, procuro por uma cabine vazia e entro.

Enquanto faço xixi decido que irei ficar aqui no *Fight* até o momento que o Jensen quiser, pois além de querer deixá-lo

tranquilo ao estar na sua zona de conforto, eu estou me sentindo bem em estar aqui e estou conseguindo conversar mais com as meninas. Conhecer mais de cada uma, mesmo que a minha mente esteja focada na conversa que eu terei com o lutador após nós sairmos daqui. Saio da cabine após arrumar a minha roupa, lavo as minhas mãos e decido esperar a Emily. Olho através do espelho uma mulher se aproximar de mim, observo a sua roupa e percebo que é uma *ring-girl*.

— Eu nunca te vi por aqui. — Ela comenta.

— É a primeira vez que venho.

— E veio com o Brown, não é mesmo?

O seu questionamento é raivoso e eu fico de frente para ela.

— Por quê?

— O que você é dele?

Oh, não! Eu já percebi o que está acontecendo aqui e eu não irei me rebaixar ao nível que ela quer.

— Não lhe interessa.

O seu olhar é banhado por ódio e ela dá um passo na minha direção.

— Se afaste dele ou...

— Ou o que? — Questiono. — Você não me conhece, não sabe nada sobre mim e quer vir me ameaçar? Eu acho melhor você abaixar a sua bola.

— Você que deveria abaixar a sua bola, pois eu...

— Isso, Day, termine de falar e assim eu finalizo a sua demissão. — Emily declara ao chamar a nossa atenção. — Eu já estou irritada com a sua presença no meu estabelecimento.

A tal de Day sai pisando duro, bate a porta do banheiro e eu respiro fundo de olhos fechados. Quantas mais surpresas eu terei até finalizar este dia? Desde ontem estou tendo que lidar com situações inimagináveis e parece piorar a cada momento.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO DEZESSEIS

*Eu sou louco pelo seu toque
Menina, eu perdi o controle
Eu vou fazer isso durar para sempre
Não me diga que é impossível*
Infinity – Jaymes Young

Observo a Miranda sair do camarote na companhia da Lewis, aproveito a ausência delas e chamo o Dominic para conversar. Nós nos afastamos de todos, paramos ao lado do frigobar e eu controlo a minha vontade de lhe dar um soco. Eu cruzo os meus braços em frente ao corpo e o meu amigo me encara como se não tivesse a menor ideia do que eu quero conversar.

— Naquele dia que me ligou, me questionando sobre o meu apartamento de Nova Iorque... — Respiro fundo. —, não era você que queria informações, era o Lewis.

— O que? Não, Jensen. — Ele murmura. — Eu queria saber por causa de evento...

— Não tente mentir para mim, Dominic. — Peço.

Ele revira os olhos e acena suavemente.

— O seu apartamento é o mesmo que era *dela*?

Remexo a minha boca, olho ao redor para ter a certeza de que ninguém está com a atenção em nós. Lauren está deitada no sofá, com a cabeça no colo da Penélope e conversam num tom baixo. Oliver, Leon e Noah continuam na mesma posição, assistindo a luta que acabou de começar e como sempre, todos comentam sobre a luta que é justamente a do novato. Desde a sua estreia, ele já lutou três vezes e ganhou as duas primeiras. E isso faz com que ele ache que possa querer nos desafiar. Eu volto a minha atenção para o Dominic e aceno.

— Era, e ela me passou ele por segurança.

— Como assim?

— Ela me disse que precisava manter esse apartamento a salvo do James, sei lá o motivo.

— Você já foi até esse apartamento?

— Nunca.

— Como não? Já faz mais de dez anos.

— Eu nunca fui, simples assim. — Dou de ombros, sem dar muita importância. — É apenas um apartamento.

— Misterioso, pois se ela queria manter o apartamento seguro do James, algum motivo grande tinha por de trás, por exemplo, deixou algo dentro do imóvel.

— Não, ela teria me falado alguma coisa.

— Bem pensado.

A porta do camarote se abre chamando a minha atenção, a Emily entra revoltada e vem em minha direção. Estou assustado com esse movimento repentino e olho para o meu amigo, o fazendo dar um passo na direção da namorada. Miranda também entra no meu campo de visão e se aproxima de mim.

— Eu já tinha informado que você deveria resolver as suas pendências com as *ring-girls*.

— Do que você está falando?

Olho rapidamente para a ruiva e a sua expressão é neutra, mas os seus olhos transmitem raiva. Aconteceu algo e que eu estou envolvido no meio, mesmo que eu não tenha a menor ideia do que possa ser.

— A tal de Day tentou proferir ameaças contra mim. — Miranda anuncia chamando a atenção de todos.

— Como é?

Garota maldita!

— Eu até ia pedir de novo para você resolver esse problema, mas eu irei demitir aquela surtada. — Lewis declara.

Em seguida ela se afasta, o Dominic a segue e eu fico no mesmo lugar, na companhia da Miranda. Antes de falar qualquer coisa, eu pego uma nova cerveja no frigobar e bebo metade do líquido assim que abro a garrafa.

— Me conte o que aconteceu, por favor.

— Eu fui até o banheiro e lá esse tal de Day veio falar comigo, me questionou sobre eu estar com você e mandou eu me afastar. E caso, eu não fizesse isso, ela ia fazer alguma ameaça, mas não

terminou de falar porque na primeira vez eu a confrontei e na segunda a Emily a interrompeu.

— Eu tenho que dar um basta naquela garota...

— Deixe para lá. — Ela aconselha ao acariciar o meu braço. — É infantilidade o que ela fez.

— E muito errado, Miranda. Isso não pode ser assim, sem...

— Emily vai demiti-la, não necessariamente apenas pelo que aconteceu hoje, mas por outras circunstâncias também.

Massageio a minha têmpora, bebo o restante da minha cerveja e em seguida a largo sobre o frigobar. Seguro a ruiva pela cintura e a puxo de encontro ao meu corpo. Ela acaricia o meu tórax e passa os braços pelo meu pescoço. Eu nunca demonstrei esse tipo de atitude na frente dos meus amigos, assim como nunca estive com mulher alguma diante deles e o que está acontecendo agora, parece ser algo tão natural e normal. Depois de ficar sabendo desse imprevisto maldito, eu não estou mais a fim de ficar aqui no *Fight*, quero ir para casa e conseqüentemente passar a noite com ela.

— Eu acho melhor irmos embora.

— Por quê? Por causa daquela garota?

— Porque eu quero ficar com você, ruiva.

Afasto o seu cabelo do seu pescoço, deito a minha cabeça em seu ombro e distribuo beijos em sua pele. Ela fica arrepiada e esfrega – discretamente – o seu corpo no meu. Aperto a sua cintura, toco em sua pele por debaixo da sua camiseta e ela me direciona um olhar de alerta. Confesso que passei o dia inseguro em relação a sua resposta sobre vir até aqui, e quando eu recebi a notificação pelo Instagram que ela estava me enviando uma mensagem, até consegui trabalhar melhor. E só então eu me toquei que não temos o número de celular um do outro.

Ao notar isso, eu fiquei com muita vontade de ouvir a voz dela e eu procurei o número do seu escritório no google. A sua secretária atendeu a ligação e eu menti ao dizer que era um advogado. No mesmo segundo ela passou a ligação para a ruiva, que riu ao descobrir a minha farsa. Eu a informei que a buscaria no trabalho e ela me pediu para buscá-la em casa, pois ia sair mais cedo do

escritório. E desde quando eu a vi, notei que tinha algo diferente nela. Algo a incomodando, algo que a deixou estressada.

— Meu apartamento...

— Para a minha casa.

— Não. — Ela nega de imediato. — A sua mãe é minha cliente e nós temos que conversar sobre isso.

— Nós vamos conversar sobre o que você quiser, mas apenas se você aceitar ir para a minha casa.

— Eu não me sinto tranquila estando lá. — Ela confessa.

— Por favor. — Peço mais uma vez. — Ninguém irá te ver, se este é o problema.

Miranda fica em silêncio, enquanto pensa no meu pedido e eu lhe dou um suave beijo.

— Eu não acho que seja...

— Qual o real problema, Miranda? — Questiono impaciente.

— É exatamente o qual eu te falei há pouco.

A nossa conversa é interrompida com a aproximação do meu irmão, ele informa que está indo para casa, pois deixou a Lola na companhia da nossa mãe e quando ele se afasta, após se despedir, a ruiva me encara com a sobrelheira arqueada. Eu meneio a cabeça para os lados, e acabo suspirando.

— Tudo bem, se não quiser ir, eu não irei mais insistir.

— Se eu não for, você irá ficar com essa cara.

— Que cara?

— Carrancuda.

Reviro os olhos diante do seu deboche e dou um passo para trás, me afasto do seu corpo. Miranda demonstra desgosto devido a minha atitude, e dá de ombros. Ela se afasta de mim, ao ir rumo onde as meninas estão e volta a se sentar no braço do sofá. Eu volto para perto dos rapazes, apoio as minhas mãos contra o vidro e observo a luta. E mais uma vez, o novato está levando a melhor e mesmo que ele pense que isso lhe dará regalias aqui, está muito enganado. Chamo a atenção do Dominic e ele olha rapidamente na direção da ruiva.

— O que aconteceu? A *ring-girl*...

— Não, nada disso. — Resmungo. — Isso está praticamente *‘resolvido’*.

— E então, o que é?

— Eu quero lutar contra o novato. — Todos me encaram em absoluto silêncio e eu abano as minhas mãos no ar. — Qual é o problema?

— Ele é inferior a você, não seria uma luta justa.

— Por que você quer lutar com ele? — Oliver me questiona.

— Está mais do que obvio.

Aponto na direção do octógono, no mesmo segundo que o novato é declarado vencedor e ele aponta na nossa direção antes de mostrar os seus punhos. Ele irá se ferrar quando eu for entrar em combate com ele. Oliver o xinga, demonstrando irritação e o Noah ri da audácia.

— Em falar em luta... — Emily resmunga ao chamar a atenção do seu namorado e aponta com o dedo em minha direção.

Dominic volta a me olhar.

— Você ainda pretende lutar com o Lewis?

— Por quê? Ele está com medo?

Rio irônico da suposição e o meu amigo me adverte com o olhar.

— Não provoque a Emily. — Ele ordena num sussurro.

— Eu não estou falando sobre ela.

— Dá na mesma, Jensen. — Ele resmunga. — E então?

— Sim, eu estou muito mais que disposto e estou aguardando essa luta há muito tempo.

Observo a Emily massagear a têmpora, o Dominic bate em meu ombro e vai na direção da namorada que está saindo do camarote. Penélope pede ao marido para irem embora, ele concorda e se despedem de todos.

— Vamos embora também, Miranda. — Peço. — Eu te deixo em casa.

— Tudo bem, nós podemos ir embora.

— Vocês irão ficar?

— Eu também já irei. — Lauren me informa.

— Quer carona?

- Não, eu estou de carro.
- Eu vou ficar, ainda irei conversar com a Emily e com o Dom.
- Noah informa.

Então eu me despeço dele, abraço a Miranda pela cintura e saímos do camarote na companhia da Lauren. As meninas continuam conversando animadamente, a ruiva questiona a minha amiga sobre as suas contribuições na emissora. Ela me parece estar bastante interessada em saber mais do emprego que dá tanta visibilidade e até mesmo intromissão na vida das personalidades famosas. Assim que terminamos de descer a escada, o meu olhar cruza com o da Day e eu sinto vontade de ir em sua direção para pressioná-la contra a parede. Não de forma sexual, mas sim de forma raivosa, odiosa, por ela ter confrontado e tentado intimidar, além de ameaçar a mulher que eu estou me relacionando. É, eu tenho que concordar com a Emily, foi um erro absurdo do Anthony permitir relações amorosas entre os lutadores e as *ring-girls*.

Me despeço da Lauren ao dar um beijo no topo da sua cabeça assim que saímos do *Fight*, a observo entrar em seu carro e em seguida eu abro a porta do meu carro para a Miranda se sentar. Dou a volta, me sento no banco do motorista e coloco o meu cinto. Eu irei levar a ruiva para o seu apartamento, mas não irei passar a noite com ela, infelizmente. Dormir com ela é algo bom, mesmo que tenha acontecido sem planejamento, contudo, essa manhã, eu acabei me atrasando para ir trabalhar e quando cheguei lá, acabei dando de cara com o meu pai, já que era dia de reunião. Por um minuto, eu achei que ele fosse ser carrasco, ao dizer que eu não estou realmente comprometido com o meu trabalho na agência. Algo que seria completamente mentira, pois, diariamente estou me doando em prol daquele lugar e os demais – meu irmão e o meu amigo – fazem o mesmo que eu.

— Nós podemos ir para a sua casa. — Miranda anuncia baixinho.

— Eu não te ouvi. — Minto.

— Nós podemos ir para a sua casa, entretanto... — Ela levanta o dedo indicador. —, eu não quero ser vista por ninguém e preciso sair cedo, assim que amanhecer.

— Tudo bem.

Estico o meu braço em sua direção, coloco a minha mão sobre o seu joelho e ela me direciona um simples sorriso.

— Eu posso te fazer uma pergunta? — Eu aceno diante do seu questionamento. — Quantas *ring-girls* você ‘se relacionou’?

— Quer mesmo saber?

Torço para que a sua resposta seja um belo e grande não.

— Sim, eu quero.

Droga!

— Todas.

— O mais alto que eu imaginei seria uma.

— Não, Miranda, não foi apenas uma e nem uma vez com cada.

— Tudo bem, não quero mais ouvir. — Ela resmunga. — Posso te fazer mais uma pergunta?

— Você disse que não queria mais ouvir. — Debocho.

— Não é sobre aquilo... nojento.

— Pergunte, ruiva.

— Por que você quer lutar contra o novato e principalmente, por que contra o Eduard Lewis?

— O novato está nos provocando desde o dia da sua apresentação e alguém precisa abaixar a bola dele, e como o Dominic não quer fazer isso, eu mesmo irei. E sobre o Lewis... — Suspiro. —, há algum tempo ele desafiou cada um de nós, os 5M e já lutou contra dois, Dominic e Oliver.

— E quem ganhou nessas lutas?

— Dominic e Oliver, é obvio. — Respondo. — E eu não quero perder a oportunidade de lutar contra ele.

— Por luta mesmo ou por algum tipo de raiva, ódio?

Me calo sem saber o que responder, pois o que está em minha mente, não é agradável de se ouvir. Por mais que eu não tenha raiva dele, e nem que o culpe pela morte de sua mãe, eu quero dar boas porradas nele por todos os desaforos que eu já ouvi. Olho rapidamente para a Miranda e espero que o meu silêncio baste como uma resposta, pois eu prefiro não proferir nem uma palavra. Acelero um pouco mais o meu carro, enquanto ainda mantenho a

minha mão no joelho da ruiva e sinto a sua mão sobre a minha, acariciando a minha pele. Em pouco mais de vinte minutos, já estou estacionando na garagem de casa, e nós descemos do meu carro.

Miranda segura firmemente em minha mão, mantendo o seu corpo colado ao meu e entramos em casa. O silêncio está reinando, suponho que todos já tenham ido dormir e isso fará com que a ruiva fique mais tranquila. Passamos pela sala de estar e sou obrigado a parar, quando percebo que ela parou de andar. Eu olho para o meu lado direito, precisamente para a sala de estar e noto a sombra de um corpo sentado na poltrona.

— Eu não queria assustar vocês. — Leon declara.

— É claro que iria assustar, você está aqui no escuro. — Resmungo e olho ao redor. — Todos já foram dormir?

Já se passam das dez e meia da noite, ficamos mais tempo no *Fight* do que eu imaginei.

— Lola e dona Sarah estão na cozinha comendo doce. — Ele comenta e olha para a Miranda antes de sorrir. — Pode ir fazer companhia para elas e ajudar a comer doce, se você quiser.

— Não, obrigada. — Ela sussurra.

— A nossa mãe não pode saber da presença *dela* aqui.

— Por que não? — Ele questiona.

— Por enquanto não, por favor. — Miranda pede e me olha. — Nós podemos conversar sobre isso depois?

Eu olho para o meu irmão e noto a sua preocupação.

— Depois conversamos sobre isso, tudo bem?!

— Jensen? — Ouço a minha mãe me chamar.

Sinto a Miranda apertar a minha mão, eu a olho e respiro fundo. Eu ainda não consigo compreender cem por cento sobre a sua decisão de manter isso escondido da minha mãe, por mais que ela já tenha deixado claro outras vezes que é devido ser advogada e estar à frente do processo de divórcio. Sugiro para a ruiva para que ela vá para o meu quarto, e ela vai praticamente correndo. Com certeza deve estar repensando em sua decisão em ter concordado em vir aqui e até mesmo, esteja me xingando em ter *insistido* para ela vir. Ouço passos, olho para trás por cima do meu ombro e vejo a minha mãe se aproximando logo após a minha cunhada. Lola sorri,

me cumprimentando e vai na direção do meu irmão. A sua barriga de gestante já está bastante evidente, e eu percebo que esse bebê irá chegar quando eu menos perceber.

— Até que fim veio para casa.

— Não seja dramática, mãe.

— Estou sendo realista.

Deposito um beijo em sua bochecha e aceno para os demais.

— Boa noite.

— Já irá dormir?

— Estou exausto.

Ouçõ a risada baixa do meu irmão e eu o encaro. Não é mentira, estou exausto, mas não tanto ao ponto de fazer com que eu permita que a noite passe em branco. Desejo boa-noite, a todos, e vou rumo ao meu quarto. Tranco a porta assim que adentro no cômodo, e percebo que a Miranda está no banheiro. A porta está entreaberta, ouço a torneira da pia ser fechada e quando eu me dou conta do que estou fazendo, já estou próximo a porta. A empurro gentilmente e a ruiva me olha através do espelho.

— Oi.

— Eu pensei que todos já estivessem dormindo, pois a casa estava muito silenciosa.

— Tudo bem. — Ela murmura enquanto prende o seu cabelo no topo de sua cabeça. — O seu irmão irá guardar segredo?

— Você não precisa se preocupar em relação a isso.

— Eu não estou preocupada.

— Nós precisamos conversar. — Declaro.

Ela se vira de frente para mim, cruza os braços embaixo dos seios e fica em silêncio.

— Sobre o que, Jensen?

Aponto na direção do quarto, ela passa por mim e se senta na cama. Eu fecho todas as cortinas, me sento ao lado da Miranda e seguro em sua mão.

— O que aconteceu hoje? Você me pareceu estar bastante estressada.

— Aconteceram algumas coisas que me tiraram do eixo. — Ela murmura. — O que eu vou dizer agora não tem a ver com o meu

estresse, mas fiquei intrigada.

— O que houve?

— Por acaso, eu encontrei a sua mãe quando estava saindo da academia e ela disse que precisava conversar comigo, então me convidou para vir até aqui. Ela queria conversar sobre o divórcio...

— Sim, eu sei. — Declaro ao interrompê-la.

— Eu fiquei preocupada quando ouvi isso, pois, por um segundo imaginei que ela pudesse estar insatisfeita com o meu trabalho.

— Não, jamais! — Acaricio os nós dos seus dedos. — Você é uma ótima profissional.

— Obrigada.

— E o que a minha mãe falou?

— Nada, porque acabamos conversando outro assunto e você chegou bem na hora. E assim que você saiu, eu tive que sair também, porque precisava me encontrar com a minha mãe.

— E qual o motivo do seu estresse?

Largo a sua mão para esfregar o meu rosto e esconder o meu bocejo.

— Mais um ponto importante antes. — Ela declara. — Sobre nós.

— O que? — Questiono intrigado.

— Eu sou advogada da sua mãe, estou à frente do processo de divórcio e é um pouco errado essa relação estar acontecendo, porque posso ser acusada de estar favorecendo um lado, a que agir de forma imparcial devido a nossa relação.

— Isso jamais aconteceria, porque nós não conversamos sobre o divórcio e nem nada referente ao seu trabalho.

— Exato, mas apenas nós dois sabemos disso. — Ela me lembra. — E eu sei que você contou para a sua mãe que existe uma pessoa em sua vida, e ela disse algo que fez alguma coisa dentro de mim, balançar.

— Eu sei a que você está se referindo. — Murmuro ao olhá-la nos olhos. — Sobre ser digna.

— Exato, e isso tem a ver com a mulher do seu passado.

Putá merda! A minha mãe não pode falar sobre o que aconteceu, é algo particular. Muito pessoal.

— O que está acontecendo agora não tem nada a ver com o que aconteceu no passado, e se eu não disse realmente sobre você para a minha mãe, é porque eu sei que você tem essa preocupação de conflitos de interesses.

Miranda remexe a boca, umedece os lábios com a ponta da língua e franze o cenho ao me encarar.

— Quem é mais digna nesse questionamento: eu ou a outra?

— São situações diferentes. — Declaro. — A *outra* era um... romance proibido e eu jamais poderia apresentá-la.

— Entendi, mesmo que não tenha respondido a minha pergunta.

Não tem essa de ser digna ou não, a real questão é que são situações diferentes e que não tenho resposta para esta merda de pergunta. Miranda é digna, mas a Margareth... não era.

— E agora, eu quero saber sobre você.

— Eu fui almoçar com o Julian e acabei descobrindo algumas coisas. — Ela massageia a sua têmpora. — Resumidamente, ele se declarou para mim.

E isso não me surpreende nem um por cento, porque desde ao primeiro segundo que eu abri aquela porta, eu percebi o seu real motivo para estar ali.

— E isso é alguma novidade?

— Sim, para mim é, pois, o Julian é meu amigo, somente isso.

— É bastante evidente que ele gosta de você, Miranda. — Cruzo os meus braços diante do corpo. — E você, gosta dele?

— Não... aliás, sim, mas como um amigo, porque é isso o que é e sempre será. — Ela resmunga. — Eu não sinto nada por ele além de sentimentos que se resumem a amizade.

Apenas aceno silenciosamente e continuo a olhar. Eu acredito na Miranda, mesmo que eu não me sinta completamente seguro de que não irá acontecer mais nada entre eles.

— Ele é seu amigo e isso quer dizer que vocês sempre estarem próximos um ao outro, e isso significa que será difícil separar os sentimentos.

— Jensen, eu estou decidida a me afastar, por mais que vá doer muito, se ele não entender a posição em minha vida.

— Espero que ele entenda, porque... — Me arrasto sobre a cama para me aproximar dela e a puxo para o meu colo. —, eu sou um lutador dentro e fora do octógono, e isso quer dizer que se ele não respeitar isso, nós teremos uma conversinha.

— Não! — Ela dá de um tapa no meu ombro. — Não faça isso, por favor.

— Eu farei se for extremamente necessário.

Miranda remexe a boca, e não concorda, muito menos, discorda. Enfio os meus dedos entre as mechas do seu cabelo, desfaço o coque e aproximo as nossas bocas. O meu aperto no seu cabelo é firme, impedindo que ela se afaste ou mexa a cabeça. Aperto mais um pouco a fazendo gemer e então eu sorrio.

— Possessivo. — Ela sussurra.

— Eu sou, e quero que isso fique muito bem claro.

Ela gargalha e eu ataco a sua linda boca, ao colar a minha na dela. As nossas línguas disputam espaço, ela segura o meu rosto entre as suas mãos e remexe a sua cintura contra a minha. Tenho a impressão de que ela se esqueceu que estamos na minha cama e isso é muito bom, pois deixará a nossa noite mais prazerosa. Solto o seu cabelo, desço a minha mão por suas costas e aperto a sua bunda. Quando eu lhe dei um tapa, imaginei que ela fosse me odiar, mas essa safada fogosa gostou e pediu por mais.

Charlotte Miranda é a mulher que combina comigo, por mais que seja alguém que eu não imaginei que fosse me relacionar. De início, ela demonstrou que jamais me daria alguma abertura, se demonstrou ser uma mulher difícil, mas olha só, era apenas charme e cá estamos nós, vivendo isso que é incrível. Separo as nossas bocas, massageio um dos seus seios por cima de sua camiseta, ela empurra o tronco na direção do meu peito e geme quando eu aperto com mais força.

— Como você pode ser tão bom nisso? — Ela questiona num sussurro.

— Eu sou bom em muitas coisas, ruiva.

— Eu sei bem.

O riso que escapa da sua boca é gostoso de se ouvir e eu fico vidrado a olhando. Eu levo a minha mão na direção do seu rosto, acaricio a sua bochecha com o meu polegar e o seu olhar conecta ao meu. O que eu estou sentindo por essa mulher é assustador e perigoso demais, pois se entregar mais do que o outro quando a relação está se iniciando é algo que dará errado, e isso está mais claro do que a água do mar.

— Você é linda.

As suas bochechas coram e ela sai do meu colo. Eu me levanto da cama, retiro a camisa do meu corpo e vou rumo ao banheiro após avisar que irei tomar banho. Estou morrendo de fome, o lanche que comi no *Fight* não me sustentou e eu me arrependo de não ter aceitado a proposta do Dominic para irmos jantar no seu apartamento. A água cai sobre o meu corpo retirando o suor e relaxando os meus músculos. Em poucos minutos termino o meu banho, após lavar o meu cabelo e enrolo a toalha em minha cintura. Volto para o quarto e encontro a Miranda espiando a área externa da casa por uma pequena fresta da cortina. Ela percebe a minha aproximação e me olha rapidamente.

— Aqui é lindo, eu entendo por ainda morar com a sua mãe.

— Eu moro aqui porque gosto desse lugar, mas eu já cogitei ter o meu próprio apartamento. E isso foi como uma ofensa para a minha mãe, pois, ela comprou essa casa na intenção de todos morarmos aqui e está tentando convencer o meu irmão a voltar para cá junto com a Lola.

— Eu pensei que o seu irmão morava aqui.

— Apesar de ele passar muito tempo aqui, ele tem o próprio apartamento com a noiva.

— Com o divórcio, a sua mãe deve se sentir sozinha.

Concordo ao ir rumo ao closet o closet e visto apenas uma bermuda.

— Está com fome? — Questiono a fazendo assentir. — Eu irei trazer algo para a gente.

— Por favor, algo *light*.

Aceno e saio do quarto. Atravesso o corredor, entro na cozinha e encontro a minha mãe sentada no balcão enquanto beberica o seu

chá.

— Eu pensei que já estivesse dormindo.

— Estou com a cabeça cheia.

— Com o que?

— Questões sobre o divórcio. — Ela comenta.

— Em relação a que? Está tudo bem.

— Está, meu amor.

A sua resposta não é convincente, muito menos acompanhada do sorriso forçado. Algo está acontecendo e ela não quer me contar. Eu me sento na sua frente, apoio os meus braços sobre o balcão e toco em sua mão.

— Eu fiquei sabendo que quer conversar com a Miranda sobre o divórcio. — A minha mãe franze o cenho e eu me apresso para corrigir o que eu acabei de dizer. — A senhorita Thurman.

— Quero e acabei não indo até o escritório dela.

— Por quê?

— Estive ocupada e acabei esquecendo.

— Quer conversar comigo?

— Por enquanto, não.

— Tudo bem. — Lhe direciono um pequeno sorriso. — Estou com fome.

— Tem torta salgada no forno, mas se quiser outra coisa, eu chamo a Rosi.

— Não precisa, mãe.

De imediato, eu pego dois pratos no armário, mas devolvo um e corto quatro pedaços de torta. Eu não sei o tamanho da fome da Miranda, mas eu irei comer pelo menos três pedaços. A conversa que eu tive com *ela* retorna a minha mente e eu volto a me sentar diante da minha mãe.

— Quer algo mais?

— Se algum dia, eu me envolvesse com alguém... quem seria a *pessoa ideal*, por mais que isso não exista?

— Alguém livre e que te fizesse feliz, isso basta.

— E deveria ser alguém conhecida ou desconhecida?

— É o seu coração que escolhe essa pessoa.

— Sim, mãe, eu sei.

— Por que essas perguntas?

Eu não quero continuar a esconder o meu relacionamento da minha mãe, não quero cometer o mesmo erro do passado.

— Eu quero apresentar *ela* para a senhora, mas ela está com receio.

— Mande-a parar de bobagem. — A minha mãe ri.

— Eu irei dar esse recado.

Lhe dou uma piscadela, pego um copo e encho até o topo com suco. Seguro o prato com a minha outra mão, me despeço da minha mãe ao lhe dar boa noite e saio da cozinha.

— Deveria pegar dois copos. — O seu conselho faz eu parar de andar e eu a olho. — Eu sei que você está acompanhado.

Aceno, afirmando e continuo a andar. Entro no meu quarto, coloco o prato sobre a cama e deixo o copo sobre o descanso do criado mudo. Me sento ao lado da ruiva, acaricio a sua cintura e rio suavemente ao lembrar do recado da minha mãe.

— O que foi?

— Encontrei a minha mãe na cozinha e conversamos um pouco.

— E? — Miranda questiona.

— Eu tenho um recado para você.

Ela me olha preocupada.

— O que você disse a ela, Jensen?

— Não falei que era você, e ela deu um recado que você deveria parar de bobagem e deixar ser apresentada a ela.

— Puta merda!

Fico sem saber se ela está irritada ou se ainda continua preocupada. Peço para que ela esqueça esse assunto momentaneamente, aponto para o prato e ela resmunga ao avisar que irá comer apenas um pedaço. Aviso para ela ficar à vontade, e se preparar, pois lhe darei uma boa noite e com enorme gasto de energia. Ela ri maliciosa e sussurra que está ansiosa.

[...]

Sinto o meu corpo ser suavemente chacoalhado, abro os meus olhos com dificuldade e puxo a Miranda de volta para os meus braços. Ela se aconchega contra o meu corpo e beija o meu peito.

— Eu preciso me levantar, já amanheceu. — A ruiva sussurra.

— Fique aqui mais um pouco.

— Por favor, lutador.

Respiro fundo e a deixo solta. A sinto se movimentar pela cama, abro os meus olhos novamente e a observo se movimentar pelo quarto. Ela dormiu usando a minha camiseta, mesmo que não fosse preciso, mas quando eu a vi, desejei fodê-la ainda mais. Miranda ficou sexy, muito mais do que quando está usando as suas lingerie rendadas. A observo entrar no banheiro, eu pulo para fora da cama e, também entro no banheiro. Ela já está nua, debaixo do chuveiro e eu me junto a ela.

— Deveria ter me chamado.

— Você irá me atrasar.

— Suponho que serão dois atrasados, ruiva.

Miranda geme manhosa quando eu pressiono o seu corpo contra a parede e a beijo profundamente. A água cai sobre nós, molhando os nossos corpos e principalmente as mechas ruivas. Os seus seios se esfregam contra o meu tórax, as minhas mãos passeiam pelo seu corpo e eu impulsiono o seu corpo para cima ao segurar em suas pernas. A sua boceta é como um ímã e o meu pau está perto de penetrá-la.

— Jensen... — Ela me chama e eu a olho. —, você está me colocando a beira de um penhasco. Um penhasco de sedução, excitação, loucura e muitas outras coisas, mas eu ainda tenho um pouco de juízo e é este que está batalhando dentro de mim contra o desejo.

— É impossível ficar longe de você.

— Sim, eu sei. — Ela ri e coloca as mãos sobre o meu peito.

— Eu sempre quero você, mas é sério, nós vamos nos atrasarmos muito e eu ainda tenho que secar o meu cabelo, já que você o molhou.

— Não irá adiantar nada parar agora, o atraso será o mesmo.

Eu preciso estar dentro dessa mulher, mesmo que seja por poucos minutos. A observo morder o seu próprio lábio inferior e me beija. A seguro com firmeza entre o meu corpo e a parede, remexo a minha cintura fazendo o meu pau pincelar a entrada da sua boceta enxarcada e a penetro devagar. O meu movimento a faz afastar a sua boca da minha, ela finca as suas unhas em meus ombros e sela novamente os nossos lábios, impedindo que os gemidos escapem de sua boca. A cada novo encontro íntimo, eu me sinto mais viciado nesta mulher. E eu espero que ela esteja da mesma forma.

A ouço me pedir para ir mais rápido e eu lhe dou o que tanto deseja. As minhas estocadas são profundas e em alta velocidade. O barulho dos nossos corpos batendo é abafado pelo barulho do cair da água, que está nos deixando enxarcados e escorregadios. Estou me esforçando ao máximo para segurar a Miranda na posição certa, mas a cada minuto se torna mais difícil, devido a água. A respiração da ruiva fica mais densa, os seus seios se esfregam contra o meu tórax e a sua boca volta a procurar pela minha.

Eu a coloco de volta ao chão quando nós atingimos o ápice, termino o meu banho e saio do banheiro após me enrolar na toalha, deixando a ruiva a vontade. Vou diretamente para o closet, visto a calça social preta e camisa branca. Penteio o meu cabelo com os meus dedos e espiro um pouco de perfume contra o meu pescoço. Volto para o quarto, retiro as roupas caídas no chão, as colocando sobre a cama e observo os dois preservativos usados, caídos ao lado da cama. Eu os retiro do chão, ouço a porta do banheiro se abrir e vejo a Miranda. Durante algum tempinho da madrugada, a observei dormir e decidi que não podemos continuar a esconder o que está acontecendo entre nós.

— Eu preciso de um secador de cabelo. — Miranda me informa.

— Irei ver se tem algum nessa casa.

— Obrigada.

Eu saio do meu quarto após jogar os preservativos fora, fecho a porta e atravesso o corredor, indo rumo à sala de jantar. Desejo bom-dia a todos, dou um beijo no topo da cabeça da minha mãe e

massageio os seus ombros. Lola e Leon já estão sentado à mesa, tomando café da manhã.

— Alguma de vocês podem me emprestar um secador de cabelo?

— Pode pegar o meu, está no meu quarto. — A minha mãe informa.

— Obrigado, mãe.

— Não demorem a vir tomar o café da manhã.

Aceno diante do seu pedido, saio da cozinha e vou rumo ao meu quarto. Entro no cômodo, procuro pelo objeto e o encontro sobre a bancada do banheiro. Eu volto para o meu quarto, entrego o secador para a Miranda e ela me agradece mais uma vez. Me sento na ponta da minha cama e a observo. As mechas de fogo balançarem devido ao jato de ar que sai do aparelho, franzo o cenho ao notar que a sua boca mexe rapidamente e tenho a impressão de que ela está cantando.

— Eu decidi algo, mas preciso do seu *aval*.

Ela desliga o secador e me encara.

— Em que?

— Não é correto a gente continuar escondendo *isso*. — Aponto para mim e depois para ela. — E por minha mãe ser a sua cliente, isso deveria ser exposto.

Miranda fica me olhando em silêncio, volta a olhar para o espelho e termina de secar o seu cabelo. Em seguida, o prende num coque e retira o fio da tomada.

— Se temos que enfrentar isso, então que seja agora, não é?!

Ela me entrega o secador, a espero calçar a sandália e nós saímos do meu quarto. Eu devolvo o objeto no quarto da minha mãe, estico a minha mão na direção da Miranda e ela a segura. Eu a puxo de encontro ao meu corpo, lhe dou um suave beijo e a abraço pela cintura. Nós andamos em direção a sala de jantar, observo a ruiva apertar os próprios dedos e respira fundo algumas vezes seguidas. Nós entramos no cômodo chamando a atenção de todos e eu fico acariciando a cintura da Miranda enquanto a minha mãe a olha.

— Pronto, acabou o mistério.

A minha mãe revira os olhos diante do meu deboche e se levanta.

— Me desculpe, senhora Brown. — Miranda pede. — A senhora é minha cliente e eu não deveria ter se envolvido com o Jensen...

— Ei, calma. — A minha mãe pede. — Bom dia e seja bem-vinda a família.

Miranda fica em silêncio, surpresa com a recepção da minha mãe.

— Obrigada. — Ela agradece num sussurro. — E bom dia.

Eu puxo a cadeira para ela se sentar, eu me sento ao seu lado e a Rosi a questiona sobre o que quer comer após me servir com panquecas, bacon e ovos. Miranda avisa que prefere algo leve, como uma salada de frutas – assim como a minha mãe –, e um copo de suco. Eu a sirvo e noto que ela ainda continua um pouco nervosa.

— Eu não aguentava mais guardar segredo. Sarah sempre me perguntava sobre eu saber quem era a mulher que estava se relacionando com o Jensen. — Lola comenta.

— Eu preferi manter em segredo por ser algo recente e por eu ser sua advogada. — Miranda informa ao olhar para a minha mãe. — Isso pode ser algo ruim para mim, pois, posso ser acusada de estar prevalecendo um lado, devido a minha relação com o Jensen.

— Isso seria loucura. — Leon resmunga. — Uma coisa não tem a ver com a outra.

— Pode parecer, Leon, mas é uma possibilidade.

— Você não deveria se preocupar com isso. — A minha mãe murmura.

— A senhora...

— Apenas Sarah, por favor, já que você está... — A minha mãe se cala ao pensar numa palavra para taxar a relação. —, tendo um romance com o meu filho.

— Nós podemos conversar a sós? — Miranda a questiona.

— Sim, mas após o café da manhã.

Eu não tenho a menor ideia do que a ruiva quer conversar com a minha mãe, ainda mais ao dizer diversas vezes que iria se atrasar

para o trabalho, mas parece que agora esse atraso não é tão significativo. A conversa se desenrola ao redor de algumas decisões sobre o casamento do meu irmão, e eu aproveito a distração dos demais para voltar a minha atenção a ruiva ferosa que está ao meu lado. Eu coloco a minha mão esquerda sobre a sua coxa e o seu olhar conecta ao meu.

— Está mais calma?

— Eu estou calma, sempre estive.

Finjo que acredito na sua mentira e torno o meu carinho mais intenso.

— Eu pensei que estivesse atrasada para ir trabalhar.

— E estou, mas eu preciso conversar com a sua mãe.

— Sobre o que?

A nossa conversa é interrompida quando a Rosi se aproxima para servir a salada de frutas da Miranda e começa a se enturmar com a minha cunhada, ao saber mais informações da gestação. Fico surpreso ao saber que ela está prestes a entrar no quinto mês e que em breve todos irão saber o sexo do bebê. Lola sente muito por ficar um pouco mais afastada de todos, como por exemplo, deixar de ir até ao *Fight*, mas lá não é ambiente para uma mulher grávida e ainda mais por ser um lugar hostil. E em falar sobre isso, eu nem perguntei para a Miranda sobre o que ela achou de ir até lá, por mais que tenhamos ficado por poucas horas. Leon e Lola se despedem de nós e saem. O meu irmão irá levar a noiva para o trabalho e de lá, irá para a agência. Eu termino o meu café da manhã e me levanto da mesa, sob o olhar atento das mulheres presentes.

— Eu posso te esperar...

— Não é preciso, eu irei pedir um carro pelo aplicativo. — Miranda declara ao me interromper. — E você já está atrasado para ir trabalhar.

— Você também.

— Eu faço o meu horário do escritório e hoje eu terei apenas pequenos julgamentos.

Tento insistir, mas ela continua a negar e então eu decido ir embora. Me inclino em sua direção, deposito um beijo em sua

têmpora e me aproximo da minha mãe. Ela se levanta, me abraça apertado e me deseja um bom dia. Eu ainda continuo intrigado sobre o que ela deseja conversar com a Miranda, principalmente em relação a revelação que estamos juntos. Por mais que não tenha um nome, muito menos seja algo que é incerto por quanto tempo irá acontecer, foi certo em assumirmos que estamos nos relacionando. Eu olho mais uma vez para a ruiva, ela sorri me transmitindo paz e eu aceno antes de sair apressado de casa.

Hoje o dia promete ser agitado, a agenda está cheia e não temos muitas disponibilidades de aluguéis para os clientes. A procura pelo nosso serviço aumentou muito nos últimos dias e isso é muito bom, apesar de não conseguirmos dar conta da demanda. E foi exatamente por isso a reunião que tivemos com o meu pai no dia de ontem. Ele gostou de ver o desempenho que a agência está tendo, tivemos algumas ideias para melhorar ainda mais o marketing e principalmente o atendimento, assim como os agendamentos. Estamos próximas as festas de final de ano e elas são as responsáveis pelo aumento da procura de jatinhos particulares e fretamento aéreo por helicóptero.

Em poucos dias será o Dia de Ação de Graças e eu não sei ainda como será, devido ao divórcio dos meus pais. Sempre passamos essa data juntos, já que não somos tão próximos ao restante dos nossos parentes. E é uma data importante para todos nós estadunidenses, é uma data em que as pessoas se reúnem e demonstram sua gratidão a Deus pelas bênçãos recebidas durante o último ano. É também um momento para expressar carinho pelos amigos e familiares. Sobre a comemoração que ocorre no *Fight*, creio que não terá neste ano, ainda mais com o julgamento dos Lewis próximo a acontecer.

Como em todos os anos, eu terei o que agradecer pelo que se passou, principalmente pela minha vida, família, agência e *Fight*. Talvez eu tenha um motivo a mais para agradecer e esse motivo tem cabelo de fogo. E isso me faz lembrar do ano que foi um caos: Margareth assassinada e o Dominic preso. Naquele ano eu me recusei a comemorar essa data, pois não existia nem um motivo para realizar qualquer mínima comemoração que fosse. Tudo o que

eu mais desejava naquele momento era que nada daquilo tivesse acontecido, e que o meu amigo fosse solto, conseqüentemente que a Maggie ainda estivesse viva.

Contudo, após todos esses anos que se passaram, eu entendi que a morte da Lewis trouxe revelações que ninguém nunca saberia, pois, aconteciam no submundo daquela mansão. Sorte do filho do Dominic que não irá conhecer o demônio, mas infelizmente não irá conhecer a Maggie, que com certeza seria uma avó incrível. Confesso que ainda sinto um pequeno vazio em meu peito quando penso nela, e creio que será algo eterno. Aproveito o semáforo vermelho, estico o meu braço na direção do porta-luvas e pego a foto. Há anos ela está bem aqui, me acompanhando para onde quer que eu vá. E isso não é bom, eu sei claramente isso.

[...]

— Ky, o entregador já veio?

Me aproximo da sua mesa e apoio as minhas mãos. Estou morrendo de fome e decidi pedir o meu almoço pelo aplicativo, pois jurei que seria mais rápido a que ir em algum restaurante, mas já me arrependi dessa decisão. Leon e Oliver também decidiram almoçar por aqui mesmo, pois estamos fazendo algumas organizações para deixarmos as semanas dos feriados mais tranquilas, assim como os finais de semana.

— Deve estar chegando, Jensen. — Ela resmunga.

E eu dou razão para isso, pois já é a quarta vez que eu venho questioná-la.

— Espero que tenha pedido algo gostoso.

Olho para trás, por cima do meu ombro e sorrio.

— O *algo gostoso* acabou de chegar.

Me aproximo da Miranda, acaricio o seu rosto com a minha mão direita e contorno os seus lábios com o meu polegar.

— Eu estava precisando desse elogio.

Dou um beijo suave em seus lábios e deixo as minhas mãos apoiadas em sua cintura.

— Estou surpreso com a sua vinda até aqui.

— Nós precisamos conversar.

— Vamos conversar na minha sala. — Declaro a fazendo concordar e eu olho para a Ky. — Assim que chegar o meu almoço, leva para a minha sala, por favor.

Ela apenas acena, enquanto olha com curiosidade para a Miranda e nós vamos para a minha sala. Eu fecho a porta, puxo a cadeira para ela se sentar e eu dou a volta na mesa, para me sentar na minha cadeira. Apoio as minhas mãos sobre a mesa e a observo. Ela está linda, mas não tanto quando eu a vi assim que acordou. O seu cabelo está preso num rabo de cavalo, o rosto está maquiado e o sobretudo que ela está usando impede que eu veja qual roupa está por debaixo dele.

— Por que está me olhando assim? — Ela questiona.

— Estou querendo saber o que existe por debaixo desse sobretudo.

— Apenas uma lingerie.

— O que?

Ela ri ao menear a cabeça para os lados e eu tento avançar em sua direção ao passar por cima da mesa mesmo, mas ela me impede.

— Eu estou brincando, Jensen. — Ela declara. — O seu fogo está cada vez maior.

— Somente o meu, Charmander?

Miranda franze o cenho.

— Por que Charmander?

— Sorrisinho nos lábios e fogo no...

A porta da minha sala se abre, a Ky entra e coloca o pedido sobre o a minha mesa. Eu a agradeço, ela sai fechando a porta e eu volto a minha atenção para a Miranda enquanto abro a garrafinha de suco.

— Deboches e farpas a parte, eu vim conversar com você algo importante.

— Eu sou todo ouvidos, ruiva. — Declaro e abro a embalagem do meu yakisoba. — Quer almoçar comigo?

— Não, obrigada, eu ainda irei almoçar com um cliente. — Ela me informa. — Enfim, eu achei necessário conversar com a sua

mãe, deixar alguns pontos expostos, pois além de ela ser sua mãe, ela é a minha cliente e o meu profissionalismo vem acima de tudo isso.

— Certo. — Murmuro indiferente. — E ela?

— Tranquila, ela é sempre muito tranquila independente do que esteja acontecendo.

— E isso te tranquilizou? Pois, você estava muito nervosa.

— Eu estou tranquila. — Aceno diante do seu anuncio. — E nós conversamos sobre o processo de divórcio também.

— Eu devo perguntar ou não?

Me sinto um tanto inseguro em relação a isso, pois eu não gosto de me envolver no seu trabalho, por mais que seja referente a minha mãe e ao meu pai.

— É melhor esperar ela falar... ela irá falar em breve, creio eu.

Fico preocupado ao ouvir a sua informação e largo os hashi dentro do yakisoba.

— Eu não sei o que esperar em relação a isso.

Miranda apenas encolhe os ombros e não fala nada relacionado a isso.

— E voltando ao assunto sobre nós dois.

— *Hum...* — Volto a comer, pois é um assunto despreocupante.

— Eu sei que existe algo muito grande relacionado ao seu passado...

Não, não é um assunto despreocupante, mas eu finjo normalidade.

— A minha mãe disse algo?

— Não necessariamente, mas me disse que é bom te ver comigo, pois sabe quem eu sou e pode ficar despreocupada em relação a isso, pois, ela já teve muito medo no passado e que, se eu quisesse saber sobre isso, eu deveria questionar a você...

— E eu não quero falar sobre. — Declaro ao interrompê-la.

— Tudo bem, mas você tem que entender que em algum momento esse assunto irá surgir e eu espero que seja através da sua boca.

Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos, olho para a gaveta da minha mesa onde estão todas as fotos e encaro a Miranda. Se estamos nos relacionando, ela tem o direito de saber alguns pontos da minha vida, contudo, o que aconteceu no passado não é algo que eu queira falar por enquanto.

— Nos relacionar, nos dá o direito de sabermos sobre um e o outro, mas sobre o meu passado...

— Me desculpe te interromper, mas eu sei que você não irá falar tão facilmente, a sua mãe me disse isso, entretanto, eu quero que você entenda que, eu quero saber de você, pois caso eu saiba por outras pessoas não será algo legal. E isso ficará parecendo que eu irei te obrigar a falar.

— Vamos deixar isso mais para frente, por favor. — Massageio as minhas têmporas. — É um assunto complicado e pesado, e nós acabamos de começar a nos relacionar.

— Eu sei que você não tem obrigação alguma, assim como eu não tenho direito de te cobrar algo, mas nós estamos nos relacionando, mesmo que seja impossível saber quanto tempo isso entre nós irá durar.

Aceno concordando e ela me direciona um pequeno sorriso.

— É muito cedo para conversarmos sobre algo que é pesado para mim.

— Tudo bem. — Ela estica os braços sobre a mesa e toca em minhas mãos. — Agora eu preciso ir, tenho que me encontrar com um cliente.

— Eu te acompanho até a porta.

Me levanto de onde estou sentado, a abraço pela cintura e nós saímos da minha sala. Atravessamos o hall da agência, eu abro a porta e andamos até o seu carro.

— Hoje será difícil nós nos encontrarmos, a sua mãe quer jantar com você e com o seu irmão.

— Ela não me avisou e eu pretendo ir para o *Fight* ver sobre a minha luta. — Comento. — Você não me disse sobre o que achou de ter ido até lá ontem.

— É um ambiente diferente, mas eu me sinto bem estando entre os seus amigos, mesmo que a *ring-girl* tenha me provocado.

— Eu não imaginei que aquilo poderia acontecer.

— Está tudo bem. — Miranda dá de ombros pouco se importando. — Até mais, então.

— Talvez hoje, talvez amanhã... eu não sei.

— Hoje será praticamente impossível, você sabe disso.

Reviro os olhos, a prendo com o meu corpo contra o seu carro e raspo os meus lábios nos seus. Ela me segura pelo colarinho da minha camisa, me puxa contra o seu corpo e sela os nossos lábios. O nosso beijo é rápido, me deixa com gosto de quero mais e é muito mais que um beijo o que eu desejo. Ela me afasta ao me empurrar suavemente pelos ombros, abre a porta do seu carro e se senta no banco do motorista. Eu fecho a porta e me apoio nela quando o vidro é abaixado.

— Espero que esteja tudo bem entre a gente.

— É claro que está, lutador.

Ela se inclina em minha direção, me dá um beijo suave e eu me afasto, a permitindo que vá embora. Eu terei uma conversa com a minha mãe, mesmo que ela não tenha falado nada demais, apenas explicado sobre como eu sou em relação a este assunto relacionado ao meu passado. Contudo, o assunto mais importante a ser conversado é sobre o divórcio e isso tem a ver com a conversa que ela teve com a advogada, cujo, é a mesma pessoa a qual eu estou me relacionando. Creio que essa palavra seja a melhor para taxar o que estamos vivendo. Não é um namoro, mas também não é apenas uma ficada. É confuso saber e agora eu estendo pelo que o Dominic passou quando ele não conseguia definir o que tinha com a Lewis, que não era algo sério, mas também não era banal.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO DEZESSETE

*A tempestade, a tempestade fora da
janela não entrará em nossa casa
A tempestade, a tempestade fora da janela,
mas eu ouço sua voz
Sua voz mais doce vai me salvar*
Love Your Voice – Jony

A movimentação é grande no interior de casa, a Rosi anda de um lado para o outro ao se desdobrar em ajudar a minha mãe a organizar a mesa de jantar e ao cozinhar. Seria mais fácil e mais prático se fôssemos em algum restaurante legal e que gostamos, contudo, a minha mãe preferiu que o jantar ocorresse aqui mesmo. Coloco as minhas mãos nos ombros da dona Sarah e a sinto tensa. Ela me olha em silêncio e me entrega os guardanapos para que eu os coloque em seus devidos lugares. E em falar nisso, conto rapidamente e percebo que existem quatro lugares postos a mesa. Em seguida ela me pede para que eu vá para o banho, pois o jantar será servido em breve e eu decido acatar a sua ordem.

Assim que eu entro no meu quarto, é impossível não lembrar da ruiva e ainda consigo sentir o seu perfume. E é possível vê-la deitada em minha cama sem fazer muito esforço com a minha imaginação e isso é munição para que o meu corpo se aqueça, fazendo o meu interior ficar inquieto. Balanço a cabeça para os lados me livrando dessas lembranças, deixo os meus pertences sobre a cama e entro no banheiro. Retiro a minha roupa, vou para debaixo do chuveiro e deixo a água escorrer sobre o meu corpo. Eu queria poder me encontrar com a Miranda hoje, contudo, sei que será complicado porque tenho que jantar com a minha mãe e em seguida irei para o *Fight*. Eu não sei que horas irei sair de lá, e isso torna o meu encontro com a ruiva mais complicada.

Eu vou até o closet após terminar o meu banho, visto algo casual e saio do meu quarto. Atravesso o corredor, passo pela sala de estar e adentro na cozinha. O cheiro está ótimo, e isso desperta a minha fome. A última vez que eu comi foi durante o almoço e

ainda foi uma refeição um tanto forçada, porque a minha mente estava voltada as palavras que saíram da boca da Miranda referente ao meu passo e a preocupação tomou conta de mim. É impossível que ela saiba sobre o que aconteceu pela boca de outra pessoa, então eu não preciso me preocupar com este ponto.

— Deseja algo? — Rosi me pergunta.

— Pode terminar o seu afazer, eu mesmo me sirvo.

Me sirvo com uma dose de uísque e vou rumo a sala de estar. Vejo que a porta que dá acesso a área externa está aberta, eu sigo para fora e encontro o meu irmão sentado na mesa externa.

— Oi. — Ele me cumprimenta.

Eu me sento próximo a ele e observo a imensidão diante dos meus olhos.

— Tem alguma ideia sobre o que dona Sarah quer conversar conosco?

Ele nega ao balançar a cabeça.

— Creio que seja algo extremamente íntimo, pois ela me informou que seria apenas nós três.

— Então de quem é o quarto lugar posto na mesa?

Leon me encara com o cenho franzido.

— Será que ele irá nos apresentar alguém?

Agora é a minha vez de franzir o cenho. Essa possibilidade não passou pela minha mente nem por um segundo, assim como qualquer outra possibilidade.

— Não... não.

— É uma possibilidade, Jensen.

— A qual eu acho improvável.

— Então o que poderia ser? Dá uma sugestão.

— Eu não tenho a menor ideia. — Resmungo.

Beberico o meu uísque tentando encontrar uma sugestão, me lembro das palavras da ruiva e continuo na estaca zero. Eu não sei o que pode vir, também não sei o que possivelmente esperar. Coloco o meu copo vazio sobre a mesa, apoio os meus braços sobre a madeira e respiro fundo tentando relaxar um pouco. O dia não foi tão exaustivo, mas quando o passado retorna e bate em

minha porta, faz tudo pesar sobre mim. Parece que eu estou à beira do penhasco após realizar a prova de triátlon.

Passos chamam a minha atenção, eu olho para o meu lado esquerdo e franzo o meu cenho ao observar o meu pai se aproximando. O que ele está fazendo aqui? No mesmo segundo, uma luz surge sobre a minha cabeça e eu entendo a sua presença. A agência deve ter sido envolvida na questão do processo de divórcio e será dividida em partes, já que a minha mãe possivelmente tem direito. Ele nos cumprimenta com aperto de mão e se senta diante de mim. Eu troco um olhar rápido com o meu irmão e nós olhamos para o nosso pai.

— Irá jantar conosco? — Leon o questiona.

— Sim.

— Por quê? — Eu questiono.

Ele encolhe os ombros e permanece em silêncio. A minha mãe se junta a nós, coloca a bandeja sobre a mesa e se senta ao meu lado. Eu pego a garrafa de cerveja, retiro o lacre e bebo um longo gole.

— Coloque no copo e beba. — A minha mãe pede.

— Assim é melhor. — O meu irmão declara ao ter o mesmo gesto que eu.

O meu pai se serve com uma dose de uísque e olha diretamente para a minha mãe.

— O jantar já será servido, é melhor nós entramos. — Ela nos informa.

A ignoro momentaneamente, ao encarar o meu pai.

— A sua vinda até aqui tem a ver com a agência?

— Não.

— E tem a ver com o que?

— Vamos entrar e jantar primeiro, por favor. — A minha mãe pede.

Eu a olho e decido acatar o seu pedido. Seguro a minha garrafa de cerveja, me levanto de onde estou sentado e vou rumo a sala de jantar. Elogio a Rosi, pois, tenho certeza de que tudo está completamente delicioso e eu me sento no meu devido lugar. Leon se senta diante de mim, a minha mãe se senta numa ponta e o meu

pai se senta na outra ponta. Está mais do que claro que isso daqui não é apenas um jantar, mas uma reunião familiar. E espero que eu, Jensen Brown não seja a pauta.

— Quando vocês irão começar a falar?

É visível a minha impaciência.

— Em breve, tenha calma, por favor.

— Eu preciso saber, pois, não quero o motivo dessa reunião.

— Declaro. — É sobre a minha relação com a Miranda?

— Quem é Miranda? — Ouço o meu pai questionar.

Eu não direciono o meu olhar a ele, pois estou olhando fixamente para a minha mãe.

— Uma moça que está se relacionando com o Jensen e é a pessoa que estava cuidando do processo do divórcio.

O choque toma conta de mim ao ouvir a palavra ‘estava’ e eu bato as minhas mãos sobre a mesa, assustando a todos.

— Como assim? Você dispensou a Miranda devido ao meu envolvimento com ela?

— Não, Jensen...

— Eu quero explicações! — Ordeno.

Estou ficando alterado e isso não é bom, pois sei que posso acabar falando algo que irá magoá-la e todos sabem que eu detesto magoar alguém, principalmente a minha mãe, que é a pessoa mais importante da minha vida.

— Céus, Jensen! Você nunca permite que nós tenhamos um jantar em paz.

— Eu não permito? — Questiono irado. — Vocês sempre decidem fazer um jantar para anunciar algo e isso não é muito agradável. Rodam e rodam, para depois jogar a bomba, mas eu prefiro que seja jogada de uma vez, sem preparação de terreno.

Observo a minha mãe suspirar quando apoia o queixo em seus punhos, eu olho para o meu pai e o noto acenar positivamente. Eu volto a olhar para a minha mãe e ela se reveza entre olhar para mim e para o meu irmão.

— Eu disse que a Miranda estava cuidando do processo do divórcio porque nós não iremos nos divorciar.

— Não? — Leon questiona. — Como assim? Num dia todos nós saímos para jantar em clima familiar, no outro vocês informaram que iriam se divorciar e agora isso, que não irão mais?

— É difícil entender.

— Nós sabemos e entendemos vocês. — A minha mãe declara.

— E como será agora?

— O processo está pausado enquanto entendemos o que está acontecendo, mas temos certeza de que o divórcio não é a opção.

— Então por que há algumas semanas decidiram que se separar era a melhor opção?

A minha mãe massageia as suas têmporas, e me encara em silêncio. Tudo bem, eu entendo que as pessoas podem facilmente mudar de decisão de um dia para o outro, mas o que eles decidiram foi algo sério demais, e iniciaram o processo de forma judicial. Eu junto as minhas mãos sobre a mesa e encaro seriamente o meu pai, que esteve em silêncio por todo esse tempo. Há anos eles tiveram um relacionamento, um casamento de anos a fio e de repente, decidiram se divorciar. Não, o que está acontecendo não tem um pinga de lógica e estou perdido neste assunto.

— Tentem explicar isso, pois está confuso demais. — Leon pede.

— O nosso casamento entrou em crise há alguns meses, tentamos muito fazer com que a união continuasse, mas em meio a uma de nossas conversas, decidimos que seria melhor a separação, a que prolongar o casamento em meio a uma crise e deixar que o amor virasse ódio...

— Terapia de casal iria ajudar.

— É sério que você... você, Jensen, está sugerindo terapia? O mesmo homem que sofreu por anos a fio devido o assassinato da Lewis, que se relacionava com você em segredo.

Involuntariamente, os meus punhos se fecham e eu me contenho para não começar uma discussão desnecessária. Eu desvio o meu olhar do dele, ao voltar a atenção para a minha mãe e arqueio uma sobrancelha.

— E mesmo que estivéssemos decididos a nos separar, essas semanas que se passaram foi essencial para que o amor voltasse a aflorar.

— Então deveria ter esperado, a que de imediato acionassem a separação de forma jurídica.

— Jensen, as vezes, algumas coisas não necessitam de explicação, pois elas não existem, mas pense comigo... — Ela pede ao segurar em minhas mãos. —, se eu não tivesse feito tudo aquilo, você e a Charlotte não estariam juntos.

É uma grande possibilidade, contudo, impossível de ser negada ou afirmada. Aceno suavemente concordando com a minha mãe e permaneço em silêncio. O que eu poderia dizer em meio a este caos? Já basta os quais existem em meu interior, em minha mente. Eu olho para o meu irmão e não o vejo contente com essa novidade. Volto a olhar para a minha mãe e lhe direciono um pequeno sorriso.

— Se é assim que a senhora deseja, assim será. Eu quero a sua felicidade em primeiro lugar.

A minha mãe sorri, me agradecendo.

— E como será agora? — Leon os questiona. — Vocês irão voltar a morar juntos? Tudo voltará ao normal?

— Nós queremos saber o que vocês acham. — Dona Sarah declara.

O meu irmão dá de ombros e começa a argumentar sem parar. Expõe tudo o que está pensando e entendendo, além de declarar sobre quem pode afirmar que eles não irão querer se separar mais uma vez. Claro que eu o entendo, pois é desconfortável essa situação. Enquanto os meus pais conversam com o Leon, eu início o meu jantar. Prefiro não me envolver, entretanto, eu não me oponho, pois, até gosto de vê-los juntos novamente, mas confesso, tenho receio de eles estarem tomando mais uma decisão precipitada e acabarem se odiando realmente.

Estar com alguém que nos faz bem é a melhor escolha, entretanto, não adianta estar com esse alguém se existem pendências e possíveis futuras separações. Eu entendo que os meus pais tomaram uma decisão precipitada há algumas semanas

quando decidiram que o divórcio era a melhor saída, mas olha só, alguns dias separados era a solução para os problemas que estavam enfrentando. E apesar de isso ter sido ruim, a minha mãe me disse algo que eu não perceberia sozinho. A decisão precipitada, fez algo bom acontecer em minha vida e a ruiva conseguiu mexer comigo.

Por mais que no início tenha dado a impressão que eu não iria conseguir tocar naquele monumento de mulher, foi bom saber que todo aquele joguinho de se fazer de difícil foi encenação, porque os olhos dela demonstraram tanto desejo que era quase palpável. E é gostoso demais palpar aquela mulher que é cheia de fogo. Esses pensamentos só reforçam o meu desejo de vê-la, mas eu não posso simplesmente aparecer no apartamento dela tarde da noite, após a minha saída do *Fight*. Por isso, será melhor vê-la amanhã, já que o final de semana chegou e eu pretendo não me desgrudar daquela ruiva.

Logo termino de comer, peço licença e me levanto. Ouço o meu pai informar que quer conversar mais, e eu lhe informo que tenho compromisso. Dou um beijo no topo da cabeça da minha mãe e saio de casa. Ouço passos bem atrás de mim, e eu vejo o meu irmão se aproximando.

— Não estou seguro em relação a esta decisão que eles tomaram. — Leon resmunga.

— Por que não? Eles são adultos, se conhecem há mais tempo do que nós dois temos de vida...

— E isso tudo não significou nada quando, precipitadamente, eles decidiram se separar judicialmente. — Ele resmunga. — E como você está de romance com a Thurman, deveria saber mais sobre essa situação.

Eu me encosto no meu carro e cruzo os meus braços diante do corpo.

— Em todo esse tempo que estamos juntos, aliás, poucos dias, nós nunca conversamos sobre o trabalho dela, e não é agora que iremos conversar.

Leon revira os olhos, resmunga algo que eu não entendo e se afasta ao dizer que está indo encontrar a noiva. Eu entro no meu

carro, coloco o cinto de segurança e saio devagar da propriedade. Não adianta ninguém surtar devido as escolhas dos nossos pais, por mais que não concordamos em diversas questões. Entretanto, o que importa para mim, é a felicidade de ambos e se eles são felizes juntos – reconheceram isso nesses dias separados – estão agindo corretamente em reatarem o casamento.

Enquanto acelero rumo ao *Fight* relembro a conversa que tive com a minha mãe, assim que ela me informou sobre a decisão deles. E no final, repenso no que o meu irmão disse, mas não acho legal ir conversar sobre este assunto com a Miranda, pois é algo de família e ela... calma! Eu não sei muito bem como formular o que está em minha mente, apenas não acho correto ir importunar a ruiva com este assunto. Se ela vier conversar comigo, ok, iremos conversar, mas não acho legal eu iniciar essa conversa.

Céus! A minha cabeça está girando tanto que eu estou repetindo as mesmas coisas, mas de forma diferentes. Pisco algumas vezes e piso mais fundo no acelerador. Quero chegar logo no *Fight* e tentar me distrair. Por mais que lá não seja a distração tão desejada por mim neste momento, é a qual me ‘resta’. O que eu tanto desejava mesmo era estar na mesma cama da Charmander. Aquela mulher me tornou viciado, a cada dia eu quero muito mais ela, contudo, eu tenho que me controlar e não deixar isso extremamente evidente. Já que ela, não deixa tantas coisas claras também.

Estaciono diante do *Fight*, desço do meu carro e adentro no estabelecimento. O lugar está completamente cheio como sempre e eu me apresso a subir para o camarote, mas assim que chego na escada, dou de cara com a Day. Sem pensar duas vezes, eu a seguro pelo braço e a levo para a sala de treino. Fecho a porta num baque e encaro a *rig-girl* parada diante de mim. Eu estou pronto para gritar, xingar e expulsá-la daqui a ponta pés, mas eu sei que preciso me controlar e pensar antes de agir.

— Nunca mais ouse ameaçar ou insinuar qualquer mínima coisa.

— Eu não fiz nada contra a sua namoradinha patricinha.

— Sorte sua não ter feito mesmo, pois você teria que lidar com a minha fúria e eu tenho certeza de que as coisas não acabariam bem.

— Por que você está dando esse showzinho? — Ela questiona ao se aproximar de mim. — Todos nós sabemos como tudo isso acabará.

— Me diga como será, então, já que você ‘sabe’.

Noto um sorriso estanho em seus lábios e eu o repudio.

— Aquela ruiva será apenas mais uma que passou em sua vida, precisamente, passou pelo seu... — Ela aponta para a minha calça jeans. —, pau e não dará em nada. Ela terá o mesmo fim que todas aqui já tiveram.

— Não fale o que não sabe, principalmente em relação a... *ela*.

— Eu falo o que eu quiser...

Agarro o seu braço com força e a chacoalho.

— Eu já dei o recado e espero que você obedeça, ou irá arrumar um grave problema para si própria.

— Qual problema? — Day questiona raivosa.

O seu rosto está próximo ao meu e eu fecho os meus olhos com força. A sua voz me irrita, o seu perfume me enjoa e só de imaginar que eu já estive intimamente com ela, dá vontade de trocar de corpo, mas infelizmente, isso é impossível. Solto o braço da Day ao afastá-la de perto de mim, abro a porta e a olho por cima do meu ombro.

— Você está avisada e eu aconselho a não querer brincar comigo, pois irá se arrepender.

Antes que eu possa me afastar por completo, a observo sorri desacreditando de mim. Subo os degraus rapidamente, atravesso o corredor e logo entro no camarote. Está completamente vazio e eu estranho isso, pois eu sei que o Dominic viria hoje à noite. Saio fechando a porta, dou mais alguns passos e entro na sala ao lado, onde acontece as reuniões. Mantenho a minha expressão neutra quando o olhar do Eduard cruza com o meu, noto que ao seu lado está a Emily e sentado próximo ao vidro está o meu amigo. Eu ando na direção do Dominic, o cumprimento ao bater o meu punho contra o dele e me sento ao seu lado.

— Veio sozinho? — Ele questiona com o cenho franzido.

— É, como eu sempre venho.

Ele arqueia uma sobrancelha e um sorrisinho banha o canto dos seus lábios.

— Ontem veio com a ruiva.

— É... — Acabo sorrindo e desvio o meu olhar. —, mas hoje é cada um no seu devido canto.

— Por quê? — Noto a preocupação no seu tom de voz.

— Não, não é nada demais, apenas que não deu para nós nos encontrarmos hoje.

— Bom... — Ele coça a garganta. —, eu gostei de ver vocês juntos.

— Não crie esperanças, pois o que está rolando é superficial.

Por mais que eu não esteja acreditando nisso no que acabou de sair da minha boca, eu não consigo entender o que acontece entre nós. Apenas sei que é algo intenso, fogo, gostoso, viciante e cativante, entretanto, eu não como enxergar o que existe entre nós, não sei como taxar essa relação que existe e eu não sei o que esperar. É incerto saber se esse romance irá durar mais alguns dias ou semanas, mesmo que eu ainda não tenha compreendido o fulgor que existe em meu interior. Eu sei que todos ao meu redor estão esperançosos para que aconteça algo a mais entre a Miranda e eu, porém, não estamos nos relacionando visando algo futuro.

— Jensen...

Franzo o meu cenho ao ouvir a Emily me chamar e eu encaro o meu amigo. Ele encolhe os ombros, me fazendo entender que não sabe o motivo desse chamado e eu olho para trás por cima do meu ombro. Ela bate a mão suavemente sobre a mesa, me indicando a cadeira a sua frente e eu fico receoso, mas vou em sua direção e me sento diante dela, que continua sentada ao lado do irmão.

— O que foi, Em? — Dominic a questiona ao se sentar ao meu lado.

Ela o olha em silêncio e volta a sua atenção para mim.

— O seu advogado entrou em contato com o meu e nós acertamos os detalhes do contrato em relação a sua carreira aqui no

meu estabelecimento, mas eu preciso acertar alguns pontos importantes com você.

— Quais?

— Eu irei manter lutas fixas para cada um de vocês mensalmente, no máximo duas por mês e quero saber qual dia de preferência você tem.

— No final da semana, sexta-feira, por exemplo.

— E eu já estou vendo sobre a sua luta contra o novato e pensei em ser na próxima semana, mas você precisa se preparar...

— Todo dia eu treino, eu já estou preparado.

— Certo, Brown. — Ela resmunga e olha rapidamente para o irmão, que está digitando no celular. — Ed...

— Oi?

Emily volta a me olhar.

— Eu sei do seu interesse em lutar contra o Eduard e quero saber se ambos estão de comum acordo realmente em relação a isso?

— Sim.

O olhar do Eduard volta a se cruzar com o meu e ele arqueia uma sobrancelha.

— Estou. — Ele responde.

Ela respira fundo.

— Saiba que essa será a última luta dos *5M* contra o Eduard.

— Ela declara. — Chega dessa rinha.

— Eu concordo com você, Em. — Dominic anuncia. — Essa será a última luta.

— Está concordando porque você sabe que iria perder na nossa revanche. — Lewis debocha ao encarar o cunhado. — Eu compreendo, Dominic.

— Nem nos seus sonhos mais profundos eu iria perder para você. — O meu amigo resmunga. — Manda o seu irmão parar de sonhar com o impossível.

Eduard ri, e se despede do casal antes de sair da sala de reuniões. Emily me entrega um papel, eu assino ao concordar com as minhas lutas mensais e fico com uma cópia. Eu confio cegamente no serviço do meu advogado, pois já tinha deixado tudo

claro para ele ao falar detalhadamente cada detalhe e então ele tomou uma boa decisão em conjunto com o advogado da Lewis. Noto que a Emily está me olhando fixamente e eu suspiro.

— Eu espero que nessa luta, os assuntos do passado e nem sentimentos que não condizem ao profissionalismo da luta.

— Apenas eu tenho que ouvir esse recado?

É visível a minha irritação.

— Não, eu irei falar para o meu irmão também.

— Nós sabemos muito bem dos nossos deveres quando subimos no octógono, e o Jensen irá cumprir com tudo isso. — Dominic me olha após a sua declaração. — Estou certo, não é?

— Ninguém precisa se preocupar, eu irei ser profissional, como eu sempre fui.

— Não custa lembrar as regras...

— Não perca o tempo, Emily, eu estou aqui há mais tempo que você...

Antes que eu possa terminar a minha fala, sinto a minha perna ser chutada e eu encaro o Dominic. Ele me repreende o com o olhar e eu não entendo o motivo disso. O assunto se dar por encerrado quando o Dom avisa que ficará responsável por isso e nós dois voltamos a assistir a luta. Semana que vem irei entrar no octógono para arrebentar a cara do novato, e irei mostrar a ele quem manda neste lugar. Além de que, deixar claro e evidente que ele nunca estará entre os melhores. E ao pensar nesta luta, me faz querer convidar a Miranda para vir assistir, conhecer esse meu outro lado, por mais que eu saiba que não é muito do interesse dela, contudo, convidá-la irá mostrar que eu a quero aqui. E eu irei comprovar que eu sou bom em tudo o que eu faço, e quando eu ganhar, é na direção dela que eu irei para comemorar.

[...]

Eu deveria ter chegado mais cedo, contudo, a noite ficou animada no *Fight* e eu acabei perdendo o controle. Assim que o Oliver se juntou a nós, começamos a beber e detonar em palavras as lutas que aconteceram durante a madrugada. Quando eu me dei

conta do horário, eu já estava sozinho, pois os meninos tinham ido embora porque já era plena madrugada e o nível de álcool no meu organismo era altíssimo, então eu acabei dormindo no sofá do camarote. E talvez essa tenha sido uma péssima decisão, pois quando eu acordei, o meu celular estava lotado de ligações e mensagens da minha mãe, e uma mensagem da Miranda, me desejando bom dia.

Ao ler aquela mensagem foi como conseguir um gás para iniciar o dia e assim eu fiz. Sai do *Fight*, fui até a cafeteria e me alimentei. Em seguida fui para casa, tomei banho e me arrumei para ir trabalhar. Não vi os meus pais, e agradei por isso, porque eu não queria dar nenhuma explicação logo cedo. E antes que eu pudesse sair de casa, pedi para a Rosi me preparar o seu chá milagroso e só após bebê-lo eu saí de casa. Ainda estou a caminho da agência, e desejando que esse dia encerre logo para que eu possa me encontrar com a ruiva. Quero convidá-la pessoalmente para ir assistir a minha luta contra o novato, e espero muito que ela aceite.

Diminuo a velocidade do meu carro ao notar que estou me aproximando de uma pequena fila de carros, e repenso na minha decisão ao vir pela avenida principal. Eu fiz esse trajeto na intenção de encontrar a minha mãe, por acaso, já que a academia que ela frequenta fica há alguns metros para frente, contudo, há poucos minutos ela me enviou uma mensagem me informando que estava em casa e não me viu sair, muito menos chegar na noite anterior. Paro completamente devido a fila que está se tornando um pequeno transtorno, olho para o lado e sorrio. Abaixo a janela do meu carro e buzino suavemente chamando a atenção da Charmander. De início ela franze o cenho, mas sorri ao notar que sou eu e aponta para uma vaga disponível diante da academia. Manobro o meu carro e estaciono.

— Entre. — Peço ao abrir por dentro a porta do meu carro. — Oi!

O sorriso em seus lábios continua enorme enquanto ela se senta ao meu lado e eu não consigo controlar o meu desejo. A seguro pela nuca, aproximo os nossos rostos e selo os nossos

lábios. A minha língua avida pede passagem e a Miranda cede ao iniciarmos um beijo profundo.

— Oi!

Ela sussurra ao recuperar o fôlego.

— Tudo bem? Não conseguimos nos encontrar ontem...

Acaricio o seu rosto com a palma da minha mão e fico fazendo círculos com o meu polegar em sua nuca.

— Eu estou bem e você? Me parece estar cansado.

— Dormi pouco e mal. — Resmungo. — Enfim, como será o seu dia hoje? Eu gostaria de almoçar contigo, preciso conversar um pouco.

— Eu preciso ver, mas acho que tenho um tempinho para almoçar...

— Somente um tempinho?

Aproximo novamente as nossas bocas e ela ri.

— Você deseja um almoço e iremos fazer exatamente isso.

— E se eu quisesse algo a mais?

— A noite. — Ela anuncia. — A noite no meu apartamento, irei fazer um jantar para nós.

Arqueio uma sobrancelha surpreso com a sua informação, mas gosto muito de saber disso, pois noto que é um ponto de dedicação.

— Irá fazer um jantar? — Distribuo beijos em seu rosto. — Gostei de saber.

— Não é nada demais. — Ela resmunga ao me empurrar pelos ombros.

— Certo, não é nada demais. — Murmuro.

Um pequeno sorriso banha o canto dos seus lábios, eu a beijo mais uma vez de forma suave e fico a olhando fixamente. O seu olhar me transmite segurança, afeto, ternura e muitos outros sentimentos, entretanto, mesmo que essas coisas estejam evidentes, a Miranda não as deixa evidentes em suas atitudes e fala. E mesmo que tudo estivesse exposto em um outdoor, eu não conseguiria ficar completamente tranquilo, pois tudo me remete ao passado. Isso quer dizer que eu estou vendo que quem está mais entregue nessa relação sou eu.

— Eu preciso ir, tenho que trabalhar.

O meu olhar passeia pelo seu corpo, analiso a sua vestimenta e volto a minha atenção aos seus lindos olhos.

— Suponho que o seu escritório não seja um ambiente apropriado para esta roupa, muito menos o tribunal, aliás, é a sua roupa que não é apropriada para estes dois lugares.

— Você é cismado com a minha roupa, em. — Ela resmunga.

Rio suavemente e acaricio a sua cintura por cima do seu macacão de ginastica.

— É muito reveladora, e me anima mais do que eu poderia esperar, além de que faz a minha mente imaginar tudo e mais um pouco, por mais que eu já conheça cada centímetro do seu corpo.

— Por Deus, Jensen! — Ela desvia o seu olhar do meu. — Eu preciso ir, antes que tudo pegue fogo.

Maneio a cabeça para os lados ao sorrir, seguro a Miranda pela nuca e selo os nossos lábios mais uma vez. Em poucos segundos ela se afasta, sai do meu carro e me avisa que irá me esperar no seu escritório. Respiro fundo, manobro o meu carro e saio da vaga ao voltar a dirigir rumo a agência. Estou exausto, com o corpo doendo e ainda existe uma pontinha de ressaca no meu ser. E logo tudo isso irá sumir quando eu for almoçar com a Miranda e poder conversar com ela, e por mais que eu nunca tenha conversado com ela referente ao divórcio dos meus pais, contudo, eu preciso conversar e não irei falar com a advogada, mas sim, com a mulher que eu estou me relacionando.

Ontem, eu acabei conversando com os rapazes sobre os últimos acontecimentos familiares, eles ficaram surpresos com a novidade referente aos meus pais e comentaram que acham normal, pois ficou mais do que visível que a decisão que tomaram há algumas semanas foi algo completamente precipitado e que está tudo bem eles terem se arrependido, ainda mais enquanto era tempo. E é bom eles terem reatado, pois eles são um casal que tem tudo para viver juntos até o fim da vida. Ouvir tudo aquilo só ressaltou o que eu acredito e penso em relação a eles, e desejo que essa nova chance que eles se derem seja para sempre.

Cumprimento a Ky assim que adentro na agência, peço para ela me servir um café e vou rumo a minha sala. Largo o meu celular

sobre a mesa, me sento em minha cadeira e dobro as mangas da minha camisa social. Esfrego o meu rosto entre as minhas mãos e bocejo ao sentir os meus ombros pesados. O meu olhar recai sobre a gaveta trancada, procuro a chave entre as demais e abro a pequena fechadura. O envelope pardo está aqui, *gritando* contra a minha face e pela primeira vez em anos, eu fico indiferente a ele. O afasto para o lado e pego o meu iPad. Preciso rever alguns pontos que o meu pai deixou explícito na nossa última reunião, e eu preciso fazer isso logo, porque daqui a pouco irá acontecer revisão e manutenção de algumas aeronaves e eu preciso estar presente. A porta da minha sala se abre, a Ky entra e serve o café.

— Oliver e Leon já chegaram?

— Leon está resolvendo questões de finanças, Oliver saiu para ir verificar as manutenções...

— Eu que iria fazer isso.

— Vocês dois. — Ela me corrige. — Ele já foi, pois o pessoal tinha chegado mais cedo e precisavam que a liberação para o serviço fosse iniciada.

— Tudo bem. — Resmungo antes de beber um longo gole do meu café. — Eu irei em breve.

— Está tudo bem? — Ela me questiona.

— Estou exausto, mas animado para este dia.

— Creio que essa animação tenha a ver com aquela ruiva bonitona.

Rio suavemente, a Ky faz sinal positivo e sai da minha sala. Enquanto bebo o meu café, releio a transcrição sobre a reunião e noto que o meu trabalho é maior do que eu imaginava. Envio uma mensagem para o Oliver pedindo para que ele se responsabilize por tudo, pois eu não poderei ir porque o trabalho aqui está exigindo a minha atenção. Em seguida ativo o alarme do meu celular para que eu não perca o horário do meu almoço com a ruiva, e mergulho na pilha de afazeres. Isso não irá ajudar em nada com a minha dor de cabeça, ressaca e cansaço, mas é a minha obrigação.

[...]

— Eu não posso deixar o senhor entrar.

Ouçõ a recepcionista correr e em segundos ela entrar na minha frente, impedindo a minha passagem. Eu estou no escritório da Miranda, vim buscá-la para irmos almoçar, mas essa garota parada bem na minha frente, está deixando me deixando irritado com a sua intromissão.

— A senhorita Thurman está me esperando.

— Não, eu não irei cair nessa novamente. — Ela resmunga. — Da última vez que o senhor esteve aqui, eu tomei uma bronca por deixá-lo entrar sem autorização.

Coço a minha barba por fazer e encaro a recepcionista. Eu não imaginei que a Miranda fosse brigar com ela devido a minha invasão a sua sala, entretanto, hoje não é uma invasão, pois, ela está me esperando e sabe muito bem que eu estava vindo para cá, conseqüentemente está me esperando. Decido ser gentil, dou dois passos para trás e aponto para o telefone sobre a bancada.

— Avise a ela que eu estou aqui.

A recepcionista respira fundo, retorna até a sua cadeira e se senta. Ela pega o telefone e liga para a sala da Miranda enquanto me olha fixamente, com medo que eu avance diante da sala e entre *sem autorização*.

— Doutora Thurman, o senhor Brown está aqui e desejava falar com a senhorita. — Ela informa e em seguida a sua expressão se suaviza. — Tudo bem.

— Você me autoriza a ir até a sala?

É visível o deboche no meu tom de voz e ela acena sem dizer uma palavra se quer. Os meus passos são longos, em segundos eu entro na sala da Miranda e avanço em sua direção. Me inclino sobre a mesa, seguro em sua nuca e ataco os seus lábios. As suas mãos batem com força contra os meus ombros e eu me afasto por alguns centímetros.

— Oi, Jensen!

— Oi, ruiva. — Lhe dou mais um beijo e por fim me afasto completamente. — A sua recepcionista não foi muito com a minha cara.

— E ela não tem culpa em relação a isso, não é mesmo? No dia que você invadiu a minha sala, eu tive que dar uma pequena chamada na Micaela.

Dou de ombros, demonstrando pouca importância e relaxo o meu corpo contra a confortável cadeira.

— Nós já podemos ir almoçar?

— Por favor.

Eu a contemplo quando a Miranda se levanta de sua cadeira e dá a volta na mesa. Ela está usando calça jeans de lavagem clara e uma regata de cetim na cor vinho. O seu cabelo está preso num coque, fazendo com que boa parte da sua pele fique exposta e eu desejo correr os meus dedos por cada centímetro. Depois despi-la lentamente, tento a oportunidade de contemplar a sua beleza. Eu construiria um altar apenas para adorar esta mulher, pois, ela é digna de adoração e clamor. A ouço me chamar, eu volto a olhar para os seus lindos olhos e me coloco de pé.

— Deseja ir em algum lugar específico?

— Não, mas saiba que eu não sou como os demais norteamericanos que preferem comer fast food nos almoços, eu gosto de comida de verdade, independente da demora.

— Tudo bem, iremos comer algo de verdade.

Coloco a minha mão espalmada sobre a sua lombar, nós saímos da sua sala e eu a guio rumo ao elevador. Micaela nos observa com atenção, e um pouco de receio. A ruiva a avisa que irá voltar em breve, as portas do elevador se fecham e eu aproveito para puxar a Miranda para perto de mim. Deixo o seu corpo preso entre o meu e a parede do elevador, acaricio a sua bochecha corada e aproximo os nossos lábios. Eu estou tendo atitudes irreconhecíveis, como por exemplo, agir desse modo, estar grudado a ela, sempre a beijando e a acariciando.

— Eu sinto que existe algo a mais nesse almoço.

— Eu quero conversar um pouco, além de que, eu queria te ver e poder ficar um pouco contigo, por mais que não seja do modo que eu necessito.

— Só pensa em sexo? — Ela me questiona.

— É impossível não pensar quando estou com você ou penso em você.

Ela fecha os olhos sentindo o meu dedilhar sobre o seu colo, fecho a minha mão ao redor do seu pescoço e um suspiro escapa da sua boca. Infelizmente, as portas do elevador se abrem, eu entrelaço as nossas mãos e saímos do prédio. Eu abro a porta do meu carro para ela, em seguida dou a volta e me sento no banco do motorista. Coloco o cinto de segurança, e acelero devagar, ainda pensando onde podemos ir almoçar.

— Foi ao *Fight* ontem? — A ouça me questionar.

— Fui, precisa me distrair ainda mais após a notícia que eu tive durante o jantar com os meus pais.

A olho rapidamente e noto que a sua expressão continua neutra.

— E o que você e o seu irmão acharam da novidade?

— Eu fiquei surpreso, mas quero o bem da minha mãe acima de tudo, entretanto, o Leon ficou um tanto furioso.

— Por quê?

— Por estar achando que eles podem estar se precipitando mais uma vez, e daqui alguns meses perceberem que o certo era ter se divorciado mesmo.

— Olha, eu entendo isso, mas eu não acho que seja o caso dos seus pais. É visível ainda o amor deles, o carinho e o desejo de serem um casal, e foi bom eles terem notado isso. — Miranda comenta. — E isso é muito normal de acontecer, eu já realizei outros divórcios que ocasionaram na mesma situação e até mesmo, após a assinatura da separação, decidiram tentar mais uma vez.

— O maior problema para o Leon é que eles agiram de forma precipitada, foi do dia para a noite.

— Deixa eu te dar um exemplo... — Ela fica em silêncio por alguns segundos pensando em algo. —, conhece alguém que se casou de repente, sem ter planejado, pensado no futuro juntos, etc.?

— Oliver e Penélope.

— Ah, é mesmo. — Ela ri. — A atitude que eles tiveram foi precipitada, assim como os seus pais quando decidiram se separar de repente. É a mesma questão, mas em pontos diferentes.

— Bem pensado, ruiva.

Estico a minha mão em sua direção, acaricio o seu joelho e a deixo pousada sobre o alto da sua coxa.

— E então, foi ao *Fight* marcar alguma luta?

Gosto da sua curiosidade em relação a isso.

— Irei lutar na sexta-feira da próxima semana e gostaria que você fosse me assistir. — O silêncio se torna incomodo e eu a olho por alguns segundos. — Eu sei que você não gosta...

— Eu acho algo totalmente violento e perigoso, mas eu vou pensar com carinho no seu convite.

— Por favor.

Entrelaço as nossas mãos, as levo até os meus lábios e beijo os nós dos seus dedos. Acelero o meu carro ao lembrar de um bom lugar que podemos ir, desejo mentalmente que esteja tranquilo e mantenho a minha mão junto da dela. Eu tenho uma necessidade muito grande de ficar tocando nela, ficar grudado e isso foi cômico no início, porque ela odiava a minha aproximação, mas ainda bem que isso mudou, e agora ela deseja tanto quanto eu, a nossa aproximação e os nossos toques. Outro ponto importante que retorna a minha mente neste momento, ontem quando eu fiquei sozinho no *Fight* repensei em tudo o que aconteceu nesses poucos dias que estamos nos relacionando e a insegurança em relação a este romance estar sendo superficial. E isso acontece devido a um receio de eu iniciar um novo ciclo vicioso ou retornar ao qual quase me definiu há alguns anos.

— Como estão as coisas na agência?

— Hoje de manhã estive atolado de trabalho.

— Isso é bom.

— Por um lado sim, mas por outro não, ainda mais quando a dor de cabeça, cansaço e ressaca são a companhia matinal.

— Ressaca? — Ela questiona interessada.

— É, bebi com os rapazes ontem no *Fight* e acabei perdendo a noção da hora.

— Então passou a noite por lá mesmo?

— É. — Sinto o clima ficar tenso e não entendo o porquê. Eu olho para a Miranda e percebo que ela está encarando a janela ao

seu lado. — Eu *conversei* com a Day sobre o que ela fez.

— Quem é Day?

— A *ring-girl*. — A minha resposta a faz bufar. — Deixei claro que ela deve ficar longe de você ou irá se ver comigo.

— Eu pensei sobre aquilo e cheguei à conclusão de que se ela se achou na liberdade de me afrontar é porque tinha liberdade em relação a você.

— Jamais!

— Não foi ao que pareceu. — Ela resmunga.

Decido não debater sobre este assunto, pois irá apenas nos desgastar. Solto a mão da Miranda, seguro firmemente o volante e manobro ao encontrar uma boa vaga para estacionar. Nós descemos do meu carro, eu coloco a minha mão espalmada novamente em sua lombar e adentramos no restaurante. Peço ao maitre uma mesa para apenas duas pessoas, ele nos guia pelo ambiente e nos indica a mesa no centro. Nos sentamos, ele serve o cardápio para cada um de nós e se afasta. Eu já vim aqui com os meninos, gostei bastante e foi o primeiro local que surgiu em minha mente para que eu pudesse vir com a ruiva. Decido o que eu irei comer, chamo o garçom e ele anota o meu pedido. Em seguida anota o pedido da Miranda e se afasta ao avisar que logo virá nos servir.

— Como está o trabalho?

— Tranquilo, pelo menos hoje. — Ela sorri. — Aliás, está bem devagar, pois o julgamento dos Lewis está chegando e isso faz com que as pequenas causas sejam adiadas, apenas se não forem de urgência.

— O que você acha desse julgamento?

Bebo um pequeno gole da minha água enquanto mantenho a minha total atenção a Miranda, e isso é um enorme esforço, pois eu me distraio facilmente ao focar na sua beleza.

— É necessário, entretanto, eu não acho correto caracterizarem os Lewis como '*culpados*' ou cúmplices do que o James fazia.

— A madrasta deles, a senhora Evan, deu um depoimento que mudou tudo e o Eduard estará no tribunal como mais uma vítima

das atrocidades do maldito.

— Fale isso baixo. — Ela ordena. — É bom saber que ele não será acusado como o pai dele deveria.

— Ele merecia a morte, mas não deveria ter sido daquela forma, pois ele deveria ter sofrido lentamente...

— Você fala isso com tanto desejo.

Dou de ombros, ao preferir não responder nada e ela continua a me olhar intrigada. Eu perco o limite quando começo a falar sobre o maldito do Lewis, pois o ódio é enorme e o desejo de matar ele com as minhas próprias mãos ainda é real dentro de mim.

— Imagino que você irá assistir o julgamento.

— Irei mesmo, é um grande caso, de extrema importância e irá agregar bastante. — Ela comenta. — E, além disso, eu e a minha família conhecemos os Lewis há anos, e estar lá é como dar um apoio a eles.

— Margareth estaria desolada com esse julgamento.

As palavras simplesmente voam da minha boca sem que eu me der conta.

— A senhora Lewis protegia os filhos o máximo que conseguia, mas nem sempre era suficiente. Eduard foi o qual mais sofreu nas mãos do pai...

— Emily sofreu muito também, mas aconteceu antes da fuga deles. — Informo ao interrompê-la e a Miranda me olha com atenção, esperando que eu conte mais. — Ele, o James, não queria que ela se reaproximasse do Dominic e praticamente a espancou, que fez ela parar no hospital. E isso aconteceu no mesmo dia que eles decidiram fugir, ou ela acabaria tendo o mesmo final que a mãe teve.

— Ele era carrasco, a minha mãe me disse isso e... — Ela olha ao redor para ter a certeza de que ninguém está prestando atenção em nós. —, a Lewis deixou um apartamento em segurança...

— É, eu sei dessa história. — Resmungo.

— Sabe também que existem coisas dentro dele, acho que são provas referente aos afares dos Lewis?!

Fico estático a encarando em silêncio, e a minha atenção é desviada quando o garçom se aproxima. Ele serve os nossos

pedidos, nos deseja um bom almoço e se afasta. Eu perdi a fome, existe um bolo em minha garganta que impede até mesmo a passagem da saliva. Encaro a costela de porco sobre o meu prato e volto a olhar para a Miranda. Eu não posso deixar transparecer para ela, pois as chances são grandes de eu cair numa rede de questionamentos.

— Eu duvido, porque se as provas existissem mesmo, ela teria deixado para os filhos, pois era visível que em algum momento o lado obscuro do James viria à tona e saberia que os filhos iriam precisar muito dessas provas.

— É, bem pensado.

Ela começa a comer e eu continuo a observando. Não é justo eu continuar a esconder alguns pontos quando são questionados, porém, não é o momento de ela saber sobre o meu passado e quando esse momento chegar, será quando teremos algo sério definido entre nós. Miranda me questiona se eu não irei comer e eu aceno. É melhor eu ignorar esse turbilhão que surgiu dentro de mim, e fingir normalidade.

— E sobre o nosso jantar... — Chamo a sua atenção. —, eu não sabia que cozinhava.

— Eu gosto de cozinhar no meu tempo livre, é como uma terapia.

Rio suavemente ao pensar nas possíveis conversas que o Dominic e ela terão.

— Dominic ama cozinhar, vocês terão muitos assuntos para conversarem.

— Calma. — Ela ri. — Eu faço o básico, nada muito elaborado.

— E o que você fará para nós?

Coloco um pedaço de carne em minha boca e mastigo devagar, torcendo para que eu consiga engolir.

— Eu ainda não sei, irei passar no mercado assim que sair do escritório.

— Quer que eu leve algo?

— Não, acho que não é preciso, mas qualquer coisa eu te aviso.

— Tudo bem.

Ela sorri e voltamos a comer, em silêncio. A música ambiente é clássica e agradável, as vozes dos demais clientes presentes são suaves e baixas, que não interferem nas demais. Estico o meu braço sobre a mesa, toco na mão da Miranda e ela sorri ao prender o seu olhar no meu.

— Você está com um olhar diferente. — A ruiva comanda.

— Como assim? — Questiono.

— Eu não sei.

— Então isso pode ser que, você estar me olhando diferente e não que eu esteja com um olhar diferente.

Ela franze o cenho, ao ficar pensativa e eu acaricio os nós dos seus dedos. Afasto a minha mão ao permitir que ela termine o seu almoço, em seguida lhe pergunto se irá querer sobremesa e ela acena após pensar muito. Eu chamo o garçom, peço apenas um café para viagem, enquanto a Miranda pede um pedaço de *strawberry shortcake* para comer agora. Ela volta a entrelaçar as nossas mãos e sorri suavemente. Ela começa a falar alguma coisa, mas eu não consigo ouvir o que é, pois, a minha atenção está voltada a observá-la.

As suas bochechas levemente coradas, o seu olhar brilhoso, a sua boca carnuda que remexe sem parar, pequenas mechas soltas do seu cabelo estão diante do seu rosto redondo. Olhá-la assim, com muita atenção, como eu já fiz diversas vezes anteriores, é um pouco surpreendente, pois diferente das outras vezes, neste momento eu a vejo brilhando. É como se ela fosse a única em meio a tantas coisas que está a nossa volta que consegue prender a minha atenção, ela consegue atrair os meus olhos da forma mais absurda que eu já vivenciei em toda a minha vida.

Uma suposição absurda surge em minha mente e eu fico completamente assustado, então decido afastar as nossas mãos. Cruzo os meus braços diante do corpo, e desvio o meu olhar da Miranda. Decido ignorar esse sentimento/suposição momentaneamente e me distraio quando o garçom aparece novamente. Ele serve os nossos pedidos, eu aproveito para pedir a conta e como um imã, eu volto a olhar para a ruiva diante de mim. Ela está completamente distraída enquanto se delicia com a sua

sobremesa e um pequeno sorriso surge em meus lábios. Ao mesmo tempo que ela é uma mulher excepcional, madura, decidida, ela é apenas uma menina de vinte e poucos anos, que iniciou a carreira agora, carrega inseguranças e temores.

— Eu estava precisando comer algo doce. — Ela declara num tom baixo. — Você quer um morango?

— Não, obrigado.

A sobremesa que ela pediu é feito de *Sweet biscuit* (pãozinho feito com fermento químico), morangos frescos e *chantilly*.

— Como é a sua preparação para as lutas?

— Treino, refeição balanceada e equilíbrio mental.

— E quando você arruma tempo para treinar?

— Nas madrugadas ou assim que amanhece, mas eu tenho estado em falta nesses dias que se passaram.

— Por quê?

Noto que tem um pequeno rastro de *chantilly* no canto de sua boca, estico o meu braço em sua direção e passo o meu polegar sobre creme branco.

— Porque eu tenho ficado ocupado com algo mais... gostoso.

As suas bochechas coram e eu tenho a maior certeza que, por de trás dessa mulher imponente, existe uma garota que está por de trás, querendo se aventurar e viver um dia por vez.

— Eu não quero ficar te atrapalhando. — Miranda resmunga.

— E quem disse que está? — Questiono. — Você está me ajudando muito.

— Ajuda sexual não irá te fazer ganhar uma luta.

— Você acha que eu não irei ganhar daquele idiota?

Ela revira os olhos e eu não entendo o motivo disso.

— Eu não sei, porque eu não conheço você como um lutador e nem sei como é o seu adversário.

— É aquele novato...

— Eu sei quem é, ele é amigo do Julian.

Franzo o meu cenho ao pensar no dia da apresentação do novato e sobre a aparição do tal do Julian no *Fight*.

— O seu *amigo*... — É visível o meu desdém. —, estive no *Fight* no dia da apresentação do novato.

— É, eu sei.

— Desde aquele dia, ele começou a provocar a nós, os *5M*.

— Ele reclamou de vocês, reclamou sobre a exclusão em relação ao camarote...

— Quando que ele reclamou disso?

— No dia da apresenta... — E então ela se cala.

— Você estava no *Fight* naquele dia? — Questiono. — Eu vi apenas o Julian saindo de lá, pois, eu estava ao lado do carro dele.

Miranda comprime os lábios e acena suavemente. Eu não a vi no estabelecimento, muito menos a vi junto com o Julian. Algo nessa história não está fazendo sentido.

— Onde você estava?

— Na arquibancada.

— E quando o Julian saiu do *Fight*?

— Eu já estava no carro dele. — Ela me informa. — Assim que acabou a apresentação, eu saí de lá e fui diretamente para o carro.

Eu também sai do *Fight* quando encerrou a apresentação do novato, e sem saber eu parei ao lado do carro do Julian e fiquei conversando com os rapazes, conseqüentemente, o nome da Miranda surgiu em meio a conversa.

— Espere aí! Então você ouviu a minha conversa com o Dominic e com o Oliver?

— Ouvi menos do que eu gostaria, mas não foi culpa minha. Foi você que parou ao lado do carro e começou a conversar com os meninos.

— Eu falei sobre você.

— Eu sei. — Ela anuncia.

— E? — Questiono.

— E o que, Jensen? — Ela questiona indiferente. — Eu não me importei e queria ter ouvido o que mais você iria falar de mim, mas o Julian atrapalhou.

Fico surpreso, porque imaginei que ela fosse detestar isso, de eu falar sobre ela para demais pessoas. Ela reforça que gostaria de ter ouvido o que tanto eu falei dela e eu acabo rindo da sua curiosidade.

— Apenas disse que eu ia continuar tentando, pois estava desejando muito você.

— Quer saber de algo interessante? — Aceno diante do seu questionamento e ela se inclina suavemente em minha direção. — Eu estava te desejando desde Las Vegas, e queria que tivesse acontecido lá, mas ao analisar tudo até agora, entendo que o melhor foi ter acontecido como exatamente foi, porque se tivesse sido naquela noite do bar, teria sido apenas uma noite.

— A espera valeu a pena, ruiva.

— E como valeu. — Ela sorri.

Ao finalizar a sua sobremesa, nós nos levantamos da mesa e eu vou rumo ao caixa após pegar o meu café. Pago o nosso consumo, entrelaço a minha mão na da Miranda e saímos do restaurante. Foi bom ter um momento assim com ela, por mais que tenha sido por poucos minutos, e isso me deixa mais próximo a ela, ter uma relação mais real, já que estávamos apenas nos encontrando durante a noite e em lugares propícios para termos uma boa noite juntos. Vejo um carro conhecido estacionar diante do meu, diminuo os meus passos e observo o Dominic e a Emily. Eles notam a nossa presença e andam em nossa direção. Mesmo que a Lewis abrace a Miranda, a minha mão continua entrelaçada a dela e eu cumprimento o meu amigo com um aceno.

— Já estão indo? — Ele nos questiona.

— Temos que trabalhar.

— A minha secretária me informou do seu contato, estou esperando você aparecer no escritório.

Franzo o meu cenho ao ouvir a frase da Miranda e olho diretamente para a Lewis.

— Eu irei nessa semana ainda. — Emily a informa.

Eu preciso saber o motivo dessa aproximação. Arqueio uma sobrancelha ao olhar para o Dominic, ele dá de ombros e eu decido me despedir, com a desculpa que preciso chegar logo de volta a agência. Me afasto deles, abro a porta do meu carro e a Miranda se senta no banco do motorista. Antes que eu possa dar a volta, ouço o meu amigo me chamar e eu o olho.

— Sexta-feira, após a sua luta, terá um jantar no meu apartamento, espero vocês lá.

— Irei pensar sobre isso.

— Será para comemorar a sua vitória.

Aceno positivamente, enquanto a Emily encara o namorado de forma repreensiva. Eles entram no restaurante, eu entro no meu carro e coloco o cinto de segurança. Saio devagar ao adentrar na via movimentada e chamo a atenção da ruiva ao meu lado.

— O que a Lewis quer com você?

— Ela quer que eu seja advogada dela.

— E você irá aceitar?

— Eu não, nós precisamos conversar primeiro e eu preciso de todas as informações possíveis. — Ela informa. — Por que, Jensen?

— Curiosidade, apenas. — Resmungo.

Tenho receio sobre a Emily ficar sabendo que o apartamento que era da Margareth está comigo, entretanto, eu estranho esse silêncio do Eduard – ele está sabendo da verdade –, e até agora não veio falar comigo, muito menos me confrontou. Outro ponto importante e talvez esse seja o motivo dessa ausência, é ele estar esperando pela irmã para que ambos possam vir com tudo para cima de mim e eu não terei muita escapatória. Desejo mentalmente que a Emily não fique sabendo da verdade, pois, eu estou vivendo um momento de paz e quero que ele se prolongue por muito tempo. E o que a Miranda comentou sobre o apartamento, é extremamente improvável que seja verdade. É apenas um apartamento, mobilhado e decorado com dedicação e mais nada existe lá.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO DEZOITO

*Você acha que eu sou estúpido?
Você acha que eu sou um louco de merda,
tendo você na minha mente?
Você acha que estou desamparado?
Minha álgebra vai ser igual a você toda vez
Você acha que estou chamando?
Você acha que eu estou chamando seu nome toda noite?
Garota, eu estou caindo por você*
Genius – LSD (Labrinth, Sia & Diplo)

Me esforcei ao máximo para que eu pudesse me concentrar apenas nos meus afazeres da agência, entretanto, a minha mente estava voltada a suposição que surgiu durante o almoço: estar apaixonado. Não é algo indesejado, contudo, também não é algo bom neste momento, por mais que fosse provável que isso acontecesse, eu desejava que o ponta pé inicial viesse da parte da Miranda, porque assim eu me sentiria mais seguro e tranquilo para poder abrir o meu peito voluntariamente para este acontecimento. E ao me apaixonar primeiro, me faz ter a impressão de que o meu peito foi invadido e rasgado sem opção e muito menos autorização. Estar apaixonado não é ruim, tão pouco ser pela ruiva, mas o receio é o meu companheiro.

Ao perceber que eu estava sem saída diante deste sentimento, acabei decidindo que deveria conversar com a única pessoa que poderia me acalmar e aconselhar. E é por isso que eu estou aqui, cara a cara com a minha mãe, esperando pacientemente pela sua atenção total para que eu possa contar o que está acontecendo no meu interior. Eu sei que não deveria recorrer a ela, principalmente por eu já ser um homem adulto de mais de trinta anos, entretanto, ela é a única que pode me compreender, pois, é a única que tem a consciência sobre tudo o que passei nesses anos, mesmo sem eu ter falado uma palavra se quer referente ao assunto.

— Pronto, pode falar, Jen. — A minha mãe anuncia assim que fecha a tela do seu MacBook.

— Por mais que eu não tenha falado detalhadamente tudo o que aconteceu entre mim e a Margareth, não quer dizer que a senhora não saiba, não tenha ideia do quão afetado eu fiquei e como a situação me perturbou por anos a fio.

— E o que isso tudo quer dizer?

— Eu acho que estou apaixonado pela Miranda.

— Eu ainda não me acostumei a tratá-la como Miranda, eu a conheço como Charlote ou Thurman.

Sorrio suavemente ao dar de ombros.

— Estar apaixonado não era algo que eu planejava que fosse acontecer em tão pouco tempo, ainda mais por achar que eu estou mais entregue na relação do que ela. E isso não é muito agradável, pois, da última vez que isso aconteceu... — Me calo ao suspirar e abaixo a minha cabeça. —, não foi tão legal.

— Jensen, eu entendo o seu temor, entretanto, eu te aconselho a conversar com a Thurman.

— Eu queria ouvir algum conselho seu.

— O meu conselho é esse: vá conversar com ela e conte tudo, pois ambos precisam ser realistas um com o outro.

— Mas é muito recente o que estamos vivendo.

— Pense comigo... — Ela me pede. —, é melhor que ambos estejam cientes do que está acontecendo desde o início, do que vocês se separem e ambos sofram devido à falta de conversa, verdade e sinceridade.

— Eu não me sinto preparado para conversar com ela.

— Então se prepare, pois essa conversa precisa acontecer.

Aceno positivamente, ao me calar e suspiro.

— Possivelmente, irei passar a noite fora. — Informo. — Irei jantar no apartamento da Miranda...

— E irá passar a noite por lá mesmo.

— Provável.

Me levanto do sofá, me aproximo da minha mãe e dou um beijo no topo da sua cabeça. Lhe desejo uma boa noite, saio de casa e em segundos já estou dentro do meu carro. Acelero rumo ao meu destino após colocar o cinto de segurança, aperto as minhas mãos ao redor do volante e penso em tudo o que a minha mãe

falou, mesmo que não tenha sido algo que eu esperava. Conversar com a Miranda sobre paixão, não é algo que eu desejo que aconteça neste momento. Eu realmente desejo que ela seja a primeira a falar sobre isso, pois, será mais fácil lidar se for dessa forma.

Eu preciso de pelo menos um maldito – bendito – conselho, preciso de uma direção, mesmo que eu já seja um homem adulto, contudo, é a primeira vez que eu estou lidando com algo assim após tudo o que aconteceu em relação a Maggie Lewis. Talvez isso seja um possível trauma que *ela* tenha deixado em minha vida. Maldição! Esfrego a minha testa com a palma da minha mão direita, respiro fundo e me concentro no trânsito. A minha noite deve ser apenas a ruiva, pois, é a única mulher presente em minha vida neste momento. E o passado/Margareth deve ficar em seu devido lugar, no passado.

Estaciono o meu carro diante do prédio da Miranda, mas ao invés de sair do automóvel, eu decido fazer algo que estava extinto da minha vida há alguns dias. Me inclino sobre o banco do passageiro, abro o porta-luvas e procuro pelo meu maço de cigarro. Remexo em todos os cantos, e não encontro nem se quer o meu isqueiro. Tento lembrar sobre a última vez que eu o vi e me lembro que foi na noite que o *amigo* da Miranda apareceu em seu apartamento para se declarar. O maço e o isqueiro estavam no bolso da minha calça e desde então eu não os vi mais.

Decido sair do meu carro após fechar o porta-luvas, aciono o alarme e aperto o interfone. Sem questionar sobre quem é, a porta é destravada e o meu acesso é liberado. Atravesso o hall, entro no elevador e aguardo pacientemente. Eu queria ter fumado pelo menos um cigarro antes de ficar cara a cara com a mulher que está conseguindo me conquistar... estou prestes a ficar cara a cara com a mulher que eu estou supostamente apaixonado. Certo, supostamente não é uma palavra existente nesse sentimento, porque ele é verdadeiro e muito forte. Saio do elevador, dou alguns passos e paro diante do apartamento.

— Oi

Miranda abre a porta, mesmo que eu ainda não tenha tocado a campainha.

— Oi, ruiva.

— Está tudo bem?

Aceno diante do seu questionamento, beijo o topo da sua cabeça e adentro em seu apartamento. O cheiro está ótimo, mesmo que eu não tenha ideia do que ela esteja cozinhando. Retiro o meu casaco, o deixo sobre o braço do sofá e sigo a Miranda rumo a cozinha.

— O que você está cozinhando?

— Eu espero que você goste, é algo que costumamos comer no Brasil. — Ela anuncia sorridente. — Picanha assada, legumes cozidos, purê de batata, arroz branco e salada.

— O cheiro está ótimo. — Elogio.

— E fiz sobremesa, aliás, comprei, porque a sobremesa não é o meu forte, principalmente em questão de sorvete, mas eu fiz o bolo e assim teremos um delicioso *Petit Gateau*.

— Essa parte não era preciso, pois, você é o que eu desejo para depois do jantar.

As suas bochechas coram e ela desvia o olhar do meu.

— E para acompanhar o jantar, selecionei um ótimo vinho chileno.

— Estou diante de uma *Masterchef*.

— Não exagere. — Ela resmunga.

Olho ao redor, em busca de ajudá-la em fazer algo e não encontro nada.

— O que eu posso fazer?

— Apenas se sentar na mesa e se deliciar com o jantar, assim que o arroz terminar de ficar pronto.

— Se é assim, eu irei acatar a sua ordem.

Me sento diante da mesa de jantar posta, esfrego uma mão na outra e volto a observar a Miranda. A minha mãe estava certa ao me aconselhar a conversar com a ruiva em relação ao sentimento que está me dominando, mas eu ainda não me sinto preparado.

— Eu achei algo estranho caído no chão do meu quarto. — Miranda comenta.

— O que? Se eu puder saber.
— Um maço de cigarro e um isqueiro...
— É meu! Eu estava procurando por eles...
— É seu? — Ela questiona incrédula. — Eu não acredito que você seja fumante, principalmente por ser um lutador;
— Eu não sou fumante. — Resmungo.

Ela revira os olhos.

— E é o que então?

— Apenas fumo em momento cruciais, de muito estresse.

Ela me encara seriamente.

— Eu não aceito que fume aqui dentro e muito menos que se aproxime de mim após o seu uso de droga lícita.

Reviro os olhos diante de sua declaração.

— Você pode, pelo menos, devolver o que é meu?

— Eu sinto muito, mas joguei fora.

Eu não irei reclamar, brigar ou qualquer coisa do tipo, porque posso muito bem ir comprar outro quando eu atingir um pico elevador de estresse e não conseguir fugir do desejo que fumar pelo menos um cigarro. Coço o canto da minha boca e repenso em minhas atitudes. É difícil largar um vício assim, da noite para o dia, por mais que eu saiba que não faça bem para a minha saúde, ainda mais por eu ser um lutador.

— Descobriu um segredo meu. — Debocho.

— E existem muitos outros a serem descobertos.

Pior que ela está malditamente certa.

— Talvez não.

Tento transparecer indiferença, contudo é uma tarefa muito difícil.

— Eu acho difícil. — Ela ironiza.

A observo me servir um prato cheio, ela se senta diante de mim com um prato idêntico e eu nos sirvo o vinho. É uma boa safra, e é cara. Eu bebo um pequeno gole, experimentando a sua boa escolha e elogio. Corto um pedaço da carne, junto com os demais ingredientes e coloco na boca, provando os seus dotes culinários.

— Está muito bom, ruiva.

— Gostou mesmo?

— Muito.

— Eu fico feliz em saber disso. — Ela sorri. — E você, sabe cozinhar?

— O básico do básico para não morrer de fome.

— Cristo! — Ela ri. — Então deve ser por isso que ainda mora com a sua mãe.

— Não, não é por isso. — Resmungo. — E você sabe, eu já lhe expliquei sobre essa situação.

— Eu sei, estou apenas te provocando.

Eu volto a observá-la com muita atenção, e ela volta a brilhar diante dos meus olhos. É, eu estou completamente apaixonado por essa mulher. Lembro-me sobre o convite que lhe fiz referente a minha luta e eu chamo a sua atenção.

— Você irá na minha luta contra o novato?

— Eu ainda não tive tempo de pensar.

— Espero muito que vá. — Toco suavemente em sua mão e volto a comer. — Eu quero você lá.

Miranda acena positivamente e volta a sua atenção ao seu jantar.

— Eu irei pensar, já lhe disse isso.

— Eu sei e está tudo bem.

Se ela não for, tudo bem, eu irei compreender e entender. Entretanto, eu desejo muito que ela vá e veja o quão bom eu sou dentro do octógono.

[...]

A semana passou voando, foi como uma fração de segundos, um piscar de olhos e chegou o dia da minha luta contra o novato. Treinei fortemente todos os dias, me dediquei por diversas horas e me sinto mais do que preparado para enfrentar aquele idiota e irei mostrar para ele o porquê de ele não ter direito a muitas regalias do *Fight*, principalmente acesso ao camarote dos 5M. E por estar decido a vencer essa luta no primeiro round, eu não fui para a agência, muito menos trabalhei de casa. Eu me mantive focado em me concentrar, acalmar e relaxar. Não costumo treinar no dia da

luta, porque me sinto sobrecarregado e não fico com um bom desempenho.

E não consigo entender como os rapazes já tiveram esse tipo de atitude, principalmente o Oliver no dia que lutou contra o Lewis. Foi um combate árduo, que eu cheguei a duvidar que o meu amigo fosse sair vencedor e inteiro, mas ainda bem que tudo deu certo e ele nocauteou o Eduard. E a minha vez que ter essa mesma conquista está próxima a acontecer e eu estou ansioso. No dia que essa luta acontecer, o ódio, passado, rancor, raiva etc., não entrará naquele octógono, pelo menos, não da minha parte. Neste momento eu estou no camarote, aproveitando os últimos minutos em silêncio antes que os meus amigos cheguem. Apenas o Dominic e Leon estão aqui, me fazendo companhia e me auxiliando.

Eu deveria estar na sala de treinos, mas o novato está lá e como iremos entrar em combate em breve, o melhor é ficarmos afastados, ou essa luta poderia começar antes mesmo de entrarmos no octógono. Me levanto do sofá, jogo a garrafinha de água fora e me aproximo do Dom. Ele começa a colocar a atadura na minha mão direita e no mesmo segundo a minha atenção é roubada quando ouço a porta se abrir. Lauren, Penélope, Oliver e Noah se aproximam para me cumprimentar, mas os meus olhos estão focados em outro alguém. A ruiva veio, como me prometeu mais cedo e eu estou feliz por vê-la aqui.

— Boa sorte. — Lauren me deseja ao me abraçar.

— Obrigado.

— Arrebente o novato. — Oliver me pede.

— E saia inteiro dessa luta. — Penélope pede.

Eu apenas aceno e sorrio, antes de impedir que o Dominic coloque a atadura na minha mão esquerda. Me afasto do meu amigo, ao me aproximar da Miranda e acaricio a sua bochecha corada. Em seu corpo tem um vestido vermelho com alguns desenhos de flores, existe um laço na sua cintura e isso me dá um gatilho sexual.

— Oi. — Sussurro.

— Eu prometi que viria.

— Obrigado.

Ela sorri e me avalia. Eu já estou usando apenas calção, os meus pés estão descalços e a adrenalina está começar a correr pelas minhas veias. Após a luta, todos nós iremos jantar no apartamento do Dominic, e será a primeira vez que nós estaremos reunidos num ambiente tão pequeno e terei que conviver com a Lewis. E em falar nela, não a vi por aqui ainda, mas sei que está resolvendo questões das lutas de hoje, principalmente a minha. Ouço o Dom me chamar, eu volto a me aproximar dele e permito que termine de me auxiliar. Observo a Miranda sentada no sofá, entre as meninas e ela está me olhando fixamente. Noto a sua apreensão e tento passar um pouco de conforto ao lhe direcionar um sorriso.

— Ela está preocupada, igualmente como as meninas ficam quando qualquer um de nós irá lutar. — Dominic comenta num tom que apenas eu ouça.

— Ela não gosta de lutas, e é a primeira vez que ela assiste uma minha, então é palpável a apreensão que exala dela.

— Você não pode adquirir a apreensão dela.

— Eu sei, e estou tentando passar tranquilidade para ela.

— Foque na sua luta e nós cuidaremos dela.

— Qual é o problema? — Leon questiona ao se aproximar de nós. — Preocupado com a luta?

— Jamais. — Rio e chamo a atenção de todos. — Estou confiante e irei vencer no primeiro *round*.

— Nós já conhecemos o tamanho do seu ego, Jensen. — O meu irmão resmunga.

Penélope se inclina na direção da Miranda e sussurra algo.

— O que você está sussurrando aí, princesinha?

— Eu apenas disse para a Thurman que você é sempre assim, auto confiante. — Penélope me informa.

— Ele é competitivo. — Lauren exclama em alto e bom som.

— E vocês me adoram, não é mesmo?

Todos riem quando eu reviro os olhos e o silêncio reina quando a porta do camarote volta a se abrir. Emily entra parcialmente e me encara.

— Está pronto? — Aceno diante do seu questionamento e ela respira fundo. — Em dois minutos começa a sua luta, então é melhor já ir descendo.

Dominic me avisa que irá me esperar no corredor, ele sai da sala junto com a namorada e eu me aproximo da Miranda. Seguro em sua mão, a levo para o canto onde podemos ficarmos afastados dos demais e seguro o seu rosto entre as minhas mãos.

— Em menos de cinco minutos estarei de volta e sem nenhum hematoma.

— Não seja assim, tão alto confiante, porque quando a decepção vier, será destruidora.

— Não estou sendo auto confiante, apenas verdadeiro. Eu sou melhor que ele e você verá.

— Certo. — Ela resmunga, mas acaba sorrindo. — Boa sorte.

— Obrigado.

Sinto vontade de lhe beijar, mas eu não irei fazer isso no meio de todos os meus amigos – por mais que saibam/imaginam como está a nossa relação –, porque na minha cabeça ter esse tipo de atitude é colocar o nosso patamar acima do que está nesse segundo. O seu sorriso diminui aos poucos e eu decido que é hora de ir enfrentar o meu adversário. Dou um beijo na testa da Miranda, me afasto devagar ainda mantendo o meu olhar conectado ao dela e respiro fundo quando eu saio do camarote. O casal está me esperando no corredor, nós descemos a escada e eu aguardo pacientemente ser anunciado. Observo a Emily subir no octógono, fazendo o estabelecimento se calar absolutamente, permitindo que a sua voz ecoe por todos os cantos.

— Boa noite a todos, sejam muito bem-vindos ao *Fight*: o lugar que aflora diversos sentimentos e sensações enquanto assistimos as lutas vorazes e um pouco... ardilosas. — Emily olha ao redor em busca de algo. — E para iniciarmos essa noite, nada melhor do que começarmos com um combate flamejante.

O público grita e aplaude, incendiando um pouco mais da minha garra interior em vencer.

— Arrebenta o novato, mas dentro das regras. — Dominic me pede.

— Não precisa pedir isso, muito menos me lembrar das regras. Ele revira os olhos e volta a sua atenção a namorada.

— Hoje, a primeira luta será um combate de gerações. De um lado temos o novato, Kaká... — Emily anuncia fazendo que o idiota suba no octógono. —, e do outro lutador, temos o experiente e praticamente invencível, Brown.

Dominic bate em meus ombros, eu dou alguns pulinhos e ando firmemente rumo ao octógono. Encaro friamente o meu adversário e ele parece não se importar. Enquanto coloco as minhas luvas com a ajuda do preparador físico, ouço com atenção o que a Emily está contando ao público. De todos esses anos que tenho de carreira, eu perdi apenas cinco vezes, isso quer dizer que o meu nível é de pura excelência. E o novato, em suas três lutas, venceu todas. Eu sei que nem sempre a experiencia é garantia de sucesso, contudo, hoje esse quesito será posto à prova diante de todos, por mais que saibam desde já quem é o vencedor.

— Concentração. — Dominic ordena.

Aceno positivamente, me aproximo do centro do octógono e bato o meu punho contra do meu adversário.

— Façam uma boa luta, respeitem as regras e que o melhor vença. — Emily deseja.

— Você sabe quem já é o vencedor.

Ela revira os olhos diante do meu sussurro, em seguida sai do octógono e o juiz nos relembra das regras. Por mais que sejam básicas, elas são de extrema importância e devemos nos lembrar a cada movimento que fazemos, aliás, lembrar antes de realizarmos os movimentos.

Dar cabeçada; ter qualquer tipo de golpe com os dedos no olho do adversário; morder ou cuspir no oponente; inserir o dedo ou a mão na boca ou narina da pessoa; puxar o cabelo; arremessar o adversário contra a lona pela cabeça ou pescoço. Golpear a espinha ou a parte de trás da cabeça; qualquer golpe na garganta e/ou agarrando a traqueia; usar os dedos esticados contra o rosto/olhos do oponente; golpear com o cotovelo de cima para baixo; qualquer tipo de ataque à virilha; Dar joelhada e/ou chutar a cabeça de um oponente caído; pisar em um oponente caído; segurar a luva ou o

calção do oponente; segurar ou se pendurar na grade com a mão ou os dedos dos pés; manipular pequenas juntas.

Arremessar o oponente para fora do ringue/área de luta; Intencionalmente, colocar o dedo em qualquer orifício ou corte ou laceração do oponente; Agarrar, beliscar, torcer a pele ou carne; Evitar contato com o adversário, intencionalmente ou constantemente deixar cair o protetor bucal ou fingir uma lesão; Usar linguagem abusiva na área de luta; Desrespeitar flagrantemente as instruções do árbitro; Ter conduta antidesportiva que cause lesão ao oponente; Atacar o oponente depois de o gongo marcar o fim do *round*; Atacar o oponente durante o intervalo; Atacar o oponente enquanto ele estiver sob os cuidados do árbitro...

E por aí vai, são muitas regras e somente pessoas com experiência são capazes de se lembrar de cada uma detalhadamente. Me afasto do meu adversário quando o início da luta é autorizado, me transformo no lutador de excelência que eu sempre fui e vou para cima, sem lhe dar a chance de premeditar o primeiro golpe. Consigo acertar o primeiro soco diretamente em sua costela, aproveito a sua guarda baixa e acerto outro soco, mas desse vez em seu maxilar. Kaká me encara incrédulo e dá um passo para trás se afastando. É, *meu amigo*, eu não terei nem um por cento de piedade e irei para cima dele com tudo.

Eu não estou nem se quer me importando quem está assistindo ou quem está torcendo contra mim, neste momento eu apenas quero exercer o meu lado profissional dentro desse octógono. Essa luta está sendo como uma preparatória para o meu combate contra o Lewis, principalmente por saber que ele é tão audacioso quanto eu, que virá para cima sem dó e nem piedade, e é dessa forma exatamente que eu quero. Decido afastar esses pensamentos da minha mente e volto a me concentrar nessa luta do momento. No mesmo segundo, o novato vem para cima de mim, tentando me atingir com o primeiro soco.

O seu punho passa a centímetros da minha mandíbula, aproveito para lhe dar outro soco na costela e o seu corpo é curvado para frente. Essa luta está sendo mais fácil do que eu imaginei e tenho certeza de que no próximo golpe já serei declarado como

vencedor. Dou alguns passos para trás, permitindo que o novato volte ao seu eixo inicial, e o chamo como um aceno de mãos. O seu olhar se transforma em ódio, e essa situação se torna irônica. Os seus golpes são simultâneos, eu desvio de quase todos, mas acabo sendo atingido nos supercílios por um soco potente. A minha visão fica embaçada devido ao filete de sangue que escorre sobre o meu olho e eu passo o meu antebraço sobre o local atingido.

Não foi um dos melhores socos, mas ele conseguiu atingir um local sensível e que se rasga muito fácil, por isso a quantidade de sangue é grande. O juiz paralisa a luta para que eu possa receber atendimento, eu me sento no banco no canto do octógono, bebo um pouco de água enquanto o enfermeiro estanca o sangue. Remexo os meus pés com impaciência e observo o Anthony conversando com o novato. Como eu o conheço muito bem, sei que está passando instruções e sugestões sobre como pode prolongar por mais um *round* essa luta. O juiz autoriza a nossa volta, bato novamente o meu punho contra o do novato e nós nos afastamos, para dar início ao recomeço da luta.

Tento atacá-la, mas o Kaká continua a fugir ao se afastar para os cantos. O juiz o penaliza por falta de combatividade, e eu maneo a cabeça para os lados, ao repreendê-lo. Perco a paciência devido a sua falta de profissionalismo, e começo a cercá-lo. Ou ele irá entrar em combate, ao se defender ou em segundos estará caído nesse octógono. Levanto a minha guarda, me posiciono de forma correta e direciono uma sequência de cinco socos contra a face do meu adversário. Por mais que a sua guarda esteja alta, os meus golpes são feitos com força e precisão. Giro o meu corpo sobre os meus calcanhares, chuto a sua guarda alta e a desarmo.

Os seus braços caem diante do seu corpo e eu lhe dou mais socos. Acerto a maçã do seu rosto, supercílios, queixo e nariz. O sangue começa a pigar sobre a lona debaixo dos nossos pés, me aproximo ainda mais e lhe dou um *jab* diretamente eu seu queixo, fazendo com que a sua cabeça seja jogada diretamente para trás e em segundos ela cai estirado no octógono. O juiz se interfere entre nós, pede para que eu me afaste e eu levanto os meus braços comemorando a minha vitória, mesmo que não tenha sido

confirmada. A contagem é iniciada e o Kaká não consegue se colocar de pé antes que o tempo limite seja atingido. O público me ovaciona quando sou anunciado como vencedor e eu comemoro ao correr ao redor do octógono.

— Venceu facilmente. — Dominic debocha.

— Venci de olhos fechados.

Ele ri e me segue rumo a sala de treinos. O novato será levado rumo a enfermaria e ganhará todos os cuidados necessários. Eu estou muitíssimo bem, a sensação é como se eu estivesse feito um treino mais árduo. Pego a minha mochila sobre o sofá, entro no banheiro e fecho a porta. Retiro o meu calção, entro debaixo do chuveiro e ligo a água morna, que cai sobre mim, relaxando os meus músculos e levando embora o suor. Esfrego o meu couro cabeludo, fecho os meus olhos e deixo a água cair sobre o meu rosto. Desligo o chuveiro, seco o meu corpo e me visto rapidamente.

Por mais que eu prefira estar na companhia dos meus amigos, nesta noite, eu desejo que o jantar seja rápido para que eu possa aproveitar a noite com a Miranda. Nesses dias que se passaram, nós nos aproximamos mais do que eu imaginei que poderia acontecer, por mais que tenham sido pontos simples, como por exemplo, conversamos por horas a fio através de mensagens e até mesmo por ligações noturnas, quando não pudemos nos encontrar. São pequenos detalhes que está me provando que, o que acontece entre nós é natural, leve e diferente de tudo o que eu já vivenciei.

Assim que saio do banheiro, franzo o meu cenho ao notar que a Emily está por aqui. Ela está sentada no braço do sofá, de costas para mim e conversa num tom baixo com o namorado. Dominic está de pé, diante dela e acariciando os seus ombros. Eu finjo uma tosse, chamando a atenção deles e ambos me encaram. Emily me entrega o iPad, eu leio o que está digitado e assino no final. É referente a luta e sobre a porcentagem que irei receber. Devolvo a iPad para a Lewis e paro diante do espelho para trocar o curativo sobre o meu supercílio.

— O dinheiro será depositado na sua conta até amanhã à tarde. — Ouço a Emily me informar.

— Por que essa demora?

Quando o comando estava nas mãos do Anthony, o dinheiro vinha para as mãos dos lutadores minutos após o vencimento das lutas.

— Porque agora temos um setor de contabilidade, financeiro, tudo como qualquer outra empresa.

Concordo com apenas um aceno, pego a minha mochila e saio da sala de treinos. Atravesso o local das lutas, me desvencilhando das pessoas e em segundos saio do estabelecimento. Estacionei o meu carro diante das portas do *Fight*, e não existe vaga melhor que essa, já que é a mais disputada. Coloco a minha bolsa no banco traseiro do meu carro, me encosto contra a lataria e cruzo os meus braços diante do corpo. O que me resta é aguarda pacientemente pela vinda dos demais, já que eu fui o primeiro a sair. Talvez seja ansiedade demais, além de desejo de cumprir certos costumes sexuais e são os quais eu gosto de realizar com a ruiva.

E em pensar nela, a vejo saindo do *Fight* e está conversando animadamente com a Emily. Lauren vem logo atrás conversando com o meu irmão e por fim vem o Dominic, Noah e o casal *Olipen*. Ao voltar a minha atenção para *elas*, eu não soube e prefiro não saber sobre a reunião que tiverem, mesmo que seja certeza que a Miranda irá se tornar advogada da Lewis, assim como aconteceu anteriormente. A mãe da ruiva foi advogada da Maggie, e me causa arrepios somente de lembrar disso. Desejo muito que ela nunca se lembre de mim, contudo, eu pensei muito nesse detalhe e acho praticamente impossível, porque eu estou diferente daquela época, além de que, nós nos vimos por menos de cinco minutos.

— Nós já podemos ir?

Dominic chama a atenção da Emily, ao avisar que elas poderão continuar a conversa no apartamento e eu abro a porta do meu carro para a Miranda entrar. Em seguida dou a volta, me sento no banco do motorista e a olho.

— Você está bem? — Ela me questiona.

— Eu estou e você? Estava apreensiva por causa da luta.

— Estava preocupada, mas você... fez jus ao seu superego.

Rio suavemente e dou de ombros.

— Eu fui realista.

— É, eu tenho que concordar, mas você tem que entender que eu não conhecia esse seu lado, voraz...

A sua boca continua a mexer, mas eu simplesmente me desligo e me inclino em sua direção. Seguro o seu rosto entre as minhas mãos, aproximo as nossas bocas e o seu olhar continua conectado no meu.

— Eu estou louco para te beijar.

— Então, beija.

Raspo os meus lábios nos seus, sinto ela colocar a língua para fora e eu me afasto.

— Eu irei te beijar, mas não será agora.

— Por quê? Eu sei o quanto você quer. — É visível a sua provocação e eu tenho que fazer um enorme esforço para me controlar. — Tenho certeza de que tem um grande motivo por de trás.

— Quando eu te beijar, eu não vou parar... — Acaricio a lateral do seu rosto e deixo a minha boca próxima ao seu ouvido. —, principalmente quando eu estiver indo bem fundo dentro de você.

— Promessas e promessas.

O seu sussurro é provocante e carregado de sensualidade. Eu adoraria continua com essas provocações, mas *infelizmente* concordei jantar com os meus amigos e mesmo que eu esteja com outros desejos, estou feliz por estar fazendo isso juntamente com a Miranda. Eu nunca apresentei ninguém para os meus amigos e família, a ruiva é a primeira mulher que eu decidi expor para todos e isso aconteceu de forma leve, porque não houve pressão ou questionamentos. Miranda se tornou alguém de grande importância em minha vida, conseqüentemente e naturalmente, se aproximou dos meus amigos e cá estamos, todos em uma boa união.

E até mesmo, a ruiva está se dando bem com a Lewis, mas do que eu pude imaginar. Eu desejava que ela fosse próxima a Lauren e a Penélope, já que eu sou próximo a ela, mas não está sendo assim e eu não duvido que ela vá se tornar amiga da Emily muito em breve. Olho para a Miranda por alguns segundos e a verdade fica estampada para cada canto que eu olho. Eu estou apaixonado

por essa mulher, mas ela nem se quer demonstrou estar da mesma forma por mim e isso ainda me preocupa. Estico a minha mão em sua direção, acaricio a sua perna e pouso a minha mão em sua coxa.

O caminho até o apartamento do Dominic é percorrido tranquilamente, enquanto ouço a ruiva contar como foi a sua semana e fico surpreso ao saber que ela irá passar alguns dias fora da cidade, ou melhor, do estado. Ela irá para Nova Iorque, participar de uma conferência, mas estará de volta na quarta-feira, já que na quinta-feira é Ação de Graças e pretende celebrar a data com os pais. Desde já, me sinto saudosos devido a sua ausência e distância de milhares de quilômetros. Por um segundo, uma boa possibilidade surge em minha mente, mas é absurda demais. Eu não posso largar os meus afazeres e deveres, para ter uma semana de férias na companhia da ruiva, mesmo que ela vá estar focada em algo importante.

Respiro fundo ao ignorar essa possibilidade, estaciono diante do nosso destino e saímos do meu carro. Entrelaço a minha mão na da Miranda e sigo o pessoal rumo ao prédio. Nós subimos pelas escadas, eu me mantenho em silêncio enquanto todos conversam animadamente a minha volta e observo que a ruiva já está muito enturmada com todos. É bom ver isso, ainda mais ela, que é uma pessoa especial para mim e sei que os meus amigos gostam dela. Enquanto entramos no apartamento do Dominic, a princesinha avisa que virá em breve e entra no seu apartamento junto com o marido.

Dou de cara com a Lisa assim que adentro na sala de estar, a cumprimento com um aceno e noto um sorrisinho em seus lábios quando vê que eu estou acompanhado, ou seria por eu estar no mesmo ambiente que a Emily sem estarmos trocando farpas?! É uma opção plausível. Me sento no sofá, puxo a Miranda para o meu colo e ela aceita de bom agrado. Deixo a minha mão pousada na lateral da sua cintura e fico fazendo movimentos circulares com o meu polegar. Lauren se senta no sofá oposto, mas de frente para mim e sorri nervosa.

— Está com a mesma sensação que é estranho estar aqui? — Ela me questiona.

— Estou, mas pelo menos está sendo algo tranquilo.

— Até o momento, mas ninguém sabe daqui uns cinco minutos.

Maneio a cabeça para os lados ao reprovar o seu deboche e a Miranda nos olha curiosa.

— Por quê? — A ruiva questiona.

— Ela já teve um breve romance com o Dominic e ainda se sente estranha estar no mesmo ambiente, como se nada tivesse acontecido no passado.

— E você, por que tem o sentimento de estranheza?

Sendo salvo por ações divinas, o Noah se senta ao lado da Lauren e começa a conversar algo totalmente aleatório. Ouço a porta do apartamento se abrir, eu olho em sua direção e observo o meu irmão entrar acompanhado da noiva. A barriga da minha cunhada está ainda maior e eu estou curioso para conhecer o meu sobrinho, ou sobrinha, já que até o momento não estamos sabendo o sexo do bebê. Oliver e Penélope aparecem logo atrás, acompanhados das meninas e a Stephany vem na nossa direção.

— Nós podemos conversar? — Ela questiona a Miranda e olha para trás, para confirmar que o seu irmão está longe. — É rápido.

A ruiva me encara por alguns segundos, desconfiada do que possa ser e acena, ao concordar, mas eu seguro em sua cintura, a impedindo de sair.

— Me solta. — Ela pede num sussurro.

Eu tenho desconfiança do que possa ser, mas eu não posso *obrigar* a ela falar aqui na minha frente seja lá qual seja o assunto. Acabando soltando a cintura da Miranda, ela sai do meu colo e segue a Stephany até o corredor. Desvio o meu olhar para não deixar elas sem graça e com a impressão de que estão sendo vigiadas, e prendo a minha atenção na Lau. Ela corre e se senta ao meu lado.

— Como estão as coisas entre vocês?

— Tudo muito tranquilo e calmo.

— Flores e amor, além de muito sexo.

— Um pouco de cada coisa, tudo na medida certa.

Lhe dou uma piscadela, a fazendo rir.

— É bom te ver assim, aliás, ver vocês assim.

— Assim como? — Questiono.

— Felizes... — Lauren olha na direção da ruiva por alguns segundos. —, e apaixonados.

— Você acha que ela está apaixonada por mim?

— É só olhar para ela, para ter certeza.

E então eu olho para a Miranda e a vejo resplandecendo. Ainda não consegui distinguir entre: se ela está diferente ou é eu que estou a olhando diferente. Os meus ombros caem e eu suspiro. É pesado o sentimento de estar apaixonado de novo, porque ele traz consigo o receio devido a traumas do passado e isso é como andar numa ponte cheia de rachaduras, e prestes a desmoronar. Contudo, fingir que eu não estou sentindo essa paixão, não fará que eu deixe de sentir de verdade. Eu preciso me permitir a sentir tudo, até o momento necessário.

E ela, Charlotte Miranda é aquela que eu posso dizer: eu nunca senti isso por mais ninguém, a não ser por você.

O olhar da Miranda cruza com o meu, e o meu coração começa bater diferente, mas não é a primeira vez que acontece. Eu volto a minha atenção para a minha amiga, noto que ela está me analisando e eu reviro os meus olhos ao ordenar que ela pare. A ruiva volta a se aproximar, mas não se senta de perto de mim, muito menos de volta na minha perna, ela prefere ficar encostada na parede bem ao lado da janela e eu franzo o meu cenho ao encará-la. Ela arqueia uma sobrancelha e olha para a Lau, que continua ao meu lado.

Isso seria ciúme?

Eu me levanto do sofá, me aproximo da Miranda e me encosto ao seu lado. Os nossos corpos estão grudados, o seu cheiro me embriaga e o meu corpo clama pelo seu. O desejo não acaba, ele só aumenta e muito. As vezes até parece assustador, pois eu jamais imaginei que poderia sentir tanta atração assim.

— Está tudo bem?

— Ela quis conversar comigo sobre o Eduard Lewis, pois eu os vi juntos...

— E o Oliver não sabe desse relacionamento. — Informo ao interrompê-la.

— Uh-uh, exatamente.

— E por que decidiu ficar aqui, afastada de mim?

— Quis te dar privacidade para continuar a conversar com a Lauren.

— Apenas isso?

Ela me encara após ouvir o meu questionamento.

— E por qual outro motivo seria?

Dou de ombros ao preferir não responder. Ela acaricia o meu ombro, raspa as suas unhas em meu pescoço e se junta as meninas, quando todas se reúnem para conversar. Eu vou rumo a cozinha, já que é aonde os rapazes estão, puxo uma cadeira e me sento ao lado do meu irmão. Dominic me serve uma cerveja e divide a sua atenção ao forno, e a conversa. Apesar de o apartamento ser pequeno para comportar todos aqui, é um lugar que nos dá conforto e firme ainda mais as nossas relações. Por anos a fio nós nos reunimos, sempre buscamos estarmos juntos, mas desde que a Lewis tinha voltado, os encontros tinham diminuídos e ficou claro que isso era necessário, porque eles precisam se conectarem novamente e principalmente, começarem a viver a relação que deveria ter começado há anos.

— Ganhou a luta facilmente. — Oliver resmunga. — Aquele babaca não tem porte para lutar contra nem um de nós.

— Espero que a luta, principalmente a derrota faça que ele enxergue isso e pare de nos perturbar. — Dominic declara. — Eu não tenho paciência com aquele cara e estou puto com o Anthony, por estar o instigando a criar uma rivalidade desnecessária.

— Eu vi o Anthony o instruindo e não achei nada bom.

— E não é mesmo.

— Vamos falar a verdade, o Anthony o colocou lá para tentar se vingar de nós pelo que fizemos. — Noah comenta.

— Ele deixou claro o ódio que estava sentindo naquela reunião, mas agir assim... — O meu irmão maneia a cabeça para os lados. —, é muito babaca e desnecessário.

— Será complicado conseguir o restante da porcentagem dele sobre o *Fight*, mas a Emily irá tentar de todas as formas. — Dominic nos informa.

— E você, meio, que está no comando também.

Ele ri diante da minha ironia e acena.

— Parcialmente, apenas ajudo nos pontos que acho necessário.

— Quando parar de lutar, irá continuar no meio das lutas, principalmente no *Fight*, isso está mais do que claro.

— Irei mesmo, a luta é algo que corre em minhas veias.

A conversa continua a desenrolar em volta das lutas, e eu acabo relaxando, pois sei que a Miranda está bem e em *boa* companhia. Rio internamente por causa da minha ironia, ao insinuar que a Lewis não é uma boa companhia. Isso já não se aplica a hoje em dia, porque ela não é mais aquela princesinha da máfia, ela se tornou uma mulher responsável, adulta e forte em questão de dias, quando a mãe foi assassinada e teve que se envolver nas merdas do pai. Mesmo sendo contra as atitudes do demônio, ela tinha que estar ao lado e afrente de algumas situações. Olho para o Dominic e sinto a necessidade de deixar claro diretamente a ele que estou feliz por vê-lo bem, assim como eu sei que ele está ao me ver com a ruiva.

Bebo um longo gole da minha cerveja, após concordar com um aceno quando sou questionado se estou realmente bem após a luta. Não era nem se quer para eu estar com esse curativo no supercílio, mas é um lugar sensível e o novato deveria considerar esse pequeno detalhe como um cinturão. Me ponho de pé, olho na direção da sala de estar e observo a ruiva por alguns segundos. Ela está de frente para mim e como atração magnética, o meu olhar conecta com o meu. Sempre é assim, quando estamos diante um do outro, é somente eu olhá-la e ela é atraída para mim. Um pequeno sorriso surge no canto dos seus lábios, eu lhe dou uma piscadela e desvio a minha atenção quando ouço o meu amigo me chamar.

— Você me parece estar um pouco preocupado.

— É impressão a sua. — Resmungo.

— É por causa da aproximação dela com a Emily?

— Não tanto, mas fico meio assim.

— Por causa do assunto do passado?

Eu o encaro sem falar nada e volto a olhar para a sala de estar.

— Emily não irá abrir a boca para falar sobre isso.

— Não e eu não insinuei isso. — Ele resmunga. — Mas você deveria conversar sobre isso com ela.

— Não é o momento. — Resmungo.

— Jensen, é o momento enquanto é tempo.

Percebo que os meninos concordam com ele, eu reviro os olhos e me afasto. Fico parado entre a sala e a cozinha, não é na intenção de ouvir a conversa das meninas, mas é porque eu preciso de um tempinho de sossego. Sei que, o que o Dominic me disse é o certo, e confesso que tenho pensado bastante nisso, contudo, eu percebi que preciso investigar e tentar saber como a Miranda pode reagir em relação a isso. Talvez eu esteja esperando uma tempestade, talvez eu esteja sendo absurdo em meus pensamentos ao acreditar que ela irá me julgar.

As meninas passam por mim ao adentrar na cozinha, Miranda para diante de mim e eu a abraço pela cintura. Ela encara a cerveja em minhas mãos, depois olha para a minha boca e me beija suavemente. Os nossos corpos se encaixam perfeitamente, é como se fossemos feitos um para o outro. Aperto a sua cintura, a puxando ainda mais para perto de mim e passo o meu nariz por seu pescoço. O seu cheiro é o melhor que eu já senti, a sua pele é macia como uma seda. Ela é uma moça doce, e isso me dá um pouco mais de certeza que ela jamais me julgaria.

O pessoal se senta diante da nova mesa de jantar – montada na intenção de comportar todos nós –, eu guio a ruiva e puxo a cadeira para ela se sentar. Cada um se serve, eu bebo mais um gole de cerveja sobre o olhar atento da ruiva e sei muito bem o porquê. Não é certo eu beber e dirigir logo após, mesmo que eu esteja acostumado a cometer essa inflação, por mais que eu saiba o quão grave seja. Deixo a garrafa de lado e começo a comer. Está um clima agradável, não existe nem um pinga de tensão ou desconforto. As irmãs do Oliver informam que irão se sentar na sala

de estar, onde a Lisa continua a cuidar do Andrew, então apenas os casais ficam na cozinha, e o *não-casa* também, Lauren e Noah.

— É bom te receber aqui, Charlotte... — O meu amigo declara com o cenho franzido. —, ou eu deveria te chamar de Miranda? Fico em dúvida.

— Charlotte ou Miranda, tanto faz. — A ruiva declara.

Eu a encaro e ela franze o cenho.

— Quando eu lhe chamei de Miranda, você não gostou.

Ela dá de ombros.

— Eu tive os meus motivos.

— Mas eu acho que não funcionou. — Lauren ironiza.

Todos riem.

— Não mesmo, pois mesmo eu falando para o Jensen não me chamar de Miranda, ele continuava. Aliás, tudo o que eu falei para ele não fazer, ele fez.

— Isso é um mal que vem de anos, então. — Ouço a Emily resmungar.

— Por quê? — Miranda questiona.

Ela me encara e eu desvio o olhar, ao encarar o meu prato. Estava muito bom para ser verdade esse clima de paz e harmonia. Encaro a Emily e arqueio uma sobrancelha, isso deixa mais do que claro que ela não tem o direito de insinuar nada correspondente a mim.

— Não é nada, apenas bobagens. — Penélope intervém.

O clima se torna tenso demais e todo meu apetite vai embora, mas eu me esforço para não fazer desfeita. Emily acaba concordando com a cunhada, e declara que foi uma provocação sem fundamento. A minha real vontade era bater boca com a Lewis e ir embora assim que eu ganhasse superioridade na discussão, como aconteceu na última vez. Entretanto, eu já deixei essa rinha de lado, decidi ignorar as provocações, mas eu não posso suportar as indiretas que *escapam* de sua boca ao estar no mesmo ambiente que a Miranda.

— Nos fale mais de você. — Lola pede ao puxar assunto com a ruiva. — A minha sogra contou que você não é daqui.

— Eu sou daqui, é o meu pai que não é norte-americano. — Miranda corrige. — O meu pai é brasileiro, a minha mãe é norte-americana e eles se conheceram aqui, casaram e tudo mais.

— Brasileiro? Quero poder conhecer o país algum dia. — Lola declara.

— Sim, lá tem muitos lugares lindos. Eu morei por alguns anos no país, mas no início da adolescência voltei para cá e amo morar aqui.

— Escolheu o direito por influência da sua mãe? — Emily a questiona.

— Não diretamente, mas ela auxiliou em minha escolha e até hoje me ajuda em muitas questões. — A ruiva me olha. — Diferente de você e do Leon, que tiveram que assumir a empresa da família.

— Desde sempre soubemos que seria bem assim, mas é um ramo que nós gostamos de estar envolvidos.

— Apesar de toda a cobrança do nosso pai. — Leon completa.

— E você, Dominic, por que escolheu ser lutador? — Miranda o questiona.

— Para sobreviver...

Eu olho para a minha princesinha e noto que ela está com os olhos marejados enquanto ouve a resposta do irmão. Em breve a Polly irá sair da clínica e eu imagino que desde já a mente de todos estão fervendo com essa nova questão a ser trabalhada diariamente. O jantar corre enquanto ela fica sabendo um pouco mais de cada um, e, enquanto ela conta mais de si para eles. Eu gosto de ouvir tudo o que ela tem para contar, mesmo que seja algo que eu já ouvi anteriormente. Após o nosso jantar, todos nós vamos para a sala de estar e ela fica sentada novamente em minhas pernas. Enquanto a minha mão direita está ocupada ao segurar uma nova garrafa de cerveja, a outra mão está na cintura da ruiva. O assunto é relacionamento e ela está contando alguns casos curiosos que já a surpreendeu em seu trabalho, já que lidou com muitas separações.

— Eu tive uma cliente que se divorciou do esposo porque desconfiava que ele tinha amantes, e meses após a separação, ela

descobriu que era apenas achismo da própria cabeça. — Miranda comenta.

— E por que ela achava isso? — Lau a questiona.

— Porque no relacionamento anterior, ele foi amante de uma mulher.

— Apenas por isso?

— Apenas? — Ela me questiona. — É algo sério demais, Jensen.

— É complicado, eu acho, porque o que aconteceu no passado não dá margem ao achismo que iria acontecer no presente.

— Lau resmunga.

— A meu ver, porque é nisso no que eu acredito. Eu não me relacionaria com um homem que já foi amante ou já teve amante em relacionamentos anteriores.

Eu sinto todo o sangue sumir do meu corpo, as minhas mãos começam a formigar e o meu peito dói. Eu tenho a resposta e está mais do que clara que a Miranda pode me julgar, e fadidamente, se afastar. O silêncio se instala no mesmo segundo que a declaração da ruiva choca a todos e eu me sinto completamente perdido. Como eu posso continuar nesse *relacionamento* enquanto ‘escondo’ algo que ela achava grave?

— Por quê? — Emily é a única que tem voz para fazer com que o silêncio acabe. — Você acha que ele ainda teria as mesmas atitudes, mesmo que fosse completamente entregue a você?

— Eu sei que as pessoas mudam, mas é difícil se relacionar com alguém que já esteve entregue a outro alguém e teve uma relação paralela.

— Antes de qualquer possível julgamento, é necessário saber o motivo de tais atos. — Dominic declara.

— Concordo com você em relação a pessoa ter um amante, enquanto estava entregue a outro alguém, mas para tais atos terem acontecido tem um porque por trás. E sobre ser amante, é algo estranho, mas não tão culposos como ter um. — Leon opina.

— Ficou confuso, mas eu entendi o que você quis dizer. — Miranda murmura. — Tenho a impressão de que vocês estão defendendo o ato.

— Não, não é isso. — Emily nega de imediato. — Eu não concordo com a pessoa que tem esse tipo de atitude, ainda mais quando se envolve com alguém que é casada e acaba colocando todos em risco... — O olhar dela recai sobre o meu. —, contudo, eu não tenho o direito de julgar, porque eu não sei como realmente foi esse envolvimento, muito menos o que levou a acontecer, mas aceitar como se fosse algo natural é muito difícil.

— Nem sempre o amor é suficiente para manter o relacionamento, mas independente, o respeito e caráter deve prevalecer acima de tudo. E quando uma pessoa age dessa forma, deixa mais do que claro que ela não tem o mínimo desses dois atos. — Miranda declara.

Tê-la em meu colo se tornou um peso, não devido as suas palavras, mas pelo meu passado e a sua cegueira em relação a ele. Retiro a Miranda do meu colo, saio do sofá e me afasto deles enquanto bebo toda a minha cerveja de uma vez. Coloco a garrafa vazia sobre mesa da cozinha, coloco as minhas mãos dentro dos bolsos da calça e olho para a ruiva. Ela continua a proferir a sua defesa em não se relacionar com *esse tipo de pessoa*.

— Aproveitando que estão todos reunidos bem aqui... — Dominic chama a nossa atenção. —, eu preciso fazer um anúncio importante.

— Relacionado a que? — Oliver questiona.

— Ao *Fight*. — Ele responde.

— Eu já imagino o que seja. — Noah ri animado.

O sorriso surge nos lábios do meu amigo é a única coisa que me dá um pinga de animação, mesmo que eu não tenha a menor ideia do que possa ser.

— Matt Saloon decidiu que no inicio do ano que vem eu irei lutar regulamente em Las Vegas, algumas lutas acontecerão no local oficial do UFC.

Ele olha para a Emily que está com os olhos marejados.

— Dominic está oficialmente fora do *Fight*. — Ela anuncia.

— Essa conquista merece um brinde. — Leon declara.

— Eu comprei algo especial para brindarmos. — Emily comenta ao ir rumo a cozinha.

Eu aproveito a distração de todos e a sigo.

— Você não tem o direito de fazer o que fez há pouco. —
Rosno.

Ela continua a pegar os copos no armário, ignorando a minha presença.

— Você deveria contar a verdade para ela, já que ficou muito claro que ela não tem como ficar com alguém como você.

— Não se envolva na minha vida pessoa, Emily!

Lewis larga a garrafa do Sherry Oak, considerado o melhor uísque e custa nada mais, nada menos que mil dólares.

— Eu não estou me envolvendo na sua vidinha de amantezinho de merda, pois, eu sei que essa vida já se encerrou assim que aconteceu tudo aquilo com a minha mãe e sei que hoje em dia você tem outro tipo de vida, principalmente ao estar aqui com a Charlotte, então, é justo que você seja verdadeiro com ela. Porque ninguém merece estar com alguém que esconde o passado, principalmente, em relação a algo que ela abomina.

O quão babaca eu estou sendo para estar recebendo conselhos justamente da Emily?

— Não insinue mais nada em relação ao meu passado.

Ela sai da cozinha carregando a bandeja com os copos e a caríssima garrafa. Eu volto para a sala de estar, me mantenho longe da Miranda e nós brindamos a essa nova etapa da carreira do Dominic. Após a rápida comemoração, eu chamo a ruiva para irmos embora e ela começa a se despedir de cada um. Penélope me puxa para perto da porta e eu decido sair do apartamento para que eu ouça o que ela quer falar.

— Você já me aconselhou muitas vezes e agora é a minha vez. — Ela anuncia. — Coloque as cartas na mesa ou você irá perder ela.

Apenas aceno silenciosamente e ela revira os olhos.

— Obrigado pelo conselho, princesinha.

Beijo o topo da sua cabeça e ela me abraça apertado. Todos começam a sair do apartamento do Dominic, menos a ruiva e eu percebo que ela está conversando com a Lewis. O meu amigo me

tranquiliza em relação a isso, mas é praticamente impossível eu ter paz ao observar essa cena.

— Largue a minha esposa. — Oliver ordena.

— Ela é a minha princesinha muito antes de ser sua esposa, Baker.

— Você é como um irmão mais velho, mas muito chato. — Penélope declara.

Reviro os olhos com a sua informação, beijo a sua têmpora e me afasto quando a Miranda se aproxima de mim. Me despeço de quem fica, e desço com os demais pela escada de emergência. Ofereço carona para a Lauren, mas ela me informa que irá embora com o Noah. Eu entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e encaro a Miranda por alguns segundos. Eu preciso de um tempo e ficar perto dela fará a minha cabeça doer muito mais. Contudo, ao mesmo tempo eu não quero me afastar, pois, sei que preciso aproveitar cada segundo do tempo que me resta. Então fico dividido se devemos passar a noite juntos ou se eu deveria me afastar e colocar a minha cabeça no lugar.

— Estou exausto... — Declaro. —, mas contente por ter vencido aquele idiota.

— Todo mundo comentou que você venceu facilmente.

— Aquela luta foi como um treino.

Ela revira os olhos diante do meu deboche, mas acaba rindo suavemente. Ouço o meu celular tocar, diminuo a velocidade do meu carro e pego o aparelho que está caído entre os bancos. Olho para a tela e franzo o meu cenho ao ver que o Dominic acabou de me enviar uma mensagem. Desbloqueio o meu celular e abro o aplicativo.

“Emily não teve a pretensão de falar nada sobre o que aconteceu, o assunto surgiu e acabou tendo aquela proporção. E antes que pense, eu não estou a defendendo. Volte amanhã para conversarmos, por favor.”

Eu sei que ele não defende a Emily, independente do que ela faça e eu entendi muito bem o que aconteceu durante o jantar. O assunto surgiu, as palavras saíram da boca da Lewis e me atingiram como um míssil. Antes eu não queria contar para a Miranda por que não era algo que acrescentava em nosso relacionamento, entretanto, agora eu não quero contar por que eu sei que pode nos destruir. Ela vai me odiar e desejar ter nunca me conhecido, muito menos ter se envolvido comigo. Olho para o meu lado direito, estico o meu braço em sua direção e toco em seu joelho. Eu preciso ser sincero, ou irei perder essa mulher.

— Eu posso te confessar algo? — Questiono ao chamar a sua atenção.

— Que você não deveria estar dirigindo porque bebeu durante o jantar? — Ela ironiza.

— Não, não é isso.

— É o que então? — Ela me questiona.

Respiro fundo e mantenho o meu olhar fixo no trânsito, pois eu não consigo falar a olhando.

— Eu estou apaixonado por você.



**CHARLOTE
MIRANDA**

CAPÍTULO DEZENOVE

*O confronto nunca foi minha força
Sempre sinto que eu deveria levar toda a culpa
Mas algo está mudando
E eu não posso mais conter isso, sim
Todos os discursos que eu fiz na minha cabeça
Todos os não e tudo o que eu deveria ter dito*
Loud – Sofia Carson

Apaixonado! Eu estou apaixonado por você! Essas duas palavras estão rodando em minha mente e eu não sei como reagir. Eu fui pega de surpresa, mas não quero deixar que esse silêncio se torne constrangedor a ponto que o Jensen ache que eu estou assustada com a sua declaração. Eu estou gostando dele, gostando muito, mas não parei para analisar se já é paixão. Apenas sei que é forte, intenso demais e que me traz um pouco de temor. Jensen está muito longe de ser o cara que eu imaginei que me relacionaria, contudo, ele está mostrando ser alguém que vale a pena tentar, que vale a pena arriscar. Coloco a minha mão sobre a sua, acaricio os seus dedos e corro os meus dedos pela extensão do seu antebraço.

— Eu...

— Não, ruiva, não precisa falar nada. — Ele resmunga. — É visível que nós não estamos no mesmo patamar, então eu não quero que você se sinta na obrigação de retribuir o que eu revelei.

Não, ele está tendo uma opinião equivocada.

— Quando chegarmos no meu apartamento, nós conversamos sobre isso, por favor. — Peço. — Agora preste atenção no trânsito, pois, o seu cérebro está com um pouco de álcool.

É, talvez seja isso, ele ache que está apaixonado, mas é apenas o álcool fazendo confusão em sua mente. O ouço bufar, em seguida ele retira a mão do meu joelho e aperta o volante entre as mãos. Não é que eu não queira retribuir o que ele disse, aliás, retribuir o sentimento, a questão é que nem eu mesma consigo

entender o que existe dentro de mim relacionado ao Jensen. Naquela tarde, que transamos pela primeira vez, eu estava decidida que seria a primeira e única vez, contudo, assim que eu fui embora, eu não consegui parar de pensar nele e desejar estar mais uma vez com ele. Eu lutei contra o meu interior por alguns dias, mas acabei indo parar no seu trabalho e lhe dando o endereço do meu apartamento. E como já era de se esperar, ele apareceu e de lá não saiu mais.

Praticamente, todas as noites estive por lá e a cada novo dia que se iniciava, eu desejava que a noite chegasse o mais rápido possível para que o seu retorno acontecesse. A minha distração era o meu trabalho, mas ele não saía da minha mente e isso fez com que por algumas vezes eu chamasse alguns clientes pelo nome errado. E isso até aconteceu no tribunal, no meio da defesa do meu cliente, acabei o chamando de Jensen e não foi apenas uma vez.

Eu sempre desejei viver um romance como o dos meus pais, que enfrentaram, superaram e perdoaram de tudo. Enfrentaram a distância no início do relacionamento, já que ficaram separados por alguns meses quando o meu pai retornou para a sua cidade natal. Superaram as dores que surgiram no relacionamento, como os três abortos que a minha mãe teve antes que eu pudesse ser concebida perfeitamente. E perdoaram pequenos detalhes, porque assim como o amor surge nos pequenos detalhes, o amor acaba devido a eles. Eu cresci vendo a devoção que um tinha pelo outro, o amor, carinho, respeito e orgulho.

Viver um relacionamento que se aproxime metade do que eu vi em todos esses anos, é o mínimo que eu desejo e mereço. Eu sou alguém que mereço o melhor, porque eu entrego o meu melhor seja lá o que eu faça e ao, o que eu me entregue. Nesses poucos dias que estou me relacionando com o Jensen, eu não parei para analisar se ele está sendo o alguém que eu mereço, aliás, se ele está sendo alguém que me merece. E sobre estar apaixonada, eu não sei. Gosto muito dele, sempre quero que estejamos juntos e quando estamos separados, desejo encontrá-la o mais breve possível.

Jensen estaciona diante do meu prédio, nós descemos do seu carro e adentramos no prédio. Aperto o botão do elevador e olho para o lutador ao meu lado. Ele está digitando em seu celular, e isso me incomoda um pouco. Ele está completamente alheio a mim, e as suas palavras retornam a minha mente. Apaixonado?! Entretanto, neste momento, o que mais me chama a atenção é a sua declaração referente a saber que nós não estamos no mesmo patamar. Eu não consigo entender muito bem o que ele quer dizer com isso e para saber, nós teremos que conversar e ele precisa abaixar a guarda, já que sempre está desconfiado de tudo, até da própria sombra.

Nós entramos no elevador, seleciono o meu andar e as portas se fecham. Eu olho novamente para o Jensen, o observo guardar o celular em seu bolso e o seu olhar se conecta ao meu. Anseio pela sua aproximação e ele simplesmente sai do elevador assim que as portas se abrem. Eu saio logo após, passo por ele pisando duro e abro a porta do meu apartamento. A sua atitude está me irritando, e isso não é bom. Deixo os meus pertences sobre o aparador ao lado da porta, ando até o sofá e me sento na ponta, antes de desfazer as tiras da minha sandália.

— Ainda tem cerveja na geladeira? — Ouço o Jensen me questionar.

— Tem... — Respondo sem olhá-lo. —, mas eu queria conversar com você e desejo que seja enquanto você está sóbrio.

— Eu estou sóbrio e uma cerveja a mais não fará diferença.

Bato as minhas mãos nos joelhos e encaro o Jensen, ao olhar na direção da bancada.

— O que você quis dizer com: nós não estamos no mesmo patamar?

Ele dá de ombros e bebe um pequeno gole da cerveja.

— Eu sinto que estou mais entregue a essa relação, do que você...

— Você não pode afirmar isso na base do achismo.

O seu olhar recai sobre o meu e sinto os pelos do meu corpo se enrijecerem.

— O que você sente por mim?

— Eu gosto de você. — Assumo.

— Se coloque no meu lugar, ruiva e me diga se a situação fosse ao contrário, se você estaria satisfeita com essa mesma resposta.

— Se fosse uma resposta sincera. — Assinto.

Jensen comprime os lábios um no outro e acena suavemente.

— Não estaria se você tivesse passado por tudo o que eu passei.

— Eu não sei o que você passou, você não me conta o que é, prefere manter os seus segredos guardados a sete chaves.

— Eu tenho os meus motivos.

— E eu... — Suspiro. —, não gosto de ficar no escuro, Jensen.

Ele larga a cerveja sobre o balcão, se aproxima de mim e se agacha na minha frente. As suas mãos se entrelaçam as minhas e o meu coração bate lentamente. É um gesto tão simples, mas eu sinto muita transmissão de sentimento.

— Miranda, eu queria muito que você respeitasse o meu querer neste momento e entendesse que, quando chegar o momento, eu mesmo irei contar a você tudo o que aconteceu.

Eu tenho medo do que possa ser.

— É algo grave?

— Não.

— É algo sobre o seu relacionamento passado?

— Sim e ela morreu, aliás, foi assassinada. E por este motivo que eu não quero conversar sobre o assunto.

Arregalo os meus olhos assustada com a sua informação e aperto as suas mãos, tentando lhe dar um pouco de conforto. E mesmo que eu respeite o seu pedido, eu tenho algumas perguntas que precisam serem expostas neste momento.

— Você ainda gosta dela? Ou a ama?

— Eu tenho um grande carinho por ela, sempre terei e ela está em meu coração...

— Uma vez eu ouvi uma frase... — Comento ao interrompê-lo e ele me encara com curiosidade. — Tem uma pessoa parada na porta do seu coração, ela não entra, mas também não sai e com isso ela bloqueia o tráfego. Então não deixe outras pessoas

entrarem e sua vida não anda, porque eu, sinceramente não sei como é possível lidar com isso.

— *Ela* não está atrapalhando o tráfego e jamais faria isso, porque, o que eu vivi com ela foi rápido e apenas eu estive entregue na relação. E descobri isso há pouco, quando alguns fatos foram revelados e desde então, eu entendi algumas questões, fazendo com que eu pudesse viver como deveria. Ou como os meus amigos disseram: ser o Jensen que eu era antes *dela*.

— E você ainda não respondeu a minha pergunta.

— Eu nunca a amei, e seria impossível continuar gostando de uma morta, principalmente ao saber que ela nunca gostou de mim. *Ela* gostava que eu gostava dela, simples assim. — Ele dá de ombros. — E, hoje, eu gosto de outra pessoa e ela está aqui, diante de mim.

É inevitável sorrir.

— Eu também gosto de você.

— Eu posso ficar satisfeito com isso. — Ele ri.

Esse assunto aflorou a minha curiosidade e eu sinto a minha boca coçar. Acaricio os dedos do Jensen, volto a olhar em seus olhos e decido matar a minha curiosidade.

— Eu tenho algumas perguntas, mas nada muito revelador.

— Pode perguntar, mas eu não garanto que irei responder.

— Quem a assassinou?

— Alguém muito próximo a ela e eu descobri recentemente.

— Quando esse assassinato aconteceu?

— Abril de dois mil e nove.

Analiso um pouco a data e franzo o meu cenho.

— Nesse mês aconteceram muitas coisas. — Comento. — O seu amigo foi preso, a senhora Lewis foi assassinada também.

— É. — Ele desvia o olhar do meu e se levanta. — Vamos encerrar esse assunto, por favor. Eu quero te curtir um pouco, ruiva.

Sorrio involuntariamente.

— O que você quer fazer?

Jensen arqueia uma sobrancelha e sorri maliciosamente. O observo andar preguiçosamente pelo meu apartamento, ele volta para o balcão da cozinha e se apoia sobre ao voltar a beber a sua

cerveja. O seu olhar ainda se mantém fixo no meu e mesmo que seja algo neutro, acende um fogo descomunal. Desvio o meu olhar, me levanto do sofá e vou rumo ao meu quarto. Acendo a luz ao adentrar no cômodo, olho diretamente para a minha cama e relembro de todas as vezes que eu estive sobre ela acompanhada. Nem um me fez tão bem quanto o Jensen, nem um foi bom suficiente, nem um me fez sentir tocando nas nuvens.

Eu penso nele vinte e quatro horas por dia, desejo estar com ele todos os dias e sempre que eu o vejo, anseio pelo toque de suas mãos firmes em cada centímetro da minha pele e pela sua boca onde quer que ela toque. Não me interessa por ele apenas interesse sexual, porque vai muito além disso. Eu gosto de conversas, as nossas trocas são incríveis, me divirto quando estamos juntos e até mesmo existe momentos de reflexão. Estamos vivendo algo muito bom juntos, eu estou amando vivenciar tudo isso e desejo que isso dure por mais tempo. Me assusto quando o forte braço rodeia a minha cintura, o meu corpo é puxado de encontro ao seu e recebo um beijo em minha nuca.

— Você me assustou.

— Me desculpa, ruiva. — Ele pede num sussurro. — Tive que vir atrás de você.

— Por quê? — Me viro de frente para ele e acaricio o seu tórax. — Eu ia tomar banho...

— Isso mesmo, ia.

Reviro os meus olhos apenas para provocá-lo.

— Às vezes você é muito mandão... — Resmungo. —, mas eu gosto, é excitante.

— E eu gosto desses seus vestidos... — Ele declara ao desfazer o laço presente em minha cintura, que mantém o meu vestido fechado. —, são propícios.

— Mas não são colocados pensando em você.

— Eu irei acreditar nessa sua mentira. — Ele debocha. — Irei acreditar apenas porque você está com uma linda lingerie.

Básica, sem nenhum detalhe e de cor preta, e mesmo assim, diante de seus olhos é algo atrativo. Eu posso estar vestindo roupas rasgadas, e ele irá me elogiar. Me afasto do seu toque ao dar um

passo para trás, mas seguro em sua mão e o faço se sentar sobre a cama. Noto que em sua mão tem uma nova garrafa de cerveja e não acho isso muito bom. Ele bebe tudo que é alcoólico como se fosse água, em segundos consegue secar uma *long-neck*.

Fecho a porta do meu quarto ao empurrá-la com o pé, apago a luz do meu quarto e a única luminosidade é a da lua que adentra pela janela. Os olhos famintos do Jensen estão sobre mim e isso me instiga. Remexo a minha cintura devagar, deslizo as alças do vestido sobre os meus ombros e a peça cai no chão ao meu redor. Levo as minhas mãos até as costas, abro o meu sutiã e a peça fica solta diante do meu corpo. Observo o Jensen largar a cerveja no chão, bem ao lado da cama e relaxa sobre o colchão. Noto que a sua mão esquerda recai sobre o meio de suas pernas e aperta suavemente a sua ereção.

Eu estou completamente molhada, e esse seu jeito faz o ponto entre as minhas pernas clamar por um toque, mas o único toque bem-vindo e desejado é daquele que está próximo a se masturbar diante de mim. E se ele fizer isso, eu não irei saber como me portar. Decido andar em sua direção após jogar o meu sutiã no chão, me sento sobre o seu colo e ele deita os nossos corpos sobre a cama após me segurar pela cintura. As nossas pélvis estão grudadas, o seu membro está duro como uma rocha e para instigá-lo ainda mais, eu reboło lentamente.

Jensen gira os nossos corpos, me coloca deitada sobre o colchão e fica entre as minhas pernas, empurrando a sua pélvis contra a minha. Enquanto a sua mão direita me mantém parada, a direita começa a passear pelo meu corpo desde o meu pé e sobe lentamente pela minha perna. O suave toque da ponta dos seus dedos faz com que um choque elétrico absurdo percorra cada centímetro do meu corpo. Ele pinça um dos meus mamilos com os grossos dedos, em seguida sobe pelo meu colo e me agarra pelo pescoço. Um suspiro sôfrego escapa pelos meus lábios, e ele sorri satisfeito ao ver as reações que consegue me provocar.

— Eu sou muito bom em tudo o que eu faço, e você tem noção disso.

— O que você quer dizer com isso?

— Por que estamos em patamares diferentes?

— Nós não estamos. — Declaro.

— Estamos sim. — Ele reafirma.

— Não estamos, Jensen.

Há alguns minutos eu fiquei chocada com a sua declaração, mas agora, eu sei o que realmente sinto por ele e está tudo bem-estar apaixonada, mesmo que não fosse o planejado. Seguro o rosto do Jensen entre as minhas mãos e olho no fundo dos seus olhos. Como ele não consegue enxergar o que eu sinto por ele, será que eu ajo com tanta neutralidade assim?

— Presta atenção no que estou te falando. — Peço. — Nós não estamos em patamares diferentes, lutador.

Ele franze o cenho e se afasta suavemente, mas mantém o seu corpo sobre o meu. De repente, ele ri suavemente ao manear a cabeça para os lados e aproxima as nossas bocas.

— Você quer me enlouquecer?

E sem me dar a chance de responder, ele sela os nossos lábios e penetra a minha boca com a sua atrevida língua. O nosso beijo é profundo, e surpreendentemente melhor do que todos os anteriores que já tivemos. A sua cintura começa a se movimentar contra a minha e as minhas mãos passeiam pelo seu corpo antes de retirar a sua camiseta. O que juramos e desejamos que seria apenas uma vez, se transformou nisso. Numa paixão inesperada, deixando nós dois completamente apaixonados um pelo outro. Apesar da felicidade, o temor acompanha esse sentimento e deixa tudo muito maluco.

Eu tenho medo porque não sei o que pode acontecer amanhã, semana que vem ou no próximo mês, principalmente devido ao Jensen me deixar no escuro em alguns assuntos primordiais para mantermos uma boa relação. Tenho medo de que possa ser algo que irá destruir essa inflamável relação que estamos construindo, e tenho medo de odiá-lo após a possível revelação. Outro ponto muito importante, mesmo estando apaixonados, eu não quero levar esse romance para outro patamar, prefiro manter tudo como está, porque é como o meu pai costuma dizer: não se mexe em time que está

ganhando. E esse time aqui está fazendo gol atrás de gol e assim que deve permanecer por algum tempo.

[...]

Os dias se passaram, os meus compromissos diminuíram devida a minha ida até Nova Iorque e a chegada do julgamento dos Lewis, além do Dia de Ação de Graças ser hoje. Fiquei apenas três dias longe de Los Angeles, conseqüentemente, longe do Jensen e me pareceu uma eternidade. Senti muita falta dele, mesmo que tenhamos conversado por mensagem em diversos momentos dos dias e por ligação durante as noites. Ele me fez ir à beira da loucura ao proferir as suas safadezas, fez promessas que eu o farei cumprir por bem ou por mal. E acabei percebendo que, essa paixão tem grande probabilidade de se tornar algo a mais e é mais assustador que mil palhaços juntos correndo atrás de mim segurando serras elétricas. Não, é menos assustador, mesmo assim, eu não quero ter que lidar com esse *algo a mais* tão cedo.

Saio do desembarque empurrando a minha mala, ando despreocupadamente entre as pessoas e paro bruscamente ao levantar a minha cabeça. Jensen está aqui, ele simplesmente veio me buscar e nem se quer me avisou que faria isso. Estou surpresa com a sua atitude, mas feliz por vê-lo fazer algo simples, contudo, especial. Eu apresso os meus passos, largo a minha mala e me jogo nos braços do lutador. A sua boca cola na minha, os meus braços rodeiam o seu pescoço e passo as minhas pernas por sua cintura. Eu estou pouco me importando com as pessoas a nossa volta, o que eu mais quero é abraçar e beijar este homem que está me levando a loucura das mais variadas formas possíveis.

— Oi, ruiva!

— Oi, lutador.

— Senti a sua falta. — Ele declara ao acariciar a lateral do meu rosto. — Falta do teu cheiro, do teu toque, do teu beijo, do teu corpo, da tua...

Tampo a sua boca antes que ele possa proferir palavras inadequadas e ele ri contra a palma da minha mão.

— Nós já podemos ir?

Ele balança a cabeça de forma positiva e eu liberto a sua boca. Desço do seu colo, ele segura a minha mala e nós andamos na direção da saída do aeroporto.

— Iremos almoçar na minha casa, na companhia da minha mãe. Ela reclamou que você sumiu.

— Eu não sumi, apenas fiquei muito atarefada.

— Eu sei, ruiva.

— Como foi a sua semana? Aliás, o seu trabalho estava calmo para você poder vir aqui me surpreender?

— Tudo sob controle. — Ele me dá uma piscadela. — Eu quis vir te fazer uma surpresa.

— E eu adorei.

Encosto a minha cabeça em seu braço e recebo um beijo em meu cabelo. Ele abre a porta do seu carro para eu entrar, coloca a minha mala no banco traseiro e se senta no banco do motorista.

— Preparada para almoçar com a minha mãe?

— Estou.

Sarah é uma mulher encantadora e sei que posso tê-la como exemplo. É possível ver a sua paixão, carinho e dedicação por todos aqueles que estão em sua volta e que ela tem importância. De início estranhei ao saber que o Jensen, um homem de trinta e dois anos mora com os pais, mas ao conversar e ver com os meus próprios olhos como é a família Brown, eu entendi e achei fofo. Sarah comprou aquela casa na intenção de sempre ter todos por perto, todos morando juntos e eu creio que ela esteja ansiosa para a volta do filho caçula, já que em poucos meses irá se tornar pai pela primeira vez. Eles formam uma linda família e quando eu soube que a Sarah estava desistindo da separação, fiquei feliz.

Enquanto Jensen dirige rumo à sua casa, eu lhe conto como foi a minha semana. O congresso foi muito bom, acrescentou muito na minha vida profissional e o próximo eu irei estar no palco, falando um pouco sobre ser tão jovem, mas tão sagaz diante dos meus casos. Isso irá acontecer assim que o próximo ano se iniciar e quero muito que Jensen vá comigo, e logo em seguida, eu terei um evento beneficente e ele irá comigo, já que estamos juntos. Anteriormente,

seria Julian que me acompanharia, mas devido a tudo o que aconteceu em nossa relação, o correto – e o que eu quero – é que o lutador seja o meu acompanhante.

Enfim chegamos em nosso destino, descemos do carro e adentramos na casa. Rosi nos recebe com um lindo sorriso, pega o meu casaco e eu sigo o Jensen até a área externa. Sarah está sentada no sofá da área externa, contemplando a natureza em sua volta, mesmo que estejamos no inverno e o vento seja um pouco incômodo. Ela percebe a nossa presença, sorri ao nos olhar e vem em nossa direção. Me cumprimenta com um abraço e dá um beijo na bochecha do filho.

— Como foi a vigem, Charlotte?

— Tudo bem, irei voltar no início do ano. — Olho para o Jensen. — Você poderia ir comigo, é apenas três dias.

— Eu irei. — Ele afirma de imediato.

Fico surpresa, porque ele nem se quer conferiu em sua agenda, muito menos conversou com o irmão e nem se planejou para ir. Sarah nos chama, ao avisar que o almoço já está sendo servido e nós vamos rumo a sala de jantar. Jensen puxa a cadeira para eu me sentar, ele se senta ao meu lado e a sua mãe fica na nossa frente. Cada um se serve, mas o lutador faz questão de servir uma taça de vinho para nós.

— Eu fiquei preocupada com a sua ausência, por um segundo pensei que você tinha dado um pé no Jensen.

Olho rapidamente para o homem ao meu lado e ele dá de ombros.

— Ainda não dei.

— Não deu o pé, não é mesmo? — Jensen resmunga num tom baixo.

Sinto as minhas bochechas queimarem, devido a sua frase maliciosa e chuto a sua perna.

— E como está o casamento, Sarah?

— Estamos reatando aos poucos, mas sabemos que tomamos a decisão correta.

— O meu pai ainda não voltou a morar aqui. — Jensen comenta. — E mesmo que eles ainda estejam casados, eu estou

achando incrível o jeito que estão se relacionando, porque mesmo com a decisão tomada, vocês continuam separados, me refiro a não morarem na mesma casa.

— Mas ele vem para cá alguns dias, às vezes passa a noite aqui, mas por enquanto, decidimos que devemos passar mais alguns dias separados. — Ela explica.

— Vocês devem fazer o que é melhor, independente de quem está ao redor.

— E está bem nós morarmos separados por algum tempo, pois, o que mais importa é o amor que sentimos.

— Nem sempre o amor é o mais importante, contudo, entre vocês é desde sempre. — Jensen comenta e coloca a mão em minha perna ao me olhar. — E quando o amor está presente, devemos ouvi-lo, mesmo que algumas coisas nos chateiem.

— Concordo com você.

O horário corre enquanto almoçamos e conversamos sobre família, relacionamento e vida pessoal. Conversar com a Sarah me faz sentir tranquilidade, além de deixar ainda mais evidente que eu sou bem-vinda e querida nesta família. E mesmo que em alguns momentos o assunto tenha se tornado mais direto – rotular o nosso relacionamento, desejar que eu seja a tal mulher que o Jensen tanto precisa –, e tentando não ser mal-educada, eu ignoro todos esses pontos. Eu estou muito bem e feliz com o que exatamente estamos tendo. É algo legal, gostoso e viciante, mas não é algo que me faz parar para analisar pelo que possa vir. O que tiver que acontecer, será porque deve e sem intromissão terrena.

Nós nos sentamos no sofá da sala de estar, Sarah continua em pé e nos avisa que irá ao supermercado junto com a Rosi, comprar os últimos ingredientes para a ceia. E em fala nisso, logo terei que estar na casa dos meus pais, mas antes eu preciso ir até a minha casa e descansar um pouco. Eu olho para o Jensen, que está sentado ao meu lado e percebo que ele está mais perto do que eu esperava. O seu rosto está próximo ao meu e o seu perfume me atrai.

— Eu senti a sua falta. — Ele declara ao acariciar o meu rosto.

— Eu também senti a sua, lutador.

Lhe dou um beijo suave e acaricio a sua barba por fazer.

— E para matar um por cento dessa saudade, deveríamos ir para o meu quarto... — Ele distribui beijos em meu pescoço.

— Um por cento?

— Foi a única coisa que você ouviu? — Jensen questiona ao me encarar.

— Não, é claro que não. — Rio e acaricio o seu forte tórax. — Teremos que deixar esse plano para a noite, no meu apartamento. Agora eu tenho que ir, quero descansar um pouco e depois ir para a casa dos meus pais.

— Então deveria vir para cá a noite, já que estará por perto.

— Eu prefiro que as nossas noites sejam no meu apartamento, você sabe disso. — Mordo suavemente o seu lábio inferior.

— Tudo bem. — Ele suspira. — Irei te levar até a casa dos seus pais e depois irei treinar um pouco.

— No Dia de Ação de Graças? Deveria fazer algo com a sua família.

Noto ele ficar pensativo diante da minha frase, acena concordando e de repente se inclina em minha direção. Jensen faz com que os nossos corpos fiquem deitados sobre o sofá, e nos beijamos. O abraço pelo pescoço, o puxo para mais perto de mim e aprofundamos o nosso beijo. O toque dos seus lábios faz eu perceber que a minha real saudade era muito maior que eu imaginei. Sinto a sua mão adentrar em minha camiseta, os seus dedos apertam a minha cintura, fazendo com que um gemido escape da minha boca e eu arqueio o meu corpo, ansiando por mais.

— Vamos lá, então. — Ele declara ao afastar as nossas bocas.

— Ir aonde?

— Para a casa dos seus pais. — Ele ri suavemente.

O seu corpo sai de cima do meu, e eu me sinto vazia. Me levanto do sofá, arrumo a minha roupa e o Jensen me abraça. Nós saímos de sua casa, ele abre a porta do carro para mim e eu entro. Me sento no banco do passageiro, coloco o meu cinto de segurança e o observo se sentar ao meu lado. Imediatamente, estico a minha mão em sua direção e a deixo pousada em sua nuca. Os meus

dedos se remexem devagar, ao acariciar a sua pele e o sinto se arrepiar devido aos meus toques. É bom morarmos perto um do outro, contudo, ruim ao mesmo tempo, porque o trajeto não leva nem se quer cinco minutos e logo eu estarei – novamente – distante do Jensen.

— Iremos nos encontrar que horas?

— Nove e meia é um bom horário para você?

— Meu amor, a hora que você quiser, eu estarei disponível.

Forço um sorriso, contudo, o meu coração bate descompassado diante de sua pronúncia – meu amor –, e isso acontece porque eu jamais imaginei essas tais palavras saindo da boca do Jensen. Decido fingir naturalidade e o olho. Ele está com o olhar fixo no trânsito e parece estar pensativo. Talvez as palavras que saíram de sua própria boca tenham o pegado de surpresa. O meu toque em sua pele se torna mais intenso, e sinto o Jen relaxar.

— Você ainda não me disse o que fará no final de ano.

— Irei ficar por aqui mesmo, os meus pais irão viajar para algum lugar. — Jensen comenta. — E você, o que fará?

— Ainda não sei, mas irei ficar sabendo hoje da programação dos meus pais.

— Eu pensei que, se você for ficar por aqui, podemos planejar algo apenas entre nós dois.

— É uma boa sugestão.

Será legal passar um momento, como uma data comemorativa apenas nós dois, apesar de que, o costume seja passar com os nossos familiares. E eu sei que os meus pais não irão se importar muito com a minha ausência, contudo, eu desconfio que eles viagem para passar as festas com algum parente nosso e, confesso, eu prefiro passar com o Jensen. Uma companhia melhor, e satisfatória. Volto a realidade quando sinto o carro parar, noto que estamos diante do meu prédio e eu me viro na direção do Jensen ao retirar o cinto de segurança. Lhe dou um suave beijo, confirmo o nosso encontro da noite e saio do seu carro. Enquanto abro o portão, o observo se afastar devagar e sorrio ao lembrar do seu desejo em passar o final de ano juntos.

— *Chami...*

Franzo o meu cenho e olho para o meu lado esquerdo. Julian está bem aqui, existe um pequeno sorriso em seus lábios e eu tomo a iniciativa de abraçá-lo. Eu senti a sua falta, nós somos amigos e ele simplesmente sumiu há dias.

— Julian, quanto tempo!

— Nós podemos conversar?

— Claro...

A minha atenção é roubada quando eu ouço o barulho de um carro próximo a nós, eu olho na direção da rua e vejo que o Jensen voltou. Será que essa volta tem a ver com a presença do Julian? Acho pouco provável, porque ele não viu o meu amigo se aproximando de mim, ou talvez ele tenha visto antes que pudesse sumir do meu campo de visão. O observo descer do seu carro, ele abre a porta traseira e retira de lá a minha mala, eu esqueci completamente de pegá-la.

— Você esqueceu a sua mala. — Ele declara ao se aproximar de mim, mas mantém o seu olhar fixo no Julian. — E então, eu decidi trazê-la.

— Obrigada.

Ele passa o braço por minha cintura, me puxa de encontro ao seu corpo e beija suavemente os meus lábios, antes de aproximar a sua boca do meu ouvido.

— O que *ele* está fazendo aqui?

— Eu ainda não sei.

— Devo me preocupar?

Eu seguro o seu rosto entre as minhas mãos e olho nos seus olhos.

— Não, e você sabe muito bem disso. — Lhe beijo mais uma vez e sorrio. — Você sabe o que eu sinto por você.

— Eu sei, mas também sei do que ele sente por você.

— E para mim não significa nada.

Jensen acena suavemente, me beija pela última vez e se afasta ao ir rumo ao seu carro. Eu pego a minha mala, mas o Julian se prontifica a me ajudar e nós adentramos no prédio após eu convidá-lo para subir. Nós entramos no elevador, aperto o botão do meu andar e o silêncio é absoluto enquanto a caixa de metal se

locomove. Em segundos a porta se abre, eu saio na frente e ando na direção do meu apartamento. Destranco a porta, a empurro e respiro fundo ao estar de volta em casa. Fiquei poucos dias longe daqui, contudo, senti falta. E não existe nada melhor a que estarmos em nossa própria casa. Julian deixa a minha mala no chão, bem ao lado do sofá e olha ao redor, ao girar o seu corpo sobre os próprios calcanhares.

— Parece que faz um ano que eu não vinha aqui. — Julian comenta ao olhar para mim.

— Fazia muito tempo mesmo.

— E como estão as coisas?

— Tudo bem, eu estava em uma conferência em Nova Iorque e voltei há poucas horas.

— E... — Ele coça a garganta. —, está se relacionando com o filho da sua cliente ainda?

— Senta-se. — Indo o sofá e nós nos sentamos, mas um longe do outro. — A mãe do Jensen não é mais a minha cliente e sim, eu estou me relacionando com ele.

— Você está feliz?

Noto que não existe mágoa ou descontentamento, apenas preocupação.

— Estou. — Respondo. — Ele me faz feliz, eu o faço feliz e nós somos felizes juntos.

— E eu fico feliz por você. — Ele toca em minha mão e acaricia os nós dos meus dedos. — Soube que até está frequentando o *Fight*.

— Soube por quem?

— O meu amigo é lutador lá e...

— Ele e o Jensen lutaram há alguns dias.

— Eu fiquei sabendo. — Ele resmunga.

— Me conte, como você está? — Questiono ao mudar de assunto.

— Bem e preciso ir diretamente ao assunto. — Ele declara atraindo totalmente a minha atenção. — Nos dias que eu voltei para a minha cidade de origem, conversei com alguns conhecidos e apareceu uma oportunidade ótima de emprego. Eu achei que não ia

dar em nada porque concorri com pessoas que tinham mais anos de experiencia na área, mas ontem recebi um e-mail informando que eu consegui a vaga.

— Eu fico muito feliz por você! — O abraço apertado por longos segundos. — Isso quer dizer que você irá voltar para a Espanha?

— Irei, assim que passar as festas de final de ano.

Acaricio os seus dedos, conecto os nossos olhares e a emoção toma conta de mim.

— Eu vou sentir a sua falta. — Confesso.

— Você tem uma boa distração e logo não se lembrará mais de mim.

— Não fale isso. — O repreendo. — Você é meu amigo.

Julian se levanta, me puxa em sua direção e nós nos abraçamos.

— Eu irei sentir muito a sua falta, *Chami*.

[...]

— É, ele irá embora.

Remexo as ervilhas que estão em meu prato.

— É gratificante saber que ele conseguiu o que tanto queria.

— O meu pai comenta.

— E como vocês ficam nesta história? — A minha mãe me olha com curiosidade.

— Nós? Eu e ele? — Questiono a fazendo assentir. — Nunca existiu eu e o Julian.

— Eu te disse, flor. — O meu pai murmura a olhá-la.

Respiro fundo e decido contar uma novidade para eles, mesmo que eu esteja nesse relacionamento há semanas.

— Eu estou com alguém. — Anúncio chamando a atenção deles.

— Quem é ele? — O meu pai questiona.

— Alguém muito bacana, está à frente do negócio da família junto com o irmão há dez anos e é lutador de MMA nas horas vagas.

— E quanto anos ele tem? Aonde mora?

— Tem trinta e dois anos, mora aqui perto.

— E aonde vocês se conheceram? — Agora é a vez da minha mãe questionar.

Respiro fundo mais uma vez e encolho os meus ombros.

— Filho de uma cliente, mas acabou que não demos avanço com o processo e foi quando decidimos nos aproximar de vez mesmo.

— Charlotte Miranda...

— Ei, não. — O meu pai a interrompe. — Hoje é Ação de Graças e temos que estar feliz pela nossa filha, a nossa única filha e ela está feliz, nos basta isso.

A minha mãe acena positivamente. Terminamos o jantar, e iniciamos a sobremesa. Eu a ajudei fazer o doce preferido do meu pai: pavê. Me sirvo com uma pequena quantidade do doce em minha tigelinha de cristal e questiono aos meus pais sobre os planos deles em relação ao final de ano. Não me surpreendo ao saber que eles estão planejando ir para o Brasil, visitar os familiares do meu pai. Informo que infelizmente não poderei ir, devido ao meu compromisso em Nova Iorque na primeira semana de janeiro e isso me faz lembrar de que, o Jensen irá gostar de saber dessa novidade e desde já estou curiosa para saber quais são os seus planos.

Após finalizar a sobremesa, me despeço dos meus pais e saio apressada da casa deles. Marquei as nove da noite com o Jensen, o relógio na tela do meu celular está marcando nove e cinco, concluindo que estou atrasada. Entro no meu carro, coloco o cinto de segurança e acelero rumo ao meu apartamento. Por sorte é a menos de cinco minutos de distância e espero chegar antes do Jensen. As ruas estão praticamente vazias, e isso é bom, porque além de permitir que o meu trajeto seja mais rápido, e por saber que as pessoas ainda continuam levando a sério a comemoração deste dia.

Logo estaciono na garagem do meu prédio, adentro no elevador e aguardo pacientemente. Assim que as portas se abrem, eu pulo para fora da caixa e ando saltitante rumo ao meu apartamento. Abro a porta e me surpreendo ao ouvir uma música

tocando baixinho, as luzes estão apagadas e eu sinto um cheiro, que não consigo reconhecer o que é, mas aquece o meu corpo e acende o fogo em meu interior.

— Me atrasei, mas estou aqui. — Declaro ao fechar a porta.

— Consegui preparar algo legal para a gente.

Retiro o meu casaco e o penduro

— Esse é mais um dos bons motivos para eu ter de dado uma chave do meu apartamento.

— Foi uma das melhores decisões, só está atrás da sua decisão ao me dar uma chance.

Rio suavemente e ando em sua direção. Dou um beijo suave em seus lábios, acaricio o seu tórax e vou até o balcão para me servir com uma taça de vinho.

— Contei de você para os meus pais.

Jensen vira a cabeça em minha direção e eu noto o seu cenho franzido, mesmo assim, os seus dedos continuam a trabalhar ao abrir os botões de sua camisa.

— E eles?

— Tranquilos. — Declaro. — O meu pai perguntou algumas coisas sobre você...

— E a sua mãe? — Percebo um tom de urgência em seu questionamento. — Você disse quem eu era.

— Não, ainda não, porque nós nem se quer conversamos sobre isso. — Declaro. — Ficou preocupado?

— Não, não foi isso. — Ele responde ao desviar o olhar do meu.

— Ei... — Chamo-o, fazendo me encarar.

— Quer ir se deitar na cama? — Ele questiona ao se curvar em minha direção e deixa as nossas bocas próximas. — Eu posso te fazer uma massagem bem gostosa.

A sua boca se arrasta pela pele do meu pescoço, passa pelo meu ombro nu e desliza a alça da minha camiseta. A sua mão direita direta adentra os fios do meu cabelo, puxa a minha cabeça para trás e aproxima os nossos lábios.

— Eu quero. — Sussurro.

— O que você quer, Charmander?

— Massagem, beijos, sexo... tudo o que você tiver para me oferecer.

— Eu posso oferecer isso e muito mais, ruiva.

Sinto um arrepio percorrer todo o meu corpo, todos os meus pelos se eriçam e eu selo os nossos lábios. Jensen deita o seu corpo sobre o meu, eu me ajeito sobre o sofá e permito que a sua cintura se encaixe na minha.

— Vem! Vamos para a cama. — Ele pede ao sair de cima de mim. — Precisamos de um lugar confortável.

Jensen segura em minha mão, me puxa e eu fico em pé. Ele me abraça por trás e caminhamos abraçados até o meu quarto. Acabo me lembrando que irei ficar por aqui mesmo nas festas de final de ano, e fico de frente para o lutador. Ele fecha o pé com a porta, me suspende do chão e me coloca deitada sobre a cama.

— O que você irá planejar para nós dois em relação ao final de ano?

— Você ficará por aqui?

— Sim, os meus pais irão viajar.

— Então eu vou planejar algo para nós dois. — Ele promete.

— Talvez possamos ir para Nova Iorque, já que teremos que estar lá no dia seguinte.

— Irá passar as festas longe dos seus amigos? Eu sei que vocês são uma família.

— Podemos passar o Natal aqui e o Ano Novo em Nova Iorque.

Aceno positivamente e ele sorri.

— Agora, eu irei cuidar da minha ruiva favorita...

— Sou a única? — Questiono a encará-lo.

— É a única, exclusiva e dona de tudo. — Ele declara. — Ah, e a juíza.

— Eu não sou juíza.

— Ainda não... — Ele me direciona uma piscadela. —, mas pretende ser?

— Promotora.

— Você irá conseguir.

Quero avançar muito em minha carreira, e ser promotora é o meu sonho principal em relação a minha carreira e em breve irei correr atrás de realizá-lo. Jensen sai da cama, abre a minha calça e desliza a peça pelas minhas pernas. Em seguida, retira a minha camiseta e arruma a minha postura sobre a cama. As suas mãos começam a dedilhar a minha perna desde a ponta do meu dedo indicador do pé esquerdo e vai subindo devagar. O meu interior está em combustão, o vale entre as minhas pernas clama por um toque aliviador, mas pelo sorrisinho que está nos lábios do lutador, deixa claro que ele irá me provocar e me instigar, me levando ao limite.

Jensen segura em minha cintura, gira o meu corpo e me coloca deitada de barriga para baixo sobre o colchão. Em seguida sinto as suas mãos deslizarem sobre as minhas panturrilhas, em seguida passa por minhas coxas e apalpa com força a minha bunda. Eu o tento chutar, mas ele se esquivava e ri da minha tentativa em vão. As suas mãos pressionam as minhas costas, sobem e os dedos fazem pressão sobre os meus ombros. A cada toque é pressionando um ponto sensível, mas a minha atenção é roubada quando ele se senta entre as minhas pernas e deixa o seu amiguinho em contato com o meu ponto sensível, mas estamos separados pela fina lingerie, e por sua calça-jeans. Para provocá-lo no mesmo nível, eu rebolo contra a sua ereção e recebo um tapa na bunda.

Essa sua atitude apenas me excita, ao extremo e eu acabo lembrando do nosso primeiro beijo. Rio suavemente ao lembrar que lhe dei um forte tapa e este ato foi o início para que tudo isso acontecesse. E apesar de ter me sentido mal na hora, o que está acontecendo agora – incluindo o início que teve há algumas semanas –, me faz bem, muito bem e feliz.

— O que seu *amigo* veio fazer aqui hoje mais cedo?

Noto o desdém no seu tom de voz.

— Trazer uma novidade que você irá adorar saber.

— Qual? — Ele questiona suavemente.

— Ele irá voltar para o país de origem.

— E onde seria esse tal lugar?

— Espanha.

— Uma boa distância. — Ele murmura baixinho.

— Vai, Jensen... comemora.

Ele ri do meu resmungo e o sinto beijar a minha nuca.

— Eu irei comemorar, mas indo bem fundo dentro de você.

Jensen gira o meu corpo, retira a minha lingerie e fica nu em segundos. Ele vem para cima de mim, abre as minhas pernas e me penetra, me arranco um suspiro profundo. Enquanto os nossos corpos se movimentam, o seu olhar fica preso no meu e eu chego à conclusão de que *isso* de hoje, não é apenas sexo, mais uma noite. É algo além e eu não quero ter que lidar com esse *a mais* neste momento.



**CHARLOTE
MIRANDA**

CAPÍTULO VINTE

*Por favor, fique onde você está
Não chegue mais perto
Não tente me fazer mudar de ideia
Eu estou sendo insensível para ser boa
Não posso te amar no escuro
Parece que estamos tão distantes
Há tanto espaço entre nós
Talvez já tenhamos sido vencidos*
Love In The Dark – Adele

— Eu preciso ir à casa do Dominic, você quer ir comigo? —
Ouço o Jensen me questionar.

Estamos no meu apartamento, aliás, o Jensen está aqui desde a noite de Ação de Graças e continuará por este final de semana. A minha casa já tem ganhado tons masculinos, alguns itens dele já estão sobre a minha bancada do banheiro, algumas peças de roupa no meu closet e ele se sente em casa. Come, bebe, lava a louça, anda com e sem roupa. E eu irei reclamar? Não! Gosto de tê-lo aqui e gosto do que vejo.

— Por que vai até lá?

Saio do banheiro enquanto seco o meu cabelo e o olho. Ele está sentado na ponta da minha cama e calça o tênis de forma despreocupado com tudo que está a sua volta.

— A princesinha quer conversar comigo.

— Eles já voltaram de Santa Maria? — Questiono.

É visível a minha preocupação, porque, o que aconteceu foi algo sério. Aliás, desde a noite de Ação de Graças vem acontecendo algo sério na família Turner e Baker. Na quinta-feira, o Oliver praticamente espancou o vizinho dos seus pais ao saber que ele tentou abusar de suas irmãs, na noite de ontem, o pai dos Turner fugiu quando estava sendo transportado para sei lá aonde e fugiu. Ele foi atrás da Penélope, a obrigou a levá-lo até o apartamento deles.

Isso poderia prejudicar ao extremo o Dominic, já que ele é um ex-presidiário. E nessa mesma noite, o pai do Oliver morreu – ou como todos dizem, foi assassinado –, e a notícia chegou apenas hoje cedo. O senhor Baker estava pendurado na árvore do quintal da família, morreu enforcado, isso foi horrível. E o Oliver foi para Santa Maria com a esposa e irmã caçula, enquanto a Stephany foi para a casa do Eduard Lewis. É, todos já estão sabendo do relacionamento deles e aceitaram facilmente.

— Então você tem que ir até o apartamento dela e não no do Dominic. — O corrijo.

— Dá no mesmo, ruiva. — Ele declara ao me olhar.

— Você acha isso porque eles moram a centímetros de distância.

Rio atraindo a sua maior atenção e o seu olhar passeia pelo meu corpo. Eu estou vestindo apenas roupão, ainda estou secando o meu cabelo com a toalha e pretendia me deitar em minha cama para descansar, já que saímos para nos exercitar assim que amanheceu e enquanto eu fui para a aula de ioga, ele foi treinar em sua casa. Ele está se preparando para a luta que terá contra o Eduard Lewis e eu notei que ele não está demonstrando confiança, contudo, também não demonstra medo. É neutro e por mais que eu queira conversar sobre esse futuro acontecimento, já notei que ele está mais recluso sobre isso e prefere se manter em silêncio diante disso.

— E então, você irá comigo?

— Que horas? Você falou que ia fazer o nosso almoço.

Ele sorri ao se levantar de onde está sentado e anda em minha direção.

— Quer que eu faça agora ou quando a gente voltar?

— Pode ser depois, não tem problema. — Dou de ombros.

Ele aponta para o meu roupão, indicando silenciosamente que eu deveria ir me vestir, mas eu volto para o banheiro e termino de secar o meu cabelo. Em seguida visto uma lingerie, coloco calça-jeans e camiseta. Ouço o Jensen me aconselhar a vestir um casaco e eu acato a sua sugestão, pois a temperatura não está muito agradável e o vento frio. Calço a sandália e volto para o meu quarto.

Jensen não está mais aqui e eu espero que ele não tenha desistido de me esperar, e já foi. Saio a sua procura e o encontro olhando a geladeira.

— Acho que vamos ter que passar no mercado. — Ele comenta.

— Se lembra de passar na volta. — Oriento.

Ele acena, me abraça e saímos do apartamento. Ao adentrar no elevador, Jensen me puxa em sua direção e me abraça apertado. Eu tenho notado que essa sua atitude tem aumentado muito, e lhe questionei sobre isso. A única resposta que saiu da boca do lutador foi: estou aproveitando o máximo o tempo que tenho com você. Achei isso um pouco estranho, mas decidi não inventar coisas em minha própria mente.

Nós saímos do prédio, entramos em seu carro e ele nos leva rumo ao apartamento dos seus amigos. Durante o trajeto, relembro dos ingredientes que temos que comprar para realizarmos o nosso almoço. Por mais que eu adore ficar na companhia dos amigos do Jensen, eu quero muito poder aproveitar o almoço que o lutador irá fazer – seguindo tutoriais –, e passar a tarde juntos assistindo filme ou alguma série que nos agrade.

Logo chegamos em nosso destino, descemos do carro e adentramos no prédio. Aqui é um pouco estranho, porque o porteiro pouco se importa com quem entra ou sai. Contudo, é um lugar tranquilo e com pouca movimentação, consequentemente, pouco barulho, mas isso não se aplica quando os meninos se reúnem em um dos apartamentos. Eles falam alto, riem, brigam e xingam quando estão assistindo a algum jogo, além de que, bebem mais que um opala antigo. Após subirmos a escada, o Jensen toca as campainhas. Isso mesmo, ele toca a do apartamento da Penélope e a do apartamento do Dominic, ambas em sincronia causando um barulho mais alto que o normal.

— Oi. — Dominic nos cumprimenta ao abrir a porta do seu apartamento e logo atrás dele a Emily aparece. — Iremos conversar no apartamento da Pen.

— Oi! — Cumprimento a Emily quando ela acena para mim.

A porta do outro apartamento se abre e eu cumprimento brevemente o Oliver quando passo por ele ao adentrar no ambiente sendo guiada pelo Jensen. Penélope aparece no nosso campo de visão, e o sorriso em seus lábios é contagiante. Me sento no sofá ao lado do Jensen, e ele mantém a sua mão em volta da minha cintura. Observo o Dominic se sentar com a Emily no sofá oposto e o outro casal fica em pé, parado diante de nós.

— Nós iremos nos casar. — Eles anunciam.

— Como assim? — Jensen questiona. — E o casamento de Las Vegas?

— Foi ótimo, mas nós queremos realmente um casamento e cá estamos nós. — Penélope anuncia ao mostrar o seu novo anel de noivado.

— Será um casamento como manda as regras. — Oliver ri suavemente.

Lindo demais e estou muito feliz por eles.

— E por decidir isso, eu tenho um convite ao Jensen e Emily... — Todos ficam curiosos para saber mais e então ela continua a falar. — Eu quero vocês juntos, como os meus padrinhos.

— O nosso costume é os homens ao lado noivo. — Jensen resmunga.

— Eu sei, mas quero casais porque isso tem um significado muito forte para mim. — Penélope declara.

— Espere aí. — Emily pede. — Você quer que eu seja madrinha ao lado do Jensen, o seu padrinho?

— Exato.

Percebo o Jensen suspirar irritado, ele cai para trás, recostando no sofá e manea a cabeça para os lados.

— Me desculpe, princesinha, mas não. Você sabe que isso não dá, nós não nos suportamos.

— Ambos têm um enorme carinho pela Pen e eu acho que neste momento, ambos deveriam colocar a rixa de lado para dar essa alegria a ela. — Dominic declara. — É o casamento deles, Oliver e Penélope merecem o melhor e que todos contribuam para que isso aconteça.

— Eu sei, Dominic, mas... — Jensen desiste de argumentar e encara a Lewis. —, eu não preciso falar mais nada, porque você sabe muito bem o que eu irei dizer.

— Olha, Jensen, eu não vou debater com você, mesmo que você ainda mereça ouvir muitas coisas, contudo, eu não irei fazer isso em respeito da Penélope e do Oliver. — Emily declara ao encarar o lutador ao meu lado e em seguida olha para o casal que irá se casar pela segunda vez. — Eu irei pensar muito nesse pedido, e garanto que não colocarei em jogo as questões do passado.

— Obrigada. — Penélope agradece.

Oliver permanece ficar em silêncio, assim como eu, a Emily pede licença e sai. Eu nem se quer consigo imaginar o que possa ter acontecido no passado para ela ter uma aversão enorme do Jensen, vice e versa. Dominic pede para conversar com o Jensen em particular e eles seguem para a cozinha na companhia do Oliver. Eu permaneço sentada no mesmo lugar, a Penélope se senta no braço do sofá e me dá um sorriso amarelo.

— Eu... fico feliz em saber que irão se casar novamente, mas posso perguntar o motivo disso?

— Não gostamos de falar que nos casamos bêbados em Las Vegas, eu mal me lembro daquela noite. — Ela ri sem graça. — E o Oliver decidiu que deveria me dar um casamento *adequado*.

— Será lindo, eu tenho certeza.

— E eu quero você presente, é a nossa convidada.

— Obrigada. — Agradeço sem jeito.

Eu não sou tão próxima assim, e então esse convite me deixa surpresa. Observo ela se sentar mais próximo a mim e olha por alguns segundos para o lugar que os meninos estão.

— Eu sei que você não tem obrigação nenhuma, mas peço que converse com o Jensen e o tente convencer a ser o padrinho.

— Será difícil, porque eu não sei muito bem sobre o motivo de ele não querer estar ao lado da Emily.

— Jensen é um pouco relutante para se abrir, mas espero que ele conte tudo o que aconteceu em algum momento.

— Eu nem consigo imaginar o que possa ser o motivo dessa aversão que eles sentem um pelo outro.

— Infelizmente eu não posso contar. — Penélope resmunga.

— O que você não pode contar? — Ouvimos o Jensen questionar.

Eu levanto o meu olhar e o encaro.

— Estávamos conversando sobre o casamento. — Minto parcialmente.

— Mulheres. — Ele resmunga com deboche. — Depois vocês conversam mais, porque nós precisamos ir, ruiva.

Me despeço da Penélope, aceno para os meninos e nós saímos do apartamento. Atravessamos o corredor, descemos os degraus e logo saímos do prédio. Adentramos no carro do Jensen novamente, coloco o cinto de segurança e olho para o homem ao meu lado.

— Você será o padrinho ou não?

— Serei.

— Penélope ficará feliz.

— Espero que não dê nenhuma merda. — Ele resmunga.

— E por que daria?

— Você sabe que a Emily tem um atrito comigo.

— Sei, mas não sei o porquê disso. — Resmungo.

Ele nem se quer me olha, fica em completo silêncio e mantém a sua atenção em dirigir.

— O que temos que comprar mesmo? — Ele questiona ao mudar de assunto.

Sinto que muito em breve, essa sua atitude de me deixar no escuro em relação ao meu passado irá me deixar ainda irritada.

— Em algum momento, você terá que me contar o que aconteceu entre vocês.

— Não vamos falar sobre isso, novamente, por favor.

Abro a minha boca para argumentar contra, mas desisto, pois será desgastante e pode estragar os nossos planos. Iremos passar o Natal com os seus amigos, em seguida iremos para Nova Iorque, onde iremos passar a festa de Ano Novo. E ficaremos por lá por cinco dias. Já reservamos a estadia em um hotel, que o dono é conhecido do Jensen e eu vi que é um dos melhores hotéis da

cidade. Sinto a mão do Jensen pousar em minha perna, eu o olho e fico com a expressão neutra.

— Irá ao casamento comigo, não é mesmo?

— Penélope me convidou, então eu irei.

— Agora só precisamos saber a data exata, já que eles ainda não decidiram.

Concordo com um aceno, e ele volta a acelerar rumo ao mercado. Mesmo que o Jensen e a Emily tentem conviver numa boa quando estão no mesmo ambiente, eu me preocupo em relação a festa de Natal, já que estaremos todos juntos e é possível que um enorme atrito possa ocorrer. Abro a minha boca novamente, decidida a argumentar sobre a situação, mas, mais uma vez desisto ao respeitar ao seu tempo de me contar tudo o que aconteceu relacionado a este caos. Contudo, eu desejo que essa revelação ocorra muito em breve, ou irei começar a investigar por conta própria e se isso acontecer, não será algo legal.

— Oliver trouxe a mãe para morar por aqui. — Jensen comenta.

— Imagino que tenha sido por causa das meninas.

— Ayla, no caso. — Ele me informa. — E a mãe do Dominic, saiu da clínica.

— Tudo está acontecendo de uma vez só. — Comento o fazendo concordar. — Oliver não parecia estar abalado com o ocorrido do senhor Baker.

— E não está, devido a tudo o que já aconteceu entre eles.

— Nem um deles tem uma boa família.

— Infelizmente não. — Jensen lamenta.

E isso é muito triste.

[...]

O dia do julgamento dos Lewis...

Caótico é a palavra certa para descrever os ocorridos dessa semana cansativa, e já estamos perto do fim. Está claro que todos aqui serão declaradas como vítimas das atrocidades do James

Lewis e eu imagino que será um enorme alívio para os Lewis, principalmente para o Eduard, já que foi o qual mais sofreu nas mãos do próprio pai. O fim que o James teve foi terrível, contudo, trouxe grande alívio para a vida de todos.

— Margareth Lewis foi assassinada indiretamente pelo seu próprio esposo, e isso aconteceu por *n* motivos e um deles foi porque, a senhora Lewis tinha um amante. E ele poderia estar aqui para depor, dar a versão de sua história já que ele é uma peça desse quebra-cabeça. — O promotor declara.

— É irrelevante a presença dele aqui. —

Os advogados dos Lewis estão atentos a toda e qualquer movimentação/fala exposta nesse tribunal. E o que o promotor falou é grande relevância, mesmo que esse tal amante não tenha dado as caras em nenhum momento no decorrer desses anos. Entretanto, eu tenho uma pontinha de certeza que o Jensen e os seus amigos sabem quem é esse tal, principalmente o Eduard e Emily. A minha atenção é roubada quando sinto o meu celular vibrar sobre o meu colo, eu pego a minha bolsa e saio do julgamento.

— Oi, Jensen.

— Oi! Onde você está?

— No tribunal.

— Ainda? — Ele questiona. — Eu quero te ver, aliás, preciso te ver.

— Aconteceu alguma coisa?

— Estou indo te buscar, tudo bem?

Acabo concordando, encerro a ligação e em menos de um minuto já estou na calçada, aguardando a chegada do lutador. Cumprimento alguns conhecidos que passam por mim, e menos de cinco minutos avisto o carro do Jensen se aproximando. Passo por entre os repórteres, e reclamo disso mentalmente. É abusivo e invasivo, porque os Lewis estão passando por um momento delicado. Entro no carro do lutador, eu me inclino em sua direção e lhe dou um beijo suave.

— O julgamento ainda não acabou?

— Não, mas já está perto do fim.

Por mais que eu seja advogada da Emily, eu não estou participando dessa questão problemática porque ela decidiu deixar nas mãos do Achilles, já que ele estava a par de tudo há meses. E eu achei isso bom, porque não me sentia preparada para estar à frente de um julgamento muito problemático e intenso.

— Eu já reservei um jatinho para nos levar para Nova Iorque no dia vinte e seis.

— Nós podemos ir de voo comercial.

— Ruiva, eu sou dono de uma agência de fretamentos e você quer ir de voo fretado? — Ele ri debochando de mim. — Nós vamos de jatinho, já está tudo acertado.

— Tudo bem, Jensen.

Ele estica a mão em minha direção, a pousa em meu joelho e acaricia. O dia já está se encerrando e eu estou exausta, preciso descansar porque amanhã tem mais. Será o último dia de julgamento e eu quero estar presente. Partilhar da felicidade dos Lewis é algo que clama dentro de mim para que aconteça o mais breve possível.

— E como estava o julgamento? — Jensen me questiona.

— Cansativo, e foi levantado algo importante pelo promotor.

— O que?

— O possível depoimento do amante da senhora Lewis.

O carro vai desacelerando aos poucos, Jensen aproveita o suave tráfego para me encarar e eu tenho a impressão de que ele está um pouco pálido.

— Citaram o nome? E por que o queria lá?

— Porque disseram que ele poderia contar a uma outra versão da história e que ele faz parte desse quebra-cabeça todos. E não, não falaram o nome dele.

— Desnecessário quererem a presença dele. — Jensen resmunga.

— Você e os seus amigos sabem quem é *ele*, não é?

Jensen meneia a cabeça para os lados, negando em silêncio e eu encerro esse assunto. A minha cabeça está começando a pesar, o cansaço se tornando algo absurdo e eu desejo chegar logo em minha casa, para poder descansar. Ouço o lutador me informar que

pediu pizza para a gente comer e apenas concordo com um aceno. Sinto o meu celular vibrar mais uma vez e vejo o número do Achilles brilhando no visor. Espero que não tenha acontecido nada demais.

— Oi, Achilles.

— Senhorita Thurman, estou ligando para lhe dar uma notícia, já que não a vi mais no tribunal.

— Eu tive que sair mais cedo. — Informo. — E qual seria a notícia?

— O juiz declarou: Emily e Eduard são mais duas vítimas das atrocidades de James Lewis.

— Eu fico feliz em saber disso e gostaria de estar aí, para me alegrar com vocês.

— Nós sabemos, mas fique tranquila em relação a isso, Thurman. Ainda teremos muitos trabalhos a fazer pelos Lewis e outros momentos de alegria.

Agradeço após comemorar mais uma vez, e encerro a ligação.

— O julgamento se encerrou...

— Não era amanhã? — Jensen me questiona.

— O juiz encerrou mais cedo e declarou que os Lewis foram mais duas vítimas das atrocidades do pai. Infelizmente, mas por outro lado é bom que eles conquistem algo bom dessa forma.

— Ainda bem. — Ele resmunga.

— Estou feliz por eles.

Jensen apenas acena, sem dar muita importância e continua concentrado no trânsito. Irei enviar uma mensagem para a Emily, expondo ainda mais a minha felicidade por ela e pelo irmão. Isso é o mínimo que posso fazer neste momento.

— Agora a Emily irá poder marcar a minha luta contra o irmão dela. — Jensen declara animado.

— Você tem certeza disso?

— Eu tenho mais do que certeza, eu quero lutar contra aquele babaca.

Todo em seu ombro, sinto a sua tensão e peço mentalmente para que o melhor aconteça.

[...]

Por ajuda dos céus, o Natal foi uma festa tranquila e animada. Consegui beber e curtir cada segundo, porque sabia que o Jensen estava bem e que nada iria acontecer, já que todos prometeram que seria uma noite agradável. No dia seguinte embarcamos para Nova Iorque, fizemos diversos programas e passeios. Fomos a diversos pontos turísticos, aproveitei para tirar muitas fotos – pedi para Jensen batê-las –, e depois tiramos outras diversas fotos juntas. Saímos para jantar, até mesmo dançamos em algumas baladas que conseguimos ir e aproveitamos a noite da melhor forma que nós gostamos. Nós dois, nus sobre o colchão, no chuveiro, contra a parede, no chão... em diversos lugares.

E com isso, o Ano Novo chegou mais rápido e nós conseguimos convites para uma festa. Aproveitamos cada segundo e pela primeira vez em toda a minha vida, passei a virada do ano com alguém que conseguiu fisgar o meu coração. Jensen me comprou alguns presentes, mesmo eu negando e informando que não precisava de nada. Contudo, graças aos céus, nem um desses presentes foi uma aliança de compromisso. Não estou pronta para lidar com isso por enquanto, e ficar do jeito que estamos, está perfeito. E pensar em tudo isso me acalmou para que eu pudesse receber os aplausos no final da minha fala, sobre o palco, diante de centenas de pessoas. Algumas questões surgiram e uma delas foi sobre eu ter me tornado advogada da Emily. Tudo que envolve a família Lewis se torna algo muito maior do que realmente é e isso me assusta um pouco.

Eu detesto falar em público, mas consigo controlar os meus sentimentos e me sair bem diante de palestras, julgamentos e tudo o que requer a minha presença. Desço do palco assim que é decretado o fim do congresso, converso rapidamente com algumas pessoas e sigo para fora do auditório do hotel, onde estou hospedada. Enquanto caminho na direção do elevador, pego o meu celular dentro da bolsa e ligo para o Jensen. Ele me avisou que iria dar uma volta, ir a alguns lugares do seu interesse e que logo estaria de volta.

— Oi, ruiva.

Noto a sua voz estranha e franzo o meu cenho.

— Oi! Você já voltou para o hotel?

— Não.

— E aonde você está? — Questiono.

— Eu já estou voltando para o hotel.

É visível que ele não quer me contar sobre aonde está, espero que não esteja aprontando nada e nem planejando nem uma surpresa. Merda! Eu tenho pensado muito na questão de um compromisso mais sério, um possível pedido sair da boca gostosa daquele lutador. Talvez isso seja um desejo recalcado em meu interior? Complicado de entender assim, de um momento para o outro. Percebo que o Jensen encerrou a ligação sem se despedir, eu bufo irritada e jogo o meu celular dentro de bolsa ao entrar no elevador. Aperto o botão do andar do meu quarto, fecho os meus olhos e respiro fundo tentando me acalmar. E mais uma vez o Jensen age de uma forma totalmente inesperada e isso me irrita. Eu continuo no escuro em relação a diversos pontos, mesmo que o nosso relacionamento esteja cada dia mais firme e estável.

Entro no meu quarto, fecho a porta e coloco a minha bolsa sobre a poltrona. Amanhã nós iremos voltar para Los Angeles, e cada um estará em sua casa. E isso é um pouco estranho, porque estamos há mais de duas semanas dividindo o mesmo teto e será estranho ao ficarmos separados a partir de amanhã. O meu apartamento parece de casal, porque a sua presença está marcada por cada peça de roupa fora do seu devido lugar, como por exemplo, jogadas ao lado da cama, sobre a cama, na cadeira da mesa de jantar. Às vezes, pelos dentro da pia do banheiro, toalha molhada sobre a cama e todas as demais coisas que os homens têm costume de fazer.

Vou diretamente para o banheiro após retirar a minha roupa, entro no banheiro e ligo o chuveiro. A água morna cai sobre o meu corpo, relaxando os meus músculos e eu fecho os meus olhos. Tudo estava muito tranquilo, bom demais para ser verdade e no último dia o Jensen age dessa forma, voltando a me deixar no escuro. Quantas vezes eu falei essa mesma frase nesses últimos quase dois meses? Nossa, já faz quase dois meses que estou me

relacionando com o Jensen e tenho a impressão de que ele é duas pessoas diferentes. Um Jensen quando está comigo. E outro Jensen, totalmente diferente, quando está longe de mim.

— Ruiva?

Ouçó o Jensen me chamar e em segundos a porta do banheiro se abre. Eu olho em sua direção ao me virar de frente para o box e analiso a sua expressão. Neutra e com um pequeno sorriso em seus lábios.

— Eu já estou acabando o banho.

É uma informação indireta para que ele saia do banheiro e me deixe tomar banho em paz.

— Quer ir a algum lugar?

— Não, prefiro descansar, já que iremos voltar hoje a noite para Los Angeles.

— Eu imaginei isso, e já pedi algumas guloseimas para comermos por aqui mesmo.

Aceno positivamente, ele dá um passo para trás ao sair do banheiro.

— E aonde você estava, Jensen?

— Eu fui dar uma volta, ruiva.

Ele se aproxima, abre a porta do box e os seus olhos passeiam por todo o meu corpo.

— Eu estou tomando banho.

— E é uma bela visão, é a visão do paraíso.

— Saí. — Ordeno, mas a minha voz falha quando eu seguro o riso.

— É difícil obedecer a esse pedido.

Jensen retira o casaco, o joga no chão e em seguida retira a sua camiseta em seguida. Por fim, retira a calça e a cueca. Ele entra no box, fecha a porta e me agarra. O meu corpo molhado escorrega ao entrar em contato com o seu, a sua mão molhada adentra nos fios do meu cabelo, segura a minha cabeça firmemente e sela os nossos lábios. A sua língua encontra a minha, o seu corpo se esfrega contra o meu e eu derreto entre os seus braços. É difícil ficar chateada com esse homem, principalmente quando ele me toca firmemente em pontos estratégicos.

- Você me leva a loucura.
- Eu não faço nada, Jen.
- Você que pensa. — Ele ri suavemente.

A sua mão direta sobe pela lateral do meu corpo, apalpa o meu seio esquerdo e um gemido escapa pelos meus lábios. Antes que possamos continuar a nossa aventurina, a chegada do serviço de quarto e eu dou um beijo suave nos lábios do Jensen. Saio do box, visto o roupão e abro a porta ao sair do banheiro. Um rapaz entra empurrando um pequeno carrinho, eu agradeço e procuro pela minha carteira. Decido pegar a do Jensen, já que ela está sobre a mesa de cabeceira e pego a gorjeta. Entrego para o rapaz, ele agradece e sai. Fecho a porta, coloco a carteira sobre o móvel e uma pequena chave cai de dentro dela. Eu a pego no chão e analiso.

- Estou morto de fome.

Olho para trás, diretamente para o Jensen e mostro a chave.

— É sua? — Ele apenas afirma silenciosamente. — Caiu da sua carteira.

— Tudo bem. — Ele murmura sem dar pouca importância. — Nós podemos comer?

Talvez essa chave não seja referente a nada demais, é apenas uma chave e eu tenho que acreditar nisso.

[...]

Assim como nós, os pais do Jensen estão chegando de viagem e ele pediu para que nós fossemos diretamente para a sua casa. O voo foi longo, mas pelo menos consegui dormir e pousamos assim que amanheceu. Viajar com um jatinho particular é bem melhor do que estar num voo comercial e agradeço mentalmente pelo Jensen ser alguém que tem o poder de proporcionar esse tipo de oportunidade a mim. E em falar nele, sinto a sua presença próxima a mim e eu o observo. Ele se joga sobre a sua cama e boceja. No pequeno período da viagem que eu estive acordada, notei a sua expressão de preocupação e temor em alguns momentos.

— Posso fazer o nosso café da manhã?

— Pode fazer o que quiser, ruiva.

— Quer panquecas?

— Eu amo as suas panquecas. — Ele anuncia, me fazendo sorrir.

Noto que os seus olhos estão fechados e ele está quase dormindo.

— Ei. — Cutuco a sua perna, o fazendo abrir os olhos. — Você irá me ajudar, eu não irei ficar na cozinha sozinha, mexendo nas coisas de sua casa.

— Deve se sentir à vontade, porque você virá para cá cada vez mais.

— Venha comigo, lutador. — Suplico.

Ele acaba concordando, se levanta da cama e me abraça pela cintura. Nós vamos rumo a cozinha, ele pega todos os ingredientes necessários e eu começo a preparar o nosso café da manhã. Ele fica encostado no balcão observando todos os meus movimentos e eu tento ignorar isso, na intenção de não ficar envergonhada devido ao seu olhar que consegue me despir, independente da roupa que eu esteja usando.

— Eu irei te levar para o escritório ou irá preferir ir para o seu apartamento?

— Escritório, eu preciso voltar ao trabalho.

— E nós nos encontramos quando?

— Hoje à noite? — Pergunto ao invés de afirmar.

— O quanto mais cedo melhor.

Sorrio por causa de sua resposta, e o lembro de levar a minha mala assim que nós fomos nos encontrar a noite. Jensen me abraça pela cintura, eu o afasto porque é muita distração e peço para ele me ajudar. Logo terminamos o nosso café da manhã, nos sentamos na mesa de jantar e comemos. Os pais do Jensen chegam e se juntam a nós. Eles nos contam como foi a viagem para Yosemite Park. Eu nunca fui até lá, mas sei que nessa época do ano é um lugar lindo porque fica coberto de neve e com as cachoeiras cheias de água.

Após o nosso café da manhã, eu me despeço dos senhores Brown e saio da casa. Entro no carro do Jensen, coloco o cinto de segurança e ele nos leva rumo ao meu escritório. Não irei ficar o dia inteiro no escritório, pois, pretendo me encontrar com a minha mãe, para conversarmos sobre a conferência e como foi a viagem para ir visitar os nossos parentes. Assim que o carro adentra na avenida principal, um sentimento ruim toma conta de mim e eu sinto o meu peito doer. Não entendo o porquê desse pequeno caos estar querendo se instalar em meu interior e temo pelo o que possa ser.

— Irá passar o dia no escritório? — Jensen me questiona.

— Não, irei me encontrar com a minha mãe na hora do almoço.

— Os seus pais já voltaram do Brasil?

— Há três dias. — Respondo. — Além de conversar com ela sobre a ida para Nova Iorque, quero saber como estão os meus parentes.

— Ah, claro. — Ele sussurra e me olha. — E nós nos encontramos que horas?

— Final da tarde, tudo bem? Você também precisa ir até a agência... ou irá visitar os seus amigos.

— Eu acho que irei conversar com o Dominic.

— E não se esqueça de ter mais informações sobre o casamento da Penélope.

— Bem lembrado, ruiva.

O carro estaciona diante do prédio onde trabalho, nós descemos do automóvel e adentramos no hall. Cumprimento as meninas que trabalham na recepção e franzo o cenho ao ver que o Jensen está me seguindo. Ele informa que irá me levar até o meu escritório e eu sorrio boba com a sua atitude. Nós adentramos no elevador, eu aproveito a privacidade e lhe abraço. Nós nos beijamos rapidamente, as portas se abrem e eu cumprimento a Micaela.

— Como foi a conferência? — Ela me questiona.

— Ótima.

— Não irá falar com a sua mãe, Charlotte? — Ouço a voz da minha mãe e sorrio ao vê-la parada na porta da minha sala. — Eu senti a sua falta.

— Oi, mãe.

Ando em sua direção e a abraço. Olho para trás, na intenção de apresentar ela ao Jensen e noto que o seu rosto está pálido.

— Eu preciso ir. — Ele anuncia ao dar alguns passos para trás.

— Jensen, essa é a minha mãe. — Apresento e olho para a mulher ao meu lado. — Mãe, esse é...

— Jensen Brown, nós nos conhecemos. — Ela anuncia.

— É um prazer revê-la, senhora Thurman. — O seu tom de voz é baixo demais e eu estranho. — Eu preciso ir, ruiva.

— Tudo bem.

Faço menção de andar em sua direção, mas ele nega com um aceno de cabeça e entra no elevador. Eu olho para a minha mãe e nós adentramos na minha sala.

— O que ele estava fazendo aqui? — Ela me questiona.

Antes que eu possa responder, o meu celular vibra e eu vejo que é uma nova mensagem do Jensen.

*“Nós precisamos conversar,
o mais breve possível. Preciso
que me ouça e me entenda.”*

O que será que ele está querendo dizer com isso? Antes que eu possa questioná-lo, a minha mãe chama a minha atenção e eu volto encará-la.

— O que a senhora perguntou?

— O que o Brown estava fazendo aqui? — Ela questiona preocupada.

— Por quê? — Questiono com o cenho franzido. — A senhora se lembra que eu disse que estava me relacio...

— É ele, Brown era o amante da Margareth Lewis e é para ele que ela passou o apartamento.

É como receber um soco do homem mais forte bem no centro do meu peito. Apoio as minhas mãos sobre a mesa e caio sentada em minha cadeira.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO VINTE E UM

*Eu estou tão apaixonado por você
E eu espero que você saiba
Querida, seu amor vale mais
Que todo o ouro do mundo
Nós chegamos tão longe, meu bem
Veja como nós amadurecemos
E eu quero ficar com você
Até ficarmos bem velhinhos
Apenas diga que você não vai embora*
Say You Won't Let Go – James Arthur

Tudo o que eu mais desejei era uma vida tranquila, momentos felizes e um possível relacionamento saudável, e eu encontrei e vivi tudo isso estando ao lado da Miranda. A cada dia que se passou nesses últimos dois meses, me fez ver que, o que eu vivi no passado foi apenas ilusão, a vida de aventuras noturnas que tive não chegam aos pés dos mínimos detalhes que eu vivi com a ruiva e estando essas últimas duas semanas convivendo vinte e quatro horas por dia, percebi que eu sou incapaz de viver longe dessa mulher, entretanto, eu sei que as minhas atitudes podem ser um grande empecilho para a nossa vida juntos.

E em todos esses dias eu tentei tomar coragem para lhe contar tudo, mas sempre que eu tomava a iniciativa, eu me lembrava de suas palavras ao declarar que *já se relacionaria com alguém que já foi amante*. Então eu desistia ao preferir prolongar os bons momentos que estávamos vivendo juntos. Ao irmos para Nova Iorque, eu decidi que estava na hora de ir ver o apartamento que a Margareth deixou para mim e eu fui até lá, mas em nenhuma das vezes, eu fui corajoso o suficiente para abrir a portaria daquela porta e ser atropelado por um trilhões de possibilidades existentes dentro daquele imóvel.

Decidido que o melhor que eu fiz foi continuar a ignorar a existência dele, nós voltamos para Los Angeles e imaginava que a boa fase desse relacionamento sem rótulo iria continuar, eu me enganei e fui esfaqueado. Dei de cara com a senhora Thurman,

mãe da Miranda e advogada da Margareth. E assim que o meu olhar cruzou com o seu, eu tive a certeza de que ela se lembrou de mim e não aprovou a minha presença ali, com a filha dela, por mais que não soubesse o motivo da minha ida até lá. A minha primeira reação foi fugir e assim eu fiz, contudo, no segundo que as portas do elevador se fecharam, eu enviei uma mensagem para a Miranda. Praticamente supliquei, porque somente naquele momento eu percebi que deveria ter sido corajoso há muito tempo e ter me aberto para a ruiva. E é claro, a verdade bateu contra a minha face quando eu percebi que teria grandes chances de ela saber sobre tudo atrás de sua mãe.

Cogitei em voltar para o escritório da Mi e tentar conversar com ela, contudo, nós precisamos conversar a sós e num ambiente propício. Tenho medo de que ela não queira me ouvir, já que eu tive muitas oportunidades de ser verdadeiro com ela e eu preferi me esquivar. E o medo se torna cada vez mais forte porque os minutos se passam e eu não recebo nem uma resposta dela, ainda mais ao ver que a minha mensagem foi visualizada no mesmo segundo que enviei. Eu pensei em ficar diante do prédio, esperando até o momento que ela saísse, mas isso iria parecer uma atitude desesperada e então eu decidi ir me encontrar com o Dominic.

— Irá ficar calado até que horas? — Ele me questiona.

Eu o encaro e suspiro. Estamos nessa cafeteria há alguns minutos, e desde então estou calado.

— A mãe da Miranda era a advogada da Margareth.

— Sim, eu sei.

— E nós nos encontramos por acaso há pouco.

— E você está preocupado desse jeito por quê?

— Ela me reconheceu e eu tenho medo de que ela possa contar tudo para a Miranda.

— Você ainda não tinha contado para ela? — Ele me questiona. — Você praticamente pediu para que isso acontecesse.

— Não, Dominic. — Resmungo.

— Você fez o que, então? Abre os teus olhos e mente, Jensen, e reconheça que você iria deixar a Miranda no escuro eternamente,

na intenção de que o assunto do seu passado fosse esquecido por todos.

— Você ouviu o que ela disse! Que jamais iria se relacionar com uma pessoa que já foi amante e eu perdia a coragem de contar toda a vez que eu me lembrava dessa frase.

Ele me encara com o cenho franzido, e se inclina sobre a mesa.

— O que você está sentindo não é apenas paixão.

Fico calado, porque eu não tenho o que falar, a não ser uma confirmação. Eu amo aquela ruiva e sei que posso perdê-la.

— Eu enviei uma mensagem para ela, assim que entrei no elevador e desde então ela não me respondeu.

— Talvez esteja muito ocupada.

— Ela disse que iria conversar com a mãe sobre a conferência de Nova Iorque e sobre a ida deles para o Brasil.

— Aí, talvez esse seja o motivo da ausência dela.

— Não me faça ser tão otimista assim, ao acreditar nessa mentira. Eu sinto, ela está sabendo e deve estar me odiando.

— Somente conversando para ter a certeza dessas suposições que você está criando em sua mente.

— Estou na beira da loucura.

— Bem-vindo ao vida adulta e dos homens que amam. — Ele bate em meu ombro e acena, chamando a garçonete. — Você precisa de um café forte.

— Eu preciso ver a ruiva e ter a certeza de que ela irá entender tudo.

Dominic toma a liberdade e fazer o nosso pedido.

— Antes de conversar com ela, você precisa colocar a cabeça no lugar e se acalmar. — Ele aconselha. — É um ponto importante: ela tem que compreender a sua atitude, por mais errada tenha sido, você passou por muitas coisas em relação a Margareth e aquela mulher quase te destruiu.

— Eu demorei, mas reconheci: o que eu vivi com a Margareth foi ilusão.

Dominic estica o braço sobre a mesa, toca em minha mão e a aperta.

— Você não irá perder a Miranda, ela vai entender.

— Que Deus te ouça.

Nesse tempo que a conheço sei o quão complicada a Miranda é, principalmente em questão de seus princípios.

— Mudando de assunto. — Ele declara após beber um gole do seu café. — Eu preciso lhe dar algumas informações sobre o casamento.

— A sua princesinha da máfia irá ser a madrinha?

— Não a chame assim, por mais que seja um por cento divertido. — Ele resmunga. — E sim, ela aceitou e todos nós esperamos que vocês não se matem.

— Eu não chagaria a este nível, como o James foi capaz.

Dominic arregala os olhos e eu me arrependo de ter falado isso, pois dá a entender que a Emily poderia ter o mesmo fim que a mãe teve.

— Enfim, o casamento será em maio e irá acontecer na mansão.

— Puta que pariu! Penélope gosta de complicar a minha vida. Ele ri da minha reclamação e dá de ombros.

[...]

Horas já se passaram e nada da Miranda entrar em contato, muito menos responder a minha mensagem e devido a sua ausência. Eu esperei pacientemente, até tentei me distrair. Após o meu encontro com o Dominic, eu dei uma passada na agência e de lá, voltei para casa. Ignorei todos ao me trancar na academia de casa e treinei, tentando extravasar a minha impaciência, preocupação e medo. Se a Miranda ficou sabendo de tudo pela senhora Thurman, eu terei uma tarefa difícil a cumprir; fazer com que ela me ouça. Se ela não estiver sabendo de nada, eu irei contar e torcer para que ela compreenda. Depois de socar milhões de vezes o pobre saco de pancadas, eu tomei banho e me arrumei, pois estava decidido a ir me encontrar com a ruiva. E até o horário me ajudou, pois, já estava próximo ao final da tarde e então, eu

entrei no meu carro e dirigi até aqui, onde estou nesse exato segundo: diante do prédio.

Desço do meu carro, atravesso a rua e adentro no prédio. O bom disso, é que eu sei o código que libera a entrada e por isso não tenho que esperar a autorização da Miranda. Eu não sei se ela já está por aqui ou se ainda está no escritório, ou pior, está na casa dos pais. Adentro no elevador, aperto o botão do andar de interesse e seco as minhas mãos na calça. Estou suando de nervoso e sei que preciso me controlar.

Saio do elevador, ando calmamente rumo ao apartamento da Miranda e decido tocar a campainha. Eu poderia entrar, já que tenho essa liberdade, entretanto, hoje não é um dia próprio a isso. Ouço o barulho do salto alto batendo contra o chão, em segundo a porta se abre e ela aparece diante de mim. É difícil conseguir decifrar a sua expressão, pois, é uma mistura de sentimentos, e os seus olhos estão suavemente vermelhos.

— Eu posso entrar?

— Deve, pois, temos muito o que conversar.

Engulo em seco o nó que se formou em minha garganta e entro no apartamento. Miranda fecha a porta, passa por mim ao ir rumo à mesa de jantar e pega a taça de vinho. Ela continua me encarando friamente e dói saber que, o que eu mais temia aconteceu. Ela soube por alguém e esse alguém não foi eu.

— Eu nem sei por onde começar, principalmente por você estar me olhando assim.

— Que tal começar pela parte de você ser alguém que eu, jamais, em hipótese alguma, me relacionaria. Você ouviu muito bem o que eu disse no jantar que aconteceu no apartamento dos seus amigos. Eu disse que eu jamais me relacionaria com um amante e você foi quem, Jensen? A porra de um amante!

— Me desculpe! — Peço sinceramente. — Eu deveria ter te contado, mas sempre que eu me lembrava dessa maldita frase, perdia a coragem por medo de perder você.

— Você sabe muito bem da quantidade de vezes que eu lhe questionei sobre o passado, pedi para você se abrir comigo, principalmente, declarei que queria ficar sabendo por você.

— A culpa não é minha se a sua mãe contou algo que...

— Ei, repense na sua frase antes de terminá-la ou eu nem lhe darei a chance de continuar a falar.

Respiro fundo e dou um passo em sua direção, a fazendo dar um para trás, se afastando de mim. Repulsa é um dos sentimentos que está exposto em sua face

— Eu quero lhe contar tudo, mas preciso saber o que já lhe contaram.

— Nada.

— Miranda, por favor, me fale.

— Eu apenas que você era o tal amante da Margareth Lewis.

Me aproximo dela, me sento diante da mesa de jantar e ela permanece de pé, afastada de mim.

— Eu tinha apenas vinte e dois anos quando esse envolvimento aconteceu e eu sabia que era errado, mas também sabia que ela não estava em um casamento de verdade e então eu me envolvi sem peso na consciência. Aconteceu por poucos meses, e acabou quando ela foi assassinada.

— Apenas isso?

— Eu era amante da Margareth Lewis, assumo e não nego, mas isso não é nada comparado ao que eu realmente passei. — Murmuro de cabeça baixa. — Por muito tempo muitos me disseram que eu fui usado, fui um brinquedinho nas mãos da Margareth e eu sempre me neguei a reconhecer isso, mas acabei reconhecendo e afirmo: ela somente me usou, porque eu era um tipo de distração e passatempo em meio ao casamento fracassado.

— E você vai me dizer que não iria se envolver novamente com a Lewis? — Miranda ri sem humor.

— Não. — Respondo firmemente. — Eu não sou mais aquele jovem imaturo, então eu jamais teria essa mesma escolha, porque, hoje eu reconheço o quão errado eu fui e reconheço que fui feito de brinquedinho.

— Por que você não me contou antes? Antes mesmo de eu declarar a minha aversão à pessoas errantes como você foi.

— Todo mundo já foi errante em algum momento, todo mundo já teve atitudes inconsequentes. — Resmungo. — E eu não contei

antes por que eu não achava relevante para a nossa relação e porque eu não queria reviver tudo de ruim ao te contar.

— Eu não consigo entender.

Miranda esfrega o rosto entre as mãos e suspira ao encarar o teto. É visível que ela está prestes a chorar, além de estar me odiando. Não se envolver com alguém errante – como ela disse –, é o princípio que ela tem em sua vida.

— Qualquer pessoa é incapaz de entender e compreender, muito menos sentir, tudo o que eu passei e senti diante daquela maldita relação. Você não sabe quando a pessoa vai te atingir feito trem ou se vai passar por você como brisa leve. E a Margareth me atingiu como um trem bala e eu não esperava por aquilo, mas o baque veio após anos de seu assassinato e eu tentei negar o máximo possível em relação a todo mal que me cercou.

— A gente recebe sinais de quando um ciclo precisa se encerrar ou está para se encerrar e eu recebi. E eu recebi em todas às vezes que eu fui deixada no escuro, todas às vezes em que você se negou a me responder algo e todas às vezes que desconversou. — Ela murmura ao me encarar com os olhos marejados. — E assim como aconteceu comigo, com certeza aconteceu com você em relação a Lewis.

— Talvez eu não tenha notado, talvez eu tenha ficado cego diante das verdades expostas. — Dou de ombros. — Eu passei pelos meus piores dias sozinho. Quando doeu, eu senti sozinho. Chorei sozinho, amei sozinho, me entreguei sozinho e viver esse mesmo tipo de relacionamento não era algo desejável, muito menos, desejei embarcar em um novo relacionamento e quando você surgiu... — Sorrio. —, eu te desejei mais do que viver. Eu te queria a cada minuto, a cada dia e continuo te desejando mais e mais.

— Você me magoou, Jensen!

— Eu sei e me amaldiçoou por isso. — Lamento. — Eu jamais desejei te magoar, eu jamais iria fazer isso propositalmente.

— Mas você fez, Jensen, todas as vezes que foi contra os princípios expostos que fariam esse relacionamento dar certo. Você cavou a cova e no momento que eu soube pela boca de outra

pessoa, foi a mesma coisa de lhe permitir a jogar a última pá de terra sobre nós.

— Não, ruiva...

— Não, não me chame de ruiva. Você não tem mais esse direito. — Ela declara.

Às lágrimas escorrem por suas bochechas, eu me levanto e ando em sua direção. Tento tocá-la, mas ela dá um tapa na minha mão e se afasta de mim.

— Mi, por favor...

— Você não tem o direito de me pedir nada, Jensen. Chega, Jensen! CHEGA! — Ela grita. — Chega de mentiras, chega de escuridão e... chega de você em minha vida.

Ela se curva para frente, apoia as mãos em seus joelhos e começa a chorar. Olhando de fora parece ser uma tempestade em um copo de água, mas só nós dois sabemos como é sentir tudo isso. Eu frustrei as suas expectativas, feri os seus sentimentos e causei essa mágoa profunda, mas eu estou aqui, tentando concertar os meus erros.

— Você não pode simplesmente jogar para o alto tudo o que estamos vivendo, a nossa relação é muito mais do que esse pequeno equívoco do meu passado.

— Equívoco? — Ela questiona irada. — Uma mulher foi assassinada devido a relação extraconjugal que estava vivendo com você.

— Você está dizendo que eu tenho culpa pela atitude daquele demônio? — Questiono raivoso. — Não, Miranda! Não venha jogar isso na minha cara. Você não tem esse direito, você não pode me culpar por algo que eu não tinha como impedir, porque eu nem sequer sabia sobre o que estava por vir. Eu estava disposto a retirar a Margareth daquele casamento falido, mas ela preferiu continuar vivendo ao lado daquele demônio e teve um fim trágico. E não foi por culpa minha!

Bato a minha mão sobre a mesa,

— A minha intuição já tinha me dito que eu ia quebrar a cara, mas eu não quis acreditar e olha só no que deu. E quando não é a

intuição, é o universo que se encarrega de nos contar as coisas. — Ela suspira e fica de costas para mim. — Vá embora, Jensen.

— Não, Miranda, eu não vou embora.

— Você vai embora! — Ela ordena. — E nunca mais irá voltar, porque eu não consigo lidar mais com esse tsunami que você carrega.

— Eu não posso ir e não irei aceitar essa sua decisão.

— Se você tem um pingo de consideração a mim, você irá. — Ela resmunga.

Me aproximo, paro próximo ao seu corpo e controlo as minhas mãos ao desejar tocá-la, mas eu simplesmente não posso. Inalo o perfume do seu cabelo e fecho os meus olhos com força quando as lágrimas insistem em escorrer pelo meu rosto.

— O que você quer? Pede qualquer coisa e eu lhe darei! — Soluço devido ao meu choro preso. — Eu te dou tudo! Qualquer coisa que você quiser.

— Eu quero que você saia.

— EU TE AMO, MIRANDA! — Declaro de forma desesperada.

— Eu sou teu, ruiva.

O silêncio é absoluto, e dói.

— Vá embora. — Ela pede num sussurro.

— Eu vou respeitar a sua decisão, mas isso não quer dizer que eu vou aceitar.

Deposito um beijo sobre o seu cabelo e me afasto ao ir rumo à porta. Seguro a maçaneta e a giro devagar, mas não tenho forças para sair. Olho para trás, por cima do meu ombro e a observo. Ela ainda está do mesmo jeito. De costas, com os braços grudados em seu corpo e cabeça baixa, isso é indicação que continua a chorar.

— Amar é complicado, não é? Você se torna vulnerável para alguém que você nunca saberá o que irá fazer com essa tal vulnerabilidade. Porque a pessoa pode te acolher ou simplesmente te foder. — Suspiro. — Você conseguiu despertar esse sentimento que nunca surgiu por ninguém, você me acolheu, mas fui eu que fodi com tudo e me arrependo de não ter tido as atitudes certas enquanto era tempo.

Miranda levanta a cabeça e me encarar.

— Pelo menos, neste momento, você está conseguindo enxergar a verdade.

E após isso, eu abro a porta e saio deixando partes do meu coração ali, dentro daquela sala. E o que restou em meu peito, é impossível de juntar para colar os pedaços. Não posso perder essa mulher, ela é a única que conseguiu despertar um bom Jensen, um o qual eu não conhecia. O Jensen que sabe amar. Perco as forças, me encosto na porta fechada e escorrego até o chão. Abraço os meus joelhos e encosto a minha testa sobre eles. Ouço o barulho de vidro se estilhaçar contra a madeira atrás de mim e um grito doloroso. Eu queria poder entrar novamente no apartamento, abraçar a Miranda e fazer com que tudo ficasse bem novamente, mas infelizmente, eu perdi a oportunidade de fazer isso acontecer e agora tenho que lidar com as consequências. Consequências dolorosas e que eu jamais desejei viver. E eu evitei ter essa conversa difícil para não causar um incêndio, contudo, as coisas queimaram dentro de mim.

Parece que o mundo girou ao contrário nessa manhã, porque, eu não queria perdê-la, e eu estou prestes a perdê-la. Eu não queria chorar, e estou chorando. Eu não quero lidar com o passado, e estou lidando com ele ao misturá-lo com o presente. E o resultado disso é regressão, mas eu não vou permitir que isso aconteça.

[...]

Tudo o que eu mais desejei desde quando o rompimento aconteceu foi ficar trancado dentro do meu quarto, bebendo e fumando. E eu fiz isso no primeiro dia, contudo, eu precisei enfiar os meus sentimentos dentro dos meus bolsos e voltar a rotina. Mergulhei no trabalho, mesmo estando com a cabeça a mil e voltada na ruiva. Desde então não a vejo e nem nos falamos. Eu queria poder saber que ela entendeu o meu lado e está pensando de forma compreensiva. Margareth não pode afetar a minha vida mais uma vez, principalmente em relação a minha vida amorosa. Ela é um fantasma, está enterrada e nunca mais irá se intrometer em minha vida.

Daquele dia em diante, eu decidi que jamais vou deixar as pessoas que eu me importo no escuro, serei o mais verdadeiro possível e sincero em relação a tudo. Transparência é necessária para que o relacionamento pessoal e amoroso seja algo estruturado e saudável. O modo que eu agi com a Miranda não foi legal, muito menos adequado e por culpa minha estamos nessa situação. E eu preciso fazer algo para concertar, entretanto, a única coisa que eu posso estar fazendo no momento é dar espaço para a Miranda, permitindo que ela respire e me perdoe aos poucos. Nunca gostei de magoar ninguém, principalmente, a ruiva. Eu sabia que tinha a probabilidade de isso acontecer quando decidi que o melhor era ignorar tudo e fingir que o meu passado não existia.

— Já está por aqui? — Ouço o Noah me questionar.

Olho para trás e aceno. Sai da agência e vim diretamente para o *Fight*. Há dias eu não vinha aqui, estou preferindo ficar em meu quarto e alimentando a dor esmagadora em meu peito.

— É, resolvi aparecer.

— E como estão as coisas? — Ele me analisa a se aproximar.

— Pela sua cara não me parece nada bem.

— E não estão mesmo. — Murmuro.

Ele olha em direção a porta quando a ouço se abrir, em seguida as vozes dos rapazes preenchem o ambiente e eles se surpreendem ao me ver. Não estou há muitos dias ausente daqui, e o meu sumiço era normal, já que estava passando muito tempo com a ruiva, do que vir aqui.

— O que aconteceu? — Dominic me questiona.

O meu irmão e o Oliver são os únicos que me viram nesses dias que se passaram, devido as minhas idas obrigatórias à agência e eles em conjunto com a Ky são obrigados a lidarem com o meu mal humor. E já perceberam que tem a ver com a Miranda, já que ela nunca mais deu as caras. Decido não responder à pergunta do meu amigo, bebo uma gole da minha cerveja e respiro fundo ao voltar a olhar para o octógono.

— Milagre que nem uma das meninas vieram. — Noah comenta divertido.

— Então todas com a Penélope, organizando algumas coisas do nosso casamento. — Oliver comenta e me encara. — Ainda será o padrinho, não é mesmo?

— Serei.

Dominic puxa a cadeira e se senta próximo a mim, mas de uma forma que ele possa olhar para lá embaixo e para mim, caso seja necessário, ou melhor, do seu interesse devido aos seus possíveis questionamentos.

— Ficou quase um mês sumido daqui. — Ele comenta ao me encarar.

— Não foi um mês. — Resmungo.

— Hoje já é cinco de fevereiro, Jensen. — Leon me informa.

Os dias passaram voando e nem me dei conta em relação a isso. Já faz um mês que eu estou distante da Miranda, lhe dando um tempo e eu tenho medo de que ela deseje nunca mais me ver. Me levanto do sofá, esfrego o meu couro cabeludo e em seguida apoio a minha mão livre sobre o vidro. Observo a Lewis passar pela área da luta e eu sinto vontade de lhe culpar pelo que aconteceu no meu relacionamento, contudo, eu sei que nada é culpa dela, apenas minha. Eu que decidi ter aquelas atitudes, eu que sou o culpado. Olho na direção do Dominic e percebo que ele estava me encarando. Eu sei que todos os meus amigos estão dispostos a me ouvirem, assim como possivelmente me aconselharem. Penso seriamente nas minhas alternativas, e suspiro.

— Eu preciso de ajuda. — Sussurro.

— Eu não consegui entender, Jensen. — Noah informa.

— Eu preciso de ajuda!

— A ruiva descobriu tudo? — Dominic me questiona.

— Descobriu e não foi por mim.

— Você vacilou, Jensen, Sinto lhe dizer, mas é a verdade. — O meu irmão resmunga.

— Eu sei, e podem falar, pois, essa é a verdade. Eu fui um idiota e acho que perdi a Miranda.

— É, você foi um Idiota com i maiúsculo. — Oliver opina.

Reviro os meus olhos.

— Há um mês nós não nos vemos, nem nos falamos.

— Muitas vezes aconselhamos que você deveria ter contado a ela, mas você preferiu o que achou melhor e agora tem que lidar com as consequências.

— Eu reconheço isso. — Confesso ao me encostar no vidro. — E agora eu não sei o que fazer. Sinto que já dei muito tempo a Miranda, mas, também não quero ser invasivo e desrespeitar o momento que ela tanto precisa.

— Você quer um conselho? — Dominic me questiona.

— Quero.

— Por mais que seja difícil, dê mais algum tempo, pois se ela sentir o mesmo que você sente por ela, Miranda virá atrás de você no momento que ela se sentir preparada.

— É difícil continuar esperando, sabendo que eu posso já ter perdido ela.

— Se ela tiver sentimentos verdadeiros por você, ela irá voltar. Acredite e tenha fé, Jensen.

Meneio a cabeça para os lados.

— Antes de continuar a lhe dar mais algum tempo, eu preciso saber se eu posso continuar a ter esperança. — Declaro e sorrio determinado. — Eu irei até o apartamento...

— Eu acho que não será possível. — Ele murmura.

— Por quê?

— Ela não está na cidade.

— Não? — Questiono. — Onde ela está?

— Eu não sei.

Semicerro os meus olhos ao encará-lo.

— Espero que você não esteja mentindo para mim.

— Eu não estou e não sei quando ela irá voltar.

— Há quanto tempo ela está fora?

— Duas semanas mais ou menos.

Suspiro exausto e sinto a minha cabeça começar a doer. Informo que irei embora, me despeço dos meus amigos mesmo que eles protestem e saio do camarote após deixar a minha cerveja sobre o frigobar. Desço os degraus calmamente, mas antes que eu possa sair completamente da escada, dou de cara com a Day. Ela sorri e coloca uma mão em meu ombro.

— Senti a sua falta. — Ela declara.

— Ao contrário de mim. — Retiro a sua mão do meu ombro. — Se me der licença, eu preciso ir.

Me desvencilho do seu corpo e ela cruza os braços embaixo dos seus seios. Eu posso olhar para um trilhão de mulheres, mas nem uma delas serão tão lindos, sedutoras e perfeitas como a Miranda é diante dos meus olhos.

— Irá encontrar aquela garota ridícula?

Sem pensar duas vezes, eu agarro a Day pelo braço e a coloco contra a parede.

— Não ouse falar *dela*.

— O que você irá fazer, Jensen? Eu sou mulher e você um homem, lutador inclusive e não deveria nem se quer encostar um dedo em mim.

— Estou pouco me fodendo para o que eu deveria ou não fazer.

Aperto mais um pouco o seu braço e ele geme de dor. Estou com muita raiva e sei que estou errando em estar agindo desse modo.

— Você está me machucando. — Ela informa.

— Jensen! — Emily aparece no meu campo de visão e eu solto a Day. — Me espere na sala de reuniões.

— Ele estava me agredindo. — Day declara.

Noto que a Emily apenas arqueia uma sobrancelha e a *ring-girl* sobe a escada pisando duro. Eu prendo a minha atenção na Lewis e enfio as minhas mãos nos bolsos da calça.

— Você não pode fazer isso.

— Eu sei e não preciso do seu sermão. — Resmungo.

— Eu sei o porquê de você estar assim, mas não é motivo de descontar a sua raiva nas pessoas.

— Do que você sabe, Emily? — Questiono com raiva.

— Você e a Thurman se separaram devido aos acontecimentos relacionados a minha mãe.

— Eu não quero falar sobre isso, ainda mais com você.

Ela dá um passo para trás, ao levantar as mãos em sinal de rendição e eu me afasto suavemente. A ruiva é advogada da Lewis,

então uma tem muitas informações da outra. Chamo a Emily assim que ela começa a subir a escada e ela me encara.

— Aonde *ela* está?

— Eu não sei, e estou dizendo a verdade. — Emily respondo e eu reviro os olhos. — Ela está de férias e só irá voltar no final do mês.

Apenas aceno silenciosamente e saio do *Fight*. Miranda decidiu se afastar completamente de mim, e a sua repulsa deve ser tão grande que ela teve que sair da cidade, para ficar o mais longe o possível. Porém, ela terá que voltar em algum momento e nós teremos que resolver a nossa situação. Já pensei em diversas coisas, na tentativa de tê-la de volta para mim, mas nem uma foi tão boa quando lhe pedir em namoro, por mais que seja algo difícil de ser aceito.

Nesses longos anos que se passaram, eu amadureci e me tornei um homem. E eu sei que trilhei um bom caminho nesses últimos tempos e sei que ainda posso ser melhor, porque o autoconhecimento e amadurecimento é uma tarefa diária. Alguém pode enxergar o meu amadurecimento devido a me ouvir contar e reconhecendo a verdade em relação a Margareth Lewis, mas não é apenas isso. Amadurecer é contar a história toda sem pular a parte em que você também errou. E a gente não finaliza uma história quando ela acaba externamente. A gente finaliza a história quando encerramos ela dentro de nós.

Foi difícil, mas eu aprendi a importância de assumir a responsabilidade das minhas escolhas, das minhas atitudes e dos meus erros. E mais cedo ou mais tarde, todo mundo se senta para ter um banquete com as suas próprias consequências, e a vida é um restaurante, ninguém sai sem pagar. E é exatamente isso o que estou pagando neste momento, o pagamento é alto – ficar sem a ruiva –, mas eu estou tentando arcar. Eu me declarei para a Miranda e irei mais um trilhão de vezes mais se for preciso, eu a amo. Contudo, eu não estou colocando o meu amor por ela acima do meu amor-próprio. Amar requer coragem e eu estou sendo corajoso ao enfrentar tudo, principalmente os meus medos, temores e passado, para ter a oportunidade de ter a Miranda em minha vida.

Desejo muito que a ruiva esteja de volta o quanto antes, eu preciso dela. Eu preciso vê-la, tocá-la e beijá-la. E assim que a ver, garanto que nunca mais a deixarei longe de mim. E a ideia mais provável para que esse meu desejo se realize é pedi-la em casamento. E o maior desafio será que ela aceite e me ame.



**JENSEN
BROWN**

CAPÍTULO VINTE E DOIS

*O que eu sou agora? O que eu sou agora?
E se eu for alguém que não quero por perto?
Estou caindo de novo, estou caindo de novo, estou caindo
E se eu estiver disposto? E se eu desistir?
E se eu for alguém de quem você não falará?
Estou caindo de novo, estou caindo de novo, estou caindo*
Falling – Harry Styles

Todas as minhas tentativas em conversar com a Miranda foram em vão. A minha entrada em seu escritório está proibida, eu não consigo nem se quer passar pelo portão do seu prédio e todas as minhas ligações rejeitadas. Na primeira semana do seu retorno à cidade, eu fui bastante insistente e nem se quer conseguir vê-la de relance. Nas semanas seguintes insisti em ligações, em seu celular e no escritório. Todas rejeitadas. E nas demais semanas, enviei mensagens, pelo menos uma por dia, a lembrando que eu a amava e pedindo desculpas, além de pedir que ela desse mais uma chance a nós. E como as demais coisas, as minhas mensagens também foram ignoradas.

E mesmo que a minha insistência tenha diminuído, eu continuo a enviar pelo menos três mensagens por semana, seja de ‘bom dia’, ou ‘bom trabalho’ ou qualquer outra bobagem. Retornei a minha vida social, tenho encontrado os meus amigos algumas vezes da semana ao ir ao *Fight* e a ir ao apartamento do Dom, até mesmo encontrando eles em bares. Todos estão cientes que é possível que nunca mais me vejam junto com a Miranda, mas eles tentam me animar e fazer com que eu tenha esperança. Eu ainda tenho, mesmo que seja o mínimo possível, mas eu ainda a tenho.

Encaro a minha imagem refletida no espelho diante de mim, penteio o meu cabelo e respiro fundo ao tentar me animar para a noite de hoje. É a despedida de solteiro do Oliver e nós iremos para um bar mesmo. Iremos beber um pouco, e depois de lá, iremos para o *Fight*. Os rapazes decidiram lutar e se a Penélope descobrir isso, irá dar merda. Ela informou que não queria luta, muito menos

mulheres nessa despedida de solteiro. Saio do meu quarto pela porta que dá acesso a área externa, atravesso o local rapidinho e entro no meu carro. Essa atitude é devida ao meu atraso, e não é porque estou fugindo dos meus pais, como já fiz outras vezes. Eles ficaram sabendo do ocorrido entre eu e a ruiva, e a minha mãe ficou doida. Sofreu como se fosse uma perda, pois, segundo ela, tem a certeza de que a Miranda é a mulher da minha vida. Eu também tenho essa mesma certeza, mas preferi manter em segredo.

E devido a sua torcida para que eu me acerte com a sua advogada, todo santo dia e toda a vez que ela me vê, me questiona sobre eu já ter conseguido reconquistar a Miranda. Eu estou disposto a fazer isso, mas depois de tanto tempo de insistência e recebendo apenas ausência, eu decidi esperar, porque, se *ela* me quiser mesmo, também terá que colaborar comigo. Vir atrás, mostrar que me quer também. Eu não irei me entregar mais uma vez em um relacionamento raso, por mais que no tempo que tenhamos ficado juntos, tudo tenha sido muito recíproco.

Ainda me lembro detalhadamente do dia que eu assumir estar apaixonado por ela, de início tive a certeza de que ela não nutria nada por mim, mas parei tudo e analisei o nosso envolvimento, chegando à conclusão de que ela sentia o mesmo por mim, contudo, ainda não tinha se dado conta ou não queria revelar, mas na mesma noite, revelou e nós tivemos uma ótima noite de sexo. Aliás, todas as vezes que dividimos a mesma cama, foi algo intenso, prazeroso e cada vez melhor. Eu não posso mergulhar nesse tipo de lembrança, porque eu não a tenho e ficarei ainda mais com saudade, conseqüentemente com tesão acumulado. Há meses eu não toco em nem uma mulher e não sou tocado por nem uma. Não sinto atração e muito menos tesão por qualquer uma. O meu corpo, mente e pau estão direcionados a Miranda. A apenas ela e mais ninguém.

Estaciono diante do bar que costumamos a vir e agora ele só me dá um tipo de lembrança. Foi nesse estabelecimento que eu comecei a me aproximar da Miranda, naquela mesma noite eu lhe dei uma carona e no final dela tive uma consequência devido a uma atitude ousada: a beijei e levei um tapa. Saudade daquela boca,

daquelas mãos, corpo firme, pele sedosa. Chega, Jensen! Pare de pensar na Miranda! Desço do meu carro, aciono o alarme e adentro no estabelecimento. Cumprimento a moça que fica na recepção, ela me informa que os meninos já estão no terraço e eu vou atrás deles. Percebo que está bastante movimentado, e eu me desvencilho das pessoas enquanto procuro pela mesa onde os meus amigos estão.

— Até que fim! — Oliver declara ao me ver.

— Me desculpem pelo atraso.

Cumprimento os meus amigos primeiramente, em seguida cumprimento o Dylan e por fim só resta o Eduard. Recolho a minha mão e o cumprimento com um aceno de cabeça. Me sento entre o Leon e o Dominic, pego um copo e o encho de chope.

— Nervoso para amanhã? — Leon questiona ao noivo da vez.

— Muito, mesmo que já sejamos casados.

— Então, vamos beber para amenizar o nervoso. — Dominic aconselha.

— Está nervoso porque a sua irmã irá se casar?

— Por isso também. — Ele sorri e olha rapidamente para o Eduard que está ao seu lado. — Eu irei pedir a Emily em casamento.

— Sério? — Questiono surpreso. — Meus parabéns!

Bato em seu ombro e ele me abraça brevemente.

— Hoje temos um motivo duplo para comemorar. — Noah anuncia e olha para cada silenciosamente. — Ou mais algum tem alguma novidade, para ser uma comemoração tripla?

— Eu irei me casar, mas não é agora, pois o bebê precisa nascer antes. — Leon nos lembra.

A minha cunhada está prestes a ganhar neném e o casamento deles virá daqui três meses, se eu não me engano. Todos estão casando e eu espero que em breve seja eu e a Miranda. Volto a realidade quando o Oliver puxa o brinde, nós levantamos os nossos copos e brindamos ao batê-los. Noto que o Eduard está bebendo refrigerante e acabo me lembrando que ele não bebe nada alcoólico.

— Está tudo bem? — Dominic me questiona.

— Está na medida do possível.

— Não conseguiu conversar com *ela*?

— Não. — Suspiro. — E eu estou cansado de correr atrás, a minha esperança já está quase nula.

— Nós iremos para o *Fight* que horas? — Oliver questiona.

— Daqui a pouco. — Dominic o responde.

— E não terá as *ring-girls* e nem outras mulheres, não é? — Ele questiona preocupado.

— Não. — Noah nega ao rir.

— Jamais! — Dominic declara. — Eu não iria me colocar em risco por causa de uma noite de divertimento, além de que, Emily é superior a qualquer mulher.

— Fale por si próprio, pois a melhor a meu ver é a minha Penélope. — Oliver declara.

Reviro os olhos devido a essa disputa para saber quem tem a melhor esposa e peço uma dose de uísque quando o garçom passa próximo a mim. Descanso os meus braços sobre a mesa e olho na direção da entrada. No mesmo segundo, a minha atenção é atraída pela chegada de uma mulher. Olho para o salto alto em seus pés, os meus olhos sobem por suas pernas nuas e franzo o meu cenho ao notar um detalhe do seu vestido preto. Tem um laço na cintura e isso me desperta um gatilho sexual. Continuo a percorrer o seu corpo com o meu olhar e sinto o meu coração falhar quando olho no rosto *dela*.

Miranda está aqui, acompanhada da mesma amiga que eu a vi da primeira vez que nós nos encontramos aqui. Parece que elas estão procurando alguém, enquanto andam desviando das pessoas e sem pensar duas vezes, me levanto da cadeira e ela para de andar bruscamente ao notar a minha presença diante de si. A minha respiração está acelerada, o meu peito doendo e as lágrimas estão presentes em meus olhos. Eu queria abraçá-la e beijá-la, mas não posso, não enquanto ela não me der a liberdade para fazer isso. Noto que os seus olhos também estão marejados, o lábio inferior preso entre os seus dentes e é visível que ambos estamos sofrendo. Estico a minha mão direta, acaricio a sua bochecha e seco a única lágrima que escorre por seu olho.

— Não, por favor. — Ela pede quase sem forçar.

— Eu sinto a sua falta, ruiva. — Falo num tom para que somente ela ouça. — Eu preciso de você.

Miranda manea a cabeça para os lados, dá um passo para trás se afastando do meu toque e olha para a moça ao seu lado. A sua amiga a informa que irá encontrar os demais e se afasta, nos deixando a sós.

— Por favor, me deixe passar.

— Nós precisamos conversar, eu preciso saber como você está, como está *nós*. Há meses que eu não te via, não ouvia a sua voz e nem te tocava.

— Quatro meses e parece que foram apenas quatro minutos, pois, o seu passado me atropelou igual a um trem bala.

— Eu te dei muito tempo e agora você precisa colaborar comigo.

— Não. — Ela nega de imediato e olha para os meus amigos.
— Oi, rapazes.

Eles a cumprimentam e eu percebo que aqui não é lugar para conversarmos.

— Nós podemos ir conversar em outro lugar?

— E-eu tenho compromisso agora.

Ela tenta se desvencilhar de mim, mas eu seguro em sua mão, a impedindo de se afastar e mais uma lágrima escorre por sua bochecha. Ela está muito afetada, assim como eu estou, contudo, está se fazendo de difícil, não querendo conversar comigo, e eu não consigo entender o porquê. Já se faz quatro meses desde a nossa última conversa.

— Por favor, Miranda.

O seu lábio inferior treme e ela olha na direção onde a amiga está. É uma mesa composta por dois casais, a sua amiga e um outro rapaz. Semicerro o olhar e noto que esse rapaz é o seu amigo Julian. Solto a sua mão imediatamente e balanço a cabeça. Tudo bem, eu já entendi, ela seguiu em frente enquanto eu sofri diariamente. Entretanto, é visível o seu sofrimento e talvez ela esteja tentando vencê-lo ao se relacionar com aquele babaca.

— Jensen...

— Não, está tudo bem, eu já entendi.

Eu lhe dou as costas, volto a me sentar e a ignoro.

— Você está enganado mais uma vez. — Ela declara me fazendo encará-la. — E se você quiser mesmo conversar, deveria rever essa sua atitude.

— Se você quiser conversar comigo, sabe onde me encontrar.

Sem falar nada, ela se afasta e vai rumo aos seus amigos. Bato a minha mão sobre a mesa, irritado com a situação e peço desculpa a todos devido a esse pequeno caos. É a despedida de solteiro do Oliver, é ele que deve ser a atração da noite. Seguro o copo entre as minhas mãos, bebo o meu uísque de uma vez e roubo a bebida dos rapazes. Bebo todas num gole só, tentando desfazer o nó em minha garganta.

[...]

— Já chega! — Dominic ordena ao retirar o copo da minha mão.

— Me deixa beber em paz.

— Não mesmo, você irá dirigir. Aliás, não irá, não está em condições.

Reviro os meus olhos, limpo a minha boca no guardanapo e empurro o meu copo para longe. Entretanto, fiz uma força excessiva e isso faz com que o copo voe da mesa e se estilhace no chão, atraindo a atenção de algumas pessoas. O meu celular vibra em meu bolso, o pego e fico sem reação ao ver que é uma mensagem da Miranda. Eu olho para trás, diretamente para a sua mesa e ela está indiferente a mim, conversando com os seus amigos. Julian não está ao seu lado e isso é menos um estresse para mim.

“Se eu aceitar a conversar com você...

Irá parar de beber?”

Um sorriso se surge no canto dos meus lábios devido a sua preocupação.

*“Tem que querer conversar comigo,
por pura vontade e não por chantagem.”*

Fico segurando o celular entre as minhas mãos, enquanto olho para *ela* e a vejo digitando freneticamente em seu celular. A resposta chega em segundos e eu volto a olhar para o aparelho.

*“Nós já podemos ir ou você irá beber
mais uma dose e irá quebrar mais copos?”*

Guardo o celular em meu bolso e saio da mesa, chamando a atenção dos meninos.

— Eu preciso ir embora. — Anúncio. — Me desculpe por não ficar, Oliver.

— Ei, não tem problema. O importante é você ir resolver a sua vida. — Ele aperta o meu ombro e sorri. — Você torceu muito por mim e pela Pen, para a gente se acertar e agora é a nossa vez de torcemos por vocês.

— Obrigado.

— Juízo, Jensen. — Dominic me aconselha. — E espero que você possa nocautear os empecilhos que surgiram.

Me despeço de todos com um aceno, ando em direção a mesa aonde a Miranda está e todos se silenciam quando notam a minha presença.

— Nós já podemos ir, ruiva?

Ela suspira, mas acaba acenando e se despede de todos. Assim que ela se levanta da mesa, eu coloco a minha mão espalmada na sua lombar e encaro o Julian por alguns segundos. Descemos para o primeiro andar, atravessamos o bar interno e logo chegamos na rua.

— Me dá a chave do seu carro. — Ela me pede.

— Eu dirijo.

— Jamais! — Ela nega. — Me dá a chave, Jensen.

— Você também bebeu.

— Não, eu não bebi. — Ela me informa. — Eu irei dirigir.

— Mandona demais, ruiva, mas eu gosto.

Ela revira os olhos, arranca a chave da minha mão e nós entramos no meu carro. Coloco o cinto de segurança e fico a observando. Miranda está linda como sempre.

— Para de ficar me olhando.

— Eu amo você, sabia?

— Saber, eu sabia, acreditar já é outra questão.

— Você não acredita em mim? — Questiono.

É ofensivo ouvir isso, ela duvida do meu amor.

— Você já mentiu demais e eu tenho os meus motivos para desconfiar.

— Eu jamais mentiria para você... — Ela arqueia uma sobrancelha ao me encarar. —, em relação ao meu amor. Eu te amo e posso gritar para o mundo inteiro ouvir.

Abaixo a janela do meu quarto, coloco a cabeça para fora e o vento frio bate contra o meu rosto. Antes que eu possa abrir a minha boca e gritar que eu amo essa ruiva, ela me puxa para dentro do carro e fecha a minha janela.

— Sossega nessa banco, Jensen.

— Você que manda.

Seguro em sua mão e beijo os nós dos seus dedos.

— Para!

Miranda puxa a sua mão da minha e a coloca sobre o volante. Eu não sei para aonde estamos indo, mas o que me importa é estar com ela. Relaxo contra o banco do meu carro e fecho os meus olhos. O nível do álcool em meu organismo está tão alto que eu nem estou me importando que ela está dirigindo o meu carro. O cheiro do seu perfume preenche cada cantinho, e eu desejo estar logo com ela. Estico a minha mão em sua direção, acaricio a sua nuca e a sinto se arrepiar. O carro freia bruscamente quando o semáforo fica vermelho e eu aproveito para me inclinar em sua direção. Ela vira o rosto para mim e as nossas bocas próximas. O seu cheiro é inebriante e eu estou prestes a perder o juízo.

— Iremos para o seu apartamento?

Nós estamos próximos do lugar onde ela mora.

— Eu irei te deixar em sua casa e mais nada.

— Você prometeu que iríamos conversar.

— Você está bêbado. — Ela declara. — E nós não vamos conversar com você nessa situação.

— Por favor, ruiva, faz o que eu peço pelo menos uma vez.

Ela suspira derrotada, olha fixamente para a minha boca e suspira.

— Você tem que me prometer que irá se comportar.

— Eu prometo. — Beijo os meus dedos indicadores ao cruzá-los. — Você é linda!

— E você está bêbado.

— Mas consciente.

Miranda revira os olhos diante da minha declaração, e volta a sua atenção para a via. Ela acelera rumo ao seu apartamento e durante o restante do caminho, eu fico acariciando a sua nuca. É visível que ela está se controlando ao máximo para não ceder diante do nosso desejo, e está sendo relutante para me desculpar. Ela tem que entender que eu não a magoei intencionalmente. Descemos do carro quando é estacionado diante do seu prédio, eu a sigo fielmente e nós adentramos no elevador. Estamos muito perto um do outro, e mesmo assim, eu ainda não posso tocá-la. Eu quero amar essa mulher, de corpo e alma. Quero tocar cada centímetro do seu corpo e da sua alma.

Atravessamos o corredor, assim que saímos do elevador e entramos em seu apartamento. Eu senti falta de estar aqui, mas não é equivalente a falta que eu sentir em estar com *ela*. Me sento no sofá, relaxo o meu corpo contra o estofado e olho para a Miranda. Ela retira o casaco e na minha mente, é como se ela estivesse se despindo para mim. Contudo, o meu lado racional decide tomar a frente e eu tomo uma postura mais firme. Preciso mostrar para a Miranda que eu não sou mais aquele jovem inconsequente, preciso mostrar para ela que eu não irei cometer os meus erros do passado.

— Você quer beber água? — Ela me questiona.

— Cerveja, por favor.

Ela revira os olhos e nega.

— Então não iremos conversar.

— Por favor! Eu preciso de pelo menos um gole para suportar tudo o que está por vir.

— Não tem cerveja aqui, você sabe disso. — Ela resmunga.

— Não sobrou nem uma desde a última vez que eu estive aqui?

— Isso já faz quatro meses.

— E a culpa é de quem? — Questiono.

Miranda revira os olhos, anda rumo a cozinha e em menos de um minuto, retorna para a sala de estar. Ela me entrega uma garrafa de cerveja, me surpreendendo e eu agradeço.

— Eu vou falar e quero que me ouça, sem me interromper.

— Tudo bem. — Aceno.

— Desde muito nova eu tive a consciência que, eu jamais me relacionaria com alguém que tivesse a atitude errante em ser amante ou ter amante, porque eu tinha a impressão de que poderia ser enganada em algum ponto do relacionamento. Não consigo entender o que leva uma pessoa a ser esse *tipo de alguém*. Ser amante é tão grave como ter amante, porque alguém está sendo enganado nesses relacionamentos e dói demais quando você se entrega a alguém que tem acesso ao seu corpo e sentimentos, e esse mesmo alguém tem a falta de caráter de trair tudo o que tem com você. — Em todo momento, ela mantém o seu olhar fixo no meu. — E por ter essa e mais algumas concepções acerca do assunto, eu sabia que jamais poderia me relacionar com esse *tipo de alguém*, porque eu não iria conseguir confiar cem por cento e nem sentir que a pessoa estava sendo verdadeira em suas palavras, principalmente em seus sentimentos por mim.

Miranda para de falar, respira fundo e as lágrimas invadem os seus olhos.

— Eu posso falar agora?

Ela nega ao balançar a cabeça.

— E quando eu soube sobre o seu passado, a primeira coisa que se passou em minha mente foi, que eu estava sendo enganada por todo esse tempo e que o que vivemos foi uma enorme mentira. Então, o meu primeiro ato foi me afastar, na intenção de me proteger.

O silêncio se instala por longos segundos e eu percebo que é o meu momento de falar.

— Eu já te disse milhões de coisas e não sei como posso te provar que não deve se preocupar em relação as atitudes que eu tive no passado. — Os meus ombros caem. — Eu te amo, amo mesmo e você é a primeira pessoa que eu falo isso. O meu amor por você é mais forte do que qualquer coisa, contudo, o meu amor por você não está acima do meu amor-próprio. E eu percebi somente isso, quando eu vi que estava no fundo do poço devido a um fantasma do passado. E eu queria muito que você acreditasse em mim e me entendesse, que eu jamais terei a mesma atitude do passado e em hipótese alguma, faria algo parecido com você.

— No fundo eu acredito em você, contudo, tem uma parcela de medo devido aos meus princípios.

— Eu entendo. — Suspiro. — E por que ficou afastada de mim por quatro meses?

— Na intenção de fazer os meus sentimentos morrerem. — Ela confessa.

— E conseguiu o resultado que tanto queria?

— Não.

O seu olhar volta a conectar no meu e eu vejo apenas amor, o mais sincero e puro.

— E como fica *nós* a partir de agora?

Me levanto do sofá, ando na direção da acaricio o rosto da Miranda. Seco as suas lágrimas, ela deita a cabeça em meu ombro e chora copiosamente. As lágrimas também começam escorrer pelo meu rosto, eu abraço o corpo da ruiva contra o meu e lhe peço desculpas. Eu a magoei, mas grande parte dessa mágoa veio através de suas concepções de vida. Decido segurar o seu rosto entre as minhas mãos, descanso a minha testa na dela e respiro fundo.

— Eu não posso dizer que iremos recomeçar do ponto que paramos, mas tentar nos reaproximar já é algo, e terá que ser aos poucos.

— Eu te amo. — Declaro olhando em seus olhos. — Eu amo você, Charlotte Miranda Thurman.

— Eu...

— Não, por favor. — A interrompo. — Não fale neste momento, pois, irá parecer que está falando apenas para retribuir, mesmo que eu saiba que você sinta o mesmo por mim.

— Tudo bem, eu não falo. — Ela ri.

— Agora, me deixa te beijar?

Ela acena positivamente e fecha os olhos. Aproximo as nossas bocas, os nossos lábios se tocam e as nossas línguas se encontram. Passo os meus braços por sua cintura, a mantenho pressa contra o meu corpo e ela aperta os meus ombros. Caminho os nossos corpos pelo ambiente até entramos em seu quarto, caio sentado na cama e ela fica sobre o meu colo. Subo a minha mão direita por debaixo da saia do seu vestido, dedilho cada centímetro de sua pele e toco na lateral da sua calcinha.

Desfaço o laço da sua cintura, abro o seu vestido e caio de boca sobre o seu seio nu. Mordisco a sua pele, sugo o seu mamilo e pinço o oposto com as pontas do meu dedo. Miranda geme, joga a cabeça para trás e rebola sobre o meu colo. O meu pau está latejando, consigo sentir a sua umidade através das nossas peças de roupa. A coloco deitada sobre o sofá, retiro a sua calcinha e abro as suas pernas. Coloco a minha boca entre vale enxarcado, chupo o seu clitóris e a penetro com dois dedos. Ela grita o meu nome e empurra a pélvis na direção da minha mão, exigindo um contato maior.

Passo a minha língua por seus lábios, cutuco a sua entrada com a ponta da minha língua e ela estica as pernas, indicando que está próxima ao seu ápice. Assim que ela atinge o orgasmo, eu retiro a minha roupa e fico entre as suas pernas. E antes que eu possa penetrá-la, eu sinto a minha cabeça girar e a minha vista ficar embaçada. Cambaleio suavemente e a Miranda coloca as mãos espalmadas em meu peito.

— É melhor você se deitar. — Ela me aconselha.

— Eu quero transar...

— Querer até quer, mas o corpo não está colaborando. — Ela resmunga debochada.

Eu olho para o meu pau e o vejo meio bambo. A bebida me afetou ou são os sentimentos que causaram isso em mim? Miranda me ajuda a deitar sobre a cama, dá um beijo suave em meus lábios e sai de cima de mim. Eu seguro em seu braço, tento trazê-la de volta para mim e ela se nega ao avisar que irá pegar um cobertor para a gente. Me deito de bruços, fecho os meus olhos e relaxo. É bom estar aqui novamente, principalmente, sentindo que estamos bem novamente. Miranda me ama, eu a amo e tudo irá ficar bem.

[...]

Assim que amanheceu, eu me vesti e fui me encontrar com a Miranda na cozinha. Ela me serviu uma caneca cheia com café forte, bebi em silêncio devido ao seu silêncio. Não conversamos sobre a noite anterior, nada foi dito. E assim que terminei beber, me despedi dela ao beijar o topo de sua cabeça e sai do seu apartamento. Ontem, eu tive a impressão de que tudo estava bem, mas hoje, não conseguir ter a mesma certeza.

Fui para casa, descansei e depois me arrumei para a cerimônia. E quando eu cheguei diante da mansão Lewis, eu só conseguia pensar o tanto de sofrimento que já ocorreu bem ali. Cada tapa, cada soco, cada xingamento e cada agressão gravíssima. Respirei fundo, desci do meu carro e adentrei na propriedade. De imediato, procurei pelos meus amigos e encontrei o meu irmão. Nós nos juntamos ao noivo, que estava extremamente nervoso e tentamos acalmá-lo.

Poucos minutos após a minha chegada, a cerimônia se iniciou e o meu momento de entrar com a Emily chegou. Ela respirou fundo e entrelaçou o seu braço no meu. Caminhamos pelo tapete rumo ao pequeno altar, toco suavemente no braço do Oliver e ele sorriu nervoso. E quando a Penélope caminhou na direção do noivo, na companhia do irmão, até eu me emocionei. Ela estava linda, como uma princesa. O amor podia ser palpável no ar, e todos ali presentem, transmitiam muito mais amor para o casal. E quando a Penélope foi entregue ao Oliver, algo atraiu a minha atenção e eu olhei diretamente para os convidados. O meu olhar passou por

cada, até eu encontrá-la e quando eu a vi.... ah, desejei que fôssemos nós dois sobre aquele altar.

— Está tudo bem? — Penélope me questiona.

Eu a olho e aceno. Estou tendo a honra de dançar com a noiva e já lhe disse muitas palavras de carinho e de amor, além de conselhos, por mais que a área amorosa não seja um campo que eu saiba pisar. E além de tudo isso, eu lhe parabeneizei pelo bebê que está a caminho.

— Sim, princesa.

— Não está.

Não mesmo, mas aqui não é momento para isso.

— Hoje é o seu casamento e não deve se preocupar comigo.

— Eu me preocupo sim. Você sabe que pode contar comigo e se abrir comigo.

Eu sei exatamente o que ela quer dizer com isso, mas está errado. Essa história não é mais sobre a Margareth, é sobre mim mesmo e por fim, a Miranda.

— Quer saber sobre a Lewis?

— Sobre tudo que te desestabiliza.

— Quem sabe um dia eu te conto.

Enfim a música se encerra e ela se afasta de mim, mas entrelaça o seu braço no meu.

— Vou ir deixar o meu irmão roubar a cena no meu casamento.

— Dominic gosta de atenção e está com inveja que os olhares estão voltados para você. — Debocho.

— Se ele ouve você dizer isso... — Ironizo.

Oliver se aproxima de nós, me empurra de brincadeira para longe de sua esposa. Dominic irá pedir a Emily em casamento e eu estou feliz por eles. Aproveito a distração de todos, ando pelo ambiente em busca da Miranda e a encontro atacando a mesa dos doces. Toco em sua cintura, a fazendo me encarar seriamente. Eu me lembro de tudo o que conversamos na noite de ontem, até mesmo da minha falha, e está tudo bem.

— É bom que você tenha vindo.

— Vir por consideração aos noivos e aos seus amigos.

Aceno suavemente e olho fixamente para a sua boca por alguns segundos.

— E você pensou mais um pouco sobre nós?

— Aqui não é o momento, Jensen.

— Nunca é o momento, nunca é o lugar. — Resmungo.

Ela me encara surpresa e dá de ombros.

— As coisas não são como você quer.

— Se fosse...

Você estaria comigo – completo mentalmente. Ela balança o seu corpo para os lados ao mesmo ritmo da música, e para ao ver que eu estou a observando.

— Para de me olhar assim.

— Assim como?

— Como se fosse me jogar contra a parede e... não importa o restante.

Dou alguns passos, ao me movimentar por alguns centímetros do ambiente e paro intencionalmente atrás da Miranda. A seguro pela cintura, a puxo de encontro ao meu corpo e analiso o seu perfume ao encostar o meu nariz em sua nuca. Em seu corpo tem um vestido verde claro, ele tem um vasto decote entre os seus seios e uma fenda em sua perna esquerda.

— Ontem você não reclamou. — Sussurro em seu ouvido. — E com certeza está querendo mais.

Toco em sua bunda, desço a minha mão pelo seu corpo e toco em sua coxa por debaixo do tecido que está a cobrindo. Coloco a minha mão livre sobre o seu ventre, mantenho o seu corpo grudado ao meu e dedilho cada centímetro de sua pele. Toco novamente em sua bunda, passo as pontas dos meus dedos pelo pequeno tecido de sua calcinha e toco na sua entrada. Ela já está úmida, demonstrando a sua excitação, mesmo que eu tenha começado a provocá-la há poucos segundos.

— Para. — Ela pede em meio a um gemido.

— Volta para mim, Miranda. — Peço contra a pele do seu ouvido.

— Eu já te disse iremos tentar aos poucos.

Retiro a minha mão do meio de suas pernas, quando noto a minha mãe se aproximando e a Miranda tenta dar um passo para frente, se afastando do meu corpo, mas eu a impeço, devido a minha ereção.

— Estou feliz por ver vocês juntos. — Dona Sarah declara.

— Não estamos juntos realmente. — Miranda declara.

— Nós estamos tentando novamente, mas é praticamente estarmos juntos.

— Mesmo assim, eu estou feliz por vocês estarem juntos. — Ela declara novamente. — Irá ficar por aqui ou já irão embora?

— Iremos ficar.

Tomo a liberdade de também responder pela ruiva e ela acena, concordando comigo. Decido ir me sentar na mesma mesa que os meus amigos, convido a Miranda a ir comigo e ela aceita de bom agrado. Aproveito a festa para beber, comer e observar a ruiva interagindo com os meus amigos. Quando os noivos se despedem dos convidados, eu convido a Miranda para irmos embora e ela concorda, pois, quer conversar comigo. Espero que essa conversa me traga uma boa notícia. Tomo a iniciativa de entrelaçar as nossas mãos, ela me olha e sorri. Essa sua atitude me traz conforto e acalma o meu interior. Antes que eu possa sair da mansão, eu dou de cara com o Eduard e ele desvia de mim após me encarar. Nunca teremos uma boa convivência e eu nem faço questão disso.

Abro a porta do meu carro assim que saímos da residência, a Miranda se senta no banco do carona e eu dou a volta ao me sentar no banco do motorista. De imediato, ela pede para irmos para o seu apartamento e eu nos levo rumo a ele. Eu tenho algumas perguntas a lhe fazer, referentes a está manhã, já que não trocamos nem uma palavra e eu simplesmente sai sem saber se estava tudo bem mesmo ou a noite anterior tinha sido apenas uma impressão de paz. O caminho é percorrido em silêncio, até mesmo quando já estamos dentro do elevador e é impossível entender qual será o nosso resultado. A ideia de pedi-la em casamento é uma possibilidade gritante em meu interior, contudo, se eu fizer isso, neste momento, sei que irei assustá-la e posso fazer que ela se afaste. Eu ainda irei

fazer este pedido, entretanto, será no momento certo e sinto que será em breve.

— O que foi aquilo de manhã?

A ouço fechar a porta do seu apartamento e eu a encaro.

— Eu sabia que se fossemos continuar a nossa conversa, iríamos perder o casamento dos seus amigos e por isso, eu preferi me manter em silêncio.

— Mas, por acaso, você imaginou como eu poderia me sentir em relação a essa sua atitude?

— E você, em algum momento imaginou como eu poderia sentir em relação ao seu passado? — Miranda rebate.

Comprimo os meus lábios e ela sorri vitoriosa.

— Tudo bem. — Suspiro. — O que você quer conversar comigo?

— Eu quero que você me conte tudo, desde o momento que você se aproximou da Margareth, até os dias atuais.

Aceno positivamente, nós nos sentamos no sofá e eu começo a lhe contar tudo, como eu nunca contei a ninguém. Dessa vez eu abro o jogo para valer, conto desde os mínimos detalhes até mesmo os sórdidos, de quando estávamos juntos. Miranda ouve tudo com atenção e em silêncio. E é impossível saber se ela está me repugnando ou se está sendo compreensiva. Noto que, tudo o que me aconteceu não me afeta mais, é como se eu estivesse recitando uma receita de bolo e está tudo bem. Eu superei a Margareth, superei o que ela me causou e exterminei o que eu achei que sentia por ela.

O que eu sinto pela Miranda, eu nunca senti por mais ninguém. Sei que essa frase é uma merda de clichê, mas depois de tudo o que eu passei, acho que posso ter ao direito de ser clichê em pelo menos um momento da minha vida. Além de lhe contar sobre a Lewis, decido que devo citar sobre os momentos que eu me aventurei com várias na tentativa de esquecer aquela que estava fadada a me exterminar ao me deixar preso num poço sem fundo, num ciclo vicioso.

— É isso. — Declaro ao terminar toda a história.

— Você transou com a Lauren? — Miranda me questiona. — Vocês são amigos ou amantes sórdidos?

Reviro os meus olhos.

— Amigos, e o que aconteceu entre nós foi apenas sexo entre duas pessoas bêbadas e com o desejo a flor da pele.

— Quantas vezes você já se envolveu com mulheres casadas?

— Três vezes, mas a Margareth foi a única que eu fiquei por meses.

— Até ela ser morta. — A ruiva comenta. — Tem mais a me contar?

Lembro-me do apartamento.

— Você sabe da história do apartamento, mas os Lewis não. Aliás, eu acho que o Eduard desconfie.

— Você deveria contar a verdade para eles.

Isso nunca foi opção para mim, mesmo que seja correta.

— Quando estávamos em Nova Iorque, eu fui até o apartamento, mas não quis entrar e fiquei encarando a porta por horas.

— Existe algo dentro daquele imóvel....

— Eu acho pouco improvável. — Resmungo ao interrompê-la.

— Por fim, você tem mais alguma pergunta?

— Você parou com o seu vício de fumar ou voltou neste tempo que estivemos separados? — Ela questiona.

— Há algumas semanas eu parei e estou me saindo bem diante da ausência da nicotina.

— Mas está a reforçando ao beber mais do que o normal?

— Não, eu não estou.

— Ótimo. — Ela sussurra.

— Mais alguma pergunta? — Questiono.

— Apenas uma declaração. — Ela informa ao se inclinar suavemente em minha direção. — Eu estou ficando louca por ter que ficar longe de você, porque eu não consigo enxergar a minha vida sem ter você nela. E por isso cheguei a conclusão que é a hora que nos dar uma nova chance e...

— E? — Questiono quando o silêncio a domina por longos segundos.

— E eu te amo!

É a primeira vez que eu ouço essas palavras saírem de sua boca e é o som mais lindo que eu já ouvi. Me inclino em sua direção, a agarro pelo cabelo e selo as nossas bocas. Essa mulher é o meu céu e inferno. Ela é a minha brisa fresca e ao mesmo tempo é o trem que me atinge com força total. Uma mulher como ela é, e um homem como eu sou, não se esbarram muitas vezes na face da terra, muito menos, com mais de uma chance devido a um vacilo tão grande como o qual cometi. E por isso, eu tenho que honrar e aproveitar o máximo que tenho com esta mulher.



**JENSEN
BROWN**

EPÍLOGO

*Pegue minha mão
Tome minha vida inteira também
Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você
Como um rio que corre
Certamente para o mar
Querida, é assim
Algumas coisas estão destinadas a acontecer*
Can't help Falling in love - Elvis Presley

Direto e cruzado. Jabe e cruzado. Chute. Esquiva. Joelhada... e por fim, coloco as mãos em meus joelhos ao inclinar o meu corpo para frente e respiro fundo diversas vezes, recuperando o meu folego. Estou exausto, mas completamente preparado para a luta que terei amanhã à noite. Enfim chegou o dia que eu irei entrar com combate com o Eduard Lewis, e estou esperançoso. O meu dia a dia tem sido tranquilo, assim como a minha vida pessoal e amorosa, por isso estou confiante em relação a amanhã. Eu me acertei com a Miranda, nós estamos bem e estou decidido que em breve iremos oficializar algo.

A ideia de pedi-la em casamento é algo ativo em meu ser, contudo, eu não consigo imaginar se a ruiva irá aceitar. Mesmo que estejamos de boa um com o outro, nos amamos e que desejamos ficar um ao lado do outro cada minuto de cada dia. Entretanto, casamento é algo sério e eu simplesmente não posso receber um não, porque sei que, se isso acontecer, eu não irei pedir outra vez. Entretanto, no fundo, eu acredito que ela irá se surpreender e consequentemente aceitar, pois deseja viver ao meu lado para o resto da vida.

Saio da academia, subo a escada e atravesso a área externa. Entro no meu quarto, confiro a hora e vou para o banho. Já está quase na hora da Miranda sair do escritório e nós iremos nos encontrar em seu apartamento. Eu ainda não conheci os seus pais e isso acontecerá hoje. Não existe nervosismo da minha parte em

relação a isso. Sei que a mãe dela tem pleno conhecimento do meu passado, sabe do apartamento e foi ela que revelou a tudo para a minha ruiva.

Não tenho raiva da mãe dela ter lhe contado o que não deveria, principalmente, por ter se metido em algo que não lhe desrespeitava, contudo, algo em meu interior me diz que se não tivesse aquela situação não tivesse acontecido daquela forma, talvez eu ainda estivesse enrolando para lhe contar sobretudo. Eu não sei como a senhora Thurman pode reagir ao ver que eu estou me relacionando com a sua filha, mesmo que não tenha o direito de julgar nada que cercou a minha vida. Hoje em dia eu sou um homem, diferente daquele jovem imaturo que tomou a errada decisão ao se relacionar com a amiga da sua mãe, consequentemente uma mulher casada e com um homem que comandava uma máfia. Essa história é um pouco cômica, porque jamais seria possível imaginar que isso acontecia debaixo dos nossos narizes.

Saio do banheiro, visto calça-jeans pôr cima da cueca boxer azul e decido colocar a camiseta de manga longa de cor escura e por cima coloco um blazer. Calço o meu sapato e em seguida pego o meu celular. Coloco o aparelho em meu bolso, saio do meu quarto e atravesso o corredor. Dou de cara com a minha mãe, ela sorri e passa as mãos em meus ombros. Sarah Brown é a pessoa que mais torce – depois de mim – para que a Miranda faça parte dessa família.

— Qual o compromisso da noite?

— Estou indo jantar na casa dos pais da Miranda, e de lá eu vou para o *Fight*.

— E irá voltar hoje ou vai ficar com a minha nora?

— Ainda não se nós vamos vir para cá ou se vamos vir para cá.

— Tenham uma boa noite e um bom jantar.

Agradeço e dou um beijo no topo da sua cabeça.

— E aonde está o meu pai?

— Foi na farmácia, mas já deve estar voltando.

— E continua tudo bem entre vocês, não é?

— Tudo ótimo, estamos até planejando algumas viagens. Nós precisamos aproveitar um pouco, mas após o nascimento do bebê da Lola e Leon.

Elogio a atitude deles de quererem ir viajar, me despeço da minha mãe e saio de casa. Entro no meu carro e acelero rumo ao apartamento da ruiva. Seria mais perto se nós fôssemos nos encontrar diretamente na casa dos Thurman, contudo, eu prefiro ir me encontrar com a Miranda em seu apartamento e de lá, irmos juntos para a casa dos seus pais. Piso mais fundo no acelerador e sorrio animado devido a um pensamento. Se a ruiva morasse comigo, teríamos o dia a dia mais prático, aliás, não é apenas pela praticidade, mas por querer ela mais perto de mim.

Estaciono diante do prédio, desço do meu carro e adentro no hall. O elevador me leva até o andar da minha ruiva, ando até a porta do seu apartamento e a abro ao girar a chave na fechadura. Entro no apartamento, fecho a porta e olho ao redor a procura *dela*. Não a vejo na sala de estar, nem na cozinha, então sigo em direção ao quarto e ouço ela cantarolando baixinho. Me sento na ponta da cama, bem ao lado de algumas peças de roupa e fico olhando fixamente na direção da porta do banheiro.

— Que susto! — Ela coloca a mão no peito ao me ver, mas sorri. — Oi.

A sua nudez está sendo coberta pelo roupão, o seu rosto já está maquiado e o cabelo com leves ondulações na ponta.

— Oi, ruiva!

— Há quanto tempo você está aqui?

— Menos de dois minutos.

— Eu irei me arrumar e nós já podemos ir.

— Por mim você ficaria assim mesmo, aliás, nós ficaríamos aqui.

Ela ri suavemente, se inclina em minha direção e me dá um beijo suave.

— Nós iremos jantar com os meus pais.

— Eu sei e não estou reclamando por isso.

— Acho bom. — Ela resmunga divertida.

Eu a observo retirar roupão do seu corpo, analiso a sua lingerie preta e já desejo desde agora que o jantar acabe o mais rápido possível para que eu possa curtir a noite com a minha ruiva. Miranda veste meia-fina, saia de couro e uma regata curta e por fim uma jaqueta. Ela está toda de preto e imediatamente o meu cérebro faz uma piada inconsequentemente.

— Por que você está assim? Hoje será o meu velório diante dos seus pais?

— Cruzes!

— Foi uma piada boba, ruiva.

— Eu sei. — Ela revira os olhos debochando. — E não, não será um velório. Os meus pais são tranquilos e você verá isso assim que conhecê-los.

— A sua mãe já me conhece.

— Parcialmente. — Miranda me corrige. — Ela conheceu o Jensen Brown, jovem e...

— Imaturo. — Completo ao interrompê-la.

— Combinamos de não tocar mais neste assunto, porque não agrega em nossas vidas, muito menos em nosso relacionamento.

— Você está certa, sempre certa, ruiva.

— Nem sempre.

Ela me direciona uma piscadela, pega a sua bolsa e anuncia que podemos ir. Nós saímos do seu apartamento, entramos no elevador e eu a abraço puxando-a de encontro ao meu corpo. Passo o meu nariz por sua nuca, subo até o lóbulo de sua orelha e o mordo suavemente.

— Hoje, você quer ir para a minha casa ou nós voltamos para cá?

— Podemos ir para a sua casa.

— Ótimo. — Acaricio a sua lombar. — E isso pode ser após a nossa ida até o *Fight*? Tenho que assinar alguns papéis antes da luta que terei contra o Lewis.

— Eu ainda acho que essa luta é uma péssima ideia.

— Tudo dará certo, ruiva, não tem motivos para se preocupar.

— Eu tenho, aliás, todos têm e vocês dois sabem o porquê.

Aceno suavemente, nós saímos do elevador e em segundos já estamos dentro do meu carro. Enquanto nos levo rumo a casa dos seus pais, eu penso no que está por vir. Sei que todos se preocupam com a luta de amanhã, mesmo que nós dois já deixamos claro que iremos agir dentro das regras e cumpriremos o nosso dever. Iremos lutar e que vença o melhor. Eu venho me preparando há semanas, e as lutas que tive anteriormente foi como um preparado para a de amanhã e me sinto apto. Soube que o Eduard também vem se preparando há muito tempo, mesmo que não tenha tido pelo menos uma luta, porque preferiu se manter afastado do octógono. Entretanto, ouvi dizer – os meus amigos me contaram –, que o Lewis está no nosso nível, mas eu não consigo acreditar, e, também não desacredito. É possível que ele tenha conseguido, porque teve dias intensos de treino, mas conseguir chegar no nosso nível – dos *5M* –, em tão pouco tempo.

Estaciono diante do nosso destino, nós descemos do meu carro e eu entrelaço a minha mão na da Miranda. Estou prestes a ficar cara a cara com os seus pais, e nem se quer consigo imaginar o que me aguarda. Sei que serei tratada com respeito e que serão simpáticos. Entramos na casa, a ruiva chama pelos pais e me guia pelo ambiente. A sua mãe vem ao nosso encontro e eu sinto o receio bater contra o meu peito. Logo atrás, vem o seu pai e ele se apressa para me cumprimentar. Apertamos as nossas mãos, e eu olho para a Miranda. Ela está sorridente, mas me parece um sorriso de nervoso. Respiro fundo quando a senhora Thurman estica a mão em minha direção e nós nos cumprimentamos.

— Seja bem-vindo.

— Obrigado.

— Jensen, não é mesmo? — O senhor Thurman me questiona.

Por mais que ele fale muito bem o nosso idioma, existe um sotaque em cada entonação que sai de sua boca.

— Isso mesmo, senhor.

— Me chame de Hugo. — Ele me pede.

— Certo.... Hugo.

Me sento no sofá ao lado da Miranda, ela fica segurando em minha mão e os seus pais se sentam no sofá oposto.

— Enfim estamos te conhecendo.

— Pois é.

— Nós já nos conhecemos há alguns anos. — A senhora Thurman declara.

— Brevemente.

Hugo decide puxar assunto ao querer saber mais da minha vida e da minha carreira, em seguida gira em torno das lutas e ele demonstra animação quando comenta que sabe quem é o Dominic, pois assistiu a luta que aconteceu em Las Vegas. E foi no dia seguinte que eu vi a Miranda pela primeira vez. Eu me encantei logo de cara e compreendo que naquele momento, o mais correto foi ela me esnobar, porque assim pudemos nos reencontrar e tentar algo. Agora, cá estamos, há seis meses juntos. Certo, não literalmente seis, porque passamos quatro meses separados, mas esse período também foi bom para nós.

É anunciado que o jantar está pronto, nós seguimos para a sala de jantar e nos sentamos a mesa. Os pratos já são servidos prontos, eu agradeço ao rapaz e bebo um pequeno gole da minha água. Eu não posso beber uma gota de álcool até amanhã, devido a minha luta e existem outras coisas que não são recomendadas, como por exemplo: dormir pouco, comer algo que está fora da minha dieta e fazer sexo. Contudo, essa última recomendação sempre é quebrada e será principalmente hoje, porque eu não vou deixar de aproveitar parte da noite e cada centímetro do corpo. Coloco a minha mão direta debaixo da mesa, toco na perna da ruiva atraindo o seu olhar e ela sorri.

— Eu te disse que está linda?

— Ainda não. — Ela ironiza.

— Você está belíssima.

— Obrigada.

Mesmo que seja um momento descontraído, eu aproveito para lhe dizer algo importante, mesmo que tenha sido uma impressão.

— Eu acho que a sua mãe não gosta de mim. — Sussurro.

Miranda franze o cenho e encara a sua mãe.

— A senhora conhece a mãe do Jensen, não é?

— Conheço, por causa da Lewis, já que todas sempre estávamos juntas.

— Antes da Cecilia se tornar advogada da Lewis, elas já eram amigas. — Hugo comenta.

— Nós nos conhecemos na época da faculdade. — Ela o lembra. — Eu presenciei tudo, desde quando ela conheceu o marido, o casamento, o nascimento dos gêmeos.

— Emily é noiva do melhor amigo do Jensen. — Miranda comenta.

— Você ainda é cercado por alguém da família? — Ela me questiona com deboche.

— Não é por escolha minha. — Dou de ombros.

Eu entendo perfeitamente por que de ela estar agindo assim comigo, é devido a minha antiga relação com a Lewis.

— Imagino.

— O que aconteceu no meu passado, não reflete ao que eu faço hoje, mas reflete a quem eu sou, porque eu amadureci e me tornei alguém melhor. Principalmente quando eu me encontrei com a Miranda e vi que podia viver algo que eu nunca tinha vivido anteriormente.

— É bom saber disso, a Charlote é muito amada por nós, então não iremos querer ela com qualquer pessoa.

— E o Jensen não é qualquer pessoa, mãe. Ele é alguém bom e especial para mim... — Miranda me olha e segura a minha mão sobre a mesa. —, e ele me faz muito bem.

Cecilia respira fundo e acena suavemente.

— Me desculpem, mas eu fico com um pé atrás devido a tudo.

— Tudo bem, eu entendo, mas eu não quero ser taxado por atitudes do meu passado, porque elas não representam quem eu sou hoje.

— Você está certo, Jensen. — Cecilia suspira. — É apenas preocupação de mãe mesmo, mas eu vejo que a minha filha está feliz.

— Ter um voto de confiança de vocês já me basta.

Eu olho para a Miranda, noto que ela está sorrindo lindamente e eu beijo o dorso de sua mão. Por mais que não me importe o que os pais dela possam pensar de mim, porque o que mais me importa é o que *ela* pensa e sente por mim. Entretanto, eu sei que ela se importa com a opinião dos pais, e está tudo bem. O jantar ocorre de maneira suave, e início uma conversa tranquila com os meus *futuros* sogros. Após a nossa refeição, o Hugo me convida para ir para a sala e me oferece uma dose de conhaque. Nego e agradeço.

Miranda está em outro cômodo, porque está conversando com a sua mãe. Imagino que seja devido ao início do nosso jantar, mesmo que eu tenha deixado claro que não me importava com o que aconteceu, pois, era algo normal de se acontecer devido as pequenas informações que ela tinha ao meu respeito. Aproveito a sua ausência e decido expor o meu querer para o Hugo, pai da ruiva.

— O senhor sabe que eu e a Miranda ficamos separados por alguns meses, mas conseguimos nos acertar e estamos tentando novamente. Nós nos amamos e eu desejo firmar uma relação com a sua filha.

— Prossiga. — Ele pede me encarando.

— Eu quero me casar com a sua filha.

— E ela quer?

— Eu não sei, mas espero que sim. — Suspiro. — Contudo, antes de realizar o pedido a ela, eu queria a sua autorização.

Hugo se levanta do sofá, anda em minha direção e eu fico em pé. Ele estica a sua mão e eu a aperto.

— A minha autorização você já tem, agora basta você pedi-la.

— Obrigado. — Respiro aliviado. — Eu ainda não sei quando irei pedir, mas pretendo que seja em breve.

— O que está acontecendo? — Ouço a Miranda nos questionar.

— Jensen estava se despedindo, ele disse que vocês precisam ir para o local de lutas. — Hugo a informa, encobrindo o segredo.

— Isso mesmo. — Ela concorda.

Nós nos despedimos de seus pais e saímos da casa. Entramos no meu carro, coloco o cinto de segurança e olho para a Miranda por alguns segundos. Algo está a incomodando e eu sei disso, porque uma ruguinha se forma entre as suas sobrancelhas. Estico a minha mão em direção, toco em seu joelho e a sinto colocar a sua mão sobre a minha.

— O que está te incomodando?

A ouço suspirar.

— Eu não gostei do jeito que a minha mãe te tratou no início do jantar.

— Eu entendi, porque vi que era preocupação e isso irá passar em breve, quando a gente começar a conviver melhor e ela ver que o que aconteceu não está sendo espelhado em nosso presente.

— Pensando positivamente. — Ela ironiza. — É, eu espero que isso aconteça.

— E mesmo que não aconteça... — Levo a sua mão na direção da minha boca e olho nos seus olhos. —, o que mais me importa é estar com você, porque eu te amo.

Beijo o dorso da sua mão

— Nem sempre o amor é suficiente...

— O que você quer dizer com isso?

A sua frase bate com força contra o meu peito e eu solto a sua mão, a fazendo escorregar pelo meu tórax. Miranda coloca a mão sobre o meu coração e sente o descompasso das batidas.

— Nesse anos de envolvimento com a área jurídica eu vi que em muitos casos nem sempre o amor era suficiente. O amor pode estar vivo, em chamas dentro de nós, mas ele precisa de combustível. Precisa de respeito, dedicação, atenção, sinceridade, lealdade e muito mais. E quando você começa amar alguém, você tem que estar disposto a alimentar esse amor com os esses sentimentos. — Miranda declara. — E desde o momento que eu percebi que, eu não podia viver longe de você, por mais que te amasse, eu precisava que você alimentasse esse amor, assim, como eu precisava alimentar essa amor. O alimento tem que vir de ambos os lados, não adianta um lado doar apenas vinte por cento e

o outro lado ter que fazer uma maior doação. Ambos precisam estar ali, se doando cem por cento.

— Faz dez dias, mais ou menos, que nós nos acertamos e desde então eu tenho me doado inteiramente e tentando alimentar esse amor.

— Estamos fazendo a mesma coisa, isso eu tenho plena certeza.

Lhe direciono um rápido sorriso e manobro o meu carro, para estacionar diante do *Fight*. Nós descemos do automóvel, entrelaço a minha mão na da Miranda e entramos no estabelecimento. Atravessamos o local da luta, cumprimento alguns conhecidos e começamos a subir a escada. Antes que possamos adentrar na sala de reuniões, a Cheryl e a Irina passam por nós, e me cumprimentam.

Percebo que a Miranda apenas encara as *ring-girls* e eu abro a porta da sala. Os Lewis estão aqui e eu imagino que ele esteja aqui por causa do contrato da nossa luta. Eu os cumprimento com um aceno de cabeça, a ruiva aperta a mão do Eduard e cumprimenta a Emily com um breve abraço. Eu me sento na ponta e observo elas conversam brevemente sobre algo aleatório. Miranda se senta ao meu lado e fica em silêncio.

— Amanhã acontecerá a primeira e última luta entre vocês, e mesmo que eu saiba que ambos serão extremamente profissionais dentro do octógono, eu me preocupo devido aos acontecimentos passados. — Emily expõe a sua opinião e olha para o irmão. — Eu sei que você não irá colocar o externo dentro da luta, mesmo que seja difícil separar.

— Eu irei separar, Emily, não precisa se preocupar. — Eduard informa.

Ela me olha e me entrega o iPad.

— Eu sei que você irá separar, mas eu peço que em momento algum deixe com que o externo afete o que irá acontecer no octógono.

— Eu sou profissional.

Entrego o iPad para a Miranda e peço para ela dar uma olhada no contrato. Eu sei de cor e salteado cada linha, cada termo e cada

palavra presente naquele documento. Dentro do octógono eu irei agir e ser como sempre, serei um lutador exemplar e darei o meu máximo, independente de quem seja o meu adversário, mesmo que ele seja o filho da minha *ex-amante sórdida*.

— Está tudo certo. — Miranda me informa ao devolver o iPad.

— Você é minha advogada. — Emily a lembra debochada.

— Eu sei, mas também sou.... — Ela me olha sem saber como definir a nossa relação. —, estou com o Jensen.

Passo o meu olhar sobre o documento, lendo rapidamente alguns pontos essenciais e assino. Entrego o iPad para a Lewis e ela o dá para o irmão.

— Apenas isso?

— Sim. — Emily afirma e antes que eu saia, ela me chama. — Os seus amigos estão no camarote.

Agradeço, coloco a minha mão na lombar da Miranda e nós saímos da sala de reunião. Entramos no camarote bem ao lado, ando na direção da Penélope e a abraço. Beijo o topo de sua cabeça e acaricio o seu cabelo. Ela está mais corada, radiando felicidade e tem um lindo sorriso em seus lábios. Bato o meu punho contra o do Oliver, e em seguida cumprimento os demais. Seguro na cintura da Miranda e deixo o meu corpo grudado ao meu.

— Assinou o contrato sobre a luta de amanhã? — Dominic me questiona.

— Assinei e a sua noiva deixou explicito que está preocupada sobre amanhã.

— E quem não está? — Miranda questiona com deboche.

— Eu já lhe disse que não tem motivos para se preocupar.

— Tentarei. — Ela me dá um beijo suave e volta a sua atenção para os nossos amigos. — Como foi a lua de mel? Miami é uma cidade encantadora.

— Foi encantador. — Penélope declara. — Aproveitamos cada segundo.

— Até foi divertido ir ver as orcas assassinas. — Oliver resmunga com deboche. — Foi um belo show, mas não nadamos com os golfinhos por causa da gestação da minha Pen.

— E o bebê?

Penélope sorri quando o Oliver acaricia o seu ventre.

— Está ótimo! — Ela me responde. — Hoje de manhã, nós ouvimos o coraçãozinho e o vimos.

— Emily também foi ver o bebê? — Miranda pergunta ao Dom.

— Fomos ver e confesso, é gratificante participar dessa gestação, já que na do Andrew eu não tive a oportunidade.

— Não consigo imaginar como você conseguiu ficar tanto tempo longe dela. — Stephany comenta. — Eu ficaria doida se tivesse que passar pela mesma coisa em relação ao Ed.

Oliver revira os olhos, ao provocar a irmã.

— Eu sei bem e vejo isso diariamente, já que não ficam um dia se quer separados. — Ele resmunga.

— Penélope, cale a boca do meu irmão, por favor. — Ela pede fazendo todos rirem.

— E estou pensando seriamente se é adequado a Em assistir a luta de amanhã, porque é estressante e pode ser prejudicial a ela.

— Não mais estressante de tudo o que ela teve que lidar durante a primeira gestação. — Penélope comenta.

— Nem tanto, porque o Eduard a privou de tudo que era ruim e que pudesse lhe fazer mal. — Dominic lembra a irmã.

O bebê da Lola irá nascer em breve, a Penélope e Emily estão grávidas, e isso me faz pensar em algo que eu nunca parei para analisar anteriormente. Eu não sei se quero ser pai tão cedo, principalmente por eu estar me acertando com a ruiva, entretanto, é uma possibilidade a se pensar, já que nós dois fizemos sexo desprotegido em todas as vezes após rearmos, e, também antes de nos separarmos, nós fizemos sexo desprotegidos. Inconsequentemente, a minha mão escorrega da cintura da Miranda até o seu ventre e eu tento imaginar como seria termos um filho juntos.

De imediato, desejo que seja idêntico a Miranda, mas com os meus olhos. As mechas de fogo são essenciais, e se, em algum dia tivermos um filho, e ele vier exatamente desse jeito, eu terei um pequeno surto, porque terei que lidar com o extremo da beleza diariamente. Porém, caso não seja um filho com essas características, me fará feliz igualmente e será tão amado, que eu o

colocarei acima de tudo, principalmente de mim mesmo. Independentemente de como seja essa criança, eu irei amá-la acima de tudo e irei me doar diariamente, para ser o melhor pai da face da terra.

Entretanto, eu desejo que isso demore um pouco para acontecer, quero aproveitar um pouco da vida ao lado da Miranda, quero fazer viagens, quero levá-la nos melhores locais que eu conheço e até mesmo os quais ainda não conheço. Volto a realidade, quando ouço a porta do camarote se abrir e os Lewis entram. Eduard fica parado na porta, esperando a namorada se despedir de todos e logo eles se vão. Peço no ouvido da ruiva para que possamos ir embora, ela concorda e nós nos despedimos de todos. Esses pensamentos sobre gravidez me deixam atento a cada mínimo acontecimento e preciso expor a Miranda das vezes que nós transamos sem proteção.

— Ruiva, nós precisamos conversar algo muito importante.

A sinto me encarando, mas eu continuo com o meu olhar fixo no trânsito.

— Eu não consigo imaginar o que possa ser.

— Desde quando voltamos, nós temos transado sem preservativo e isso aconteceu antes de nos separarmos há alguns meses.

— E você está preocupado com uma possível gravidez?

— A questão não é preocupação.

— E é o que, então?

— Não sei... — Dou de ombros. —, mas não é preocupação.

— Vamos por parte. — Ela pede. — Nós transamos sem preservativo porque temos confiança num no outro, além de que, estarmos saudáveis e porque queremos. Outro ponto: eu tomo anticoncepcional, e sei que não é cem por cento seguro. Quando nós nos separamos, eu desconfiei de uma possível gestação, porque a minha menstruação tinha atrasado...

— Se você tivesse descoberto naquela época, você me contaria? — Questiono ao interrompê-la.

— Com certeza! Eu não iria agir igual a aqueles livros clichês que a mocinha foge grávida e reaparece após alguns anos.

— Você sabe que a Emily fez exatamente isso, não é?

— Mas a questão dela foi diferente, foi para se proteger e sobreviver. — Miranda me corrige. — E voltando a falar sobre nós. Eu fiz o exame e deu negativo, e dei Graças a Deus por isso, porque eu não poderia lidar com a gestação em meio aquele caos.

— Entendo e concordo.

— Sobre as relações atuais: corremos grande risco diariamente, já que o nosso sexo é diário e espero que seja assim por muitos anos... — Ela ri. —, e eu não tenho nem um sintoma de uma possível gestação, mas se você quiser, eu faço um teste. Simples assim.

— Não é preciso, ruiva. Eu só queria deixar exposto ao que eu pensei.

— Certo, entendi. — Ela sussurra. — Sabe, eu estou gostando de você estar agindo assim, com transparência, me contando sobre os seus pensamentos e desejos.

— Esse é o caminho, não é? Aliás, o combustível para manter esse amor vivo?

— É. — Diminuo a velocidade do meu carro, me inclino na direção dela e lhe dou um beijo casto. — Ei, lutador, de olho na via, quero chegar em casa em segurança e logo, para poder abusar desse seu corpinho.

— E eu quero me queimar com esse teu fogo, Charmander.

Acelero o meu carro, indo rumo ao nosso destino e repenso se deveríamos ir mesmo para a minha casa. Decido que o melhor será irmos para o apartamento da Miranda, onde teremos mais privacidade e liberdade. Em poucos minutos, já estamos dentro do elevador e eu a agarro. Beijo a sua nuca, mordisco a sua pele e enfio a minha mão por debaixo de sua jaqueta. Pressiono a minha pélvis contra a sua virilha e ela geme. Essa mulher é a minha perdição. Quando estamos nus sobre a cama ou em qualquer outro lugar, é como se eu estivesse no mundo da perdição, pois o que eu mais desejo é me perder dentro dela e viver lá para sempre.

— Ei. — Ela me repreende risonha.

Tento segurá-la novamente, mas ela escapa de mim e corre na direção do seu apartamento.

— Se prepare, Charlotte Miranda, porque quando eu te pegar, irei te foder até o amanhecer.

Um riso gostoso escapa por seus lábios e eu caminho em sua direção igualmente como um lobo prestes a agarrar a sua presa que é uma raposa vermelha. Jesus Cristo! Me condene ao inferno se em algum dia eu fizer mal para esta mulher.

Miranda solta um pequeno grito quando eu a agarro pela cintura, a coloco sobre os meus ombros e nós entramos em seu apartamento. Tranco a porta, caminho até o meio da sala e decido libertá-la brevemente. O seu corpo se esfrega ao meu antes dos seus pés tocarem no chão. As suas mãos acariciam o meu rosto, escorregam pelo meu tórax e em segundos fico nu da cintura para cima.

— Você está me devorando com os olhos.

— Sempre, ruiva. Sempre!

— Gosto disso, lutador.

Um sorriso sacana surge no canto dos seus lábios e ela abre o botão da minha calça. A peça escorrega pelas minhas pernas, em seguida a retiro dos meus pés e fecho os meus olhos ao sentir os dedos da Miranda contornarem o meu pau duro. Abro suavemente a minha boca ao respirar mais fundo, quando ela retira a cueca do meu corpo e aproxima o rosto da minha pélvis. Enfio os meus dedos entre as suas mechas de fogo e me controlo quando sinto a sua boca ao redor da cabeça do meu pau. Ela suga a ponta suavemente e escorrega o restante para dentro de sua boca.

Céus! Sinto o meu pau tocar em sua garganta e eu mexo a minha cintura, ao adentrar um pouco mais em sua boca. Abro os meus olhos ao inclinar a minha cabeça para baixo e flagro a Miranda me observando. Os seus olhos estão marejados devido ao seu ato bucal, mas ela não se nega ao continua. Pelo contrário, ela inicia um boquete de excelência. O meu pau sai de sua boca por apenas por alguns segundos, e quando retorna para dentro, ela faz um movimento com a bochecha, fazendo com que eu sinta pressão por toda a extensão.

— Miranda! — Gemo o seu nome e a sinto sorrir.

Ela retira o meu pau de dentro da sua boca, gira a sua língua na cabeça dele e em seguida passa a língua por toda a extensão. A sua mão esquerda que estava livre, toca nas minhas bolas e inevitavelmente, o meu corpo dá um solavanco para frente. Agarro com mais força o seu cabelo, mantenho a sua cabeça parada e começo a estocar em sua boca. O meu ritmo é suave, mas constante e ela recebe de bom grado e o seu olhar conectado ao meu, não ajuda em nada. Eu estou perto de gozar dentro de sua boca e caso isso aconteça, eu irei precisar de alguns minutos para me recuperar. A mão da Miranda acaricia as minhas bolas com mais intensidade e eu fecho os meus olhos ao gozar em sua boca. Ela se levanta do chão, enquanto passa o polegar sobre os seus lábios secando os resquícios de seu ato travesso.

Sem lhe dar a chance de falar nada, muito menos de se mexer, eu começo a retirar a roupa do seu corpo e contemplo o seu corpo quando ela fica completamente nua. Olho ao redor, procurando algum apoio e escolho um específico. A guio até a divisão da cozinha com a sala de estar, a faço se apoiar no balcão e eu me agacho na sua frente. Coloco a sua perna esquerda sobre o meu ombro, deixando a sua boceta ainda mais exposta e – literalmente – caio de boca entre as suas pernas. De imediato, chupo o seu clitóris, remexo a minha língua em seus lábios e cutuco a sua entrada. Ela já está completamente enxarcada e isso é indício que não irá durar muito tempo. A penetro com dois dedos, os mexo lentamente em seu interior e concentro a minha boca em seu ponto externo de prazer.

Os gemidos incontroláveis que saem de sua boca, são músicas para os meus ouvidos e combustível para eu continuar os meus movimentos. Afasto a minha boca do seu clitóris, acaricio a sua boceta de ponta a ponta com a minha mão ao espelhar o seu sulco e pressiono o meu polegar sobre seu ânus e sinto as suas se contraírem, mas ela não pronuncia nem um aviso, reclamação ou negação. Ótimo. Pressiono mais um pouco, testando se ela me dará algum limite e volto a concentrar a minha boca em sua boceta, mas mantenho o meu polegar realizando uma leve pressão. Uso a minha

outra mão para mexer em seu clitóris enquanto chupo os seus lábios e ela não demora muito a gozar em minha boca.

Retiro a sua perna do meu ombro, fico em pé e levo a Miranda até a mesa de jantar. Inclino o seu corpo para frente, a colocando com o tronco deitado sobre a mesa e ela reclamo quando os seus seios tocam a madeira fria. Abro bem as suas pernas, acaricio a sua bunda e lhe dou um tapa. Nem tão forte, mas também, nem tão fraco. Com força suficiente para fazê-la gemer alto. Seguro na base do meu pau, o levo na direção da entrada de sua boceta e a penetro devagar enquanto mordisco a sua nuca.

— Eu te avisei, que iria te pegar. — Sussurro em seu ouvido.

— Pega com mais força. — Ela pede.

— Você é a minha perdição, mulher.

Ouço o seu riso baixo, mas ele é substituto por um gemido quando eu a penetro com mais força. Miranda estica os braços sobre a mesa, agarra nas bordas e empina a bunda em minha direção. Descansar para a minha luta não é uma opção quando eu tenho essa mulher. E se eu tiver que perder devido ao cansaço, eu irei perder e não irei reclamar, porque eu estou tendo um dos melhores sexos que já tive em toda a minha vida. E está até sendo o melhor do que o sexo da reconciliação. Aliás, nem o tivemos, porque broxei devido ao álcool em meu organismo e tentei compensar no dia seguinte, mas não foi tão bom como o qual está acontecendo agora.

[...]

Entrar em combate contra o Eduard sempre foi o meu desejo desde quando ele colocou os pés bem aqui, no *Fight* e esse desejo aumentou quando ele teve a audácia aos nos provocar ao declarar que iria lutar contra cada um de nós, e agora chegou a minha vez. Estou pronto para derrotar aquele idiota e me preparei para que isso possa acontecer. Desde já, peço perdão a Margareth por estar prestes ao dar belos golpes em seu filho e subo no octógono quando o meu nome é anunciado. Eduard Lewis, o meu adversário já está bem aqui, na minha frente e eu o analiso.

Criou músculos, está com a estrutura mais definida e com o olhar compenetrado em mim. Isso demonstra a sua total atenção e concentração. Muito bem Lewis, em breve veremos qual de nós será o vencedor da noite. E caso, ele esteja disposto a ser, terá que ter pique, já que, eu estou muito mais preparado que ele, falo em questão de anos de experiência. Coloco o meu protetor bucal, respiro fundo e olho para cima, diretamente para o camarote. Miranda veio me assistir e está me passando muita confiança, e tranquilidade.

Nós nos divertimos muito ontem à noite, ela esgotou todas as minhas energias e foi satisfatório cada segundo, cada toque e cada gemido. E devido a minha atuação noturna, dormi até o início da tarde e depois comecei a me preparar mentalmente. Não é apenas o corpo que tem que estar pronto que você entra no octógono, a sua mente tem que estar muito mais, porque é ela que comanda tudo. Volto a olhar para o juiz, quando ele nos relembra das regras e bato o meu punho contra o do Lewis. Não existe ódio aqui em cima, não existe nada além de profissionalismo e assim que tem que ser até o final. Me relembro dos pontos fracos e levanto a minha guarda, esperando o primeiro ataque.

E ele vem, ao tentar me acertar com um jabe e ao me divertir com a sua ousadia, eu lhe dou a chance de acertar um cruzado em minha costela. Curvo o meu corpo ao sentir a dor potencializada pela força do seu soco e o encaro com raiva. Ele irá sentir toda a minha força e irá se arrepender desse ataque. Decido ir para cima dele com tudo, trocamos socos, chutes e joelhadas. Consigo me esquivar de boa parte de seus ataques, contudo, os quais ele consegue me atingir, são com força e me ferem. Contudo, ele não está muito diferente de mim, eu o consegui dar excelentes golpes e feri-lo também foi essencial para que ambos estejam ainda mais dispostos a vencerem esse combate. Mas apenas um de nós será o vencedor.

Me afasto do Lewis quando ele consegue acertar um chute em minha costela e eu respiro fundo. Eu tenho apenas duas opções: vou com tudo para cima dele, arriscando golpes que podem prejudicar os meus pontos já ganhos ou me mantenho como estou,

lhe dando a chance de empatar. Não, essa segunda opção está fora de cogitação. Ranjo os meus dentes e volto a ir para cima dele. Chuto a sua perna, o fazendo cair no chão e eu aproveito a chance. O seguro e o mantenho preso numa chave de braço. Ele tenta fugir, mas eu aperto o meu golpe e olho para o juiz, aguardando o início da sua contagem. E esse é o meu erro. Quando eu olho para o maldito do juiz, sem perceber, afrouxo o meu golpe e o Lewis consegue fugir, consequentemente, muda as nossas posições e agora sou eu que fico preso em seu golpe.

A sua perna direita está atravessando o meu tórax e me mantém preso ao chão ao forçar sobre o meu pescoço. O meu braço está preso, ao ser segurado com força e puxado sobre o seu corpo. O peso de sua perna sobre o meu pescoço está me incomodando muito, estou começando a sentir dificuldade em respirar e isso não é bom. A cada segundo que se arrasta, a dificuldade se torna maior, principalmente quando eu me mexo, tentando sair do seu golpe. Tento me arrastar, mas o seu peso não me permite e eu fecho os meus olhos ao me sentir ficar tonto. Não! Eu não posso perder a merda dessa luta. A voz da Miranda surge em minha mente e uma lágrima escapa do meu olho.

— Está tudo bem! A vida não é feita apenas de vitória e por isso existem momentos que são necessário percas, para que possamos lá na frente ser melhor, mas também para que no momento presente possamos nos resguardar e nos cuidar.

Ouçõ o juiz iniciar a contagem e eu prefiro perder assim, a que pedir arrego. Eu posso estar ficando sem ar, mas eu não darei o braço a torcer ao lhe pedir para me soltar. Quando a contagem chega ao fim, o Eduard me solta e comemora ao saltitar sobre o octógono. Tudo bem, é isso. Nem sempre sair como vencedor é o melhor para nós. Existem momentos para as vitórias, assim como existem momentos para as derrotas. E hoje, o momento propício era a derrota.

Após a coroação do Eduard como o vencedor da noite, nós nos cumprimentamos e eu saio do octógono ao ir rumo a enfermaria para receber atendimento. Dominic está parado na porta, me

encarando enquanto curativos são colocados sobre os meus machucados.

— Você sabe que não irá acontecer revanche, não é mesmo?

— Ele me questiona.

— Eu sei.

— E como você está se sentindo?

— O gosto da derrota não é agradável, mas é melhor do que o gosto da vingança e do ódio.

Ele meneia a cabeça para os lados e dá espaço para que a Miranda possa entrar na enfermaria. Ela analisa os meus machucado e beija suavemente o meu lábio inchado.

— Para mim, você foi um vencedor.

— Obrigado, ruiva.

Agradeço a enfermeira, troco o meu calção de luta por uma roupa casual e vou rumo ao camarote, mas paro no topo da escada. Leon está discutindo com o Kaká e para a minha surpresa, o meu irmão está alterado, mas mantém o deboche vivo. Me aproximo, fazendo a discussão cessar e peço para que o Leon entre no camarote, pois preciso de todos lá dentro. Hoje à tarde, enquanto descansava, decidi que já estava na hora de colocar um ponto final na última questão existente e é isso o que eu irei fazer neste momento. As fotos que estavam na gaveta do meu escritório, foram queimadas. Tudo o que restava da Margareth comigo e em mim, foram exterminados. Adentro no camarote, os meus amigos me parabenizam, mesmo que eu não tenha sido o vencedor e eu vou na direção dos Lewis. Aperto a mão do Eduard mais uma vez e respiro fundo.

— Independente do resultado de hoje, eu já estava decidido a colocar um ponto final em uma questão ainda aberta e por isso estou aqui.

— O que você quer dizer com isso? — Emily me questiona.

— Eu imagino o que seja. — Eduard resmunga.

Eu pego a pequena chave no bolso da minha calça e mostro para eles.

— Margareth me deu o apartamento de Nova Iorque e eu estou devolvendo a vocês. — Declaro, surpreendendo apenas a

Emily. — Eu nunca fui lá, aliás, fui até a porta, mas nunca entrei. Eu não sei o real motivo de ela ter me dado, ela apenas me disse era para manter ele em segurança do James e eu não sei o que de tão importante está dentro daquele imóvel.

Eduard pega a chave da minha mão, eu aceno para os meus amigos e saio de lá na companhia da Miranda. Descemos a escada, atravessamos a área das lutas e saímos do *Fight*.

— Você se saiu muito bem hoje. — Miranda declara. — Estou orgulhosa de você.

A agarro pela cintura e selo os nossos lábios de forma suave.

— Todos o passado está resolvido, nada mais me atormenta.

— Obrigada, isso é importante para o nosso relacionamento.

Concordo, lhe dou a chave do meu carro e peço que ela dirija. Todo o meu corpo dói e fazia muitos anos que eu não saia de uma luta dessa forma. Eduard se saiu muito bem, surpreendeu a todos e calou a minha boca ao mostrar que ele está extremamente preparado, mesmo que não tenha muitos anos de prática. Durante o trajeto para o apartamento da ruiva, ela me conta como foi a reação de cada um durante a luta, principalmente a reação dela a cada golpe que eu dei, mas também, aos quais eu recebi. Rio de seu nervosismo, mesmo que a luta já seja passada. Estico o meu braço em sua direção, acaricio a sua nuca e agarro o seu cabelo.

Ainda hoje, teremos um assunto importante a ser tratado e espero, que pelo menos nesse... eu saia vitorioso ao receber um bom resultado no final. Dominic, o meu melhor amigo, me deu uma grande ajuda para que eu possa fazer o que estou prestes a fazer. Essa frase ficou completamente confusa, mas é do jeito que está em minha mente, e isso é devido ao nervosismo. Lhe contei o que estava em minha mente e pedi para que ele preparasse o apartamento da Miranda, e assim aquele fez, assim que eu a levei para o *Fight* comigo.

Assim que entramos no elevador, o nervosismo se torna maior e eu sinto o meu coração bater descompassado. No mesmo segundo, a Miranda me abraça e me encara com o cenho franzido.

— Você está nervoso ainda por causa da luta?

— Não é por isso, ruiva.

— E é porque então?

— Vamos conversar no seu apartamento. — Peço.

Ela me olha intrigada, mas concorda e saímos do elevador. Eu seguro firmemente em sua mão, enquanto caminho na direção do meu apartamento e eu peço para que ela abra a porta. Assim ela faz, nós entramos e ela acende a luz. O apartamento está coberto de pétalas de rosas, e eu aproveito a sua atenção a esse pequeno detalhe para pegar o buquê de rosas sobre o aparador e juntamente com ele, a caixinha do anel. Me ajoelho e a ruiva me olha já chorando.

— Independente do resultado que foi aquela luta, eu já estava disposto a lhe fazer este pedido e aqui estou, ajoelhado diante de você, meu amor. Você é o meu amor, Miranda e por isso eu lhe pergunto... — Abro a caixinha e o anel de diamante é exposto. — Você aceita a se casar comigo?

Ela coloca as mãos sobre a boca e balança a cabeça de forma positiva, mas eu quero ouvir a resposta ser pronunciada pelos seus lindos e gostosos lábios. Continuo ajoelhado e ela ri chorando ainda mais. Não consigo entender como isso é possível, mas decido não focar nesse detalhe, já que outro bem maior é o meu alvo. Antes que ela possa abrir a boca para me responder, o seu celular começa a tocar e o meu também.

Que merda! Seja lá quem for que estiver nos ligando, poderia esperar mais alguns minutos para que esse momento importante não fosse atrapalhado. Miranda olha para o aparelho em suas mãos e franze o cenho.

— É a Emily...

Tinha que ser! Reviro os meus olhos irritado, mas me mantenho na posição esperando que os celulares parem de tocar. E eles param, mas antes que eu possa comemorar, eles voltam a tocar e eu pego o meu celular. Dominic está me ligando e eu não vou atender. Seja o que for, pode esperar um minuto.

— Você aceita se casar comigo? — Questiono novamente.

Miranda acena enquanto olha para a tela do seu celular.

— Me desculpe, mas estou sentindo que preciso atender.

Suspiro derrotado e desvio o meu olhar.

— Tudo bem.

— Mas fique assim, eu irei responder. — Ela me informa. — Oi, Emily. Posso te ligar outra hora? Estou ocupa...

E então a Miranda se cala e arregala os olhos. Algo aconteceu e eu me levando imediatamente. Ela se despede e encerra a ligação.

— O seu irmão sofreu um acidente.

Ouvir isso é sentir o meu coração parar de bater.

— Como? Quando? E aonde?

Eu vi o meu irmão há poucos minutos e ele estava bem.

— Eu não sei, mas nós iremos para o hospital. — Ela informa.

— E eu sei que esse não é o momento mais adequado devido a essa notícia, mas... — Ela se aproxima de mim, segura o meu rosto entre as suas mãos e sorri suavemente. —, eu aceito me casar com você, é claro que eu aceito.

Miranda está me dando a melhor reposta que eu poderia ter em toda a minha vida, contudo, ao mesmo tempo, estou sentindo o meu chão se abrindo ao saber que o meu irmão se acidentou. Eu preciso de mais informações, eu preciso estar com ele. E todos nós, juntos, para comemorar este noivado.



**CHARLOTE
MIRANDA**

BÔNUS

*Tem brinquedo espalhado pela casa toda
E as paredes rabiscadas com o giz de cera
Mudou de tal maneira
Nossa vida já não é a mesma
A gente já não dorme mais a noite inteira
Na mesa tem dois copos e uma mamadeira
Mudou de tal maneira
Nossa vida já não é a mesma
Tem um pinguinho de gente correndo na sala
Com o sorriso banguelo, eu não quero mais nada*
Mulher Maravilha – Zé Neto e Cristiano

Algum tempo depois...

— Em nome de Deus, eu, Jensen Brown, tomo você, Charlotte Miranda Thurman, para ser minha esposa, para ter e manter a partir de hoje, no melhor, no pior, na riqueza, na pobreza, na doença e na saúde, amar e cuidar, até que a morte nos separe. — Jensen declara.

— Em nome de Deus, eu, Charlotte Miranda Thurman, tomo você, Jensen Brown, para ser meu esposo, para ter e manter a partir de hoje, no melhor, no pior, na riqueza, na pobreza, na doença e na saúde, amar e cuidar, até que a morte nos separe.

Mais uma lágrima escorre por minha bochecha.

— Podem proferir os votos. — O juiz de paz nos informa.

— Você primeiro, ruiva. — Jensen pede.

Pego o papel onde está escrito os meus votos, da mão da Emily e sorrio ao voltar a olhar para o meu lutador.

— Eu te escolhi. Te escolhi para ser o amor da minha vida, o meu refúgio, o meu alicerce e a solução de tudo; te escolhi porque em você eu encontrei tudo o que eu preciso e porque vi em você algo que não vi em mais ninguém. Eu te escolhi porque eu te quero na minha vida, porque quero ficar velhinha do teu lado, cuidar de

você quando tiver problemas de coluna e quando já não formos mais tão saudáveis, até o meu coração parar de bater. — Respiro fundo controlando o meu choro. — Eu te escolhi porque eu te amo... amo como nunca amei antes e te escolheria mais mil vezes se fosse necessário.

Jensen respira fundo e desdobra o papel que retirou do seu bolso.

— Dizem que quando a gente se apaixona pra valer, é que a nossa vida passa a fazer sentido, que cada pulso bate na emoção de reencontrar o outro, vale mais a pena do que enfrentar um dia a dia sem emoções, sem estar com esse alguém. Talvez não uma alma gêmea, mas alguém que em suas imperfeições, consegue te entender e alcançar tua alma, e mesmo no pior momento, consegue te puxar pra triste realidade e ainda assim consegue fazer você se sentir feliz, e é sempre uma felicidade diferente, sempre um frio, uma emoção nova que ninguém consegue despertar em você, além deste ser. — Ele volta a conectar o seu olhar no meu. — Quanto mais palavras eu procurei, mais eu não conseguia as certas pra descrever o que sentia. Eu me rendi, um nó na garganta, uma vontade súbita de gritar e frustrado por não conseguir ao menos falar, um frio dentro. E você despertou tudo isso em mim. Você é a única em minha vida, Miranda.

O barulho da tevê me desperta dos meus pensamentos e eu volto a olhar para o aparelho. Estou assistindo filme enquanto o Jensen está na academia treinando, mas a minha mente voou para bem longe daqui. Desde o casamento, aliás, desde muito antes do casamento, eu vim morar com o Jensen e foi uma das melhores escolhas que fiz. Os meus sogros decidiram fazer uma expedição por alguns lugares do mundo, foram viajar de barco com outro casal de amigos e estão nisso há quinze dias. E quase nunca param em casa, pois sempre estão procurando algo para se aventurar, conhecer o mundo a fora.

E voltando a pensar no meu matrimônio nós nos casamos há quatro meses, realizamos uma cerimônia discreta com apenas os nossos familiares e amigos. Não fizemos festa, mas comemoramos num restaurante. Passamos a nossa lua de mel no México e

ficamos naquela paraíso por vinte dias. Estou tendo uma vida maravilhosa em meio às imperfeições diárias e conseguimos superar tudo em todo esse tempo que estamos juntos. Não é um casamento tranquilo, cheio de paz, pois, nem um é e está tudo bem. Jensen adentra no quarto chamando a minha atenção e eu sorrio. Tenho algo a lhe contar, algo que eu descobri a poucos minutos.

— O que você está assistindo? — Ele me questiona.

— Não lembro o nome do filme. — Murmuro.

Na verdade, eu não consegui prestar atenção em nenhuma cena do filme, pois, eu só conseguia pensar no dia do nosso casamento. Jensen se senta na ponta da nossa cama, me puxa pela pernas e em segundos eu já estou sentada sobre o seu colo.

— Eu estava pensando em algo enquanto treinava e achei melhor vir dividir com você.

— O que?

— Nós deveríamos tentar ter um bebê.

De início, eu fico em silêncio, mas acabo sorrindo.

— Eu tenho que te contar algo importante. — Anuncio o fazendo-me olhar com atenção. — Desde quando nos casamos, eu parei de usar métodos contraceptivos, na intenção de engravidar, porque sabia que isso era uma intenção nossa desde o nosso noivado.

— Então podemos continuar tentando?

— Não é possível... — A minha frase o faz ficar com a expressão desanimada. —, porque eu já estou.

Por alguns segundos, ele fica sem reação, tentando entender o que eu quis dizer, mas logo sorri e me abraça apertado.

— Você tem certeza?

— Os dois testes que eu fiz deram positivo.

Jensen se levanta da cama, me segurando contra si, gira os nossos corpos e eu coloco as minhas mãos sobre a boca, ao me sentir enjoada. Peço para ele me colocar no chão, corro para o banheiro e devolvo todo o jantar que ingeri há poucas horas. Jensen se apressa para segurar o meu cabelo e acaricia as minhas costas.

— Me desculpe por te girar.

— Não é culpa sua, amor.

Escovo os meus dentes enquanto controlo a minha ânsia.

— Quando você desconfiou?

— Há uma semana, eu comecei a ter muito enjoo.

— E desde quando está sabendo da gestação?

— Há poucos minutos.

Ele segura em minha cintura, me gira de frente para ele e deixa o meu corpo preso entre o seu e a pia.

— Eu sou o homem mais feliz do mundo e você é a responsável por me fazer tão bem.

A emoção toma conta de mim e as lágrimas começam a escorrer pela minha face. Ele distribui beijos em meu rosto, por fim sela os nossos lábios e nos beijamos. As suas mãos apertam a minha cintura, as minhas mãos passeiam pelo seu tórax e eu abaixo o seu short. Eu preciso desse homem, e isso não é efeito dos hormônios.

[...]

Sinto os braços do Jensen saírem do redor do meu corpo, em seguida ele sai da cama e eu me remexo sobre a cama. Abro os meus olhos e me sento. Ele saiu do quarto e eu já até sei aonde ele foi. Olho para as portas de correr, o sol já está começando a nascer e eu me espreguiço, mesmo que seja muito cedo, mas é hora de dar de mamar para a Aisha. É uma linda menininha de apenas sete meses e foi ela que tornou o Jensen a ser um pai coruja e dedicado. É muito rara às vezes que eu saio da cama para pegar a minha filha do berço durante a madrugada.

E em falar na dupla que me encanta, eles entram no quarto e o Jensen coloca a nossa filha em meus braços. Em seguida, me entrega a mamadeira e se deita novamente. Algo que me perturbou bastante após o seu nascimento, foi quando eu não consegui amamentar, não tive leite e isso foi uma frustração muito grande. Eu via a Penélope amamentando, vi a Emily amamentando, vi a Lola amamentando... e quando chegou a minha vez, eu simplesmente não pude, porque eu simplesmente eu não tinha leite.

Durante a gestação, Jensen declarou que gostaria de um filho homem e eu imaginei que fosse por querer homenagear o irmão, já que eles sempre foram grudados um no outro. E quando descobrimos que era uma menina, achei que ele fosse ficar desapontado, mas assim que saímos da ultrassonografia, Jensen parou na primeira loja de artigos de bebê e simplesmente comprou o enxoval inteiro.

— Quando ela terminar de mamar, me chama que eu a levo para o berço de novo.

— Vá dormir, Jen. — Sugiro. — Daqui a pouco você tem que ir trabalhar.

Não ouço nenhuma resposta de sua parte, o olho e noto que ele já voltou a dormir. Volto a minha atenção para a linda garotinha ruiva entre os meus braços e sorrio. Ela é a minha cópia, mas o gênio é idêntico ao do pai, mas com pequenos pontos parecido com o meu e demonstrou isso desde o nascimento. E eu já imagino que ela será uma garota forte e autêntica. Jensen assistiu o nascimento da filha, cortou o cordão-umbilical e deu o primeiro banho, assim como trocou a primeira fralda. Desde o princípio ele quis fazer tudo, assim como na gestação, ele cuidou de tudo e me mimou ao extremo. E devido ao seu cuidado abusivo em alguns momentos, fez com que ocorresse pequenos atritos entre nós. Como por exemplo, as minhas idas aos tribunais. Ele achava o cúmulo eu participar deles estando grávida. Quis me proibir de ir até o *Fight*, mas não ir até lá foi escolha minha, já que nunca foi um lugar tão agradável. Percebo que a Aisha abriu os olhos e está me olhando fixamente.

— Oi, meu amor. — Sussurro.

Ela termina de mamar, eu a coloco deitada em minha cama mesmo e a protejo com os travesseiros, enquanto me deito entre ela e o seu pai. Seguro em sua mãozinha enquanto, fecho os meus olhos e tento descansar.

— Mi... — Ouço o Jensen me chamar.

— Oi. — Sussurro.

Tenho a impressão de que se passou segundos desde o último momento que estive com os meus olhos abertos.

— Já são nove horas.

— Estamos atrasados. — Resmungo ao me mexer na cama e fico cara a cara com o meu esposo. — Você está atrasado.

— Irei apenas a tarde, porque achei que poderíamos ir tomar café da manhã naquela cafeteria que você gosta.

— Sêrio?

— Vamos, ruiva. Levanta essa bunda gostosa e vá se arrumar.

Recebo um suave beijo de bom dia, me levanto da cama e vou rumo ao banheiro. Tomo um banho rápido, escovo os dentes e vou até o closet. Visto roupa casual, pego a minha bolsa e saio do quarto após calçar um sapato baixo. Ouço a gargalhada da minha pequena raposa e apresso os meus passos. Adentro na sala de estar e flagro uma linda cena. Jensen está com ela entre os seus braços, fazendo cosquinha nela e a minha pequena se diverte. Eu nunca pude imaginar que iria construir uma família com o Jensen, mas desde quando nós nos envolvemos, eu desejei nunca mais sair de perto dele. Eu o amo e estou realizada por ter essa linda família.

— Será que tem espaço para mais uma?

Eles me olham e a Aisha balança os bracinhos em minha direção.

— Nós poderíamos tentar um menino ou outra menina. — Jensen sugere ao beijar o canto da minha boca. — Mais um filho, ruiva.

— Aisha não completou nem um ano e você já quer outro bebê? É porque não sai de você.

Ele ri do meu resmungo.

— Tudo bem, podemos esperar mais algum tempo e enquanto isso... — Ele aproxima a boca do meu ouvido. —, podemos ir treinando. Eu quero a minha Charmander de todas as formas.

— A noite, no apartamento.

Eu ainda mantenho o apartamento onde eu morava, porque lá é o meu refúgio e do Jensen quando queremos transar sem nos preocupar com mais nada. Ou como ele ousa dizer – algo grotesco –, lá é o abatedouro. E então eu modifiquei e o chamo de octógono, pois alguém sempre é o nocauteado da noite. Aisha insiste em vir para o meu colo, eu a apego e beijo a sua bochecha gordinha.

- Será que o nosso próximo filho será ruivo?
- Quer todos os nossos filhos ruivos?
- Se todos se parecerem com você, é uma dádiva.

Sorrio.

- Talvez possa vir um parecido com você, eu iria adorar.
- Eu ainda prefiro que venha parecido com você, meu amor.
- Ele declara. — Assim como a nossa Aisha, que é a sua cópia.

Eu olho para a linda garotinha em meus braços e sorrio. É a verdade, ela é minha cópia realmente, e desde quando ela nasceu, a minha mãe me informou sobre esse acontecimento. Ter um novo bebê sendo a cópia do Jensen, seria algo realizador. Pequenas cópias de nós dois. Entretanto, ainda é muito cedo para tentarmos um novo filho, quero aproveitar essa fase que gostosa que ela está. É uma descoberta diária e aprendizagem. E nós já estamos planejando o aniversário de um ano da Aisha e será da personagem da pequena sereia.

Ouçó o Jensen me chamar, ele pega a nossa filha dos meus braços e deposita um beijo em minha têmpora. Naquele momento que eu decidi dar uma nova chance a ele, eu declarei que no mínimo vacilo, eu iria embora e que ele nunca mais iria me ver. E a cada dia da nova oportunidade, ele mostrou que jamais iria me magoar e nem me fazer mal. E eu vi que, o que aconteceu no passado dele, não representava quem ele era. A sua escolha errada foi realizada através de imaturidade e na intenção de se aventurar, e esses dois pontos trouxeram consequências que o afetaram muito, mas ele foi forte o suficiente para vencer os demônios do passado e aprendeu a se colocar antes de todos.

Aprendeu a se amar, a se valorizar e a se cuidar, antes de se doar pelos outros. E mesmo que o seu amor por mim seja gigante, eu sei e apoio que o amor por si próprio venha em primeiro lugar. Eu admiro o homem que ele é. Eu o observo colocar a nossa filha na cadeirinha do carro, e assim que ele fecha a porta, eu seguro em seu rosto e o deixo próximo ao meu.

— Você é um homem incrível e eu te amo por tudo o que você fez e faz por si próprio, o que faz por mim, o que faz por nossa filha e família.

— Você tem grande parcela em relação a pessoa que eu sou.

— Não, não. — Nego. — Você é esse alguém por maturidade de si próprio e isso é encantador.

— Obrigado por estar sempre comigo, ruiva. E por nos dado a chance de construir essa família.

— Eu te amo!

Selo os nossos lábios, ele me abraça pela cintura e aproxima ainda mais os nossos corpos.

agradecimentos

E mais um livro da série lutador finalizado – estamos chegando ao fim da série, só faltam dois livros (Leon e Noah) –, e eu torço muito que você, caro (a) leitor (a) tenha chegado até aqui. Foi um livro delicioso de se escrever, me dediquei a cada trecho e sentimento, na intenção de fazer vocês sentirem cada emoção, cada dor vivenciada pelos personagens, tudo foi escrito com muito carinho e amor.

Primeiramente e com grande importância, agradeço a Deus por me permitir mais uma vez de poder dar vida a estes personagens, enfim ter contado a história do Jensen. Agradeço a minha amiga/parceira literária e beta/revisora, Laís Cavalcante por ter me ajudado na construção deste livro. Agradeço ao meu amor, Vinícius por sempre me apoiar e me incentivar.

E agradeço a você, que leu esta minha obra. Eu desejo que este conto tenha superado as suas expectativas, tenha se encantado e que, você tenha se encantado pelos personagens.

Por favor, não deixe de avaliar positivamente este conto, pois é uma linda forma de contribuir com o meu trabalho, me incentivando.

Até o próximo livro!

Com carinho,

Gislaine Souza.

sobre a autora

Amante do cinema e da literatura, Gislaine Alessandra de Souza, moradora da cidade de Guarulhos – São Paulo, começou a escrever aos dezesseis anos. Entre um livro e outro, se encontrou no romance Hot e Dark. Formada em designer gráfico e estudante de psicologia. Começou a carreira de autora, publicando as suas histórias em um site de escritores amadores e ao decorrer dos anos, foi adquirindo experiência e migrou para o site 'Amazon' aonde pública os seus e-book.

Conheça os meus outros livros disponíveis na Amazon:

- Duologia Chefes Italianos – Intenso, Irresistível e Irredutível;
- Série Lutadores – Fênix, Round e Combate;
- Conto: O Toureiro e a Espanhola;
- Conto: Ao Seu Lado Novamente.
- Conto: As Últimas Cartas de Ella Adams
- Conto: Um Amor de Natal
- Conto: Surpresa Natalina

**PRÓXIMO
LIVRO**

Leon
e Lofa

EM 2023, NA AMAZON/KU

